

HAMILTON ANTUNES

5

10

15

VIDAS
VINCULADAS
À TRAGÉDIA

20

25

30

35

ÍNDICE.

	Notas pelo autor.
40	Prefácio.
	Primeiro livro. Começo. O início. 1981.
	O caso do tráfico de bebidas de 1978.
	A empresa Meisinger.
	Um caso para Alberto Cooper.
45	Segundo livro. Meio. Manuelle.
	Demônios. A verdade que os altivos não gostam.
	Um impacto. 1990.
	Jasom Mirojinick e Bruna Lewis.
	A rápida mudança exigida pela monotonia.
50	Terceiro livro. Fim. O descaminho.
	Setembro de 2004.
	Um desenho.
	O desenlace.
55	Epílogo.

60

65

70

75

80

Onde quer que esteja, cave profundamente!
Em baixo está a fonte!
Deixe os homens sombrios a gritar:
“Em baixo é sempre o inferno!”

85

Friedrich Nietzsche.

90

95

100

À minha irmã Marines;
O fim só estará iminente quando nosso nome estiver se desvanecendo
na lembrança das pessoas a quem amamos.
Você será, você é eterna, assim como as rosas que murcham, mas que
jamais perdem sua primordial e lídima beleza, conservada na
memória de quem tanto as apreciaram e perpetuamente irão apreciá-
las.

105

110

15 O texto a seguir pode parecer um pouco ambíguo ou no mínimo
duvidoso. Talvez não seja uma história tão perfeita e minuciosamente
enredada, mas é parte do retrato do mundo em que reside a
20 humanidade; isso na minha pueril concepção. Não relata a história de
um ou dois personagens principais e outros coadjuvantes que o
cercam para simplesmente formar o enredo, como a maioria dos
romances escritos por escritores de um parcial conceito que pode
facilmente ser denotado no texto que eles escrevem mesmo sendo ele
um narrador-personagem; é uma história composta por vários
25 personagens de grande importância no drama e isso torna o Vidas
Vinculadas à Tragédia diferente de muitos outros livros.
Provavelmente você poderá se confundir e acreditar que não haja
cronologia na história e que ela seja sem finalidade alguma. Porém,
não se engane. Todos os acontecimentos descritos têm sua
importância para que a trama seja concluída de forma clara e
30 entendível, por isso seja o mais “pormenorizador” possível ao ler o
livro.

Se você se simpatiza pelo mocinho, você pode decepcionar-se ao
longo da leitura. Se você odeia o vilão, pode, certamente, sentir asco
pelo escritor, pois sabe-se ele que no mundo em que vivemos o bem
35 na maioria dos casos sai perdendo no prélio contra o mal pelas
pessoas, por isso ele (eu, no caso) escreve de forma tão nefasta e
pessimista. E de que adiantaria ler contos feéricos se não para cegar
ainda mais as pessoas que não veem no que o mundo, ou melhor, no
que o homem se transformou? Nesse contexto, é triste saber que até
40 mesmo as crianças são fleumáticas nos dias de hoje, pois nem mesmo
elas se espantam pelos tétricos acontecimentos; elas apenas sorriam
diante alguma infortunosa ocorrência e voltam para a frente da
televisão entreterem-se em jogos de violência. Abordando esse
assunto, eu criei um aforismo; o que faz de um homem bom não é a
45 compassiva tristeza diante o insucesso dos outros, e sim o espanto
diante às *tragiedades* que os humanos já consideram tão comum na
sociedade, de forma geral.

Ao ler a história você pode conjecturar que o escritor é um homem
maldoso e perverso que deseja o mal das pessoas. Porém, ele é
50 apenas vítima da ingenuidade que se transfigurou em arrependimento
no dia em que soube da morte de alguém. Mas não é isso, não é a
história do escritor que está em *relevo*, por assim dizer, e sim o que o
levou a escrever o Vidas Vinculadas à Tragédia.

155 O motivo é simples e conciso; o pretexto é caracterizar as singularidades de cada pessoa, por isso há inúmeros personagens. Critiquem se tiverem argumentos. Reflitam se tiverem coração ou compreensão. Mas leiam com bons olhos, pois fiz o impossível para que a leitura do meu texto seja a mais cômoda possível.

160 Por fim eu peço perdão pelos erros que supostamente possam ser encontrados ao longo do livro e pelas partes obtundentes e picantes que podem ser deturbadas pela percepção de algum leitor, esse poderá enganadamente acreditar que o escritor é um homem devasso, sádico ou *celerado* pela forma que ele escreve alguns capítulos e pelo destino dos personagens. Mas não! Ele descreve apenas o que ele acredita ser ilícito, dando assim, um exemplo realístico do que ele considera ser errado. Peço desculpas também se alguém achar que os diálogos sejam desprovidos de inteligência ou se a escrita se caracterizar pedantesca ou no mínimo afetada; descontentar os leitores e receber críticas aviltantes não faz parte do meu propósito.

170 Agora espero que gostem da história.

175 Hamilton.

180

185

190

NOTAS PELO AUTOR

195 Alguns vocábulos foram empregados com significados errôneos; esses, reconhecidos pelo autor, na maioria se encontram destacados no texto. Nesses casos, o autor usa de uma aceção não existente, mas comumente análoga ao significado real da palavra. Por ex., o
200 vocábulo dialética, encontrado na página 290, soa num tom de imparcialidade, não seguindo à letra seu significado real.

Alguns fatos podem não corresponder com a realidade da época em que acontecem, mas tiveram que ser adaptados para a construção da trama.

205 As citações sobre as cidades encontradas nesse livro correspondem à realidade; porém, a cidade em que ocorre a maior parte dos acontecimentos é totalmente fictícia.

210 Não faço nenhuma alusão à alguma igreja evangélica ou alguma espécie de crença, dogma ou religião. Para que ninguém interprete mal ou acredite que haja alguma remessa a alguma igreja em certos excertos, eu criei um tipo diferente de religião; uni dois fatos discordantes, descrevi uma religião fictícia com aspectos evangélicos
215 mas com características católicas, assim, diante de tal discordância, o leitor não julgará que há algum tipo de alusão direta na história, pois a imparcialidade estará em evidência nesses trechos.

220

225

230

10 de setembro de 2004. Sexta-feira.

235 Nos vastos corredores daquela empresa, acionistas andavam admirando e se vangloriando por serem os provedores de todo aquele suntuoso patrimônio. Pouco atrás deles se via um olhar que justificavelmente estariam tristes, tanto pela sua vida insossa quanto pela personalidade iníqua e malevolente que ele mesmo reconhecia; 240 mas ele era um bom ator e continuava sua falsidade e sua encenação. Andava, às vezes parava e esporadicamente conversava com os outros acionistas usando palavras arrevesadas, pois cada simples gesto era minuciosamente calculado; ele estudou para isso, para simular um homem rico e viver como um escravo do capitalismo, 245 cativado pelo próprio dinheiro. Mas ele não podia reclamar de nada ou culpar alguém por sua vida ser tão infeliz e monótona, pois tinha se tornado o homem imperativo que sempre sonhara em se tornar, desde quando era um garoto ambicioso induzido pela fortuna dos pais. Fora ele quem optara por aquela vida e era ele quem estava vivenciando os resultados de suas decisões. Andando ao seu lado, 250 uma garota loira, sua acompanhante, exibia suas roupas e jóias dispendiosas que serviam apenas para realçar sua graciosidade inata, pois a beleza dela era tão genuína que convertia as belas roupas que vestia e a maquiagem que modificava sua expressão em simples 255 detalhes. Mesmo sendo a única beleza verdadeira em meio aquele séquito de velhos gananciosos, ela acompanhava calada, mas não deixava de se movimentar com o orgulho comparável ao orgulho de uma famosa modelo em uma passarela, pois mesmo sem ter muita sorte na vida e nada de instrução, ela nasceu preparada para acompanhar os donos do dinheiro. *O que ela não entendia era o porquê de estar ali, dentro daquela empresa temendo encontrar uma pessoa que não desejava rever novamente.* Quando os passos estavam sendo automáticos e as palavras dos demais estavam tão insípidas quanto água, foi que aconteceu; foi em um abrupto 260 momento em que ela cruzou um olhar despercebido para o lado, e como se avistasse um fantasma, ela voltou um olhar atônito para o mesmo ponto; para um estranho que se afastava até desaparecer de sua visão ao entrar em uma das portas da empresa. Seu sorriso encenado se fechou e seus olhos piscaram no instante em que o 265 senhor puxou de leve seu braço, trazendo aquele corpo frágil para 270

junto do dele. *Mas será que ele também sabia quem ou o que era aquela "fantasma"?*

275 As luzes, máquinas e computadores se autodesligaram e a empresa se fechou. A noite se aproximou com clima sorumbático e mórbido. Em tudo havia presságio. Nada era eventual e nada era ou estava sendo planejado, pois o único plano fracassara; um plano injurioso que se tivesse tido sucesso nada do que aconteceu naquela noite teria acontecido. Carros andavam, pessoas iam dormir e pessoas acordavam para trabalhar ou para se divertir; afinal de contas, não é à toa que dizem que são as sextas-feiras a manchete de primeira página dos jornais de domingo. E a manchete não apenas seria como foi o que aconteceu em um ostentoso motel afastado *daquela* cidade, onde uma garota de programa foi trucidada e um senhor amarrado testemunhou ao poucos sua acompanhante ser estripada após receber profundos golpes de punhal; testemunhar aos poucos aquela morte nefasta foi o marco de início de sua compunção e de sua desgraça, de um pesadelo prolongado que o torturava e do qual tentava despertar enquanto pessoas tentavam baldadamente reanimá-lo.

285 Lágrimas tépidas escorreram pelo rosto daquela jovem em seus últimos minutos de vida, lágrimas repesas pela sua opção, pela sua puerilidade e por sua vergonha de não conseguir, por temor à rejeição, voltar a ser a mesma garotinha que era antes de abandonar sua mãe, abdicando assim os cuidados dela e de seu irmão. No momento em que sentia o punhal rasgando-lhe a pele, quase que por um milagre ela culpou unicamente seu pai por estar ali; um pai omisso, arrogante acionista de uma empresa que se tivesse a considerado como filha ela não estaria perdida em um quarto de motel.

290 Sábado de manhã uma senhora morena sentada em uma cadeira feita com vime fumava um cigarro barato para amenizar sua angústia e incansavelmente olhava pela janela; uma estrada poeirenta e um filho que demorava a chegar, um dos dois motivos de não ter conseguido dormir. De repente, no momento em que a agonia obstruía a fumaça na garganta, ela percebeu alguém se aproximando ao longe. Vendo que essa pessoa mancava uma das pernas, a velha sorriu identificando seu filho; ele trazia a notícia que aplacaria sua angústia ou converteria ela em desespero. Minutos depois o alívio se convertera em aflição e as lágrimas molharam sua boca. Gritos como “por quê?” ecoaram dentro daquele barraco semicoberto de lona. Mas

310 nenhuma resposta poderia justificar o que aconteceu e então aplacar o
que ela estava sentido; era algo tão lancinante como se parte do corpo
dela estivesse morosamente se despedaçando.

315 Naqueles dias, um senhor bem sucedido foi internado em uma
clínica psiquiátrica abandonado pela esposa por testemunhar um
violento assassinato a uma garota de programa. Atrás de uma mesa
em um dos quartos apertados da clínica, ele, considerando seu estado
físico e psicológico, reagiu apenas com um desenho
320 incredivelmente bem feito em um papel improvisado e um gesto, a
única pista para o detetive responsável pela investigação; no bloco de
anotações do detetive Alberto Cooper foi rabiscado às pressas uma
única nota, mas muito importante, retirada de um depoimento
insuficiente com uma das vítimas, a única testemunha. Mas para
Cooper ficou mais que evidente que o assassino possuía uma
325 tatuagem no punho de uma das mãos. Pelos traços inteligíveis do
desenho, aparentava claramente ser algum tipo de hieróglifo, e ciente
disso o detetive ficava em alerta a todo momento e em todos a quem
cumprimentava. Sendo escravizado pela eventualidade, seus olhos se
convergiam quase que automaticamente ao punho de todas as pessoas
no mesmo momento em que sentia o peso da arma dentro do coldre
330 preso à cintura. Aquele crime intrincado o deixou aflito e sem saber
por onde começar a investigação, mas o que mais o deixava
perturbado era saber que sua profissão poderia desencaminhar-se por
essa causa e sua reputação de detetive de resultados, tão recentemente
recuperada, poderia ser corrompida de um instante para outro, com a
335 mínima ajuda da mídia difamando seu nome pela segunda vez. Em
seu pensamento um dilema passou a deturbá-lo dia após dia;
encontrar o assassino ou retirar férias atrasadas, um impasse dúbio
onde a decisão sensata poderia facilmente ser confundida por uma
decisão imprudente. Porém, o peso de um passado árduo e um tanto
340 vergonhoso, junto à altivez inata e a semelhança entre a pista atual e
um desenho antigo que fora parte de um inquérito frustrado, de um
assassinato a um empresário que durante anos foi seu único
motivo de pesadelos, o persuadiu a tentar encontrar o assassino.

345 Natural e logicamente, para muitos acontecimentos
considerados inexplicáveis, a melhor e mais consentânea explicação
se esconde em um passado que precisa ser exumado, recapitulado
minuciosamente por todas as pessoas que fazem parte desses
acontecimentos.

O INÍCIO. 1981.

A vida é composta por objetivos e recheada por conquistas, principalmente de conquistas relacionadas ao capitalismo e a bens materiais. Quando a vida não tem recheios, ou seja, conquistas, os objetivos se transmudam apenas em sonhos surreais que incapacitam pessoas que não acreditam na própria força, na visível longanimidade que faz com que as pessoas acreditem na competência das pessoas que têm determinação e coragem. As conquistas podem se resumir em nada mais que um diploma em uma universidade famosa ou um alto patamar em uma rica empresa. Porém, o fato de que a simples luta pelos objetivos pode se transformar em ambição doentia é inquestionável.

Era 1981 e para o jovem Edward Radmim estava sendo o melhor ano de sua vida profissional; era formado em administração de empresas e estava no remate de uma faculdade de comércio exterior. Certamente sem grande sacrifício ele conseguiria o emprego na empresa de seus sonhos, uma empresa perfeita para um homem ambicioso e com fome de patentear sua aptidão e sua contumácia. Edward era descendente de uma abastada família europeia e com aproximadamente 26 anos sorria sua conquista. Porém, uma solidão o afetava e um paradoxo deixava-o perturbado; todas as pessoas felizes tinham seus sorrisos fotografados e no exato momento de sua conquista ele não tinha ninguém para sequer lhe dar parabéns. Sua família era rica e arrogante, mas sem orgulho entre si, resumindo; individualistas escravos da própria bazófia, o tipo de pessoa que sabe apenas jactar-se quando não pode mostrar a todos todo o seu cabedal de orgulho; se pudessem pegariam as mansões e colocariam na palma da mão aberta na frente dos olhos das pessoas. E foi por essa circunstância que ele resolveu afastar-se definitivamente de sua família, mas equivocou-se em pensar que era diferente de seus parentes altivos, pois também era arrogante e muito ambicioso. Edward se classificava como um imigrante naquela cidade e às vezes se sentia como um pária, alguém a quem ninguém estimava, pois acabara de ser banido de seu antigo grupo de amigos. Sozinho e sentindo-se humilhado em todos os lugares em que ia, ele, já impaciente, estava ávido pelo momento de uma represália; não

390 planejava nada de fatídico, uma ação maldosa e vingativa, tinha
apenas uma sede incontrollável de se mostrar mais forte e impávido
aos obstáculos que seu rival certamente colocaria em seu caminho,
pois sabia que se tivesse sorte e a empresa abrisse as portas para ele,
seus caminhos novamente se cruzariam. O motivo daquela sede pela
395 recrudescência era o simples fato de ser excluído da jovem auto-
sociedade pelo seu atual rival na guerra de quem pode mais, Clark
Meisinger; um rapaz dois anos mais jovem e que não se passava de
um protervo descendente de uma família afortunada e de história na
cidade, tão egrégia que o sobrenome “Meisinger” encontrava-se
400 esculpido nos murais, bancos-de-praça espalhados pela cidade e até
em alguns monumentos históricos, e era disso que se originava um
forte sentimento de superioridade entre eles. Circundado de amigos,
Clark seguia feliz sua vida como um verdadeiro sibarita, mas não se
classificava como um, ao contrário, se classificava tão súpero e
distinto que tinha como principal atrativo escutar músicas clássicas e
se emocionar pensando no quanto era sofisticado. Entre os amigos
405 mais íntimos, que eram poucos, ele era reconhecido como o esteta a
quem todos deveriam se espelhar, alguém nobre e de erudito
conhecimento. Estava convicto, deturpado pela ideia de que era o
melhor e andava sempre com os melhores. Clark fora o primeiro
amigo de Edward quando esse se viu no limiar de uma solidão em um
410 mundo diferente. Fora Clark quem o apresentou para a jovem auto-
sociedade e ele mesmo o ultrajou em um jantar entre colegas da
universidade quando Edward dissentiu quando o outro afirmou que o
sobrenome de uma família é o que traz perfeição, que não existe
emergentes, e sim escória da sociedade nobre. Entre a discussão,
415 Clark não ouviu resposta quando, de forma opressora, perguntou
sobre a família de Edward, e por fim acrescentou que esse não era
nada mais que um tolo sem progênie e cultura refinada. Edward tinha
uma descendência de ricos, era fato, porém ele não admitia isso aos
seus novos amigos, não queria ser prezado pelas pessoas por
420 simplesmente ter pais e avós ricos.

Aquela insignificante, tão estúpida contradição, transformou
duma amizade uma rivalidade contínua, o início de um ódio doentio,
a raiz maligna fecundada e alimentada que num futuro lastimável se
tornaria a responsável por uma tragédia em que todos sairiam
425 prejudicados.

Após perder não apenas uma amizade, como também todas as

430 que mantinha, a solidão tomou como se fosse dona de Edward e nos fins de semanas badalados ele ficava em seu ínfimo apartamento sorrindo para seu triste reflexo no espelho. Todo aquele abandono e aquela rejeição fez ele prometer a si mesmo que em breve iria provar a todos do que era capaz e até onde poderia chegar.

435 Aquela realmente poderia ser reconhecida como uma cidade badalada e elitizada, era repleta de grandes shoppings, de primorosos restaurantes, de casas noturnas luxuriosas e de inúmeras discotecas sofisticadas. Em suma, era a cidade onde tudo poderia ser encontrado e onde tudo poderia acontecer. Era uma cidade de pecado permanente, mas onde poderia ser encontrado e reconhecido os anjos, pois o mal era trivial e o bem era exótico, tanto que para muitos chegava a ser algo imaginário, onírico, e esperado com desejo. Era 440 uma cidade rotineira, o exemplo de todas as cidades, e nem mesmo as noites chuvosas e frígidas conseguiam mudar sua trajetória; automóveis e pedestres seguiam sempre suas rotas diárias e noturnas sem se abalarem com os acontecimentos propalados pelas redes de comunicação. E foi em uma daquelas noites frias enfeitada pela sinuosa dança da chuva que descia junto com a brisa formando pequenas ondulações nos acúmulos de água sobre asfaltos e calçamentos que Edward, decidido em sair à procura da liberdade que até então não conhecia, desceu as escadas do prédio ajustando o nó de sua gravata de tafetá branca entre um paletó griséu e sobre uma 445 camisa vermelha.

450 Naquele momento, em uma das casas noturnas mais frequentadas da cidade, a proprietária Júlia Cavalhais pediu para que uma de suas garotas servisse uma bebida para um cliente que estava sentado em uma das mesas próximas ao iluminado estrado de dança. Júlia era uma viúva que herdou do marido apenas o que o governo liberou após sua morte— uma mansão antiga e uma pensão 455 insuficiente para seu alto consumo— e que tentava ocultar de todos seu passado, um *retrospecto* conturbado que ela considerava ser uma nódoa viscosa que manchava sua honra e perturbava suas lembranças; o fato de ser pobre e ficar desamparada aos 17 anos de idade após a morte dos pais foi o motivo que a forçou a se prostituir para se manter viva. Esse passado foi sua única escola e em prostituição ela era 460 experiencialmente autograduada. Quem a tirou daquela vida de vilipêndio e desonra foi o próprio marido, Murilo, que a conheceu em

uma boate esburca nos arrabaldes da cidade, onde transava com bêbados que muitas vezes nem pagavam pelo programa. Grávida de um menino após a morte de Murilo, Júlia se deparou com uma situação de difícil impasse; nessa época a decadência estava ameaçadoramente batendo à sua porta, o que a persuadiu a vender a mansão dos Cavalhais, que ela tanto amava, e abrir uma casa noturna, a então famosa Ketchup Night.

E foi na Ketchup Night que Edward decidiu entrar minutos depois de entremear-se no centro agitado da cidade. Subiu alguns degraus um pouco hesitante para abrir duas cortinas vermelhas e olhou de canto a canto à procura de uma mesa vazia. Mas o que encontrou foi apenas olhares de homens e de garotas encarando-o como se fosse uma criança perdida, o que o deixou ainda mais constrangido. *Se girasse os calcanhares e descesse a escada, certamente ouviria uma trovoada de risadas*, refletiu ele. Então, após um breve pensamento, ele encheu o peito de ar e resolveu andar até o balcão. Sorte dele, quem o atendeu foi a própria Júlia, uma emérita em reconhecer os neófitos perdidos nas noites. Tapeando levemente as cinzas de cigarro que apenas ele enxergava no terno acinzentado, ele pediu "o menu" e ela sorriu.

—Desculpe, mas apenas garotas, e nos quartos.— ele não entendeu a brincadeira e ela continuou com um sorriso curto nos lábios molhados de whisky— Brincadeira, lugares como este não servem cardápios escritos. Mas posso te recomendar uma bebida.

Edward concordou e assim que Júlia se afastou, uma garota se aproximou dançando com sensualidade, exibindo seu perfeito corpo ondulante sendo oprimido pelas roupas curtas. Como um calmante hipnótico, ela apanhou a mão de Edward e colocou-a sobre os seios, deixando-o perplexo enquanto sentia a firmeza lasciva dos peitos dela. Sem parar de dançar, ela desceu deslizando a mão dele até sua barriga, aproximando lentamente seu rosto sereno ao rosto pasmado dele. Num toque suave de língua na orelha, ele sentiu a pele arrepiar, e quando inevitavelmente sua mão estava entre as pernas dela, ele escutou uma voz acordando-o:— Está aqui.

Sua mão desocupada sentiu o copo gelado de bebida escorregar sobre o balcão e o argumento de Júlia deixou-o novamente acanhado, trazendo-o de volta ao mundo:

—Garoto esperto, parece mesmo decidido em se divertir.

Naquele momento, como se estivesse recebido uma ordem em

505 forma de um olhar imperativo de Júlia, a garota se afastou e desapareceu aos poucos entre as pessoas, em sua maioria bêbados perdulários e libertinos que não hesitavam ao resvalar a mão na bunda das garotas que circulavam pelo salão. Com o cotovelo apoiado sobre o balcão molhado e encoberto de copos e garrafas de
510 bebidas, Júlia observava Edward levar o copo à boca e formou um sorriso intencional.

—Você é um tanto empolgado. Um rapaz bonito como você precisa mesmo pagar para se divertir?— em meio a pergunta, Júlia percebeu uma garota ao longe chamá-la com uma pantomima—
515 Pense nisso.— concluiu ela, e se afastou do balcão deixando Edward novamente sozinho.

As últimas palavras de Júlia deixaram-no meditando entre um copo e outro, ouvindo o som agradável da música sendo reproduzida em volume baixo nos auto-falantes escondidos nos cantos escuros do
520 salão. As palavras dela, unindo-se ao seu olhar lascivo, penetrante, exprimia suas vontades. Mas aquela casa noturna era perfeita, de inúmeras garotas novas, bonitas e talvez baratas, e aquela mulher não se passava de uma quadragenária que até então ele não achara interessante. Quando por fim decidiu "tirar a carteira do bolso",
525 decidido a pagar por uma noite de prazer, Júlia se aproximou do lado de fora do balcão, dando a perceber seu corpo. Pela segunda vez Edward ficou perplexo, o que era inevitável, "e a carteira acabou voltando para dentro do bolso". Ela tinha um corpo tão perfeito quanto o sorriso meigo de mulher carinhosa e propensa ao prazer. Era
530 percebivelmente a mais voluptuosa de todas, certamente a mais experiente, com o corpo mais bonito e, talvez, não estava a venda. Como todos os homens que usam de silogismos para chegarem a uma sentença, era conjectural a conclusão de Edward de que ela era a proprietária da boate, e quando ela se aproximou, ele indagou, mais
535 para encetar uma conversa do que por curiosidade:

—Faz muito tempo que você trabalha aqui?!

—Sou a proprietária.— ela respondeu abrindo os braços orgulhosa.

—Ah, me desculpe, é que essas suas roupas me ajudaram a
540 tirar a conclusão errada.— disse ele, levando o copo de bebida à boca, e concluiu colocando-o sobre o balcão— Posso saber o porquê da pergunta "se eu precisava mesmo pagar para se divertir?"

O comentário de Edward em relação às roupas de Júlia foi

545 elogioso e ela não respondeu, fechou o sorriso numa expressão de
seriedade e convicção e levou a mão para brandamente tocar o rosto
dele e num tatear suave que fez ele se sentir um garoto carente,
deslizou-a até a nuca. Ele não resistiu quando ela puxou
550 delicadamente sua cabeça, aproximando seus lábios úmidos para um
delicado beijo, um ósculo tão licencioso quanto rápido, um
provocante gesto apenas para convencê-lo, para possivelmente atraí-
lo para uma noite de sexo. Em seguida, ela aproximou a boca ao
ouvido dele para o sussurro final:

—Me acompanhe, minha previsão é certa de que a noite vai ser
gostosa.— após isso, ela deu as costas e se afastou a passos lentos,
555 pedindo silenciosamente para ser acompanhada. E ele, já enfeitiçado,
estava sujeito a pagar todo o dinheiro que fosse preciso para prová-la,
carnalmente tê-la sobre uma cama de prazeres.

560 Após entrarem em um corredor estreito ao fim do salão, eles se
aproximaram de uma porta escura e um após o outro entraram. Pela
primeira vez Edward avistou um corredor igual aquele, com várias
portas que se abriam e se fechavam para a entrada e saída de garotas
nuas e seminuas acompanhadas por senhores gordos e bêbados, o tipo
565 do homem rico e civilizado que procura fugir da monotonia em
boates dando uma de grosseiro libertino que gosta de dar leves
pancadas e tentam falar errado enquanto, por vezes, se denunciam
pronunciando vocábulos desconhecidos. O fato de algumas garotas
estarem acompanhadas por mais de um homem deixou Edward
espantado, quase sorridente.

—Surpreso?!— perguntou Júlia, abrindo uma das portas.

570 —Atônito.— corrigiu ele.

Quando pensou em redarguir, ela já se viu dentro do quarto
opaco, iluminado apenas por uma fraca lâmpada azulada junto ao teto
escuro. Quando ele foi criticar a cama redonda e desorganizada, Júlia
575 subitamente o beijou, puxando-o para juntos caírem sobre aquele
colchão fétido onde seria o leito para uma terapia em Edward e para a
saciação do lascivo desejo de Júlia.

580 Edward acordou pela manhã cercado pelos afáveis braços de
uma mulher. Aquele garoto que tanto se classificava um homem culto
e recatado, despertou com o sorriso prazeroso que dificilmente surgia
em seus lábios. Passaram parte da manhã conversando sobre a cama
desarrumada, e antes do meio-dia Edward já classificava Júlia como

585 uma mulher de personalidade forte, tenaz. Porém, ela o classificou como um garoto preso pelos objetivos, um pobre infeliz coibido pela rotina e pelos planos. Mas o que eles não imaginaram era que aquela noite e aquela manhã juntas estavam sendo o primórdio de um nexo forte entre eles e que o resultado, o fruto de suas vidas vinculadas, seria um futuro triste, melancólico e, em parte, inevitável.

590 Naquela mesma manhã dos anos 80, Clark almoçava sozinho em sua casa, porque em sua companhia estava apenas o velho fãmulô que sempre se mantinha restritamente calado. Para Clark estava sendo uma manhã solitária, pois diferente de seu considerado inimigo, Edward, ele dificilmente se via sozinho, e quando isso acontecia, uma perturbação monofóbica abrangia seus sentidos deixando-o a um passo da loucura. Seus pais, Tea e Ricardo Meisinger, tinham saído para uma viagem de negócios e Clark estava ciente de que iria passar longos dias sozinho, acompanhado apenas pelos empregados, que para sua concepção eram inúteis para relações afetivas. Quando sob as ordens de Clark o obediente Rui colocava cachos de uva sobre uma bandeja, o interfone sinalizou que havia alguém em frente os portões da mansão. O mordomo, sempre à prontidão, se retirou em direção a uma janela que dava vista aos portões por sobre a cobertura abobadada do comprido hall de entrada oito degraus mais baixo que o primeiro pavimento da casa, e após entreabri-la, ele soltou um sorriso debochado.

505 —Seu amiguinho está chegando.— avisou o mordomo, a voz soando com forte sotaque italiano.

610 —Meu amigo tem nome.— retrucou Clark, colocando grãos de uvas na boca— Vá até o portão e indique onde ele pode estacionar, depois seja incumbido de tomar seu café atrasado. Deve ocupar-se enquanto converso.

615 Minutos depois, a porta dos fundos que ficava próxima à garagem foi aberta e por ela Roberto entrou sorrindo. Roberto era um rapaz semelhante a Clark, mas era, vergonhosamente, um tunante, um displicente que não se importava nem mesmo com a própria índole manchada pela a indolência, pois ganhava tudo dos pais, e quando tudo é fácil, nenhum objetivo é importante, *pugnado* e muito menos adquirido. Roberto também era descendente de uma família rica e com história na cidade; os Wurmams, ricos donos de postos de combustíveis e de uma das mais requisitadas redes de hipermercados 620 do país. Seu pai, Jonas, era um maçônico alcoólatra revoltado e mui

constantemente batia em sua mãe, Catherine, uma mulher depressiva que sentia prazer apenas gastando dinheiro em lojas de grifes e em restaurantes japoneses, hábitos adquiridos na adolescência quando morava com os pais em Yokohama, uma cidade próxima à evoluída capital do Japão, onde seus pais trabalharam durante anos em uma empresa petrolífera. Roberto se tornou amigo de Clark durante os longos anos no colegial, onde habituou-se com a imagem de vil bisbilhoteiro para o filho de um dos homens mais ricos da cidade. A verdade era que Roberto não se importava tanto com a amizade, e sim com a influência que ela tinha sobre sua imagem social. O prazer de Roberto não era estar ao lado de Clark, e sim prestar-lhe favores, tanto que suas visitas eram sempre rápidas e sem variabilidade de assuntos. Após entrar sem o mínimo de escrúpulos pela porta que acabara de bater, Roberto se aproximou e cumprimentou osculando na face de Clark, que em pé ao lado da mesa o aguardava impaciente, dando a impressão de que já o esperava para ouvir alguma notícia importante.

—Sente-se. Quais são as novidades?— indagou Clark, puxando uma cadeira metálica que produziu um ruído irritante no assoalho. Quando Roberto sentou-se, ele insistiu novamente— Vamos, eu o conheço perfeitamente, Roberto, sei que quando tem alguma notícia você primeiramente se cala, fazendo esse joguinho de expectativa. E então, qual é a grande notícia do dia?

—Tenho uma boa e uma má, qual quer escutar primeiro?

—A má seria boa.— respondeu Clark, ainda mais curioso.

—Bom, dois colegas, informantes, assim por dizer, saíram ontem à noite para uma festinha e indecorosamente beberam um pouco além da conta e acabaram entrando em uma boate no centro e..., adivinhe!— Roberto deu uma pausa, deixando Clark ainda mais curioso.— Vamos, Clark, adivinhe!— mas Clark simplesmente meneou a cabeça enquanto premia os lábios, gesticulando que não fazia a menor ideia.— Bem. Eles encontraram seu rival bebendo escorado em um balcão.

—Não acredito, o Eduardo?!

—Acredite, ele mesmo, o refinado Edward Radmim bebendo em uma casa noturna, típico de sua probidade e compostura, não?

Diante à ironia, Clark, soltou uma gargalhada rápida e retornou a perguntar, ainda mais curioso e sem romper definitivamente os sinais de sarcasmo dos lábios:— E a boa? Deve ser ainda mais

engraçada.

—Ele entrou em um quarto com a proprietária.— Clark, com seu enfadonho dia modificado, interrompeu com uma outra gargalhada. Mas a pressa de noticiar o episódio mais *hilário* do ano fez Roberto concluir o relato— Na Ketchup Night.

Num súbito, a gargalhada de Clark se calou, deixando apenas o eco entre a cozinha espaçosa. *Ketchup Night?* No mesmo instante ele concatenou os fatos atuais com os fatos passados.

—Espere, não é a boate cuja dona é a viúva de um milionário que, supostamente, teve uma morte forjada?

—Isso mesmo, os Cavalhais, os decadentes Cavalhais, ou melhor, a falida Cavalhais.

Por um momento, houve um silêncio ponderativo, e Clark só acordou da perplexidade com o *rilhar* das pernas da cadeira de Roberto quando esse pôs as mãos nos joelhos e se levantou. Como um estafeta apressado que acabara de entregar uma de suas correspondências, ele soprou ar pela boca e andou em direção à porta de acesso à garagem.

—Bom, eu já fiz minha parte, agora preciso ir. Até mais.— ia dizendo enquanto se afastava.

Clark ficou tão perplexo com a notícia que não deu o mínimo de atenção à retirada de seu amigo, que saiu batendo pela segunda vez a porta dos fundos. Com o queixo apoiado na palma da mão e o cotovelo apoiado na mesa, como um exímio pensador, Clark ouviu o cantar dos pneus do carro de Roberto saindo rápido da garagem. Naquele momento, ele chamou o mordomo com um brado, e assim que Rui se aproximou, ele perguntou, sem ao menos olhar nos olhos do mordomo:

—Rui, quero que apenas me responda; você lembra de um acidente anos atrás em que morreu um empresário? Se não estou enganado, o nome dele era Murilo Cavalhais?

—Sim, eu me lembro, senhor.

—O que houve? O que saiu nos jornais da época? Por acaso, você lembra?

O mordomo formou um olhar suspicaz.— Sim, eu lembro, senhor. Mas por que está fazendo essas perguntas?

—Nada, apenas diga-me o que você sabe sobre o caso?— retrucou Clark.

—Bom, lembro muito pouco do que aconteceu, senhor, sei

700 apenas que a imprensa vulgarizou que a morte possivelmente poderia ser provocada, não apenas acidentalmente como foi registrada, e que supostamente o envolvido poderia ter algum nexos com um certo... tráfico de bebidas... da Europa, se não me engano.

705 —Sabe o que é mais estranho de toda essa história, Rui?— disse Clark, a mão ainda segurando o queixo numa postura pensativa — É que o caso foi abafado muito cedo e com muitas provas e indiciados. Pra mim, há muita sujeira embaixo desse tapete e alguém que sabe dos detalhes e pode limpá-la anda escondido por aí.

Curioso, o mordomo pecou outra vez ao perguntar:

710 —Perdoe-me pela indiscrição, senhor, mas por que todo esse interesse no caso?

—Por nada!— exclamou Clark— Agora saia daqui antes que eu o demita!

715 Aquele dia foi tão inovador quanto promissor para Clark Meisinger. Vários questionamentos deixaram-no meditativo em sua casa enquanto seus pais viajavam; *"Por que um caso polêmico que muitos exigiam respostas aos investigadores fora abafado e registrado como sem solução? Será que não foi a própria esposa quem mandou matar Murilo? E o que fazer para difamar ainda mais Edward Radmim?"* Questionamentos para os quais apenas duas décadas depois teriam respostas... e resultados.

725

730

735

O CASO DO TRÁFICO DE BEBIDAS DE 1978.

740 Em 1978 morreu em um acidente de automóvel um
microempresário chamado Murilo dos Santos Cavalhais. Ao ler a
notícia em um tablóide um novato investigador policial conjecturou o
745 acidente muito ambíguo e para seu discernimento aquele acidente
teria sido provocado e não acidentalmente como os jornais
noticiaram. Com o beneplácito de seu superior, ele solicitou uma
nova perícia aos escombros do veículo e o que leu no resultado da
mesma o deixou ainda mais convencido; nos documentos se lia que
750 após uma malograda tentativa de volver o carro em uma curva
perigosa, todos os parafusos da roda direita, que certamente não
foram quebrados, pois se fossem os peritos teriam encontrado
pedaços dos parafusos ainda ligados ao carro, se soltaram do tambor,
causando assim o deslocamento do veículo para o despenhadeiro, a
755 queda e conseqüentemente a morte trágica de Murilo. Provavelmente
o sistema de freios também sofreu algum tipo de adulteração.
Pedindo autorização para o chefe do setor de investigação, Carlos
Newman, o jovem investigador tomou como único responsável pelo
caso. Era obstinado e teimoso a tal ponto que ele mesmo decidiu ir
760 até os restos do carro onde encontrou entre as cinzas um chaveiro
metálico com o nome de um estacionamento. No estacionamento,
com a placa do carro rabiscada em um papel junto com a ajuda de um
segurança, ele chegou até o motorista que estacionou o automóvel de
Murilo no dia do acidente, uma sexta-feira. Esse mesmo guarda
765 afirmou *verossimilmente* que o motorista, de nome Cleison Boyle, se
retirou do estacionamento com o carro de Murilo e só retornou
noventa minutos depois. Sem enviar qualquer tipo de intimação para
comparecer à delegacia para um depoimento justificativo, o detetive
procurou por Cleison e usando da chantagem e força policial ele
770 obteve mais uma informação; no dia do acidente, sob ordem de
outrem, Cleison Boyle levou o automóvel de Murilo até uma oficina
mecânica, coincidentemente localizada na saída da cidade para os
arrabaldes montanhosos onde se localizavam os mais requisitados
bares e onde Murilo passava a tarde de todas as sextas e sábados com
775 outros empresários tomando cerveja e cobiçando as lindas garçonetes
que desfilavam de vestidos curtos entre as mesas. O medo do jovem
detetive pulsou mais forte e fez ele romper com aquela arguição
forçada quando Cleison Boyle insinuou que ele poderia morrer

780 tentando imitar James Bond, que a ficção é o oposto da realidade. Com mais um nome em mãos, o detetive chegou até o mecânico João Ribeiro, e mais uma vez usando força policial ele fez o mecânico confessar que realmente tinha modificado o automóvel para provocar o acidente, alterando os freios do carro e afrouxando os parafusos da roda à medida em que a certa velocidade a roda automaticamente se soltasse do tambor. Mas quando foi gritar vitória seu instinto policial
785 lhe aconselhou que ainda era cedo, pois não conseguia entender o propósito de Cleison Boyle e de João Ribeiro, que mesmo sob pressão não confessaram a quem prestaram serviço, alguém a quem eles temiam acima de qualquer chantagem. Ele não os prendeu, apenas guardou as poucas provas, que não se passavam de duas folhas de processo e uma fita de áudio com a confissão dos dois como comprobatório, e por alguns dias ele retirou férias para junto àquela discreta investigação, lucubrar profundamente sobre o fato. Com uma percepção insólita, atilada, ele leu em um tópico de um jornal econômico que nos últimos meses o desembarque de bebidas tinha sofrido graves alterações, tinha diminuído quase 50%, significativo
790 número para um grande importador de bebidas europeias. De fato, Murilo era um homem muito rico e preponderante para ser unicamente um proprietário de medianas lojas de roupas, a circunstância que levou o detetive a acreditar que Murilo poderia estar envolvido com lavagem de dinheiro ou tráfico de bebidas, sem mencionar o fato de que havia uma espécie de CPI investigando todas as suas posses. Aproveitando seus dias de férias, ele viajou para o principal porto de desembarque de importações providas da Europa, numa busca minuciosa e discreta atrás de novas provas. Usando o respeitável distintivo policial, ele conseguiu alguns documentos do porto com nomes de donos de mercadorias e receptores assinados por eles mesmos. Em alguns dos documentos estava o nome de Murilo dos Santos Cavalhais acima de sua própria rubrica. "Bingo!",
800 mentalmente exclamou o detetive, olhando para os papéis. Mas ao folhar as páginas seguintes, inesperadamente ele leu o nome de Carlos Newman. Perplexo, ele deixou que os documentos caíssem no chão ao terminar de ler o nome de seu cúmplice em outras páginas, Cleison Boyle. A partir daí um dilema o deixou por muito tempo perturbado; ou concluir o caso, denunciando até mesmo seu superior, ou esquecer definitivamente toda aquela história, pois sabia ele que certamente teria mais alguém anexado à essa máfia, alguém
805
810
815

320 poderoso, e isso poderia comprometer sua vida. Por final, o medo foi mais forte que a equidade, o que fez ele esconder as provas e concordar com seu tartufo chefe na teoria de que o caso era mesmo sem solução.

325 Carlos Newman era um ímprobo e corrupto policial que acreditava que, por ser um principiante em sua profissão, aquele jovem investigador não era capaz de elucidar aquele caso e não teve receio algum em colocá-lo como principal responsável pelo inquérito, que de acordo com sua vontade foi registrado como sem solução.

330 Daí então, jornais e revistas começaram a exigir uma resposta mais convincente ou ao menos uma explicação pormenorizada sobre o processo de investigação. Algumas impávidas reportagens chegaram a anexar a diminuição de importações de bebidas europeias com a dúbia morte de Murilo. Para esquivar-se das denúncias da mídia de que havia uma máfia por trás do caso, Carlos Newman ordenou uma demanda de vários interrogatórios com a esposa de Murilo, Júlia Cavalhais, criando assim uma nova indiciada, e a desconfiança que era para descambar sobre a máfia despencou violentamente sobre Júlia, que por meses foi perseguida pela imprensa e pelos ingênuos investigadores do departamento. Mas não houve provas concretas para prendê-la como mandante do crime porque não haviam, haviam apenas meros rumores acusativos criados pelo departamento policial e difundidos pela mídia. Seguindo a vontade dos mais fortes, com o passar do tempo tudo foi olvidado, inclusive a corrupção, a covardia e a prepotência. Na mente daquele jovem investigador perguntas ecoaram durante anos; *"Fora Carlos Newman quem financiou a morte de Murilo? Por que alguém queria a morte de Murilo? Júlia ainda estaria sofrendo investigações ou chantagens policiais?"*. Mas infelizmente há muitos questionamentos iguais a estes que para os quais não existem respostas, e quando existem, elas estão muito bem escondidas.

340

345

350

355

Estava sendo uma quarta-feira de manhã ventosa e com chuva abundante, tão forte que transbordava excessos de água pelas calhas de zinco das casas e dos edifícios. O vento que violentamente sibilava nos fios de alta tensão pendurados aos postes de um dos bairros de classe média daquela cidade era o mesmo vento que brandamente balançava as venezianas das janelas semiabertas daquela casa, que parcialmente se ocultava atrás de uma outra casa e também de algumas árvores, especificamente carvalhos com os galhos superiores podados, evitando assim o contato com o telhado das duas casas. Em seu quarto, Júlia se encontrava adormecida ao lado de Edward, que há horas esperava ela despertar de sua literal letargia. Para o desagrado e a impaciência dele, Júlia tinha por justificável costume acordar sempre depois das 11 horas; o resultado cansadoso das muitas noites em que passava administrando com todo o afinco a Ketchup Night. Para a impaciência agravar-se ainda mais, fazendo Edward esmordicar as unhas, eram apenas 8 horas, e foi exatamente quando ele explodiu com sua opinião, um inconformado alvitre referente à conversa que tiveram durante a noite:

—Como você consegue esquecer tudo o que fizeram com você? Como se o passado fosse uma simples minúcia. Como se ele não tivesse nenhuma importância. Realmente, eu não consigo mesmo entender.

O tom áspero e repreensivo nas palavras de Edward soou para Júlia como um relógio despertador barulhento em uma manhã chuvosa, e ela abriu preguiçosamente os olhos.

—Por que não aproveita essa chuva pra dormir?— ciciou ela, sonolenta, colocando a mão levemente em frente o rosto dele, como para pressionar o botão para interromper o despertar de um despertador.

—Olha só, não é apenas impressão minha,— continuou ele, empurrando a mão dela— estou certo, é visto que para você até seu próprio passado é insignificante.

Ao ouvir isso, Júlia rapidamente se colocou sentada, escorando-se na cabeceira metálica da cama.

—Escuta aqui, seu garotinho de merda, nunca mais fale assim comigo, não lhe dei liberdade alguma para intervir em minha vida, e se tudo é passado, tudo deve ser esquecido.— após retrucar tão

895

severamente, ela novamente se deitou e caiu no sono.

900

905

Já se completavam dois meses que eles estavam juntos, no limiar de um relacionamento que conjecturavam ser efusivo e sincero, mas não era tanto quanto pensavam que fosse, pois fora na última noite, depois de longos sessenta dias, que Edward ficara sabendo sobre o que tinha acontecido com Júlia e com seu marido; talvez fora por essa omissão da parte dela que ele ficara tão indignado. Mas não era apenas indignação; ele ficou totalmente inconformado ao ficar sabendo de toda a injustiça que ela tinha sofrido, tanto que mal conseguira dormir durante a noite; supostamente mataram seu marido, arriscando sua gravidez, e de esmola lhe deixaram apenas uma pensão insuficiente para o sustento de seu filho e para seu consumo como mulher sofisticada e estroina como era. *Mas o que poderia ele fazer se ela mesma ignorava sua apreensão?*

910

Desalentado e cansado de ficar sentado na cama, Edward, verbalmente derrotado, levantou-se e foi para a cozinha preparar seu café matinal.

915

Enquanto Edward preparava seu café na casa de Júlia, Clark, junto de seus pais, esperava o mordomo trazer o chá quente já pedido. Sentados distantes um dos outros ao lado da grande mesa de ébano, os três difundiam olhares superficiais à procura de algum argumento inicial que tardava em chegar às bocas e mentes fechadas. Mas quando a falta de assunto, um farisaico silêncio, se tornou insuportável, Clark explodiu com um tapa na mesa:

920

—É todo o dia e mesma coisa, já se tornou insuportável! Acordo, tomo meu café, perco a manhã nessa clausura enquanto vocês estão fora vivendo suas vidas sem se importar com a minha. Nas tardes tenho aquele cursinho imprestável de inglês e nas noites aquele cubículo chamado universidade me espera para minha faculdade, que graças à...— a falta de fé impediu Clark de pronunciar a palavra “deus”— está acabando. E quando estiver formado?— indagou ele, estudando as expressões disfarçadas de seus pais, que esquivaram os olhares de seu rosto— O que farei quando estiver formado?! O senhor meu pai vai me ajudar com um emprego miserável.

930

—Escuta, filho...— interrompeu Ricardo, sem obter sucesso.

—Não! Ele não vai fazer nada, vai continuar me tratando com papinha na boca. Mas sabe o que eu tenho pra dizer? Chega! Cansei

035 disso!— precipitado, Clark impingiu um outro tapa contra a mesa, fazendo trepidar um vaso de flores que estava sobre ela, e em seguida levantou-se para rapidamente se afastar e subir para seu quarto, deixando seus pais preocupados aguardando o chá de ervas acompanhado de uma parca porção de bolinhos de chocolate que logo foi colocado sobre a mesa.

040 Não se tratava do que Clark queria, se tratava do que o seu pai poderia lhe dar, da vigorosa importância que ele poderia significar e que estava sob decisão de Ricardo. Se tratava de poder, de proeminência, enfim, se tratava de tudo o que simbolizava domínio, poder, a única ambição de Clark e que estava em decisão de seu
045 incrédulo pai, o que fazia ele sentir-se como uma criança ingênua perante à importância de Ricardo. Mas o venerável Sr. Meisinger não poderia reclamar da exaltada ambição de seu filho, tinha até a certeza de que o sonho dele era de um dia chegar à presidência da empresa que agora ele presidia, pois Clark era o padrão dos Meisingers, o estereótipo da família que tinha apetência apenas por riqueza, sofreguidão apenas pelo fastígio provido do poder.
050

Os minutos se passavam com lentidão e o chá estava sendo deglutido forçadamente pelos dois atores que se viam ao lado da mesa. Foi no momento propício, no ensejo minuciosamente escolhido
055 para encenar quando Tea começou a limpar as lágrimas que começaram a cair dos olhos aos poucos se enrubescendo.

—O que houve, querida? Por que está chorando?— perguntou Ricardo, que preocupado levantou e se aproximou de Tea para acariciar seus cabelos encaracolados.

060 —Não dá mais.— ela enxugava o rosto molhado com um guardanapo— Acho que estamos equivocados na educação de nosso filho.— ela olhou para cima, fitando os olhos dele— E você? Não acha que ele precisa de uma chance? Ao menos um estímulo?

065 —Tenho medo.— respondeu Ricardo, exibindo sua total decepção e incredulidade aos olhos lacrimejantes da esposa. Ele sabia a que chance ela se referia.

—Medo?! Ele tem 23 anos, Ricardo.— Tea voltou os olhos para frente enquanto pressionava o guardanapo úmido entre os dedos.

070 Numa ação que demonstrou inflexibilidade, Ricardo tirou as mãos que tinham descido até os ombros de Tea.— Mas idade não é suficiente e proficiência é essencial, o fator culminante, e isso ele não tem. Tenho certeza que ele não está preparado ainda.

075 Insatisfeita com as palavras de Ricardo, em que se denotava mais ceticismo do que convicção, Tea levantou-se para se retirar da mesa e salientou, colocando as mãos sobre os ombros dele numa última tentativa de persuadi-lo:

—Em dois meses seu filho completará 24 anos. Pense no presente. Em como deixá-lo feliz.

080 Vendo sua esposa subir as escadas, Ricardo sentou-se para terminar de tomar seu chá sozinho, lembrando de como era sua personalidade antes de ter posse de algumas ações na empresa de seu pai, de seus sonhos que agora assemelhavam-se aos planos de seu filho. Depois de uma conclusão, antes de sair rumo à empresa, ele mesmo telefonou para cada um de seus sócios aprazando uma reunião, sendo ele o presidente de uma empresa de equipamentos relativos à informática que herdou não apenas a empresa de seu pai como a falta de carisma e um elevado grau de ceticismo, principalmente em relação aos filhos. Sua austeridade era tanta que para cada telefonema eram poucas e rápidas as palavras:

090 —No Happer Flat, terça-feira às 14 horas.

095 A segunda-feira da semana seguinte teve uma manhã cálida mesmo estando nebulosa. O mormaço que fazia esquentar e exsudar levemente vidros e metais e ressuava a pele dos mais calorentos, prenunciava a vinda da chuva pela tarde. Mas o que estava sendo enfadonho e exaustivo se tornou auspicioso quando, em seu apartamento, Edward ouviu o telefone tocar alto. Ao atender, as primeiras palavras que escutou fez ele soltar seu sorriso escasso. O motivo; era da Meisinger Multimídia convocando-o para uma entrevista no próximo dia. Finalmente a empresa dos sonhos estava abrindo as portas para ele.

000 Era um prédio alto e todo sofisticado. Seguranças munidos com poderosas armas faziam a guarnição frontal; em suas faces rebarbativas, olhares vigilantes, atentos em todos que passavam na rua ou entravam pelos portões da empresa. Automóveis importados saíam e entravam no estacionamento, no térreo, por uma rampa acepilhada, e em frente ela, um portão se fechava sempre que saía ou entrava algum veículo. No pátio havia uma grande mas compassada circulação de pessoas, obviamente ricas, esbanjando estilo em roupas de ínclitas grifes; senhores com ternos italianos e senhoras

tradicionalistas com ensembles de ablaca.

Em frente o portão, ele ouviu o interfone pedir seu nome com ruído metálico, e após responder, o portão automaticamente se abriu. Nisso, um senhor grisalho e bem uniformizado se aproximou.

—Bom dia, senhor Radmim.— cumprimentou o velho.

Pela primeira vez no dia Edward libertou seu sorriso, mesmo achando excessiva toda aquela polidez com qual foi recebido pelo velho, que em sua frente cortejou-o retirando o boné azul que reluzia dois Ms prateados na aba, o logotipo da empresa. Educadamente, o velho pediu para que Edward o acompanhasse e um após o outro entraram no primeiro andar do prédio. Passaram pelo vácuo vestibulo e entraram em um dos três elevadores. Quando a porta dupla do elevador se abriu para a saída, Edward avistou um longo corredor com inúmeras portas enumeradas. Ali, o velho entregou um cartão com dois números e uma rubrica em vermelho. Abaixo daquela assinatura ilegível, o nome Paulo Voigh em preto cintilou nos olhos azuis de Edward.

—Estão esperando-o. Boa sorte, senhor.— desejou o velho, antes de entrar em uma das portas que ladeavam o corredor.

Após olhar para o cartão, rapidamente ele localizou a porta onde iria entrar. Respirou ofegante, girou o trinco e, entre a empolgação e o nervosismo, entrou. Era uma sala diferente de outros escritórios de admissão, como esperava que fosse; tinha móveis simétricos à arquitetura, alguns eram artesanais e estavam esparsos pelos cantos da sala. Sobre alguns dos móveis haviam anêmonas de inúmeras espécies em grandes vasos de argila esculpidos e alguns aquários vítreos de formas retangulares com pequenos peixes coloridos que se escondiam por trás de pequenos navios feitos artesanalmente de cerâmica. Havia um sofá branco próximo à parede e ao lado dele, um baixo e largo armário metálico. Próximo ao armário estava a única mesa que havia na sala e atrás dela o cenho enigmático de um velho. Era um rosto inexpressivo, mas em seus traços faciais Edward detectou uma certa benevolência que facilmente conquistaria a confiança de qualquer pessoa que o olhasse profundamente em seus olhos; tipicidade de alguém cauteloso e perquisitivo que tenta dissimular a bondade inerente pelo medo de ser embaído por um alguém arrivista que entra despreziosamente em seu escritório. Aquele senhor calvo se levantou da cadeira, girou o corpo para frente, e, dando três passos, se aproximou da janela de

vidro diáfano de cor esverdeada que completava toda uma das paredes, dando a avistar parcialmente os pináculos dos prédios aos fundos em cor verde.

—Radmim, Edward Radmim?— indagou o velho, de frente para o vidro que amenizava a réstia do Sol da manhã assomando-se por trás dos edifícios.

Ouvindo a resposta afirmativa, o senhor virou-se, voltando para novamente se sentar em sua poltrona. Inclinou-se no respaldo de couro e voltou os olhos para o rosto do rapaz que estava parado em sua frente, contornado por uma aura de hesitação e insegurança.

—Não é o filho de Helena e Luíz Radmim?— indagou, pondo uma mão no queixo e a outra sobre a barriga saliente.

Edward vinçou o rosto, surpreso. Só depois de meses ele saberia que se tratava apenas de uma audaciosa mentira daquele velho para testá-lo.— Conhece meus pais?

O velho meneou a cabeça afirmativamente.— Mas não parece que seja. Os Radmims que eu conheço têm respostas mais diretas, típicas de pessoas pragmáticas, autoritárias e confiantes.— disse o velho, em tom admirativo.

Sem entender o argumento, Edward se calou e sob um olhar fixo se aproximou da mesa para sentar-se em uma das duas poltronas vermelhas que havia em frente o estrado onde se assentava a mesa. Pouco atrapalhado e com as mãos trêmulas, ele abriu a maleta e retirou dela alguns papéis colocando-os sobre a mesa.

—Trouxe meu *curriculum* e alguns diplomas de cursos profissionalizantes. Talvez eles sejam importantes.

—Já perscrutei tudo sobre você,— disse o velho, sem esquivar o olhar analítico— e pergunto; para que cargo ocupacional um homem tão bem qualificado como você é digno?

Edward novamente ficou confuso pelas contradições do velho. Antes, na comparação com sua própria família, ele afirmara que ele nada se parecia com uma pessoa autoritária e confiante, e agora o julgava qualificado e meritório demais para ocupar um simples cargo.

—Eu tenho ações nesta empresa, Sr. Edward,— continuou o velho, exuberando seu orgulho em palavras compassadas— não sou e não posso ser um ingênuo. Sei que logo o presidente dessa empresa se aposentará, ele parece muito cansado para continuar exercendo uma ocupação que exige muito cuidado e dedicação. Em seu lugar ficará alguém ingênuo, arrogante e bazóffio, os piores defeitos que se

090 podem existir em um empresário. É por essa única e aterradora
circunstância que quero, não particularmente eu, mas como os demais
sócios, contratar pessoas aptas para dar diretrizes complacentes aos
nossos empreendimentos e que não se prostrem diante o despotismo
de outras pessoas.— dando uma pausa, o velho olhou direto nos olhos
095 de Edward, afuroando cada respiro e cada piscar de olhos, para logo
após concluir— Você se acha apto para uma responsabilidade como
esta?

O tom capcioso da pergunta fez Edward afundar-se na poltrona
meio que intimidado. *O que ele quer que eu responda? Qual é a*
100 *melhor resposta?*, perguntou-se ele, receoso, dividido entre a
sinceridade que revelaria sua ambição e seu almejo pelo emprego e a
modéstia que de certa forma comprovaria seu medo. Por fim, mesmo
que efêmero, o medo venceu a ambição que perdurava há anos como
seu principal atributo.

05 —Não, realmente eu não sei.— finalmente respondeu.

—Ser sincero apenas com o superior é um apanágio
reconhecido apenas pelos superiores, e eu já detectei ele em você.
Você não conhece a política desta empresa, mas para isso existe uma
primordial integração para que os novos contratados fiquem ciente do
110 que se trata a Meisinger e como ela funciona. Afinal, todas as
empresas têm uma hierarquia própria e nós temos a nossa...—
Edward escutava atentamente cada palavra do velho, como se elas
fossem um sermão de pai, e sorriu quando ele levantou-se da poltrona
e proferiu as palavras que tanto desejava ouvir:— Senhor Radmim, o
senhor está contratado. Seja bem-vindo à Meisinger.

15 Contendo a alegria a ponto de regurgitar de seu peito em uma
gargalhada, Edward esforçou-se para encenar uma seriedade e
perguntou, recolocando seus papéis na valise:

—Quando será minha integração?

20 —Converse com minha secretária, ela fará sua admissão.—
segurando uma maleta, o velho caminhou até a porta. Edward o
seguiu e parou quando ambos estavam fora da sala. O velho pôs a
mão no trinco para fechar a porta e concluiu:— Amanhã terá uma
reunião de integração de um novo sócio. A secretária, a senhorita
125 Débora Dias, lhe dará o endereço.

—Tá bem, mas como se chama?— indagou Edward,
disfarçando a vaga preocupação que surgiu-lhe de imediato no rosto.
Seu palpíte, naquele momento, era de que o novo sócio seria seu

130 antigo colega de faculdade, o negligente Clark Meisinger, o único
filhinho de papai mimado que se enquadrava perfeitamente nas
palavras preocupadas daquele velho em que continha uma certa
depreciação em relação ao novo sócio da empresa.

—Paulo Voigh.— respondeu o velho.

135 Entre o entusiasmo e a preocupação, Edward se despediu com
um curto sorriso de seu novo chefe antes de entrar na sala que Paulo
acabara de indicar com um pestanejo, onde a secretária o aguardava
para preencher seu contrato.

140 —Senhor, o que deseja para o jantar?— perguntou o mordomo,
acomodando seu libré acinzentado nos ombros.

—Não precisa se preocupar com isso por hoje, Rui,—
respondeu Ricardo, colocando o paletó sobre o encosto do sofá—
alguém poderá perder o apetite. Teremos um novo conteúdo sobre a
145 mesa.— ele terminou sentando-se no sofá para esperar a chegada de
Tea e de Clark.

Após trinta minutos de espera, Ricardo viu entrar pela porta
dos fundos sua tão devota esposa, ironicamente, e seu inconfiável
filho, que ao vê-lo deitado sobre o sofá encarando-os com um olhar
espreitante, sentaram-se ao lado da mesa clareada pelas duas velas de
150 um castiçal dourado. Clark apagou as velas com um assopro e por
alguns segundos eles ficaram na vaga escuridão até que o mordomo,
como se recebesse uma ordem telepática, acendeu as luzes do lustre
premendo botão do interruptor junto à parede.

155 Após um *pigarrear* teatral, Ricardo se aproximou para sentar-
se ao lado da esposa, que logo encenou um sorriso meigo, e ali eles
ficaram por longos minutos calados, trocando os mesmos olhares
dissimulados na mesma infame hipocrisia. Quando toda aquela
encenação dramática se tornou cansativa, Ricardo rompeu o silêncio:

160 —Já que não há interesse em vocês em saber o que o velho
chefe dessa casa tem pra dizer, ao menos o acompanhe em seu jantar,
ou também não estão com fome?

—A tarde foi caótica, tão fátigante que tirou até meu apetite.—
disse Tea, começando a folhar um jornal que acabara de tirar de uma
sacola promocional de uma loja, como se fazer compras deixasse de
165 ser um hobby para ser um trabalho ou um vício.

—Mas está noite pode ser hilária.— entremeou-se Clark, com
sarcasmo em sua expressão zombeteira— Eu, pelo menos, estou

curioso em saber o que o senhor tem na cartola.— levantando-se, ele ficou de pé em frente a Ricardo. Um olhar rápido e sugestivo para o relógio no pulso e logo continuou— Estou em meus últimos dias na faculdade, então, que seja mesmo impagável essa piada que tem nas mangas para justificar a minha falta de hoje.

Folheando o jornal aberto sobre a mesa, Tea apenas escutava o início de um confronto quando foi irônica e diretamente surpreendida:

—Seria importante que você participasse, já que incitou-me em tomar essa decisão tão *hilária*, como afirma nosso tão digno filho.

Sentido a alusão, Tea levantou rápido a cabeça, direcionando seu corriqueiro olhar depreciativo aos olhos de Ricardo, que correspondeu da mesma forma, acompanhando com palavras incisivas:

—Tudo é motivo de risos para vocês. Engraçado e indiferente, mas eu também tenho motivos para sorrisos, afinal, somos todos atores, ou não estou certo?— ele soltou um sorriso escarminho e continuou, deslizando os dedos sobre o limbo de uma taça de cristal — Você, Tea, se faz de ingênua e despercebida, mas é astuta e sabe o que eu tenho pra dizer, portanto, peço que deixem, os dois, de novelas e cumplicidade. Seremos francos, por favor.

As palavras de Ricardo sempre foram autoritárias, a suprema ordem daquela casa, e naquele momento o hilário acabara de se juntar ao sarcasmo e ao enérgico, numa mistura ironicamente infirmativa que transformou de suas contundentes palavras algo que deve existir em todos os lugares; respeito recíproco, mesmo que rudemente forçado. Olhando para a expressão desconcertada de Tea, Ricardo continuou, enquanto Clark, desconcertado, sentava-se novamente na cadeira:

—Cumplicidade não é pecado, Tea, afinal, segue-se a normalidade das mães que apóiam seus filhos. Até acho sensato você *escudar* Clark, e também foi sensata quando me disse que ele precisava de uma chance, que não era mais um garoto.

—Chance?!— interrompeu Clark, fingindo não compreender o que estava acontecendo— Do que vocês estão falando?

—Seu presente de aniversário.— afirmou Ricardo, fitando demoradamente os olhos de Tea.

—Mas que presente?

Ricardo rumou os olhos para Clark.

—Presente, não, melhor, conquista.— pronunciando essa última palavra, Ricardo soube que estava mentindo— Sabe, Clark, tudo o que você desejar você mesmo terá que ir atrás, pois tudo nessa vida se baseia em conquistas e para ser merecedor das insígnias de vitória é preciso ter lutado bravamente na guerra. Reconheço que você é atilado em todos os aspectos e pode ser bom em tudo.— Clark encenava perfeitamente alguém confuso e com a face vincada escutava o sermão de seu pai— Você tem uma boa presença e está qualificado. Já tem as armas para o futuro que o aguarda.— na medida em que falava, lembrando dos sermões de seu velho pai, dos conselhos que propalavam seu ceticismo estóico, os olhos de Ricardo se enrubesciam. Comparar os olhos de Clark com a imagem de seus olhos enquanto seu pai lhe admoestava com sermões exumava a lembrança de cada palavra que ouvira em que se denotava mais insegurança do que resolução. Agora era ele que estava no lugar de pai e era ele quem não acreditava em seu filho— E como seu pai, eu não irei admitir que meu único filho trabalhe laboriosamente em uma microempresa onde será subordinado de pessoas prepotentes. Um Meisinger que recebe ordens de outrem não é um Meisinger. Repito; não é um presente, é uma carga, e agora depende de você decidir se vai ou não trabalhar com seu pai na empresa que significa o nome da nossa família.

Como resposta, Clark formou um sorriso grato, encenando na lentidão do sorriso uma confusão não existente mesclada na surpresa e na gratidão. Na verdade, ele sabia, bem antes que Ricardo tomasse sua decisão, que seu nome logo estaria na lista dos sócios da Meisinger. Bastava apenas encenar um arrufo, uma zanga infantil, para quebrar o medo e a incredulidade de seu pai.

—Obrigado, pai, nunca irei difamar o nome da nossa...

—Obrigado, não!— interrompeu Ricardo, sem qualquer vestígio de felicidade— Não é um presente e deve se preocupar ao invés de comemorar. Uma pergunta;— disse, exacerbando a voz, tornando-a ainda mais séria— você já tem preparado o discurso para a reunião em que o apresentarei aos acionistas? Você nem imagina como são esses velhos tradicionais que precisam sentir um arrepio na pele para confiar em alguém.

—Isso será simples, pai, não se preocupe.— disse Clark, tomado de confiança.

Realmente, não havia indício algum de preocupação estampado

no rosto de Clark, o que deixou Ricardo ainda mais incrédulo e inseguro, ciente apenas da incapacidade existente em seu filho.

—Irei depositar 17% das minhas ações em seu nome, terá que, urgentemente, adotar qualidades necessárias, terá que ser inteligente o bastante, pois acima de você estará apenas eu. Mas mesmo sendo nós o principal alicerce da empresa, teremos que lembrarmos sempre que não somos os únicos.

—Já lhe disse, pai, não se...

—Um dia— interrompeu Ricardo, colocando a mão aberta em frente o rosto de Clark num pedido claro de atenção— você assumirá definitivamente todo o nome da empresa no mercado, será a terceira geração da nossa família, por isso te peço; não fracasse, não difame nosso próprio nome.

Diante essas palavras, Clark converteu seu meio sorriso numa expressão de seriedade.

—E quando será minha integração?— perguntou ele.

—Amanhã, às 14 horas no Happer Flat.— respondeu Ricardo, levantando-se para subir ao seu quarto, como se tudo que tivesse em mente para dizer já fosse dito e que não restava mais nada além de logo no início se arrepender da decisão que fez ele tão rapidamente perder o apetite.

O que encorajou Ricardo em tomar uma decisão que ele mesmo acreditava ser arriscada foi, além da cansativa persuasão de Tea, a empáfia que o dominava e a verdade de que não havia um outro Meisinger, alguém dotado de aptidão e responsabilidade que viesse a ocupar com dignidade e sangue o encargo mais eminente dentro da empresa Meisinger; claro que Clark não era dotado de aptidão e nem de responsabilidade, mas era seu único recurso, o único Meisinger disponível.

Minutos depois, quando o estrépito da porta se fechando invadiu o silêncio da sala e da cozinha, Tea, que até então se conservara calada, soltou a respiração obstruída na garganta junto com um sorriso de alívio e satisfação e disse:

—Não lhe disse que seria capaz de convencê-lo?

Clark exprimiu sua admiração e gratidão em um sorriso à sua mãe, respirando ar de vitória.

Era um dos restaurantes mais requintados da cidade. Pessoas educadas eram servidas por garçons e *sommeliers* distintos que

285 usavam toda a elegância para servir um variegado cardápio; comidas
exóticas e bebidas importadas eram colocadas sobre mesas muito
bem decoradas para a total satisfação dos clientes, pois era toda a
opulência e a beleza que nomeava aquele local como um lídimo
paraíso para quem ama um ambiente refinado. Em uma das últimas
290 mesas há mais de meia hora Edward e Júlia conversavam, ele
vangloriando-se de seu novo emprego e ela elogiando-o pela
conquista. Mas quando o assunto tomou um rumo mais realista, ele
refutou, controlando ao máximo o tom de voz para não parecer
zangado:

295 —Por que fala assim, está querendo me desanimar?!

—Não, Ed, não se resume no que eu acredito e penso, seja
mais sensato...

—Insensatez!— interrompeu ele, com veemência— Quer dizer
que devo ser mais sensato? Estava apenas comentando sobre meu
300 novo emprego...

—E não retiro minhas palavras,— interrompeu ela— você
realmente tem que ser mais realista. Esse emprego eventualmente
pode ser duradouro como não. Não que eu queira ser pessimista,
estou simplesmente afirmando que esse emprego pode não ser a
305 utopia que você espera que seja.

Contendo-se, Edward apanhou a taça de espumante e levou até
a boca para um gole e falou com a outra mão sobre a mão de Júlia
descansada sobre à mesa:

—Amanhã será um longo dia, meu primeiro dia, e as bem-
vindas que recebi de Paulo Voigh é ter de acompanhá-lo na reunião
310 de integração de um novo acionista. Desculpe ficar assim, tão
impulsivo. Realmente quero acreditar que tudo será fácil, afinal, o
otimismo, às vezes, surgiu nas pessoas quando elas sentem medo, ou
não estou certo?

—Como um cãozinho precisando de alento.— Júlia formou um
sorriso insinuante. Percebendo o medo e a insegurança que seu
argumento provocou, ela, após molhar os lábios com espumante,
aproximou o rosto para um beijo que servisse de consolo, e típico de
seu perfil, concluiu com um sussurro digressivo— Vamos embora
320 daqui? Acho que você precisa de um estimulante apropriado para
amanhã.

A insinuação de Júlia surtiu o resultado esperado e Edward
sorriu animado.

—E você tem o endereço daquele motel?— indagou ele, formando um curto sorriso, ainda mais próximo ao rosto dela, que respondeu afirmativamente gesticulando a cabeça.

Minutos depois os dois saíram pelas portas do restaurante.

Sabe, daqueles hotéis seguros, muito bem circundados por muros altos e vigiados por inúmeros seguranças, onde se hospedam apenas pessoas da alta-sociedade; egrégios empresários, turistas estrangeiros, artistas famosos, acionistas e representantes de ricas empresas? Bem, este era o estilo do Happer Flat, o mais glamouroso hotel da cidade, e era aonde aconteceria a reunião onde Clark seria apresentado como novo sócio para os acionistas da Meisinger.

Em reuniões da Meisinger era típico de cada acionista adotar um método de defesa a seus argumentos ou críticas às decisões de Ricardo. Todos usavam o mesmo método, um escudo, um braço direito, alguém perspicaz, destemido, de inteligente loquacidade e que acima de tudo fosse propenso a sofrer as consequências das sugestões de seu superior discordadas pelo rigoroso presidente da empresa. Se Ricardo divergisse de qualquer ideia imposta por algum acionista, este, temendo a rigidez de Ricardo, certamente indicaria seu escudo como o idealista responsável pela ideia contrariada. Até àquele momento eles nunca usaram tal método.

Eram treze horas daquela terça-feira e os carros enfileirados entravam pelo portão do Happer Flat. Em um deles, Edward dirigia preocupado com o que poderia acontecer durante a reunião, afinal, ele sabia que o acionista a ser divulgado seria Clark, mas não sabia que Clark alimentava um intenso e crescente ódio por ele. Diferente de Clark, Edward não sustentava rancor algum, apenas a instigante vontade de mostrar sua sagacidade e força de sobressair das cinzas; se classificava como *um* fênix no momento exato de sua recrudescência. Por sua vez, Clark nem mesmo imaginava que o Happer Flat, naquele dia, seria a arena do primeiro confronto entre ele e seu considerado contendor, alguém que ele acreditava estar moral e profissionalmente destruído.

Estando dentro do estacionamento, Edward ficou admirado ao ver aqueles carros que pareciam jóias andar deslizando os pneus sobre o piso acepilhado que refletia limpidamente as lâmpadas fluorescentes engastadas no teto. Em cada porta e nas extremidades de cada fileira de carros, se encontrava um vigilante com olhar rápido

365 e esmiuçante em qualquer um que entrasse ou saísse do local. Admirado, Edward estacionou o carro e saiu fechando a porta com distinção. De outros carros saíram senhores formalmente trajados, alguns até cumprimentaram Edward chamando-o pelo nome e desejando-o boas vindas à empresa. Acompanhando a marcha morosa dos velhos, ele procurava com o olhar atento por Paulo Voigh, mas não o encontrou, e por um momento ele chegou a se perguntar se não
370 estava no lugar ou no dia errado. Minutos depois o elevador fez duas subidas com sete integrantes por vez até o terceiro e derradeiro andar de um dos cinco blocos do hotel. Após andarem por um longo corredor avermelhado, eles entraram em uma sala grande com uma única mesa central cercada de poltronas esverdeadas, e ao lado, próximo a uma parede repleta de quadros de pinturas abstratas e
375 impressionistas, estavam outras poltronas. Edward sorriu discretamente quando avistou Paulo Voigh ao lado da mesa. Em frente à grande mesa se assentava Ricardo Meisinger, o afamado presidente da empresa, e próximo a ele, um senhor de cabelos pretos corria os olhos tensos numa planilha sobre a mesa. Como um cinema mudo, os outros seis acionistas sentaram-se à mesa. Acompanhando os outros oito integrantes, Edward sentou-se em uma das poltronas próximas à parede. Só depois de todos acomodados foi que Ricardo deu início à reunião:

380 —Boa tarde, senhores.— deu uma pausa para as respostas— Todos já devem estar sabendo o real motivo de chamá-los para está reunião. Então, espero que sejamos lacônicos, tenho problemas caóticos que preciso resolver com urgência. Mas antes de apresentar a vocês nosso novo acionista,— olhando para o relógio dourado no pulso, Ricardo completou soltando ar pela boca antes de dissimular um sorriso interessado— gostaria de conhecer o novo diretor admitido por Paulo Voigh.

385 Procurando com o olhar apressado por Clark, Edward nem mesmo ouvia as palavras de Ricardo, que aguardando a resposta de Paulo, colocou a maleta sobre a mesa.

390 —Em primeiro lugar, boa tarde a todos— começou Paulo.— Bom, por critério próprio e devido a alguns contratemplos, desliguei da empresa o antigo diretor responsável pelas minhas ações.

400 Incrédulo, como se acordasse de repente de um sonho pelas palavras de um alguém real, Edward abriu os olhos admirado, pois nem ao menos imaginava que seria ele o novo diretor das ações de

um dos acionistas de uma das maiores empresas do país. Ao lado de outros diretores, ele equivocadamente acreditava que seria para Paulo um simples assistente que serviria apenas para dar palpites e carregar pastas e documentos. Mesmo comovido, ele se conteve calado em sua cadeira enquanto Paulo continuava:

—Acredito que será complacente para a empresa essa decisão e é com prazer que chamo o novo diretor de fabricação, Edward Radmim.

Paulo concluiu estendendo a mão em direção ao novo diretor, que compreendeu perfeitamente seus gestos. Estava no exato momento de sua apresentação e, mesmo perplexo, ele tinha que pensar e agir rápido. Levantou-se solenemente e sem qualquer papel em mãos, ele deu início a um discurso:

—Bem, está sendo um dia surpreendentemente inovador para mim. É meu primeiro dia nesta empresa e já de início estou participando de tal conferência.— um sorriso modesto apareceu em seus lábios, e tentando *se sair* bem, ele se aproximou para circundar a mesa sendo seguido pelos críticos olhares dos acionistas— É um objetivo antigo e um prazer entrar para este grupo e espero que seja construtiva e complacente para a empresa a minha integração. Não sou um idealista, mas me garanto com minhas juras que sou qualificado o suficiente para exercer o cargo que assumo neste dia. Sou patriota, sou hierárquico e sou amante do que faço. Não sou prepotente ou arrogante. Serei aqui dentro da Meisinger a melhor personalidade de Edward Radmim e será um prazer fazer parte desta família.— acabando seu discurso, Edward direcionou-se novamente para sua cadeira, onde se emocionou ouvindo os modestos aplausos dos representantes da Meisinger.

Após calarem os modestos aplausos, olhando nos olhos do recém incorporado, Ricardo reiniciou:

—Seja bem vindo à Meisinger, ela é uma mãe para todos nós e será para você também, mas...— voltou um olhar realista e dramático para os acionistas à sua frente— neste momento ela está sofrendo uma decadência, está diante de uma verdadeira debacle. Não somos mais os únicos a fabricar com tanta qualidade, mas temos que ponderarmos que somos os pioneiros e não podemos deixar que a perversa língua da mídia queime nossa história. Nossa marca é única, é qualidade, é história e tecnologia. Eu sou o veterano desta empresa, sou orgulhosamente o sucessor de meu pai e é um dever meu

defender este triunfo até a morte. Mas e depois? Quem irá defendê-lo como eu defendo?

445 A quietude que Edward presenciou naquele átimo fez ele sentir o poder do despotismo de Ricardo. Em outras palavras, foi como se ele invectivasse “eu sou o melhor, o único, e você todos são uns incompetentes que sem a minha presença não fazem nada”. Acreditou que nem o mais cínico e antagonista dos sócios teria a contumácia de se colocar contra tamanha veemência. Por alguns segundos todos na sala dividiram um silêncio opressivo até o momento em que Ricardo
450 demonstrou uma certa decepção ao olhar novamente para o relógio em seu pulso. Nesse momento, um homem vestido inteiramente de branco entrou rápido pela porta, tão oportuno que todos ouviram o respirar de alívio de Ricardo, que tacitamente implorava pedindo um tempo.

455 —Senhor Ricardo?— apresentou-se o homem.

—Sim?

O homem se esforçou para manter o tom de voz o mais baixo possível para que apenas o presidente da empresa escutasse sem que precisasse colar os lábios em seu ouvido.— O senhor Clark acabara
460 de entrar no estacionamento. Já deve estar subindo.

—Atrasado.— o resmungo de Ricardo saiu cicioso e todos os acionistas ouviram apenas o ruído produzido pelo zíper metálico da pasta que o presidente abria.

—E o que faço, senhor?

465 —Ora! Mande-o entrar.— concluiu Ricardo, sem ao menos olhar no rosto do homem.

Assim que o empregado do hotel fechou a porta, Ricardo, aparentando estar mais calmo, prosseguiu com um sorriso aliviado de quem acabara de se livrar de uma chateação:

470 —Bem, o que estava falando mesmo?— quando um dos acionistas ameaçou abrir a boca para alguma resposta, Ricardo prosseguiu um pouco atrapalhado— Ah! Me lembrei. Bem, por esse momento infeliz pelo qual a empresa está passando, entendemos claramente que ela precisa de mais alguém, alguém que carregue o peso dela e que tenha em sua proba personalidade, ambição, intrepidez, relevância, e que acima de tudo vulgarize o nome da nossa
475 família.

Simultaneamente ao fim das palavras de Ricardo, como se abrisse as cortinas de um palco para um monólogo de um artista culto

480 e famoso, a porta da sala se abriu e por ela entrou Clark às pressas,
como um péssimo ator entrando embaraçadamente em cena. Todos
na sala ouviram o respiro de alívio de Ricardo, que embora tivesse se
tranquilizado com a chegada tardia de Clark, não estava nem um
485 pouco contente com seu filho. Pouco desengonçado, Clark se
aproximou da mesa e sentou-se em uma poltrona reservada ao
lado do pai.

—Boa tarde.— cumprimentou aos acionistas, olhando para os
indignados olhos de Ricardo, aquele tipo de olhar insatisfeito de pai
que quer dizer; "em casa você me paga, seu moleque irresponsável!".
490 Mas Ricardo controlou o constrangimento com seu filho e reiniciou:

—Já que conhecem nosso novo integrante, peço aos que
tiverem algum motivo adverso que se manifestem.— ele olhou
diretamente para cada um dos ali presentes e continuou, certo de que
não ouviria uma resposta— Bem, já que não existe opiniões
495 antagônicas, deixo a palavra para meu futuro sucessor; meu filho,
Clark Meisinger.

Clark, habituado em dar pequenas palestras na universidade,
não se constrangeu em falar para uma mesa cercada de velhos, que
para ele eram como atores de um filme mudo transmitido em preto e
500 branco, enfim, incautos, sem inteligência suficiente para rebater suas
ideias mesmo sendo elas enganosas. Levantou-se da poltrona e
gesticulando leves movimentos com os braços, como um político
corrupto engabelando eleitores ingênuos, iniciou o discurso de sua
integração:

505 —Eu cresci ouvindo o nome da minha família, aonde quer que
eu fosse estava lá, o trivial nome da minha família. Nasci amando
meu sangue e cresci sendo cobrado pelo meu pai a preparação para
um dia fazer parte da nossa família no mercado. Finalmente este dia
510 chegou e eu garanto a ele que estou preparado,— soslaiou rápido nos
olhos de Ricardo e continuou— garanto a todos vocês isto e prometo
ao meu pai que idealizarei algo para voltarmos a liderar unicamente o
mercado de multimídia. Sou ambicioso, tenho em minhas mãos a
prévia de um programa que devemos e iremos adotar. É um programa
515 elaborado no Japão e que se tornou a novidade culminante que tomou
conta dos países desenvolvidos da Ásia e da Europa.— todos na sala,
inclusive Ricardo, ficaram bestificados ao ouvirem tal notícia, e tão
precocemente. Eles que se achavam tão atualizados...— Assinaremos
um contrato onde uma das cláusulas assenta que apenas a Meisinger

520 poderá fabricar tal programa no Brasil. Sou intrépido e impávido, nosso concorrente não irá nos colocar premência alguma, não irá nos derrubar. Sou forte e relutante, vou lutar nessa guerra de marketing, de programas e de equipamentos tecnológicos até o fim. Essa é minha personalidade e foi uma prazer apresentá-la aos senhores.— e concluiu com um sorriso orgulhoso.

525 Quando Clark sentou-se, a cena de aplausos teve sua reprise, e quando as palmas se ensurdecaram, inevitável e impulsivamente Edward levantou-se de sua poltrona após um respiro encorajador:

530 —Desculpem-me pela intromissão, mas peço a *deferência* de todos.— todos os olhares da sala espantaram-se pela ousadia de um simples subalterno, exceto o desdenhoso Clark, que nem mesmo olhou em direção à voz à suas costas— Já ouvi comentários deste programa, o GrabowSky, e se não se importam, desejaria ouvir as minúcias sobre ele. Se não se importam, é claro.— e sorriu para os olhares espantados, conquistando-os.

535 Todos os olhos da sala mecanicamente se convergiram para Clark, esperando respostas. Sentindo-se confrontado, esse girou a cabeça para um olhar que tendia ser menosprezador para o diretor que acabara de lhe confrontar subestimando sua inteligência. Mas quando seus olhos se fixaram nos olhos de Edward, a perplexidade fez ele
540 exclamar incrédulo, pondo as mãos nos braços da poltrona para quase se levantar:

—Como?! Você?! O que... o que você está fazendo aqui?!

545 O olhar pasmado de Clark apenas esquivou-se do tão penetrativo e desafiador olhar de Edward quando Paulo Voigh entrevistou:

—Este é o novo diretor de fabricação, Edward Radmim, todos já estão *sábios* disso, exceto você.— todos sentiram algo de injuriante na voz de Paulo que aludia ao atraso de Clark.

550 Nisso, diante de uma perceptível rivalidade e uma provável humilhação, Ricardo indagou, chamando a atenção de todos ao pronunciar enfaticamente o nome de seu filho:

—Clark, você já conhece o senhor Radmim?

Clark demorou algum tempo para responder a pergunta, mas não esquivou os olhos do rosto de Edward:

555 —Sim, nós já nos conhecemos.

—Eu e Clark cursávamos na mesma universidade, fomos colegas.— completou Edward, sorrindo, sustentando o olhar

560 arraigado na expressão de Clark, que piscou rápido, como se estivesse despertando de um pesadelo.

—Bem, espero que seja congruente para a empresa ter dois jovens integrantes, e melhor ainda, que são amigos.— afirmou Ricardo, com uma impressão totalmente contrária.

565 —E então, quando iremos conhecer o programa que você citou?— insistiu Edward, no momento em que a coincidência dissipou de todos o espanto causado pela promessa de Clark.

—É apenas uma prévia, mas está sendo usado no Japão há meses.— respondeu Clark, hesitante, mal conseguindo concatenar os pensamentos.

570 Ricardo, que desde o início estava certo que seu filho estava apenas por cima dos fatos citados, ficou com medo de uma vergonha que para ele seria vilipendiosa, o que fez ele colocar um ponto final no que tendia em se tornar um ultraje para a família Meisinger:

575 —Como tivera citado, está reunião teria que ser breve; tenho uma agenda inteira para completar e se alguém tem algum assunto a agregar, peço que deixe para a reunião em que discutiremos os pormenores sobre esse programa. Desejo a todos um bom dia.

580 Após o encerramento taxativo, todos os acionistas se levantaram, alguns guardaram papéis em valises e outros simplesmente saíram sem carregar qualquer tipo de pasta ou documento. Já na porta de saída, Edward soslaiou para Clark, que permanecera sentado ao lado de Ricardo, e com um sorriso aviltante se despediu fechando a porta.

—E então, como foi minha integração?— perguntou ele ao pai, sentindo-se contrafeito pelo que tinha acontecido.

585 —Sabe, Clark? O *confortismo* é uma prisão, uma clausura aconchegante, ela nos vicia e nos impede de sermos sábios e conhecedores.— filosofou Ricardo, levantando-se de sua cadeira— Eu não estarei sempre ao seu lado para lhe defender de seus inimigos. E nem sua mãe.— concluiu ele, antes de sair da sala.

590 Ao lado da mesa, Clark ficou sozinho refletindo o aforismo de seu pai, a pessoa que mais o conhecia e que não precisava fazer muitas perguntas para saber o que estava acontecendo.

595 O início da noite daquela terça-feira foi mentalmente turbulenta para Clark. Se passava das 21 horas quando em seu quarto ouviu os baixos ruídos do carro de seu pai entrando pelo portão da garagem

500 abaixo da sacada de um dos quartos que afastava-se da planta original da casa. Apressado, ele desligou o computador e desceu os degraus da grande escada que subia em forma de arco para os quartos. Na sala, Tea via tevê esparramada sobre o sofá e fumava um Camel fúmido à espera de Ricardo, que naquele exato momento entrou cauteloso após abrir lentamente a porta. Sem causar ruídos, ele passou pela cozinha escura e aproximou-se de Tea, avistando de trás do sofá onde ela estava a fumaça do cigarro subir ondulante até 505 alcançar o teto, esbatendo ainda mais o brilho fraco das lâmpadas do lustre. Quando pensou em anunciar sua chegada, Ricardo ouviu:

—Onde estava? Está um pouco tarde para um senhor de sua categoria chegar, não concorda, senhor *chefe da casa*?

510 Ele sorriu surpreso tirando o sobretudo preto borrifado pela chuva fraca que principiava aquela noite e respondeu no mesmo tom depreciativo:

—Não lhe devo explicação alguma,— sentindo que Clark se aproximava por trás, ele concluiu— mas seu filho me deve algumas respostas.— e terminou girando o corpo para encarar com olhos penetrantes Clark enquanto esse descia os últimos degraus deslizando a mão sobre mainel da escada.

515 —Realmente, o senhor tem toda a razão, lhe devo explicações da mesma forma que o senhor me deve argumentos. No nosso caso, sua reticência se tornou meu cárcere, minha clausura aconchegante, senhor filósofo.

520 Ricardo não revidou o comentário alusivo de Clark, era sensato em reconhecer que nunca fora um pai apegado ao seu único filho, apenas sorriu impudente e andou até a escada, perpassando por Clark e sendo seguido pelo seu olhar firme onde se denotava medo e coragem ao mesmo tempo. Colocou um pé no primeiro degrau e olhou para trás, vendo a fumaça que continuava a subir de trás do sofá, no segundo plano, e no primeiro, Clark encarando-o com uma firmeza defensiva.

530 —Me esperem, os dois. Preciso tomar um banho e logo volto para conversarmos. Seriadamente.

Ricardo subiu os degraus e fechou a porta de um dos banheiros próximo à escada, causando um estalido proposital. Ao ouvi-lo, Clark ouviu também a voz débil de Tea vindo do sofá:

—Posso saber o que aconteceu, Clark? Algum inconveniente?

535 —Não!— respondeu rápido, antes de abaixar a cabeça,

derrotado pela verdade, e se aproximar do sofá para sentar-se ao lado de sua mãe. Ele olhou nos olhos túrgidos e avermelhados dela e confessou o que o atormentava— Ricardo está um pouco inseguro comigo, mãe. Acredita seriamente que sou inepto para ser um dos sócios da empresa. Não me daria um vassoura para varrer o pátio da Meisinger.

—Por que ele confiaria este emprego a você se não acreditasse em sua capacidade? Ele é intolerante, Clark, não um cético.

Tea sabia que estava mentindo, tinha certeza de que o ceticismo de Ricardo em relação a Clark fora sobrepujado pelo orgulho que sentia de sua estirpe constituída unicamente por pessoas soberbas. Entre os lábios dela, fortes de batom, uma mancha apagada anunciava que passara o dia todo fumando para amenizar o estresse, e olhando para ela apagar o resto do cigarro no cinzeiro transbordante de cinzas e acender outro em seguida, Clark desabafou sua insegurança:

—Terá de me ajudar, prometi aos acionistas algo que talvez seja mesmo incapaz de cumprir.

O ênfase no *mesmo* anunciou o pessimismo ofegante em Clark, e Tea tentou atenuar aquela auto-insegurança consolando-o:

—Ei! Não se preocupe, é normal sentir-se inseguro com seu emprego, afinal, não é todo mundo que têm como primeiro emprego ações em uma empresa. E você sabe muito bem o que isso significa. Basta apenas acreditar em si mesmo que tudo dará certo.

Clark olhou para Tea e sorriu confiante. Ao acariciar os cabelos dela, ele percebeu que eles cheiravam à cigarro.

—Obrigado por ser a melhor mãe do mundo...

—Chega de consolo!— interrompeu Ricardo, que descera a escada antes mesmo de tomar seu banho. Pegar os outros de surpresa, principalmente quando sentia-se envolvido pelo leve cheiro de conspiração, era como um hobby para o presidente da Meisinger— O que lhe falei sobre o aconchego de uma família e seus danos, Clark?

Tea e Clark olharam ao mesmo tempo para trás, perplexos como quem acabara de sofrer uma agressão verbal, como se eles, e não Ricardo, fossem os manipulados da história. Ricardo se aproximou soltando o nó da gravata e sentou-se no sofá que ficava de frente para os dois. Seu olhar sentencioso alternava de Tea para Clark e infundia-lhes medo.

—Estava pensando agora pouco, enquanto tomava whisky no

575 Kep's Bar— ele deu uma pausa sugestiva olhando fixamente no rosto
Tea, esperando ouvir dela algum argumento cheio de desconfiança.
Mas ela não correspondeu da mesma forma, sustentando o olhar nos
olhos dele, o que normalmente faria uma esposa desconfiada de um
580 marido que chega atrasado, e ele continuou, voltando os olhos para
Clark— Estava pensando sobre prudência e circunspeção. Sabe,
Clark? Precaução é uma qualidade perfeita, indispensável não apenas
nos atos como também nas palavras...

—Você sabe que cumprirei o que prometi na reunião.—
interrompeu Clark, na defensiva.

585 —Calma. Ainda não terminei. Horas depois da reunião eu
liguei para os sócios noticiando sua viagem ao Japão numa demanda
a esse produto, aquele que você citou, lembra? O GrabowSky.

—Você o quê!?— Clark abriu os olhos impressionado.

590 —Isto mesmo que você ouviu; amanhã você aprazará uma
conferência com os engenheiros desse programa e assim que possível
irá atrás dessa demanda. Você falou, você irá cumprir!

Ouvindo aquilo, Clark ficou calado e meditativo, mas sua
expressão não aparentava ser de um homem desencorajado, dava até
impressão de que tudo estava se cumprindo como premeditara;
595 bastava apenas encenar primorosamente para se obter o resultado
premeditado.

Naquele meio tempo, Tea, que nem mesmo participara da
conversa, levantou-se após pressionar o toco do cigarro no cinzeiro.

700 —Se me derem licença, eu vou dormir, estou me sentindo
insignificante nessa conversa, a propósito, pai e filho que se
entendam.

Ali, os dois ficaram calados até ouvirem a porta do quarto se
abrir, e quando o ruído estridente do trinco metálico chegou aos
ouvidos, Ricardo prosseguiu:

705 —Onde ouviu comentários sobre tal programa?

—Não ouvi, calculei.— Clark respondeu dividido entre a
lhaneza e o receio.

—Calculou? Você supõe alguma coisa e sem ter absoluta
certeza difundi em uma reunião, e na própria integração?! Que
irresponsabilidade, Clark!

710 No rosto de Ricardo se denotava a decepção com o pedantismo
de seu filho, que formando uma evasiva expressão de indignação
própria, tentou se explicar:

—Mas eu vou cumprir o que prometi...

715 —Com certeza.— interrompeu Ricardo, a voz alta e lenta— É sua única saída, a única opção.

Por alguns segundos houve-se um silêncio assertivo, até que Ricardo, massageando as têmporas com a ponta dos dedos, indagou soprando ar pela boca:

720 —Onde ouviu citações desse programa?

—Dias atrás estava olhando um canal de notícias do Japão e percebi no segundo plano, bem ao fundo de uma reportagem comercial, um monitor reproduzindo tal programa, mas deu pra identificar que tinha uma nova configuração. Enfim, o pouco que vi é o bastante para confirmar que pode ser o mais aperfeiçoado programa que existe, e se nós não irmos atrás dele, tenho certeza que outra empresa chegará antes, e isso pode significar o fim da Meisinger.

730 Ricardo ignorou a leiguice propalada nas palavras de seu filho, que não tinha noção alguma sobre como funcionava empresas tecnológicas, sobre como elas dividiam, importavam e exportavam tecnologia. Talvez até fosse verdade sobre o fato de um novo programa estar sendo usado no Japão, mas levando em consideração a acidentalidade com qual ficara sabendo sobre tal programa privava Clark de receber elogios. Bem ao contrário, ele precisa mesmo era de um bom sermão.

735 —Você disse dias atrás? Isso é uma prova de que já premeditava entrar para a Meisinger?— o rubor no rosto de Clark respondeu afirmativamente a pergunta— Tudo bem. Eu também tive ambições. Mas hoje, ao ligar para os acionistas avisando-os de sua viagem, eu senti que eles desdenham você. Quero que entenda, Clark, eles não acreditam em você e é por isso que eu ordeno que traga este programa, se é que realmente ele existe, e jogue-o em cima da mesa para que todos acreditem nele. Estou até facilitando isso, estou presenteando você com grupo indispensável de pessoas que entendem sobre o assunto. Quero que também entenda que logo serei como um objeto obsoleto e você se tornará responsável pela maior parte da empresa, terá que ter punhos de aço. Por isso faça, não apenas eles acreditarem em você, como eu mesmo.

750 De certo modo, Ricardo acabou estimulando Clark com suas palavras.

—Confie em mim, farei com que todos acreditem que tudo que prometi é real e possível e em que poucos dias iremos adotar este

produto não imaginário. Eles verão que não é apenas fruto de minha imaginação, que não é uma mentira precipitada para impressioná-los.

—Espero isso de você. Amanhã será o dia em que conhecerá sua equipe, será o responsável pelo setor de marketing e incumbido pela compra e venda de nossos produtos e sua propaganda.

Ao terminar, Ricardo levantou-se para subir para seu quarto, mas ouviu antes de se afastar:

—Essa minha equipe deverá viajar comigo?

—Bem, ela é sua, você decide o que fazer.

Percebendo o *respirar* fundo de Clark, Ricardo acendeu um cigarro e caminhou até a escada, onde parou sobre o primeiro degrau quando ouviu:

—Deve ser repentina essa minha viagem?

A expressão de Ricardo se fechou diante àquela pergunta e sua resposta foi taxativa:

—Assim que for aprazada a reunião. Por que a pergunta?

—Nada, estou perguntando isso porque tenho alguns problemas para resolver e isso levará alguns dias.

Ricardo olhou para o alto da escada, deu uma longa tragada no cigarro e voltou os olhos para seu filho.— Tudo bem, mas lembre que é a minha e a sua reputação que está em um perigoso jogo de desmoralização. Tente consertar as coisas, Clark.— após concluir, Ricardo subiu a escada sendo acompanhado pela fumaça do cigarro.

Na sala, Clark ficou mais uma vez sozinho, confuso e pensante, premeditando os próximos dias, os dias que seriam cruciais para seu futuro e para o futuro de sua família.

A porta do quarto se abriu. Ele viu as três lâmpadas do pequeno lustre apagadas e sobre o criado mudo, o abajur aceso. No vidro da janela semiaberta, o reflexo do rosto, e nele os olhos abertos de Tea indicavam que ela não estava dormindo. Depois de fechar a porta, Ricardo caminhou até a janela e jogou o toco do cigarro que caiu sobre a cobertura da garagem. Fechou os vidros externos e abaixou as venezianas, impedindo assim a entrada do vento úmido trazido da intensa chuva pela brisa mansa que se intensificava a cada minuto. O novo e comprometedor emprego de Clark, o atraso de Ricardo, o mistério que se abrangia no silêncio que havia em tudo..., enfim, tudo se agregou formando um clima enigmático e ameaçador aos olhos de Tea, que pessimista, sentia que algo disso se procedia,

795 como se houvesse uma conspiração latente coarctando-a, empurrando-a contra suas intuições. Quando percebeu que Ricardo vestia seu pijama axadrezado, ela lembrou que ele não tinha tomado banho, não em casa, e suspirou como uma criança lutando para não chorar.

—Estou com um presságio ruim,— disse ela— tudo me parece diferente. O que pode estar acontecendo, Ricardo?

800 Ele não respondeu a pergunta lamuriante da esposa. Alongou os braços para cima e deitou-se na cama.

—Este seu silêncio me deixa ainda mais triste. Você cria este cenário confidencial e eu fico assim. Às vezes tenho a impressão de que não sou ninguém, que não mereço nem ao menos uma explicação consentânea para tudo o que acontece.

805 Pouco comovido, Ricardo se aproximou de Tea, acomodando sobre o ombro dela o edredom azul, e abraçou-a para responder próximo ao ouvido:

810 —Sabe qual é o problema? O que está me deixando preso? Clark. Ele no limiar de sua vida profissional e eu como pai acredito e temo, tanto pelo fato sermos nós os educadores de nosso filho, que podemos ter criado um pérfido que mal conhecemos. Tenha certeza, Tea, que a minha decepção se tornará a decepção dele no dia em que reconhecer seu erro.

815 —Às vezes eu vejo o quanto você é cético em relação a ele. É nosso filho, Ricardo, nosso único filho, e merece ao menos uma chance. E seja lá o ele prometeu, eu sei que irá cumprir.

820 —Você tem razão quanto a chance, e eu já fiz isso, e sabe o que me fez tomar essa decisão? O fato de saber que o que faz de um homem um homem de verdade e integralmente reconhecido é o peso de suas responsabilidades e a facilidade com que resolve os problemas. Mas agora sou eu quem precisa de uma chance?

—Chance?— ela virou-se confusa para Ricardo, percebendo que as últimas palavras dele mudaram o rumo da conversa.

825 —Anos laboriosos, árduos, merecem um descanso. Eu almejo férias, um mês afastado desta tumultuada vida profissional. O que acha disso?— ele terminou sorrindo para conquistar a anuência dela, típico de um marido influenciado pela esposa.

—Nunca tentei impedir você em nada de acordo com sua vontade. Pra onde deseja viajar?

830 —Nada de exótico, uma simples pousada, talvez. Preciso de

algo para refletir, aprimorar o pouco conceito espiritual que tenho. Ler um bom livro, coisa que deixei de fazer há mais de cinco anos quando desanimei e fechei Os Irmãos Karamazovi nos últimos capítulos. Seria bom acordar pela manhã, preparar eu mesmo meu café e esquecer para que mundo realmente eu pertencço, é exatamente disso que eu preciso.

Mesmo sendo uma mulher tradicional, do tipo pegajosa e ciumenta, Tea não discrepou dos planos do marido, pois o clima tenso subjugava-a em todos os aspectos, fazendo-a concordar com tudo mesmo que fosse contra a própria vontade.

—Quando você vai?— indagou ela.

—Está aí meu único dilema; ir ou ficar, não é fácil deixar você sozinha. Por isso vou deixar que você decida isso.

—Nossa! Férias conjugais junto à férias profissionais.— brincou Tea, fingindo já não ter percebido que a intenção de Ricardo era viajar sozinho— Você se tornou tão moderno,— ela fechou o sorriso, voltando à realidade, e completou— mas não deixa de ser apreensivo com a empresa.

—Apreensivo com a Meisinger, sim, mas não se trata de férias conjugais, apenas acho um pouco irresponsável da minha parte deixar Clark sozinho em um momento...

—Tudo bem,— interrompeu Tea— eu cuido do nosso filho enquanto você estiver viajando. Se for para o seu bem, eu não me importo.

—Não só para mim. Será bom para todos nós.

—E então,— disse ela, após um breve silêncio— quando?

—Na próxima semana, talvez.

Tea conteve o suspiro e olhou nos olhos perguntativos de Ricardo, denotando neles cansaço e preocupação.— Sabe, eu amo muito você e desejo que o mês de sua viagem passe rápido.

Ao concluir, ela beijou seu marido sem imaginar que Clark, o filho que ela considerava ser tão confiável e digno, ouvira o final da conversa com o ouvido colado na porta.

Aquela semana se passou rápido. Contudo ter ficado inicialmente inseguro, Clark já se encontrava empolgado em seu novo emprego, tanto que nem mesmo tentou impedir, demonstrando assim segurança, a viagem de seu pai. Até o incentivou, o que deixou Ricardo menos preocupado. E foi em um sábado chuvoso que

370 Ricardo se despediu de sua esposa com um abraço e um beijo discreto nos lábios.

—Cuide de nosso filho,— disse ele antes de dar partida no carro— e independente do que aconteça, não se esqueça que eu a amo.

375 Aquelas últimas palavras arrancaram dos olhos de Tea uma lágrima, impregnando novamente em seus sentidos um presságio, um agouro prolongado repleto de pensamentos fúnebres; quando fechava os olhos, tentando esquivar-se dos pensamentos, a imensidão caliginosa logo se transformava num mar de sangue, e quando abria-os, numa vertigem, até mesmo os objetos sobre as alfaias pareciam ameaçadores.

380 E assim o mês de viagem de Ricardo passou rápido; mas enquanto Tea vivia na angústia cegante que a impedia de perceber uma certa perturbação em seu filho, Clark e Edward viviam a glória da glória da Meisinger. A empresa conseguiu adotar o GrabowSky sem muita força da parte dos sócios responsáveis pela compra de produtos; foi tão fácil que nem mesmo Clark precisou viajar, seguindo os padrões normais de negociação, pois a própria empresa fabricante do programa entrou em contato com a Meisinger, sendo a maior empresa de programação e fabricação de computadores do país, para oferecer-lhe o GrabowSky, que se tornou acessível para a empresa após 45 minutos de negociação do contrato, que foi assinado pelo próprio Clark, o então responsável pela compra e venda de produtos e tecnologia.

390 Quanto a Edward? Num piscar de olhos ele se tornou o mais hierárquico diretor da Meisinger, sendo responsável por todos os setores de fabricação, aumentando gradativamente o orgulho de Paulo Voigh. Mas nem tudo era auspicioso, o mar de rosas que tendia se tornar, pois desde o início todos que mantinham contato com os dois novatos sentiam a palpável animosidade entre eles. Porém, era diferente em cada um— para Clark, aquela aversão culminava acima de tudo e fazia tudo pensando nela, enquanto para Edward aquilo tudo não se passava de uma insolência infantil; mas sendo altivo, ele correspondia usando de palavras baixamente desconcertantes as indiretas de seu rival...

005

010 Sentado ao lado de uma mesa afastada das mesas que ficavam
no centro do restaurante, onde obviamente havia uma maior
circulação de pessoas, Ricardo observava todos que circulavam à sua
015 frente com um olhar observante, sem precisar fixar os olhos
indiscretamente no rosto das pessoas. De sua mesa se avistava
nitidamente a rua iluminada pelas lâmpadas dos postes e os carros
que os manobristas contratados pelo Kep's Bar cautelosamente
esgueiravam ao entrar no estacionamento ao lado do restaurante.
020 Durante o tempo em que observava o movimento, ele pensava em sua
vida; relembrava dos momentos junto com sua família; com seu filho,
que poderia ser seu maior motivo de orgulho ou de vergonha, e de
sua esposa, a mulher que sempre esteve ao seu lado nos momentos de
dificuldade e de alegria, sua mais sequaz companheira. A lembrança
025 de sua esposa suscitou uma outra lembrança; lembrou do mês que
tinha se passado tão rápido, do livro que não terminara de ler e o
motivo que o impediu de se concentrar em uma leitura ou ponderar
sobre seu futuro e o futuro de sua família; lembrou dos movimentos
lascivos do corpo de Lari, uma jovem de pouco mais de 20 anos com
qual vinha mantendo relação sexual que era mais como uma terapia
030 para aplacar seus ânimos do que prazer, pois nunca se sentira saciado
e sempre sentia culpa por ser o homem que era. Despontava uma
sensação muito estranha toda vez que fazia sexo com uma mulher que
não era sua esposa, com alguém que era para ele um estranho que
representava mais perigo do que segurança, pois nem mesmo tinha
035 certeza se Lari era seu nome verdadeiro; toda a vez que sentia a
respiração suave de uma jovem no ouvido, ele sentia culpa e
vergonha de ser o marido pérfido que realmente era, sentia-se um
pulha que não merecia a esposa que tinha e que certamente o amava.
O que ele não entendia era o porquê continuava transando com uma
040 mulher que não era sua esposa, que, mesmo sendo uma jovem bonita,
não saciava sua concupiscência e não o fazia sentir-se mais homem,
que representava perigo e que certamente ficava com ele por mero
interesse. Quando teve a impressão de que Tea vinha desconfiando
dele nas noites em que chegava tarde, quando lembrou dos olhares
045 dela para suas roupas e para os cabelos sempre umedecidos pelas
águas de um motel, ele tomou o que restava do whisky e chamou o
garçom que lhe servira; seu nome era Guilbert, o garçom mais airoso

e que sempre vinha de encontro quando Ricardo entrava pelas portas do restaurante. Após pagar pela bebida, ele levantou-se da cadeira.

Minutos depois de cruzar pelas mesas do restaurante e subir dez degraus de uma escada que ficava próxima a um espaço reservado que eles denominavam de charutaria, onde velhos embriagados fumavam e gargalhavam sem motivo em meio fumaça de charutos, ele estava no banheiro, olhando para o reflexo do seu rosto no espelho fixo na parede. Poucos segundos depois a porta do banheiro se abriu e um homem direcionou-lhe um olhar rápido da porta. Parecia estar apressado e em poucos segundos chegou ao mictório aos fundos e logo deu a descarga. Parecendo mais calmo, ele caminhou para a frente do espelho, onde ficava a pia. Sem olhar para o lado, ele ligeiramente lavou as mãos e caminhou na direção da porta.

Porém, os olhos de Ricardo, que o seguiam receosamente, não o encontraram do outro lado. O homem estava parado às suas costas. Quando os olhos de Ricardo esquivaram-se para o espelho à sua frente, uma voz branda sussurrou próximo ao seu ouvido:

—Fique calado, senhor Ricardo.

O homem não precisou pronunciar mais palavras. Ricardo logo sentiu o cano de uma arma encostado contra suas costas, os olhos espantados fixos no espelho onde mal se discernia a expressão do homem às suas costas.

—Fique muito calmo. Faça apenas o que eu *te* pedir. Ou... — o homem não completou a frase com palavras, simplesmente cutucou as costas de Ricardo com o cano da arma para que esse compreendesse o que estava acontecendo.

Na saída do restaurante, Ricardo percebeu em Guilbert um olhar suspicaz, esse certamente estranhando o fato de Ricardo estar saindo acompanhado por um estranho em uma noite em que jantara sozinho no Kep's Bar. Mas Ricardo não podia vacilar, pois tacitamente sentia que havia uma arma mirada na direção de seu corpo; mas mesmo tenso, ele conseguiu se despedir do jovem garçom com um sorriso e um leve aceno de mão.

Minutos depois de o manobrista estacionar o carro em frente à entrada do restaurante, Ricardo e o estranho entraram no carro que se afastou lentamente do Kep's Bar.

Os olhos dos investigadores e analistas do departamento

090 fitavam atentamente cada ação dos dois que estavam na sala, em
frente o vidro translúcido que os separavam, liberando a visão para
quem estava do lado de fora da sala. De um lado da mesa se
095 assentava o suspeito com hematomas no rosto abaixado— os dois
cortes profundos na testa e um no queixo tornavam as equimoses
purulentas no pescoço superficiais. Do outro lado estava o detetive
Alberto Cooper com os olhos arraigados na expressão do suspeito
parcialmente encoberta pelos cabelos intonsos que caíam para frente.
Cheio de raiva e pressa, ele estava pronto para começar seu
100 interrogatório. Além da evidente aversão e da pressa, a tensão se
denotava nas mãos que se esfregavam asperamente uma na outra. Ele
sabia que não podia falhar, pois era o terceiro que estava tentando
arrancar do suspeito a confissão que dissiparia o assomo de incerteza
que envolvia a todos do departamento. Quando o momento chegou, o
detetive levou a mão na testa, resvalou-a para baixo para pressionar
levemente a ponta do nariz e respirou fundo, esmiuçando o suspeito
que esquivava o olhar para a mesa fosca respingada de sangue
coagulado e suor. Pegou o papel amassado que estava sobre a mesa e
105 começou a ler as palavras ali riscadas. Com ajuda dos pingos de
sangue da vítima, elas se tornavam quase ilegíveis, mas o detetive
conhecia muito bem alguns dos livros da Bíblia:

010 —"E, havendo aberto o quinto selo, vi debaixo do altar as
almas dos que foram mortos por amor da palavra de Deus e por amor
do testemunho que deram. Apocalipse 6,9", por que escreveu isso?—
indagou o detetive, esquadrinhando o suspeito com a cabeça
abaixada, que sem mover qualquer parte do corpo acorrentado,
respondeu, a voz meio que esbaforida e roufenha era sinal de esforço:

—Não sei do que está falando.

015 —Deixe-me resumir; os peritos em caligrafia já contestaram
que a letra é sua, suas digitais ficaram tanto na arma do crime que
ficou junto ao corpo sob a mesa como na borda da mesa do altar-mor;
testemunhas confirmaram que viram você próximo à igreja minutos
antes de encontrarem o cadáver do padre, afinal, tudo indica que você
020 o matou, isso é axiomático, por que não admite?

O misterioso suspeito levantou a cabeça balbuciando as
palavras no tom mais alto possível:

—"O Senhor disse; não julgueis para que não sejais julgados.
Mateus sete, versículo um".

025 Naquele momento, o detetive, enfurecido, regurgitando aversão

em sua respiração agitada, levantou-se num ímpeto, agarrando o suspeito pelos cabelos compridos e puxando-o com força para frente. O rosto do suspeito chocou-se tão fortemente contra a mesa que abriu os pontos do corte no queixo.

—Não coloque o nome de Deus em seus crimes, filho de uma puta!— bradou o detetive, já, momentaneamente, ciente que não seria ele a pessoa a arrancar do suspeito a confissão; Alberto reconhecia seu temperamento vesuviano e sabia que ele nunca ajudara e nunca ajudaria em sua profissão. Mas ele não podia mudar o que era de sua natureza.

Naquele átimo, como se estivesse à prontidão, o detetive chefe do departamento, Michael Seltzer, entrou rápido pela porta e se aproximou da mesa para separar à força o homem das mãos de Alberto.

—Olha aqui!— gritou ele, as mãos puxando a blusa do detetive como se quisesse despertá-lo da sanha que o dominava— Deixa isso pra lá, ele não *se* passa de um doente metido a santo, e está capturado.

Com os lábios trêmulos de raiva, sentindo as mãos de Seltzer puxando sua camisa, Alberto soltou lentamente as mãos dos cabelos do homem, que mesmo sangrando sorria olhando acusadoramente nos olhos do detetive, como se fosse Alberto o criminoso.

—Temos um problema mais importante pra resolver.— continuou Seltzer, depois de alguns segundos, acomodando o paletó nos ombros e caminhando em direção à porta— Venha comigo.

Assim que Alberto se retirou, outros agentes entraram na sala onde estava o suspeito.

O escritório do detetive chefe era uma sala ínfima e impessoal, com apenas uma mesa, duas cadeiras e um armário mediano que escondia parte de uma pequena e baixa janela. Sobre a mesa estavam várias fotos de corpos de pessoas que foram brutalmente assassinadas, e ao lado dessas fotografias havia amostras de munições de calibres diferentes junto às armas que foram apreendidas nos últimos dias.

Em uma das cadeiras, Alberto se via mais calmo, acomodando o boné que diminuía o brilho da testa ressumada.

—O que aconteceu?— perguntou ele— Conheço perfeitamente essa cara de expectativa.

Seltzer apanhou uma das fotografias que estava sobre a mesa e alcançou a Alberto.

065 —É o cadáver que encontramos no parque da 51.— afirmou o detetive, jogando a foto mal observada sobre a mesa. Ele já tivera estudado várias vezes a mesma fotografia e levado todos os indícios em consideração.

070 —Exato. Mas seria um inquérito insignificante para nós se fosse o cadáver de um indigente...

—E não é?— interrompeu Alberto— Já ficou pronto o resultado da necropsia?

075 —Calma! Deixe-me explicar. Apesar do rosto e corpo mutilado...— Seltzer fez uma pausa e olhou nos olhos inquisitivos de Alberto— você mesmo afirmou que ele parecia ser um pouco familiar, como se logo reconhecesse o rosto irreconhecível dele. E espantosamente é. E... — Seltzer fez uma última pausa para simplesmente aumentar a expectativa de Alberto— para concluir, você será o responsável pelo inquérito.

080 —Sim!— exclamou Cooper, impaciente, dando um leve tapa na mesa e inclinado-se no respaldo da cadeira— Mas de quem é o cadáver?

085 O interfone sibilou na mansão dos Meisingers. Para atendê-lo, o mordomo Rui levantou-se rápido da cadeira onde há horas estava sentado em prontidão às ordens de Clark ou de Tea, que ambos estavam sentados nos sofás da sala. Assim que o fâmulos desligou o aparelho, Tea logo perguntou quem estava em frente os portões na asfixiante expectativa de retorno de Ricardo.

090 —Não é exatamente quem estamos esperando, senhora.— respondeu o mordomo.

—Desembuche logo, quem está aí?— disse Clark, rispidamente. Sentado ao lado de sua mãe, ele tomava brandy em uma taça de cristal que foi colocada sobre a mesa de centro.

095 —São policiais, senhor.

Clark e Tea levantaram-se no exato momento em que o interfone tocou pela segunda vez.

—Deixe que eu receberei eles.— pediu Clark, caminhando na direção do mordomo.

100 Antes de ele se aproximar, Rui apertou um dos botões em um aparelho que havia na parede, ao lado do interfone, e os portões da mansão automaticamente se abriram.

—Vá para a cozinha, Rui, deve ser algum equívoco.— ordenou

Tea, sentando-se no sofá.

Depois de descer a escada até o hall de entrada e caminhar alguns metros, Clark abriu a porta dupla e viu em sua frente dois homens encarando-o com olhos investigativos. Um dos policiais avançou um passo com os olhos fixos no terno italiano retesado nos ombros de Clark.

—Boa noite, deve ser o senhor Clark Meisinger?

Clark afirmou com a cabeça.— Em que posso ajudar?

—Queremos conversar, podemos?— indagou o segundo policial, dando um passo para frente, sem se preocupar em disfarçar o olhar curioso para dentro da casa.

Clark não hesitou, abriu ainda mais a porta e com um dos braços estendidos cordialmente indicou a entrada. Sem cerimônias, os dois policiais entraram rápido e em poucos segundos sentavam-se nos sofás da sala, defronte à expressão esnobe de Tea Meisinger.

Clark se aproximou e sentou-se ao lado de sua mãe, dissimulando a preocupação.

—Eu sou o detetive Alberto Cooper e este é João Lopes.

—O que houve?— perguntou Tea, no início de um colapso de nervos latente.

—Seu marido, quanto tempo faz que ele está fora de casa?

—Como sabem que ele está fora de casa?— indagou ela, apressada; no átimo em que ouviu aquelas palavras ela sentiu que algo premeu seu coração. *Como os policiais sabiam que Ricardo estava fora de casa? E por que eles estavam ali?* Eram muitas as insinuações e elas pairavam sobre a mente de Tea.

—Somos investigadores, senhora.

Enquanto Alberto fazia perguntas, João Lopes observava minuciosamente cada respiro de Clark e do indiscreto mordomo, que escorado na divisória da sala com a cozinha disseminava olhares fugazes para o rosto dos detetives.

—Não somos de medir palavras, senhora Tea,— disse Alberto, olhando friamente nos olhos dela— um homem foi assassinado há poucos dias, suspeitamos que seja seu marido.

O silêncio tomou conta da sala. Tea sentiu algo apertar-lhe o coração e pespegar-lhe na cabeça, tão forte que deu a impressão de que tudo se apagou numa vertigem caliginosa de angústia. Logo as lágrimas acompanharam o silêncio e os olhos que as emanavam viam em sua frente dois rostos convictos, frígidos e sem compaixão. Mas

mesmo que existisse compaixão ou prudência, de nada adiantaria. Naquele momento Tea e Clark respiraram os primeiros ares de uma mordaz nostalgia que certamente iria abranger-se sobre eles por longos anos.

—Não temos certeza ainda, já pedimos uma segunda autópsia do cadáver que ficou irreconhecível.— acrescentou João Lopes, rompendo de forma inescrupulosa o silêncio numa baldada tentativa para amenizar a angústia dos dois que ocupavam o sofá à sua frente; sua intenção, na verdade, era simular uma certa imprecisão que aplacasse os nervos dos dois, mas essa tentativa fora completamente contraproducente.

—Como isso aconteceu?— indagou Clark, tentando permanecer calmo.

—Seja forte, senhor.— consolou o mordomo, aproximando-se de Clark e abraçando-o por trás dos ombros. Engraçado, naquele instante Clark correspondeu seu empregado da mesma forma, como um animal ingênuo e vulnerável precisando de ajuda.

—Como pôde, Rui? Meu pai, me diga, como isso pôde acontecer?

Petrificada, Tea deixava que as lágrimas molhassem sua face esmaecida, e em sua mão o cigarro expelia fumaças fétidas que subiam ondulante em frente seu rosto.

—O que podemos fazer é prometer que iremos tentar capturar o autor do crime.— disse Alberto, levantando-se para sair.

—O que fizeram com ele?— ciciou Tea, finalmente, com um olhar embevecido para frente.

—Acredito que seria melhor procurarem auxílio psicológico antes de ter conhecimento pormenorizado sobre o crime.— inferiu o detetive, antes de se afastar.

Simultaneamente com o ruído da sola dos sapatos dos policiais chocando-se contra os degraus da escada a cada passo, o telefone tocou e o fâmulos, com lágrimas nos olhos, correu para atendê-lo.

—Quem?— perguntou, limpando uma lágrima que caíra sobre o auscultador— O que vocês querem?— após ouvir uma resposta concisa, ele concluiu— Seria bom se fizessem isso, eles irão precisar.

—Quem era?— indagou Clark. Sentada ao seu lado, Tea nem dava-se por conta que pressionava a caixa de cigarros. Todo o pressentimento que a deturbara nos últimos trinta dias se convertera inopinadamente em realidade.

—Da Meisinger.— respondeu Rui— Eles já estão sabendo do acontecido e estão mandando psicólogas *pra cá*.

Meia hora depois duas psicólogas entraram pelas portas da mansão dos Meisingers.

"Quando se olha ao redor e consegue-se ver apenas lágrimas, quando dá impressão que o próprio espírito abandonou seu corpo, nesse momento você se torna nada mais que um miserável cadáver ambulante. Quando todos tentam sorrir disfarçadamente para que o clima de tristeza, angústia e abandono se dissipe, e quando você olha para o "centro" de tudo aquilo e não se conforma em estar ali, a lágrima cai.... Nesse momento você não consegue parar para pensar, tipo, não pensa em andar três passos para lá e voltar três passos para cá. Não relembra de momentos felizes, afinal, nem sobra espaço dentro de si para lembrar. Nesse momento, um segundo se transforma em um minuto, e aquela manhã, e aquela tarde, e também aquela noite, juntas se transformarão no dia mais árduo e deprimente de toda sua vida. Porque ninguém consegue superar uma perda, simplesmente habituamos-nos a ela e nos tornamos pessoas diferentes. Surge, então, a maturidade que todos querem, mas depois que a conquistam começam a sentir inveja da pueril felicidade das crianças, únicos pequenos seres que veem a vida como um simples parque de diversões."

Essas palavras epilogram declaradamente o que Tea e Clark sentiram ao entrar na igreja e ver sobre o altar-mor o esquife coberto, e dentro dele o corpo de Ricardo. Minutos depois o padre entrou pela porta de acesso à sacristia e com um microfone nas mãos ele começou a missa. O réquiem sincero e incisivo fez com que todos os olhos escondidos pelos óculos escuros chorassem.

—Requiem aeternam dona eis.— disse o padre, de pé em frente o reluzente ataúde de madeira escurecido por verniz— A vida não se resume apenas em trabalho e capitalismo. Quantos que estão aqui que não dependem de todo o dinheiro que há em suas contas bancárias? Quantos daqui que têm um diferente apartamento para cada dia do ano? E quantos que se transformaram em inimigos pelo capitalismo? Ambição não é pecado, mas a emulação, a prepotência, a arrogância e a avareza juntas são responsáveis por um dos piores resultados; uma pessoa fraca e má, um narcisista cegado pela empáfia. Ricardo Meisinger foi pela vida toda um homem dedicado ao ofício que lhe

correspondia, batalhou para fazer de sua família o que ela é hoje e todos que conheceram Ricardo confirmam que era um homem bom, de uma proba personalidade e era, como ainda é, digno de toda nossa admiração e respeito. Não era arrogante, era apenas um intrépido empresário, um atencioso pai e um fiel marido que partiu para uma viagem de descanso.— ao ouvir essas palavras, as lágrimas de Tea aumentaram num profundo soluçar de tristeza— Ricardo Meisinger, sentiremos sua falta, e seu filho, Clark Meisinger, tem algumas palavras para desejar-lhe boa viagem.— concluiu o padre, ajustando o microfone no suporte.

Com passos morosos, Clark subiu os degraus da abside e se aproximou da mesa sobre o altar. Retirou os óculos escuros de sua face esmaecida e aproximou os lábios trêmulos ao microfone:

—“Bondoso, atencioso e amante de seu trabalho.”, este foi o epíteto primordial da vida de Ricardo Meisinger, seguido de vários outros epítetos elogiosos. Alguns se transformaram em lemas fundamentais em minha vida e que carregarei para sempre em minha memória. “O *confortismo* é a jaula que nos impede de sermos sábios”, ele falou-me essas palavras e eu vi em sua face o arrependimento pelo conforto demasiado que me proporcionou. Se foi deixando um filho ingênuo e dependente de seus conselhos, e por essa e outras circunstâncias irei chorar amargamente sua ausência. Seja no café da manhã, no almoço ou no jantar, sua cadeira sempre estará ali, como se o senhor também estivesse. O senhor se foi, mas no coração de quem o ama, você nunca partiu para essa viagem.— cada palavra que pela boca dele emergia era em tom emotivo e melancólico, sempre olhando nos olhos de Tea, que chorava incessantemente suas lágrimas nostálgicas— Pai, marido, empresário..., Ricardo Meisinger, amamos o senhor e sentiremos profundamente sua ausência.

A brisa entrava suavemente pelas grandes portas da igreja. As folhas secas, que uniam-se às poucas pétalas de rosas brancas sobre o vasto corredor azulado, logo foram pisoteadas por Tea, Clark, amigos e sócios de Ricardo, todos saindo daquele palco de tristeza, de desgosto e de *encenação*.

Minutos se passaram lentamente, os automóveis foram estacionados em frente o cemitério parque no exato momento em que uma brisa soprou, derrubando folhas secas de arbustos e árvores, que dobavam tristemente no ar antes de tocar do solo. Olhos ocultados pelos óculos, que também escondiam as esporádicas lágrimas,

260 enxergavam a sacal tristeza e acreditavam que ela era real em tudo e
em todos; pobres atores equivocados acreditando que apenas eles
estavam encenando. Os passos que acompanhavam o corpo até a
sepultura eram cautelosos, certos entre os canteiros verdejantes, e
265 tudo se findou depois que as cordas foram soltas e o corpo de Ricardo
desceu. A terra molhada caiu sobre a tampa do féretro, e em meio os
pingos de chuva, algumas lágrimas, poucas lágrimas. Trinta minutos
depois, ficou apenas o nome Ricardo Meisinger lapidado em uma
chapa de concreto sobre sua sepultura, que aos poucos se cobria pela
sombra dos ciprestes mais próximos, e nem mais um automóvel se
270 via em frente o cemitério, a total e definitiva solidão dos humanos.

A morte de Ricardo fez com que a Meisinger fechasse suas
portas por dois lastimosos dias. O luto então tomou conta. Um
cenário lânguido abrangeu-se por toda a empresa e a casa dos
275 Meisingers. Ricardo sempre fora um empresário sério e relutante,
tanto em sua vida profissional quanto em sua vida pessoal; mas
intrínseco em sua personalidade residia a honestidade, a prudência e a
sensatez, talvez por isso o confundissem entre um empresário déspota
e um estável e formal homem ajuizado. Ele tinha o poder opcional de
280 poder reger discricionariamente a Meisinger, mas optou em continuar
com os antigos sócios da empresa após a morte de seu pai, imputando
a cada um deles a administração de respectivos setores, e essa foi a
única causa pela qual os acionistas se consternaram com a morte de
Ricardo. Porém, não só a consternação mexeram com o ânimo deles,
285 junto a ela chegou um medo— a empresa provavelmente teria uma
nova regência.

Os boatos relacionados à morte do proeminente dono da
Meisinger soaram rápido. Jornais, revistas e telejornais opressores
noticiaram a morte de um dos mais preponderantes empresários do
290 país. A imprensa tentava por sua vez aprazar entrevistas com Tea e
Clark, afinal, perguntas sem respostas se tornaram manchetes diárias;
*Como um empresário tão preponderante fora assassinado com tanta
crueldade, tanto que até mesmo o cadáver não pode ser visto e
fotografado? Quem poderia lucrar com a morte de Ricardo*
295 *Meisinger?...* Foram os dois dias mais torturantes e exaustivos para
Tea e Clark. Amigos da família, parentes, empresários e a imprensa
estavam literalmente vinte e quatro horas por dia pressionando-os
com perguntas diretas e indiretas; *Ricardo tinha algum inimigo?*

300 *Como um homem sem qualquer intriga pôde ser assassinado de tal forma? Qual foi a verdadeira causa da morte de Ricardo? Tiros? Punhaladas?* Toda essa opressão fez com que Clark gritasse “cheça!” e expulsasse todos da casa, ficando apenas ele, sua mãe, o sequaz fãmulu e a tímida aia, uma garota ruiva de cabelos encaracolados, idênticos aos de Tea, e que era útil apenas para cozinhar e fazer a faxina da casa. Ela parecia tão retraída que nem mesmo o mordomo Rui mantinha muitos vínculos; mesmo residindo na mansão, ela optava em se retrair, dando a impressão de que sempre estava com medo ou desconfiada de alguém ou de alguma coisa.

305 —O que faremos, mãe?— perguntou Clark, dois dias depois do enterro de Ricardo.

310 —Continuar, filho, a vida continua.— respondeu Tea, as pálpebras túmidas sobre os olhos vermelhos.

315 —Olha estes traços escuros no centro, pontiagudos. De certa forma, violentos. Isso mostra o rancor do artista. E nas bordas apenas cores vivas, cores mansas. Juntas elas revelam toda a sensibilidade e ao mesmo tempo toda a iracúndia do artista em uma única obra, impressionante.

320 —Pense desta forma; ao pintar o quadro o pintor poderia estar encenando uma sensibilidade. Estas cores talvez não demonstrem o sentimento real dele, apenas um sentimento teatral, falso, que quer que os espectadores imaginem sobre ele ao verem a pintura.

325 —Talvez, mas nesse caso, imagine; ele talvez sonhasse em ser alguém diferente, ter uma outra personalidade, e decidiu mostrar seu sonho em uma pintura intrincada para que apenas os mais inteligentes *decodifiquem* seu sonho. Os pintores são sempre muito orgulhosos.

—Qual, desta forma, seria sua conclusão sobre esta hipótese de vínculos entre sentimentos, personalidade e cores?

330 —Traços escuros seria a dificuldade pela qual estaria passando, as cores vivas ao redor é a beleza que circunda os problemas. Ele quer mostrar no quadro que nem o lado obscuro da vida pode apagar a beleza, a luz que a completa.— inferiu Edward, abraçando Júlia em frente um dos grandes panoramas do museu da cidade.

335 Era um domingo brando, tão calmo que as árvores pareciam petrificadas ao lado das ruas e em meios as praças. Havia poucas pessoas nas ruas e apesar de ser inverno de 1981 o dia estava tórrido, um clima urente que sobreveio logo após a chuva forte que varreu

340 toda a cidade e logo foi embora. Tudo não se combinava. Uma cidade
que normalmente era agitada, tumultuada pelo tráfico incessante de
veículos e pessoas, estava deserta em um dia quente em pleno
inverno, como se toda ela fosse uma maquete enorme e muito bem
345 construída. E tudo se tornaria ainda mais estranho se levasse em
conta o fato de que e os habitantes daquela cidade, que dava a
impressão de que se escondiam dentro de suas casas e apartamentos,
não agregavam em sua frívola cultura a apreciação a belos clubes ou
balneários, sendo que o litoral mais próximo estava a mais de 400
quilômetros. *Onde estava todo mundo?* Todo aquele cenário
esdrúxulo fez com que Edward falasse, acariciando os cabelos de
Júlia:

350 —O lugar mais exótico é menos exótico que nosso lugar
mostrando sua estranheza, não concorda?

—Nós estamos no deserto da Flórida?— ironizou Júlia.

—Não sei, mas podemos perguntar isso a alguém no buffet de
sorvetes.

355 Após saírem do museu e atravessarem a praça central da
cidade, eles entraram em uma sorveteria que havia naquela ampla e
quase deserta rua. Havia apenas dois garçons ali e enquanto um
servia o pedido de Júlia o outro ligava uma tevê apensa à parede,
atrás do balcão onde antes estavam sentados, desanimados à espera
360 de algum cliente.

—Às vezes me causa calafrios pensar que você trabalha na
empresa em que seu único rival irá presidir.— disse Júlia, minutos
depois, engolindo pequenos flocos de chocolate em meio o sorvete.

365 Machista, Edward ignorou o comentário com alguns segundos
de silêncio, mas aderiu ao assunto:

—Depois que aconteceu ficou tudo tão suspeito, começando
pela forma como Ricardo foi assassinado e unindo-se ao fato de que
Clark será o presidente da Meisinger. Não sei não, mas pra mim
Clark se enquadraria perfeitamente como principal suspeito na morte
370 de Ricardo.

Júlia esbugalhou os olhos perplexa e exclamou após tirar a
colher da boca gelada:— Concordo e acredito que se ele odeia tanto
você, deve tomar muito cuidado e atenção, Ed.

375 —Atenção eu concordo,— completou ele, revelando pela
segunda vez seu lado machista— mas ele não faria mal algum a mim.
O máximo que ele pode fazer é tentar ultrajar meu nome para provar

sua superioridade. Ah! Lembrei de uma coisa. Você viu aquele dia na igreja? Suas lágrimas pareciam tão encenadas....

—Como o quadro.— comentou Júlia, antes que Edward concluísse seu comentário.

—Sim, os traços escuros.

Os dois dias que a Meisinger parou em luto se passaram rápido. As cartas atrimarginadas entregues aos funcionários da empresa já estavam no lixo. Depois disso, ela novamente abriu as portas e as máquinas voltaram a funcionar, acompanhando o incontrolável aumento nas vendas e gerando mais lucros para a empresa, que depois de adotar o GrabowSky como novo produto, chegou ao seu ápice lucrativo; não demorou nem dois meses para que ela atingisse seu maior e mais invejável índice de vendas, e com isso um alarmante número de novas contratações.

—Como?! Está mencionando que o quadro de operários deve aumentar? Esse argumento é totalmente insensato e contingente.— revidou Edward, no telefone, que literalmente brigava com Paulo Voigh sobre a questão de novas contratações anexadas ao eventual número de vendas.

—Tem razão, de certa forma não podemos arriscar.— concluiu ele, que acabou condescendendo com a ordem de seu chefe, e em seguida desligou o telefone que minutos depois trepidou novamente sobre a mesa.

—Edward.— disse solenemente— Tudo bem, estarei ai.— concluiu após ouvir breve um chamado.

Após colocar o auscultador no gancho, ele novamente retirou, discando o ramal de sua secretária. Segundos depois, ela entrou embarafustadamente no escritório.

—Pois não, senhor, em que posso ajudá-lo?

—Tenho uma reunião com os acionistas e preciso que você ligue para a agência solicitando novas vagas. Mas antes disso eu preciso que você ligue para o gerente perguntando sobre o tempo de produção, horas trabalhadas e a quantidade de horas que está faltando. Coloque tudo em uma planilha e deixe uma segunda via sobre minha mesa. Se ele conjecturar que precisará de 400 horas diárias, por exemplo, diminua 30% no resultado para mandar a ordem para a agência. Não quero ninguém mandriando pelos corredores da empresa.

—Pode deixar, senhor.— disse ela, percebendo seu chefe deixar cair alguns papéis no carpete. Edward abaixou-se para apanhá-los, e quando se levantou, deparou-se com sua secretária em sua frente, parada como uma estátua sobre um pedestal de hesitação.

—É só isso, o que acha que está fazendo? Preciso deste trabalho pra ontem!

Ouvindo isso, a secretária saiu da sala às pressas, quase chocando-se contra a porta e deixando Edward sorrindo pelo tal gesto súbito e estabonado quando ela olhou rápido para trás e sorriu meio sem jeito.

Naquela mesma manhã, na sala do detetive Alberto Cooper.

—Estamos omitindo informações altamente perigosas da mídia. Esclarecedoras.

Desde que entrara no escritório, João Lopes se denotara agitado e cético em relação ao êxito do inquérito, e isso desconfortava também quem melhor o conhecia e sabia que ele não era um homem fraco e temeroso. O que Alberto Cooper se perguntava era o porquê João Lopes se mostrava tão aflito.

—Eu sei. Mas não temos provas suficientes e muito menos concretas que nos faça acreditar que será possível capturar o criminoso.— explicou Alberto, antes de rumar os olhos para cima da mesa onde havia o retrato falado de um possível suspeito.— Ter em mãos um retrato falado não quer dizer que está fácil prender o assassino. Enfim, o que temos é pouco e insuficiente.

O retrato falado sobre a mesa era de um possível suspeito extraído do depoimento de um garçom que trabalhava no Kep's Bar e que apresentou-se à policia logo que soube que o presidente da Meisinger fora assassinado, isso dias depois de Ricardo sair do restaurante sendo seguido por um estranho.

—Concordo, mas está insuficiência nos coloca em um dilema; abrir o jogo, colocando na mesa todas as minúcias relacionadas ao crime, ou nos calarmos pelo medo de sermos cobrados.

Observando João segurar algumas fotos com as mãos trêmulas, Alberto tentou dissuadi-lo:

—O que posso garantir é que o fato de sermos cobrados pela família e pela imprensa nos deixará mentalmente enredados. Às vezes a mídia pode ajudar a armar um cerco, mas outras vezes, como nesse caso, ela pode pôr tudo a perder. E você conhece muito bem a

455 premeira da mídia e os embaraços que ela cria. Eu não quero comprometer minha reputação.

—Eu não quero comprometer minha vida.— afirmou João, revelando um temor que Alberto desconhecia— Ele sabe que temos mais do que fotos em mãos. Provavelmente, ele decidiu isso. Ele nos conhece. E quanto a nós? Temos que usar da mídia como escudo.

460 Naquela ocasião, Michael Seltzer, o chefe do departamento, entrou pela porta e jogou sobre a mesa algumas cópias de fotografias em preto e branco que tivera analisado várias vezes.

—Totalmente hilário, não o capturam se não quiserem. Ele mostra em sua arte sua personalidade. Faltou pouco para que escrevesse o próprio nome na pança de Ricardo.

465 Após afirmar em voz alta, num tom de cepticismo e humilhação, Seltzer saiu batendo a porta sem dar qualquer chance de defesa verbal aos detetives. Mas no fundo, Alberto sabia que o crítico argumento de Seltzer tinha um fundamento, pois, ao ponto de vista de Michael, o mais difícil no caso Alberto tinha desvendado com muita facilidade— soube que Ricardo estivera no restaurante Kep's Bar horas antes de ser assassinado e tinha, segundo o testemunho do garçom Guilbert Rizzoli, o retrato falado de um homem que entrou no restaurante e poucos minutos depois saiu com Ricardo e que supostamente seria o assassino.

470 Inconformado com as palavras do chefe do departamento, João Lopes levantou-se da cadeira após pespegar um tapa contra a mesa.

—Escutou?! Ele acredita que isso é fácil como caçar coelhos!

480 —E você ainda quer difundir para a imprensa e para todos os fatos e provas sobre o inquérito. Pra que maior pressão que esta?— explicou Alberto, inclinando as costas na poltrona. Após colocar os pés sobre a mesa, ele continuou— Você ao menos olhou com atenção as fotos?— João suspirou, tentando manter-se calmo, e em seguida lançou um olhar inquisitivo aos olhos de Alberto, que entendeu claramente seu pedido silencioso e prosseguiu:— Os olhos, mamilos e testículos foram extirpados. Aposto que não percebeu isso.— ironizou o detetive, antes de dar continuidade à explanação do crime — Os punhos marcados pelas *amarraduras* contestam que estava vivo enquanto estava sendo torturado. O que é mais que evidente. As partes do couro cabeludo foram arrancadas e seu rosto foi estraçalhado pelo mesmo punhal que certamente foi usado para riscar a barriga. Tudo corrobora sua personalidade psicótica, e segundo a

495 psicologia, doentes mentais, lunáticos, deixam, querendo ou não,
marcas familiares em tudo que criam ou cometem. Ele é agora o que
no futuro se chamará serial killer. Porém, a marca arredondada na
barriga de Ricardo é prova de que era esperto e centrado, pois usando
500 uma arma ele obrigou Ricardo a sair do restaurante sem que ninguém
percebesse. Nessa parte nós temos que concordar com Seltzer, o
assassino realmente deixou todas as pistas no cadáver, porém, o mais
difícil é decifrá-las. E disso a pergunta que me aflige; o símbolo que
ele riscou na barriga de Ricardo é parte de um jogo ou é um símbolo
505 significativa para ele?— a concepção de Alberto para com o fato, pela
primeira vez narrada, fez João sentar-se novamente na cadeira—
Resumindo;— prosseguiu Alberto, mudando de assunto, como se
decidisse revelar um segredo, algo tão implexo e aviltante que
necessitasse de um preâmbulo para que não surpreendesse João
Lopes— Ricardo sai para uma viagem deixando seu filho novato em
seu emprego. Dias antes de sua morte a Meisinger divulga um novo
510 produto no mercado, pelo que sei, tudo pela ordem de Clark. Mas o
fato que mais me chama a atenção não é o fato de Clark assumir o
maior poder sobre a empresa com a morte de Ricardo, e sim ele ter
dentro dela um rival; Edward Radmim...

515 Alberto deu uma pausa, esperando que João fizesse a pergunta
que seria como um elo para que ele continuasse com sua narração.

—Como sabe disso?

—Lembra do tráfico de bebidas de 78?— ele pareceu ponderar
antes de fazer essa pergunta.

520 —Claro! O caso que intrigou a todos deixando perguntas e que
logo foi consumido.

—Esse mesmo. Eu fui o investigador responsável pelo
inquérito. Você também deve se lembrar da morte de um empresário
chamado Murilo dos Santos Cavalhais?— João aquiesceu com um
gesto de cabeça— No início era apenas uma suposição, mas fui atrás
525 e acabei concretizando minha suposição. Murilo realmente estava
anexado à máfia de importações de bebidas europeias.

—Mas como ninguém ficou sabendo da verdade?— perguntou
João, alisando a rala barba no queixo.

Alberto estudou os olhos de João e falou, pausando as sílabas:

530 —Carlos Newman.— percebendo uma admiração ainda maior
em seu companheiro, ele continuou, o semblante visivelmente
decepcionado— A princípio eu também não acreditei que ele estava

ligado à máfia e...— deu uma nova pausa para um muxoxo e concluiu — sei lá! Sinto vergonha agora de ter omitido a verdade. Eu era muito novo, João, você entende.

Denotando vergonha em Alberto, vergonha de algo que quebraria o orgulho machista de qualquer detetive, João tentou romper o constrangimento perguntando:

—Mas o que isso pode ter a ver com a morte de Ricardo?

—Ai é que está! Murilo deixou uma esposa grávida de um menino e até hoje procuro saber o que vem acontecendo com ela, com quem vem mantendo contato e o que anda fazendo. Dias atrás eu encontrei ela com esse sujeito, Edward Radmim...

—E como sabe sobre a rixa entre ele e Clark?

—Pergunta como se não me conhecesse, sou um noctívago, João, sempre fui, gosto de andar nas noites anotando nomes e procurando possíveis nexos entre eles. Às vezes isso dá resultado. Mas quanto à rivalidade, isso é apenas uma suposição.

—Mas o que tem valor pra nós é o que é concreto e provável.

—Concordo, mas podemos pedir algumas intimações...

—Não, não podemos,— entremeou-se João, não percebendo que o argumento de Alberto era apenas para testar seus ânimos— temos que ir atrás das pessoas que iremos interrogar, evitando assim boatos sobre a investigação.

Alberto deu uma pausa na conversa, apurando-se sobre a poltrona para servir-se de café. Pareceu refletir enquanto o café caía dentro do caneco, e após uma conclusão, ele perguntou:

—Conhece os Wurmams?— João negou meneando a cabeça e com um curto sorriso— São donos de postos de combustíveis e de uma grande rede de hipermercados. O casal proprietário tem um filho chamado Roberto, um *vagabundinho* que se gaba em ser amigo de Clark. É ele quem irá confirmar minha suposição.

—Tá, mas ainda não consigo entender; no que isso nos ajudará no inquérito da morte de Ricardo?

—Ainda não sei como. Mas sinto que em alguma coisa isso nos ajudará. Sinto que pode haver umnexo forte entre um caso e outro. E se realmente houver, eu irei descobrir.

Quando o silêncio pôs fim ao assunto, João subiu os olhos para o rosto de Cooper:— E quanto ao carro de Ricardo? Nada ainda?

—Isso é mais um fato que me intriga, João. Já vasculhamos todas as imediações de onde encontramos o corpo e não há nem um

sinal do veículo. Na verdade não tenho nenhuma perspectiva de encontrá-lo.

Naquela tarde João ficou ciente de tudo o que Alberto sabia sobre Clark, Edward, Júlia e o tráfico de bebidas. Ouviu também nomes como Cleison Boyle e João Ribeiro e ficou impressionado com o fato do antigo chefe do departamento, Carlos Newman, estar anexado a tal máfia.

Era tarde daquele dia e os engravatados acionistas sentavam-se nas poltronas de um dos auditórios da empresa para aguardar a entrada de Clark em sua primeira reunião como novo presidente da Meisinger; um honorável cargo que herdou graças à ajuda do testamento e da contínua tradição da altiva família Meisinger de que os filhos sempre deveriam ser os sucessores após a morte dos pais, independente se fossem ou não meritórios ou responsáveis. Após longos minutos de espera, Clark entrou pela porta e os chiados dos cochichos se calaram. Acompanhado pela assistente, ele se aproximou-se da mesa. Altivo e às vezes insolente, ele apanhou a maleta das mãos dela, colocou-a sobre a mesa, abriu-a e sem antes ter olhado nos rostos ali presentes, ele começou:

—Boa tarde a todos, não é uma conferência, por isso terão que deixar arguições e alvitre para a próxima reunião. Não aprazei essa reunião antes porque não estava propenso, mas agora estou aqui para confirmar que irei sim assumir a presidência da Meisinger. Não renunciaria esse cargo apenas pelo fato de que ainda estou enlutado pela morte de meu pai. Além do mais, essa perda irá abranger-se sobre meu ânimo pelo resto da vida. Hoje é o dia de minha regência sobre esta empresa, lembrem sempre disso, pois cabe a cada um de vocês me ouvirem, condescenderem ou discreparem de mim se for o caso. Espero que os próximos dias desta empresa sejam lucrativos e que seja vantajosa para ela minha decisão de continuar com vocês aqui dentro. Bem, primeiramente era apenas isso. Obrigado.

Após a conclusão da rápida explicação de Clark, no exato momento em que todos iriam se levantar para a retirada do auditório, a mão de Paulo Voigh acenou em meio as cabeças grisalhas.

—Um momento.— disse— Peço, já que estamos todos reunidos, que continuemos sentados, tenho um assunto para agregar à reunião.

—Tudo bem.— disse Clark— Se não se importa, eu tenho

615 outros objetivos para cogitar sobre eles.— e se retirou, deixando para sua assistente o trabalho de fechar a maleta que deixara aberta sobre a mesa; sem propósito, sem nenhuma lógica, apenas para dar a ela o trabalho de fechar a valise, uma ação abjeta, pueril, que ele acreditava ser a visibilidade de sua autoridade. Segundos depois a porta se fechou para Clark e sua assistente.

520 —Em primeiro lugar, boa tarde.— recomeçou Paulo Voigh, ainda sentado em sua cadeira entremeio os diversos representantes da empresa— Quero apenas lembrar que o GrabowSky foi um sucesso. Todos optam pelo melhor e mais atualizado e por isso devemos ficar felizes. Mas jogamos milho aos pombos e agora devemos arcar com o peso de que eles estão chegando cada vez em maior número em nosso terreno. Com o aumento nas vendas, aumentará também a demanda de produção e por conseguinte o número de mão de obra...

525 Minutos depois, enquanto a reunião prosseguia seu rumo, na sala do presidente, Clark pronunciava suas últimas palavras no telefone:

530 —Lembra do Bueno Solo?— ouviu uma resposta positiva e terminou— Esteja lá às 22 horas.

535 Estava sendo uma noite chuvosa. Os limpadores de pará brisa permaneciam constantemente ativados em sua maior frequência, e mesmo assim a imagem da rua à frente continuava ondulante, como em um sonho; *mas não estava sendo um sonho*. O automóvel foi estacionado em frente o restaurante Bueno Solo pontualmente às 22 horas e Clark saiu correndo apressado. Entrou na lanchonete, tirou o casaco escuro molhado e entregou a um garçom pedindo que o guardasse. Mesmo tendo usado o casaco para proteger a cabeça da chuva, seu rosto estava esborrifado de água. Depois de enxugar o rosto com a manga da blusa, ele correu um olhar pelas mesas e avistou ao lado de uma mesa em um dos cantos, próxima a uma parede alta esverdeada pelas trepadeiras que buscavam o teto escuro, o homem que o aguardava. Ele usava um sobretudo preto quase tapando uma blusa vermelha e um chapéu acinzentado que ensombrava parcialmente seu vulto. Uma vasta barba cobria sua face, mas não dissimulava sua expressão suspicaz, como se ele estivesse com medo de estar sendo seguido. Sobre a mesa havia uma taça

550 cilíndrica com azeitonas e ao lado dela uma garrafa de Jhonny Walker *Blue*, um dos uísques mais caros do restaurante; certamente
555 teve de comprá-lo provando que tinha dinheiro suficiente para entrar no requintado Bueno Solo sem que fosse incomodado pelos garçons e
seguranças. Pouco receoso, Clark se aproximou até ficar de pé em frente o homem que lentamente levantou a cabeça, dando a perceber
seu rosto úmido e esquelético, como de um cadáver em um necrotério; *mas ali não era um necrotério e para a infelicidade de Clark aquele
homem não estava morto.*

560 —Meu pai sempre vinha aqui, seguirei o caminho dele.— disse Clark, puxando a cadeira para sentar-se, e continuou no mesmo tom
sarcástico e irônico— Sabia que sua seriedade consegue me convencer de que tudo que fez foi contra sua própria vontade....

565 —Eu não estou aqui para ouvir seus argumentos.— interrompeu o homem, com voz forte, quase estentórea— Quero o dinheiro!

—Tudo bem. Dê-me sua proposta, o lugar, quando e quanto.

—Você não trouxe nada?— perguntou o homem, o olhar infirmativo penetrado nos olhos de Clark.

570 —Nós sequer negociamos o valor, e pelo que parece deve ser um valor exorbitante?— acrescentou Clark, com um meio sorriso
condescendente que evidenciava o medo que o subjugava e que certamente o faria concordar com qualquer proposta.

575 O homem deu uma pausa, pegou inelegantemente o litro de bebida e tomou um gole. Colocou-o sobre a mesa e concluiu,
vesgueando um olhar para dois seguranças que o analisam próximos à porta:

580 —Tem razão, é um valor demasiado alto e é bom você cuidar desse dinheiro pra mim.— depois de alguns segundos estudando a
fisionomia de Clark, ele levantou-se pegando a bebida e continuou— Te ligarei, não tenho hora ou data, por isso esteja à prontidão em todo
o momento. Não sou escravo da pressa, como você, é claro, mas não se esqueça que cedo ou tarde irei procurá-lo para cobrar essa dívida.

A sinceridade em suas palavras unindo-se aos seus olhos duvidosos se tornava uma ameaça explícita, percebeu Clark.

585 —Mas...

—Sem "mas", este é o plano.— concluiu o homem, afastando-se da mesa para após sair da lanchonete, como se estivesse decidido em mudar de vida ou de personalidade fugindo da atual vida no

590 intuito de esquecer os pecados, e não demorou muito tempo para que ele desaparecesse em meio a chuva forte.

Mas como estava decidido em mudar de vida e personalidade se a cobrança ameaçadora fora tão franca, tão verdadeira? Para se poder mudar de vida é preciso olvidar o passado, realmente se tornar uma outra pessoa e não fingir uma mudança.

595 Na mesa, Clark ficou por minutos sozinho no temor de futuras consequências. Consequências que anos depois iriam surpreendê-lo, quando aquela noite e aquele homem já estiverem caídos no oblívio.

700 Passaram-se alguns dias. Fechou-se os portões da casa dos Wurmams e o carro de Roberto saiu cantando pneus. Minutos depois chegou ao seu destino buzinando, causando espalhafato em frente os portões da mansão dos Meisingers.

—Senhor, tem visitas.— anunciou o mordomo Rui, com o olhar atento pela janela.

705 —Eu o chamei, deixe-o entrar.— ordenou Clark, sentado numa poltrona circundada pela fumaça do charuto que fumava como seu novo vício.

Minutos depois Roberto entrou pela porta dos fundos.

710 —Irmão, como está?— disse ele ao avistar Clark ao longe, em meio a sala mal vislumbrada pelas lâmpadas mortíferas do lustre.

Clark não respondeu. Continuou tragando a fumaça do charuto e esperou até que Roberto se aproximasse para então se levantar e cumprimentá-lo.

715 —Você está bem?— indagou Roberto, estudando o rosto macilento de Clark, denotando angústia naqueles olhos tristes— Está tão diferente.

720 —Meu pai morreu, Roberto.— acrescentou Clark, pausando as palavras. Em sua expressão havia mais preocupação do que tristeza, mas Roberto não percebeu isso.— Mas não precisa se desculpar. Eu o chamei, não poderia pedir que chegasse aqui em prantos.— um sorriso forçado surgiu-lhe nos lábios.

—Devemos pedir perdão apenas a Deus e temer apenas a Ele, pois é apenas Ele que pode nos castigar pelos nossos pecados.— filosofou Roberto, num tom de brincadeira e descontração.

725 —Confesso que não conhecia esse seu perfil filosófico e ortodoxo. Diga-me Roberto; você acredita mesmo em *deus*?— quando Roberto pensou na resposta, Clark interrompeu seus

pensamentos— Mas antes de responder, siga-me.

730 Eles saíram da sala e entraram em um compartimento aos fundos da casa, ainda mais espaçoso do que a sala. Se aproximaram de três poltronas afastadas uma das outras que circundavam uma lareira cúbica feita de tijolos maciços que se encurtava à medida em que se elevava até se encontrar com uma simétrica chaminé de concreto bruto que subia paralelamente até findar centímetros acima
735 do telhado umedecido pela neblina da noite. Dentro da lareira haviam achas em brasas que, em conjunto, emanavam um ar tão cálido que poderia até mesmo asfixiar em um clima de 5 C°.

Depois de sentados, Clark recomeçou, cruzando as pernas:

—E então, responda-me?

740 —O quê?— indagou Roberto, perdidamente confuso.

—*Deus*, Roberto, você acredita que existe um *deus*?

—Ah! Claro, sou um católico praticante.

—Entendo,— continuou Clark, com a mão segurando o queixo
— você nasceu em uma família orgulhosa, foi educado pelos próprios
745 pais para que se formasse num autêntico Wurmam; estudou nas melhores escolas e cursou nas melhores universidades.— confuso, Roberto apenas observava seu amigo em seu versátil e estapafúrdio comentário. Sob a concepção de Roberto, Clark estava tão desorientado que se esqueceu dos dogmas que seu pai seguia, que ele era católico apenas pela leve influência de seus tios e padrinhos a quem ele tanto estimava— Durante toda a vida você foi cobrado pela família à devoção a uma religião. Não optando pelo desagrado e pela vergonha dos pais, você segue essa doutrina que até mesmo você acredita ser rígida e desnecessária. Acredita no *deus* que lhe foi apresentado, porém seu consciente não tem certeza se realmente *ele*
750 existe. Ninguém tem certeza quanto a isso e os que mais preconizam um *deus* são os que menos têm fé na existência *dele*. Eles alteram, confundem o medo da cruel realidade com fé, procuram auxílio de um *deus* que almejam existir para protegê-los dos flagelos que abrange e deturpa humanidade. Os que não sentem medo estão avezados ao sofrimento, aos flagícios, e os que sentem medo almejam uma salvação do outro mundo, porque nesse mundo de horrores e tensão não há motivo para crer em nenhuma salvação. Tudo é apenas medo, toda a fé, toda a devoção e fanatismo é simplesmente temor. Sabe o que eu vejo nessa sociedade, Roberto? Copiadores de
755 pensamentos, de ideias, de tradições, de doutrinas, enfim, de tudo.

770 Por exemplo; os romanos copiaram a arte e a arquitetura dos gregos e
dos etruscos, isso em todos os âmbitos da cultura, e os americanos
seguem o arcaico direito criado pelos antigos italianos para poderem
775 controlar de forma hegemônica um mundo insubjugável, mas nem
mesmo toda a arbitrariedade é capaz de controlar esse mundo. Se
nem mesmo mandamentos bíblicos são usados, respeitados por
pessoas que seguem as doutrinas bíblicas, imagine regras criadas por
humanos não consagrados? Que poder autoritário teriam essas
780 regras? E sabe porque acontece isso? Porque poucos têm uma
concepção própria, não o bastante para pensar, tramar uma solução
para cada problema, e muitos seguem influências antigas e não
acompanham o desenvolvimento, esses se tornam relutantes à moda
antiga. Dessa mesma forma criaram, inventaram um *deus*, afamaram
785 ele e todos, digo os que seguem influências, se emocionam ouvindo
uma contundente história de sacrifício de um tolo em uma cruz. Mas
nada é evidente e nem mesmo provável, enfim, tudo é irrisório,
absolutamente ridículo. Afinal de contas, Roberto, você já ouviu falar
no Massacre de Tessalônica?— Roberto negou com um gesto
desinteressado de cabeça, lutando para manter a falsa afabilidade.—
Aconteceu no ano de 388, anos depois de o cristianismo ser
considerado a religião oficial do Império Romano. Mesmo o
cristianismo se tornando a única religião de Roma, ainda havia um
número significativo de pagãos que, sob a ordem do imperador
790 Teodósio I, intolerante à homossexualidade e à pederastia, eram
perseguidos pela polícia imperial. Seguindo essa lei, o general
Buterico encarcerou em Tessalônica, na Grécia antiga, um auriga, o
nome que eles davam a condutores de cavalos na época, e isso gerou
uma revolta onde o general acabou sendo morto. Ao saber sobre o
795 fato, o imperador ordenou um massacre contra o povo quando todos
estivessem reunidos para o circo, o dito anfiteatro onde as pessoas se
reuniam para jogos públicos e diversão, onde muitos não-cristãos
acabaram injustamente sendo mortos. E sabe o porquê estou falando
isso, Roberto, dando esse exemplo? Porque quero pôr base em minha
800 crença de que com a fortificação do cristianismo nesses dias, esse
episódio pode ter sua reprise, porém, numa proporção
incalculavelmente maior. Acredito que não serão os cristãos que
serão perseguidos e sim os não-cristãos, que são a minoria e se
escondem em meio os cristãos.

805 *Clark está louco*, pensou Roberto, quando seu amigo, ao

terminar de pronunciar essas palavras, dirigiu-lhe um sorriso melancólico. Mas aos olhos de Clark, Roberto absorvia cada uma de suas palavras, e, depois do sorriso, ele prosseguiu cheio de entusiasmo e incredulidade:

810 —Por isso admiro Nietzsche, Roberto. É um dos poucos homens que abriram os olhos para o mundo como realmente ele é. Não deu ouvidos à doutrinas e à dogmas comuns e ilógicos, a esses ecletismos incoexos. Seguiu sua própria concepção e instinto. Há uma de suas frases que diz que para se ler o Novo Testamento é preciso usar luvas, pois diante tanta imundície, tal atitude é necessária. E não pense que era um cético que desacreditava de Deus. Simplesmente acreditava que ele estava morto.

815 Ouvindo as palavras sacrílegas de Clark, Roberto sorriu surpreso.

820 —Nietzsche era um louco niilista, Clark. Ele mesmo acreditava nisso e deixava claro em um de seus aforismos; se minhas loucuras tivessem explicação, não seriam loucuras. E você, um homem tão culto e inteligente, acredita em um louco.

825 Parecendo surpreso com a suave réplica de Roberto, Clark encheu o peito de ar.— Mas ele também enunciou que há sempre um pouco de razão na loucura.

Ao terminar com ar de vitória diante o silêncio de Roberto, Clark sorriu e inclinou as costas na poltrona, a imagem de um cético que acredita apenas que o mundo não tem mais salvação.

830 —Só me diz uma coisa, Clark, já que eu não posso dissuadir você de suas crenças, onde deseja chegar com essas palavras?

835 —Em minha conclusão; não existe nenhum *deus*.— respondeu Clark, sorrindo como um pérfido cristão voltando-se contra Deus.— E digo mais, eu nunca vou ler essa merda que as pessoas leem e que consideram tão sagrada.

840 —Me diz uma coisa, Clark, por que pensa desta maneira? Conheço você há anos e nunca te vi tão incrédulo.

—Talvez porque nunca fui sincero. Eu me isolei de todos, Roberto,— numa pausa, Clark expeliu fumaça do charuto pela boca — e cada vez mais afastado das pessoas mais acredito que estou certo.

Roberto pareceu ponderar por um momento enquanto olhava para as brasas. Após, olhou nos olhos mortícios de Clark e indicou com um pestanejo as brasas que crepitavam em meio a lareira.

345 —Vê? Elas só queimam em conjunto, afaste uma das demais e
verá, certamente ela se apagará. A naturalidade, Clark, é que todos
precisamos uns dos outros, talvez por isso somos todos influenciados.
E eu vejo você. Está apagado e está deixando ser influenciado por
ideologias errôneas que o afasta de outras pessoas.

350 Os olhos de Clark se umedeceram, mas lágrima nenhuma caiu,
por que não era tristeza que ele sentia, a tristeza que havia apenas aos
olhos ingênuos de Roberto.

—Sou seu amigo e sempre estarei ao seu lado.— disse
Roberto, consolativamente.

355 Clark formou um sorriso aquiescente que mentia a Roberto que
ele estava certo.

—É. Você está certo, acho que estou ficando louco.— disse
ele, sorrindo, meneado a cabeça como se estivesse despertando de
uma alucinação— Acho que preciso deixar de lado todos esses livros.
360 — ao terminar, Clark rumou os olhos para um armário ao longe onde
onde via-se vários livros, entre eles Humano, Demasiado Humano, A
Gaia Ciência e Assim Falou Zaratustra, todos de Nietzsche, os livros
que ele lera e relera inúmeras vezes.

365 Roberto sustentou um meio sorriso durante algum tempo,
acreditando na farisaica tristeza de seu amigo e pensando em como
isentá-lo dela.

—Ah! Lembrei de uma coisa, domingo a Orquestra de Madrid
vai estar do Teatro Clássico.— Roberto abria a carteira que acabara
de tirar do bolso da calça.— Peguei os dois últimos ingressos.

370 —Orquestra de Madrid? É impressionante como essa cidade
vem se auto desenvolvendo.

—E então, está marcado?

Roberto arqueou-se na poltrona para entregar os ingresso a
Clark.

375 —Claro.— Clark olhou empolgado para os papéis que caíram
suas mãos— Que dúvida.

380 Contudo o clima sorumbático ter dominado toda a mansão da
família Meisinger, o domingo se aproximou rápido, junto com a
pressa de Clark que exatamente às 21 horas desceu os degraus da
escada até chegar à sala onde sua mãe fumava seu consueto Camel
tragando com veemência cada fumaça por ele liberada. Com
elegância ao atar a gravata, ele se aproximou do telefone e discou

alguns números. Logo em seguida sua chamada foi atendida:

—Sou eu. Onde irá me esperar?

—Na galeria, em frente aquele Picasso que lembra a inexpugnável Mary, lembra?— respondeu Roberto; ele já dava a partida no carro na garagem abaixo da casa dos Wurmams.

—É claro que lembro.— respondeu Clark, com um sorriso sarcástico nos lábios— Estarei lá.

No sofá, em meio a sala escura e bem abaixo do lustre com todas as lâmpadas apagadas, Tea apagou o toco do cigarro no cinzeiro sempre regurgitante de cinzas e de bitucas de cigarros e correu um olhar insinuante pelas roupas de seu filho.

—Nossa! Meu querido filho *tá de fetiche* com alguma garota.

—Esse seu galicismo não é apropriado, mãe. Mas respeitando seu argumento, ainda não encontrei ninguém ao meu estilo.— replicou Clark, se aproximando de Tea enquanto ajustava a gola de um lustroso Armani azul-ferrete bem acomodado nos ombros— E estilo é poder, o que mais gera interesse nesse mundo, e como interesse não é sentimento...

—Tá. Mas posso ao menos saber aonde você vai?

—Vou com Roberto a um concerto. Agora espero que seja favorável.

—Favorável? A quê?— ela acendia outro cigarro e analisava Clark através da fumaça que subia.

—Ao meu ânimo. Preciso de um sustentáculo para mantê-lo em pé.

Clark despediu-se de sua mãe e andou em direção à porta. Antes de sair da sala, ele girou o corpo para fitar os olhos de Tea.

—Por sinal, a senhora também precisa de um alicerce.— sugeriu antes de sair, deixando Tea refletindo suas palavras na vaga solidão da mansão.

Após alguns minutos, quando ouviu o ronco do carro saindo da garagem, ela gritou o nome do mordomo e ele rapidamente se aproximou, como se surgisse magicamente do nada.

—Rui, me diga, durante todos seus anos nessa casa, quantas vezes jantamos juntos?

Sem abaixar o queixo formalmente empinado, Rui desceu os olhos para responder de forma solene:

—Eu apenas ocupo meu lugar e meu ofício, senhora.

—Tudo bem. Esqueça. Agora arrume a mesa para três e chame

a empregada para...

Rui tentou interromper:— Mas... — mas foi sem sucesso.

025 —Sem *mas*! É apenas um pedido, mas pode ser uma ordem!—
retrucou Tea.

030 Pouco tempo depois os três conversavam desconcentradamente
ao redor da mesa, dando espaço às formalidade que durante anos
desengraçou aquela casa. Tea sentiu naquele jantar arrependimento
por toda a empáfia e insolência que durante anos deixou que
dominasse a mansão. Conheceu inúmeras qualidades inerentes em
035 pessoas humildes e conquistou dois novos amigos; um simpático
mordomo, um italiano antiquado que morava naquela casa antes
mesmo de ela ter se casado com Ricardo, e uma empregada tímida,
porém desfrutável, perfeita para ocupar a vaga de amiga para a
solitária Tea Meisinger; tudo isso sem mencionar as semelhanças
físicas que haviam entre elas; ambas eram ruivas, esguias e viciadas
em cigarros onde procuravam esquecer da solidão que as afetava.

040 Enquanto Tea jantava com seus dois subalternos, Roberto
aguardava a chegada de Clark em frente os traços paranóicos de
Pablo Ruiz y Picasso, onde traços de corpos humanos se
entrelaçavam desconcertadamente em frente um fundo azul e verde.
Acima do quadro as letras metálicas engastadas na parede formavam
045 uma frase famosa de Picasso; *a pintura não foi feita para enfeitar
paredes. A pintura é uma arma, é a defesa contra o inimigo.* No
momento em que estava viajando nas cores fascinantes de um dos
artífices do cubismo, uma mão acordou-o batendo no ombro.

—Vamos?!— disse Clark, sustentando um sorriso.

050 Roberto disfarçou a absorção e eles começaram a andar pelo
extenso corredor grêná cercado pelas paredes altas repletas de
grandes quadros. Havia também alguns monumentos ensombrando
partes da cerâmica vermelha e quase vitrificada, e na medida em que
se aproximavam da porta de entrada do auditório o número de
055 esculturas corpo humanas aumentavam. Algumas das esculturas
assemelhavam-se a manipações, ídolos africanos, pela cor preta
reluzente, e as demais se identificavam muito com as prístinas
estátuas gregas e romanas. Havia também esmeradas réplicas de
esculturas famosas, como a cabeça da deusa Athena, exposta no
060 Museu Arqueológico Nacional de Atenas, e do Davi de
Michelangelo, em Florença. Pessoas abastadas e educadas

065 caminhavam em direção ao auditório do teatro como um séquito de orgulhosos atrás de um insano objetivo. Frases cochichadas admiravam discretamente os quadros e os monumentos. Passos certos e lentos produziam baixos estalidos no chão e no ar pairava o inebriante amálgama formado pelos perfumes importados que vinha de ternos de grifes das mais desejadas. Todo aquele clima glamouroso trouxe a Clark um ar de superioridade e ele sorriu ao seu amigo, que denotou a “tristeza” em seu rosto e sorriu modestamente. 070 Na mente de Roberto os *flashes* e globos luminosos de uma discoteca imaginária cintilavam rapidamente. Ali não era o seu mundo, nem sequer fazia parte dele e ele sabia disso. Mas se considerando um verdadeiro amigo, Roberto teimava em estar ali, em um lugar que aos seus olhos era o lugar mais maçante do mundo.

075 Juntos eles se aproximaram de uma cortina alta que foi aberta pelos agentes do teatro para a entrada do público e subiram por uma rampa entapetada em direção à última fileira de poltronas. Em cada lado e ao centro do auditório havia uma dessas rampas que se ligavam por um longo corredor atrás da derradeira fileira de poltronas 080 douradas, onde em duas delas eles se sentaram para aguardar o prelúdio do espetáculo. Ao abrir as longas e prateadas cortinas em frente o proscênio, os baixos sussurros se calam. Todos avistaram sobre o palco o maestro em frente os mais de 150 instrumentistas; deu para perceber que ele sentiu-se como um deus de cabelos desgrenhados ao fechar os olhos e com os braços e punhos lentos dar a ordem aos primeiros sons; o prelúdio, ou ouverture, tocado por três jovens e aficionados violinista. Os primeiros sons se transformaram em nítidos acordes que se uniram dando origem a uma sinfonia sinuosa, um som tão mágico que vivificou os mais reservados sentidos dos espectadores. Alguns fechavam os olhos para ouvir, outros obstruíam suas respirações para evitar o mínimo de embaraço em sua concentração. Olhos fechados; olhares atentos acompanhando os gestos eloquentes do maestro; dedos dançando sobre as pernas; mãos cerradas... Daquele jeito o tempo passou rápido. As cortinas se fecharam e as luzes se acenderam, e, depois disso, deu-se para ouvir o respirar fundo dos espectadores, como se Deus devolvesse a vida a todos soprando *ar* em suas narinas.

095 Pela saída, diferente da entrada, não houve nem altas nem baixas palavras, apenas o barulho dos sapatos sobre o lustroso e reluzente corredor avermelhado. Na face das pessoas pensantes se 000

patenteava um curto sorriso, como de quem acabara de despertar de um sonho.

No estacionamento, Roberto perguntou, estranhando o olhar ensimesmado de Clark:

—Pra onde vai?

—*Pro* meu quarto, acabar de ouvir a sinfonia da Orquestra de Madrid.— Clark respondeu a pergunta como se ela viesse do além.

—Quê?!

Despertando do êxtase, Clark olhou para o rosto confuso de Roberto e explicou:— Um som tão acroamático é preciso *reescutar*, não é em vão que a vulgarizaram de "Filarmônica dos Sonhos".

—"Filarmônica dos Sonhos"?— Roberto crespou ainda mais as sobrancelhas.

—É assim que é chamada a famosa Orquestra de Madrid.— explicou Clark, abrindo a porta do carro— Eu te ligo.— e concluiu fechando a porta e introduzindo a chave na ignição.

Eram quase doze horas daquela mesma noite quando o carro de Edward parou em frente a casa de Júlia.

—Não vai entrar?— perguntou ela, ainda dentro do automóvel.

—Não posso, amanhã é segunda, e se não bastasse a empresa terá novas contratações, e, com isso, mais trabalho.

Era uma evasiva, Júlia sabia, mas Edward era um homem modesto e ela decidira no início que sempre jogaria o jogo dele, refletiria seu comportamento. Sem questionar, ela abriu a porta e pisou na estrada orvalhada. Assim que ela desceu do carro, ele girou a chave e saiu, deixando-a parada em meio a rua observando o carro se afastar até desaparecer ao esgueirar na última esquina.

Edward estava certo, mas não foi apenas a segunda-feira como todo o resto da semana uma real azáfama na Meisinger; discussões e correrias tomaram conta do cenário. Mas todo o excesso de trabalho não só causa uma tremenda fadiga como faz com que o tempo passe rápido, e quando todos respiraram fundo pelo cansaço, concomitantemente sentiram-se aliviados por estarem no limiar de um outro final de semana. E foi só no final da sexta que Edward resolveu ligar para Júlia convidando-a para jantar. Pontualmente às 21 horas de sábado, a hora marcada, ele estacionou o carro em frente a casa dela. Da porta, Júlia sorriu ao vê-lo dentro do automóvel, e saiu após dar um beijo no rosto do pequeno Reginaldo, que ficou nos

040 braços afáveis de sua babá, a negra Maria. Sem sair do carro, o que habitualmente fazia, Edward puxou a *trava* para abrir a porta e Júlia entrou sorrindo.

—Vamos?— disse ele, girando a chave de partida.

045 Minutos depois chegaram ao mesmo restaurante de sempre e sentaram-se na mesma mesa que sempre iam como costume. Tomavam o mesmo espumante, que já se tornara um hábito, e trocavam olhares, que por sinal já não eram os mesmos olhares românticos de quando estavam no começo do relacionamento. Mas mesmo assim, com toda a modesta e um tanto dissimulada

050 sensualidade nos olhares e nas atitudes, todo o silêncio se torna constrangedor e Júlia inevitavelmente o rompeu:

—Conheço você quando está cansado, Ed, e você está exânime. Me diz o que aconteceu?

055 —Tem razão,— a resposta dele foi imediata, como se aguardasse dela uma pergunta desse gênero— existe um problema, mas não é qualquer tipo de cansaço, Júlia.— ele concluiu a resposta com uma colher em uma das mãos e na outra um garfo de ponta dupla.

—E qual é o problema, então?

060 —A diferença entre nós.

—Os opostos se atraem.— brincou ela, levando a taça de espumante à boca. A impressão era que ela soube pela resposta dele onde ele queria chegar, mas que não queria incitá-lo inquirindo qual era o problema.

065 —Se você me conhece tão perfeitamente como afirma, deve saber a que me refiro.

—Tudo bem, mas seja mais pragmático.— retaliou ela, tapando o último vestígio de contentamento que havia em sua expressão; finalmente a doblez, a insinceridade, fora sobrepujada pela franqueza.

070 —Você me fala em pragmatismo mas fica aplicando essas suas metáforas. Fala de forma alusiva ou dissimulada e ainda quer que eu seja direto.

075 —Não sou eu quem está com um garfo e uma colher nas mãos. Aliás, que comparação frívola é esta?

—Eu e você.— respondeu ele— Eu, inteiramente dentro das normas, e você...

—Eu o que? Estou fazendo alguma coisa de errado? Olha, bem

que deveria ter suspeitado daquela sua mudança na semana passada.

—Seu trabalho me deixa assim.

—Assim como? Parece que se esqueceu do lugar onde me conheceu!

A voz dela foi suficientemente alta para chamar a atenção de alguns olhares e colocar a prudência de Edward em prática. Ele se calou por alguns minutos, mas quando percebeu a tranquilidade ressurgir no rosto de Júlia, voltou a renitir no mesmo preconceituoso critério.

—Não é preconceito, mas concorde comigo quando digo que somos diferentes, temos personalidades diferentes e isso já basta. Não precisamos ter profissões desiguais.

—Eu continuo a mesma. Você mudou, se tornou influente, orgulhoso e ..., e tão mesquinho.

—Mas escuta; o que é mais congruente, eu me afastar da Meisinger ou você fechar a Ketchup?

Júlia encenou quase se afogar com o espumante que acabara de levar à boca.— Bingo!— exclamou ela— Seu objetivo finalmente chega ao fim. Mas pena que foi sem sucesso. O que você quer não vai acontecer. Não deixarei de ser quem sou apenas por seu capricho.

—Tudo bem, você deve saber o que deve fazer. Só quero que saiba que não quero ver minha mulher esbarrando em homens à procura de...

—Vagabunda!— interrompeu Júlia, de forma brusca, chamando a atenção de todas as pessoas que estavam nas mesas mais próximas— Você está me comparando com uma prostituta...

—Dá pra ficar calma, por favor?— ele pareceu arrepende-se naquele átimo pelo argumento, e constrangido colocou as mãos sobre os braços de Júlia sobre a mesa.

—Você é mesmo um ingênuo.— continuou ela, amenizando o tom de voz— Há meses que não vou até a Ketchup e você vem com este preconceito infantil. Realmente, Ed, hoje você se superou.

—Não se trata de preconceito, e sim de imagem.

—Pois quebre esse espelho com esse reflexo embaçado que tem sobre mim. Se meu passado faz você pensar assim, saiba que acabou, que é passado.

—Olha, não é ...— Edward tentou intervir uma última vez, mas novamente foi sem sorte.

—Sem “olha”, deixe-me terminar, se continuar com esse

assunto de diferenças eu deixarei você sozinho nessa mesa.

20 Por um tempo houve um silêncio, até que Júlia, ao perceber que a inconformação permanecia retratada no rosto e nos olhos abaixados dele, recomeçou:

—Estava pensando no quanto você é ingênuo, que não merece o que sinto por ti. Este seu sentimento de vergonha em relação à minha profissão me deprecia.— os olhos dela se umedeceram e antes que a lágrima caísse, ele aproximou-se e acariciou *tenramente* seu rosto maquilado.

—Me desculpe, tá bem? Eu sou um bobo, um...

—Preconceituoso.— ajudou ela, enxugando as pálpebras com um guardanapo.

30 —Isso, mas irei acabar com ele.— ele fitou os olhos dela— E obrigado por ser a única que me concerta, que corrige meus defeitos.

Edward terminou reconhecendo seu erro, mas sabendo que lá no fundo ele não concordava, não plenamente, e se aproximou dela para um abraço. Ela entendeu claramente e o desculpou com um pequeno sorriso.

35 Após aquela ocasião a conversa retomou em um outro rumo. Frases doces chegaram junto com os beijos úmidos e cada vez mais longos. Por fim, Edward chamou o garçom para pagar o jantar, e quando voltou os olhos para Júlia, ela falou, gesticulando uma sobrancelha:

—Eu sei o que você almeja.

—E pode me fornecer?— enquanto respondia a brincadeira, ele entregava o dinheiro ao garçom que estava em pé ao lado da mesa.

—Claro.

45 Edward sorriu e segundos depois saíram abraçados pela porta do restaurante.

50 Enquanto Edward e Júlia transformavam fantasias em realidade, em sua casa, seu rival fumava charuto sentado em frente à lareira e fitava com olhos absortos as brasas que crepitavam em meio as chamas. No mesmo momento em que o estalido de uma brasa fez levantar faíscas em meio a fumaça, ele sentiu Tea se aproximar por trás da poltrona. A expressão de cobrança que se fez em seu rosto anunciava que ele já esperava por ela ou por um ensejo.

55 —Roberto te ligou.— anunciou Tea— Está preocupado, disse que você não ligou mais.

—O que ele queria?— Clark perguntou sem ao menos olhar para trás.

160 Antes de responder, Tea se aproximou e com as mãos brandas começou massagear os ombros dele. Clark relaxou os músculos, os braços, e meneou a cabeça sentindo os nervos do pescoço se contraindo de tensão.

—Ele pediu o porquê que você não foi jantar com ele no Bueno Solo.

165 —E a senhora ainda não compreendeu o porquê?— perguntou ele, debilmente, numa voz tão suave que seduziu e empolgou Tea em sua massagem. Seduzida, ela aproximou seu rosto para sentir o indispensável aroma de creme nos cabelos de seu filho, e ali, bisbilhou com voz soprada:

170 —Às vezes você se torna insuportavelmente incompreensível, oculto. Tão misterioso.

—Sabe por que não fui ao Bueno Solo, mãe?— indagou ele, sustentando a mesma voz doce e inclinando-se um pouco para frente, quando de forma súbita, violenta e assustadora, olhou para trás e concluiu com voz cortante, os olhos fuzilantes fixos no rosto de Tea — Pra que a senhora não precise mais jantar com bonecos!

175 Assustada pela voz e pela expressão *truculenta* em seu filho, que a encarava raivosamente com olhos ruborizados, Tea girou lentamente o corpo, sentindo as pernas trêmulas, e se afastou para subir ao seu quarto sentindo que os olhos de Clark seguiam-na enquanto subia a escada.

180 Escorado no lambris de azulejos da cozinha, Rui, mesmo sem visão para a lareira ou até mesmo para a escada que levava aos quartos, ouvira a conversa e preocupado começou a esmordicar a ponta das unhas. *Bonecos?! Então era isso que ele significava para Clark.*

190 Sexta-feira; o dia em que muitos se arrependem, que decidem retomar por um outro caminho, que não querem mais acordar no sábado bêbados e caídos em meio as espurcícias; dia de pecados, de diversões, de descanso e de culto em inúmeras igrejas altruístas que acolhedoramente abrem suas portas para as pessoas que estão do lado de fora; até mesmo a mais humilde das igrejas abriu suas portas para uma noite de culto, bem em frente um bar onde prostitutas ignóbeis e bêbados dissolutos sorriam e vomitavam em meio a chuva. Enquanto

200 a paz e a segurança habitavam entre as pessoas e a grande estátua de Jesus Cristo em frente a mesa com a Bíblia aberta, o caótico mundo lá de fora continuava sua turbulenta rotina. Os gestos e as palavras do velho pastor arrancavam lágrimas dos fiéis que frequentavam aquela igreja— um templo humilde e sem raízes edificado por um teólogo que doutrinava que a cruz era o único e maior e mais significativo símbolo do mundo cristão, que fazia com que as pessoas relembrem do sofrimento do protomártir da humanidade e o reverenciem por isso. Enquanto o pastor palestrava, o chiado da chuva batendo na cobertura da igreja, junto à retumbância intermitente dos relâmpagos, se tornava um fundo musical para suas palavras.

210 —Aqui está a prova de que todos podem mudar.— palestrava o pastor— A vida que é composta por erros é concluída por tribulação ou sofrimento. O exemplo real disso está aqui mesmo, alguns de vocês erraram, eu sei, e estão contritos, e os demais temem cair em tentação, pois todos sabemos que temos fraquezas.— enquanto palestrava, o pastor andava pelo corredor marcado por pegadas calçados, até o momento em que percebeu um rosto diferente, macambúzio, próximo à porta de saída. Ele viu compunção no rosto do homem e então se aproximou— Vejam! O exemplo está aqui.— prosseguiu o pastor, colocando a mão sobre a cabeça do homem— Se toda sua vida foi um erro, peça perdão à Jesus Cristo.

215 Chorando, o homem se esforçou em gritar. Saiu apenas uma voz rouca e fraca, mas foi numa súplica tão veraz e emotiva que revelou seu absoluto arrependimento. Ainda com a mão posta sobre a cabeça do homem, o pastor concluiu sua prédica, ignorando o anélito nojento de bebida emanado pela boca salivosa do homem que estava postado em meio a porta da igreja:

225 —Acredite! Assim, acredite! Só acreditando Ele te salvará.

O fim de semana passou tão rápido como a chuva que o compôs. Em sua mansão, Clark se aproximava da mesa para tomar seu café, um café preparado acintosamente fortíssimo por sua mãe, que quando o viu malcriadamente cuspir sobre a mesa, rezingou sentada no sofá em meio a sala:

230 —“Rudeza na frente do espelho, o espelho reflete apenas rudeza.”.

O fato de Clark ter ficado sabendo que Tea vinha mantendo intimidade com os empregados enquanto ele estava fora de casa foi o

235 que provocou um grave clima de discordância entre eles, pois desde
quando era criança Clark cesurava vínculos afetivos de seus pais com
empregados pobres. Mas nunca fora contrariado, pois era um
Meisinger e a arrogância era normal entre eles; para alguns era algo
240 até admirável. Todos sabiam de que nada adiantaria relutar contra
isso, pois fluía no sangue de todos da família a empáfia que os
dominava, e Clark era apenas mais um descendente, e de todos o que
mais se parecia com um Meisinger.

245 Sem retaliar, Clark saiu, deixando a xícara de café cheia sobre
a mesa e sem entender patavina do anexim que sua mãe acabara de
enunciar.

Já na casa de Júlia, Edward se despediu com um ósculo
romântico na face dela, que ficou adormecida sobre a cama. Naquela
segunda-feira aconteceria a integração da última turma de novos
contratados, e, sabendo disso, Edward respirou fundo antes de sair
250 rumo à empresa.

O auditório estava cheio de futuros colaboradores e nas faces
oprimidas pela timidez se via apenas olhares tensos. O silêncio que
dominava o auditório, que parecia estar odorado pelo cheiro de loção
255 de barbear barato, foi rompido quando o trinco da porta girou e
Edward entrou na sala. Ele caminhou até a mesa que havia em frente
ao auditório e colocou sobre ela sua maleta. Abriu-a e procurou entre
tantos documentos algumas folhas, certamente com os cânones
essenciais da empresa. Retirou-as e colocou ao lado da valise. Com
260 certo charme, ele escorou-se na mesa e cruzou os braços em frente o
peito. Quando disse "bom dia", ouviu de resposta apenas um
murmúrio tíbio e prosseguiu:

—Sempre que faço isso eu lembro do meu primeiro dia nesta
empresa; caótico.— deu uma pausa para ouvir os timidamente baixos
265 risos antes de continuar tornando o tom de voz mais sério— Mas isso
porque acreditei que seria um caos. Vejo em vocês um certo
constrangimento imprestável que seria bom eliminá-lo. Vamos iniciar
uma terapia antitimidez. Já que pretendo conhecer a todos, por que
não começarmos agora? Começando por você,— naquelas palavras,
270 ele indigitou um dos novos contratados que estava em meio o
auditório— como se chama?

Naquele átimo a porta se abriu e por ela entrou Millene Reeves,
uma esbelta ruiva de aparentemente 30 anos que era a principal

275 responsável pelas contratações da Meisinger. Edward era apenas um
de uma legião de admiradores de Millene, e o fato de ficar
observando sôfrego ela se aproximar ondulante com suas pernas
contraídas pelo vestido plúmbeo, fez ele perder completamente a
atenção, não ouvindo a resposta do homem, que junto aos outros
280 observou Millene exuberar sensualidade pelo corredor enquanto
abarrota a sala com um perfume adocicado que logo sobrepujou o
cheiro de loção de barbear. Assim que ela colocou uma resma de
folhas xerocadas sobre a mesa, os olhos de Edward, que
acompanhavam seu quadril sinuoso, piscaram rápido e ele
prosseguiu:

285 —Bem, prazer, meu nome é Edward Radmim, vulgo Ed.—
brincou, visivelmente desconcertado— Sou o diretor geral dos setores
de fabricação desta empresa e tenho sumo orgulho em ser agregado a
essa autêntica família. Desejo que todos vocês futuramente sintam
esse mesmo orgulho. Alguém aqui conhece a história da Meisinger?
290 — a pergunta de Edward ficou sem qualquer resposta e ele
recomeçou, caminhando em meio o corredor— Bem, a Meisinger se
tornou pioneira em equipamentos tecnológicos graças à longa e
triumfante trajetória. Foi fundada em 1954, um ano não muito
favorável para empreendimentos, mas o fundador, Mário Meisinger,
295 avô do atual presidente da empresa, acreditou e destemido construiu o
primeiro armazém; um prédio simples e sem remate, contratou os
primeiros funcionários, precisamente eram nove, e até hoje seus
primeiros produtos fazem história, alguns dos mais antigos estão no
museu municipal representando parte da história da cidade. Hoje a
300 Meisinger fabrica apenas placas, processadores, computadores e
outros equipamentos tecnológicos. Mas nem sempre foi assim. O
nome Meisinger era sinetado em canetas, maletas escolares, afinal, na
maior parte de tudo que era e é relacionado à educação, e como é a
educação é o primórdio da tecnologia e da globalização de um país, a
305 empresa caminhou junto com elas rumo ao desenvolvimento. Em
outro dia vocês conhecerão as matrizes das primícias, dos primeiros
equipamentos fabricados pela empresa. Antiguidades que para a
Meisinger não há dinheiro no mundo que as compre. É uma história
de vitórias consecutivas numa guerra com várias outras empresas.
310 Relembrando; alguém aqui conhece o slogan da Meisinger?—
ninguém respondeu, apenas olhares tímidos observavam o
patriotismo do diretor que completou ao aproximar-se da mesa—

"Teclando passos tecnológicos rumo ao futuro."

315 Sabendo que aquelas eram as derradeiras palavras do diretor, Millene respirou fundo, como estivesse se preparando para seu trabalho. Cruzou os dedos de uma mão com os dedos da outra e espichou os braços para a frente, como uma pugilista se aquecendo no início de um round.

320 —Bem. Está foi minha apresentação.— continuou Edward, fechando sua maleta— Serei o diretor de todos vocês. Pedirei favores constantemente e quando precisarem dos meus, não hesitem. Agora vocês ficarão com Millene Reeves. Ela lhes dará as diretrizes na integração de cada um de vocês. Será ela quem irá encaminhá-los para seus respectivos setores e entregará a vocês os opúsculos com as normas e a política da empresa. Era apenas isso da minha parte, e se 325 alguém tem alguma dúvida, não se acanhe.

Nisso, o homem ao qual Edward tivera perguntado o nome levantou o braço dizendo:

330 —Senhor, foi um prazer conhecê-lo. Que está empresa seja o céu que eu procuro.

Edward achou um tanto engraçado o comentário e sorriu, olhando nos olhos cheios de esperança daquele homem.

335 —Que isso? O prazer é todo meu.— concluiu ele, antes de cruzar os olhos nas faces à sua frente, a dispor de mais algum comentário. Mas todos no auditório permaneceram calados e em seguida Edward saiu do auditório.

340 Era final de expediente de quarta-feira daquela mesma semana. Em sua sala, Clark aguardava uma ligação que depois de minutos de espera foi recebida.

—E então, está marcado?— indagou ele.

345 —Claro.— respondeu Roberto, de um outro telefone— Às 20 horas no Jones's Café.

350 Clark desligou o telefone e começou a organizar os documentos em sua maleta. Eram 18 horas e a lanchonete era afastada da Meisinger, o real motivo da pressa. Estava sendo uma tarde urente, um clima perfeito para libar uma vodca com gelo seguido de um colóquio banal, os 36° C que fez Clark aceitar o convite de Roberto para uma conversa de final de tarde, e o Jones's Café era realmente o local mais consentâneo; era um fastuoso e longínquo bar-café que em todas as tardes recebia grande parte da

355 elite da cidade para um happy hour tornado insípido pela falta de espontaneidade das pessoas, onde elas sentiam-se coarctadas pelas formalidades que os cercavam. Dificilmente pobres apareciam naquele lugar, pois era exageradamente afastado, e mesmo se isso acontecesse, antes de entrar esse seria barrado pelos seguranças que guarneciam as entradas da lanchonete disfarçados com librés de garçom que não disfarçavam suas expressões rebarbativas.

360 Uma hora depois Clark chegou ao estacionamento do Jones's Café e notou ali o carro de Roberto, que naquele momento o aguardava sentado ao lado de uma das mesas. Depois alguns minutos um garçom cordialmente puxou a outra cadeira para Clark.

—Faz muito tempo que está me esperando?— indagou ele.

365 —Não muito. E então, meditou muito sobre a sinfonia da Orquestra de Madrid?

Clark sorriu antes da resposta.— Só um pouco.

370 Com o passar dos minutos a conversa foi ficando mais interessante, estruturando-se com a ajuda dos assuntos pendentes. E seguiu-se dessa forma até o momento em que Clark não respondeu uma pergunta notando que a expressão de Roberto se contraiu enquanto esse olhava para longe, onde em uma mesa notou dois olhares espreitando-os por entre as folhas de uma palmeira. Desconfiado, Roberto se aproximou de Clark e sussurrou, percebendo em seguida que os dois homens ao longe simularam um olhar distraído para o lado:

375 —Tenho a impressão de que estamos sendo seguidos.

O comentário de Roberto fez Clark esquecer-se do assunto, de sua resposta já formulada.— Como?! Onde eles estão?

380 —Fique calmo.— pediu Roberto, crispando o cenho— Mas..., você não tem motivos para ser seguido, tem?— perguntou ele, percebendo a angústia aflorando intempestivamente nos olhos de Clark, que ao responder tentou disfarçar sua primeira reação com um sorriso rápido que saiu tenso:

—Não, por que? Posso saber o que você está pensando?

385 *Cuidado*, advertiu-se Roberto, sabendo que sua desconfiança fora perceptível para Clark.— Não. Não estou pensando nada.

Mas a verdade era que Roberto vinha desconfiando de Clark desde a morte de Rircado, o ponto de partida da mudança de Clark, quando esse se tornara o mais estranho e soturno dos homens.

390 —Mas fala como se estivesse me analisando.

—Não, não é isso. A questão é que eles não se parecem com ladrões, e se quisessem nos assaltar já teriam feito, Clark. Qualquer um teria a mesma reação.— explicou Roberto, disfarçando sua desconfiança usando de seu senso psicológico e seu conhecimento para com Clark e sua arrogância que tão facilmente conduzia ele à comparação com pessoas pobres.

—Roberto, meu amigo, este lugar não é um reduto de ladrões.

—Então podem ser detetives.— supôs Roberto, a curiosidade e a desconfiança deixando de lado seu senso psicológico.

Fechando de vez seu curto e dissimulante sorriso, Clark fez uma última pergunta:— Onde eles estão?

Roberto hesitou.

—Vamos, onde estão eles?

Quando, sem escolha, Roberto indicou a mesa com um pestanejo, Clark se levantou e com passos largos andou na direção dos dois homens os observavam. Eles estavam sentados em uma mesa próxima a uma porta, e ao notarem Clark se aproximar esquivando-se das mesas e das pessoas, levantaram-se às rápidas e saíram pela porta. Eram homens ágeis e não queriam ser identificados, obviamente, pois antes mesmo que Clark se aproximasse da mesa onde estavam, os dois já tinham desaparecido entre as pessoas que circulavam pela varanda espaçosa e luxuriosamente decorada com grandes vasos de ipecacuanhas. Na varanda havia também inúmeras esculturas marmóreas e pétreas de animais selvagens junto à base das colunas. Quando se aproximou de uma das colunas e apoiou-se em um leão de pedra com um olhar atento para fora da lanchonete, Clark percebeu um automóvel escuro se afastando rápido até sumir entre o calçamento cercado por pinheiros baixos de troncos quase ocultados pelos muros altos que ladeavam a estrada.

Vencido pelo tempo, ele finalmente respirou. Percebendo que estava sendo acompanhado de longe pelos olhos investigantes de Roberto, ele voltou para a mesa e sentou-se.

—Odeio ser seguido.— disse, tentando fundamentar o impulso — Quem você acha que são?

—Como devo saber?

Após uma pausa e uma análise recíproca das expressões, Clark sugeriu, levantando-se da cadeira:

—O que acha de irmos embora daqui?

430 —Como quiser.— anuiu Roberto em meio a desconfiança.

435 *O que Clark estava escondendo que se revelava apenas em impulsos retaliativos e estouvados? Com o que aqueles homens estavam desconfiados? Ou no que eles acreditavam?* Foram inúmeras as perguntas que deixaram Roberto pensativo, perguntas que só teriam respostas muitos anos depois.

440 A noite se aproximou calma; a música baixa nos auto-falantes dava audibilidade ao sopro suave do vento nos galhos das árvores e ao barulho quase inaudível do motor. O chio dos pneus sobre o asfalto cessou quando Roberto parou o carro em frente a mansão dos Wurmams. Oscitou e em seguida acionou pelo controle a abertura dos portões. Mas antes de calcar o pé no acelerador para adentrar o carro na mansão, um veículo escuro saiu do nada e entrou em sua frente, se colocando no espaço entre o carro de Roberto e os portões da casa.

445 Dois homens armados saíram do veículo e se aproximaram do carro, tudo em tão pouco tempo que não houve chance alguma de evitar com que um deles quebrasse o vidro da porta, colocasse uma arma no rosto de Roberto e ordenasse que saísse do carro. Apavorado, Roberto só teve noção do que estava acontecendo quando já estava dentro de um veículo que se afastava de seu carro estacionado em frente os portões que lentamente se abriam. Minutos depois o veículo parou em uma estrada deserta e o motorista tirou os óculos escuros e tão grandes que mascarava parte de seu rosto. O outro, ao lado de Roberto nas poltronas traseiras, retirou uma toca preta que cobria

450 toda a cabeça enquanto, com a outra mão, forçava uma arma contra o rosto de Roberto, que permanecia calado, mesmo estando estarecido. Após diminuir o volume do rádio, o motorista arqueou-se na poltrona para olhar para trás e falou ao buscar com os olhos os olhos vulpinos de Roberto, brilhantes em meio a opacidade do carro:

460 —Fique calmo, não é um sequestro.

—O que vocês querem?— a pergunta de Roberto saiu quase que involuntariamente.

465 —Informações.— respondeu o homem, acendendo um pequeno isqueiro metálico em frente o rosto— Sou Alberto Cooper e preciso de algumas informações, informações que só você pode me fornecer.

Ouvir o nome do homem naquelas circunstâncias foi quase como um cumprimento, o que deixou Roberto mais calmo. *Quem que*

470 *com um mal propósito se identificaria?* Sua percepção voltou e ele percebeu algumas fotografias sobre as pernas de Alberto e um distintivo metálico sobre o painel do carro, bem abaixo de um crucifixo que oscilava, fazendo brilhar seu reflexo tortuoso no lado de dentro do pára-brisa. Mas tudo se escureceu novamente quando Alberto jogou o isqueiro sobre o painel do carro.

475 —Sobre o que? Eu não sei de nada.

—Sobre os Meisingers.— completou João Lopes, segurando firme a arma em frente o rosto de Roberto.

480 —Eu pergunto e você responde, ao contrário voltará sem rosto pra casa!— ameaçou Cooper— O que sabe sobre a morte de Ricardo Meisinger?

As palavras de Alberto soaram mais como um anúncio do que uma ameaça. Roberto estremeceu e não respondeu a pergunta.

485 —Cara! Ninguém vai te machucar.— disse João Lopes, e concluiu forçando a arma contra o rosto de Roberto— Contanto que coopere conosco.

—A morte de Ricardo,— prosseguiu Alberto, após acender a lâmpada interna do carro— o que sabe?

490 —Que foi assassinado.— na resposta soprada dava-se para perceber que Roberto tentava esforçadamente manter o controle, o que excluía a possibilidade de a resposta dele ser ludibriante.

—Desta forma?— Alberto mostrou uma fotografia do cadáver estraçalhado de Ricardo e completou ao ver Roberto esquivar o rosto — Comovido?

495 —Diga tudo o que sabe sobre Clark, desde quando o conheceu. — incluiu João Lopes.

Roberto alternou um olhar no rosto dos dois homens, discernindo nada mais que a rígida curiosidade, e respirou fundo, recuperando a calma o suficiente para coadunar os pensamentos e convertê-los em palavras, com o pouco que deveria ser revelado.

500 —Tá. Eu o conheci na universidade. No início era um rapaz influente, parecia ser muito ambicioso.— Roberto piscou rápido antes de completar— Ele... ele nunca faria isto.

—Ninguém disse que foi ele, por que pensa assim? Desconfia dele?— pressionou Alberto.

505 —É o que todo mundo pensa, afinal, ele foi o único que lucrou com a morte de Ricardo e o único que tinha motivo para...

—Matá-lo.— completou João, sabendo que Roberto não

terminaria a frase.

—É.

510 —Que motivos?— continuou Alberto.

—Clark sempre foi ambicioso e Ricardo não confiava nele; não o suficiente para agregá-lo à empresa. Se dependesse de Ricardo, Clark nunca iria entrar na Meisinger. Pelo menos é no que todo mundo acredita.

515 Ouvindo isso, Alberto lançou um meio sorriso para seu parceiro.

—Mas acabou agregando-o.

520 —Sim, o que acho muito estranho. Mas deixo de achar estranho quando lembro que Ricardo tinha muito orgulho de sua família. É por esse orgulho que todos acreditam que ele nunca promoveria ninguém que não tivesse seu sobrenome, seu sangue.

Numa pausa, Alberto ponderou as palavras de Roberto, mas logo mudou de assunto:— Conhece Edward Radmim?

525 —Edward?— Roberto pareceu espantar-se com a pergunta, mas logo formou um sorriso debochado— Claro.

—Por que ele e Clark se odeiam?

—Bom, no início eles eram amigos, mas por uma simples discrepância de ideias se tornaram inimigos. Na universidade Clark difamou Edward nas turmas de estudantes e ...

530 Como se a resposta de Roberto já fosse o suficiente, Alberto interrompeu com outra pergunta:

—Júlia Cavalhais e Edward, o que sabe sobre eles?

—Que estão juntos. Agora dá pra tirar essa arma da minha cara?!

535 Ouvindo isso, e de forma tão intimidativa e autoritária, João forçou ainda mais forte a arma, marcando de vermelho parte do rosto e do pescoço de Roberto.— Responda?!— ordenou ele.

—Tá bom! Eles se conheceram em uma boate, na Ketchup.

540 —Como sabe disso?— pressionou Alberto.

—Uns amigos meus viram Edward entrar com Júlia em um dos quartos. Depois de então eles andam sempre juntos. Acredito que logo vão se casar. Mas posso estar enganado quanto a isso.

—Responda; Edward começou a trabalhar na Meisinger no mesmo dia em que Clark assumiu algumas ações?

545 —É o que Clark me falou, se é verdade eu não sei.

—E você acredita que Clark faria de tudo para ter poder sobre

Edward?

Não precisaria dizer “inclusive matar seu próprio pai”. Automaticamente Roberto suporia essa possibilidade.

—Às vezes sim, às vezes não. É meio estranho pensar nisso.

—Não acredita ou não quer acreditar? Vamos levá-lo para casa, e... se comentar com alguém sobre isso, eu logo ficarei sabendo e eu mesmo terei prazer em matá-lo.— terminou Alberto, com olhos minazes fixos no rosto de Roberto, percebendo logo em seguida o temor que sua ameaça acabara de provocar no covarde que assentava-se nas poltronas de seu Opala 84.

O carro retornou pelo mesmo caminho até chegar à casa dos Wurmams, onde Roberto foi empurrado para fora do carro dos detetives que se afastou, desaparecendo na rua escura e cercada de árvores. Para a felicidade de Roberto, seu carro permanecia incólume no mesmo local, com apenas um vidro quebrado em frente os portões ainda abertos.

Na manhã seguinte, na sala do principal agente de investigação da cidade, Alberto discutia com João Lopes sobre a investigação.

—O que temos?— perguntou João, retirando os suspensórios dos ombros que antiquava sua aparência sisuda.

—Fotos, uma testemunha, um retrato falado e uma versão que pode incriminar Clark, mas não é provável que ele possa ser considerado culpado pelo crime com tão pouco. Tenho certeza que com apenas isso ele nem seja levado a julgamento. Eu conheço muito bem o promotor Lucas e sei que ele não dá ouvidos à minúcias. E sobre o assassino, não temos nada.— no rosto de Alberto era perceptível a insatisfação com a prossecução do inquérito.

—Tá, e o que faremos?

—Sem solução. A captura do sicário seria a chave para a cela de Clark, se é que ele tem mesmo culpa na morte de Ricardo.— terminou Alberto, desanimado, colocando alguns blocos de anotações em uma das gavetas da escrivaninha.

—Amanhã Seltzer quer respostas, o que diremos?

—A verdade— interrompeu Alberto, percebendo João puxar ar aos pulmões— Falaremos a verdade. O caso realmente está sem atual solução. Não temos provas, não temos nada. Mas por outro lado isso poderá nos ajudar na captura do assassino de Ricardo. Certamente sairá nos jornais que o inquérito foi concluído, e tanto o assassino

quanto Clark se sentirão mais acomodados, despreocupados, livres de investigações.

—E por que não interrogamos Clark?

—Nunca! Se ele tem mesmo culpa nisso, então conhece o assassino e pode eliminá-lo ao saber que estamos vinculando os dois na investigação. E depois é uma acusação muito séria contra uma pessoa tão destacada. O melhor meio de lidar com isto é desta forma, causar impressão contrária aos "lobos", nos esconder atrás do mato enquanto eles se sentem livres.— Alberto olhou nos olhos insatisfeitos de João, lendo seus pensamentos, e continuou— E não adianta fazer perguntas indiretas. Clark parece ser muito esperto e eu não quero comprometer nada.

—Tudo bem, amanhã estará nas manchetes que o caso foi registrado como sem solução.

E foi realmente o que aconteceu. Em todos os jornais daquela sexta-feira se lia em manchete de primeira página que o caso Ricardo Meisinger foi classificado com sem solução. *Ao ler a notícia, muitos se indignaram e dois sorriram aliviados, equivocando-se em pensar que tudo estava acabado.*

Num piscar de olhos passaram-se 30 longos meses, o lapso mais que suficiente para fazer com que todos olvidassem o assassinato de Ricardo, dando espaço ao crescimento da Meisinger e sossego às vidas dos agregados a ela. Dava até a impressão de que ninguém sequer lembrava de Ricardo ou que a mera lembrança da morte dele fosse como um óbice, um incômodo, e que qualquer comentário incluindo seu nome fosse uma chatice onde todos teriam que encenar a tristeza e a saudade que já tinha se desvanecido pelo tempo.

Em seu encargo de diretor, Edward viveu uma utopia ao lado de Júlia enquanto Clark vivia sua feérica regência sobre a Meisinger; seu único pesadelo era saber que seu rival mantinha-se estável como o mais destacado diretor da empresa sem poder fazer nada para impedir seu crescimento. A alternativa mais fácil seria romper a sociedade com Paulo Voigh. Mas isso além de ultrajante, uma ação evasiva que revelaria sua covardia, era insensato, pois entre todos os acionistas Paulo era o mais utilitário, um verdadeiro idealista, e suas opiniões sempre foram como um calmante resolutivo para a empresa em seus momentos cruciais. A forma mais fácil seria ultrajar o nome

525 de Edward. *Mas como fazer isso se ele não deixava brecha? Se ele parecia ser o homem mais perfeito do mundo?*

Tea não se transformou nesses mais de dois anos, continuou a ser a mesma solitária dona da mansão e mantinha intimidade com seus empregados às escondidas para que Clark não ficasse sabendo. De sua convivência diária com os empregados, presenciando cada minuto de seus momentos de opressão, originou-se um certo medo do próprio filho. Cada vez que Clark saía de casa, ela, junto com Rui e a faxineira, respirava aliviada, jogando cartas de pôquer sobre a mesa.

530 Ainda em seu posto de detetive, Alberto Cooper solucionou nesse período vários casos intrigantes, o que fez ele recuperar um pouco da fama de detetive de resultados que fora corrompida após o malgrado inquérito sobre a morte de Ricardo Meisinger. Mas mesmo embrulhado pela imagem de bom policial, o passado que se afastava continuava a lhe perturbar. Ele era orgulhoso demais para se conformar em perder uma disputa com um criminoso, e sempre que estava resolvendo um inquérito sua percepção mecanicamente buscava vincular fatos e informações com a história de Ricardo. Todas as palavras, gestos e fatos que ouvia, via e presenciava tinha um efeito retrógrado que o transportava de volta ao passado. As noites em que saía anotando nomes de pessoas que supostamente teriam nexos com a morte do empresário eram perceptos de paranóia, mas a neurose estava deixando-o cego demais para perceber isso, obcecado demais para calcular quantas foram as noites frias e chuvosas em que passara acordado, fumando inúmeras carteiras de cigarro.

540 Para Roberto Wurmam, foram dois anos uniformes, seguiu a mesma rotina de melhor amigo de Clark e de filho mandrião amparado pelos pais. Sua única qualidade era ser um renomado universitário em seu segundo curso. Mas o inútil Roberto era um utilitário informante para Clark, pois tinha tempo, vulgaridade e influência de sobra para ser um excelente coscuvilheiro. Aos pedidos quase que indiretos de Clark, ele ficava sabendo de tudo que acontecia com Edward, e como um pombo correio entregava detalhadamente os acontecimentos para Clark. E foi em uma daquelas *buliçosas* noites que, por intermédio de uma garota de programa bêbada da Ketchup Night, Roberto ficou sabendo sobre o passado de Júlia como prostituta. Quando relatou detalhadamente as informações para o procaz presidente da Meisinger, Clark sorriu empunhando

mais uma arma aviltante em sua guerra pessoal contra Edward.

Ele era mais um veterano de guerra que lutou no remate da segunda guerra mundial, sobrevivendo milagrosamente aos últimos ataques camicases. Se chamava Michael Awbodi, um senhor influente que após sua lúgubre experiência em 1950, quando foi designado a pugnar na Coréia contra o comunismo asiático, onde foi desfigurado pela explosão de uma granada, decidiu difundir ao mundo sua concepção para com os conflitos territoriais. Após o deprimente retorno aos EUA, ele acrescentou à sua experiência sua perspicácia para se tornar um dos mais cultos e loquazes palestrantes das Américas. Estava pela primeira vez no Brasil e se apresentou no mais requintado teatro da cidade, o Teatro Clássico. Dias antes Edward tivera convidado Júlia com insistência para irem ver o monólogo e escutar as palavras do palestrante.

—O que você ouviu sobre ele?— perguntou Júlia a Edward, minutos antes de se dirigirem ao teatro.

—Bom, que era um jovem saudável que no início da década de 40 curtia a vida cantando em pequenas bandas e que repentinamente mudou os planos, resolvendo voluntariamente defender seu país....

—Tudo bem.— interrompeu Júlia— Mas o que passa na cabeça de um garoto abandonar todo seu conforto em prol de um efêmero sentimento patriota?

—Talvez nem fosse patriotismo. Talvez fosse monotonia, inexperiência ou imaturidade, ou a junção de tudo isso. Sabia que ele foi indicado ao Nobel de literatura deste ano com um único livro escrito, o best-seller Sangue e Glória? Se conhecesse a história de Michael Awbodi certamente iria admirá-lo.— concluiu Edward, levantando-se da cadeira onde estava sentado ao lado Júlia.

Após saírem do restaurante onde aguardavam o início do monólogo, eles atravessaram a rua e entraram no teatro cheio de pessoas. Depois de alguns minutos os dois já estavam sentados nas confortáveis poltronas do Teatro Clássico. Quando a cortina se abriu, todos avistaram sobre o palco enfeitado como um grande sólio baldaquinado o veterano Michael Awbodi. Ele se apresentou com um longo e emocionante prólogo relacionado à sua vida, e sentado em uma cadeira de rodas, com o rosto parcialmente desfigurado, ele deu uma realística prédica sobre o mal que há na hegemonia de alguns países, países que se consideram patriotas mas que na verdade são

totalitarista e matam milhões em prol de mais riquezas territoriais. Também falou do capitalismo que existe dentro de cada pessoa, subproduto do patriotismo demasioso, do amor excessivo a uma bandeira e a um hino, e depois de um longo e comovente discurso, ele, com seu característico sotaque norte-americano, recitou uma comovente poesia que arrancou lágrimas dos espectadores já emocionados:

—"*Estou lúcido, apesar de machucado, mas tenho certeza que já ouvi, nos últimos cinco dias perdidos, cinco rajadas de metralhadoras, cinco gritos de homens de sotaques diferentes e apenas um culpado.*

Sangue escorre em meus pensamentos, vejo a dor em corpos, rostos, iguais ao meu, desfigurados, sinto tristeza por tudo isso, mas lamentavelmente é a única coisa que posso fazer; sentir.

Piedade de cadáveres humanos estraçalhados, compaixão de mães, mulheres, filhos, famílias inteiras, ao receber a detestável medalha de ouro substituindo o sorriso de um pai, filho ou marido, uma das raízes fortes de uma família.

Aos homens que foram verdadeiros heróis, heróis em campos de batalha, em terras remotas, distantes das suas, em terras imersas em um mar de dor, que, aliás, poderiam ser lindos campos verdejantes onde no horizonte o sol se põe, a eles minha condolência.

Sinto pena de tudo isso, de toda essa tristeza.

Riquezas poderiam diminuir a miséria, todos sabem, mas armas e munições são mais úteis e valiosas para eles.

Eles não conhecem, não sabem qual é a sensação, o que sentimos ao acordar pela manhã com o sol batendo na janela e com o corpo circundado pelos braços de uma amável mulher, isso os causadores de guerras não sabem, pobres ignorantes cercados pelo poder.

Cinco corações partidos de tristeza; cinco mil vidas humanas acabadas; cinco etnias destruídas pela dor; dor de compaixão, piedades dos compatriotas mortos em combate. Cinco bandeiras diferentes, e cinco nações com a história conspurcada pela dor.

Eu não queria ouvir um grito de guerra em uma triunfante música, diminuiria a melodia, desapareceria o som melancólico da guitarra, a bateria se tornaria mais estraçalhada, iguais a disparos de metralhadora, e lágrimas molhariam meu microfone."

E o velho Michael Awbodi terminou realmente com o microfone molhado pelas lágrimas.

745 As luzes do auditório se acenderam e Edward, agarrado em Júlia, saiu do Teatro Clássico em direção ao estacionamento.

—Realmente, aquilo é uma lição para essa hierarquia iníqua, para essa hegemonia onde países pobres são subalternos de países ricos.— argumentou Júlia, minutos depois, entrando no carro.

750 Diferente de como estavam antes da palestra, abúlicos, os olhos dela estavam impressionados, percebeu Edward.

—Viu? Te falei que ele era bom.— disse ele, passando o cinto de segurança por cima do ombro.

—Ah! Você é um convencido.— brincou ela, dando um tapa de leve no ombro dele.

755 O que Júlia não imaginava era que sua felicidade ao lado de Edward estava em seus últimos momentos.

Na manhã seguinte, após sentar-se em sua poltrona de diretor e abrir sua maleta, Edward ouviu o telefone tocar.

760 —Alô.— depois de ouvir várias palavras, ele redarguiu inconformado— Mas, Paulo, você deveria ter me avisado antes.— ouviu uma explicação convincente e continuou —Mas como ele consegue fazer isso?! Só pode ser um desocupado mesmo. Bom, você conhece aquele imprestável melhor do que qualquer pessoas nessa empresa.— deu uma pausa para ouvir algum argumento depreciativo em relação a Clark e sorriu— Obsoleto, você é mesmo hilário. Tudo bem, eu estarei na reunião.— e persuadido pelas palavras descontraídas de Paulo, ele concluiu desligando o telefone.

770 Meia hora depois, estavam lá, todos os acionistas e diretores da empresa quietos em suas poltronas esperando pela chegada de Clark, que minutos depois da hora aprazada entrou sorrindo pela porta, o mesmo sorriso de criança maldosa antes de aprontar alguma travessura. Ao seu lado, sua assistente carregava uma pequena caixa que ela mesma depositou sobre a mesa em frente ao auditório. Clark abriu-a e retirou dois pequenos equipamentos, colocando-os ao lado da caixa.

775 —Bom dia a todos.— disse, esfregando uma mão sobre a outra — Trouxe a vocês o estímulo para esta semana. O motivo desta reunião é a notícia que tenho para transmitir a vocês. Há mais de dois anos que não adotamos um novo produto e o GrabowSky está

780

passando de novidade para antiguidade.— deu uma pausa, pegando os equipamentos um em cada mão, e continuou, arvorando uma das mãos em direção aos acionistas— Vejam, isso é antiguidade, duas gerações antecedentes ao GrabowSky.— ele desviou o olhar para o segundo equipamento e todos os olhos na platéia se convergiram para o objeto sendo inclinado na direção das poltronas— Agora vejam este outro, três vezes menor. É o futuro, nosso novo produto de comércio. O anelo, o desiderato de todas as empresas dependentes de nossa tecnologia.

Naquele instante, um dos acionistas, de nome Sidney Nenser, levantou a mão dizendo:

—Desculpe, mas o que é isso? Não tínhamos prévia alguma de um novo produto.

Antes de se explicar, Clark sorriu, como se escarnecesse dos olhares pasmados dos acionistas.

—Desculpe, mas eu, como presidente da empresa, não sou obrigado a prestar contas com ninguém. Mesmo assim isso não chega ao caso. Conversei com os engenheiros do GrabowSky na semana passada. Não tinha como avisá-los antes. Até eu mesmo estou surpreso.

Sidney sentiu um calor subir à cabeça, vexado como se tivesse levado um tapa no rosto. E enquanto o silêncio abarcava a sala, Clark cruzava um olhar desafiador pelos acionistas, como se perguntasse; mais alguém aí está disposto? Mas ninguém se insurgiu.

Com os equipamentos ainda em mãos, Clark recomeçou com uma comparação:

—Olha esse aqui, antiquado. É como uma prostituta, todos usaram, mas mesmo continuando bonita se tornou trivial, e como todos odeiam vulgaridade... Agora vejam este outro, igual a uma moça casta, nova, pura e ninguém pode tê-la facilmente, quase intátil. Sintetizando; uma prostituta velha ou uma moça virgem? Como os senhores vêem, só os fracos optam pelo que é arcaico.

Clark concluiu com o olhar penetrado nos olhos de Edward, que sentiu a pele arrepiar percebendo o sorriso injuriante que surgia nos lábios de Clark. Logo ocorreu-lhe a intuição de que Clark tivesse pleno conhecimento sobre o passado de Júlia e estivesse usando-o como uma arma ultrajante, talvez como uma ameaça, pois o conhecia perfeitamente para saber que orgulho e preconceito também faziam parte de suas características. Mas apesar de alusivamente ser

320 insultado, Edward manteve-se calmo e interveio:

—Comparar o hodierno ao obsoleto é fácil, queremos saber as vantagens, a configuração.

325 —Novidade, vem com a mais completa e globalizada enciclopédia, é o mais colorido e vem com um novo contraste visual independente do monitor a ser reproduzido, como se ele automaticamente se ajustasse de acordo com a resolução da tela. Pode ser usado facilmente por crianças e não deixa de ser *conspicuo* para os adultos, sendo também perfeito para automação bancária. Enfim, é incalculável os itens vantajosos que contém nele e fará dele o melhor de todos.

330 —E como se chama?— perguntou Paulo Voigh, sentado em uma poltrona ao lado de Edward, que cerrava os punhos guardados no bolso do paletó tentando manter a calma.

335 —Para a área de marketing, comecem a fazer merchandising, pois em menos dois meses lançaremos ao país o GlobalLine, que é a segunda geração do popular GrabowSky.

340 Assim que a reunião foi encerrada, um a um os acionistas se levantaram para sair do auditório. Em sua poltrona, Edward aguardou sem o mínimo de pressa de se retirar daquele lugar que ele considerava ser um reduto de difamações onde acabara de ser *tropologicamente* afrontado. Quando por sua vez se levantou, Clark pediu, ainda sentado ao lado da mesa:

—Poderia aguardar um momento? Gostaria de falar contigo.

345 Edward parou e quando a assistente de Clark, com a caixa nas mãos, fechou a porta para também se retirar da sala, Clark formou um sorriso impudente.

—Quanto tempo, meu amigo, Eduardo!— disse ele, aproximando-se— Como está sua vida pessoal?

350 —Ela não é de seu interesse. Mas não querendo me passar por altivo, está ótima.

Diante a uma modesta exasperação, Clark simplesmente sorriu.

355 —É um pouco esdrúxulo,— continuou ele, voltando para se apoiar na borda da mesa— e realmente é estranho dizer isso. Não quero de forma alguma vincular nossos admissíveis contratemplos com nossa profissão, mas sejamos sensatos, querendo ou não nossa vida pessoal se anexa com nossa profissão, não concorda com isso?

—Não estou entendendo. Onde está querendo chegar com esse *papo*?

360 —Reputação.— respondeu Clark, pausando as sílabas— Além de nossa reputação a zelar, nós carregamos uma outra, a de nossa empresa. Nós somos a imagem da Meisinger na rua, não estou certo?

Edward aquiesceu meneando a cabeça, mantendo um olhar defensivo no rosto de Clark.

365 —Como sou o presidente da Meisinger, é dever meu manter o nome dela livre de possíveis difamações.— numa pausa, Clark estudou a expressão confusa de Edward— Por intermédio de algumas pessoas fiquei sabendo que está se casando, isso é verdade?

—Praticamente. Mas continuo não entendendo onde você está querendo chegar.

370 —Como sempre, eu estou lutando pelo bem da empresa. Estou escudando o nome dela da mídia.

—Mas o que tem a ver minha vida pessoal com a Meisinger?

375 —Tudo, você, eu querendo ou não, é parte dessa empresa.— Clark contemplou as unhas antes de completar— Não sei se você conhece a jornalista Briana Ruquel?

—Já li algumas reportagens dela.— respondeu Edward, confundindo-se ainda mais com a mudança de assunto de Clark, imaginando qual seria seu intuito.

380 —Pois é. Ela é como um ombudsman para a Meisinger. Desde quando meu pai era o presidente ela vem criticando a Meisinger em reportagens absurdas. Chego a acreditar que há anos ela vem sendo paga por alguém ou alguma empresa para corromper a imagem da Meisinger. A prova disso é o tópico da semana passada em que ela afirmou que a Meisinger poderia estar subornando os designers da concorrência e que formava um oligopólio junto a outras empresas que atuam no mesmo ramo. Uma enormidade!

385 —É, eu li a reportagem, mas o que isso tem a ver com nossas vidas pessoais?

390 Clark firmou os olhos na expressão de Edward e disse após encher o peito de ar:— *Ai que tá!* O que aconteceria se ela soubesse que o principal diretor da Meisinger está se casando com a proprietária de uma boate... — Edward deixou escapar um sorriso perplexo e Clark completou, alentecendo as palavras;—... e seu passado como prostituta?

395 Num silêncio súbito houve uma troca efusiva de olhares, e enquanto um sentia-se pálido, o outro se controlava para não sorrir dos dois olhos que avermelhavam-se de raiva. Mas Edward manteve-

se calmo, e quando soltou a respiração, Clark premeu os lábios e prosseguiu, cheio de sarcástica seriedade:

—Pra mim é difícil, Eduardo, mas tenho que ser circunspecto e não fechar os olhos para a verdade de que você é comprometido para com a Meisinger, que tem uma boa índole, o que o torna indispensável para a empresa....

—Por que está falando isso?

—Primeiro deixe-me explicar uma coisa; o que a mídia difundi não consegue, nunca consegui atrapalhar vendas ou empreendimentos de uma empresa, por maior e mais destacada que ela seja, mas pode perturbar psicologicamente uma pessoa, e quando essa pessoa se trata do único, do maior responsável pela fabricação de uma empresa? O que sobreviria se isso acontecesse?— Clark encenou tão primorosamente uma preocupação que convenceu Edward.— Todos temos ambições, Eduardo, e a Meisinger é a única coisa que temos em comum, por isso temos que ser profissionais o bastante para pensar da mesma forma em relação a ela para não nos prejudicarmos, moral e profissionalmente.

Após um silêncio ponderativo, Clark olhou para o relógio e encaminhou-se até a porta. Edward girou o corpo, seguindo-o com um olhar de perplexidade.

—Pense no que eu te falei.— disse Clark, pondo a mão na maçaneta— E desculpe-me pela comparação, mas acredito que ninguém além de nós sabe sobre isso. Pelo menos ainda.

Era quase que aviltante, mas Edward tinha que concordar com Clark, mesmo odiando o sorriso dele antes de sair batendo a porta do auditório. Estava claro que Clark esperava que existisse nele um sentimento por Júlia forte o bastante para persuadi-lo a abandonar a empresa, optando ao amor e fugindo da vergonha que tanto temia. Mas pela primeira vez Edward tinha que pensar por si mesmo, esquecer seu antagonismo e dar um pouco mais de atenção à sua imagem, lembrar dos planos que fizera antes mesmo de sair da casa dos pais.

E lembrar dos planos fez daquela semana a mais árdua da vida de Edward Radmim, que já na sexta-feira estava convencido de que não se tratava de resistência a um jogo de oposição, de que era mais uma questão de sensatez e de realismo. Já havia nele um preconceito inerente em relação ao trabalho de Júlia e seria ignorância negar isso a si mesmo, negar que não consentia com a

040 ideia de um homem igual a ele casar-se com uma mulher cuja
profissão é uma das mais sórdidas ao ponto de vista de pessoas
nobres. Era originária de sua família a altivez que o dominava; o fato
de seu pai ser rico e orgulhoso e seu avós serem imigrantes em sua
cidade natal, fez fecundar entre os Radmims uma certa influência
045 entre os nobres da região desde o início, desde quando ainda eram
indistintos imigrantes, meros emergentes; era dessa influência que se
derivava o orgulho de todos da família. Porém, Edward não aceitava
a naturalidade de que teria que seguir a mesma *trajetória* de seus
parentes, adotar os mesmos princípios como base de vida. Era um
pesadelo pensar que teria que viver como um renomado descendente
de imigrantes e ter as mesmas características de seus pais, herdar,
050 além do egoísmo *radmimiano*, uma mansão que seria como um
contubernáculo para todos que tivessem o mesmo sobrenome
jactarem-se em noites de flatulência. A ambição que culminava
dentro dele era de se transformar em apenas Edward Radmim, queria
escrever sua própria história, tornar-se rico por si mesmo; e foi essa
premissa que fez um dia ele arrumar as malas e sair do conforto da
055 casa dos pais. Mas o preconceito e o orgulho que herdou não era
tudo; sua família era inexpansiva e patriota, etnocêntricos que
vilipendiavam todas as raças diante a mais insignificante comparação,
tanto que o sonho de seu pai era ver seu único filho se casando com
uma mulher da mesma etnia e de família nobre e compatriota. Esse
060 etnocentrismo, mesmo que um pouco individualista, também fluía no
sangue de Edward e isso ele não podia evitar, como também não
podia evitar que as palavras de Clark repercutiram para ele como um
conselho, independente de seu intento, não como uma chantagem
indireta ou um sofisma, e despertou nele seu antigo medo de que num
065 futuro próximo a profissão de Júlia viesse atrapalhar seus sonhos
materiais. Esse medo uniu-se ao preconceito induzindo-o a decidir
entre o que sentia e o que queria para seu futuro. Quando isso
aconteceu seus dedos discaram os números da casa de Júlia.

070 —Precisamos conversar, sábado às 20 horas me encontre no
Bueno Solo.— suas palavras foram incisivas, diretas, e ao mesmo
tempo tão indiciativas que fez despertar o pessimismo de Júlia.

—Tudo bem, estarei lá.— aquiesceu ela, preocupada, antes de
ouvir o bater do telefone que indiciou o que estava acontecendo.

075 Edward freou bruscamente o carro em frente o Bueno Solo e

saiu rápido, e também rápido entrou no restaurante. Girou um olhar pelas mesas e logo avistou Júlia. Calada, ela o esperava em uma mesa ensombrada pelas folhas de uma palmeira em um grande vaso de argila. Respirou fundo e caminhou em direção à mesa. Nos olhos dela se denotava certo um medo, uma angústia defensiva que forçava ela a controlar a respiração. Era perceptível seu nervosismo mesclado no despeito e a impressão de que ela já sabia o que estava por vir de certa forma acalmou Edward. Ao se aproximar, ele arrastou uma cadeira e sentou-se ao lado oposto da mesa.

—Boa noite.— cumprimentou ele.

Ela respondeu com um olhar rápido nos olhos dele e ele teve a impressão de que ela estava controlando ao máximo as lágrimas. Teve também a impressão de que nunca antes acreditou tanto no amor dela. Mas ele tinha que ser impassível, sustentar sua decisão como o homem resoluto que acreditava ser.

—E então, como foi a semana?— ele perguntou sentindo-se o mais desfaçado dos homens.

—Ótima, mas...,— ela olhou nos olhos dele, buscando algum vestígio de angústia, da mesma angústia que ela estava sentindo, mas não encontrou nada além da impassível impassibilidade teatral— *Dá pra* falar rápido o que quer?— terminou ela, agravando o tom da voz.

Era o ensejo. Os dois sabiam o que estava por vir, mas que ainda estava oculto, criando a mínima mas asfíxiante esperança em Júlia. E ele então pigarreou antes de começar:

—O que eu mais admiro em você é a esperteza, uma inteligência que fez com que me conhecesse já na primeira vez em que ficamos juntos e que também pode nos poupar do constrangimento.

Júlia esquadrinhou os olhos dele, discernindo a mais dura convicção, e então tirou o anel do dedo, uma aliança que ele deu a ela no último aniversário e que ela considerou como um pedido silencioso de casamento, e colocou-a sobre a mesa.

—É isso?— perguntou ela, sendo torturada pela esperança, pois em tudo ela buscava esperança; nos dedos dele que tremelicavam sobre o mantel, assomo de inconvicção, e na opulência imprópria do restaurante escolhido por ele para romper o relacionamento que fez ela, por vezes, acreditar que tudo aquilo seria uma brincadeira para antecipar um pedido claro de casamento. Mas na mesma magnificência do restaurante ela lembrou da altivez dele e

015 suspirou, observando-o abaixar a cabeça. Então as lágrimas
resvalaram pelo seu rosto e caíram na mesa vazia. Mas ele manteve-
se impassível até o momento em que ela se levantou e se afastou da
020 mesa, deixando-o sozinho e incompreensivo com os olhos fitos no
anel sobre a toalha branca; não conseguiu discernir o que sentia;
compaixão, ódio pela própria ignorância, pela própria decisão,
amargura ou alívio, ou, talvez, a junção de tudo isso. Mas não
interessava mais o que estivesse sentindo, poderia até estar repeso,
025 mas o que tinha acabado de fazer era irreversível e tudo se tornaria
passado quando ela saísse pela porta do restaurante— dizem que
portas de restaurantes, de bares, é o mais eficaz meio de separação,
talvez porque da angústia do primeiro que sai à rua, perdido, sendo a
mais mordaz das angústias, se origina o medo de uma nova relação,
de um novo recomeço, da certeza de que a reconciliação passou a ser
030 apenas um almejo, considerado apenas como um sonho, na acepção
da palavra.

Era meio-dia da segunda-feira seguinte. Paulo Voigh e Clark
Meisinger almoçavam no Kep's Bar. O motivo daquela conversa era o
035 temperamento de Edward, que depois da última reunião se
manifestara com comportamentos frígidos ou no mínimo
inacessíveis, como se não se importasse com a empresa, participando
das decisões apenas concordando com os alvitres testantes de Paulo.
Paulo não era um ingênuo. Para ele nunca fora novidade a antipatia
entre os dois, mas nunca procurou obter detalhes. Afinal de contas era
040 cedo que intrigas e desavenças eram os fatos mais comuns dentro
de empresas onde uns usam outros como degraus para chegarem ao
topo, principalmente em empresas onde todos são movidos pela
ambição, uma tenacidade pelo crescimento ilimitada que com o
tempo se torna uma minúcia trivial e sem a menor importância.

045 Sentados ao lado de uma mesa para quatro pessoas, Paulo e
Clark esperavam a sobremesa já pedida.

—Então você acredita que ele precisa urgentemente de um
descanso?— indagou Paulo.

050 —Você o conhece melhor, seria sensatez sua concordar
comigo.

—Não disse que você não está com a razão. Mas o que eu não
entendo é o porquê você faz questão que ele se afaste?

—Ele representa a fabricação de nossos produtos e sua

055 qualidade, Paulo. Como eu, você sabe que não é todo dia que se pode encontrar alguém tão idôneo para ocupar o cargo que ele ocupa, tomar as decisões que ele toma com tanta segurança.— Paulo esquadrinhou os olhos de Clark enquanto delibava o suco de laranja em uma taça de cristal— Quer uma melhor justificativa?!

—Não, não! Sem mais perguntas.

060 E foi a sugestão de descanso vinda de Paulo que atenuou a tarde de Edward, que desde a sua integração na empresa, há mais de 2 anos e meio, nunca tinha viajado em férias longas, tinha gozado apenas de esporádicos dias de feriados e alguns dias de descanso. Seria uma terapia para todos os sentidos uma viagem de trinta longos dias.

070 Após ouvir tão reanimadora notícia, os documentos que lhe concerniam foram trancados nas gavetas de sua escrivaninha, que do mesmo jeito que a porta do escritório foram chaveadas. Durante um mês Edward estaria longe de sua rotina que já se completava quase três ininterruptos anos. Naquela mesma tarde, ele arrumou suas malas e preparou o apartamento para a solidão que iria afetá-lo por 29 dias. Sem dar a menor satisfação a ninguém, no outro dia ele chamou o táxi que o levou até o aeroporto. Sentiu-se como se estivesse na porta de entrada de um lindo sonho quando avistou a longínqua pista de decolagem onde o avião que o transportaria ao paraíso taxuiava presenteiramente na direção da plataforma de embarque.

075 Menos de uma hora depois de embarcar, o Boeing 747 taxuiou no Aeroporto Santos Dumont, no Rio de Janeiro. O pavor que ele sentia de viagens de avião, somando com a pressa de sentar-se à beira-mar, fez Edward respirar fundo o ar nauseante que havia no interior do avião. Após o rápido desembarque e a conferência de bagagem à serviço da Infraero, foram mais duas horas de táxi até seu destino final e ardentemente desejado; o Hotel Razdan.

085 O Razdan era na época o mais novo e aprimorado dos hotéis de Angra dos Reis. Seu proprietário era um opulento armênio que há poucos anos tinha deixado seu país para investir seu dinheiro em uma cidade turística e promissora. Sem muita dificuldade optou pela deslumbrante Angra dos Reis. Sua vontade de deixar seu país juntou-se com a escolha total de sua família de deixar Erevan em meados dos anos 70, quando a Armênia ainda era uma desfavorecida república da ex-União Soviética. Quando isso aconteceu, ele

090

rapidamente resolveu vir para o Brasil. Em 1991, anos depois, soube que a Armênia tinha se tornado um país independente da união-soviética um ano antes. O nome Razdan foi uma homenagem à sua cidade natal, para onde sua família tinha retornado.

No primeiro dia hospedado no Razdan Edward trancou-se para doze horas de sono intenso. Quando despertou, pediu ao serviço de quarto um jantar exótico, tanto que mal conseguiu pronunciar o que pedira. Só depois do jantar foi que ele colocou os pés no chão e viu que não era um sonho estar hospedado em um apartamento de um pomposo hotel de Angra dos Reis. O apartamento escolhido tinha parte da mobília em estilo francês, desde os quadros grandes, coloridos e com molduras largas e esculpidas, até parte de sua arquitetura interior. O armário grande na cozinha era repleto de vasilhas prístinas organizadas dentro das portas e das gavetas. O armário de cozinha era tão fascinante que todos os detalhes pareciam serem de ônix policrômico, luzidio, e refletia tudo em cores. Plantas ornamentais, especificamente anêmonas, ataviavam desde a cozinha, a sala, o quarto, até mesmo o banheiro espaçoso como uma sauna de paredes brancas e acabamentos metálicos. Havia na sala um sofá branco que rodeava um tapete árabe, e em frente o sofá, ao lado de uma estante de mogno, havia um mediano bar cúprico apinhado de bebidas nobres; vinhos italianos, garrafas de champanhe, alguns litros de brandy americano, whisky escocês e de kummel russo, tinha até uma meia dúzia de Budweiser em temperatura ambiente. Pelo fato da suíte ser isenta de aparelhos eletrônicos o ambiente se tornava arcaicamente calmo e tinha um efeito retroativo como uma autêntica máquina do tempo; transportava qualquer um, até os menos instruídos, a um passado épico. Talvez fora ornamentado daquela forma para trazer ao hóspede um ar exótico de quem estivesse não apenas em uma praia qualquer, mas em um litoral com definição superior a qualquer outro litoral estrangeiro. Os quadros de insígnias pintores, os esmerados móveis, as plantas ornamentais, os tapetes bordados vindos preferencialmente da Arábia, os utensílios antigos e a arquitetura da varanda semelhante a uma pousada medieval, se uniam para proporcionar ao hóspede uma visão promíscua de estilos exóticos e suntuosamente antiquados, mas ao mesmo tempo revelava ao hóspede a preferência do proprietário ao estilo francês de arquitetura, um anjo demonstrando a melhor arquitetura do mundo, segundo ele, no melhor lugar do mundo. Após o jantar, Edward

135 caminhou pelo apartamento observando a criatividade do engenheiro que o produziu. Mas minutos depois caiu sobre um colchão redondo e aconchegante sobre uma cama feita sob medida sobre um estrado dois degraus acima do chão. Dormiu pensando em no dia seguinte conhecer as famosas praias de Angra.

140 Depois do específico crepúsculo e da aurora, o Sol bateu no vidro azulado e Edward acordou oscitando. Foi até a janela e após abrir duas delgadas cortinas de tafetá escarlate, deparou-se com um horizonte de céu avermelhado pelo Sol embaciado pelas nuvens que se estendiam como um manto protetor sobre o oceano. Abaixo das nuvens, as ondas esbranquiçavam partes do mar ainda acastanhado pelo crepúsculo, a última pincelada de Deus naquele panorama. Minutos depois ele estava lá, finalmente estava lá, sentindo-se, pela primeira vez na vida, livre do ramerrão em que se transformara seus dias.

145 Foram os quinze dias mais solitários de sua vida, porém, os mais profundos em sentimentos e cogitações. Viu na natureza uma beleza que poucos homens admiram, talvez por inexperiência, e que muitos destroem, indubitavelmente por ignorância. Quanto mais ficava sozinho mais ele queria ficar, estava aceitavelmente se tornando um misantropo e não se importava com isso.

150 Foi em um daqueles dias cálidos, com brisa leve que soprava os seus cabelos, que Edward, contemplando a dança sinuosa das ondas, viu sair daquela panorâmica visão do mar uma, assim por dizer, sereia. Ela estava vestida com um minúsculo biquine branco, dando a perceber os ralos pêlos pubianos, que aos olhos dele era a perfeição divina recheada de formosura, uma dádiva afrodisíaca moldada pela cobiça dos homens. Aquelas pernas torneadas caminharam em sua direção, pois ela, percebendo os olhares diretos e cobiçantes dele, se aproximou e sentou-se ao seu lado. Seu “oi” foi como um beijo suave no ouvido e ele respondeu, irrefletidamente:

—Que gostoso.

165 —O quê?!— perguntou ela, confundindo-se.

—O mar, ele é gostoso.— concertou ele, atrapalhado.

—Ah, sim, ele é muito lindo.

—E desperta a libido nos mais inexcitáveis.

170 Outra vez ela crispou o cenho e olhou para ele, confusa pelas palavras irrefletidas.— Do que está falando?

—Me responda; este lugar é tão bonito quanto afrodisíaco, não

concorda?

—Ah,— por algum tempo, enquanto ponderava o argumento de Edward, a boca dela permaneceu entreaberta enquanto olhava lindamente para o mar— de certa forma sim.— ela piscou, voltou-se para ele e completou— Meu nome é Cris.

—Edward Radmim.— respondeu ele, apertando a mão dela.

—Deve ser alguém importante.

—Por que pensa assim?

—Todos os influentes ou bem sucedidos se apresentam dizendo o nome completo. É como se eles estivessem um orgulho intrínseco que permanece subconsciente mas é revelado nas atitudes.

—Juro que nunca pensei nisso.

—Desde quando, como cumprimentos, fala o nome completo? — depois de uma curta pausa, ela continuou— Não lembra, não é? Acredite em minha teoria de que aprendemos a nos orgulhar de nós mesmos quando nos tornamos importantes, quando sentimos orgulho de nossa posição social. Nós somos a nossa posição social, vivemos ela. Sempre me lembro do que meu pai me falava; somos quem encenamos, encenamos quem queremos ser, agora basta sermos bons atores para se obter sucesso nessa grande novela chamada vida social.

Calado, Edward escutou as palavras dela sem atenção. Depois de segundos ela concluiu com bom humor revelado em um sorriso nos lábios vermelhos sem pintura:— Cristiane Graça.

Após um modesto sorriso e um breve pensamento, ele sugeriu:

—Seremos importante se acreditarmos na nossa importância, afinal, o que faz e onde mora?

—Moro aqui em Angra, o que faço? Sou recepcionista de uma empresa de cobranças, impressionado?— respondeu ela, depreciando, com um sorriso irônico, sua vida. Mas logo ela readquiriu ares bem humorados e terminou— E meu pai não era um filósofo ou um artista. Era um bêbado que vivia apanhando nos bares por ser um chato.

Edward sentiu-se obrigado a rir do comentário dela.

—Tudo bem, e eu que sou diretor de uma empresa de equipamentos tecnológicos.

—Meisinger?

—Como sabe?

—Todos conhecem. Eu trabalho operando um computador Meisinger.

210 Pejado pela própria impostura, Edward se calou. Percebendo o constrangimento aflorando no rosto dele, ela continuou:

—O que está achando de Angra?

—A perfeição, ficaria para sempre aqui.

215 —Sabe o que diferencia Angra de outras praias? É o modo que todos olham para seu horizonte, a maresia, as areias sob os pés descalços, a calma, toda sua beleza e poesia constroem sua identidade de *as praias perfeitas*.

—Realmente, não sou um praiano, mas concordo com você.

220 —Sabe?! Não planejo ficar para sempre aqui. Quero conhecer tudo o que existe fora desse conforto.

—Mas isso aqui é um paraíso, todos sonham em passar a vida em um lugar como esse.

225 —Me responda; conhece alguém que deseja passar a vida toda em seu próprio ninho?— ele ficou calado diante à pergunta e ela prosseguiu— Então! Ninguém quer viver no mundinho onde nasceu, todos procuram pelo exótico. Somos humanos, somos nômades.

230 Por um tempo, Edward ficou calado e meditativo, pensando no quanto o humano é ingênuo e inamável para com sua própria vida. Sobreveio logo uma comparação. Lembrou da cidade mediana e calma que abandonou saindo à procura de algo diferente, e por fim relembrou de Júlia e de Clark, de toda a aversão e de como sua vida se tornara insípida a partir do dia em que saíra da casa dos pais. Sentiu saudade de sua família, de seus amigos, e ainda não entendia o porquê. Como muitas pessoas, Edward era um homem que queria gostar da vida insípida que opcionalmente vivia, e por isso, talvez, forçava-se a acreditar que um passado feliz não fora assim tão feliz, que o caminho que ele escolhera estava sendo mais satisfatório e auspicioso que a vida pacata que deixara para trás.

240 —Está tarde, tenho que ir.— disse Cristiane, quando o silêncio ponderativo de ambos automaticamente pôs fim à conversa.

—Que pena, a conversa estava ótima.— disse ele, observando ela ficar em pé e tapear a areia das pernas.

—Em Angra tudo é ótimo. Nos vemos por ai, Edward Radmim.

245 —Pode acontecer, Cristiane Graça.— brincou ele, em pé e novamente segurando as mãos mais brandas que já havia segurado. Ah, mas como ele desejava aquelas mãos em outro lugar.

A última imagem que ele gravou dela em sua mente

250 deslumbrada, foi a de ela se distanciando de sua visão. Ficou encantado observando aqueles leves cabelos loiros, certamente sem pintura, acompanhar a brisa numa dança ondulante, seu andar hipnótico e a virtude de uma mulher perfeita. Quem quer que olhasse de frente para ela, ficaria maravilhado contemplando seus olhos azuis com certo tom esverdeado, seus lábios finos e vermelhos, sua pele facial totalmente lisa e no perfil de seu rosto algumas efélides escuras, sinais claros das muitas horas sob o Sol da praia que aformoseavam ainda mais sua fotografia olhando para o horizonte. Naquela e nas outras tardes, mandriando pelas praias, ele relembrava apenas da graciosidade de Cristiane; passou a viver como um autômato procurando localizar ela em meio as pessoas. Ele, que nunca fora um crente em destino, viveu seus últimos dias em Angra dos Reis sonhando em reencontrar Cristiane novamente. Até, idiotamente, se imaginava correndo para uma abraço.

265 "Tudo o que é bom dura pouco, e quando se trata do que é ótimo?", eis um provérbio que todos odeiam e para Edward não fora diferente, pois em um piscar de olhos tinham se passado os 29 dias planejados em Angra dos Reis. Os rápidos mergulhos pelas águas cristalinas, os passeios de barcos veleiros pelas ilhas inóspitas, a *calmidade* que encontrou dentro das igrejas tipicamente angrenses, tudo isso se tornaria apenas uma saudade, e somando tudo isso à lembrança de Cristiane Graça, se tornaria uma febre nostálgica. Quando sentiu que iria viver uma nostalgia em seus próximos dias, ele quase se levantou para descer do avião que decolava no aeroporto. Sentiu-se como um condenado prestes a entrar no corredor da morte quando entrou no táxi que o levaria novamente para sua rotina.

270 Após abrir a porta do apartamento, o bafio, o cheiro de abandono entrou pelas narículas e horas depois uma faxineira entrou no apartamento. Edward era como todos os homens pragmatistas são; retraídos defensores de sua privacidade. Até mesmo evitava contratar empregadas, mas o fato de que alguém teria que fazer semanalmente uma limpeza em seu apartamento era verídico, e isso servia de explicativa para contratar Luciane, uma diarista de aproximadamente 20 anos que colocava anúncios em jornais para a contratação de seus serviços domésticos e que tentava controlar os modos lascivos adquiridos nas noites em que passava se prostituindo para pagar uma faculdade barata de administração. Ela também tapou o nariz ao sentir o odor de um apartamento abandonado por trinta longos dias, e

rapidamente encheu um balde com água e sabão.

290 Menos de uma hora depois, Edward estava sozinho em seu apartamento limpo. Cantarolando, ele tomava seu banho quando ouviu o telefone tocar. Depois de abrir a porta corrediça da divisória, ele apanhou apressadamente uma toalha que estava pendurada em um toalheiro metálico. Depois de secar os cabelos e jogar a toalha sobre a pia, ele saiu do banheiro em direção ao telefone.

295 —Alô.— disse, segurando o auscultador com as mãos úmidas. Depois de ouvir a identificação, ele soprou cuidadosamente ar pela boca para não causar ruídos no auscultador— O que você quer?

—Precisamos conversar, urgentemente.— respondeu Júlia.

—Sobre o que? Não temos mais nenhum... nexo.

300 A última palavra dele fora oportuna para a resposta de Júlia:

—Mas teremos.

—Teremos?

—Amanhã eu irei até ai para nós conversar melhor a respeito.

—Me res

305 —Tchau.

—... ponda.— ele completou a palavra ouvindo o bater do telefone.

O tom ameaçante e ao mesmo tempo enunciativo na voz sombria de Júlia deixou Edward sem dormir durante toda aquela noite. Ficou imaginando as inúmeras possibilidades do que poderia ter acontecido e a gravidade de cada suposto acontecimento. *Alguma coisa havia acontecido, certamente. Mas o quê? Não. Isso não poderia.*

315 Quando por fim as pálpebras se colaram, o interfone tocou. Era Júlia.

—Pode subir.— disse ele, oscitando ao lado do interfone.

Ela subiu, girou o trinco, entrou e avistou Edward acendendo uma das válvulas do fogão para aquecer água para o café.

320 —Sinta-se à vontade.— disse ele, indicando a cadeira com o olhar.

De soslaio, ele percebeu que ela esfregava as mãos abaixadas, como quando estava nervosa.

—É rápido, é constrangedor. Por isso quero acabar logo com isso.

325 —Rápido? Constrangedor?

—Estou grávida.— completou Júlia, analisando a reação dele

que esbugalhou os olhos.

330 Aquelas últimas palavras foi um choque, um murro desnorteante no peito de Edward, que num colapso quase perdeu o equilíbrio. Diante à reação dele, Júlia abaixou a cabeça, como se unicamente ela fosse a culpada.

—Aconteceu, desculpe.

—Mas..., não podia acontecer.

335 Naquele momento, Edward caiu sentado em uma cadeira próxima ao fogão, e por algum tempo o silêncio habitou na sala. Os olhares de Edward se mantinham fixos em algum ponto enquanto ele tentava coadunar o que tinha acontecido com o que estava para acontecer. Enquanto mantinha os olhos fitos na expressão perplexa dele, almejando surgir naqueles lábios um sorriso, o constrangimento se estampava no rosto de Júlia, que logo foi molhado pelas lágrimas. Toda a falta de reação de Edward, ou ao menos de palavras, era vestígio de arrependimento, de que aquela notícia fora para ele como um punhal perfurando demoradamente o estômago. Depois de ponderar em relação ao fato mais inesperado de toda sua medíocre vida, ele finalmente levantou a cabeça.

345 —Eu..., eu juro que não esperava. Mas...

—Mas o que?

350 —Teremos que arrostar esse problema.— decidiu ele. Ao ouvir essas palavras, Júlia sentou-se na cadeira e um sorriso ameaçou surgir-lhe nos lábios, porém esse sorriso não se passou de uma ameaça—Quero que tenha esse bebê, Júlia, mesmo separados amaremos ele.

355 Minutos depois, ao sair do apartamento, Júlia chorou a desilusão de ter Edward novamente ao seu lado, cuidando com esmero o filho que ambos, com ardor, amariam.

No dia 9 de março de 1984 Edward retornou ao seu trabalho. Logo pela manhã, enquanto abria as gavetas para a retirada dos documentos, ele ouviu o telefone tocar.

360 —Edward Radmim.— identificou-se ao atender a chamada.

—Seja bem-vindo à ativa, Ed.

Um meio sorriso estampou-se nos lábios antes que ele agradecesse:— Obrigado Paulo.

MANUELLE.

370 O mês de setembro de 1984 chegou com o frio do inverno mais rigoroso de todos os tempos. Tudo estava congelado; a única exceção nisso era a abrasante aflição que aduria Edward nos últimos meses de gravidez de Júlia. Era meio-dia de segunda-feira, o décimo dia do mês de setembro, quando ele e Paulo Voigh almoçavam em uma lanchonete adjacente ao muro da Meisinger, onde há minutos Paulo denotava suas inseguranças em meio as frases desconexas, o que deixava claro que ele tentava não parecer preocupado com o fato de Júlia estar em seu último mês de gravidez.

375 —Você nunca *me* falou sobre seus filhos, Paulo.— argumentou Edward, colocando o garfo dentro do prato vazio.

380 Notando naquelas palavras que Edward pedia um conselho, Paulo limpou a boca e jogou o guardanapo dentro do prato.

—É. Você tem razão, nunca comentei sobre eles com você.— vendo que Edward apoiou os cotovelos na mesa, como se preparasse para ouvir o conselho ou um desabafo, Paulo tomou o que sobrava de uma dose de xerez doce e largou o copo sobre a mesa— Aliás, eu nunca comentei com ninguém sobre eles. E sabe o porquê, Ed?— Edward negou com a cabeça com uma expressão de curiosidade— Porque a simples lembrança deles me causa saudades.

385 Analisando o rosto encarquilhado à sua frente, cheio de saudade de seus filhos, Edward lembrou do rosto de seu pai, dos traços da velhice que antes marcavam seus olhos tristes, e imaginou como eles estariam agora; se estariam mais rugosos, se estariam mais tristes... Se perguntou porque nunca sequer pensou em visitá-lo e não encontrou resposta, mas reconheceu a saudade que durante anos negou a si mesmo que existia.

390 —Dos meus filhos o que parecia ser mais marroaz, o mais teimoso,— prosseguiu Paulo— era o mais novo; Mark nunca se preocupou em estudar e desde pequeno implorava para que eu o deixasse ir morar com os avós em um sítio afastado da cidade. Quando completou os 18 anos abandonou os estudos e optou por uma vida distante de grandes centros urbanos. Casou-se com uma goiana e até hoje mora em Palmas, onde ajuda ela a administrar uma loja de animais. O mais velho, Robert, é a antítese do irmão mais novo; mora

405 em Curitiba e terminou uma faculdade de agronomia, que para ele foi
totalmente improficua. Hoje é músico e canta em bares da cidade. A
única semelhança entre eles é que ambos optaram pela autonomia,
sempre recusando tudo o que eu lhes oferecia. Eles me
410 decepcionaram muitas vezes dizendo que queriam andar com as
próprias pernas, que queriam ter uma vida própria, uma imagem não
ofuscada pela sombra de um pai rico. E talvez seja este orgulho, essa
empáfia exagerada, que os afastou de mim. Mesmo assim não
arrependo-me de tê-los como filhos, Ed, ao contrário, sinto orgulho
deles pelo que são e às vezes indigno de ser o pai deles.

415 —Eu também sempre tive o conforto e o favorecimento de
minha família, Paulo, e como seus filhos, um dia decidi sair de casa e
abandonar o conforto que tinha...

—Por isso é um homem exemplar, Ed,— interrompeu Paulo,
no intento de romper com aquele assunto, mas de forma delicada para
420 que não suscetibilizasse Edward— lembre sempre disso. Não precisa
ser um bom filho para ser um bom pai. Tenho certeza de que será um
bom pai.

Aquelas palavras convenceram Edward e um sorriso sincero
escapou de seus lábios. Ouvir aquelas palavras de Paulo, equiparar-se
425 aos filhos dele, foi como se recebesse um conselho do próprio pai.
Imaginou se seu pai, assim como Paulo, sentia orgulho de um filho
obstinado que abandonou inexplicavelmente o conforto que tinha e
que o fazia sentir-se pequeno, incapaz de sobreviver sozinho em um
mundo difícil.

430 Depois do almoço rápido e dos mitigativos conselhos de Paulo,
Edward se encontrava mais calmo atrás de sua escrivaninha quando o
telefone trepidou sobre uma revista. Ao atender e ouvir as primeiras
palavras, ele levantou-se rápido da poltrona.

435 —Como?! Quando?! Onde ela está?!— depois ouvir a resposta
de Maria, a babá do filho de Júlia, ele concluiu com voz soprada—
Que hospital?

Após socar o auscultador no gancho do telefone, ele
rapidamente fechou sua maleta, deixando parte de seus documentos
440 sobre a mesa, e saiu da sala. Minutos depois descia do carro mal
estacionado em frente o hospital sob as baixas nuvens que se
formavam para a chuva. Logo ao entrar no vestibulo movimentado de
pessoas angustiadas acompanhando enfermos gementes prostrados

145 sobre bancos de madeira, ele se dirigiu à recepção onde uma moça se escondia atrás de uma escrivaninha encoberta de papéis azulados e um aglomerado de revistas antigas.

—Júlia Cavalhais?! Quero saber onde ela está?!— indagou ele, descansando os braços sobre a mesa e espalhando parte dos papéis que estavam sobre ela.

150 Mesmo sendo uma jovem elegante, a recepcionista tinha um semblante severo e um olhar ríspido. Assim que ouviu a pergunta, ela direcionou um olhar lento para ele por sobre a armação lúzia dos óculos; mas não hesitou ao perceber a agitação nos olhos e no respirar ofegante do homem que estava alquebrado sobre sua mesa. Começou a folhear alguns documentos que estavam organizados dentro de uma das gavetas da escrivaninha até encontrar um bloco que continha a relação dos pacientes. Depois de uma rápida averiguação com os dedos correndo pelos nomes das pacientes internadas na maternidade, ela voltou um olhar diligente ao rosto dele.

160 —Sala 74. *Fica* subindo as escadas, a terceira porta à direita.

165 Sem agradecer, Edward se afastou e subiu à passos atabalhoados a escada até o segundo andar do hospital. Segundos depois, abriu a porta da sala 74 e um homem com roupas de médico se aproximou retirando as luvas plásticas que estalaram na ponta dos dedos.

—Boa tarde, sou Martins Rocha, fiz o parto de Júlia,— ia dizendo o médico, levando a mão para apertar a mão trêmula de Edward— e pelo que parece, deve ser o pai da criança?

170 —Sim, como estão?

—As duas estão ótimas. Felizmente não houve nenhum problema durante o parto.

—Duas?!— Edward abriu os olhos espantados; no fundo ele esperava que fosse um menino.

175 —Sim, é uma menina, senhor...— disse o médico, esperando que o homem à sua frente completasse a frase com seu nome.

—Edward Radmim.— Edward completou com um olhar embevecido, não sentindo as palavras saindo mecanicamente pela boca.

180 Quase afônico, ele entrou pela segunda porta e viu Júlia deitada na cama; esmaecida e sorridente, ela segurava o bebê envolto pelos claros e macios tecidos do hospital. Inevitavelmente, Júlia chorou ao

vê-lo entrar pela porta. Como um caçador de tesouros perdidos diante de um baú de diamantes, Edward se aproximou e sentou-se na cama.

—Como ela está vermelhinha.— disse ele, com o olhar encantado para o bebê, contemplando os olhos azuis e rápidos de sua filha.

—Está com vergonha. É a primeira vez que ela entra em cena nesta longa novela chamada vida.— Júlia completou com a voz débil e emotiva de quem tinha presenciado um milagre.

Naquele momento, às duas e quinze da tarde, os primeiros pingos da chuva bateram na janela do quarto, anunciando com natural melancolia a vinda de mais uma personagem, de uma personagem tão anelante para entrar em cena que se apresentou 10 dias antes de sua estréia.

E ela realmente era uma boneca, uma princesa, o fruto de uma árvore que se desenvolveu com sacrifício em um solo confragoso, mas que não amadureceu, e por isso deveria ser consagrada. Mas não. Ela não foi consagrada. Ficaram felizes com sua vinda, pois era um bebê perfeitamente saudável, porém eles não percebiam as especialidades que se ocultavam na delicadeza, na mesma bela e encantadora delicadeza que os cegavam. Tinha uma pele branca, sem mancha alguma, e seus olhos eram azuis e rápidos, como se desde o início ela tivesse atenção em tudo o que acontecesse. Era assaz esperta, e a esperteza era mais um dos motivos para ser estimada por todos, reconhecida como a dádiva que realmente era. Era como se ela fosse uma planta pequena germinando em um solo árido onde carecia de fertilizante. Ela tinha a chance de ser estimada por todos, a força para medrar com exuberância, o fertilizante que tanto precisava; tinha um pai influente, com uma posição social alta e estável, e uma mãe amorosa. Mas o que eles fizeram com essa chance? Em que se transformou toda a força liberada pelos pais? Desde o início Júlia e Edward erraram e esses erros se transformariam em arrependimentos no futuro. Eles, que tinham de tudo para dar à sua filha, deram pouco, deram apenas o básico, o necessário, como se fosse uma maçante incumbência de pai e mãe.

Ela nasceu para reluzir como a estrela única num céu escuro, mas luziu menos que um açôfar eruginoso esquecido dentro de um armário, e seu nome era Manuelle.

Nos primeiros meses de vida de Manuelle, Edward sempre ficara ao seu lado e ao lado de Júlia. Passava noites inteiras acordado

525

observando ela, tão delicada, dormir em seu pequeno berço de madeira. Era um festival para seus olhos contemplar os primeiros movimentos daquela que ele considerava ser um tesouro, um sutil e incalculável tesouro que desaparecia entre os brinquedos de pelúcia. Entre tantos brinquedos, estava uma estrela que ele deu a ela em seus primeiros dias de vida, numa explícita comparação com sua filha. Para Edward, a pequena Manuelle era um tesouro que cada dia parecia se valorizar mais, um tesouro tão valioso que aos poucos se achava indigno de tê-lo ao seu lado.

530

—Esta é você, uma estrela.— dizia ele, alcançando a estrela de pelúcia ao bebê que tentava apanhá-lo com suas mãos pequenas e inábeis— Você nasceu para ser a solução de nossos problemas. Vejo isso em seus olhos.

535

Mas mesmo com sinceridade, falar é diferente de agir ou de apenas ajudar. Edward apenas falou.

540

Os meses se passaram rápido após o fim de um inverno cansativo e o início tranquilizador de uma primavera repleta de flores. Edward anuiu em pagar a pensão de Manuelle até que ela completasse os 18 anos; um dinheiro que, com o passar do tempo, passou a ser entregue como se fosse um auxílio, uma assistência, e não como um direito de filha; e suas visitas, que antes eram assíduas, aos poucos se tornaram esporádicas.

545

—Júlia, você e nossa filha estarão em meu coração para sempre.— Edward se desculpou várias vezes usando o mesmo tipo de argumento— Mas às vezes sinto que não posso ser um pai perfeito.

550

Sempre que ouvia essas palavras, deprimida, Júlia desligava o telefone com um olhar entre triste e compassivo para o berço onde a pequena Manuelle se movia em meio os brinquedos de pelúcia. Por outro lado, Edward não estava sendo tão hipócrita como ela julgava, ele realmente se achava indigno de receber a antonomásia de *o perfeito pai de Manuelle*, a imaculada criança, dotada de uma inocuidade esplêndida, que de uma forma muito estranha fazia-o sentir-se o maior pecador do mundo.

555

560

Edward chegava tarde em seu escritório. Era uma segunda-feira de garoa fina e contínua, como uma névoa densa e frígida que torna um amarelento café da manhã doce e causa saudades de uma pousada distante de cidades quentes repletas de pessoas frias, quando Edward introduziu a chave no trinco da porta e logo em seguida

percebeu que ela já estava aberta. Ao entrar curioso, ele logo avistou Paulo Voigh sentado em sua poltrona com um olhar atento para a porta.

—Paulo?!

—Sabia que chegaria tarde. Resolvi, então, fazer-lhe uma surpresa.— Paulo colocou os pés sobre a mesa e encenou um olhar de cobrança para o relógio no pulso.

—Você é o único que tem a chave da minha sala. Acredite, não é surpresa encontrá-lo sentado em minha poltrona com esse olhar de cobrança.

Paulo sorriu, tirou os pés da mesa e apurou-se na poltrona.

—Não se engane, Ed. Sabe que não sou um premente obsessivo.

—E qual é a surpresa, então, além de fazer-me lembrar que estou atrasado?

Paulo indicou a poltrona à frente da mesa com um olhar sério e Edward, em seguida, sentou-se.

—Bem, a Meisinger se agregou com outras empresas em um subsídio, teremos um evento a participar.

—Subsídio? E isso é típico da Meisinger?

Paulo já esperava que Edward se espantasse com tal notícia, pois sabia que a Meisinger sempre fora um espelho refletindo a avareza de alguns de seus representantes— que com o decorrer do tempo deturpava também a personalidade íntegra de Edward Radmim — e que nunca antes ela sequer tinha participado de algum tipo de empreendimento filantrópico.

—Sim.— continuou Paulo— Um subsídio, uma campanha para arrecadar fundos, verbas que serão destinadas à educação em favelas e bairros pobres onde as escolas recebem apenas a minoria das verbas desse governo elitista.

—E o que a Meisinger ganhará com isso?— inquiriu Edward.

—Você já está pensando como Clark; emolumentos.— disse Paulo, dando uma pausa para um olhar repreensivo— Os recursos humanos se uniu com a publicidade para deliberar o que antes era apenas um questionamento. Realmente, foi uma decisão temerária.

—Se isso envolve risco para a empresa, por que não relutou?

—Ah, Ed,— disse Paulo, com voz cansada— Já estou velho, todos me vêem como parte da concordância dessa empresa, e realmente sou, não estou mais propenso a tomar decisões. Meu

500 negócio passou a ser menear afirmativa ou negativamente a cabeça.

A convicção no rosto cansado de Paulo impediu Edward de despersuadi-lo com palavras consolativas.

—Mas por que será tão importante minha presença no evento?

505 —Toda a elite empresarial estará lá, e você é o diretor preponderante da Meisinger, é seu dever participar. Se é que se importa com seu futuro dentro dessa empresa. E se você não se socializar com pessoas que atuam na sua área, seu futuro como profissional estará comprometido, Ed. Saiba sempre disso.

—Sim, eu sei. E quando vai acontecer?

510 A pergunta de Edward soou para Paulo de forma assertiva. Ele se levantou da poltrona, e sob o olhar de Edward, caminhou até a porta onde respondeu pondo a mão no trinco metálico.

—Sábado, às 20 horas no Flautron Pálace, esteja pronto.— e depois encerrou a conversa saindo da sala.

515 Edward levantou-se da poltrona e se aproximou da mesa, onde encontrou sobre ela dois autênticos convites carimbados. A insinuação de Paulo fez Edward lembrar que eventos como estes são iguais aos bailes de casais; ninguém vai desacompanhado.

520 A lua estava em meio o céu estrelado. Sua claridade atravessava os galhos das poucas árvores e iluminava a alva mesa de mármore entre cadeiras artesanais em meio a varanda. Em duas das cadeiras, Tea e Clark fumavam; ele um charuto cubano, ela seu cigarro predileto, um Camel de fumaça densa, e juntos bebiam bourbon em taças de cristal límpido. Em pé atrás deles, o mordomo estava sujeito às ordens de seus dois patrões, empedernido como uma estátua segurando uma bandeja.

525 Foi em um momento em que o silêncio estava se tornando tedioso que Clark, observando as cadeiras artesanais que Ricardo tivera comprado em uma viagem idílica com Tea às Bahamas, falou:

530 —Deveria ser um tédio para qualquer mulher viajar com um homem igual a Ricardo.

—Pai!— advertiu Tea, a voz elevada.

535 Clark atuou como se não ouvisse a advertência admirando as cadeiras com um olhar crítico.— Ele sempre, em viagens, trazia veniagas exóticas, típico de sua personalidade, não?

A pergunta de Clark suscitou lembranças em Tea e marcas de sorriso surgiram no canto dos lábios dela.

540 —Sim, e era desta parte que eu mais gostava. Era engraçado
vê-lo se atrapalhar com aquelas malas enormes. Às vezes ele caía
sobre elas e mesmo assim achava divertido. Não se comportava como
se fosse o dono da Meisinger.— a saudade aflorava nos olhos de Tea
em forma de lágrimas, e eles se tornaram sérios quando ela, voltando
545 à realidade, pressionou o resto do cigarro no cinzeiro.— Aquelas
viagens eram para ele como um meio de fugir da monotonia. Era um
homem preso pelo próprio ofício. O amor patriótico à família o
prendia à Meisinger. Eu mesmo acredito que ele não amava tanto a
empresa.

550 —Sabe qual é a melhor lembrança que tenho dele?—
perguntou Clark, sem qualquer melancolia expressa no rosto—
Quando me levou para a escola em meu primeiro dia de aula; eu saí
do carro e ele ficou lá dentro, me observando com os olhos úmidos
através do vidro da porta.

555 Tea conhecia perfeitamente seu filho; sabia que ele estava
sendo sincero e que o remorso que não se manifestava em seu cenho
inflexível existia e perturbava sua consciência. *Mas remorso por que
motivo? E por que não saudade? E que pensamentos acusativos
perturbavam Tea?*

—O peso da consciência faz isso com você.— disse ela.

560 Diante uma acusação tão explícita, Clark pôs as mãos nos
braços da cadeira para se levantar.— Do que está falando?!

565 Mesmo sentido o receio na voz exasperada de Clark, Rui, ao
lado, segurando a garrafa de bourbon em uma bandeja, entremeou-se
na conversa que tendia em se tornar uma discussão, o que
ultimamente vinha acontecendo amiúde entre eles:

—Senhor, gostaria de mais bebida?

570 —Obrigado, Rui, mas pode me trazer uns biscoitos.— ordenou
Clark, aquietando-se. No fundo ele sabia que a indireta acusação de
Tea tinha um fundamento e que se ele redarguisse alguma verdade
provavelmente viria à tona. Mas por outro lado, demonstrando medo,
representaria concordância se ele ficasse totalmente calado, como se
ele aceitasse a acusação dela. Acomodando-se na cadeira, ele
continuou, dissimuladamente.— Faz muito tempo que a senhora não
se distrai, mãe. Poderia sair um pouco mais deste cárcere. Ele está te
575 deixando louca.

Tea não redarguiu. Denotando desinteresse, ela continuou
ouvindo o que Clark estava falando:

—Sabia que a Meisinger está participando de um subsídio e terá um evento primordial em que vários empresários estarão presentes?

Como se tentasse resistir à curiosidade, os olhos de Tea rumaram lentamente para o rosto de Clark.— O que está dizendo? A Meisinger nunca participou de babaquices como esta.

—Uma babaquice lucrativa. Várias empresas que fabricam produtos relacionados à educação e à tecnologia se agruparam para um único desígnio; renome e publicidade agregando-se para mais lucros e destaque.

—Quem ganhará com isso?

—Nós, ora! O poderio, o império.— respondeu Clark, com euforia patriótica e objetiva.

—E por que acredita que eu devo ir ao evento?

—Você continua sendo a primeira dama da Meisinger, mãe. Reclusa, mas continua.

O comentário de Clark foi suasório e fez Tea sorrir animada.

—Tem razão, sempre serei a primeira dama desta empresa.

Naquela mesma noite, abaixo da lâmpada que mal iluminava a mesa, Júlia jantava acompanhada pelo pequeno Reginaldo, Maria e a frágil Manuelle que se revirava dentro do carrinho ao lado da mesa, tateando os brinquedos com suas mãos flácidas. Foi no momento em que ouviram o telefone tocar alto, quebrando o silêncio que há horas abrangia o pouco espaço entre a cozinha e a sala, que Júlia sobressaltou-se *num pulo*, quase derrubando a cadeira para trás, e correu até o aparelho.

—Alô?!

—Sou eu.— disse Edward, solitário em seu apartamento, ouvindo a terceira sinfonia de Beethoven em baixo volume.

—Que surpresa, o que você quer?— disse ela, dissimulando neutralidade em seu tom de voz.

—Manuelle está bem?

—Ótima.— respondeu de imediato.

—Que bom.

—Era só isso?

—Não. A verdade é que estou ligando para convidá-la, se é que tenho direito, para sair no fim de semana.

—Ah! Depende.

—Como depende?

—Do lugar, da hora e da intenção.

—Como intenção?

720 —Sua precedência é meu motivo de desconfiança.

—Não entendi?!

—Hoje ainda é segunda-feira, Ed.

—Ah, sim! Apenas curiosidade pela resposta. E então?

—Se não for tarde.

725 —Sábado, às 19 horas, tudo bem pra você?

—Tá.

—Então está marcado?

—Sim. Tchau.— disse ela, com pressa de desligar o telefone para o literal salto de felicidade.

730 Após recolocar o auscultador no gancho, Edward discou os números da casa de Paulo.

—Diga, Ed.

—Só para confirmar que irei ao...

—Conseguiu companhia?— interrompeu Paulo Voigh.

735 —Provisoriamente, sim.

O Flautron Pálace era um egrégio e faustoso local de eventos propriamente para a alta categoria. Era um verdadeiro alcácer com toda a segurança necessária. Não era nada além de um monumental castelo primorosamente edificado e cada evento que nele era realizado tinha uma decoração diferente. Situava-se nos recôncavos da cidade, em uma região montanhosa e repleta de confluências de rios que se perdiam em meio as matas fechadas, sendo o mais distinto local de eventos da região, tanto que para chegar até ele tinha que percorrer mais de 60 quilômetros de calçamento turvo que serpeava entre as faldas umbrosas das montanhas. Sua área ocupava um espaço significativo entre os montes mais baixos que o cercavam, o equivalente a 600.000 metros quadrados entre dois rios que se encontravam 400 metros abaixo da divisa e formava uma cachoeira de mais de 100 metros de altura. A edificação em si tinha mais de 40.000 metros quadrados que era cercado por um pátio ostensivo; um jardim colorido por várias espécies de flores e com algumas árvores baixas apensas a um muro alto feito de grandes blocos de pedra. Sua arquitetura exterior era comparável a de um palácio de Roma do século XV. Sua entrada era magnífica; após subir os degraus de uma

escada ampla, se via no limiar de um pórtico com seis colunas altas de fustes cilíndricos, pedestais quadrangulados e capiteis arredondados e esculpidos com símbolos decorativos. Sobre as colunas, um epistlio simétrico sustentava uma sacada circundada por uma balaustrada baixa que ocultava parte dos troncos dos arbustos que esverdeavam a invariabilidade ocre, arquitetnica, dos balaústres.

760 Para muitos, o Flautron Plance era um suntuoso plcio, para outros, era mais uma obra-prima edificada pelos insignes *pedreiros-livres*, engenheiros que construíam a paisagem das maiores e mais importantes cidades do mundo; pairava uma lenda, certamente criada por engenheiros minuciosos que observavam a arquitetura do Flautron Plance, de que no subsolo da *quadrilonga* edificação situava-se uma loja maçônica. Dentro se avistava um pequeno palco em frente ao salão; esse era decorado como um sólio, próprio para um discurso monólogo e conciso. Mesmo tendo uma requintada decoração, o altar se tornava insignificante, inconspcuo, em comparação com as mesas decoradas, as altas e reluzentes cortinas de tafetá que circundava todas as paredes como uma leve colgadura e o altíssimo teto que era esculpido como igrejas antigas; aquelas esculturas pareciam serem feitas de gata ou nix de quatro diferentes cores; vermelho, verde, branco e, em sua maior parte, azul. Todas as cores intensas e de uma vivacidade deslumbrante e assustadora, originando a impressão de que os pequenos anjos ali esculpido seguiam todos lá embaixo com olhos azuis acusadores, fazendo assim todos lembrar que são pecadores. As luzes resplandescentes nos lustres faziam toda a diferença das cores originais da arquitetura. As dos três lustres centrais eram brancas e fortes, com um reflexo diferenciado nas toalhas azuladas sobre as mesas para quatro pessoas. As luzes dos lustres laterais eram avermelhadas e seu reflexo era eminente nas toalhas verdes sobre as mesas para duas pessoas, formando um clima de intenso romance. Em cada uma das mesas laterais havia um pequeno balde de vidro esverdeado e, dentro dele, um espumante mergulhado em um líquido vermelho onde flutuavam cubos de gelos da mesma cor. Havia frutas diferentes em cada mesa, e ao lado do balde estavam duas esguias taças de cristal. Nas mesas centrais havia um aglomerado de frutas dentro de uma vasilha branca que parecia ser feita de mármore, e ao lado, dois espumantes acompanhado de quatro taças cilíndricas e baixas. Em suma, o Flautron não era um simples local de eventos, ou mais um local de

765

770

775

780

785

790

795

eventos, era o local que fazia de qualquer evento inesquecível.

800

Às 21 horas do sábado daquela semana, Júlia sentou-se em uma das mesas laterais do Flautron Pálace. Ao sentar na cadeira ao lado, Edward procurou localizar alguém com olhar rápido e meticuloso pelas pessoas, e quando avistou bem ao meio do salão, disse indicando um ponto com um modesto gesto de cabeça:

—Olha ali, Paulo Voigh e sua esposa, Justine. É meu superior na Meisinger.

805

De sua mesa, Paulo cumprimentou-o com um piscar de olhos e um sorriso aberto, típico de um chefe devotado.

Em uma das mesas para duas pessoas próxima ao altar, Clark sentou-se acompanhado por sua mãe. Depois de alguns minutos, inelegantemente, Tea abriu a garrafa e serviu uma das taças, delibando, em seguida, o espumante.

810

Foram longos minutos até que todos os convivas estivessem presentes. Quando isso aconteceu, um homem subiu ao altar. Reinaldo Marfim era o coordenador do projeto; um homem completamente calvo e com um bigode ralo e escuro, o que dava a impressão burlesca de que era pintado em contraste com as longas sobrancelhas grisalhas que eram parcialmente escondidas pelas lentes diáfnas dos óculos, dando pouco a perceber se seus olhos eram castanhos ou verdes, mas o fato de ser estrábico era perceptível à distância. Com um microfone em mãos, Reinaldo deu início ao evento:

815

820

—Boa noite a todos.— deu uma pausa, ouvindo uma resposta modesta, e continuou— Será uma noite agradável ter tanta gente boa como companhia.— todos sorriram encenadamente— Acreditem, nem mesmo querendo vocês conseguiriam ofuscar a luz que há em vocês. E não há razão alguma para sentir vergonha dela. Está luz é viva e intensa. Foi ela quem os iluminou, indicando também o caminho para chegarem até aqui...

825

—Que versátil.— ironizou Clark, com voz baixa— É um mutante, um impostor, se esse subsídio não fosse lucrativo não daria um tostão a este tartufo.

830

Tea sorriu e acendeu um cigarro sem dar importância às pessoas que a observavam.

—Gostaria de chamar um dos alicerces desse projeto.— continuou o apresentador depois de uma rápida explicação sobre como funcionaria o projeto— Um homem que sempre sustentou a

335 ideia de que todas as dificuldades podem ser superadas, de que todos os óbices sociais podem ser derribados. Clark Meisinger.— Reinaldo concluiu descendo o braço direito em direção à mesa onde Clark estava sentado.

Já próximo ao apresentante, Clark subiu no pequeno palco e tomou o microfone das mãos de Reinaldo.

340 —Boa noite.— disse ele— É um prazer colaborar com esse projeto beneficente e é um prazer maior ainda ter como associado Reinaldo Marfim, que há anos adminicula em eventos como este com altruísmo sincero e um tanto convincente. Ainda bem, assim ele nos convence ainda mais de que para todos os problemas sociais há uma
345 solução. São poucos como ele que vêem a verdade dessa sociedade iníqua para os pobres, que segregam eles em um país governado por ufanistas que sorriem enquanto gastam o dinheiro público em coisas vãs, em viagens idílicas com amantes ao exterior e imóveis em cidades turísticas. Nós temos como dever ajudarmos essas
350 comunidades e este evento é o elo entre nossa ajuda e o resultado. Temos como obrigação tornar todos os seres humanos iguais, temos que evoluí-los, torná-los perfeitos como Deus nos criou. Depois de vermos o resultado, sentiremos orgulho de antes estarmos aqui. Obrigado a todos e aproveitem essa noite tão especial.

355 O apresentador e coordenador do projeto Reinaldo Marfim tomou novamente o microfone para finalizar a apresentação. Passado alguns minutos, depois de ele arvorar o microfone em direção aos aplausos, os garçons começaram uma dança sinuosa entre as mesas apresentando o cardápio. Em sua mesa, Edward pediu a um garçom para que servisse as duas taças com espumante.

360 —Está se divertindo?— perguntou ele a Júlia, e ela afirmou gesticulando a cabeça.

—Por que? Você não está?

365 Ao responder, ele cruzou um olhar irresoluto e indeterminado pelas mesas:

—Acho um pouco superficial, monótono e... — suas palavras se calaram quando seus olhos chegaram ao centro do salão.

370 —Monótono e o que?— instou Júlia, observando o olhar dele se contrair para uma mesa afastada, bem abaixo de um dos três gigantescos lustres centrais do salão. Foi espantoso como a expressão dele se modificou, foi como se tivesse visto um fantasma, um deslumbrante espectro que fez ele sorrir admirado.

—Nada, esqueci a palavra certa.— enquanto falava ele sustentava um olhar atônito para a mesa— *Me* espere um momento aqui, Júlia, que eu já volto.

Após concluir, ele, sem pensar nos atos, se levantou rápido e antes que Júlia pensasse em inquirir o motivo, se afastou deixando-a sozinha e constrangida sendo iluminada pela tênue luz das lâmpadas. Esquivando-se de garçons e mesas, ele se aproximou de uma das mesas ao centro do salão e após tocar no ombro de uma garota vestida inteiramente de vermelho, disse com o sorriso aprazível de quem está fazendo uma surpresa:

—Que mundo pequeno, não?

Ao virar-se para ele, a garota formou um sorriso nos lábios fortes de batom.— Edward!

—Cristiane Graça, que prazer encontrá-la nessa cidade.— ele inclinou-se para um beijo tênue naquela face suavemente maquilada e completou próximo ao ouvido— Você não imagina o quão satisfatório é encontrá-la por aqui. E nesse momento.

As últimas palavras de Edward soaram como se a presença de Cristiane tivesse felicitado sua noite.

Houve um silêncio quando os rostos se afastaram e os olhares efusivos se revezaram com a surpresa. Quando ela, e unicamente ela, ouviu um pigarrear proposital ao lado, piscou rápido e sorriu.

—Ah! *Me* desculpe.— rumou os olhos para o lado, e em seguida voltou-os para Edward— Edward, esse é Carlos Hulman. Carlos, este é Edward Radmim, um amigo que conheci em Angra.

Mesmo surpreso pelo fato de ela ter lembrado tão rapidamente de seu sobrenome, Edward inclinou-se para frente e apertou a mão de um rapaz que não mencionou palavras.

—É um prazer.— disse o diretor da Meisinger, formando um sorriso sem graça, quase que frustrado, antes de completar com uma frase que soou como o eufemismo para a pergunta que gostaria de fazer direta e indiscretamente— Me parece um casal moderno, modesto.

—Não entendi?!

—Essas mesas não foram decoradas para casais.

—Ah! Quê isso. Carlos é meu amigo.— disse ela, sorridente, percebendo logo em seguida que suas palavras modificaram a expressão vagamente desiludida de Edward— Ele é coordenador de uma empresa onde antes era advogado. Está representando ela.

—Impressionante.— disse o diretor da Meisinger, com um curto sorriso, mas que patenteava a depreciação contida. Percebendo que, além dos garçons, ele era a única pessoas que estava em pé em
015 meio aquele mar de formalidades onde a pragmática estava sendo executada com orgulho, Edward desfez o aprazimento na expressão e assumiu ares mais sérios— Bom, desculpem-me pelo incômodo, mas agora preciso voltar à minha mesa. E espero que tenham uma ótima noite.

—Obrigada.— agradeceu ela— E seria bom encontrá-lo por aí, Edward.

O sorriso dela foi exposto, quase um convite, percebeu ele, que antes de se afastar, retirou do bolso do paletó um cartão com seus
025 números de telefone e a entregou.

—Esta cidade é grande e cheia de pessoas neutrais. Não posso perder uma oportunidade.

Ela apanhou o cartão perfumado, feito luxuosamente de holanda, e contemplou seus caracteres prateados. Sorriu e olhou com sinceridade para ele.— Tá! Tudo bem. Eu te ligo.

Ao retornar à sua mesa, Edward logo ouviu Júlia prescrutar com um olhar entre zangado e possessivo, percebendo que o semblante antes entibiado dele estava modificado pela satisfação:

—Quem era?

—Uma amiga que conheci em Angra.— respondeu ele, sentando-se.

O jantar daquela noite foi lacônico. Como todos os eventos convencionais o importante era a presença e não o tempo ou o entretenimento. Poucas pessoas se levantaram de seus assentos para cumprimentar outras pessoas em outras mesas, e quando porventura conhecidos se esbarravam, esses se cumprimentavam apenas com um aperto de mão modesto e um sorriso teatral, tudo no mais farisaico contentamento. Para Júlia, que logo de chegada deixou-se enlevar pela ostentação do Flautron Pálace, foi uma das noites mais superficiais de sua vida; talvez a superficialidade fosse confundida com um certo desapontamento e ciúme não admitido.

No carro que retornava à casa, observando o olhar ensimesmado de Edward para o asfalto, Júlia decidiu quebrar o silêncio:

—Para que sociedade insulsa e dissimulada você entrou?! Vápida, como dizem os poetas.

Aquele argumento pareceu despertá-lo de algum pensamento, então ele sorriu meio sem jeito e olhou para ela.

—É. Mas ao menos não é preciso usar malícia alguma. Isso nos isenta de tomar prudência e desconfiança. Todos são diretos, até mesmos nos olhares. É tão fácil conhecê-los e mais fácil ainda é saber quando estão sendo falsos.— disse ele, voltando a observar a rua sendo molhada pela garoa através do pára-brisa.

Quando o carro passou em frente uma igreja que estava de portas abertas para a rua, dando vista às pessoas que oravam com as cabeças abaixadas, Edward ouviu o suspirar de Júlia.

—A última vez que você entrou em uma igreja foi no batismo de Manuelle.— lembrou ela, entristecendo o cenho.

Vendo que pela segunda vez ele fitou seus olhos, ela formou um sorriso triste e lembranças. Mas ele não discerniu a tristeza e a saudade que no fundo ela queria que ele denotasse para que também discernisse seus sentimentos em relação a ele— o amor cruciante não correspondido— e ele voltou os olhos à rua. *E a próxima será em meu casamento com Cristiane*, devaneou ele, formando um meio sorriso esperançoso.

—“Ficarão de fora os cães e os feiticeiros, os que se prostituem, e os homicidas, e os idólatras, e qualquer que ama e comete mentira”. Apocalipse; capítulo 22, versículo 15.— falava o pastor com voz soprada e com moderada eloquência nos gestos braçais. Emocionados pela prédica, os fiéis fechavam os olhos refletindo cada palavra do palestrante— O que vocês aprendem com isso?— continuou ele, inspirado— Apocalipse é o fim, o ômega; o que é axiomático, da mesma forma que o mal ficará de fora do templo sagrado após o último julgamento, a volta de Cristo. Mas no entanto nós não estamos no fim, e sim nos direcionamos a ele. Os contritos ainda estão em tempo de salvação porque a porta da igreja ainda está aberta! O mal é forte, seduz e abraça quem está na rua. Ele é vigoroso e abrangente. Sei disso porque eu mesmo estava lá e precisei de muita força para ao menos conseguir rastejar-me pela sarjeta imunda até as asseadas portas desse templo, que benevolentemente acolheu-me em forma de um pastor preconizando os ensinamentos tão sagrados; vem até mim que lhe mostrarei o caminho que levarão poucos aos céus....

090 Duas semanas tinham se passado após o fortuito encontro de Edward com Cristiane e ela ainda não tinha ligado para ele, que ocultava a aflição atrás da escrivaninha encoberta de papéis e de um exemplar do *house organ* da última semana, em que tentava também se concentrar para fugir dos pensamentos relacionados a ela. *Onde*
095 *poderia ele reencontrar ela em uma cidade tão grande?* Quando finalmente se concentrou em uma matéria conjectural sobre a próxima participação nos lucros para os funcionários, ele ouviu o telefone tocar sobre a mesa. Fechou rápido a revista, deixando uma caneta entre as páginas, e atendeu o telefonema. Reconhecer a voz suave de Cristiane fez ele abrir um sorriso surpreso com assomo de alívio em um suspiro audível.

—Como está? Achei que não iria me ligar.

Mesmo com toda a espontaneidade, o argumento de Edward pareceu ser eufêmico; a pressa dele se revelava enquanto procurava cadenciar as palavras, percebeu Cristiane. Imaginando um sorriso nervoso do outro lado da linha, ela formou um sorriso travesso com os dedos entre os dentes.

—Foi um castigo.— disse ela.

—Castigo! Pelo que?

010 —Você não pediu meu número de telefone.

—Quis parecer modesto.

—Modéstia há muito tempo deixou de ser uma qualidade para ser um cavalheirismo.

015 —E cavalheirismo é uma qualidade.— afirmou ele, em tom de pergunta.

—É, mas muitas mulheres classificam como segundas intensões. São nos olhares gentis que se afloram os propósitos, ou não estou certa?!

020 Ela era boa com as palavras e sabia como jogar, percebeu Edward, pressionando a testa com a ponta dos dedos enquanto pensava no próximo argumento.— Mas..., o pragmatismo está escrito em minha testa. O que meus olhos revelam, meus lábios ratificam.— disse.

—Mas não me parece.

—Como não?

—Ainda não me convidou para sair.

—Mas não faz nem um minuto que estamos conversando.

025 —*Me* baseando em meu pouco conhecimento, pragmatismo

não depende de tempo.

030 Houve uma pausa. O próximo argumento decidiria quem estava em vantagem.

—Acaso eu a convidasse para sair, qual seria a resposta?

Mas quando o argumento é uma pergunta cheia de insegurança, o jogo se torna diferente e tudo passa a depender da resposta.

035 —Uma pessoa pragmática é o oposto de uma pessoa insegura. — “ponto” pra ela.

Houve uma segunda pausa e dois sorrisos, um nervoso e outro quase sarcástico. Na maioria das vezes o sarcasmo acaba se tornando compaixão e o vencedor acaba entregando o jogo, revelando quem realmente é o pragmático, o mais direto.

040 —Tudo bem, senhor pragmático, quando vai ser e pra onde vai me levar?

045 Ele não podia dizer que não podia, que tinha compromisso, ou que ela estava enganada em relação às suas intenções; isso seria fraqueza da sua parte e revelaria seu orgulho machista e infantil. Sem mencionar que seria a pior de suas mentiras. Portanto, não foi difícil escolher aonde e quando.

050 Aquele fim de semana se confundia com a realização de um desejo alimentado por mais de um ano. Para Edward era como um sonho estar ao lado de Cristiane, como andar de pés descalços sobre as areias das poéticas praias de Angra dos Reis. Os olhares dela eram lentos e mesmo assim eram diretos nos olhos dele, manifestando sua total convicção; eram profundos e de alguma forma deixava Edward desconcertado. Propositalmente, várias vezes ela encostou a taça de bebida nos lábios vermelhos e úmidos e encenava um toque de língua que o deixava embaraçado, sem saber o que falar ou como se comportar. E quando ela sorria de seu *pigarrear* disfarçado, ele corava as bochechas e pigarreava de novo, totalmente atrapalhado. A luz esbatida da vela vermelha sobre a mesa era refletida no fundo dos olhos azuis dela, que mantinha em seu rosto um sorriso lúbrico e confiável que se tornava indistinto ao se unir com suas piscadelas lentas em que se denotava mais timidez do que sensualidade. *Quem era aquela garota?*, se perguntava Edward, *O que nela a tornava tão diferente das outras mulheres?* A música tocada ao vivo por um pianista velho e talentoso era leve e harmônica, e isso para Edward, que estava adaptado a um mundo extremamente sofisticado, era um

055
060
065

070 patamar abaixo do derradeiro degrau da escada do erotismo. Quando piscou rápido e soube que não era um sonho estar com aquela garota e naquele lugar, ele aproximou seu rosto um pouco trêmulo ao rosto dela e sussurrou sentindo o inigualável perfume impregnado naquela pele macia:

—Se seu ponto de vista for igual ao meu, este lugar está...

075 —Excitante,— completou ela, a voz lenta— mas muito formal, o que nos inibe de realizarmos nossas fantasias.— afastando um pouco o rosto, ela contraiu o olhar para distinguir cada fragmento do azul nos olhos dele antes de completar— Nos causa medo e isso o torna impróprio.

080 Sentindo-se como se fosse um campo de batalha entre o desejo e o receio, ambos munidos de avidez e hesitação, ele, tomando coragem, suspirou diante o sorriso tímido dela e perguntou:

—Pra onde?

085 —Nesse caso, você conhece melhor esta cidade.— respondeu ela, como se estivesse desde o início à inteira disposição dele e simplesmente esperava pelo convite.

090 Minutos depois o carro saiu do estacionamento e tomou direção a um motel, onde Edward descobriu que não era um sonho, que tudo estava acontecendo deleitavelmente como sonhara desde sua viagem para Angra dos Reis. Aquela noite seria como um sonho esculpido para o resto da vida na lembrança de Edward, e aquele encontro foi o primórdio de uma relação forte entre eles, da união de suas diferenças. E iguais foram os seis meses que se passaram até o mês de setembro de 1985, que chegou inopinadamente como a floração dos ipês no início de uma primavera que charmoreou os parques e praças da cidade, quase um ano após o nascimento de Manuelle, a filha de Edward que agora pouco era lembrada pelo pai, mais um homem orgulhoso perdido em uma paixão adolescente.

100 Desde o primeiro encontro com Cristiane, Edward nunca ficou muitos dias afastado dela. Era um tanto assustador como tão rapidamente ela passou a ter influência sobre a vida dele fora dos portões da Meisinger, participando de suas decisões como se cada uma delas fosse de grande importância para um futuro juntos. E essa influência se tornou ainda maior e mais aparente em outubro, quando a empresa comemorou com uma *vin d'honneur* seu 31º aniversário e Edward levou-a para apresentá-la aos acionistas e diretores, que

10 contemplaram boquiabertos a beleza daquela que seria, talvez, a
futura senhora Radmim. A única aflição de Edward, sua única
insegurança, era o fato de Cristiane morar com um amigo que ele mal
15 conhecia; Carlos Hulman era coordenador de uma empresa de
materiais escolares que contratou Cristiane por intermédio de sua
irmã que fora criada pelos pais em Angra dos Reis, onde passou a
infância toda e o início da adolescência ao lado de Cristiane,
20 enquanto ele fora criado pelos abastados avós paternos, que pouco
prezavam sua mãe unicamente por ela ser descendente de uma
família humilde e sem estirpe, resultado da miscigenação de
portugueses com índios e italianos. Só depois de formado em direito
e por ironia de destino ser convocado à administração de uma
25 empresa, foi que Carlos conheceu sua irmã e convidou-a para morar
junto com ele. Mas mesmo ponderando pelo lado circunspecto,
Edward não aceitava isso. Ele acreditava não ser um homem
ciumento, desconfiado e inseguro, talvez isso até fosse verdade, mas
o fato de ser orgulhoso e defensor de sua imagem deixava-o sem
30 escolha alguma além de acoiar rudemente aquele vínculo de
Cristiane com Carlos. Para ele, *acima* de Cristiane estava apenas sua
reputação, a *base* de uma estima delicada como importante diretor de
uma empresa. Ele acreditava seriamente que qualquer deslize poderia
corromper sua imagem, como por exemplo, supostos rumores de que
sua futura esposa estivesse lhe traindo antes mesmo do casamento.
Quando se lembrou de Júlia e da premissa única que fez ele escolher
entre ela e a empresa, ele soube então que estava diante de um outro
impasse, que tinha que fazer mais uma escolha.

35 Estava sendo uma noite calma, de céu nuveado e com brisa
tênue que anunciava a vinda da chuva. Os carros cruzavam em pouco
número em frente o Bueno Solo de onde as pessoas os observavam
atentamente por trás dos vidros verdes e translúcidos. "Cidade
perigosa, atenção constante", eis a máxima mandamental que todos
devem ter em mente e a todo o momento, adotá-la como um costume.

40 Observando um automóvel que passava rápido em frente o
restaurante, Edward lembrou que o tempo também passa rápido e
disse com um olhar lembranças:

—Na próxima semana minha filha completará seu primeiro
aniversário.

45 Após secar os lábios úmidos de vinho *rose* com um

guardanapo, marcando-o de vinho e batom, Cristiane indagou:

—Já sabe o que vai dar de presente?

—Sim, iremos visitá-la, eu e você.

150 Naquelas palavras, ditas tão deliberadamente, Cristiane abriu os olhos surpresa, pois da mesma forma que Edward, ela também era possessiva e era muito ciumenta, isso se referindo a Júlia, a mulher com quem Edward tinha uma filha, a mulher que já era para ele o que ela nunca seria; a mãe de alguém que tivesse suas características e seu sobrenome. Mas Edward ainda não sabia disso; nem imaginava
155 que a mulher com quem planejava um dia se casar nunca poderia conceber um filho seu.

—Onde está o presente?— perguntou Edward, saindo do banheiro vaporoso. Gotejando água pelos cabelos, ele entrou apressado no quarto, onde Cristiane passava batom em frente o espelho do guarda-roupa.

—Coloquei no carro. No banco da frente.

165 Era 10 de setembro de 1985, uma tarde tépida e mórbida e era a data do primeiro aniversário de Manuelle. Naquela segunda-feira, Edward saíra de seu expediente três horas antes do horário normal; era aniversário de sua única filha e ao menos nesse dia ele teria que lhe visitar.

170 O carro parou em frente a casa de Júlia. Edward saiu segurando a caixa com o presente, e ao lado, Cristiane desceu sem qualquer expressão de felicidade; nada de aspereza, mas tudo de indiferença, uma indiferença um tanto defensiva, pois conhecia quase que perfeitamente o temperamento rude de Júlia e sabia de seu ciúme. Ao entrarem pela porta já aberta, eles logo avistaram as paredes da sala ornadas por balões coloridos, e sobre a mesa, um variado de doces que circundavam um pequeno bolo e outros balões menores unidos na mesa por fitas adesivas.

175 —Desculpe chegarmos adiantados.— Edward fitava o rosto de Júlia enquanto ela inflava um balão sentada em uma cadeira de acrílico— Estava ávido para ver minha filhota.— concluiu ele ao perceber o desprazer tomando forma no rosto de Júlia.

180 —Não me parece o Edward que eu conheço.— retrucou ela, deixando o balão se esvaziar entre os dedos— O pai tão dedicado.

—E...— diante à ironia, ele pigarreou meio sem jeito e cerrou o sorriso— onde está minha filha?

85

—Dormindo.— respondeu ela, com um olhar taxativo, quase que ameaçador, aos olhos dele.

190

Sem pedir permissão, Edward caminhou até a porta de um dos quartos sentido que estava sendo seguido pelo olhar hostil de Júlia. Cautelosamente, ele girou a maçaneta e abriu a porta para após entrar, dando novamente forma ao sorriso. Logo avistou sua filha dormindo entre os brinquedos em seu berço coberto por um mosquitoireo semitransparente. Sorridente, ele se aproximou e sentou-se em uma cama pequena que havia ao lado do berço. Enquanto abria o invólucro verde da caixa do presente, ele falava com voz baixa para não acordá-la:

195

—Papai trouxe uma coisa *pro* bebê.— de uma caixa prateada ele retirou uma estrela de pelúcia. No centro da estrela, o nome “Manuelle” estava bordado em dourado.— Minha estrelinha está crescendo e merece algo de acordo com seu tamanho.— Ele afastou o mosquitoireo para o lado e inclinou-se para cuidadosamente beijar sua filha no rosto...

200

Durante o tempo em que Edward esteve no quarto, Cristiane permaneceu em pé na sala, imóvel, sentindo-se suscetibilizada pelos olhares antipáticos de Júlia enquanto Maria se postava calada e constrangida ao lado da patroa, como se temesse qualquer movimento brusco dela.

205

—E..., onde está Reginaldo?— perguntou Cristiane, tentando rachar o silêncio; ela teve a ideia covarde de sair correndo pela porta quando Júlia avançou dois passos, reforçando seu olhar ameaçador.

210

—Foi chamar um amigo dele na casa *aí* da frente!

Tautócrono à resposta ríspida de Júlia, a porta se abriu e Edward saiu do quarto. Naquele instante, Cristiane deixou escapar um suspiro aliviado. Ele se aproximou e se colocou no pouco espaço que havia entre Júlia, com seus olhares desconcertantes, e Cristiane, que parecia estar à beira de um colapso de nervos, mas que sorrindo disfarçava seu constrangimento.

215

—Vamos?— disse ele.

Júlia piscou rápido e desfez o semblante amarrado.

—Você não vai ficar pra a festa?

220

—Não posso, tenho uma conferência hoje à noite. Tenho que me preparar.— respondeu ele, saindo pela porta de mãos dadas com Cristiane— Mas— voltou um olhar para Júlia e concluiu— se divertam.

225 Parada em meio a porta vendo o carro se afastar, Júlia encenou uma expressão extremamente enfurecida para o vidro escuro do carro, discernindo apenas o contorno do rosto de Cristiane enquanto essa olhava para fora, certamente para o seu rosto.

—Por que ela me odeia tanto?— perguntou Cristiane, percebendo a imagem estática de Júlia em meio a porta através dos troncos e dos galhos mais baixos das árvores que margeavam a estrada.

230 Edward engrenou a terceira marcha e olhou para o lado, denotando a preocupação no rosto de Cristiane.— Quê?!

—Júlia, por que ela me odeia tanto?

235 —Sabe que nem percebi isso?— disse ele— Estou empolgado, afinal, hoje nós temos uma importante conferência, e...— voltando o olhar para os lábios dela, ele formou um sorriso lúbrico, pondo a mão sobre as pernas dela, um pouco abaixo da fimbria do vestido— em qual dos motéis?

240 Devolvendo o sorriso, Cristiane pôs a mão sobre a mão dele e deslizou-a para cima, até que ele sentisse com a ponta dos dedos que ela estava sem calcinha.— Realmente, Ed, você anda muito ocupado.

DEMÔNIOS. A VERDADE QUE OS ALTIVOS NÃO GOSTAM.

265 Os olhares mudavam de melancólicos e nostálgicos para
superficiais ou simplesmente abstraídos. As frases, às vezes
profundas e sentimentais, mudavam de tom se tornando
veementemente vulgar para os sádicos, do tipo que não surtem efeito;
270 improficuas para as sinceras, inócuas para as maliciosas. Às vezes
havia o respeito recíproco, às vezes era o contrário. O absinto forte
passava de mão em mão e a fumaça do cigarro promiscuía-se entre o
ar quente da lareira e a fumaça do charuto cubano. Eram dois bonecos
ocultando a falsidade e encenando a sinceridade, sentindo na mente a
275 admistão entre todos os sentimentos, malignos e benignos, como se
todos os iminentes impulsos estivessem disputando a posse dos bonecos
em um eletrizante cabo-de-guerra. (...) Porém, há uma ressalva neste
contexto; o mau sai sempre como vencedor num prélio contra o bem
pelos mais fracos, e quando um pouco de álcool ajuda, tudo se torna
fácil e o bem desiste decepcionado.

280 —Somos alquimistas!— exclamou Tea, equilibrando uma taça
dourada entre os dedos.

—Concordo, o mal aqui nunca irá prevalecer.— completou
Clark, soltando lentamente fumaça pela boca semiaberta.— Estamos
circundados por uma aura dourada de proteção que nós mesmo
285 criamos.

—Muitos acreditam que por sermos individualistas e
antagônicos aos costumes sociais que somos maus e perversos.—
acrescentou Tea, exalando anélito com cheiro de menta e álcool— De
forma alguma iremos nos sujeitar a esses plebeísmos inconexos que
290 massificam erronia nas pessoas mal instruídas. Não podemos falar
errado, agir como pessoas comuns, acreditar facilmente em
provérbios populares que às vezes se contradizem. Somos pessoas de
um nível maior e de ideologias diferentes.

295 Bêbado, Clark obstruiu um arroteo com a mão fechada tapando
a boca e vincou a testa confuso.— Não entendi?!

—Quero afirmar que não somos ou fomos banidos dessa
sociedade podre por sermos ricos, mas sim por sermos contra essa
sociedade errante de reincidentes, de pessoas que acreditam
facilmente no que ouvem.

300 Ainda confuso, Clark ficou calado entre a fumaça expelida pela
boca, e por alguns minutos fez-se um silêncio ponderativo. Tea não

305

sabia como se exprimir, como coadunar os pensamentos e convertê-los em frases inteligíveis, e seu filho não entendia nem a mais simples das palavras. Clark contemplou o luzido fascinante do litro de absinto verde sobre a mesa e em seguida olhou para uma fotografia em um quadro fixado na parede escura sobre o rebordo de tijolos da lareira. Nela, ele, ainda pequeno, estava sentado ao lado de sua mãe atrás de uma mesa do Kep's Bar; atrás de Tea, Ricardo de braços abertos apoiava uma mão sobre o ombro da esposa e a outra sobre a cabeça do filho, como se estivesse protegendo-os. Clark percebeu que apenas o rosto de Ricardo estava indiscernível pelo reflexo de uma das lâmpadas do lustre em meio a sala e sentiu-se estranhamente desamparado.

310

315

Tea percebeu os olhos do filho se desviarem do quadro e fitarem seu rosto.

—Nós não estamos sozinhos, estamos?— perguntou ele.

320

Depois de um breve silêncio e um gole de absinto, Tea levantou-se da poltrona e se aproximou de Clark, aporpinquando seu rosto lívido ao rosto dele, que por estar de frente para flamas da lareira se tornava um pouco mais claro.

—Temos um ao outro, querido.

325

A voz de Tea, rouca, trêmula e branda, chegou aos ouvidos de Clark como um tálamo conchegativo para seus demônios, suas fraquezas, quando eles puxaram pela última vez a “corda”.

—Isso mesmo, um ao outro.— completou ele, levantando-se lentamente para que ela recobrasse uma postura ereta.

330

Quando se viram em pé, de frente um para o outro, eles se abraçaram e começaram uma dança atrapalhada e ondulante ao som de um piano imaginário. As mãos de Clark lentamente puxaram o vestido curto de Tea para cima. Os dedos entraram lisos entre as nádegas e a calcinha lentamente foi arrastada até o meio da coxa. Houve um flébil sorriso mútuo. Naquele átimo sórdido e incestuoso, ela abriu o zíper das costas do vestido, deixando-o cair no chão, e em seguida abaixou-se para despir-se também da calcinha. Já de joelhos no chão daquele cenário repelente, ela desafiou o cinto e logo abriu o zíper da calça de Clark, enquanto ele desprenhia os botões de camisa amarrotada e cheirando a fumaça de charuto. A calça caiu no chão e em seguida a cueca foi abaixada, e quando percebeu que todas as suas roupas estavam jogadas sobre o carpete, Clark sorriu, olhou para cima onde bem acima de sua cabeça um lustre mediano parecia

340

estar ameaçando despencar sobre eles. Manteve o sorriso e fechou os olhos.

345 As mãos trêmulas de Tea levaram a taça de absinto à boca e em seguida a bebida foi derramada sobre o falo semi-ereto, causando uma dor que logo foi ocultada pela boca gelada. Minutos depois, o sêmen foi engolido sem repugnância, e após isso, um olhar lascivamente maligno, tomado pelo mal, foi lançado de baixo para cima. Aquele olhar se aproximou dos olhos de Clark e eles novamente se abraçaram, dando continuidade àquela dança. Com os 350 olhos semicerrados, Clark percebeu no outro lado da sala, na porta vítrea de um armário de bebidas, o reflexo do corpo excitante *daquela* mulher. Suspirou e apertou aquela bunda perfeita. Ouvindo ela suspirar, ele entremeou os dedos até sentir os ralos pêlos pubianos úmidos, o que denunciava a excitação. Num gesto lento, ele afastou o 355 rosto do rosto dela, e num gesto brusco, empurrou-a, derrubando-a sobre a poltrona. Ela sorriu alto e abriu as pernas. Animalesco, ele montou-a penetrando-a com força, num vai e vem que oscilou os dois corpos e a poltrona até que ambos caíram no chão.

360 Minutos depois eles adormeceram sobre o carpete entre a poltrona e o litro de absinto sobre a mesa, em frente as flamas adurentes da lareira. Dormiram circundados pelo mal e com ele de cobertor.

365 Quando o dia nasceu, a claridade do Sol rapidamente varreu a fumaça e o cheiro de bebida que abrangeu durante a noite o espaço onde Clark e Tea tinham adormecido. Ainda sonolento, Clark sentiu um mal-estar e o anélito repugnante que saía de sua boca suja. Abriu os olhos e sorriu quando sentiu os braços de uma mulher sobre o peito. *Mas que mulher?* Seu sorriso se fechou e ele esbugalhou os olhos, sentindo a respiração de sua mãe no ouvido. Ao lembrar vagamente do que tinha acontecido, ele levantou-se num pulo, vestindo suas roupas amarrotadas, e assim, despertando Tea, que por 370 sua vez não teve outra reação além de continuar deitada com as pernas abertas. Vendo aquilo, Clark saiu correndo e subiu a passos cambaleantes a escada para seu quarto. Ainda deitada sobre o carpete, Tea ouviu os brados de seu filho em frente o espelho, que segundos 375 depois foi quebrado.

Minutos se passaram até que Clark, cenhoso, descesse as escadas com uma das mãos envolvida por um tecido branco, parcialmente avermelhado pelo sangue. Na sala, Tea fumava um

380 cigarro sentada no sofá enquanto esmiuçava o sorriso de Ricardo no
retrato apenso à parede aos fundos, bem acima da lareira apagada—
agora aquele sorriso, que antes aparentava ser tão sincero e ingênuo,
parecia sarcástico, como se escarnecesse do que tinha acontecido.
385 Quando de esguelha percebeu que Clark chegou até a porta da
varanda, Tea inclinou-se para apagar o cigarro no cinzeiro sobre a
mesa de centro.

—De que se arrepende?— disse ela, e quando Clark fitou seus
olhos, com certo receio e repugnância, ela voltou o olhar para cigarro
que seus dedos pressionavam entre as cinzas no cinzeiro— Você
390 mesmo disse que a perfeição não comete erros. Concordou comigo.

Sem retaliar, ele saiu para a varanda batendo forte a porta, onde
por horas ficou pensativo sentado em uma das cadeiras artesanais que
seu pai comprara nas Bahamas, tentando inutilmente esquecer o que
tinha acontecido. Quando o Sol aflorou por sobre os galhos altos das
395 árvores frutíferas, o reflexo dele na mesa de mármore fez Clark
contrair os olhos, que durante um bom tempo se puseram absortos na
mesa. Minutos depois, Tea abriu a porta e se aproximou até ficar lado
a lado com ele de frente para o pomar.

—Não se castigue, não foi um pecado.— disse ela, percebendo
400 em seguida Clark puxar ar aos pulmões.

O que seria pecado para ela, então?, se perguntou Clark.

Por algum tempo, Tea esperou por alguma resposta,
independente se ela fosse ou não retaliativa. Mas não houve
nenhuma resposta, nenhuma palavra; Clark permaneceu imóvel
405 olhando para frente, como se estivesse apenas ele em meio a varanda
contemplando o arvoredo. Quando por fim Tea abriu a porta e entrou
na casa, ele soltou o ar dos pulmões e acariciou a mão enfaixada pelo
tecido conspurcado de sangue.

Eles nunca mais conversaram depois daquela noite. Quando
410 fortuitamente acontecia de se encontrarem por dentro da mansão,
Clark virava o rosto ou desviava os passos, o que fazia Tea sentir-se
como uma bactéria nojenta e morbígena, desprezada pelo próprio
filho. Os dias, então, se tornaram *langorosos* e o silêncio cingiu
completamente a casa, formando um clima de mistério aos olhos do
415 especulante mordomo; ele não devolvia mais o sorriso dissimulado de
Tea— focava os olhos sérios no rosto dela enquanto ela encenava
uma felicidade inexistente— e não deixava de perscrutar quando
levava o jantar no quarto do então recluso Clark:

—Por que não desce para jantar com sua mãe, senhor?
Mas foram poucas as perguntas e perscrutações do mordomo...
—Isso não é de seu interesse, faça apenas seu serviço se quiser continuar aqui, seu velho idiota!
... porque as respostas eram sempre ríspidas, e diante de toda àquela rigidez o fãmulos se calava intimidado.

Porém, era diferente com Tea, com quem ele mantinha maior intimidade. Muitas vezes, juntos ao redor da mesa, o mordomo cochichava no ouvido dela, percebendo o olhar soturno que ela tentava, inutilmente, ocultar com sorrisos simulados quando percebia os olhos investigativos do mordomo fixos em seu rosto:

—Faz horas que Clark está trancado no quarto, senhora. É preocupante.
—Alguma coisa o atormenta.— respondia Tea, como se as palavras fossem para ela mesma.
—Como o que?— continuava o mordomo.

Mas nessa altura, quando a resposta sincera para a pergunta seria o fim assombroso da investigação do mordomo, Tea piscava os olhos, como se voltasse à realidade, e enchia o peito de ar.
—Pode me servir outro suco, Rui?
... *Ou outro café?... Ou mais vinho?*

Mas os argumentos digressivos de pouco adiantavam. Tea percebia em cada palavra do mordomo que ele desconfiava de alguma coisa e que suas atitudes e digressões respondiam dedutivamente a muitas de suas perguntas; era como se ela estivesse sendo investigada com minudência, imputada antecipadamente por um crime que não cometera, que suas atitudes e reações revelavam o que ela não queria revelar. Seria bem mais fácil ela desabafar ao mordomo o que estava acontecendo, e todo o encargo, então, se converteria em alívio.

Enquanto Tea era investigada pelo fãmulos, Clark se trancava em seu quarto, onde por dois meses encarou seu reflexo perturbado no espelho, tentando esforçadamente olvidar a imagem de sua mãe de pernas abertas sobre o tapete e a imagem esfumada dos dois transando. A partir de então, a grande lareira se tornou solitária e apenas a lembrança do fogo que antes produzia um calor agradável, passou a ser confundido com as chamas do inferno imaginário de Clark. Porém, Tea, ativa, não querendo *dar o braço a torcer*, não demonstrava sentir qualquer remorso ou arrependimento, mantinha

sempre uma expressão indiferente, isenta de culpa, como se nada tivesse acontecido, o que só fazia aumentar a repugnância de Clark por ela.

Estava uma noite chuvosa e fria. Os galhos das pequenas e das grandes árvores da cidade oscilavam pela borrasca prolongada que teve início no escurecer da noite e tendia a perdurar até o intróito da madrugada. Mas a madrugada estava longe e o relógio quase escondido atrás do balcão do restaurante, onde um atendente alinhado se postava orgulhoso, indicava 19 horas e 38 minutos. A postura esnobe do atendente tornava o clima ainda mais impróprio; mas mesmo com toda morbidez e clima de filme de suspense urbano requintado, o tempo não interferiu nos bons planos de Edward para aquela noite. Junto de Cristiane em uma das poucas mesas ocupadas do restaurante, ele dava início ao jantar à luz de velas marcado por telefone uma semana antes. Com os cabelos um pouco desarrumados, que foram sacudidos pelo vento na entrada ao restaurante, Cristiane se encontrava confusa olhando para o sorriso permanente nos lábios de Edward.

—Nossa! O tempo está piorando.— disse ela, formando uma expressão preocupada quando um relâmpago aclarou os cantos do restaurante.

Mesmo com pouco clareamento do vislumbre das velas no rosto maquilado, Edward percebeu que a preocupação de Cristiane foi apenas um disfarce para a curiosidade tão patente nos olhos. Mais do que ninguém ele sabia que ela não era uma boa atriz.

—Gosto desse clima.

—Deu pra notar. Mas quarta-feira não é um dia muito favorável para um jantar à luz de velas.

O comentário dela foi investigativo, percebeu ele.

—A não ser, Cris, que seja uma data importante.

Uma segunda trovoadas ecoou nos céus da cidade e Cristiane percebeu o sorriso de Edward sendo clareado pelos relâmpagos, pela claridade que atravessava os grandes vidros verdes das paredes do restaurante e esverdeava todo o ambiente, inclusive os alvos dentes de Edward.

—É alguma surpresa?— perguntou ela.

—Não me perguntou sobre a data, mas tudo bem.

—Meu interesse mesmo é sobre a surpresa, agora espero que

haja alguma.

500 Cristiane não tinha o perfil de uma garota romântica e sensível, daquelas retraídas que prudenciam e controlam as palavras. Continuava sendo a mesma garota natural que Edward conhecera em Angra, e era dessa espontaneidade que ele mais gostava. Pela primeira vez na noite ele fechou o sorriso e deslizou as mãos até encontrar as mãos dela sobre a mesa.

505 —Meu pai pediu minha mãe em casamento neste dia, há trinta anos atrás. Eu farei o mesmo.— disse ele.

510 O sorriso lento de Cristiane foi a resposta afirmativa, e ele então afastou as mãos e tirou do bolso do paletó uma caixinha vermelha e abriu em frente os olhos dela. Na expressão de Cristiane surgiu uma fascinação sincera, como se na verdade ela não esperasse que aquela fosse a surpresa.

—E então?— perguntou ele.

515 Ela contemplou os olhos azuis dele refletindo a flama das velas e o castiçal dourado; o reflexo de seu rosto bem ao fundo dos olhos dele sorria abertamente. Sentindo a felicidade, ela alcançou o anular da mão direita para que ele colocasse o anel de noivado.

—Eu...,— Cristiane estudou uma última vez o rosto dele antes de completar— eu adoraria ser sua esposa.

520 Depois da troca de alianças eles se abraçaram, jurando tacitamente fidelidade um ao outro, na ingênua crença de que aquele juramento nunca seria quebrado.

525 Dois meses depois daquela noite, eles se casaram. Foi uma cerimônia discreta com pouco mais de trinta convidados, entre eles, Paulo Voigh e sua esposa Justine. Também estavam presentes os pais de Cristiane e um casal amigo dela. Carlos, o então patrão de Cristiane, também fora convidado, mas depois do casamento ele passou a ser nada mais que um amigo distante *ininterferente* em sua vida. Além desses, alguns amigos de profissão de Edward presenciaram a cerimônia. Quanto à Júlia, o convite que recebeu pelo correio foi como o atrmarginado noticiando a morte da esperança de um dia reconquistar Edward, o pai de sua filha que ela tanto amava. *Talvez*, pensou ela, assim que abriu a correspondência, *Edward decidira enviar o convite pelo correio esperando que, dessa forma, ela percebesse que ele não gostaria de encontrá-la em meio os convidados, uma ocasião que para ele, um homem tão orgulhoso, seria constrangedor. Imagina? A presença da mãe de sua filha em*

530

535

seu casamento? Isso seria para ele, no mínimo, vergonhoso. Por outro lado seria muita soberba deixar de convidá-la.

Quando retornaram da lua-de-mel de três semanas em Angra dos Reis, onde se hospedaram em um hotel próximo à casa dos pais de Cristiane, ele se mudaram para um apartamento em um edifício no centro, em um dos prédios mais altos e também mais antigos da cidade, porém sua arquitetura *prístina* era muito bem conservada, fazendo dele uma das mais belas edificações da região. No apartamento já haviam alguns móveis decorativos anexos às paredes de cada cômodo, que por sinal era bem espaçosos. Tinha uma sacada oblonga e com grandes vasos sem planta apinhados de terra fecunda que certamente fora colocada nos vasos pouco antes que os próximos proprietários ocupassem o imóvel. Esses vasos ocupavam cada um dos cantos da sacada que era cercada por uma balaustrada mediana. Os três banheiros eram completos como uma sauna, com amplo repartimento de banho, dois vasos sanitários circundados por divisórias de acrílico e com uma banheira alva de bordas esculpidas em frente dois largos bancos de cerâmica nacarados que refletiam tudo à sua volta. Após uma pitada de ornamento de acordo com o perfil, eles entraram definitivamente naquele que seria o leito conjugal para o resto de suas vidas.

Ao menos assim eles pensavam.

Morar em um apartamento igual àquele era o antigo sonho de Cristiane como futura dona-de-casa. Em seus momentos sozinha, ela ficava horas deitada no sofá vendo tevê por assinatura, isso quando não estava no telefone jogando conversa fora com algumas amigas que conhecera em seu antigo emprego no escritório de Carlos Hulman. Usufruir de toda a mordomia e de todo o conforto que Edward lhe oferecia passou a ser o praxe de Cristiane, que mais se parecia com uma garotinha brincando de dona-de-casa do que uma dona-de-casa curtindo seu literal doce lar.

—Por que não tiram uma foto agora para que eu saia no cartão postal.— brincava ela, na sacada, admirando o panorama da cidade. Ao olhar para o horizonte, ela contemplava os pináculos dos prédios mais altos e as novas construções assurgentes em meio as construções antigas, e olhando para baixo, ela avistava o tráfego moroso na avenida mais movimentada da cidade, parcialmente sombreado pelo espantoso Edifício Mallon.

575 —Tome o café!— ordenou Tea, sentada ao lado da mesa, a voz
meio que autoritária e impetrante de quem está na defensiva, como de
quem procura impor regras mas que teme uma resposta impulsiva—
É como uma tradição para a família Meisinger as mulheres
prepararem o café de seus maridos e filhos.

580 Já em frente à porta de saída, Clark virou-se para ela com
marcas de sorriso nos cantos dos lábios, ignorando a mesa coberta de
frutas, doces e uma xícara fumegante de café ao lado de uma torrada.

—Não existe este café, Tea, não há tradição, nem mesmo você
existe.

585 Segundos depois, Tea ouviu o estrépito atroante da porta se
chocando contra o marco. Não aguentando o desleixo e a protérvia de
um filho malcriado, ela sentou-se na cadeira apoiando os cotovelos
sobre a mesa. Com as mãos trêmulas, nervosa e lentamente ela
entremeou os dedos nos cabelos, comprimindo-os com toda a força.

590 —Não se condene, senhora.— aconselhou o apreensivo
mordomo, surgindo inesperadamente por trás dos ombros de Tea—
Ele é apenas um jovem inconsciente. Não tem noção do que fala.

Tea sentiu as mãos macias de Rui pousar sobre seus ombros
para uma massagem.

595 —Eu tento, Rui, enceno estar bem, finjo que nada aconteceu...

—Desabafe comigo, senhora. Diga-me o que aconteceu. Talvez
assim eu possa te ajudar.

600 Sentindo que as mãos do mordomo se amoleceram ainda mais,
indiciando mais uma de suas tentativas para acalmá-la e para que
assim ela, segura e confiante, desabafasse, Tea levantou a cabeça e
limpou as lágrimas com a ponta dos dedos.

—Nada, Rui, não aconteceu nada.— respondeu ela, soprando
ar pela boca. Em seguida levantou-se e subiu para seu quarto.

605 Naquela mesma manhã, enquanto Clark estacionava o carro no
estacionamento privativo da Meisinger, Edward terminava de tomar
seu costumário café da manhã com Paulo Voigh antes de dar início à
caça aos frequentes problemas da fábrica.

610 —Na última reunião, Clark disse-me que viria aqui falar com
você. Ele chegou a comentar sobre o assunto?— lembrou Paulo,
dando espaço à banalidade e encetando um assunto mais sério.

Edward engoliu o resto do café e depositou a xícara sobre a
mesa.

—Ele me ligou na semana passada dizendo que viria falar comigo mas não mencionou o assunto. Disse ele que seria hoje.

—Por que você não perguntou sobre o que seria?

—Ele nem me deu chance. Parecia muito apressado e um tanto aflito.— ouvindo aquelas palavras, Paulo contraiu os lábios e o queixo e cofiou a barba tosquiada, reforçando um encenado olhar pensativo nos olhos de Edward, ouvindo-o terminar— Desligou o telefone antes que eu perguntasse sobre qual assunto ele queria discutir. O que você acha que ele quer?

Paulo pareceu ponderar a pergunta. Depois, desfazendo sua encenação, inclinou um pouco a xícara e examinou o que restava do café no fundo.— Não faço a menor ideia— disse.

Dez minutos depois a secretária de Edward ligou dizendo que Clark estava no escritório. Segundos depois ele abriu a porta da sala e viu em sua frente apenas Edward sentado atrás de sua escrivaninha, numa postura vígil que dava a entender que já o esperava.

—Sente-se.

Clark estudou a expressão circunspecta de Edward e encaminhou-se à poltrona.

—E então?— Edward cruzou os braços em frente o peito.

—Bem. O que tenho a falar é rápido e pode parecer um pouco estranho. Mas é importante.

—Continue.

—Você sabe que a empresa tem um estoque inacabável de produtos?— Edward aquiesceu com a cabeça— E que também tem um novo produto em desígnio para logo ser lançado no mercado?

Edward deixou escapar um sorriso entre sádico e sarcástico. Ah! Mas como ele se divertia quando a publicidade precipitada entrava em colapso com a tumultuada engenharia, e tudo por culpa do presidente da empresa que causava os problemas pensando em criar obstáculos a serem colocados no caminho do diretor de fabricação, que por ser atinado, era quem menos se prejudicava com esses problemas. O estranho era o fato de o presidente, o causador dos problemas, estar ali, certamente insinuando pedir ajuda para resolver algum problema por ele mesmo criado.

—É. Dessa vez a merchandising antecipada colocou os engenheiros contra a parede.

—Com certeza, mas não podemos procrastinar o que já está marcado. Eles que resolvam esse problema sozinhos.— Clark se viu

desviando do assunto pelo qual estava naquela sala e assumiu ares mais sérios— Mas enfim, esse problema não é nosso e eu estou aqui para pedir uma outra coisa a você.— analisando a expressão insubmissa à sua frente, Clark consertou sua frase imperativa, o que, estranhamente, não era de seu feitio— Um favor. Quero que apresente o produto para mim.

Quero que apresente o produto para mim. Aquilo soou para Edward como uma piada e ele inclinou-se sobre a mesa com um olhar perplexo no rosto de Clark.

—Espere! Não estou entendendo muito bem isso *aí*.

—Digamos que eu não esteja propenso a encarar olhares críticos de acionistas velhos e rabugentos que não entendem nada sobre o assunto e que fazem perguntas irritantes.

—Tá. Entendi.— Edward se esforçou para não sorrir, mantendo-se inabalável, e coçou a cabeça. Naquele caso ele concordava com Clark; aqueles velhos eram burros demais para serem acionistas de uma empresa de vulto tão grande como a Meisinger— Mas e Paulo? Sendo ele uma exceção, não pode fazer isso pra você? É tão simples.— prosseguiu Edward, encenando despreocupação enquanto procurava nas unhas vestígios de caspa.

—Talvez não seja tão simples assim. É preciso eloquência para instruir mentes cansadas.

Edward sentiu a alusão de Clark e reconheceu que Paulo não era muito bom com as palavras e que às vezes se perdia enquanto tentava explicar pequenos trechos de leitura aos diretores, e acabou concordando com o comentário remissivo do presidente da empresa.

—Tá. Tudo bem.

Clark pareceu ficar realmente contente com a resposta e abriu a maleta, tirando dela alguns folhetos presos num clipe metálico. Em seguida jogou um opúsculo ilustrado sobre a mesa que explicava passo a passo os segmentos do que seria o novo produto fabricado pela Meisinger. Edward espantou-se ao saber que o novo produto teria não apenas uma configuração diferente como também o modelo e pregou os olhos nos papéis.

—Como vê, é simples.— ia dizendo Clark— Só precisa fazer com que eles entendam todas essas palavras e desenhos. Há um protótipo do produto em meu escritório que enviarei a você antes do meio-dia. Cabe a você apenas decidir quando será a reunião.

Enquanto Clark fechava a maleta, Edward sentia que pela

primeira vez havia sinceridade nele sem precisar desviar os olhos dos papéis para esquadrihar seu rosto, onde havia um brilho soturno no olhar, como se a cada segundo estivesse a um passo das lágrimas. Folheando aqueles papéis, Edward, calado e confuso, observou Clark se levantar e se retirar de sua sala.

Minutos mais tarde Paulo entrou pela porta, e antes que curioso perguntasse algo, ele ouviu:

—Realmente, Paulo, ele não está em estado normal.

—Eu sei, ele é orgulhoso demais para dar a outro o privilégio de apresentar o design do novo produto, o que para ele é um ritual que tanto o envaidece.

Na expressão surpresa de Edward surgiu um assomo de sorriso no canto dos lábios ao ouvir aquelas palavras.

—E logo a mim, existe alguma coisa que está o afligindo.— voltando o olhar para o rosto de Paulo, Edward mudou de assunto— Espere! Você já sabia que o novo produto teria um modelo diferente e não me falou nada?!

—Não, eu não sabia.— disse Paulo, desviando os olhos para um dos opúsculos que Clark deixou aberto sobre a mesa.

O fim daquele dia chegou rápido. Clark se aproximava de sua casa guiando o carro em baixa velocidade abaixo dos galhos dos choupos que cobriam a estrada. Nos olhos, os sulcos causado pelo mau agouro que o perturbou durante todo o dia, e no costume trescalante, o cheiro forte de cigarro abarrotava também o carro que estava com os vidros fechados. Ao esgueirar lentamente na curva de acesso à mansão, ele avistou algumas viaturas policiais circundando a frente dos portões e algumas ambulâncias estacionadas abaixo dos galhos de algumas árvores. Entre as pessoas que circulavam pela rua e pelo pátio, alguns repórteres modestos seguravam câmeras que fingiam não estar em funcionamento. Sem precipitar-se, ele estacionou o carro no encosto da rua, metros antes dos altos portões da mansão. Colocou os óculos escuros e desceu, se aproximando aos poucos dos portões já abertos, de onde avistou a casa toda delimitada por fitas amarelas. Sentindo a palpável hostilidade em alguns policiais que encaravam os repórteres que ameaçavam se aproximar do presidente de uma das maiores empresas do país, Clark entrou pelos portões e andou por uma passarela longa com olmos baixos que mal sombreavam a margem de pedras e em seguida subiu os degraus

735 de acesso a porta. O hall de entrada era como um corredor duas vezes
mais largo que a porta dupla, e estando desocupado servia como se
fosse uma câmara sonora para toda a casa. Fora naquele lugar onde
ele, certa vez, escutou a conversa de seus pais sobre a viagem de
Ricardo e ficou sabendo qual seria o dia em que seu pai retornaria.
Lembrando disso, Clark retirou os óculos e depositou-os sobre a
740 superfície deitada do lambris que seguia à meia altura da parede até o
início da escada, se encontrando com um mainel metálico. Não havia
ninguém ali e dava-se para ouvir o zunido das conversas do que se
parecia ser de sete ou no máximo dez pessoas, que andavam de um
lado para outro da casa. Intuitivamente, ele imaginou alguém
debruçado sobre a mesa ao ouvir um choro baixo à esquerda.
Respirou fundo e olhou para cima, vendo através do vão da porta
745 apenas uma parte da escadaria bem aos fundos da casa que levava ao
segundo pavimento. Caminhou até a escada, pôs a mão no mainel
rente à parede e subiu os oito degraus que davam ao interior casa.
Quando ele pisou no oitavo degrau o silêncio surgiu pouco a pouco,
como os olhares das pessoas se divergindo para a entrada onde Clark
750 surgia; mas ninguém se prontificou em explicar o que estava
acontecendo ou o que havia acontecido. Quando girou um olhar para
a cozinha, ao longe, e viu que o velho fâmulos estava alquebrado
sobre a mesa chorando baixo enquanto uma mulher de cabelos ruivos
tentava acalmá-lo oferecendo-lhe um copo de água com açúcar, Clark
sentiu congelar os pulmões enquanto uma única pergunta o
755 deturbava.

*Rui estava vivo. Alguém havia falecido. Quem; a faxineira de
olhares deprimidos ou... Tea?*

760 Tentando conter a aflição, ele caminhou para o âmagos da casa,
percebendo com o canto dos olhos as pessoas que o analisavam em
meio um silêncio compassivo— percebeu dois homens de jaquetas
pretas e calças jeans de frente um para o outro próximos a um
pequeno bar no espaço entre a escadaria e a cozinha, parecia que um
entregava um pequeno saco plástico contendo alguma coisa, mas
Clark não se esforçou em perceber o que seria; havia um senhor
765 barrigudo postado em pé nos primeiros degraus da escadaria, como se
antes que Clark entrasse na casa ele estivesse pronto para subir aos
quartos; ele segurava uma maleta de perito criminal e outra vez por
intuição Clark levantou os olhos para cima e viu uma senhora magra
de uniforme branco conversando com um homem de sobretudo cinza

770 que quase tapava uma calça de linho amarela; atrás deles havia um jovem aconchegado próximo à parede, como se estivesse ali para impedir a entrada de outras pessoas.

775 *Certamente, era atrás da porta de um dos quartos onde estava o fogo, o centro de tudo o que estava acontecendo, de toda a atenção, tensão e preocupação estampada no rosto de cada pessoa. Mas a verdade era que, na exceção de Rui, apenas Clark estava tenso, o restante das pessoas se via em meio um silêncio expectante, esperando pela reação do proprietário da casa quando ele soubesse da verdade.*

780 Sem perder o controle, Clark caminhou mais alguns metros e, sob todos os olhares, sentou-se no sofá em meio a sala. Cruzou um olhar pelas pessoas espalhadas pela mansão e sentiu-se zozinho, em meio a uma vertigem. Piscou rápido, tentando voltar a si, e em seguida girou os olhos para a lareira aos fundos da sala. Sentada na poltrona de costas para o resto da casa, uma mulher contemplava tristemente a lareira. Seus cabelos eram encaracolados, como os de sua mãe e da faxineira; seus braços caídos nos dois lados da poltrona eram magros e de pele flácida, como os de sua mãe... e da faxineira. Mas, para o rápido alívio de Clark, ela estava diante à lareira, o único lugar da casa que sua mãe procurava nos momentos em que estava triste. Pouco aflito, ele se levantou olhando para os cabelos encaracolados da mulher que estava de costas para ele e de frente para o fogo que se apagava aos poucos. Girou os olhos um pouco para a direita onde aos fundos, na mesma porta de vidro do armário onde contemplou e cobiçou o corpo de sua mãe, ele viu o reflexo da empregada com um olhar úmido e ensimesmado para as brasas.

790 *Naquele átimo, ele caiu sentado no sofá. De fato, era sua mãe quem estava morta.*

800 A angústia de Clark sempre fora silenciosa, e surpreendeu-se ao saber que seu desespero também era. Sentado no sofá, ele apoiou os cotovelos nas pernas e pressionou a cabeça com as mãos trêmulas. Segundos depois, ele, sem olhar para o lado, percebeu um homem se aproximar e sentar no sofá à sua frente. De cabeça baixa, ele percebeu apenas a fimbria do sobretudo cinza roçando o chão carpetado.

805 —Por que tanta *calmidade*?— perguntou o homem, perscrutando a reação de Clark, que não mencionou palavras. Talvez o homem de sobretudo esperasse um impulso retaliativo que

310 respondesse à suas conjecturas e dissipasse suas suspeitas. Mas ele não ouviu nada além de um respiro longo e soprado— Ao menos faz ideia do que aconteceu?— completou ele.

—Como não poderia fazer?!— respondeu Clark, a voz branda e um tanto denunciativa.

—Então, por que essa *calmidade*, tudo é tão normal assim?

315 O tom suspicaz e acusatório naquelas palavras fez Clark levantar os olhos para o homem em sua frente, mas os óculos de lentes grandes e escuras que ele usava impediu Clark de esmiuçar sua expressão.

320 —E pra que perder o controle?— o tom de voz na resposta de Clark foi impressionantemente calmo— De que adiantaria?

325 Por sua vez, o homem se calou, estudando a idiossincrasia neutra de Clark, que abaixou os olhos para o chão, como se a morte de sua mãe já não fosse assim tão chocante, como se antes ela já fosse uma intuição. Depois de levantar-se e se afastar do sofá, o homem novamente subiu as escadas para o segundo pavimento onde ficava os quartos, sempre com um olhar minucioso em todas as pessoa que circulavam pela casa.

330 No banheiro no interior do quarto de Tea, a banheira branca transbordava a água avermelhada que cobria o corpo despido. Sobre o rebordo da banheira havia uma nocente e aguçada lâmina, que minutos depois refletiu os flashes da câmera fotográfica do perito criminal em vermelho. As mãos juntas com os dedos cruzados seguravam um rosário flutuante sobre a barriga. Os pulsos com cortes profundos emanavam as últimas gotas de sangue do corpo macilento. Os olhos abertos denotavam sua total consciência antes de cometer o suicídio. Em um caderno aberto sobre a pia se lia em palavras bem desenhadas; "*Deus me perdoará e me fará justiça. Tea.*"

340 *Justiça a quê? Perdão a quê?* se perguntou o detetive Alberto Cooper antes de iniciar a investigação; uma investigação que perdurou até o parecer irrefragável dos peritos de que Tea realmente teria cometido suicídio.

345 O segundo réquiem daquela geração da família Meisinger foi lúgubre e abalou as mentes das poucas pessoas que presenciaram a missa.

—Que os céus abram as portas para esta que foi uma célebre senhora.— disse o padre, dando início ao réquiem— Todos que

350 conheceram Tea Meisinger relatam sua personalidade sutil. Ela era,
não apenas para o grupo Meisinger, mas como para toda essa cidade,
a primeira dama e jamais nos esqueceremos dela. Um dia sentei-me
em um banco de uma praça e li no assento; uma oferta de Tea
Meisinger a todas as pessoas de fé. Aquilo para mim foi como a
355 prova de sua devoção para com Ele. Ela era grata pelo cargo que
ocupava, agradecia a Deus por ser aquela mulher perseverante, sutil e
amorosa, mesmo sendo retraída. Não foi o mal que a levou, foi um
chamado do Pai que viu sua queda após a morte de seu marido. Que
todos lembrem dela sorrindo e não em um esquite ou abaixo de um
túmulo. Que vá em paz e que Deus envie outras mulheres como você,
Tea, o mundo precisa.— concluiu o padre, a voz reproduzida pelos
360 auto-falantes ecoando nos cantos obscuros da igreja.

Sentado no banco mais próximo ao altar, Clark olhava para o
padre sobre a abside; viu ele ler todas as palavras em um papel e
absorto ele pensava; *nada no mundo é feito com sentimento real e*
espontâneo, até mesmo os santos atuam com melancolia quando se
365 *deve encenar. Somos todos falsos.* Absorvido por um sentimento
efêmero de luto que o tornava um homem bom e sentimental, ele
chorou repeso ao ver o padre, sendo padre, sair apressado da igreja
após o término da missa.

370 Inopinadamente, depois da morte de Tea, Clark desapareceu.
Se afastou por dois meses de sua casa e da empresa, o que causou
uma discreta preocupação em todos, inclusive nos acionistas que não
podiam deliberar questão alguma sem o beneplácito do presidente da
empresa. E para agravar ainda mais a situação, havia um novo
375 produto em mercado, o que causou uma verdadeira azáfama na
cúpula da Meisinger, pois a cada simples questionamento se
originava uma verdadeira dissensão; mas no final de tudo quem
sempre resolvia era o sempre sagaz Edward Radmim, usando
subterfúgios diferentes para cada caso, o que intensificava a
380 admiração e a confiança de Paulo Voigh.

Sozinho, Clark viajou em descanso e em luto para Roma, na
Itália, o lugar onde ele inconscientemente se isentaria da culpa.

385 Após o desembarque no aeroporto Leonardo da Vince, mais
conhecido como Fiumicino, e a compra do bilhete, ele seguiu de trem
até a Stazione Termine, a estação central de trens próxima à Piazza
dei Cinquecento, onde pegou o táxi que o levou até o Columbus, um

390 hotel-restaurante próximo à Basílica de São Pedro na Via Della
Conciliazione, a rua protegida pela cúpula do maior templo da
cristandade, a mãe permanente da Igreja Católica Apostólica
Romana. Escolhera tal hotel porque tinha a fama de ser calmo e
meditativo e ele fora mais que sensato em reconhecer que precisava
urgentemente de um refúgio sentimental, um lugar que ele poderia
905 pensar sem a mínima influência dos acontecimentos de sua vida na
empresa ou naquela cidade. Mas a curiosidade foi mais forte que a
consternação causada pela morte de sua mãe e fez ele logo pela
manhã do primeiro dia sair para conhecer a cidade. No primeiro dia,
depois de ficar minutos contemplando com os olhos ensimesmados as
000 águas do rio Tibre de cima da ponte Vittorio Emanuele II, de onde se
observava também o famoso Castel Sant'Angelo, ele seguiu pelo
movimentado Corso Vittorio Emanuele II até a Piazza Venezia,
conhecendo todas as notoriedades localizadas naquela parte da cidade
até o majestoso Coliseu, no extremo da Via Dei Fori Imperiali. Ficara
horas admirando as vívidas esculturas de Fontana dei Quattro Fiumi,
005 no centro da Piazza Navona, e passou pelo menos exótico Campo de'
Fiori, onde entristeceu-se diante à olvidada estátua do filósofo
Giordano Bruno, que ali fora queimado por heresia em 1600— ele
parecia acabrunhado observando as pessoas que sentavam sobre seu
pedestal e as que passavam indiferente à sua frente. Observou de
longe o monumento a Vítor Emanuel II postado negramente
010 imponente de frente para a Piazza Venezia, em meio a alvura das
construções que davam a ela o apelido de 'bolo de noiva' ou 'máquina
de escrever' pelos romanos. Seguindo pela Via dei Fori Imperiali, ele
chegou até o Coliseu, de onde se via ao longe, a igreja Santa Maria in
Aracoeli dando as costas à avenida movimentada. À sombra do
015 Coliseu ficava o clássico Arco de Constantino, claro que um pouco
ofuscado por estar localizado entre a mais grandiosa e esplêndida das
construções romanas e o Palatino. Conheceu as ruínas do Fórum
Romano, que dava a fabulosa impressão de que brotavam lentamente
de um chão verdoso e fecundo, e o Forum de Trajano. Assustado, ele
020 entrou na igreja San Pietro in Vincoli para unicamente conhecer a
estátua de Moisés postado como um filósofo altivo ao lado de Raquel
e Lia, uma das fascinantes obras de Michelangelo.

025 Em menos de uma semana Clark já tinha conhecido quase
todas as maravilhas oferecidas pela cidade que mais se confunde com
um museu à céu aberto; mas não se cansava de revê-las *todas*

novamente, tentando nas mesmas encontrar algo que poderia ter deixado passar por impercebido. Descobriu que molhar os pés nas águas de Fontana di Trevi era uma terapia para todos os sentidos, da mesma forma que contemplar do escadós ou do chafariz em meio a Piazza di Spagna o zimbório duplo da igreja Trinità dei Monti era, de qualquer forma, um estimulante, pois sentia-se um libertino em meio as belas jovens italianas ali reunidas no final de todas as tardes. Ficou abobado ao entrar no grandioso Panteão, que permanecia majestosamente incólume apesar dos seus quase dois mil anos de existência, e conheceu a igreja San Giovanni in Laterano encimada pelas estátuas de Jesus Cristo e seus apóstolos, a verdadeira catedral de Roma, confundida por muitos pela Basílica de São Pedro. Enfim, conhecendo todas as excelsas construções de Roma, Clark nem sentiu o decorrer dos dois meses planejados.

Dentro do avião de decolava no aeroporto Fiumicino, ele sorriu ao lembrar das várias moedas jogadas nas águas de Fontana di Trevi almejando um dia voltar à Roma, e concomitantemente se lembrou da Meisinger e seu sorriso se fechou.

Passaram-se dois dias depois do retorno e Clark já se encontrava atrás de sua escrivaninha reabrindo sua maleta. Estava outra vez integrado à empresa e para um único propósito; sentir-se superior, útil, vivo. Já na primeira manhã ele pediu para que sua secretária ligasse para todos os acionistas apazando uma reunião para prestar-lhes devidas satisfações sobre o desaparecimento; uma reunião lacônica que não se passou dos dez improficuos minutos que serviram apenas para que os acionistas certificassem que Clark continuava insistentemente sendo o mesmo desdenhoso e pesporrente presidente da empresa. Depois de um almoço rápido e enjoativo, incitado pela comparação à culinária italiana, e um passeio pelo parque central da cidade, Clark retornou ao escritório, onde, solitário e sem nada a fazer, sentiu-se novamente obsoleto, como um fantasma assíduo do qual ninguém mais sentia medo. Esforçou-se para girar um pouco a pesada poltrona e contemplou os prédios através da janela de vidro; numa rápida comparação com as construções *inconcussas* em meio a cidade, ele imaginou se ali era mesmo o seu lugar; se, como os prédios que se tornavam cada dia mais velhos e ultrapassados pelas construções modernas, ele fosse fadado a viver para o resto da vida em um lugar que ele não gostava e o fazia sentir-

065 se inferior a todos.

Mas quem além de ele mesmo estava obrigando-o a ficar ali? Ou por que não reverter sua imagem autoritária e altiva para que assim, consecutivamente, os pensamentos desprezativos de todas as pessoas em relação ao presidente da empresa se revertissem em consideração?

070 Deslizando os dedos uns sobre os outros ele sentiu a ponta das unhas levemente roídas e em seguida endireitou a poltrona para frente. Avistou em cima da mesa o *resultado* do superávit dos últimos dois meses que pedira para que sua secretária colocasse ali antes do meio-dia. Privou-se de pegá-lo. Independente de sua regência despótica e vexante a empresa continuava em excitante atividade nas vendas dos produtos, que para seu tácito desespero tinham se multiplicado nos últimos meses sem sua intervenção como presidente; e para recrudescer a emulação e o ódio, o maior alicerce de todo o sucesso era seu rival, Edward Radmim, o que fez ele esquecer-se de Roma e dos únicos dias em que fora, mesmo solitário, melancolicamente feliz. Por final, acabou esquecendo dos planos de um dia voltar à Itália, promessa feita enquanto jogava algumas moedas nas águas de Fontana di Trevi.

085 Quando pensativo inclinou-se no respaldo macio da poltrona, o telefone tocou sobre a mesa. Direcionado um olhar indolente para o registrador de chamadas do aparelho, ele nem se deu por conta que pela primeira vez em muitos anos naquela empresa sorriu antes de atender uma chamada de sua secretária.

090 —Alô.— disse, com voz suave e conquistadora.

—Senhor Clark,— respondeu a secretária— Fernanda Shuts está entrando em seu escritório.

—Quem?— a expressão aprazível de Clark se contraiu de imediato, imaginado quem seria.

095 —Fernanda Shuts, a psicóloga, senhor. Eu tentei impedi-la, mas ela não me ouviu.

000 Clark já conhecia o pragmatismo da psicóloga da Meisinger que a tornava inconveniente. Lembrou de suas frases enfadonhamente consolativas no dia em que visitou ele e a sua mãe após a morte de Ricardo e soltou ar pela boca. Olhando para o trinco metálico ser girado lentamente, como em um filme de suspense de Alfred Ritchcock, ele repoltreou-se para trás após repor o auscultador no gancho.

005 Fernanda Shuts era uma das mais qualificadas psicólogas da cidade e era integrada à Meisinger, orgulhosamente. Mas o orgulho não era tudo e a apreensão não era apenas profissional, era um apanágio inato pelo qual era reverenciada e reconhecida por todos. Se preocupava não apenas com as pessoas ligadas à empresa como com as pessoas fora dela e participava de todos os debates primordiais para futuros empreendimentos filantrópicos em que a Meisinger fosse convidada a participar, o que a tornava a maior inimiga dos avaros sócios da empresa e a maior solucionadora de seus problemas emocionais, principalmente nos momentos em que a empresa estava em crise. Mas o que mais impressionava nela não era a simpatia e a docilidade, e sim a beleza que perdurava dia após dia e seus quarenta e poucos anos que mal era revelado em duas carquilhas que surgiam no canto dos olhos enquanto sorria, que por sinal, tornava ainda mais charmoso o seu sorriso.

020 Assim que Fernanda entrou na sala, Clark sorriu disfarçando sua incomodidade.

—Sim?— disse ele, com polidez.

Fernanda avançou alguns passos e ficou em pé de frente à escrivaninha de Clark, a expressão tímida revelando o receio.

025 —Desculpe-me a inconveniência, senhor, mas não pude evitar de vir pessoalmente falar contigo.

—Ninguém chega a lugar algum quebrando obstáculos.— rebateu ele. Em pé, Fernanda enrubesceu o rosto levemente maquiado ouvindo o presidente completar.— E então, o que você quer?

030 —É um pouco chato ter de falar isso com o senhor, e tão diretamente.

—Já que *diretamente* entrou em minha sala, seja mais *direta*?!

Após a cortês ironia de Clark, Fernanda, encorajando-se, encheu o peito de ar antes de responder:— Acredito que o senhor esteja precisando de uma terapia, senhor Clark.

035 —Terapia, eu?! Você está brincando?!— o riso sardônico de Clark se fechou quando percebeu a seriedade na expressão da psicóloga.— Não preciso de terapia alguma.— teimou ele, com fria seriedade desta vez.

040 —Todos precisam.— acrescentou a terapeuta, insistentemente — Em um curto lapso o senhor sofreu duas perdas trágicas, senhor Clark, e é considerado um guerreiro por ainda *estares* em pé.

—Então, pra que ajuda?!

—Para se *manteres* em pé.

Clark fez uma pausa acariciando o queixo e, olhando para os papéis sobre a mesa, terminou indicando a poltrona à psicóloga, unindo o *inútil* ao agradável. Mas não era sinal algum de que fora persuadido tão facilmente, a verdade era que o subconsciente dele implorava por uma conversa com alguém em um momento em que a solidão empurrava sua cabeça para baixo. Queria sentir não não estava sozinho, que pertencia a um mundo que não era habitado por uma única pessoa.

Não houve terapia alguma naquela tarde, certamente. Durante toda a conversa ele apenas renitia em afirmar que não precisava de conselhos, que estava bem, e mudava de assunto quando ela, mesmo convicta, atenuava a própria insistência pelo medo de que ele pudesse insurgir-se contra ela e a expulsasse de sua sala; mais do que todos naquela empresa ela conhecia perfeitamente Clark Meisinger e sua arrogância impulsiva.

Três dias depois do retorno de Clark, Roberto Wurmam ligou para a mansão dos Meisingers. Ele também, como bom amigo, ficara preocupado com o desaparecimento de Clark logo após o suicídio de Tea. Roberto, apesar do espírito lépido, era o exemplo do homem pessimista, e angustiado pelos maus pensamentos imaginara todos tipos de suicídios às esconsas. Durante o tempo em que Clark estava desaparecido, ele ligara tão assiduamente para a mansão que até mesmo Rui, com toda sua paciência famulatória, não mais hesitava em demonstrar a chateação soprando ar no auscultador durante as respostas de que Clark não se encontrava em casa. Mas na última ligação, Roberto sorriu ao ouvir a voz de Clark, e depois de mais de trinta minutos no telefone, eles apazaram uma conversa para colocar os assuntos em dia.

E o sábado chegou desejado por Roberto. Assim que entrou pela porta da mansão e se aproximou de Clark, ele sorriu seu contentamento e juntos foram diretos para a frente da lareira, misteriosamente não mais temida por Clark, o reduto onde costumavam passar noites inteiras em claro, rindo e dialogando entre fumaça de cigarros e charutos e cheiro de whisky e bourbon.

Mas aquele sábado não fora tão empolgante quanto planejaram. Bem ao contrário, se tornou perturbativo para Roberto e um tanto dúbio para Clark a partir do momento em que viram o mordomo se

aproximar ofegante das poltronas.

—Senhor, há um homem em frente os portões. Diz ele que é investigador policial.

085 Sem precipitar-se, Clark depositou o copo de bebida sobre a mesa de centro e pediu ao mordomo que deixasse o detetive entrar, como se já soubesse o motivo pelo qual o detetive estava em frente os portões e pelo qual não se importava. No mesmo ato em que Rui enunciou que havia um policial em frente os portões da mansão, Clark automaticamente presumira que tal policial tivera o seguido
090 desde o momento em que seu carro se afastou dos portões da Meisinger, e mesmo assim não ficou perturbado, afinal, ele não devia nada e não havia nada o que temer. *Ou havia?*

095 Ao entrar esquivando-se dos móveis e alfaias espalhados desde o hall de entrada até a sala e se aproximar da lareira, o homem que vestia um sobretudo preto rociado pela chuva neblinosa fez Roberto, logo de cara, sentir-se perturbado ao reconhecer seu rosto. Ao se aproximar a passos cautelosos das poltronas, ele disse com a voz lenta:

100 —Clark Meisinger?

—Sim.

—Alberto Cooper, detetive da homicídios.

Clark soergueu-se da poltrona e, com o charuto entre os lábios, apertou a mão do detetive.

105 —Suponho que queira fazer algumas perguntas, detetive?

O silêncio de Alberto foi assertivo, e sem permissão ele se sentou na terceira das poltronas; seu olhar demorado nos olhos de Clark foi como uma *precitação* tácita para a pergunta que faria em seguida.

110 —Deve se lembrar de mim?— disse ele, soslaiano de um jeito ameaçador para Roberto, que ao ouvir aquela pergunta enrubescou-se lembrando da ameaça do detetive quando fora raptado por ele e seu parceiro de investigação; teve até a impressão de sentir o cheiro metálico da arma empunhada contra seu rosto.

115 Antes de ouvir a resposta, Alberto voltou os olhos para Clark, percebendo ele tirar sossegadamente o charuto da boca.

—Eu conversei com você no dia em que sua mãe cometeu suicídio e também dias depois do falecimento de seu pai, anos atrás.

120 Naquele instante, tanto Alberto quanto Clark ouviram o respirar aliviado de Roberto; *aquela pergunta era para Clark*, soube

ele.

—É impossível se esquecer de alguém que só nos traz notícias ruins.— enquanto falava, Clark mantinha um olhar observador em seu amigo.— Mas,— ele voltou um olhar grave para o detetive— se você é da homicídios e minha mãe cometeu suicídio, presumo que haja algum equívoco ou alguma incerteza pairando sobre alguma mente desconfiada?

Alberto deixou escapar um sorriso rápido, aparentemente encenado, depois reprimiu a expressão. Não era de se espantar o fato de Clark logo vincular o suicídio de sua mãe na história, no porquê de o detetive estar ali.

—Tudo é possível.— disse Alberto— Bem, vou direto ao assunto: queria saber se sua mãe se mostrava deprimida antes do sui...

—Não!

Alberto detestava quando entrecortavam suas palavras e fez uma pausa breve para um olhar grave e repreensivo.

—Nervosismo?— continuou.

—Algumas vezes sim, mas nunca perscrutei o porquê. Ultimamente nós não vínhamos nos relacionando muito bem.

—E eu posso saber o motivo?

—Digamos que o individualismo seja um defeito atávico da minha família. Venho de uma prosápia, detetive, em que o *solipsismo* é o único motivo de fé, o que promove a crença em nós mesmos e nos exime da possível preocupação com os outros. Nos alcunham de egocêntricos, personalistas, individualistas, sendo que somos apenas nós lutando ao nosso favor. Somos o centro de nosso próprio universo, acredite.

Por alguns segundos Alberto estudou os olhos frios de Clark, procurando por algum calemburgo naquelas palavras, pois conhecia perfeitamente o tipo de pessoa como Clark que gosta de brincar com palavras perigosas que possam comprometer seus segredos. Mas não percebeu nada além da crua impassibilidade naqueles olhos mortiços atrás da fumaça do charuto.

—Que pena, mas cada família com sua própria instrução, não é mesmo?

—É. Realmente. Cada família com sua própria instrução.

A calma e a lhanza encontradas em Clark tirou-o de suspeita, afinal de contas, fora comprovado incontestavelmente o suicídio de Tea. No que o detetive estava mesmo interessado era em saber se

160 houve algum tipo de perturbação acintosa da parte de Clark para que sua mãe cometesse o suicídio— a recrudescida desconfiança do detetive onde Clark seria o mandante no assassinato de Ricardo. Mas isso não seriam palavras que iriam responder.

—Bem, era apenas isso.— disse Cooper.

165 —Nossa! Um pouco rápido, não, detetive? Duas perguntas? Isso, sim, não é um interrogatório. Desse jeito vai conquistar minha confiança, detetive.

—Não, não é um interrogatório. Sabe, senhor Clark? Muitas vezes não se trata de perguntas e sim de reações.

170 Vendo o detetive apoiar as mãos nos joelhos para se levantar, Clark tragou forte o charuto e bateu o mesmo na orla do cinzeiro.

—Mas se quisermos, podemos ser bons atores.— disse ele, soltando fumaça pela boca.

175 —Nesse caso, eu sou um bom crítico de cinema.— respondeu o detetive, se afastando do sofá. Antes de pisar fora do tapete, ele virou-se para Clark e completou em tom de voz remissivo, como se estivesse falando a uma terceira pessoa— E peço a você que fique apenas entre nós essa conversa, tudo bem?

180 —Não se preocupe, não sou um homem de muitos contatos.— Clark olhou para Roberto e concluiu, sugestivamente— Não é mesmo, Roberto?

—Claro.— respondeu o outro, lutando para não encarar os olhos frios do detetive ao lado.

185 —Ótimo assim.— ao concluir, Alberto direcionou um olhar para a saída da casa.

190 Próximo à escada, com a cabeça quase colada ao interfone, o indiscreto mordomo disfarçou o olhar curioso e descruzou os braços quando o detetive o fitou, e encaminhou-se às pressas para a cozinha. Segundos depois retornou para acompanhar o detetive até os portões da mansão, onde disfarçou sua indiscrição com um sorriso que não foi correspondido.

Assim que o detetive desceu os degraus até o hall de entrada, Clark voltou-se para Roberto.— Que estranho.

195 Roberto não perguntou o que era estranho, ele sabia a que Clark se referia.

—Não gosto desse cara.— antes que Clark inquirisse o porquê, Roberto continuou— Lembra dos homens que estavam nos seguindo aquele dia no restaurante, anos atrás?— de um jeito desconfiado,

Clark afirmou com um gesto lento de cabeça.— Tenho quase certeza de que era ele, Clark. Não imagino o motivo, mas esse cara vem te seguindo há muito tempo. Tome cuidado.

O “tome cuidado” sutilmente revelara a desconfiança de Roberto em relação a Clark— se ele aconselhara Clark a ter cuidado era porque lá no fundo, em seu âmago, subsistia uma leve desconfiança, e o único motivo dessa suspeita era, certamente, a morte de Ricardo. Mas mesmo usando de um argumento precipitado, Roberto conseguiu desfazer a leve desconfiança de Clark, ou melhor, desviou essa desconfiança na direção de uma outra pessoa.

Enquanto fechava a porta de seu escritório na Meisinger, a psicóloga Fernanda Shuts quase quebrou a chave na tentativa de introduzi-la no trinco ao ser surpreendida por alguém tocando em seu ombro. Virou-se no mesmo ímpeto e deparou-se com o sorriso desfaçado mais conhecido da empresa.

—Clark?!— a voz dela saiu soprada e, no mesmo instante, seus pômulos avermelharam-se de vergonha enquanto seus lábios formavam um sorriso tímido.

Clark cerrou o sorriso numa atitude disposta de quem pede desculpas pela própria inconveniência e pelo susto causado.

—E a terapia, doutora?

Era final do expediente daquele dia, e sendo Clark o supremo presidente da empresa, Fernanda veneravelmente reabriu a porta e os dois entraram para a dita consulta.

—O que o fez mudar de ideia?— perguntou ela, afastando a cadeira da mesa para sentar-se em seguida.

—Você mesma disse que eu precisava de uma terapia.— respondeu ele, observando Fernanda reabrir a maleta e tirar dela um bloco de anotações enquanto sentava-se de frente para a escrivania.

—E como está se sentindo agora?

Clark entristeceu o olhar, parecia ser teatral e poderia ele estar ali pelo simples e mortificante fato de não ter alguém para conversar, ponderou Fernanda, pela necessidade de conversar com alguma pessoa. Mas isso, nele, era improvável, e olhando para o carpete de veludo, ele respondeu:

—Por dentro, uma tristeza, mas por fora tento encenar uma felicidade inexistente.

Fernanda não estranhou o fato de Clark, uma pessoa tão

fria e inexpansiva, se abrir tão facilmente com ela; tinha até a certeza, quase que absoluta, de que ele estava ali para uma simples e amigável conversa, coisa que ultimamente não vinha fazendo, e por isso teria ele que parecer sincero e objetivo. Porém, mesmo ciente da dissimulação de Clark, Fernanda teria que se mostrar uma verdadeira profissional para o presidente da empresa em que trabalhava para manter seu emprego.

—Senhor Clark....

—Clark!— interrompeu ele— Pra não atrapalhar a consulta, seja apenas a psicóloga com seu paciente.

Mesmo com toda a gentileza, aquele pedido mais se parecia uma ordem. Porém, havia algo de conquistador nas palavras e na expressão de Clark que Fernanda tentou ignorar, como exímia profissional que era, e deu início à consulta:

—Existem três tipos de pessoas, Clark; os otimistas e negligentes; homens que sonham e esperam tudo sentados, os pessimistas; pusilânimes e covardes que abaixam a cabeça ao defrontarem com os primeiros entraves da vida e desanimados esperam o fim por eles mesmo premeditado, e por fim existem os guerreiros, os realistas; homens que lutam contra tudo e contra todos os opressores e com esforço quebram todos obstáculos da vida, e de forma justa. Agora responda-me; com qual deles você se identifica?

Clark não respondeu. Ficou fitando os olhos verdes da psicóloga atrás dos óculos de leitura.

—Vejo que se enquadra entre os três, por isso talvez não saiba responder. Para facilitar sua resposta, vou usar um exemplo poético. Já ouviu falar de um grego da antiguidade chamado Aquilis, muito citado nos poemas épicos de Homero?— Clark outra vez se calou diante de uma pergunta e Fernanda prosseguiu, sentindo que suas palavras aos poucos entravam pelos ouvidos de Clark e abalavam seus sentimentos— Segundo Homero, Aquilis foi um guerreiro, talvez o maior de todos os guerreiros e por isso se tornou um mito, o exemplo da maior brandura e da maior violência e acrimônia em uma única pessoa, sendo o mais temperamental de todos os homens. Quando bebê, sua mãe Tétis, uma ninfa marinha, mergulhou-o nas águas do rio Estige crente que assim seu filho se tornaria inatingível, indestrutível. Na maior de suas negligências, ela o segurou pelo calcanhar, onde não foi molhado pelas águas do rio, por isso ali se tornou seu ponto fraco, foi onde a flecha de Páris o atingiu antes de

sua morte gloriosa pondo fim à guerra de Tróia. Isso exemplifica que todos os seres humanos têm um ponto considerado fraco. Agora me responda; qual é o seu ponto fraco?

Clark se impressionou com o quão penetrante foram as cinco últimas palavras de Fernanda e sentiu as pálpebras tremelicarem sobre os olhos. Sentiu que toda a encenação estava se desvaecendo, e de forma rápida e impulsiva.

—Não sou fraco?— respondeu ele, comprimindo o cenho.

—Seu coração.— respondeu Fernanda, indiferente à resposta de Clark— Você sabe disso e é exatamente isso que ignora, é exatamente isso que tenta destruir. Você é bom, sabe disso, e odeia inexplicavelmente essa complacência inata....

Enquanto Fernanda explicava, Clark entristecia o semblante e encolerizava-se em pensamentos, odiando segundo após segundo a mulher que estava sentada em sua frente, tentando convencê-lo de uma coisa que ele não aceitava, procurando impregnar em sua mente a imagem de um homem fraco que ele nunca seria. Mas mesmo cheio de ódio, ele não conseguia retaliar, apenas escutava— afirmam muitos psicólogos que ninguém consegue impugnar contra uma verdade não admitida, a verdade que essas pessoas tanto odeiam e que lhes é motivo de vergonha.

—Disso uma agrura se originou— continuava a psicóloga— e abrangeu-se sobre sua fraqueza lhe transformando nesse homem altivo, intimidativo. Odeia lágrimas, palavras doces, conversas banais, porque teme que tudo isso demonstrem um perfil bondoso e simplista. Você acredita que um homem de sua categoria deve se comportar como uma máquina sem sentimentos, e sabe o porquê? Porque acredita que sem assomo algum de bondade fará de você onipotente, indestrutível e onisciente. Pensando dessa forma você criou um manto de proteção sobre sua personalidade contra os agentes externos que possam alterar essa personalidade que você mesmo criou. Isso faz de você uma pessoa falsa, Clark. Porém, há uma bondade inerente que você...

—Não sou bom.— interrompeu Clark, os olhos azuis ruborizados.

—E por que faz questão de falar isso? Porque existe uma bondade latente em você que você mesmo petrificou, Clark, ou melhor, que tenta petrificá-la. Dois fatos que ajudaram muito nesse processo foi a morte nefasta de seus pais.

320 A concepção da psicóloga foi obtundente e deixou Clark enfurecido a tal ponto que ele sequer conseguiu invectivar a terapeuta, objetar seus argumentos, e calado saiu do consultório antes mesmo do final da consulta, deixando Fernanda sorridente em meio a ingênua convicção de que estava certa e que no outro dia Clark voltaria para confessar a verdade, para dizer que ela estava com a razão e que continuaria com o tratamento.

325 No outro dia, pela manhã. O diretor de Recursos Humanos da Meisinger, Marino Silveira, era um homem probo e parcial, tinha a psicóloga Fernanda Shuts como uma das profissionais mais virtuosas da empresa, mas também era amante e dependente de seu emprego. Ao entrar em sua sala de cabeça baixa e jogar sobre a mesa sua maleta e alguns papéis, ele se aproximou de um dos três telefones que havia em uma das duas mesas e discou o ramal da psicóloga. Minutos depois de uma ordem gentil, Fernanda abriu a porta do escritório do RH da empresa e entrou.

—Pois não, senhor Marino?

335 —Sente-se, por favor.— ordenou ele, o tom de voz macambúzio. Assim que Fernanda se sentou, ele prosseguiu, tentando esquivar os olhos do rosto dela— Sinto ter de falar isso, Fernanda, faz muito tempo que você trabalha nessa empresa, atuando na mesma área em que atuo ...

340 —Pode ser mais direto, senhor?— interrompeu ela, a voz tão branda quanto conquistadora de quem entrevê e também sente medo da aflição sugestiva expressa no rosto do outro.

Após respirar fundo e esquivar o olhar soturno para o lado, ele concluiu:— Bem, tenho a *consigna* para demiti-la da empresa a partir dessa data.

345 Como em uma pessoa que consegue captar no mesmo instante a realidade por mais árdua e vertiginosa que ela seja, instantaneamente uma lágrima saiu dos olhos da psicóloga e caiu sobre os papéis que estavam em cima da mesa onde ela estava alquebrada, esmiuçando o aspecto triste de Marino.

350 —São ordens de Clark. Sinto muito, Fernanda, muito mesmo.

Depois de recolher seus documentos, Fernanda saiu a passos lentos e abatidos pelos portões da Meisinger, a empresa onde trabalhou desde a sua formatura e sem a qual não conseguia se identificar profissionalmente.

355

Estava certa sobre ele, me enganei em pensar que poderia ajudá-lo, pensou ela, os olhos enrubescidos direcionados à janela da sala onde foi por longos anos seu único local de trabalho.

360

365

370

375

380

385

390

395 Oscilando em uma cadeira de balanço em meio a varanda, Júlia tricoteava trauteando e ao mesmo tempo observava algumas crianças correndo pela rua ensolarada e Maria podando algumas
 400 roseiras próximas a um cercado de madeira vergado pelo peso dos galhos de alguns buxos quando de repente ouviu o telefone tocar alto na cozinha. Levantou-se, jogando o tricô sobre a cadeira, e entrou rápido na cozinha.

—Júlia Cavalhais.— identificou-se ao atender o telefone. Logo em seguida ouviu uma voz feminina dizendo:

405 —Bom dia, senhora. É da escola de Reginaldo, queria pedir para que a senhora viesse até a escola.

—O que aconteceu?— exclamou Júlia, um mau agouro apertou-lhe a garganta no mesmo átimo; aguçado pressentimento de mãe quando alguma coisa de muito ruim acontece com um filho.

410 —Desculpe-me, senhora, mas só posso explicar pessoalmente.

Júlia pressionou as têmporas com os dedos trêmulos, tentando expungir o pessimismo, e concluiu antes de largar de qualquer jeito o auscultador no gancho— Tudo bem, eu estarei aí.

415 Meia hora depois, Júlia, com os cabelos embaraçados e roupas amarrotadas, entrou rápido pelo portão da escola. Cruzou um olhar tenso entre as várias crianças que brincavam pelo pátio ensombrado pelas árvores baixas que se espalhavam pelo vasto tapete de grama. O fato de não avistar seu filho entre as crianças deixou ela ainda mais preocupada. Aflita, ela subiu às pressas uma rampa que dava acesso a
 420 uma porta dupla. Abriu-a e entrou em um longo e largo corredor que levava à secretaria da escola. Chegou a passos atabalhoados até a porta da secretaria, de onde, no vão, avistou a única secretária sentada atrás de uma mesa escalavrada— uma senhora esguia de aproximadamente 50 anos que usava óculos de lentes grossas e redondas fixadas numa armação antiga e destingida; ela tinha um perfil rústico, tão tosco que nem mesmo se preocupava em encobrir as albugens nas unhas roídas com algum esmalte escuro ou substituir o cardigã hirsuto e com marcas visíveis dos botões que aparentemente foram arrancados. Ao perceber Júlia com um olhar
 425 preguiçoso, aquela senhora levantou-se de uma cadeira barulhenta feita de palha trançada e se aproximou.

430 —Júlia Cavalhais, suponho?— disse ela, entregando a mão

áspera para o aperto.

—Sim.

435 Enquanto segurava a mão trêmula e frígida de Júlia, aquela senhora calculava seu alto grau de nervosismo.

—Sou Lúcia Ramos, a nova secretária. Estava lhe esperando.

—O que aconteceu com meu filho?— perguntou Júlia, sem preâmbulos.

440 —Acalme-se, senhora, ele deve estar bem.

—Deve?— o coração de Júlia pulsou ainda mais forte no peito.

—Sente-se, por favor, eu explicarei.

445 A custo, Júlia sentou-se em uma cadeira velha com o assento de repes desbotado que ficava defronte a uma mesa antiquada e coberta de pastas sanfonadas e alfarrábios, recentemente usados para algum tipo de pesquisa histórica pelos alunos e que logo foram recolhidos.

—Bem.— Lúcia sentou-se na cadeira atrás da mesa e reforçou os olhos no rosto de Júlia— Seu filho sofreu uma convulsão...

450 —O quê?!

O alto tom de voz de Júlia obrigou a secretária mentir:

—Mas ele está bem, senhora.

—E onde ele está agora?!

455 —Ele foi levado ao Hospital Central.— respondeu Lúcia, percebendo o suspiro cheio de angústia de Júlia.

—E como foi que isso aconteceu?

460 —Não sei muito bem como aconteceu, sei apenas que ele caiu da cadeira enquanto assistia uma aula de português. Nem foi bem como uma convulsão, foi mais como um desmaio. Quem sabe detalhadamente o que aconteceu é a professora dele. Se quiser conversar com ela...

—Não, mas muito obrigado.— interrompeu Júlia, antes de se levantar e sair da sala; segundos depois, da escola.

465 Foi na primeira parada que encontrou naquela rua que Júlia entrou no único ônibus que ali estava estacionado, e apenas depois de mais de dez minutos de angustiante espera que o motorista, dominado pelo ócio e amaldiçoado pelos pensamentos de Júlia, foi dar a partida no ônibus. Quando o Sol do meio-dia entremeou-se sobre as nuvens, diminuindo a sombra dos prédios da cidade, Júlia desceu apressada do ônibus que estacionou em uma parada em frente o Hospital Central. Subiu os degraus encardidos e finalmente entrou no

470

475 vestibulo do hospital, que dava a impressão de estar dominado por
um amálgama urticante e inconfundível de medicamentos; um clima
mórbido e lóbrego originado pelas enfermidades e pelo medo fúnebre
das pessoas ali à espera de respostas. Não se via sorrisos nem faces
480 coradas, apenas faces inexpressivas e amarradas de pessoas sentadas
em bancos de madeira espalhados desde o átrio espaçoso até os
corredores curtos e longínquos. Ao entrar, Júlia identificou a
recepção com um olhar tenso e encaminhou-se até ela. Atrás de um
485 balcão comprido havia uma recepcionista jovem e um senhor calvo,
que ao lado observava ela digitar algum texto em um teclado vetusto
de teclas apagadas pelo tempo de uso. Quando Júlia descansou os
braços cruzados sobre o balcão, a recepcionista sentiu uma respiração
agitada soprar seus cabelos e levantou a cabeça. Não precisava ser
490 nenhuma psicóloga arguta para perceber o motivo da tensão tão
evidente no rosto daquela mulher e o porquê ela estava ali. Quando
Júlia ameaçou abrir a boca, a recepcionista interrompeu-a:

—Deve ser a mãe de Reginaldo?

—Sim. E onde ele está? Posso vê-lo?

490 —Ele está bem, senhora.— disse a recepcionista, levantando-se
de uma poltrona de napa após relancear um olhar ao senhor que
estava ao seu lado e que em seguida sentou-se na poltrona— Só
preciso conferir seus documentos, senhora, para em seguida
encaminhá-la ao quarto onde ele está internado. O médico que está
495 tratando de seu filho explicará para a senhora o que realmente
aconteceu com ele.

Sem hesitar, Júlia entregou a identidade velha e depois de uma
rápida olhada a recepcionista avançou os passos para sair de trás do
balcão, entregando o documento a Júlia.

500 —Pode acompanhar-me, por favor.

Júlia estranhou o fato de uma recepcionista acompanhar uma
pessoa até o quarto de um paciente, o que só fez aumentar seu
nervosismo.

505 Sentindo a pulsação palpitando no pescoço, Júlia acompanhou
a recepcionista que após reunir alguns papéis que haviam sobre o
balcão em uma gaveta, se direcionou a um corredor que se ocultava
atrás da escada que levava ao segundo pavimento. Caminharam pelo
longo corredor que já fazia parte do segundo bloco do hospital até se
aproximar de um dos últimos quartos. Depois de abrir e dar passagem
510 a Júlia, a recepcionista fechou a porta atrás de si e voltou à recepção.

Ao entrar na sala, Júlia notou, além do clima morbígeno, um sorriso terno estampado na expressão sarcástica do jovem médico que se aproximava.

—Ele está bem.— disse ele, antes mesmo de se apresentar, usando de seu vasto conceito psicológico, é claro, para aplacar a angústia da mulher que tinha os olhos aflitos fixos em seu rosto.

—E eu posso vê-lo?

—Claro, siga-me.

O médico girou o corpo e se direcionou a uma outra porta que ficava aos fundos da sala e abriu-a, gentilmente dando passagem para Júlia, que chorou ao ver a triste fotografia de seu filho deitado na mais indesejável das camas. A visão das agulhas cravadas nos pequeninos braços introduzindo por tubos o soro fisiológico que havia em sacos plásticos presos em dois suportes de metal, um em cada lado da cama, junto com a respiração estertorosa produzindo um ruído roufenho no tubo de oxigênio, era terrivelmente entristecedora para uma mãe.

Ao entrever Júlia com os olhos semicerrados, Reginaldo soltou seu sorriso de felicidade e de segurança; uma lágrima, então, escorreu pela sua face esmaecida e pareceu deslizar para dentro do ouvido. Júlia se condeou ao ver os lábios trêmulos de seu filho balbuciar seu nome em tom suave de carinho e fanhoso de fraqueza.

—Eu estou aqui, filho.— ciciou ela, se aproximando para sentar-se ao lado da cama.

Ela se conteve para não chorar ao perceber o esforço dele ao tentar pronunciar alguma palavra, que para ele parecia ser mais uma carga árdua e dolorosa que apertava-lhe a garganta.

—Não, não precisa falar nada. Tudo vai ficar bem.— disse ela, vendo ele formar um meio sorriso e fechar os olhos, entregando-se à fraqueza.

Por um longo tempo Júlia chorou abraçada em seu filho combalido sobre o leito do hospital. Quando aquela cena lastimosa literalmente se dissipou, o médico, que de fora do quarto observava-os através de um vidro transluzente, entrou com aquele mesmo sorriso desfaçado como se tudo estivesse normal, como se nada fosse tão sério.

—Como seu filho está?— perguntou ele.

—Você é o médico, você deve saber.

A resposta seca de Júlia fez o sorriso do médico desaparecer de

550 seu rosto, que se enrubesceu ao mesmo tempo em que adquiriu uma austeridade imparcial. Assim que ela voltou o olhar para seu filho, o médico se aproximou e sua sombra obumbrou o rosto pálido de Reginaldo.

555 —Acredito que agora possamos conversar?— disse ele, tocando suavemente o ombro de Júlia.

Ela virou-se para trás e percebeu a seriedade no rosto do médico e sentiu-se subjugada pelo seu olhar antipático.— Claro.

Antes de sair do quarto, Júlia beijou a testa de Reginaldo e cobriu parte de seu corpo com um edredom branco.

560 —Gostaria de lhe fazer algumas perguntas.— dizia o médico, que abria a porta e andava na direção de uma mesa aos fundos da sala.

—Perguntas? Sobre o quê?

—Procedimento fundamental para internação.

565 —Internação?— mesmo controlando a voz, a preocupação se patenteava no rosto vincado de Júlia.

—Seu filho sofreu uma convulsão grave, senhora, e terá que ficar internado, pelo menos até que os exames sejam feitos e que fiquem prontos os resultados.— afirmou o médico, acomodando-se na cadeira giratória que se escondia atrás da mesa.

570 —Tá. Quanto a isso nenhuma objeção, mas antes preciso saber o que aconteceu com ele.

—Bem.— o médico estudou o rosto de Júlia e puxou ar aos pulmões, como estivesse se cuidando para não falar algo de intempestivo e obtundente— Antes de mais nada, preciso saber se alguma vez seu filho sofreu algum tipo de perda de ar..., Enfim, alguma dificuldade em respirar?

Júlia deu uma pausa, e, desconsiderando a pergunta, negou com a cabeça.

580 —Desmaio?

—Desculpe, doutor...— ela olhou para uma plaqueta que havia sobre a mesa com a inscrição do nome do médico antes de continuar — ... Mauro Meida, mas o que isso tem a ver com o que aconteceu com meu filho?

585 —Muito, e para que eu possa diagnosticar com mais precisão seu filho preciso que colabore comigo.

A resposta do médico foi seca e fez Júlia suspirar.

—Bom, ele sofreu desmaios, mas isso quando ainda era

pequeno, não pode ter nada a ver com o que aconteceu.

590 Havia esperança na aflição de Júlia e a impressão de surgimento de empatia no olhar do médico fez aumentar sua preocupação.

—Preciso ser realista para que a senhora me compreenda.— disse o médico, dando uma pausa para um olhar firme nos olhos de Júlia— É apenas uma conjectura minha. Mas...— ele fez uma segunda
595 pausa formando uma expressão compassiva e olhou para alguns papéis que haviam sobre a mesa— Seu filho pode estar apresentando um caso grave de insuficiência cardíaca.

—Insuficiência cardíaca?!

600 Júlia tinha um pouco de noção do que se tratava, mas o mais preocupante era a impressão de que a resposta do médico fora um eufemismo para algo muito mais sério.

—É. E acredito que tenha grande possibilidade de que ele...

—De que ele o quê, doutor? Termine!— o tom de voz de Júlia
505 suplicava pela verdade por mais excruciante que ela fosse.

—De que ele precise de um coração novo.— o médico completou direcionando um olhar triste para Júlia, percebendo em seguida que seus olhos se avermelhavam gradativamente, patenteando o complexo pessimista de agonia e consternação, como se seu filho estivesse a um passo da morte, moribundo sobre o leito de um hospital.

—É preciso que a senhora fique calma.— pediu o médico, vendo as lágrimas querendo escapar pelas pálpebras vermelhas da mulher à sua frente— Posso estar equivocado. Pode ser que seja
515 apenas uma arritmia cardíaca e que precise apenas de um tratamento adequado. Mas o que posso lhe afirmar é que, em problemas cardíacos, os resultados dos exames são muito incertos, por isso são executados várias vezes, o que também explica a internação de seu filho.

620 —E quando ficarão prontos esses exames?— a pergunta de Júlia saiu quase que involuntária.

—Não posso responder quando porque não serei eu quem irá elaborar-los. Vou encaminhar seu filho para um cardiologista profissional.— antes que Júlia interrompesse com alguma pergunta, o
525 médico prosseguiu, não dando espaço à mínima esperança de Júlia— O cardiologista desse hospital, o doutor Almeida, é muito rigoroso e conciso, certamente vai descartar todas as medidas clínicas e

530 cirúrgicas que para ele servem apenas para delongar o inevitável; de certa forma, não tiro a razão dele, ele é um cirurgião fantástico e nunca se equivocou num diagnóstico. E não pense que estou sendo pessimista, estou apenas preparando a senhora para o que aparentemente está para acontecer.

535 Naquele momento, o médico sentiu que a ambiguidade em suas palavras fomentava a esperança de Júlia. Ah, mas como ele queria ter certeza e conhecimento sobre o que realmente estava acontecendo com Reginaldo para que pudesse ser mais preciso ou menos incerto.

—Mas se você não pode afirmar nada com certeza absoluta, como pode afirmar que meu filho precisará de um transplante de coração?

540 Mais uma vez o médico ignorou a esperança que distinguiu nos olhos de Júlia e respondeu:

—Já presenciei vários casos como este e todos que apresentaram os mesmo sintomas iniciais necessitaram de um transplante. Esses sintomas e reações, os que acabei de presenciar em 545 seu filho, só correspondem à problemas cardíacos sérios, não se trata apenas de uma refeição inadequada ou uma lipotimia de diversas causas. Queria eu estar errado.

550 Havia sinceridade no rosto do médico, e diante dela, Júlia não soube mais o que perguntar e nem sabia como reagir. Tudo estava sendo abruito demais para concatenar com uma única e rápida afirmação de memória. Apenas respirava enquanto olhava aflita para os olhos do médico, esperando ouvir dele alguma palavra otimista. Mas não ouviu nada e odiou aqueles olhos sinceros.

555 Minutos de silêncio depois, vendo uma enfermeira abrir a porta e entrar no quarto, o médico levantou-se tirando o casaco de médico e depositou-o no espaldar da cadeira.

—Agora a senhora precisa conversar com a secretária e apresentar os documentos requeridos para a internação de seu filho. — disse ele, vendo em seguida Júlia formar um último olhar 560 negativo.

—Eu, como médico,— continuou ele— não posso deixá-lo andar por aí sabendo que ele possa estar sofrendo um problema grave e que pode matá-lo. Seria muita falta de profissionalismo da minha parte. Não posso correr esse risco. E nem ele.

565 Sentindo-se como se fosse ela a inimiga de seu próprio filho, Júlia acabou condescendendo com o pedido do médico para a

internação de Reginaldo.

Três intermináveis semanas depois Júlia recebeu a notícia de que Reginaldo iria mesmo precisar de um transplante cardíaco, pois o ventrículo do lado esquerdo do órgão não conseguia bombear sangue suficiente para o corpo, seguindo o tipo incomum de hipoplasia recente acompanhado de arritmia cardíaca em estado terminal, o que dava a ele pouco mais de meio ano de vida se não encontrasse um órgão compatível.

Era realmente uma cirurgia arriscada e a fila de pacientes precisando de um transplante cardíaco era superior ao número de órgãos recebidos, sem somar a dificuldade de encontrar um órgão compatível. Naquela fila estavam as pessoas mais apressadas que podiam existir; pessoas lutando para se manter vivas ou manter alguém vivo, como o caso de Júlia. Muitos desesperados chegavam a oferecer recompensas para a instituição que iria realizar o transplante. E com Júlia não foi diferente, mas ela foi mais discreta e a boate Ketchup Night foi vendida por um preço inferior ao que realmente valia. Mas Júlia sorriu ao receber os 900 milhões de cruzeiros que logo foi dado ao hospital para que colocasse o nome Reginaldo mais ao topo da lista. Foram exatamente 850 milhões de cruzeiros que o hospital, ou melhor, que o avaro diretor do hospital recebeu para efetuar o transplante com mais agilidade e precaução, o preço que para ele valeria a pena arriscar sua profissão. Restava apenas esperar que tudo desse certo.

E foi numa tarde asfixiante enquanto olhava desanimada para a TV que Júlia recebeu a tão esperada ligação noticiando que o transplante de Reginaldo era o próximo da lista e poderia acontecer em no máximo quarenta dias, isso se o número de doadores não diminuísse e um dos órgãos doados fosse compatível. Mas o número não diminuiu e alguma criança havia morrido para salvar a vida de Reginaldo.

Estava sendo uma noite excruciante para Júlia. Sentada em um banco no corredor do Hospital Central, ela aguardava o resultado do transplante de seu filho. Ao seu lado, Maria, aconselhava ela com palavras otimistas que não eram ouvidas por Júlia; ela respirava angústia e expirava medo e tensão. Os olhos vermelhos entre as olheiras escuras causadas pela perda de sono estavam arraigados na

710 porta da sala onde duas cânulas desviavam o sangue de Reginaldo das veias cavas para uma máquina de circulação extracorpórea; até que o coração de Reginaldo fosse removido e o novo órgão fosse transplantado essa máquina seria seu coração. Depois de quase seis horas de tensão, que para Júlia seriam mentalmente eternas, a porta se abriu e o médico especialista que efetuou o transplante, Dr. Almeida, se aproximou sorrindo.

—Deu tudo certo, ele ficará bem.

715 Em setembro de 1986, vinte e dois dias depois do transplante, Reginaldo entrou em sua casa com um novo coração batendo em seu peito e a adulta consciência de que tinha nascido pela segunda vez; tinha até a noção de que alguma criança em algum lugar teve que morrer para que sua vida fosse salva.

720 —Seu irmão chegou pra cuidar de você, meu anjo.— ciciou Júlia, assim que entrou pela porta da casa e abraçou sua filha.

—Faço qualquer coisa pra ver meus filhos juntos.— disse ela, minutos depois, enquanto observava com os olhos rasos de lágrimas Reginaldo e Manuelle tomando iogurte em frente o portão.

725 —Sei disso, senhora, já testemunhei e sinto orgulho de você.— afirmou Maria, pondo carinhosamente o braço sobre os ombros de Júlia.

730 Era 1990, e mesmo estando a um mês do fim do inverno, o clima estava predominantemente álgido. O início algente de uma nova década trouxe consigo a lembrança de um passado triste e mórbido para alguns, enquanto para outros fora insulso mesmo sendo construtivo e enganosamente promissor. Quatro anos se passaram depois do transplante de Reginaldo, que já recuperado corria pelas ruas brincando como qualquer outro garoto de sua idade. Manuelle, cuidada com todo zelo de sua mãe e com a ajuda de Maria, cada dia se tornava mais linda e atilada; aos seis anos ela continuava crescendo como o maior troféu de Júlia.

—O mês que vem é meu aniversário, mãe, será que o pai vem?
— perguntou Manuelle, dias antes de seu aniversário.

740 —Não sei, talvez, mas provavelmente não.— respondeu Júlia, certa de que Edward não viria para o aniversário de sua filha.

O realismo que Júlia usava deixava a pequena Manuelle deprimida, com um triste sentimento de rejeição, de não ter pai algum, de ter apenas um sobrenome e uma conta bancária onde

745 "alguém" depositava o dinheiro de sua pensão.

Foram quatro anos constantes, paralelos, iguais para todos.

750 Edward prosseguia perseverante em seu cargo ocupacional como diretor da Meisinger. Com o passar dos anos sua vida de casado se tornou tão insípida quanto água e tão álgida quanto um mar de gelo; uma relação inexpandível e com pouca paixão que só fazia aumentar ainda mais seu amor pelo trabalho. Na relação não havia mais o mesmo tempero quando se casaram e eles nem mesmo tentavam preparar algum com alguma pitada afrodisíaca de idílio. A impressão era de que um não suportava mais o outro, de que Cristiane sentia-se melhor sozinha em casa e Edward sorria mais sinceramente na empresa, enquanto se felicitava com o sucesso da Meisinger.

760 Clark não deixou de ser o mesmo procaz e orgulhoso presidente da Meisinger. A solidão fez com que a relação de indiferenças que mantinha com o mordomo se transformasse de vilipendiosa para amena e um pouco afetiva. Aos poucos o velho ecônomo da mansão passou a fazer parte dos colóquios entre Clark e Roberto em frente à lareira ou em meio à varanda, tomando whisky importado e fumando charuto cubano. Claro que muitas vezes era melindrado por palavras ásperas que o humilhava e o fazia relembrar de quem ele era e qual era sua ocupação naquela casa.

770 Roberto Wurman continuava insistentemente sendo o mesmo escudeiro fiel de Clark e mesmo filho desidiioso amparado pelos pais. O fato de ser amigo do presidente de uma das maiores empresas do país, junto à estabilidade social que aquela amizade garantia, deturpava seus pensamentos, fazendo-o sentir-se como um influente e prestativo representante social de um dos homens mais importantes da cidade. Mas não era nada além de um pacóvio, um despojado descrente de que poderia ser algo mais que um simples títere de Clark Meisinger.

780 Enquanto alguns viviam na sensaboria do sucesso e outros persistiam na farisaica sinceridade, o detetive Alberto Cooper continuava tendo os mesmos pesadelos durante as inacabáveis noites. O único motivo de toda aquela perturbação era a culpa por não ter conseguido desvendar o assassinato de Ricardo Meisinger. Mas mesmo deturbado, sozinho ele desvendava os crimes mais bárbaros e que desafiavam todos os policiais da cidade; estrangulamentos de jovens em universidades, estupros, assassinatos a ilustres, sequestros terminados em morte, desaparecimentos, enfim, os mistérios e crimes

785

mais horrendos, o que fazia dele uma exceção entre os vários policiais e investigadores pusilânimes que maculavam a imagem do departamento de policia em que atuavam, o motivo único que levou Cooper a optar em trabalhar sozinho depois do afastamento de João Lopes, a segunda exceção do departamento, isso antes mesmo do suicídio de Tea Meisinger. O tempo se passou rápido; já se completavam quase cinco de aposentadoria de João Lopes, que antes de sair definitivamente da sala de Alberto prometeu que sempre estaria atento nas páginas policias do principal jornal da cidade.

790

795

—Promessas.— acompanhou Alberto, cofiando o cavanhaque — Lembra do assassinato de Ricardo?— vendo João aquiescer com a cabeça, próximo à porta de saída, ele concluiu— Ainda irei solucioná-lo, prometo.

800

Eles nunca mais conversaram depois que João se mudou para uma pousada no litoral, em uma eremítica praia no norte do estado da Bahia.

805

Para Paulo Voigh foram quatro anos que se resumiu em apenas solucionar um problema. Os anos se passaram e o vínculo com a Meisinger estava deixando de ser prazeroso para ser cansativo ou no mínimo insignificante. Ir à empresa era como se fosse uma incumbência, o praxe único de seus dias que o impedia de ter uma vida de verdade. Estando na empresa ele ficava o tempo todo trancado em sua sala fugindo da realidade nas longas frases de Dostoiévski, Oscar Wilde e Friedrich Nietzsche e deixava todo o encargo das decisões de seus problemas para Edward, que sem reclamar resolvia da melhor forma possível. Apesar de ter sido um societário relutante nos problemas da Meisinger, Paulo pensava seriamente em abandoná-la.

810

Enfim, depois de quatro anos a vida continuava sendo a mesma para todos, mas todos passaram a vê-la de forma diferente.

815

Quatro anos de devoção também se passaram rápido e o pastor continuava firme em sua crente trajetória. Continuava propagando sua fé em sua instigantes prédicas sem dar atenção ao clima e ao tempo que estava passando e jogá-lo todo dentro de uma igreja; a chuva caía abundantemente e ele estava lá, em frente os mais perseverantes fiéis com suas roupas molhadas; o frio impetuoso congelava os ares e ele estava lá, defronte os mais persistentes fiéis tiritando de frio dentro de casacos finos e untuosos. *Até aonde iria aquela crença forçada, que parecia ser mais um encargo, um medo,*

820

uma severa autopunição para redimir-se de seus pecados?

Aquela noite estava fria e ele, como sempre, estava lá.

—"Mas aquele Consolador, o Espírito Santo, que o pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as coisas, e vos fará lembrar de tudo quanto vos tenho dito. João; 14;26". não se enganem tão facilmente, será que surgirá um falso profeta? Um falso Messias?—
continuava o pastor a induzir os fiéis a uma crença. Ele instigava com tanta eloquência e persuasão que alguns dos fiéis se emocionavam e choravam de cabeça baixa acompanhando o pastor em fé, expiação e palavras sussurradas.— Isso nós não sabemos, mas como citado no livro de João capítulo 14, considerando a passagem profética, podemos acreditar que alguém em nome de Jesus Cristo virá, e será que ele será novamente, literalmente, apedrejado? Será que iremos desacreditar de sua santidade? Nesta hora teremos que sermos sábios para não cometer o mesmo equívoco.

A espampanante voz do pastor era motivo de chalaças para alguns jovens que cruzavam diante à igreja em meio a rua movimentada de carros e pedestres.

—"Perdoe-os, eles, esses biltres indignos, não sabem o que fazem, e nem o que querem". Esse tipo de ingenuidade talvez não seja pecado, talvez seja falta de fé.— prosseguiu o pastor, sem dar muita atenção às petulantes facécias proferidas pelos jovens que cruzavam bêbados em frente a cruz de madeira.

—Minha filha completará seis anos no próximo mês, estou ficando velho.— reclamou Edward, puxando um fio de cabelo branco com uma pinça em frente o grande espelho que refletia seu corpo despido.

—Você está lindo.— falou Cristiane, abraçando-o pelas costas.
— Vai se tornar um velho muito gostoso.

—Tenho medo do tempo, Cris.

—Eu não tenho, contanto que eu passe o resto de minha vida com você.— disse ela, percebendo a expressão descontente de seu marido enquanto ele procurava por outros fios de cabelos brancos.

Por mais que Cristiane sentisse e tentasse alterar a deplorável realidade, ela não conseguia. Edward já não era o mesmo garoto romântico que conhecera há seis anos atrás. Se tornara como a maioria dos homens são; o tipo de homem insensível, machista, que procura manter uma vida sexual ativa não dando importância à sáfia

365 impassibilidade dos atos que pode magoar uma esposa. O que corroborava os ânimos de Cristiane era o devaneio de que seu marido, talvez, estivesse na insegurança dos "trintões" de cabelos grisalhos e sulcos nos olhos ao lado de uma esposa perfeita como uma esbelta garota de 18 anos, pois ela não podia negar a si mesma sua própria beleza; ainda se parecia com a mesma garota que Edward conhecera em Angra dos Reis; se passasse batom nos lábios e rímel nos olhos ficaria ainda mais linda.

370 Quando por fim saiu da frente do espelho já embaçado pela respiração próxima, Edward virou-se, olhou nos olhos azuis de Cristiane e a beijou. O beijo carinhoso aos poucos se tornou caloroso e Cristiane sorriu quando sentiu as mãos firmes dele tocar seu quadril.

375 —Eu te amo.— disse ela, mas não ouviu dele uma resposta análoga, ou ao menos uma atuação que demonstrasse carinho; sentiu apenas uma respiração soprada com cheiro de creme dental.

380 Num gesto inopinável, ele pegou-a nos braços e entrou no quarto escuro. Inescrupuloso, jogou-a sobre a cama e veio por cima como se fosse um animal estúpido sequioso por sexo. Depois de abrir as pernas dela, afastando de lado o roupão úmido que ela usava, ele a penetrou. Depois de poucos movimentos, ele gozou, virou-se para o lado e adormeceu. Passados alguns minutos, Cristiane, certa de que ele dormira, se levantou e foi para o banheiro. Chorando, ela tomou outro banho, sentindo que aquela antiga paixão que dominava os sentidos de seu marido, que o fazia se atrapalhar enquanto conversava, não existia mais, e mesmo depois de voltar para cama ela continuou choramingando baixo. Dormiu sentindo que não era mais aquela esposa amada, desejada, que era apenas um objeto para satisfazer os desejos de um marido tosco e indigno.

395 Sentada em uma baixa e inclinada cadeira revestida de couro em meio a varanda, Júlia, absorta, tricoteava aguardando a chegada de Reginaldo da escola. Ao seu lado, Manuelle se divertia com algumas bonecas e outros brinquedos antiquados; entre tantos brinquedos, a estrela que Edward lhe deu de presente em seu primeiro aniversário continuava a brilhar seu nome em dourado. Quando o Sol surgiu por baixo da cobertura da varanda e iluminou seu rosto, Júlia jogou o tricô dentro de uma cesta ao lado e se levantou da cadeira.

000 —Fique aqui, Manu. A mãe já volta.— pediu ela, antes de

entrar para dentro da casa.

Na cozinha, Maria esfulinhava o forro com uma vassoura, e sobre a mesa, próximo a um monte de roupas amarrotadas, havia um ferro ligado à tomada na parede.

—Maria, preciso falar contigo.— pediu Júlia. Maria desceu a vassoura e lançou-lhe um olhar curioso— Deixe esse serviço pra depois e me acompanhe.

Segundos depois as duas se sentaram uma ao lado da outra em um dos sofás da sala. Com um olhar preocupado, Maria estudava a expressão aflita de Júlia, que mantinha a unha comprida do anelar de uma das mãos entre os dentes, como uma criança com medo na hora de admitir alguma travessura.

—O que houve, senhora?

Por alguns segundos Júlia permaneceu imóvel diante à pergunta, como se estivesse pensando nas palavras que diria à empregada. Depois, tirou o dedo da boca e aprumou-se no sofá, resoluta.

—Maria, faz muitos anos que você trabalha pra mim, praticamente mora na minha casa, certo? Como se fosse da família.— Maria confirmou com um meneio lento de cabeça, formando um olhar grave e confuso enquanto sentia as insinuações de Júlia— E então deve estar ciente sobre a situação difícil pela qual estou passando?— outra vez Maria aquiesceu com um gesto de cabeça.— Minhas últimas economias, o pouco dinheiro que restou da venda da Ketchup, está acabando e o aluguel dessa casa aumenta a cada semestre. Está se afastando de minha renda mensal.

—Sim, eu sei disso, senhora.

—Meu presságio não é dos melhores, Maria. Acredito que em poucos meses não terei mais condição de pagar o aluguel dessa casa e terei que procurar por um imóvel bem mais barato...

—Tá, mas por que está me falando isso, senhora?

A resposta sincera para a pergunta seria a lancinante verdade. Júlia respirou fundo, mas não conseguiu ser tão direta:

—Quero... eu quero agradecer por tudo o que você fez por mim desde o nascimento de Reginaldo...

Maria começou a trabalhar na casa de Júlia alguns meses antes do nascimento de Reginaldo, quando Júlia ainda se classificava como uma nova bem sucedida proprietária de uma boate, uma das melhores da cidade. Passaram a ser tão íntimas que muitas vezes Maria deixava

040 de pousar em sua própria casa, junto de seu marido, um caminhoneiro
que lutava contra a Previdência Social para conquistar sua
aposentadoria, para passar a noite ao lado de Júlia e de seu filho. Mas
quase 12 anos tinham se passado e tudo estava mudado. A dileção
045 adquirida com o tempo entrou em colapso com a agravante situação
financeira quando, nesse momento, a dobléz nos sorrisos usada para
dissimular a verdade foi superada pela realidade. *Pois fechar os olhos
para a verdade é apenas um meio que os covardes, os que odeiam a
realidade desditosa, usam para procrastinar o inevitável.*

050 Maria notou no brilho soturno dos olhos de Júlia que ela lutava
contra as lágrimas, que não conseguia pronunciar as palavras que um
dia teriam que ser ditas; então, ela perguntou num tom resignado:

—Está me mandando embora, senhora?

Júlia não conseguiu responder, apenas abaixou a cabeça e o
choro que há minutos tentava obstruir foi mais forte que a altivez,
055 pois tinha certeza de que Maria sabia o motivo pelo qual estava sendo
demitida. Quando sentiu a mão da empregada resvalar
carinhosamente nas costas, o pranto aumentou junto com soluços de
desaponto, de autodecepção.

060 O último dia de trabalho de Maria foi exatamente no dia do
aniversário de Manuelle. Para a comemoração, Júlia preparou apenas
um bolo— uma torta caseira coberta com glacê de morango— e uma
bandeja de brigadeiros e outra de pastéis. Foi uma festinha
deprimente para as duas, que dissimulavam a tristeza encenando
sorrisos entre as crianças que sem malícia alguma brincavam
065 desordenadamente pela casa.

Era 23 de setembro quando Edward abriu a porta e entrou em
sua sala para mais uma semana de trabalho árduo em que medidas
eficientes teriam que ser tomadas para o futuro da empresa. O motivo
070 que levou a Meisinger a um delicado momento era que a publicidade
do programa Grabowsky 5 estava sendo complicada e muitos clientes
estavam criticando o formato do programa em rede afirmando que
tinha quase o mesmo design do último programa lançado pela
Meisinger; que a empresa tinha feito apenas um rápido upgrade no
075 programa antigo e empregado um outro nome. Tudo isso causava
desconforto nos representantes da empresa que elucubravam sobre
qual merchandising iriam usar e se iriam ou não otimizar o programa.

—Empolgado?!— disse Paulo, surgindo sorridente em meio a

080 porta minutos depois de Edward ter organizado alguns documentos sobre a mesa e inclinar-se para trás na poltrona.

—Tentando. Entre.

Paulo entrou, acendeu um cigarro e caminhou para sentar-se na poltrona vermelha.— O melhor incentivo antes de uma batalha não é um aquecimento, Ed, e sim um descanso.

085 —Não entendi. Do que está falando?

—Filosofando.— concertou Paulo, pausando as sílabas.— Nunca se interessou em conhecer a Grécia, Ed?

Edward respondeu com um sorriso de incompreensão, imaginando onde Paulo queria chegar.

090 —Em 76 viajei para Atenas com Justine.— continuou Paulo, colocando sobre a palma da mão as cinzas do cigarro, pois ele sabia que Edward não fumava e que não havia possibilidade alguma de ter cinzeiros em seu escritório— Quando voltei estava pronto para superar uma forte crise que atingiu todas as empresas naquele ano.

095 —Não estou entendendo. Filosofia, Grécia, Atenas. Seja mais explícito, Paulo!

—Uma viagem, Ed. Sugiro uma viagem para Atenas, você e sua esposa.

000 —Não brinca.— Edward sorriu— Não tenho dinheiro nem para ir de táxi até a esquina.

—Eu sei. Por isso está aqui um presente.

005 Paulo ignorou a hipérbole de Edward num tom secamente peremptório enquanto, com cuidado para não manchar o paletó com cinzas de cigarro, retirava do bolso interno duas passagens que logo foram jogadas junto com um pouco de cinzas sobre a mesa.

—O que é isso?— Edward olhou confuso para os documentos.

—Um presente. Você irá para Atenas na próxima semana.

Descrente com o que acabara de ouvir e ganhar, Edward sorriu sem palavras.

010 —Nunca subestime um chefe devotado.— concluiu Paulo, sorrindo como um pai que acaba de presentear um filho.

—Eu..., Não! Isso eu não posso aceitar.

015 —Já aceitou.— Paulo se esforçou para levantar-se da poltrona, como o velho cansado que realmente tinha se tornado.— E não precisa falar nada.— completava enquanto caminhava em direção à porta— Ligue para Cristiane. Ela também merece essa viagem.— ele concluiu e em seguida saiu da sala.

De surpresa, Edward nem questionou o fato pelo qual Paulo estava lhe presenteando com uma viagem para a Grécia e dias depois ele e Cristiane embarcaram para Atenas.

Foram 27 dias hospedados em um dos melhores hotéis de Atenas. Apesar de ser um hotel vultuoso, seu ambiente era solitário. Haviam poucos hóspedes. Poucas pessoas entravam e saíam daquele recinto de magnificência. Tinha uma arquitetura especificamente grega. Para se aproximar da alta e ampla porta de entrada, onde uma enorme estátua do titã grego Atlas, epônimo do hotel, sombreava parte do piso, tinha que subir pelos inúmeros degraus de uma escada branca, tão zelada que parecia ser feita de porcelana. Haviam quatro grandes colunas jônicas com capiteis dourados que sustentavam uma enorme sacada repleta de flores e folhagens de várias espécies. No vestíbulo, haviam estátuas de figuras gregas, certamente da antiguidade, próximas a grandes vasos com plantas diferentes um dos outros; entre as inúmeras esculturas havia uma reprodução do busto dos poetas gregos Sólon e Homero sobre altos pedestais de mármore. No átrio havia também algumas cadeiras antigas próximas às paredes de cada canto, e nas paredes, os grandes quadros com molduras de marfim eram ensombrados pelos galhos das plantas. O piso esverdeado era tão limpo e liso que o reflexo era nítido como um espelho. Mas o que mais deixou Cristiane fascinada foram as escadas de acesso ao segundo pavimento; tinha o corrimão dourado sustentado por balaústres prateados e o tapete vermelho centralizado nos degraus parecia ser de veludo, pois a impressão era de que os pés se afundavam nele a cada passo. Quando o funcionário do hotel abriu a porta da suíte sugerida, a boca de Cristiane se abriu num sorriso surpreso ao ver em sua frente aquele quarto que se confundia com um cenário de filme épico. Eram quatro enormes cômodos, todos sublimamente ornamentados, desde o piso até o teto. Haviam por todas as paredes quadros com bordas grossas, todas muito bem esculpidas. Os quadros com pinturas escuras embelezavam as paredes claras em leve tom azulado. No dormitório tinha, sob o teto baixo, uma grande cama redonda e sobre ela um colchão macio tapado por uma colcha vermelha. O teto dos outros cômodos eram altos e no centro de cada um deles um lustre grande repleto de lâmpadas brancas iluminava o ambiente. Maravilhada, Cristiane sorriu ao contemplar a vista da janela; de lá se observava ao longe a Acrópole de Atenas, a mais famosa das colinas da Grécia, e ao lado, forçando o

olhar, poderia entrever quase que nitidamente as colunas do que restou do prístino Templo de Zeus Olímpico.

—Quando iremos lá?— perguntou ela.

—Quando você quiser.— respondeu Edward, entregando algumas moedas para o funcionário do hotel, que logo em seguida se retirou agradecido pela espórtula.

Durante aquela viagem, Edward e Cristiane visitaram os inúmeros cartões postais de Atenas, desde a preponderante mesmo esmaecida Acrópole, a praça de Ágora até a universidade de Atenas e os museus Bizantino e Benaki. No primeiro dia, pediram para o chofer à serviço do hotel deixá-los em frente a Casa do Parlamento, diante à Praça Syntagma, a Praça da Constituição, e nas primeiras horas ali, eles entraram nas várias casas de comércio estabelecidas na área mais movimentada de Atenas. Depois, percorreram a Avenida Amalias no sentido sul até o momento em que ficaram admirados, a poucos metros das colunas restantes do Templo de Zeus, separado do Jardim Nacional pela Avenida Vassilissis Olgas. Depois de duas horas de curiosidades, eles já haviam conhecido quase todas as construções que circundavam a Acrópole; o Propileu, o restaurado Teatro de Dionisio, a poucas dezenas de metros do Erodion, o Templo construído à deusa Atenas, e o Hefestêion, que parecia contemplar de um ponto mais distante a sublimidade da Acrópole. No momento em que estavam próximos ao Partenon, o principal templo da Acrópole, eles sentiram-se em um dilema entre ele e as ruínas de Erectêion, o belo templo constituído de três pórticos diferentes. Mas depois do palpite peremptório de Edward, que pôs fim na conversa de Cristiane sobre a lenda da cobra que vivia dentro do templo de Erectêion, citado na Iliada, uma das principais obras de Homero, eles subiram calados até o Partenon, que poderia estar bem melhor representado se, no século XIX, o diplomata britânico Thomas Bruce não removesse as esculturas sobreviventes de uma explosão ocorrida em 1687 para Londres. O dia estava em seu término quando conversavam sobre Hefestêion e suas construções adjacentes ao Pórtico de Átalo, e sentiram muito por não terem mais tempo naquele dia para conhecê-las. Também visitaram a praça de Omonia, ou praça da Concórdia, e ao sul dela, a antiga Praça Monastirak. Naquele dia, depois de contornarem a praça Monastirak, eles seguiram por uma rua até novamente encontrar a Praça Syntagma. Após percorrer curiosos a Avenida Vasilissis Sofias, passando pelas costas do

moderno museu Benaki, que também dava costas a um dos lados da Casa do Parlamento, eles se viram a poucos metros do museu Bizantino. Naquela que foi a mais exótica das viagens de Edward e Cristiane, eles conheceram todos os escombros que restou da Grécia Antiga e também as modernidades que aquela venerável urbe oferecia aos seus visitantes; dede suas construções antigas, que promiscuíam-se entre as construções modernas, à área de comércio inferior circundando a praça Monastirak; caminharam pelas ruas de Plaka, que ficava defronte às mais notáveis ruínas da cidade, remanescentes do que antes era um império, e ao lado do extenso Jardim Nacional; a Kolonaki, a região mais elegante de Atenas e todos os pontos turísticos da cidade, incluindo restaurantes, teatros, museus e monumentos que se distribuíam pelas praças. Resumindo; naqueles dias eles apreciaram com avidez toda a formosura da capital grega. Não perderam de conhecer nada do que a cidade tinha para oferecer. Andaram desde as estreitas e sinuosas ruas, nos bairros sob o sopé da Acrópole, até os bairros mais afastados do centro turístico de Atenas. Já nos últimos dias de viagem, os dois estavam deitados sobre o convés de um iate aquecido pelos raios do Sol. Com um diminuto biquine branco, Cristiane se mostrava triste olhando ao longe a acinzentada Atenas sobre as falésias à beira-mar, e sem demonstrar interesse, falou, fitando as águas esbranquiçadas pelo impacto da estrutura do iati ficando para trás:

—Sempre gostei de ler sobre a Grécia. Procurava nos tópicos algo sobre a filosofia grega. Gostaria de saber mais sobre o filósofo Aristóteles e Pitágoras e os poetas Sólon e Homero. Principalmente sobre Pitágoras e Homero, cuja a vida e estudos andam mergulhados num mar de incertezas. E têm muitos céticos que desacreditam da existência deles.

Mas Cristiane ficou ainda mais deprimida ao ouvir o argumento evasivo e discordante de Edward, que deitado do outro lado do barco, olhava as claras nuvens no céu do meio-dia:

—Filosofia interessa apenas às pessoas sem escolha, pessoas que questionam o porquê de tudo mas não têm uma ideologia própria. São pessoas errantes que adoram criar aforismos moralistas e assim se afastam do realismo. Pessoas que querem criar um mundo novo para as pessoas mas acabam criando um mundo para si mesmo e se trancam dentro dele. Assim se tornam alienados, loucos.

Para Cristiane, que já lera muito sobre os filósofos gregos,

135 seria bem fácil objetar a resposta leiga e áspera de Edward citando
alguma descoberta importante feita por alguns dos filósofos ou
alguma irrefutável ideologia, mas isso serviria apenas para dar
origem a uma discussão e ela não estava propensa a isso, sem
140 mencionar o fato de que os argumentos de Edward pareciam serem
evasivos aos argumentos sugestivos de Cristiane, que sempre ao
ouvi-los, se virava para o lado repugnando as boçais atitudes de seu
marido. Era como se ela fosse uma intrusa em um mundo que era só
dele; a impressão era que ele na maioria do tempo desejava estar
sozinho. E o que era para ser uma viagem idílica, que servisse para
145 solidificar o casamento, se tornou a resposta para o paradoxo que
amedrontava Cristiane— ela retornou daquela viagem ciente de que
não havia mais qualquer sentimento de amor em seu marido, que seu
casamento realmente estava em seu fim, que as aparências que muito
a perturbaram não a estavam enganando.

150 No final do mês de outubro eles retornaram de Atenas.

Já nos primeiros minutos em casa, Cristiane se encontrava
amarrada sentada no colchão macio que cobria a cama, cruzando um
olhar lembrançoso pelos cantos do quarto enquanto Edward desfazia
as malas jogando as roupas sobre uma cômoda ao lado da cama. Ele
155 parecia despreocupado demais para perceber a expressão de
Cristiane, e o que a contristava ainda mais era a conjectura de que um
pouco da despreocupação dele fosse mera encenação de alguém
indisposto em dar a mínima atenção a alguém e não apenas fadiga
causada pela viagem. Com um olhar distante, ela fitou um quadro
pequeno sobre a cabeceira da cama. Na foto ela sorria abertamente
160 sendo carregada nos braços de seu marido sobre as areias de uma
praia em Angra dos Reis. Lembrou do sorriso de sua mãe atrás da
máquina fotográfica e suspirou; a felicidade de antes era tão
axiomática quanto a tristeza que agora apertava-lhe o peito. Mas
antes que qualquer lágrima caísse, ela levantou os olhos para ele,
165 vendo-o colocar sobre a cômoda, em meio as roupas misturadas, um
guia ilustrado de viagem para Atenas da National Geographic que
usaram durante a viagem.

—O que está acontecendo?— perguntou ela; as primeiras
170 palavras enunciadas desde que entraram no apartamento ecoaram
dentro do quarto.

Ele hesitou, mas não pôde fingir não ouvir a pergunta em meio
o silêncio, e virou-se para ela:— Como? Não está acontecendo nada.

175 A expressão entre abúlca e desentendida dele foi como o estopim para o desespero de Cristiane.

—Pelo amor de Deus, Ed! Eu quero um pouco de atenção, não passa pela sua cabeça o que acabamos de viver juntos?!

Ele estudou a expressão entre abatida e irritada de Cristiane e deixou-se cair sentado no colchão.

180 —Deixe-me explicar,— continuou ela— viajamos juntos para Atenas, foram 27 dias hospedados em um hotel magnífico e nem ao menos transamos *uma vez*! Eu não sei o que está acontecendo, mas você, com esse olhar indolente de quem finge não estar acontecendo nada, deve saber.

185 Cristiane fez uma pausa, como se esperasse dele alguma explicação, e o que viu foi apenas o olhar cansado dele descer para um par de meias que havia caído sobre o carpete. Ela muxoxeou de um jeito irritado e em seguida deu um tapa no ombro dele, como se estivesse tentando impacientemente acordá-lo.

190 —Olha pra você de cabeça baixa. Acorda, seu covarde convencido. Você é bem do tipo do homem que procura levar um *chifre*.

Num gesto preguiçoso, ele levantou os olhos para ela e crispou a testa.— O quê?! O que você disse?

195 Diante um revide ocioso a uma provocação tão envilecedora a um homem, Cristiane meneou a cabeça inconformada.

200 —Ah! Deixa pra lá!— e nervosa se levantou e foi para o banheiro chorar em frente o espelho. Quando voltou, viu que Edward adormecera sobre a colcha que tapava o colchão. Para aumentar o desespero de uma mulher higiênica como ela, ele nem ao menos tinha se despido das roupas que usara durante todo o dia.

205 Estava uma manhã fria quando Cristiane despertou sozinha na cama. Cruzando um olhar preocupado pelo quarto, ela percebeu que a janela estava aberta e ainda estava escuro, até mesmo a claridade da cidade lá embaixo vislumbrava a cortina branca que mal era balançada pela brisa. As roupas que Edward tivera depositado sobre a cômoda não estavam mais ali e o quadro sobre a cabeceira da cama, onde havia uma fotografia dos dois *juntos*, estava deitado com a fotografia virada para baixo numa insinuação direta e ameaçadora. Os olhos dela se abriram ainda mais quando viu sobre o criado-mudo um bilhete mal iluminado pela luz fraca do abajur. Num pulo, ela se

210

levantou e pegou o papel. Nele se lia em palavras apressadamente desenhadas:

115 *Precisamos conversar, Cris, esteja preparada.*

Depois de um mês afastado da empresa, Edward se via novamente trancafiado em sua sala. Sentado em sua poltrona ele folheava o jornal do dia; estava tão intencionado em mesmerizar os
220 pensamentos em alguma notícia que o fizesse se esquecer dos problemas que teria que resolver que nem percebeu o trinco girar e em seguida a porta se abrir. Quando por fim absorveu a atenção em um tópico econômico, Paulo Voigh, como sempre, o surpreendeu...

—Acorda!

225 ... batendo em seu ombro, que se contraiu pelo susto.

—Paulo?!— a voz de Edward quase saiu gritada.

—Como está, Ed? Melhor?— olhando para baixo, fitando aqueles olhos azuis assustados, Paulo sorria enquanto Edward recuperava o fôlego.

230 —Estou um pouco...

—Que bom que está bem, como foi a viagem?

—Ótima, inovado....

—Tudo bem, depois você me fala mais sobre ela.—
interrompeu pela segunda vez Paulo. Ele contornou a mesa e sentou-se na poltrona da frente, a pressa patenteada nos olhos e nos lábios que insinuavam sorrir a todo o momento— Tenho um outro assunto para conversar a respeito.

Edward dobrou o jornal, jogou-o sobre a mesa e cruzou os braços em frente o peito; o comportamento mais próprio para demonstrar aquiescência a um superior, mesmo quando os
240 pensamentos estão divergidos a algo bem mais distante, como no caso de Edward, que, baldadamente, procurava em tudo algo para fugir dos pensamentos em relação ao futuro de seu casamento— ainda não tinha certeza se realmente iria pedir o divórcio. Afinal, tivera uma vida ao lado de Cristiane, e uma vida feliz, de sorrisos e não de lágrimas.

245 —Você sabe sobre meus filhos e também sabe que não sou um egoísta.— reiniciou Paulo.

A palavra "egoísta" transportou Edward novamente para Atenas e o fez recordar-se da discussão que tivera com Cristiane onde ele a chamou de egoísta e o silêncio dela, que pôs fim na discussão,
250

fez ele se perguntar sobre quem realmente estava sendo egoísta.

—Já que eles não querem nada que venha de mim,—
continuava Paulo— alguém tem que querer, tem de aceitar, e por isso
255 foi um prazer dar essa viagem de presente a você...— Paulo sorria
enquanto falava, mas Edward dava pouca atenção à suas palavras;
mantinha um meio sorriso mecânico nos lábios e um olhar fixo no
rosto de Paulo enquanto palavras ininteligíveis entravam nos ouvidos.
— Estou aposentado e cansado, Ed, não me sinto mais influente nesta
260 empresa e não desejo me transformar em uma múmia, em alguém
inoportuno respeitado apenas pelo múnus de acionista. Aquele tipo de
velho que todos se esforçam em achar graça de alguma piada
injucunda que ele conta, se é que você me entende? Então, sabe qual
minha sugestão?

265 Sem ouvir as palavras de Paulo, Edward não respondeu.

—Ed! Estou falando contigo!— a voz exaltada de Paulo
chegou aos ouvidos de Edward como um cicio ininteligível.

—Quê?!

—Minha sugestão, ela não lhe interessa?

270 —Sugestão? Ah, sim.— a expressão de Paulo se tornou severa
e Edward soube que teria que ser mais convincente. Ele se mexeu na
poltrona e coçou a cabeça.— Me desculpe, Paulo, estava concentrado
no trabalho de retorno.

275 *Um mês afastado da empresa era insuficiente para alterar a
personalidade apreensiva de Edward em relação à empresa, refletiu
Paulo, equivocadamente, dando novamente forma ao sorriso.*

—Pois esqueça o trabalho como diretor, Ed. Estou passando
em suas mãos minhas ações na Meisinger.

280 Edward piscou rápido ao ouvir aquelas palavras, como se
tentasse acordar de um devaneio apenas para ter certeza se era ou não
um devaneio. Mas ele não acordou, pois não estava dormindo. Nunca
sequer tinha passado pela sua cabeça a ideia de ser um acionista da
Meisinger; talvez aquela possibilidade fosse apenas um sonho
subconsciente que fazia dele mais um homem sem outros planos para
285 o futuro além de descansar usufruindo de sua aposentadoria como
diretor.

—A partir de hoje você será o novo acionista da Meisinger
Multimídia.— reiterou Paulo, acordando Edward da perplexidade—
Agora espero que esteja preparado.

290 Meia hora depois de uma explicação convincente sobre o

295 porquê daquela decisão, Paulo passou todas suas ações ao então novo acionista da Meisinger. Minutos depois entregou as chaves de seu escritório sabendo que no outro dia seria Edward Radmim quem estaria sentado em sua poltrona no andar dos acionistas.

300 O café forte refletia os olhos túrgidos de Cristiane. As lágrimas já tinham se tornado esporádicas, pois ela já tinha lembrado de todos os momentos de felicidade ao lado de seu marido, que agora insinuava pedir o divórcio. Desviou os olhos da xícara para a estante que completava uma das paredes da sala, vendo, bem abaixo do televisor, três álbuns de fotografias onde nos últimos meses revivera toda sua vida ao lado de Edward. Mas só agora ela se dera por conta que o sorriso dele se escasseava nas fotografias ordenadas cronologicamente enquanto girava as páginas dos álbuns. O mais triste era reconhecer que seu sorriso se mantivera, ingenuamente, dia após dia ao lado do homem a quem nunca deixou de amar sempre acreditando a pleno no amor dele. Quando a lembrança do dia em que pintaram as paredes do apartamento, da tinta nos cabelos e no rosto de Edward, fez ela sorrir, o telefone tocou alto na cozinha. Demorou alguns segundos até que ela fechasse o sorriso lembrancoso e se levantasse do sofá. Colocou a xícara sobre a mesa de centro e caminhou até a cozinha, se aproximando do telefone que tremelicava sobre um suporte na parede.

310 —Alô.

315 —Cristiane, meu amor, precisamos conversar. E rápido.

Ela reconheceu a voz de Edward, mas não percebeu sua euforia; o que percebeu na voz dele foi apenas a convicção da qual surtia medo e tristeza.— Eu sei, Ed.

320 A voz deprimida de Cristiane fez Edward lembrar outra vez do bilhete e imaginar a consequência de seu ato. Fechou o sorriso ao imaginar os olhos inchados de sua esposa e o gosto forte de café em sua boca; seu primeiro ato diante à tristeza, um meio pueril de se castigar sendo que detestava café e a pirose prolongada por ele provocada que abrasava-lhe a garganta.

325 —Estarei logo aí.— disse ele, ciente de que teria que pedir perdão pelos últimos meses de defecção e distância que só agora vinha-lhe à mente.

—São dez horas da manhã, Ed.

—Eu sei. E por isso me espere com o café pronto.

330 Mesmo ponderando o fato de que há meses tinham deixado de sentarem-se juntos à mesa para um lanche numa manhã qualquer, Cristiane continuou entristecida; o pessimismo que comburia seu peito embaralhava-lhe a percepção, fazendo ela denotar apenas o que sua pessimista mente acreditava ser real.

335 Minutos depois Edward entrou rápido pela porta do apartamento. Vendo Cristiane sentada em uma cadeira junto à mesa, contemplando tristemente a xícara de café vazia, ele mordeu de leve os lábios e por alguns segundos ficou parado, sem saber o que falar ou sem saber como se exprimir. Quando por fim suspirou, reagindo
340 contra o silêncio, Cristiane soltou ar pela boca.

—E então, vai ficar aí parado, ou vai falar alguma coisa?

Edward percebeu que ela evitou olhar nos olhos dele apenas pela vergonha de demonstrar sua expressão abatida— os vestígios das
345 lágrimas, a tristeza que ela tanto tinha vergonha de assumir.

—Eu... eu não sei por onde começar.

—Não comece. Termine.

Ele sorriu sem achar graça, amargamente, e ao se aproximar, desistiu quando iria pousar consolativamente a mão na cabeça dela. Pousou as mãos sobre a mesa, um rápido tamborilar de dedos, e sentou-se na cadeira, arrastando-a para se aproximar um pouco mais
350 de sua esposa.

—O que tenho pra falar poderia ser rápido. Mas talvez não seja tão fácil.— ele fez uma pausa e ela finalmente direcionou os olhos para o rosto dele.— Eu queria pedir que...,— os olhos expectantes
355 dela, mesmo tristes, fez Edward atrapalhar-se com as palavras— sei lá. Eu não sou muito bom com as palavras. E você sabe disso.

—E pior ainda com os atos.

Ele pousou as mãos sobre as mãos dela sobre a mesa e fixou os olhos em seu rosto.

360 —Eu não quero terminar, eu quero começar tudo de novo, Cris.
— Cristiane percebeu o que estava acontecendo quando os olhos dele se encheram de lágrimas— Eu... eu amo muito você e estou agora pedindo que me perdoe pelo...

365 Quando o queixo tremeu simultaneamente quando duas lágrimas desceram de seus olhos, ele a abraçou. Como se hesitasse, ela levantou os braços lentamente e repousou-os sobre os ombros dele.

Minutos depois eles tomavam café juntos e felizes. Cristiane

370 não apenas notava o sorriso que todo o tempo ameaçava tomar forma nos lábios de Edward como também estudava sua personalidade de um novo ponto de vista— denotou o amor que ele sentia pelo trabalho, a palpável influência que a Meisinger tinha sobre ele que moldava sua vida; se o trabalho se tornasse monótono, sua vida toda perderia o sentido.

375 Eram 19 horas daquele mesmo dia e todos os acionistas estavam abancados em suas poltronas na sala mais formal do Happer Flat. Aguardavam curiosos a chegada de Paulo, que pouco depois da hora aprazada entrou sorridente pela porta. Ao seu lado, Edward refletia seu contentamento. Quando os dois acomodaram-se em suas poltronas, as únicas que estavam desocupadas do lado oposto onde se assentava o presidente da empresa, Clark se levantou com os punhos dobrados sobre a mesa. A sombra esguia de seu corpo, formada pela claridade da lâmpada na parede aos fundos da sala, estendeu-se à sua frente, obumbrando alguns papéis que estavam espalhados em meio a mesa.

385 —Se este local falasse ele contaria toda a história da Meisinger.— começou Clark— Foi nessa sala que meu pai me integrou à empresa, e de acordo com a tradição Meisingeriana, acredito que todos vocês também foram apresentados nessa sala.— ele deu uma pausa, percebendo em cada rosto um gesto de confirmação efetuado pelo medo; mal podia imaginar que o Happer Flat fora edificado anos depois da integração de todos os acionistas ali presentes. Equivocado pela arquitetura clássica do hotel que o fez julgar antigo, ele continuou cheio de convicção— Espero que todos os futuros integrantes sejam digno desse mérito, como todos até agora fomos. Hoje tenho uma má notícia em primeiro plano; um de nossos respeitados associados se afastará desta empresa.— nesse momento, ele rumou os olhos para o rosto de Paulo Voigh— Pode nos explicar o porquê dessa decisão tão abrupta, Paulo?

395 400 Antes da explicação, Paulo Voigh cruzou um olhar pelas faces perguntativas de todos que contornavam a mesa, dando a entender que a resposta seria para todos e não única e exclusivamente para o arrogante presidente da Meisinger.

405 —Digamos que optei em viver o tipo de vida apropriada a um homem da minha idade.— ouvindo aquelas palavras, vários acionistas, alguns com idade mais avantajada, contraíram os olhos

numa expressão discordante. Mas Paulo não se abalou e concluiu com um bom sorriso— Estou satisfeito com minha aposentadoria.

—E por que escolheu Edward tão repentinamente?— indagou o presidente, evitando olhar nos olhos do novo acionista.

Naquele momento, com os olhos de todos rumando para o rosto de Paulo, deu-se para perceber que todos gostariam de fazer aquela mesma pergunta, pois não era nenhuma novidade o fato de que Paulo tinha dois filhos que de forma justa deveriam herdar as ações de seu pai.

—Simplesmente porque confio nele, acredito plenamente que ele merece este cargo e que tem um peito forte para carregar as insígnias de acionista dessa empresa. Mesmo se afastando da empresa, seria uma grande irresponsabilidade da minha parte promover alguém inepto para assumir uma ocupação de grande vulto como a de acionista.

Havia hostilidade em Clark, mas ela se revelou apenas nos olhares infirmativos, pois sabia ele que não podia lutar contra a hierarquia da empresa, que não tinha poder sobre as ações de um sócio e tampouco poderia impedi-los de vendê-las ou transferi-las a uma outra pessoa. Ouviu calado o discurso de Edward e seus planos como futuro acionista. Quando Paulo perguntou se havia alguém antagonico à sua decisão, Clark levantou a mão dizendo:

—Quando se trata de uma decisão benéfica para a empresa, seria idiotice pugnar contra.

Depois da perplexidade, todos sorriram alto quando Clark, depois de pronunciar essas palavras, formou lentamente um sorriso que terminou em uma gargalhada despótica, uma forma circuncisfláutica de se mostrar consenciente. Quando tudo terminou, Paulo voltou um olhar grave para a frente da mesa, como se desafiasse o sorriso falso do presidente da empresa, pois sabia que *lá no fundo* a promoção de Edward o deixava indignado. A impugnação contraproducente, que muitas vezes fora contrária às suas expectativas, se tornando motivo de humilhação em frente os acionistas, tinha sido como uma lição para Clark, e foi unicamente por esse motivo que ele se manteve calado, praguejando mentalmente o sorriso dos dois que estavam do lado oposto da mesa.

O derradeiro mês de 1990 se aproximou rápido, discreto. Quando todos deram *por* conta o final daquele ano já estava próximo,

iminente, ameaçando todos que sentiam medo da velhice.

450 Júlia não morava mais em uma confortável casa grande; seu
pesadelo de morar em uma casa pequena e desconfortável se realizou
quase que inopinadamente. A decadente situação financeira pela qual
estava passando obrigou ela a mudar de residência e passou a morar
em uma casa pequena feita de madeira no ângulo de um dos bairros
455 mais pobres da cidade; um bairro repleto de ruas estreitas e cheias de
automóveis velhos sobre o cascalho pulverizado pelo tempo que a
prefeitura uma vez por ano largava nas principais ruas do bairro,
tornando ainda maior o sonho dos moradores de um dia morar em um
bairro de ruas asfaltadas— em dias chuvosos a lama era o pior dos
460 problemas, e nos dias secos a poeira sujava os móveis, as roupas e
entupia as narinas dos moradores. Nas veredas que se perdiam por
trás das poucas casas e dos muitos barracos, haviam cães, gatos,
galinhas, crianças malcuidadas brincando em meio os acúmulos de
lixos e velhos bêbados exânimes entre as imundícies. Uma verdadeira
inóptia. No mais baixo degrau da escala social de um país marcado
465 pelas diferenças sociais, Júlia não podia fazer mais nada além de
lamentar àquela situação sentada em sua cadeira de vime, que já fora
parte da fastuosa mobília de sua casa. A pensão de Reginaldo, que no
início era suficiente para cobrir as despesas da casa, já não era mais
de grande valor, pois houve um aumento alarmante na inflação antes
470 do limiar da década de 90; naquela época os medicamentos,
mantimentos, e até mesmo o valor dos aluguéis de imóveis estavam
em alta sendo comparados com as pensões e remunerações da classe
proletária. Os pensamentos eram muitos e os recursos eram poucos;
muitas vezes Júlia pensava em pedir auxílio financeiro ao pai de
Manuelle, mas não era de sua natureza orgulhosa se aviltar tanto. A
475 pensão de Manuelle era boa e chamativa, mas não seria justo Júlia
tomar para si algo importante para o futuro de sua filha.

Era início da noite. Sob à luz esbatida da lâmpada fluorescente,
480 Júlia girava uma espátula de madeira dentro de uma panela cheia de
massa fervente para polenta. Numa frigideira ao lado, alguns pedaços
de frango frigiam sobre a chama que ameaçava se apagar quando o
gaz do botijão acabasse. Na outra metade do compartimento, dividida
por uma cortina velha de chintz, a qual Júlia preferia chamar de
"sala", Manuelle via tevê deitada no sofá; estava visivelmente
485 zangada com Júlia por não ter deixado ela correr de bicicleta na rua

com o irmão. Quando ouviu uma gritaria vindo da rua movimentada de crianças e homens escorados em carros velhos, segurando latas de cerveja e esborrifando saliva enquanto tartamudeavam parvoíces, Júlia largou a espátula e caminhou até o vão da porta. A claridade da lâmpada da varanda quase impossibilitou sua visão para a rua escura. Esticando o braço, ela premiu o botão da tomada ao lado da parede e em seguida a lâmpada se apagou. Voltando o olhar para frente, ela caminhou até uma balaustrada velha, vendo que no lado oposto da rua algumas crianças e adultos olhavam para um ponto que estava fora do alcance de seus olhos, para atrás de um carro que estava de portas abertas no encosto da rua. Certamente havia alguém deitado ali. Suspirou ao lembrar do rosto de seu filho e sentiu o coração bater forte no peito, a mesma intuição aflitiva que teve na manhã em que a secretária da escola onde Reginaldo estudava ligara para lhe pedir que fosse até a escola. Aflita, ela desceu a escada de madeira e andou até um portão de fasquias ásperas, de onde se avistava apenas parte do que seria uma bicicleta caída. Abriu o portão e caminhou a passos lentos em direção a rua; os descalços pés sendo conspurcados pela poeira e os olhos tensos direcionados para trás do carro, onde pouco a pouco surgia entre o corpo das pessoas curiosas uma bicicleta e a perna de um menino entre os raios de um dos pneus. Quando por fim o rosto do menino surgiu, todo o corpo de Júlia se estremeceu ao reconhecer o rosto vincado de Reginaldo. A toalha de pratos que segurava caiu no chão e ela correu em direção ao seu filho. A educação, um de seus principais atributos, foi deixada de lado no momento em que teve de empurrar algumas pessoas para conseguir chegar ao centro de tudo aquilo— seu filho estava ali, caído, machucado, precisando de ajuda das pessoas que não se prontificavam em ajudá-lo; apenas olhavam, na mais infame das curiosidades, para sua perna que sangrava entre o pneu traseiro da bicicleta e para a lasca de osso atravessada na pele. Mas mesmo estando com a perna horrivelmente quebrada, Reginaldo evitava os gritos comprimindo o rosto num lastimoso esgar de dor.

—Minha nossa!— a voz de Júlia saiu soprada e ela caiu de joelhos sobre os pedregulhos, olhado aflita nos olhos de Reginaldo. A aflição impediu ela de perceber que ele se esforçou ainda mais, lutando contra a dor, quando a reconheceu, como se tentasse logo de início acalmá-la, mitigar sua angústia.

—Meu Deus, Reginaldo, o que aconteceu?!

525 No desejo de acabar com o sofrimento de seu filho e no receio de que o mais suave toque fizesse aumentar sua dor, a mão de Júlia adejou tremulamente sobre a perna quebrada de Reginaldo.

—Está doendo, filho?!

530 —Não, não está muito.— Reginaldo se esforçou ao máximo para pronunciar essas palavras; abrir a boca era um ato que acirrava-o aos gritos e que ele evitava premendo os lábios com os dentes.

—Fique calmo, filho, não se mexa.

535 Não demorou muito para que as lágrimas lavasse o rosto de Júlia, que segundos após segundos se recuperava do choque de ver seu filho caído até o momento em que percebesse a verdade, que nada estava sendo um simples pesadelo. Quando desesperadamente ameaçou em pegá-lo nos braços, ouviu a sirene de uma viatura de resgate médico se aproximando até estacionar próximo às pessoas, iluminando a rua opaca de vermelho.

540 Minutos depois o tumulto já tinha acabado, e pela segunda vez na vida Reginaldo estava em uma das indesejáveis salas do Hospital Central. Ao lado de fora da sala onde um médico e três enfermeiras tratavam dos ferimentos de Reginaldo, Júlia ocupava um dos bancos do corredor solitário, dando audibilidade a qualquer ruído que ocorresse nas salas que o ladeavam. Sentada, ela esperava a resposta do único médico de plantão sem se importar com as cinzas que caíam da ponta do cigarro para dentro do bolso do avental e sobre a saia preta manchada de poeira; nem mesmo se preocupava se era ou não permitido fumar naquele lugar. Seus pés estavam empoeirados e seus joelhos, também sujos de poeira, estavam machucados; uma listra de sangue coagulado marcava desde o ferimento no joelho até o tornozelo, conspurcando o piso claramente asseado do hospital de vermelho. Mas ela não sentia dor, e a aflição que sofrea seus impulsos lutava contra a triste vontade de gritar, de pedir a Deus o porquê Ele estava sendo tão injusto com ela.

555 Contudo ser uma mãe cuidadosa, Júlia lembrou de Manuelle apenas no momento em que chegava em casa, tarde da noite, sozinha e triste pelo fato de seu filho, pela segunda vez na vida, ter ficado trancado em um dos quartos do Hospital Central. Ao entrar de pés descalços pela porta, ela suspirou ao ver sua filha ao lado da mesa, sentada ao lado de uma senhora que morava próxima à sua casa, a mesma que ligara para o resgate médico no momento em que Reginaldo sofrera o acidente. Estando naquela situação, o meigo

565 abraço de sua filha foi um corroborante para seus ânimos, algo do qual ela dependia para não sentir-se ainda mais sozinha.

570 Naquela noite, enquanto descia a rua em frente à sua casa, Reginaldo bateu com a bicicleta em um carro estacionado ao lado da rua, tentando mudar o rumo da bicicleta sem freio de uma caminhonete que vinha de encontro. Ele quebrou a perna em três lugares, duas lesões no perônio e uma fratura exposta na tíbia, e por isso, talvez, nunca mais voltaria a se movimentar normalmente, mesmo com a ajuda de várias seções de terapia que enfadaria os anos ulteriores de sua vida.

575 É humano parar, olhar para trás e perceber que os anos se passaram rápido e tão pouco da vida teve sentido; é humano se assustar com a velhice porque é também humano se acostumar tanto com a sensaboria da vida, às vezes causada pela própria ociosidade de viver, que faz com que as pessoas coloquem seus corações, suas percepções, no automático, fazendo com que os esporádicos momentos de felicidade se passem impercebidos. Quando abriram os olhos, todos, ou quase todos, se assustaram com o tempo que tinha se passado, com o novo milênio que se aproximava ameaçadoramente, como se dissesse para todos; vocês estão ficando velhos e até agora não sabem nada da vida, não conhecem nada de bom do que há nessa vida, e inexplicavelmente sentem inveja do sorriso nos lábios de outras pessoas.

580 Clark continuava em sua mansão a viver uma solidão que não mais afetava seus sentidos. Com o passar dos anos ele se tornava cada vez mais impassível e menos humano, sentindo prazer somente nos consuetos charutos acompanhados de doses de whisky ou de bourbon. Com o passar dos anos ele se tornara um homem perturbado, alguém que tenta fugir do remorso causado pelos erros do passado em bebidas e cigarros, forçando-se a acreditar que os acontecimentos pretéritos eram de sua natureza e por isso se tornariam inexplicáveis. Bem lá no fundo, ele sentia medo se algum dia seus segredos viessem à tona. Em reuniões com os acionistas da empresa, inclusive Edward, todos percebiam sua irascibilidade; era como se ele odiasse sua própria vida e atacasse a todos que faziam parte dela. Mas todo seu antagonismo e aversão eram insuficiente para causar receio na única pessoa a quem ele odiava inexplicavelmente; Edward teimava em acreditar que Clark não era

nada além de um presidente ranzinza e grosseiro, um idiota estúpido e inofensivo, quase engraçado, e sorria toda vez que Clark exacerbava a voz mesmo sabendo que o que mais fomentava sua aversão era seu sorriso. Era como se a inabalável tranquilidade dele exacerbando à raiva de Clark fosse um atrativo, como açular leões trancados em jaulas de ferro. A verdade era que Edward não se preocupava nada com isso. A partir do momento em que assumiu alguma ações na empresa, ele praticamente olvidou todos seus problemas dando espaço apenas à felicidade e ao futuro auspicioso da Meisinger.

Enquanto a infantil competitividade abrangia a Meisinger de desconforto, Júlia continuava a viver sua inópia ao lado de seus dois filhos. Todo o mês ela recebia a pensão de Edward, que era depositada em uma conta especial no nome de Manuelle, e a dupla, porém parca, pensão de Murilo. Sempre que saía às compras ela percebia o preocupante aumento nas mercadorias e o desfalque causado pela abusiva e injusta inflação. O dinheiro obtido com as pensões se desvalorizava pelo custo de vida que aumentava a cada dia. Mas o que causava maior preocupação era quando, em frente o espelho, ela observava seus cabelos cada vez mais agrisalhadados, o que significava sua breve incapacidade. Porém, nos últimos meses ela tinha deixado de se preocupar tanto com isso, pois o trabalho se tornou um substantivo fora de suas alternativas, pois dele se originava um dilema: ou trabalhar por um mísero salário, do qual metade do estipêndio seria destinado a pagar uma babá para seus dois filhos, ou simplesmente aguardar a decisão do destino. O fato de ser uma mãe cuidadosa explicava sua escolha pela segunda opção.

Para Manuelle, a passagem dos anos foi repentina. Quando abriu os olhos ela já estava fazendo poses em frente um espelho antigo e com pouco reflexo que havia pregado em uma das portas de um guarda-roupa antigo.

O décimo quinto aniversário de Manuelle não fora uma data almejada por ela. Ela tinha se transformado. Não era mais uma menininha totalmente sensível, até mesmo sua antes amada almofada em forma de estrela que abraçava nas noites em que sentia saudades de seu pai, ou de um pai, se via jogada dentro de uma cômoda velha ao lado de sua cama. Já não sentia tanto a ausência de Edward como quando era criança, sentia apenas pressa pela primeira semana de cada mês quando Júlia dava a ela uma pequena parte de sua pensão.

545 Pela insignificância que representava para sua filha, Edward muitas vezes se lamentava diante o espelho ou nos braços de Cristiane. Chorava em saber que tinha uma filha que aparentemente não sentia sua falta, que não o procurava, e quando casualmente o encontrava em lugares a passeio em dias úteis ou em fins de semana, Manuelle o magoava tratando com toda a indiferença. Até mesmo o fato de chamá-lo pelo nome com tanta naturalidade o deixava desconcertado com um meio sorriso macambúzio de frente para sua
550 filha.

—Edward!— exclamava ela, encenando estar surpresa.

E ele, insolente, apenas refletia aquele comportamento infantil.

—Manuelle! Que surpresa, como você está?

Entre eles não havia a palavra “filha” e nem a palavra “pai”.

555 Doía seu peito ter de agir de maneira indiferente. O fato que mais o magoava e que sempre iria magoá-lo era sentir-se irrelevante, viver como uma imagem irrisória e insignificante aos olhos de sua própria filha. Tinha receio até mesmo de presentear-la, como todo os pais costumam fazer, pois seria um ato que de certa corromperia seu orgulho. Em muitos dos conselhos, Cristiane pedia a ele que quebrasse aquele orgulho infantil e procurasse por sua filha.

560 —Ela pode estar sentindo a mesma coisa e da mesma forma.— sugeria ela.

Mas Edward não ponderava os conselhos de sua esposa.

565 —Vejo nos olhos de minha própria filha o desamor e não consigo culpá-la por isso, Cris. Pelo contrário, sinto que a culpa é toda minha.— desabafava ele, sem dar ouvidos aos conselhos otimistas de sua esposa, sentindo apenas a árdua consequência de seu desleixo para com sua filha.

570 No dia em que completou os 15 anos, para a felicidade de Júlia, Manuelle encenou um sorriso radiante em frente uma torta caseira preparada por sua mãe enquanto seu pai observava a tênue luminosidade da Lua clarear os pináculos dos prédios à sua frente, relembrando do rosto inocente de sua filha quando ainda era pequena.

575

580

585 A noite estava calma. As tonitruantes nuvens relampeavam sobre a cidade obscurecida pelo medo e pelo pecado, que logo seriam molhados e arrefecidos. Os ventos assoviavam nos galhos oscilantes das árvores e nos cabos elétricos e telefônicos pendurados aos postes de madeira daquele bairro, que também balançavam pelo vento ameaçando tombar sobre os barracos. Volta e meia algum cabo se desprendia de algum poste e causava uma chuva de faíscas que iluminava a estrada. A chuva ameaçava cair impetuosamente.

595 Sentindo nas pernas o vento que entrava pelas frestas nas paredes e pelas fendas na porta de madeira, todos trocavam olhares entre o silêncio que cingia a mesa com o jantar sobreposto. Manuelle, calada, há minutos encenava desânimo em seu rosto perfeitamente esmaecido pelo ruído para parecer pálida; a vida começava a lhe ensinar que quase tudo é teatral, que muitas coisas teriam que ser teatral ou que ela teria que teatralizar perfeitamente para conseguir muitas coisas.

700 —O que aconteceu?— perguntou Júlia, na preocupação solidária de mãe.

—Nada.

705 Manuelle sempre fora uma garota lépida e disposta, do tipo que tira sarro com a cara das pessoas sem *mesmo* constrangê-las. Mas naquela noite o sorriso que personificava sua jovialidade não estava em seus lábios. Quieta, ela mantinha um olhar alheado para o prato fumegante de canjica, o que causou esperadamente preocupação em Júlia.

710 —Confie em mim, filha, me diz o que aconteceu?— insistiu Júlia, arrastando a cadeira no assoalho de madeira para se aproximar de Manuelle.

Ouvindo aquelas palavras, a menina suspirou como uma criança que se recupera de um pranto comovida pelas palavras consolativas de alguém.— Zombaram comigo. No colégio.

715 Numa pausa, Júlia percebeu que os olhos de sua filha se enchiam de lágrimas, e como ela detestava ver lágrimas nos olhos dos filhos, pousou carinhosamente a mão sobre a cabeça de Manuelle. Enquanto isso, em sua cadeira no lado oposto da mesa, Reginaldo apenas assistia aquela cena degustando um prato de arroz com carne que fora requentado do almoço.

720

—Zombaram?! Mas por que? Isso nunca aconteceu.

—Porque...— ela deu uma pausa para um soluço ensaiadamente deprimido e concluiu— Porque disse a eles que não *podia* ir à festa da nossa turma.

725

Quando Reginaldo sorriu baixo ao ouvir a resposta, os olhos de sua irmã encontraram os seus sem que Júlia percebesse mesmo olhando em seu rosto. Até mesmo Manuelle ameaçou formar um sorriso enquanto mantinha a cabeça abaixada. Na ingenuidade de mãe, Júlia abraçou sua filha quando uma lágrima enganosa molhou a face de Manuelle. Por algum tempo elas ficaram abraçadas, até o momento em que Júlia, crente que sua filha estava mais calma, levantou-se para se afastar rumo ao banheiro. Mas assim que ela girou o corpo, Manuelle saiu correndo para o quarto.

730

Que atriz, pensou Reginaldo, com uma coxa de frango em meio os dentes.

735

Manuelle estudava em uma escola de classe média que ficava próxima à sua casa. Naqueles dias os alunos, junto aos professores, tinham organizado uma festa para as três turmas do ensino médio; um meio de estimular a má vontade dos alunos para uma gincana em que a turma que juntasse maior quantidade de metais do lixo seria premiada com um passeio a um clube situado no outro lado da cidade e posteriormente com uma festa onde os alunos poderiam apresentar suas bandas de rock. Um meio ineficaz de conscientizar as pessoas sobre os problemas causados pelos acúmulos de lixo. Ninguém se comoveu, certamente, mas a festa iria acontecer, a festa que Manuelle jurou às suas amigas que não iria faltar.

740

745

Preocupada, Júlia lavava alguns pratos enquanto tentava resolver a questão, pois estava claro que mesmo de forma indireta Manuelle tinha feito um pedido e que seu silêncio foi, da mesma forma, negativo. Até imaginava as lágrimas de sua filha deitada de bruços na cama, odiando a rigorosa mãe que tinha. Antes de terminar de ensaboar uma panela, ela pegou a toalha, secou as mãos ensaboadas e caminhou para logo entrar no quarto. Como previsto, Manuelle choramingava debruçada sobre a cama. A passos lentos e hesitantes, Júlia se aproximou e sentou-se no colchão. Pensativa, por alguns segundos ela contemplou o colchão fino sobre a cama. De costas, o corpo de Manuelle se movia a cada soluço, movendo também uma parede improvisada feita de pinheirinho onde havia pregado uma fotografia de Manuelle aos 8 anos em meio vários

750

755

760 posteres, desde cartazes coloridos dos Backstreet Boys até posteres em preto-e-branco do Kiss, uma mistura ilógica que indiciava toda a falta de personalidade de uma garota imatura. Na foto pregada na parede, Júlia percebeu que Manuelle sorria abertamente; e naquele momento ela estava chorando. Lembrando da felicidade de sua filha, Júlia sorriu antes de perguntar com um sorriso congratulante de quem está fazendo uma surpresa:

—Qual roupa você vai escolher para ir à festa, Manu?

770 Era um salão antigo e de cobertura baixa. Todas as paredes exteriores estavam pichadas com desenhos obscenos, palavrões e denominações de gangs. Havia apenas uma estreita porta de entrada aos fundos de uma varanda, uma espécie de arcada incompta com quatro colunas de concreto bruto. Essa mesma porta também era usada como porta de saída, impossibilitando com que os jovens que entravam sem formar qualquer tipo de fila não se esbarrassem com os que saíam; a verdadeira balbúrdia que os jovens adoram. Ao lado de Jennifer, uma morena esguia de 17 anos que estudava na mesma turma, Manuelle, um pouco tímida, entrou se esquivando dos jovens em meio uma densa nuvem de fumaça. Ela não tossiu ao sentir o cheiro urticante de cigarro, ela já conhecia aquele cheiro, já tinha provado do gosto estonteante de cigarro e por isso não ficou tonta. Quando por fim entrou no salão, Manuelle esbugalhou os olhos atônita, avistando apenas as centenas de cabeças em meio um panorama azulado pelos refletores no teto, que inclinados para a frente iluminavam um palco pequeno de chão de madeira quase escondido por uma cortina preta furada por traças. *Um verdadeiro*

780 *improviso*, pensou ela, pondo os olhos analíticos em tudo o que se passava e acontecia. Ao passar de alguns minutos, o restante das luzes automaticamente se acenderam e em seguida um forte som de bateria acompanhado por sons agudos de guitarra fizeram um eco no salão. Uma voz grave e enfática anunciou a apresentação da banda:

—Bleakaut!!!

790 Aquele grito ecoou nos ouvidos de Manuelle como o início de uma libertinagem. Seu devaneio ao escutar alguma música do Nirvana, sua banda preferida, estava se realizando com uma banda de incipientes que mal conhecia. Ou melhor; que não conhecia. As cortinas se abriram e atrás dela os integrantes de uma banda de jovens entraram em cena. O som perfeitamente eufórico começou a se

795

300 distorcer em suas primeiras toadas, no puro radicalismo autotélico do punk rock. Quando amenizou a arrancada inicial e o som da guitarra associou-se ao som do baixo numa sequente nota musical repetitiva, um grito emouquecedor retumbou nos auto-falantes. Naquele átimo, abriu-se uma pequena porta de papelão atrás do palco e dela saiu um garoto de cabelos compridos; ele vestia uma calça com furos na altura dos joelhos e uma camisa preta com a estampa de alguma banda de rock famosa. Acompanhando o agito empolgante dos jovens, o vocalista cantou sua primeira música com certa raiva, virilidade e veemência, sempre premendo o microfone com os dedos:

—*"Meus cabelos são compridos, mas por isso não se iluda, gosto muito do que faço, minhas calças rasgadas são justas.*

310 *Tem gente que gosta do que faço, sou seu ídolo, porra! Não sou bem vindo à igreja. Bem ou mal? Sou uma gangorra.*

Às vezes subo, às vezes desço, às vezes eu grito, e pra ver isso qual é seu preço?!

315 *É o ingresso desse show bizarro, que alguém velho acha ridículo, mas isso é um fenômeno raro, esse é meu jeito, é meu instinto.*

Dos palcos de papelão, às gatas que vêm e que vão, sou animal. Não tenho corpo peludo e meu cabelo é comprido, mas hoje isso é normal.

320 *Porque eu acho; que todo mundo gosta de rock!*

Porque eu acho; que isso um dia será um parque!

Porque eu acho; que todo mundo gosta de rock!

Porque eu acho; que isso um dia será um parque!

325 *Ou um zoológico com muitos humanos animais.*

Tudo estava sendo novo para Manuelle, era como se estivesse em um outro mundo; aquilo ali não era como o mundo fictício que via nos filmes de adolescentes rebeldes envolvidos com drogas e vestidos de camisetas pretas que propagavam sua personalidade insurgente em estampas coloridas; aquilo ali era real e ela era uma debutante no mundo em que realmente vivia. Era seu mundo e ela tinha que fazer parte dele. Ao lado de Jennifer, aos poucos seu corpo foi se movimentando entre os outros, colocando em prática as inúmeras horas dança em frente o espelho em seu quarto.

335 —Vamos lá, Manu!— a voz gritada de sua amiga incitou Manuelle no refrão de uma música, liquefazendo o último assomo de timidez em forma de uma gota de suor na testa...

340 Quase uma hora já tinha se passado e a amiga de Manuelle já
345 tinha beijado muitos, quase todos os garotos que passavam a mão em
seus cabelos ou que sopravam uma cantada no ouvido, bem próximo
a uma tatuagem em forma de estrela. No entanto, Manuelle
simplesmente sorria enquanto acompanhava mecanicamente a
música, volta e meia limpando o suor que resvalava na testa. Estava
muito quente e ela estava com sede. Olhou para o lado e viu que
Jennifer estava agarrada em um garoto que passava as mãos em sua
bunda enquanto mordicava seu pescoço. Com certa hesitação, ela
tocou no ombro de Jennifer, que em seguida girou o rosto para ela
com um olhar reprovativo.

—Eu *vô pegá* um *refri*. Já volto.

350 Vendo sua amiga voltar os olhos para o garoto, que pespegou-
lhe um beijo em sua boca, Manuelle olhou para frente, para o palco
onde as luzes brancas sobrepujavam a luminosidade fraca das luzes
azuis no final de uma música, onde o vocalista entregava o microfone
a um outro jovem que tomaria seu lugar no pequeno palco. Colocou a
355 mão no bolso da calça onde restavam algumas moedas e em seguida
girou os calcanhares e se afastou em direção ao balcão que ficava aos
fundos, próximo à única porta do salão. Minutos depois ela estava
escorada no balcão esperando o refrigerante já pedido. Quando
cansada voltou o olhar para a frente do balcão, onde os alunos que
foram voluntários em trabalhar na festa serviam cervejas e
refrigerantes em latinhas, ela ouviu uma voz vinda do lado:

360 —Gostou do Bleakaut?

Aquela voz era inconfundível. Ela girou o olhar rápido, mas
não falou nada ao ver o garoto que se aproximava ao seu lado. *Uau!*,
365 pensou ela, contemplando os cabelos encaracolados batendo no
ombro de Jasom Mirojinick, molhando a camiseta preta que colava
perfeitamente sobre seu peito. Jasom, o vocalista da banda Bleakaut,
tinha um olhar irônico estampado em sua expressão ávida. Cada olhar
parecia uma zombaria, o que não era defeito algum; era algo típico de
sua personalidade, específico, existente apenas nele que esbanjava
370 jovialidade em sorrisos sarcásticos.

—Foi o que pensei.— continuou ele, fechando o sorriso diante
à quietude negativa dela.

—Como?!— a pergunta de Manuelle foi precipitada, como se
estivesse acordando de uma vertigem.

375 —Perguntei se gostou da minha banda, todos aqui conhecem

minha música, exceto você.— argumentou ele, acendendo um cigarro.

—Sim, gostei da música.— disse ela, assemelhando-se a uma garota reservada e infantil, o que realmente era e que acreditava ser facilmente percebível para todos.

—É a primeira vez que sai de casa?

O tom afirmativo daquela pergunta, somando a expressão zombeteira de Jasom, deixou Manuelle constrangida. Ela não respondeu e ele escorou-se com um dos cotovelos no balcão, levando o cigarro outra vez à boca. Voltando a olhar no rosto dela, ele comprimiu os lábios e uma tênue linha de fumaça subiu de sua boca.

—*Sabe?* Eu também não gosto de sair à noite, mas faz parte do meu trabalho divertir adolescentes rebeldes. Um dia, quem sabe, eu serei um ídolo para eles.

Manuelle *não* percebeu a convicção retratada na expressão de Jasom e sorriu. O argumento dele convenceu-a de que ele julgara o fato de ela não sair à noite ser um princípio próprio e não proibição de uma mãe cuidadosa, o que deixou-a mais acomodada. Naquele instante, um garoto se aproximou do outro lado do balcão e jogou sobre a mesa uma latinha de refrigerante; Manuelle outra vez sentiu-se envergonhada ao despejar na palma da mão dele um monte de moedas. Jasom conteve o sorriso que a todo tempo parecia desprender-se de seus lábios.

—E então, qual é *mesmo* seu nome?

—Manuelle.— respondeu ela. Ela tinha que falar alguma coisa, não apenas responder as perguntas dele como uma garota imatura que até então tinha representado, então voltou-se com um sorriso retraído para ele— E então, você gosta de Jim Morrison?— quando terminou de falar, sua tez novamente se enrubescceu. *Jim Morrison, que idiota*, pensou ela, em frente à estampa do Offspring colorindo toda a frente da camisa de Jasom.

—Não. Sou individualista, gosto apenas das minhas músicas. — ele desceu os olhos para a estampa na camiseta— Isso aqui é apenas parte do que eu devo representar.— voltando os olhos para cima, estudando e contemplando o azul dos olhos cândidos dela, ele concluiu com um sorriso curto nos lábios— Prefiro um filme a um show de banda.

Numa pausa, o olhar dele para ela pareceu solicitar uma resposta ao seu argumento, e ela, sem perceber o engodo, soltou um

015 outro sorriso.— É. Eu também gosto de filmes.

—Que bom. Assim temos alguma coisa em comum.

Por alguns segundos houve uma pausa, e quando os olhos dela, junto com um sorriso acanhado de quem sabe o que quer mas não sabe o que falar, denunciou sua veledade, Jasom sorriu descendo um
020 olhar rápido para o chão antes de voltar um olhar convencido aos olhos dela.

—Eu gostei de você.

O sorriso dela e o rubor na face compuseram a lídima imagem da garota pura, imatura, que não consegue disfarçar perfeitamente suas vontades, e quando tentam disfarçar as tornam ainda mais
025 evidentes.

—Gostaria de poder conversar mais contigo, te conhecer melhor, sei lá. O que acha?

—É. Seria ótimo.— respondeu ela.

Jasom cruzou um olhar para o lado antes de retirar um celular do bolso da calça.
030

—Então, me passe o seu número, assim eu posso te ligar.

Manuelle não hesitou, e enquanto tímida, aflita e sorridente, ditava pausadamente os números, Jasom teclava-os no celular.

—Manuelle. É isso mesmo?
035

Ela confirmou e em seguida ele guardou o celular no bolso, voltando os olhos para ela. *Naquilo*, um garoto se aproximou com pressa nas palavras e gestos e tocou no ombro de Jasom.

—Vamos! Tá tudo preparado.

Sentindo-se interrompido, Jasom voltou-se para ele com um olhar reprovativo, mas terminou aquiescendo com um gesto antes de voltar os olhos para Manuelle. Sorriu e despediu-se dela com os tradicionais três beijinhos no rosto, muito próximo aos lábios dela.
040

—Eu preciso ir,— falava enquanto a beijava— mas eu te ligo.

Depois da triste visão de Jasom desaparecendo entre as poucas pessoas que ainda estavam ali, Manuelle outra vez se viu sozinha, segurando a latinha de refrigerante ainda fechada.
045

Minutos depois Jennifer tocou em seu ombro; seus olhos rápidos revelavam sua agitação e haviam visíveis marcas vermelhas no pescoço.
050

—Amiga, nem adivinha quem me beijou.

Manuelle voltou um olhar perplexo para o rosto dela.— Hã?!

—Erick. Aquele repetente do segundo ano. Lembra?

Manuelle fixou o olhar e em seguida formou um sorriso, como se finalmente compreendesse.

—Ah, sim. Ele é tão lindo. Como teve a bruta coragem de te beijar?— Jennifer abriu a boca encenando um espanto e deu um tapa de leve no ombro de sua amiga enquanto Manuelle continuava em sua pilhéria— Ah! Mas não precisa ficar preocupada. Amanhã ele melhora do porre.

Minutos depois as duas saíram sorridentes do salão.

Às quatro horas da manhã Manuelle abriu a porta de sua casa e entrou deslizando as meias sobre o encerado chão de madeira, evitando assim causar ruídos. Em meio a cozinha vislumbrada pelo luar que entrava pela janela semiaberta, ela viu entre a porta aberta do quarto a silhueta do corpo de sua mãe deitado sobre a cama. Júlia respirava alto e sobre seu abdômen uma Bíblia aberta refletia no escuro sua orla dourada. No quarto ao lado, Reginaldo dormia sobre um colchão antigo, seu rosto sendo aclarado pelo display do rádio que reproduzia uma música baixa, a imagem do garoto de temperamento depressivo que muitas vezes precisa escutar músicas ou ver algum filme para conseguir dormir, fugir dos pensamentos que muitas vezes são colocados em cadernos velhos que são escondidos debaixo do colchão ou em meio as roupas numa cômoda velha; muitas vezes esses cadernos de desabafos se tornam livros, best-sellers indicados por psicólogos aos seus mais depressivos pacientes como último recurso.

Minutos depois, Manuelle deitou em sua cama imaginando os lábios de Jasom tocando os seus; os braços dele envolvendo-lhe o corpo. *Ele parecia ter uma compleição forte, viril. Será que ele tinha alguma tatuagem em alguma parte do corpo? Nos braços, no peito, ou quem sabe nas costas? Será que ele tinha algum piercing no mamilo? Ou talvez na língua?* Imaginando todas as possibilidades, Manuelle aos poucos fechou os olhos, a mão se colocando entre as pernas, no interfemínio virginal de uma adolescente enlevada pelas imaginações. Em pouco tempo os dedos deslizaram ondulantes até que suas pontas tocassem as nádegas. Com a palma da mão ela sentia os pêlos pubianos umedecidos enquanto de os olhos fechados sussurrava, como se suplicasse a alguém a realização de seus desejos:

—Jasom. Animal. Sarcástico.

Antes de “terminar”, ela praguejou quando ouviu o telefone trepidar sobre a cômoda. Mas sorriu ao ler uma mensagem de Jasom

desejando-lhe boa noite, deixando gravado seu número no celular de Manuelle.

Naquela mesma madrugada, enquanto olhava para o fogo, Clark sentia o calor vindo das flamas, o rosto ruborizado pela urência das brasas que crepitavam na lareira. A fumaça do fogo subia pela grande chaminé de concreto e não promiscuía-se com a do charuto, que não abrangia o espaço entre as poltronas, a mesa, as diversas alfaias e Clark, pois o ventilador ao lado da poltrona estava desligado e em sua calma liberdade a fumaça subia formando uma única listra até tocar o teto arredondado, onde enfim se espalhava formando uma pequena nuvem acinzentada.

Junto com o estalido de uma brasa, o difidente Rui saiu de seu aposento que ficava aos fundos da cozinha envolto por um roupão delgado e andou em direção à sala. Quando estava entre a sala e a cozinha, girou um olhar e avistou apenas um dos braços de Clark escurecido e, como toda a poltrona, contornado pela claridade da lareira à sua frente.

—Acordado a esta hora, Rui?— perguntou Clark com a voz lenta, sem mover a cabeça apoiada na poltrona.

Para Rui, que tentava esconder o pavor que sentia de Clark, ouvir aquilo e naquela hora foi um choque; sentiu que o corpo todo estremeceu dentro do roupão.

—Senhor?!

Ouvindo o ar sendo expelido pelas narinas do mordomo, como se ele tentasse baldadamente controlar o susto em meio o silêncio, Clark inclinou-se para frente. Depois de dar uma tragada forte e bater o charuto na borda do cinzeiro sobre a mesa, ele inclinou um pouco o pescoço para o lado e olhou de viés para trás. De onde Rui estava, se via apenas a fumaça do charuto subindo sobre a parcial silhueta do rosto escurecido. Aquilo foi, de alguma forma, motivo de calafrios na pele do mordomo.

—Venha cá, Rui, fume um charuto comigo.— pediu Clark, antes de se voltar para frente para pegar uma caixa de charutos que estava sobre a mesa e colocá-la sobre as pernas— Venha, homem. Sinta-se à vontade.— Clark terminou voltando o corpo para trás da poltrona para contemplar o fogo.

Habitado às ordens, Rui se aproximou, subiu os degraus do estrado onde se assentava as poltronas e a lareira e andou mais alguns

passos até ficar parado entre Clark e a luminosidade calmosa que vinha do fogo e esquentava gradativamente suas costas.

—Pensei que tivesse sido claro. Vamos, sente-se.— Clark indicou a poltrona com seu olhar avermelhado— Fume um charuto.

Receoso, Rui pegou a caixa que Clark lhe oferecia. Dela retirou um charuto e logo após colocou-a entre um turíbulo e um castiçal sobre a mesa de centro. Clark se levantou e aproximou-se, denotando nos olhos assustados o temor que o mordomo sentia. Com uma pequena tesoura pontiaguda, principal motivo do temor que provocava, ele cortou a ponta do charuto que os lábios do mordomo seguravam, e em seguida, usando um isqueiro metálico, ele acendeu o charuto. Quando a pequena tesoura, sempre seguida pelos olhos temerosos do mordomo, foi depositada sobre a mesa, Rui sentou-se aliviado.

—Sabe, Rui?— Clark sentou-se na poltrona e cruzou as pernas — Eu gosto de observar o fogo; ele representa energia que emerge, que reverbera, refulge de outras matérias. Mas me machuca saber que as brasas, tão incandescentes em seu sublime poder, se findam em cinzas inválidas.

Calado e aparentemente mais camo, Rui apenas tragava lentamente a fumaça do charuto enquanto escutava cada palavra e observava cada gesto de Clark. A impressão que dava era de que ele estava na defensiva contra qualquer movimento de Clark que insinuasse perigo.

—Eu me classifico como o fogo, Rui, eu queimo, carbonizo a matéria, nunca serei irritável, se é que me entende. O resto se resume apenas em brasas— Rui tossiu afogado pela fumaça do charuto quando Clark fitou seus olhos e concluiu exacerbando a voz— ...e cinzas!

Diante à expressão assustada do mordomo, Clark aos poucos formou um sorriso debochado.— Brincadeira, meu amigo. Agora diga-me, você trabalha há décadas nessa casa, nunca teve uma família?

Quando o sorriso se fechou e a expressão de Clark tornou-se complacente, o mordomo sentiu-se mais confortado apesar da vergonha. Ele disfarçou pigarreando com o dorso da mão tapando a boca antes de responder:

—Sim, seus pais, e por fim você.

Clark não redarguiu à resposta. A lembrança aflorou em seus

075 olhos no momento em que voltou a olhar para as brasas, mas era
indiscernível se os fragmentos em seus olhos eram de tristeza,
saudade, ou de compunção, pois Rui sabia que ninguém mais do que
Clark tinha motivos para sentir arrependimento por toda a
desconsideração para com seus pais, pois sempre esteve por perto nos
080 momentos em que Clark discutia energicamente com Ricardo e viveu
parte da angústia de Tea, causada pelo arrufo cheio de mistério de um
filho malcriado, antes de ela cometer suicídio. Uma das verdades era
que o tormento obsedava Clark e outra era que Rui acreditava a pleno
que se houvesse algum culpado no suicídio de Tea, esse culpado seria
ninguém mais que o próprio filho. O que Rui não entendeu naquele
momento foi o porquê Clark perguntou se ele tinha ou já teve uma
085 família mesmo sabendo de sua história; mesmo com o passar dos
anos sentindo-se por vezes rejeitado e muitas vezes inobservado
dentro de uma mansão tão solitária, todos os Meisingers que o
conheceram sabiam de sua história, sabiam que era um italiano
nascido em Bolonha, a maior das cidades da região da Emília-
Romanha, que partiu para o Brasil no início dos anos 50, quando
tinha pouco mais de 20 anos. O que o forçou a tomar essa decisão foi
090 o enervante desgaste de sua família— seu pai, de proprietário de uma
loja de móveis, se tornou, primeiramente, um usurário ingênuo que na
maioria das vezes era embaído por vigaristas que apresentavam a ele
açôfar dizendo ser artefatos de ouro ou de prata, e por conseguinte,
um alcoólatra depressivo; o suicídio foi o fim de sua medíocre vida
quando o glaucoma derrotou sua esposa deixando-a cega. Quando
095 isso aconteceu, Rui, que ajudava seu pai na administração de sua loja
e que acompanhou dia após dia o drama sofrido pelos pais, não
aguentou presenciar a decadência de sua família e viajou de barco
para o Brasil onde conheceu Mário Meisinger; naquela época, Mário,
pai de Ricardo e avô de Clark, ainda não tinha empreendido seu parco
100 patrimônio na empresa Meisinger Multimídia. Era apenas um
sonhador que só pensava em multiplicar o espólio herdado dos pais.
Nos primeiros anos no Brasil, Rui trabalhou para a família Meisinger
como jardineiro e administrador de uma chácara pertencente à família
105 que se localizava em uma região irregular distante da cidade; foi
naquele chácara que ele aperfeiçoou seus conhecimentos em língua
portuguesa colando os olhos nos livros de literatura brasileira.
Quando a Meisinger foi inaugurada em 1954, três anos depois de Rui
estar no Brasil, a chácara foi vendida e Mário, que há muito tempo

10 vinha observando os modos corteses do empregado, chamou Rui para
trabalhar servindo a sua família dentro de sua casa. Em poucos anos,
com o sucesso da Meisinger, a casa se tornou uma mansão e a
humildade dos Meisingers se dissipava na medida em que eles
15 enriqueciam. Durante aqueles anos e os outros que o sobreviriam, Rui
se tornava apenas o mordomo, cada anos mais velho a servindo a
todas as pessoas que ele via nascer e crescer, como se cada uma fosse
de sua família— tios, sobrinhos, primos. Mas ele abria os olhos para
ver que estava totalmente enganado toda a vez que a ingenuidade dos
20 novos Meisingers se desfazia e esse, pela primeira vez, o insultava.
Ele viu Clark nascer, presenciou seu crescimento e sua educação, e
naqueles dias, anos depois da morte de Ricardo, outro Meisinger que
ele acompanhou seu crescimento e sua rígida educação, Rui sentia-se
o mesmo italiano que, depois do fim de sua família, fugiu da tristeza
25 vindo para o Brasil, onde nem mesmo era chamado de Cleonico
Nobiliore, seu nome verdadeiro; longe de sua terra ele era chamado
apenas de Rui, um apelido empregado por Mário ao perceber em seu
rosto semelhanças com o rosto de Pablo Picasso, que tinha, além de
Picasso e outros, o sobrenome Ruiz.

30 Mas agora, voltando à atual realidade, Rui olhou nos olhos
frios de Clark e sentiu saudade de seus pais; lembrando dos olhos
verdes de sua mãe antes de eles se tornarem esbranquiçados pela
doença que a assolou, ele sentiu que uma robusta mão de tormento
apertou seu coração; soube que era um covarde, que não deveria
abandonar sua mãe, sua única família após a morte de seu pai. *Qual*
35 *teria sido o fim dela?*, se perguntou ele, quando, num átimo,
relembrou da fotografia dos pais no dia do casamento dos dois que
estava bem guardada em meio as páginas de um livro em seu armário
— na fotografia sua mãe sorria com rústica timidez e mesmo em
preto e branco se percebia que seus olhos eram verdes faiscantes e
40 cheios de amor e de ternura; seu pai, cheio de seriedade, se postava
ao lado da nova e bela esposa e em seu rosto impávido se denotava o
orgulho e a felicidade.

Fugindo das lembranças, Rui pigarreou e percebeu que os
olhos de Clark estavam tão vermelhos quanto à ponta do charuto que
seus dedos seguravam.

145 —Sinto faltas de meus... quer dizer, de seus pais, senhor.

Após um breve pensamento e uma lágrima à borda dos olhos,
Clark colocou o que sobrava do charuto no cinzeiro, e, olhando para a

claridade do Sol batendo na janela aos fundos, disse, levantando-se da poltrona:

—Precisamos dormir, Rui. Está na hora.

Denotando a negra melancolia surgir na face de Clark, o mordomo se levantou e colocou o charuto quase inteiro sobre o cinzeiro encoberto de cinzas.

—Precisamos é de uma patroa, senhor.— acrescentou ele.

—Precisamos, Rui, precisamos mesmo.— anuiu Clark, vendo que, com sua resposta, o sorriso se formar nos lábios encarquilhados do velho fâmulos— Agora vá dormir. Amanhã será um longo dia.

Marcado pela expressão amarrada, Clark subiu para seu quarto já iluminado pela aurora, e Rui, depois de ter ido ao banheiro, voltou para seu quarto para dormir naquele domingo de mútuo descanso na mansão.

A noite daquela terça-feira estava tropical; a brisa soprava branda na janela, causando um ruído oportuno que não incomodava Reginaldo. Em seu quarto, ele aguardava a chegada do sono imaginando ser a vívida maresia de um mar que ele não conhecia batendo na janela e não o vento impuro da cidade. Quando finalmente o sono fechou seus olhos, ele ouviu um ranger no assoalho de madeira vindo do quarto ao lado. Logo em seguida, as luzes da cozinha se acenderam e ele ouviu os passos de Júlia caminhando da cozinha para a sala. Deu-se para ouvir nitidamente que ela abriu uma das gavetas da estante e logo após fechou-a com cautela— ela conhecia perfeitamente o filho que tinha e sabia de seu sono leve. *O que ela estava tentando esconder?*, se perguntou Reginaldo. Pisando com cuidado no assoalho de madeira, ela voltou para a cozinha e sentou-se em uma velha cadeira de pernas lassas e rangentes ao lado da mesa. A curiosidade fez Reginaldo calmamente se levantar da cama, e sem causar ruídos se aproximar da porta que estava fechada. Pondo um dos olhos entre uma frincha na porta de madeira, ele viu que sua mãe realmente estava sentada em uma cadeira ao lado da mesa e com uma pequena calculadora em mãos. Percebeu que sobre a mesa havia um pequeno caderno de anotações e uma caneta sobre as páginas. Consecutivamente, ela começou a discar alguns números na calculadora e em seguida anotava-os no caderno. Forçando os olhos, Reginaldo conseguiu ler o que ela estava anotando, e, aborrecido, voltou e deitou-se com cuidado na cama, ajeitando com as mãos a

perna deficiente sobre o colchão. A preocupação surtida pelo que leu no velho caderno de anotações de sua mãe impediu ele de dormir durante aquela noite, mesmo com a mitigante visita da chuva no fim da madrugada. Pela primeira vez em sua vida Reginaldo tinha que pensar em alguma coisa; sendo o único homem da casa, ele tinha que tomar uma decisão.

O dia seguinte foi abençoado pela chuva leve e calmante; mas ela não foi o bastante para aplacar a preocupação de Reginaldo, que tinha desaparecido desde a manhã e até no final da tarde não tinha chegado. Preocupada com seu desaparecimento, Júlia tricoteava sentada em um sofá que ficava de frente à janela; mas durante todo o tempo em que esteve tricoteando, seus olhos se mantiveram mais na estrada de cascalho sendo molhada pela chuva do que nas agulhas que dançavam mecanicamente entre seus dedos. Quando por fim as nuvens liberaram a visão para o infinito amarelado pela claridade do Sol que se deitava no horizonte nublado, como um pobre operário velho e cansado no final de um dia de trabalho árduo deitando sobre um colchão úmido e encardido, Reginaldo abriu a porta, tirou um velho tênis de sola desgastada e entrou na casa. Após abrir a geladeira e tomar um gole de água em um jarro plástico, ele caminhou até a sala e sentou-se no sofá, dando as costas para a janela e ficando de frente para Júlia. Enquanto ele olhava direto no rosto dela, esperando ouvir a pergunta, Júlia sustentava os olhos no tricô sobre as pernas.

—Onde estava?— perguntou ela, finalmente, sem esquivar os olhos do tricô.

—Na casa de um amigo.

—Desde a manhã?

Reginaldo não respondeu diretamente e, com um pouco de esforço, deitou as pernas no sofá, os olhos negros espreitantes no rosto de sua mãe.— Arrumei um trabalho.

Naquelas palavras, Júlia largou os pulsos sobre as pernas e fixou os olhos no rosto de seu filho.

—Arrumou um trabalho?! Do que está falando?!

—A partir de amanhã irei trabalhar com um pedreiro. Não sei se você conhece o Mauro?— numa pausa, ele fingiu considerar a perplexidade no rosto de Júlia como se fosse uma negativa à sua pergunta e concluiu— Aquele que construiu aquela casa do outro lado da rua, lembra?

—Tá! Eu sei quem é ele, mas...— numa pausa voluntária, ela

afirmou os olhos no rosto dele.

—Mas o que?!

230 O tom áspero da pergunta de Reginaldo foi como se ele relutasse contra os pensamentos de Júlia para que eles não se convertessem em palavras— uma tática ríspida para evitar discussões que ele tanto detestava.

—Nada. Só não esperava isso. Deveria ter falado comigo antes.

235 —Pra quê?! De que adiantaria se isso não depende da sua decisão?

Júlia desceu os olhos para o chão, considerando o argumento de Reginaldo, mas logo voltou-os discrepantes para o rosto dele.

—É. Nisso *cê* tem razão. Mas você tem sua pensão, Reginaldo, não precisa se preo...

240 —E não me orgulho nada disso, mãe,— interrompeu ele, a voz branda— é pouco, e invalidez é minha única decepção. Você não imagina como é se sentir inútil perante os outros!

245 A convicção na voz de Reginaldo promoveu uma pausa e uma troca de olhares; e quando Júlia mordeu os lábios, meneando levemente a cabeça, ele se levantou do sofá e se afastou claudicante rumo ao banheiro, certamente para que Júlia não percebesse seus olhos vermelhos numa insinuação de choro.

250 A partir daquele dia Reginaldo começou a trabalhar em construção civil. Saía todas as manhãs antes da aurora, levando consigo apenas um pote de margarina com uma parca refeição, e voltava somente depois do ocaso solar; sendo que na maioria dos dias sua refeição nem mesmo era retirada do pote. Aquele trabalho árduo deixava Júlia penalizada com seu filho, que aos poucos se transformava na imagem do homem sofredor e desgastado. Lembrar do garoto Reginaldo saindo de casa para a escola fazia Júlia sorrir de saudade e ver ele se afastando para um dia trabalho fazia ela chorar. Tanto Júlia quanto Manuelle sentiam um aperto no coração ao vê-lo chegar tarde e em frente a porta pedir um balde de água para lavar os pés sujos de cimento e terra, para depois entrar com suas roupas velhas imundas de cimento e cal. Aos poucos seu rosto também se transformava; sua expressão antes ávida de garoto astuto e empolgado, se transformou em uma face triste e exaurida; sua pele antes clara se tornou adusta, totalmente tisonada pelo Sol que o castigava nos penosos dias de trabalho.

265 —Estou tão empolgado com meu trabalho, mãe.— disse ele,

certa noite, ao perceber de soslaio um olhar um tanto compassivo vindo de sua mãe do outro lado da mesa.

—Empolgado?— acompanhou Júlia, percebendo as côdeas de pão coladas nos lábios do famélico filho.

—Ahã. Creio que logo poderei construir sozinho uma casa melhor para nós.

—Que ótimo, senhor arquiteto.— brincou Júlia, sabendo de que nada adiantaria se opor contra seu filho em sua escolha, pois mais do que ninguém ela conhecia suas qualidades, mas também conhecia seus defeitos— a teimosia machista herdada de Murilo e sua preocupação em relação à família. Intuitivamente ela imaginava o motivo que o forçou a tomar aquela decisão e sentia-se culpada por isso.

Mas para Manuelle aquelas noites estavam sendo insulsas. Ouvir os mesmos argumentos de sua mãe, estar diante à sempre debilitada face de seu irmão atrás de um prato cheio de comida e ter de sustentar suas veleidades calada em sua cadeira ou trêmula em sua cama— a pulsante vontade de viver como todas as garotas de sua idade vive era insuportável. Tudo o que acontecia estava deixando-a cansada. Sua vontade de sair com mais frequência nas noites seria para sempre apenas vontade, pois conhecia perfeitamente sua mãe e seus princípios um tanto estóicos, que, aos olhos de Manuelle, fazia dela a pior mãe do mundo, porém, a mais diligente das mães. Mas quando a sensaboria da vida é palpável, o melhor jeito de quebrá-la é encontrar alguém que também alimente o mesmo sentimento para que juntos se ajudem. *Mas quem além de mim mesma tem um vida tão sem graça?*, se perguntava Manuelle. Os acontecimentos dos próximos meses mostrariam a ela seu equívoco, que a pessoa que ela desejava, a pessoa que o destino reservava para ela, era seu oposto e tinha uma vida totalmente diferente.

Foi em uma daquelas noites enfatiadas pela dramática encenação de Júlia e Reginaldo, que fingiam uma harmonia não existente ao lado da mesa, quando Manuelle sentiu o celular trepidar no bolso da calça de moletom. Sem pressa, ela largou o garfo ao lado do prato e apanhou o telefone; logo em seguida, quando olhou para o visor do celular, seus lábios se abriram num sorriso com a língua entre os dentes. Se levantou da cadeira e se afastou a passos largos para seu quarto, deixando sua mãe e seu irmão trocando olhares suspicazes por sobre a mesa.

305 —Alô.— falou educadamente ao atender o telefone, pondo-se de joelhos sobre o colchão.

—Oi. Sou eu.

—Eu quem?— perguntou ela, fingindo não reconhecer a voz.

—Jasom. Lembra? A gente se conheceu na festa da escola.

310 —Ah, sim. Agora lembrei. O vocalista de banda de rock que não gosta de bandas de rock.

A rapidez do sorriso de Jasom em relação ao comentário de Manuelle foi sinal de objetividade.— Que bom que lembrou. Ultimamente as pessoas não vêm lembrando muito de mim.

315 Sentindo desalento nas palavras de Jasom, Manuelle se deitou no colchão ouvindo-o terminar.

—Bom, deixa isso pra lá. Estou ligando pra você para te convidar pra ver um filme. Como você mesma disse, você gosta de filmes.

320 —Claro.

—Claro pra que? Você gosta de filmes ou aceita sair comigo?

—As duas coisas.

325 No sábado ardentemente desejado, Manuelle e Jasom se encontraram em frente as salas de cinema de um dos shoppings da cidade. Depois de quinze minutos de impaciente espera, a visão de Manuelle se aproximando ao longe deixou Jasom perplexo em frente uma loja de CDs, o lugar onde eles marcaram para se encontrar. Mesmo pequena, Manuelle fulgurava entre as pessoas escurecidas pela negra aura do orgulho e da vaidade entre o brilho das vitrines douradas das lojas que circundavam aquele corredor; o corredor das embófiás e somiticarias. *É impressionante*, pensou ele, como um jovem filósofo, *como a presunção dos homens transformou da naturalidade, da simplicidade, algo exótico e inadmissivelmente invejado; que as pessoas conspurcadas pelo orgulho não aceitam a intrínseca inveja que sentem pela simplicidade, pelo que realmente é belo*. Até mesmo percebeu que algumas mulheres, altas pelo salto-alto de marca famosa, disfarçavam a inveja olhando com certo desprezo para a simplicidade de Manuelle, pois sabiam que ela era a mais pura beleza feminina, que nela não havia nada de artificial e que tudo era autêntico. E foi a beleza de Manuelle que enfeitiçou Jasom, não o amálgama de perfumes caros em roupas dispendiosas, lábios vermelhos e olhos com lentes contornados de rímel. Em Manuelle

330
335
340

345 tudo era perfeito; seu andar sinuoso, típico de garota cautelosa, mesmo imatura, seus cabelos naturalmente soltos sobre os ombros e seu sorriso ameno estampado em sua face isenta de qualquer tipo de maquiagem. Enfim, toda a composição que formou a garota mais linda que Jasom já tivera visto em toda a sua vida, prendada de uma beleza inefável e dona de uma luz, como diria um italiano atônito, 350 estupenda, irradiada em cada olhar, cada suspiro de vergonha, cada gesto... Vendo-a se aproximar com o rosto corado de vergonha, Jasom, que naquele dia tinha tirado as únicas roupas formais do roupeiro, ficou como um manequim petrificado em frente a loja de CDs.

355 —Que perfeição.— pensou alto, assim que ela se aproximou e olhou nos olhos dele.

—O quê?!

Vendo ela enfarruscar a testa confusa, ele piscou rápido, um pouco desconcertado.

360 —Nada. Você está linda.— disse ele, adquirindo um pouco de modéstia e elegância.

E ela sorriu.

365 —Obrigada.— *Ele só pode estar brincado*, pensou ela, girando o olhar, observando que as mulheres que circulavam pelo corredor do shopping usavam roupas caras e seus vultos, cobertos de maquiagem, mal se moviam enquanto andavam como inteligentes musas de cinema em um tapete vermelho. A única coisa que Manuelle não percebia era as outras garotas iguais a ela que também sentiam vergonha de simplesmente estar ali. Aquela comparação nada animadora fez ela se perguntar; *o que estou fazendo aqui?* Mas voltou 370 os olhos para Jasom e sorriu vendo a resposta.

Jasom não perdeu uma só chance. Após um delicado ósculo na face dela, ele pegou-a pela mão e juntos entraram dentro de uma grande sala onde nas paredes se avistava vários cartazes de filmes em 375 exibição nos expositores de orlas brancas e esculpidas como grandes quadros sendo expostos em museus. Depois de longos minutos de escolha, como se fossem dois jovens cinéfilos, eles sentaram-se em uma mesa pequena para aguardar a hora da exibição do filme. Como todo o garoto galanteador, de palavras doces, Jasom tentava se mostrar inteligente jactando-se de sua personalidade, vida e profissão e transmitindo uma imagem de puro narcisismo crescente. Não se comportava como um vocalista de uma banda de rock de iniciantes, 380

385 agia como um homem sofisticado e circunspecto, o que Manuelle
sabia que não era verdade e por isso não se impressionava com nada
do que ele estava falando. Enquanto Jasom falava em profusão,
Manuelle observava com minudência cada pessoa e ouvia
atenciosamente cada palavra que chegasse aos seus ouvidos. Para ela,
390 aquele ambiente era o quê chamava sua atenção, não que fosse
espetacular ou que ela desconhecesse, mas no que ela estava
envolvida era em comparar-se com as pessoas que por ali circulavam;
estava aprendendo com os movimentos airosos delas, com a maneira
de agir e como elas encenavam seus sorrisos. Mas para Jasom,
Manuelle era única a novidade e tentava impressioná-la da melhor
forma.

395 Minutos depois, assim que foi encerrada a sessão que estava
sendo exibida, eles entraram na sala de cinema número 6 para ver O
Sexto Sentido das últimas poltronas. Quando as luzes laterais se
apagaram, criando uma expectativa, um silêncio dominou a sala até
400 que as primeiras cenas ecoassem na sala onde todos esperavam para
ver o filme. Em duas das últimas poltronas, na parte mais escura e
restrita do cinema, se ouvia, entre o som ensurdecido reproduzido
pelos alto-falantes, o bisbilho dos comentários de Jasom em relação
aos filmes que já tinha visto de Bruce Willes. Nem mesmo a quietude
de Manuelle, que se confundia mais com timidez do que com pouco
405 conhecimento sobre filmes, calava seus comentários. A verdade era
que ela pouco se interessava por filmes e estava sôfrega para calar a
boca dele com um beijo. Mas não sabia como e nem sabia se deveria
beijá-lo, pois a insegurança a intimidava a cada comentário de Jasom,
sempre que ele aproximava um pouco mais seus lábios falantes ao
seu rosto, patenteando suas intenções e sua vontade de beijá-la
410 obstruída pelo medo de amedrontá-la— apesar de não deixar
impressão por falar tudo o que vinha na cabeça, Jasom era muito
presunçoso. Mas em algum momento tinha que acontecer o
inevitável, e na primeira tentativa de um beijo, Jasom foi
415 surpreendido por um suave empurrão no rosto seguido de um "*me*
desculpe" constrangido. Mas mesmo com toda a flacidez, as mãos de
Manuelle deixaram-no embaraçado. Se via, então, duas faces
vermelhas sendo iluminadas pelo brilho do filme sendo exibido à
frente do auditório.

420 —Tudo bem, *me desculpe* você.— desculpou-se ele, rumando
os olhos para a projeção do filme.

Depois do constrangimento recíproco, os dois ficaram parados, olhando pela primeira vez para as cenas do filme. Porém, Manuelle, assim como Jasom, não estava interessada no filme, e meio sem jeito inclinou-se para se aproximar dele num gesto que denotava um certo arrependimento pela atitude e que agora estava disposta. Quando as mãos dela puseram-se sobre o braço dele apoiado no braço da poltrona, Jasom suspirou, e não demorou muito para que ele continuasse com seu papo brando e convincente. Porém, cada palavra passou a ser dita com os olhos fixos nos olhos de Manuelle sendo iluminados pela claridade das imagens à sua frente, que correspondia da mesma forma, mas olhando para os lábios de Jasom, desejando-os de forma tímida. Foi momento após momento, veleidade suscitando veleidade, que aconteceu o esperado. *Tem que ser agora ou não será nunca*, pensou ela antes de tapar a boca daquele galrão estouvado com um beijo que tirou dele um sorriso tautócrono a um suspiro. (...) *Após o primeiro beijo, Jasom aproximou seus lábios ao ouvido de Manuelle e sussurrou alguma coisa.*

—O que você disse?— indagou ela, com sincera curiosidade enquanto ele corava as bochechas.

—Nada. Eu não falei nada.

Uma hora se passou depois daquele beijo e as luzes se acenderam. *Já?*, pensaram os dois, ambos com um sorriso nos lábios molhados. Segundos depois eles saíram daquela sala de cinema de mãos atadas, como jovens eternamente apaixonados.

Eles se encontraram quase todos os dias durante todo um mês, e enquanto Manuelle, por medo, mantinha aquele relacionamento escondido de sua mãe, Jasom, por vergonha, omitia de seus amigos. Não chegava a ser exatamente medo, era um certo receio de acabar se tornando objeto de ludíbrio para seus amigos, que certamente zombariam dele se soubesse que o garoto que tanto se dizia rebelde, que *transava* as gatas mais populares da escola, estava apaixonado por alguma virgem retraída e anti-social que não participava de festas. Mas algum inconveniente estava acontecendo, surgindo silenciosamente dentro deles numa ameaça implícita de que iria alterar a vida e os planos dos dois, que Jasom iria perder os cabelos compridos e Manuelle descobriria que nada poderia enclausurá-la em uma casa a qual não gostava— o ciúme que surgia pouco a pouco diagnosticou o início de uma paixão. Na insegurança, algumas vezes

Manuelle chegou até mesmo a ligar para Jasom durante a noite, e se ouvisse algum ruído suspeito, ela logo perguntava:

—O que foi isso?

465 *Onde você está? Que horas chegou ontem? Sente minha falta?*, perguntas como estas faziam Jasom sorrir convencido. *Ela está caidinha por mim*, pensava, sorridente. Porém, seu sorriso se fechou quando em uma noite ouviu:

—Precisamos conversar, Jasom, é sério.

470 Era final de novembro de 1999. Estava frio e a cidade estava agitada. Os automóveis saíam e entravam no estacionamento no térreo de cada edifício e as lojas estavam abrindo suas portas pela segunda vez no dia, sob a tépida luz do Sol das 13 horas. Depois de
475 descer do ônibus, Jasom andou por alguns minutos entre as pessoas que se comprimiam sobre a calçada em direção ao seu destino; um McDonalds que ficava na próxima esquina, contígua a uma pequena praça onde funcionários de algumas lojas tinham como costume se reunir para almoçar à sombra de dois carvalhos de galhos retorcidos e bem podados para que não tocassem nos edifícios mais próximos ou
480 entrassem em contato com os fios de alta-tensão. Sentado em um dos bancos de madeira que havia ao lado da lanchonete, Jasom esperou por mais 15 minutos a chegada de Manuelle. Quando a impaciência, fomentada pela curiosidade, infiltrou-se em seu peito, fazendo-o se levantar do banco, ele avistou ela se aproximando aos poucos entre os transeuntes. O olhar de Manuelle não mantinha o mesmo brilho, percebeu Jasom, e sua expressão grave se confundia com melancolia. Havia algo de dissimulante nos olhos e na expressão dela que talvez fosse usado para absconder a aflição, a suposta aflição que fazia ela esconder as mãos dentro dos bolsos do casaco de moletom para que ninguém percebesse seus dedos trêmulos. Mas isso ainda era incerto.
490 Quando ela se aproximou, não aconteceu o beijo que sempre acontecia, o habitual beijo seguido de um abraço. Houve apenas um aperto leve das mãos um pouco trêmulas e um “oi” apático. E juntos eles sentaram-se no banco formando a fotografia perfeita para a capa de um disco de alguma banda de rock melancólico dos anos 70 com o título mais ou menos parecido com “Juventude Enleada, Decidida”, e com músicas de letras contraditórias que difundem toda a falta
495 personalidade.

Envolvido pela dúvida, insegurança e medo, Jasom esfregou as

500 mãos nas pernas e olhou para Manuelle. Ela já olhava para ele, e a impressão de que ela estudava suas reações com um olhar compassivo fez ele controlar os impulsos. Suspirou e encenou um olhar despreocupado antes de perguntar:

—E então, o que houve?

505 Ela calculou um tempo para responder, a encenação exata de quem tenta não ser tão direto para evitar a comoção, mas que na verdade procura ocasionar aflição.—Não houve nada.

—Você *me* disse que tinha uma coisa pra *me* falar. E importante. O que é?

510 —É que...— ela fitou nos olhos dele, viu a angústia mesclada no medo, e terminou— nós não podemos mais *ficar* juntos.

O suspiro de Jasom foi audível, o suspiro que Manuelle tanto desejava escutar.— Como não podemos *ficar* mais juntos?! Tá querendo terminar o namoro?

515 —Que namoro, Jasom?— perguntou ela, a voz baixa, lenta, suficientemente audível.

Naquelas palavras, um sorriso pouco a pouco tomou forma nos lábios de Jasom, como se acompanhasse seu lento raciocínio; estava claro que Manuelle queria levar aquele relacionamento mais a sério.

520 —Por que tá rindo?— ele não respondeu e ela completou— Odeio esse seu sorriso.

Percebendo a seriedade em Manuelle, Jasom tapou o sorriso, respirou fundo e falou, olhando nos olhos dela:

—Você quer namorar comigo?!

525 Ele ouviu o respiro alto de Manuelle. Mas ela manteve a firmeza e não sorriu ao perguntar:— É uma pergunta ou uma afirmação?

Naquela pergunta Jasom soube que toda aquela encenação dramática era reflexo da insegurança de uma garota presunçosa.

530 —Olha pra mim e vê se estou brincando.— disse ele, com seriedade nas palavras.

Acabara de acontecer o que Manuelle desejava, mas mesmo com a felicidade impregnando-se em seu corpo, pouco a pouco, ela permaneceu parada, inabalável. Encenava perfeitamente uma insensibilidade e seu sorriso oculto não patenteou-se em seus lábios avermelhados pelo batom, vestígio da pouca vaidade que abrolhava e que Jasom, à primeira vista, não achou estranho. Por alguns segundos houve um silêncio ponderativo entre eles, um absoluto silêncio em

540 meio o rumor contínuo da cidade— o ronco de motor vindo dos carros, as sirenes das ambulâncias e viaturas policiais ao longo da avenida, o leve farfalhar dos pombos que adejavam do chão aos galhos das árvores em meio a praça que ficava do outro lado da rua...

545 Olhando para aqueles olhos azuis-brilhantes, e ao mesmo tempo inexplicavelmente mortiços e ingênuos, dando ainda mais especificidade à beleza de Manuelle, e lembrando de sua vida antes de conhecê-la— da felicidade que parecia incontestável, de seu sonho de fama em uma banda de rock, que talvez nem fosse sonho, e sim uma forma subconsciente de encontrar forças para superar os problemas que o esmorecia, das noites mandriando pelas ruas sem ter para onde ir, mesmo sabendo que as chaves do apartamento em que morava com sua mãe estavam no bolso da calça— fez Jasom pensar por um segundo; *eu só posso estar amando ela*, e decidido, aproximou-se e abraçou-a, sentindo que nela fluía o mesmo sentimento.

555 —Eu... eu acho que te amo.— sussurrou ele, próximo ao ouvido dela.

O sorriso inevitavelmente se despreendeu dos lábios de Manuelle, que correspondeu o abraço pousando as mãos sobre os ombros dele.

560 —Isso quer dizer que você é meu namorado?

—Oficialmente.— disse ele, certo de que naquele momento acabara de jogar seu maior e único sonho ao vento, ou talvez, seu estímulo para lutar contra os problemas.

565 Era sábado. O ônibus passou oscilando sobre a estrada confragosa, levantando uma nuvem de poeira por onde passava, como se ele sozinho fosse uma manada de bois desgovernada arriscando a vida das crianças que brincavam na rua cheia de cães e gatos que ziguezagueavam entre velhos bêbados e jovens drogados. Com um olhar curioso de dentro do ônibus, Jasom analisava a ingênua felicidade no rosto das crianças em meio a pobreza e a dificuldade dos adultos que tentavam atenuar o desespero bebendo litros de cachaça e fumando cigarros de maconha. Juntos eles eram como uma tribo de índios dançando a dança da chuva e segurando entre os lábios o literal cachimbo da paz. Se bem que as nuvens realmente se formavam no céu anunciando a vinda da chuva. Jasom já estivera naquele bairro algumas vezes, mas isso já fazia alguns

580 anos, quando surgiu as primeiras casas e elas ainda eram afastadas
uma das outras e o rio abaixo de um penhasco no final da rua
principal, ironicamente de terra, era limpo. Naquela época, por ter
sido um dos únicos rios limpos da cidade, ele era calorosamente
disputado por crianças e jovens de todas as partes da cidade, inclusive
Jasom e seus amigos. Mas naquele momento, com toda aquela brusca
585 mudança, Jasom deduziu que ninguém mais teria coragem de pular
nas águas de cima do penhasco, que certamente estava ocupado por
barracos de madeira ou que, nas partes mais inclinadas, servia de
parede para alguns barracos, pois o rio, tendo como base as ruas
cheias de lixo, certamente estava imundo de lixo e animais mortos
590 trescalando carniça. A lembrança do tempo em que fugia de sua mãe
para nadar com os amigos em um córrego que ficava do outro lado da
cidade, escondido entre as árvores que não existiam mais, fez Jasom
sorrir, e o fato de isso ter sido há menos de cinco anos junto com a
atual imagem do bairro e o fato pelo qual agora estava ali, fez ele
595 perceber como as coisas mudam rápido e como é fácil sentir saudade
de algo que se passou tão recentemente. Naquelas lembranças ele
sentiu-se um velho de 19 anos de idade. Quando o ônibus passou em
frente uma casa com duas portas comerciais em frente um corredor
de concreto áspero onde acima das portas havia um cartaz de plástico
que tremelicava com a brisa indicando "loja da Mara" em letras mal
600 desenhadas,— um brechó que Manuelle tinha usado como ponto de
referência— Jasom levantou-se da poltrona e puxou o cordel, vindo
em seguida o display lateral junto à luminária do ônibus indicar
"parada solicitada". O motorista pisou no freio e o ônibus parou com
um solavanco. As portas se abriram e Jasom desceu. A chuva já caía
605 espargidamente e o cheiro de poeira logo sobrepunha o cheiro de lixo,
talvez um pouco *sinestesticamente* influenciado pelo nojo e pelo
desejo das pessoas pelo que é natural ou pelo que disfarça o que é
real e nojento.

610 Sob a parada de ônibus, Manuelle esperava seu futuro
namorado com um sorriso no rosto e um pequeno guarda-chuva nas
mãos.

—Vamos?— disse ela, ao vê-lo se aproximar— Sua sogra está
aguardando você ansiosa.

615 Sentada em sua habitual cadeira de vime, Júlia aguardava
impaciente a chegada de seu futuro genro, como Manuelle mesma

520

disse. Mas impaciente para dar o sermão que toda a mãe deveria dar; chegara até mesmo a pensar nas palavras que seriam ditas como se elas fossem um discurso despótico e infirmativo. Mas a aflição era maior que a impaciência e o nervosismo era maior que a aflição, com uma certa pitada de decepção pelo fato de ter ficado sabendo sobre o namoro de sua filha, que já durava um mês, apenas na última noite, antes do jantar, o que fez ela perder o apetite pelos bolinhos de arroz cuidadosamente preparados e que se tornariam café da manhã e almoço para Reginaldo.

525

Assim que Manuelle abriu a porta e entrou, Jasom deu um passo à frente e entrou com o meio sorriso complacente que usava para dissimular o constrangimento e o receio; seu sorriso se amarelou ainda mais aberto quando entrou e avistou Júlia sentada sem qualquer vestígio de contentamento em seu cenho inflexível.

530

—Mãe, este é o Jasom *que te falei*.— disse Manuelle.

—Bom dia, dona Júlia.

Júlia não respondeu diretamente, e sem se levantar da cadeira, desviou os olhos do rosto dele e pegou um controle remoto que estava sobre a mesa. —Entrem.— ordenou.

535

O aparelho de som que estava sobre um rack se calou e eles entraram para sentarem-se em duas das cadeiras que haviam ao lado da mesa.

540

—Então, você é o Jasom?— ao perguntar, Júlia desceu um olhar analítico dos cabelos compridos que roçavam os ombros de Jasom até suas roupas atípicas, típicas de garotos diletantes que gostam de boa música.

Jasom meneou a cabeça num gesto afirmativo.— Suponho que a senhora já deva estar sabendo sobre eu e sua filha?

545

—Sou a mãe dela.— empertigou-se Júlia, a voz cortante e um olhar repreensivo nos olhos de Manuelle, fazendo-a lembrar-se *de* que o motivo principal daquela irritação tão explícita era a decepção da última noite e não o simples fato de ela estar namorando.

550

—Bem,— continuou Júlia— eu não vou impedir o namoro de vocês, não tenho direito de fazer isso. Mas antes de mais nada eu tenho algumas coisas a dizer e algumas perguntas a fazer. Não é simplesmente entrar em minha casa esperando que um "sim" seja dito. É além disso.

555

Um relâmpago retumbou nos céus da cidade naquelas palavras e Jasom encolheu-se na cadeira subjugado pelo olhar pungente de

Júlia. Na meia hora seguinte ele ouviu calado as palavras daquela que seria sua sogra, ameaçadoramente sua sogra, validando a lenda das sogras antipáticas que odeiam seus genros. Fora uma experiência penosa ter de ouvir os sermões de Júlia, que dava a impressão de serem diretos para ele, fazendo-o sentir-se como um criminoso sendo acoimado por uma juíza implacável e odienta sentado ao lado de sua vítima, que, por sinal, já não sentia tanto ódio pelo seu algoz. Para que relembresse, ele teria que anotar as inúmeras regras para o namoro e não sabia se questionava, mostrando-se condescendente e interessado, ou sorria disfarçadamente quando Júlia exacerbava a voz e alternava um olhar sério dos olhos dele aos olhos de Manuelle, que ao seu lado se mostrava tranquila, serena, como se nada estivesse acontecendo e tudo fosse apenas uma diversão. Mas naquelas palavras, que pareciam tão desnecessárias, Jasom discerniu amor de mãe, algo que ele desconhecia e inexplicavelmente admirava. Ele, que não chegou a conhecer o namorado de sua irmã, dois anos mais nova que ele, antes de ela ter engravidado, sentiu uma certa admiração por Júlia e seus preceitos rígidos. Certamente se sua mãe fosse como Júlia, rígida, sua irmã não teria se tornado a lendária mãe jovem e depressiva que vive saindo e entrando em clínicas psiquiátricas sendo seguida pelo forte cheiro de cigarro nas roupas e nos dedos amarelados de unhas roídas. Para que Júlia permitisse o namoro, Jasom teria que submeter-se a vários sacrifícios; abandonar exagerados vínculos com amigos, deixar as festas e mormente abandonar sua banda, renunciando assim seu sonho de fama. Não que Júlia tivesse pedido isso de forma tão direta, autoritária e insolentemente, mas logo de cara Jasom reconheceu o tipo de pessoa que Júlia era e imaginou muitas coisas as quais ela não toleraria, não para sua filha, mas que implicitamente desejava que Jasom deliberadamente o fizesse. E então a banda Bleakaut foi encerrada para o início de uma nova fase na vida do sonhador Jasom Mirojinick. Seu caderno de letras de música, junto com um violão e um microfone, fora colocado sobre o guarda-roupa para serem olvidados como seu sonho. O que ele não imaginava era que um dia seu sonho iria recrudescer, como também não imaginava que o motivo dessa recrudesência seria a própria tristeza.

A primeira semana de namoro foi o ápice do erotismo para Manuelle, que o mais perto que tinha chegado do sexo foi vendo

695 revistas ou assistindo filmes eróticos, coisa que toda a garota faz mas
não admite. Jasom estava sendo seu primeiro namorado e ela nunca
antes tinha sequer beijado alguém. Às vezes, quando ficavam
700 sozinhos, Jasom, mais experiente, sentia o coração dela pulsar mais
forte e sentia quando ela contraía a respiração, como se tentasse
controlar os impulsos, querendo não patentear o desejo para não que
não fosse tentada. Desde a primeira vez em que a viu, Jasom soube
que Manuelle era o estereótipo da recalcada garota virgem, e era a
virgindade dela que fazia ele sofrer suas vontades pelo medo de que
705 suas atitudes viessem a intimidá-la. Se ele impulsivamente forcesse
em tocar nos seios ou entre as pernas e ela evitasse o contato, ele,
respeitoso, não insistia pela segunda vez. E o que na verdade era
medo em Jasom, Manuelle confundia com respeito e admirava-o por
isso. Mas enquanto a confiança de Manuelle aumentava, o medo de
primeira relação sexual multiplicava com uma desmedida
710 curiosidade. A dor e o sangramento que acreditava que poderia
acontecer na primeira relação era uma lenda que atormentava ela e
entrava em contenda com seu desejo. Muitas vezes ela pedia
conselhos à sua mãe, e Júlia, que no princípio reagiu com certa
hostilidade em relação ao namoro, não tentava infundir medo em sua
715 filha, tentando impedir o que um dia iria acontecer, apenas
aconselhava Manuelle a tomar a decisão certa, sensata, sem qualquer
insegurança ou dúvida.

E desse jeito, nessa mesma marcha lenta e urente, se passaram
algumas semanas. À medida em que o tempo transcorria, Jasom
720 passava a fazer parte de uma nova família; e isso agradava também a
Júlia, uma monofóbica que tanto detestava a solidão. Com o tempo se
passando, Júlia ficava sabendo mais sobre a vida de Jasom— a
relação conturbada que tinha com sua mãe, a irmã problemática
concupinada com um rapaz que supostamente usava algum tipo de
725 droga, e o que mais machucava Jasom, o fato de ele não conhecer seu
pai, o que, de certa forma, o tornava ainda mais íntimo de Manuelle.
Quando a conversação conduzia eles a algum assunto que envolvesse
paternidade ou quando algo suscitava a lembrança de um pai que ele
não conhecia, os olhos dele se enchiam de lágrimas. Por outro lado,
730 era toda a franqueza que ele usava que garantia a ele uma certa
credibilidade; a confiança de Júlia que entrava em cena nas noites em
que Jasom não podia sair à rua por causa da chuva forte ou quando
discutia com sua mãe e não tinha um lugar para onde ir na forma de

um velho colchão sendo jogado no assoalho da cozinha.

—Casa de pobre nunca e inóspita.— brincou Júlia, na primeira vez em que Jasom passou a noite no velho barraco de madeira.

O Natal e a virada de 1999 para 2000 foram os melhores dos últimos anos para Júlia e seus filhos, que sempre sentiram-se sozinhos e desamparados dentro de um barraco, encenando uma farisaica felicidade quando ouviam os fogos de artifício zunirem nos céus da cidade em cada data comemorativa, como se os fogos fossem o alarde usado por outras pessoas para vangloriarem-se da felicidade. Durante quase todo o mês de dezembro, Jasom ficou ao lado deles, como se estivesse prestando um favor tapando a lacuna causada pela solidão da família de Júlia. Mas a verdade era que a família de Júlia quem estava tapando um espaço triste de sua vida, a parte que ele não conhecia mas que sabia que existia; a estrutura, o amor familiar que ele invejava em outras pessoas e se emocionava em vê-lo sendo representado em algum filme ou sendo citado em alguma música. Conhecer a família de Manuelle, presenciar o amor que subsistia em meio às dificuldades, fazia Jasom admirar Júlia, e de alguma forma detestar ainda mais sua mãe e dar razão à defecção de um pai que ele nunca conheceu, que possivelmente estaria vivendo em algum lugar e com uma outra família, recebendo o amor de seus filhos e de uma esposa que o respeitava. O motivo do desprezo para com sua mãe era o fato de ela não se comportar como uma proba dona de casa responsável por dois filhos; uma menina, que dizer, uma mãe problemática que completava seu 17º aniversário, e um garoto de 19 anos que governava sua própria vida desde os 13 anos, quando começou a desconfiar que sua mãe, uma senhora de mais de trinta anos, vinha mantendo relações sexuais com garotos com a metade de sua idade. Algumas vezes Jasom sentia vergonha ao sentar-se ao lado da mesa para jantar sendo espreitado pelo olhar de um jovem do outro lado da mesa que encenava um sorriso conquistador para o filho da coroa *gostosa* que ele pretendia *foder* a noite toda. Nas madrugadas dessas noites, Jasom ouvia os gemidos de sua mãe no quarto ao lado. *Como sua mãe era linda*, reconhecia ele, *como sua beleza se conservava ano após ano*, e *como ela era contemptível, detestável, como sentia vergonha de ser filho dela*. A primeira ajuda para superar tudo aquilo foi uma carteira de cigarros e um CD do Nirvana em último volume nos alto-falantes dentro do seu quarto; meses depois um violão e um caderno de cifras e partituras; um ano

775 depois uma banda de rock, a banda que finalmente o convenceu de
que ele nunca teve uma mãe, ou sequer uma família. Finalmente ele
abriu os olhos para a realidade e soube que era ele sozinho contra
todo um mundo, que nunca teve uma família. Mas agora Jasom tinha
uma garota que não era como todas as garotas tatuadas, com piercing
no umbigo e com hálito de cigarro com as quais ele transava. Agora
80 ele tinha uma família e pretendia conservá-la; até mudaria toda sua
vida e reverteria todos seus hábitos se fosse preciso, alterar a
personalidade que ele criou para superar a vergonhosa realidade que
o enervava. Tinha finalmente encontrado um caminho, um sentido
para a vida, e mudaria toda ela se fosse preciso para ficar ao lado de
Manuelle.

785 E como ele mudaria. Assim como Reginaldo, um dia Jasom
resolveu procurar um trabalho. Mas diferente de seu cunhado, Jasom
era mais qualificado. Além do ensino médio concluído, ele tinha
certificados de alguns cursos profissionalizantes, feitos com a ajuda
das brigas de sua mãe, não que ela se preocupasse com o futuro de
790 seu filho, mas sim porque fazia aquilo simplesmente para desgraçar
ainda mais a sua vida— ao menos assim Jasom pensava. Jasom não
era um negligente e também não procurava uma prebenda qualquer,
pois antes do término do ano ela já tinha currículos espalhados por
quase todas as empresas e agências da cidade.

795 Para Reginaldo, a comemoração da passagem de ano foi
rápida. Depois de ouvir os fogos zunirem nos céus e tomar um gole
do champanhe barato que Júlia comprara para a comemoração, ele foi
para seu quarto descansar para um primeiro de ano laborioso
carregando tijolos e preparando massa de concreto, mesmo o
800 primeiro dia do ano chegar inopinadamente em um sábado. Os anos
se passaram e a visão do estado de dependência de sua mãe se
tornando cada vez mais crítica tornou Reginaldo um obsessivo por
trabalho, sendo mais um paciente dessa “eficaz terapeuta ocupacional
situação crítica”, tanto que quando as demandas de seu patrão
805 estavam escassas e não exigia seus trabalhos, ele procurava outras
formas de ganhar dinheiro, como capinar terrenos baldios, podar
árvores nos encostos das ruas ou até mesmo vender sorvetes pelas
calçadas. Talvez ele tivesse perdido o amor pela vida e não sentisse
falta de felicidade, ou talvez sentir-se responsável por sua mãe e sua
810 irmã fosse seu único sentido para a vida.

Já se completava quase dez anos de inclusão na cúpula da Meisinger, e mesmo se tornando um dos personagens representativos da empresa, Edward sempre procurava estar a par das mínimas ocorrências na Meisinger. Seu antigo cargo de diretor de fabricação foi ocupado por um antes coordenador da fábrica, indicado por ele mesmo ao cargo; Maurício Novaes era apenas um garoto quando recebeu de Edward o múnus de diretor de fabricação, e com pouco mais de 32 anos de idade ele já completava 10 anos de direção na maior parte da Meisinger; uma idade baixa para arcar com um encargo tão pesado, que requeria experiência e retidão acima de tudo, e uma idade avantajada para manter uma expressão ávida de garoto jovial e disposto, do tipo que pigarreia disfarçado quando solta algum sorriso indiscreto em meio uma discussão séria enquanto tenta passar uma imagem de seriedade e circunspeção. Em seus lábios finos e vermelhos, circundados pelo ralo e escuro cavanhaque, era sempre visível um sorriso esperto, mas em seus olhos atrás dos óculos quadriculados que usava apenas para reforçar a imagem prudente que encenava, se via um olhar direto e crítico que não se desviava do ponto de atenção. Em suma, Maurício era como uma criança atilada se disfarçando de adulto para obter seus méritos. Porém, não era disfarce que a impaciência no trabalho era a progênie de seu único defeito, isso sob à concepção das pessoas que sofriam com essa característica; sua premência para com todos os colaboradores que pertenciam à sua alçada. Não era do tipo exasperado e nem invectivava falando alto, mas quando cobrava algo exigia urgência, cautela e qualidade na execução, uma união de substantivos nada congruente para quem quer que fosse executar tal trabalho.

Na primeira semana de 2000 a Meisinger recebeu a abrupta notícia de que um novo programa estava em análise para em menos de um mês ser lançado à fabricação. Era sempre esperado uma notícia inesperada de Clark e os sócios não tinham como se prevenir delas, elaborar antecipadamente algum estratagema para os intempestivos embaraços criados pelo presidente da Meisinger, pois era ele quem comandava a engenharia, o setor mais antipatizado pelo resto empresa por ser composto pelos artífices dos problemas. Os engenheiros eram como apáticos seguidores de Clark, pois se davam ao trabalho de acatar aos seus pedidos de nunca lançar prévia alguma da data de lançamento de um novo produto para o resto da empresa para que os setores de fabricação pudessem se preparar sem que por

Clark tivessem a mínima consideração. Eles não relutavam contra as ordens sigilosas do presidente, ao qual eles não tinham qualquer estima, e sorriam diante delas, mesmo cientes da imagem obnóxica atribuída a eles por esse infame servilismo.

A partir da data de lançamento de algum produto, a Meisinger era ocupada por azáfamas e dissensões. Os receptores tentavam entregar as matérias-primas que não seriam mais usadas na montagem dos novos produtos às empresas fornecedoras; os vendedores lutavam inutilmente contra o tempo para vender o restante dos produtos antigos às lojas, pois o mais complicado no mercado era conseguir convencer um cliente a comprar um produto sabendo ele que um produto novo e mais atualizado estava em fim de projeto. Muitos dos lojistas fugiam da insistência dos vendedores e muitos vendedores eram demitidos injustamente por não conseguir atingir sua meta nas vendas. Mas o pior acontecia com os sócios, que enlouqueciam só de calcular o tamanho dos prejuízos para a empresa que não tinha mais espaço onde colocar o incontável estoque de produtos. (...) E a máxima se patenteava nos olhos irônicos do presidente da empresa cada vez que ele se encontrava com seus sócios; *É a medida da rapidez que decide qual será a gravidade e a distância da queda, não o tamanho do obstáculo.*

Mal o ano tinha começado e a empresa já estava vivendo uma autêntica peleja entre produção, publicidade e engenharia criada adrede pelo "deus da guerra", Clark Meisinger, que passava a maior parte de seu tempo premeditando obstáculos a serem colocados no caminho do sócio mais influente no departamento de fabricação, a área que seria, de acordo com sua vontade, a mais prejudicada. Mas Edward Radmim estava acostumado com as dificuldades impostas pelo presidente e resolvia os problemas com a sagacidade de um impertérito comandante supervisionando e protegendo seus soldados em trincheiras apertadas como forma de retaliação.

O desenlace para o problema que enfatiou todos os setores da Meisinger aconteceu em uma tarde dominada pelos tumultos nos mais diversos setores da empresa. Foi no momento em que Edward, pensativo, caminhava pelo departamento de estoque, que antes espaçoso estava reduzido pelas altas pilhas de produtos encaixotados sombreando os corredores estreitos. Acompanhando seus passos lentos, Maurício também pensava em uma solução para o problema, ou agia como alguém preocupado coçando a nuca e por vezes

cofiando o cavanhaque.

—O que podemos fazer para vender isso? Já foi anunciado que a primeira remessa logo estará pronta para ser entregue. O que acha de desencaixotar e modificá-los?

Edward ignorou a tola ironia nas palavras de Maurício e virou-se para ele com um olhar sério.— Não seria uma má ideia se o modelo dos aparelhos não tivesse sofrido mudanças. Se fosse apenas os processadores e todo esse monte de porcaria, esse problema já estaria resolvido. Seria necessário apenas um upgrade preciso nos programas e indenizar os clientes que já compraram esse produto.

Enquanto os dois tentavam encontrar uma solução para o problema, operários intimidados pela presença deles trabalhavam difundindo olhares suspicazes, pois todo aquele clima tenso pairando sobre a empresa massificava medo de demissão em todos. Alguns funcionários encaixavam produtos e outros simplesmente circulavam pelo corredor trazendo mais pilhas de caixas e produtos desencaixotados. A impressão era que até a logística estava perdida, a área que sempre organizava a empresa.

Depois de alguns minutos, Maurício observou por cima dos ombros de Edward um funcionário se aproximando.

—Senhor?!

Ao ouvir a voz, Edward girou o corpo e se deparou com um operário retirando o boné da empresa num desnecessário gesto de veneração.— Pois não?— disse o acionista.

—Desculpe por incomodá-los. Mas é que eu estava próximo e não consegui evitar de ouvir a conversa.

Edward percebeu uma opinião aflorando no rosto do funcionário e cruzou os braços num gesto permissivo.— Continue?!

O funcionário pareceu hesitar, mas acabou enchendo o peito de ar e continuou:

—Quantos computadores são usados na empresa, em trabalhos?

—Não faço a menor ideia.— Edward respondeu— Mas por que a pergunta?

—Acredito que nem por um milagre irão conseguir vender todo esse estoque em tempo limitado, isso já aconteceu antes. Então, por que não substituí alguns. As máquinas que usamos estão velhas. — vendo no rosto do sócio a seriedade que sua sugestão provocou, o funcionário enrubesceu a face arrependido— É apenas uma sugestão,

senhor.

030 Edward colocou a mão em frente a boca e virou-se para o lado, onde avistou um funcionário em frente um computador antiquado de teclas quase desbotadas pelo tempo, e, como o próprio funcionário tinha lembrado, aquilo já tivera acontecido antes e vários equipamentos acabaram sendo descartados; claro que nada poderia
035 obstruir o prejuízo iminente, mas pelo menos os equipamentos não seriam descartados de forma impiedosa e ininteligente. Comparando a sugestão com o que já tinha acontecido, o funcionário estava certo, pois era incontável a quantidade de equipamentos usados na empresa e nas sucursais distribuídas pelo país.

040 Depois de algum tempo, Edward voltou os olhos para o diretor e franziu a testa.

—Sabe, Maurício?— disse ele, formando um meio sorriso— Nosso problema está resolvido.— virou-se para o funcionário e perguntou— Qual é mesmo seu nome?

045 Depois daquela tarde, grande parte dos funcionários da Meisinger começaram a trabalhar contentes em máquinas novas, e Edward encontrou um novo idealista e, *talvez*, um futuro amigo.

050 Era noite calma. Se ouvia apenas o murmúrio dos galicismos sólito em todos os restaurantes opulentos e os resmoneios de Clark, que já não se preocupava *tanto* em conter a irritação; o acervo de guardanapos sujos de gordura amassados sobre a mesa denunciava que também não se preocupava com os modos. O motivo de todo aquele desassossego tinha sido a última façanha do sócio mais influente na fabricação, e saber que com isso Edward se tornaria
055 ainda mais admirado por todos na empresa deixava Clark desvairado pela própria inveja. *Mas como ele queria modificar isso, receber os méritos, ser digno de admiração e respeito, sendo que era ele o criador dos problemas que o outro solucionava?*

060 —É impressio... é irritante como ele sempre resolve os problemas com tanta facilidade.

—Sabe que até hoje eu tento entender esse seu ódio e não consigo ver razão alguma.— afirmou Roberto, incompreensivo, meneando levemente a cabeça— Por que não esquece isso, Clark, pelo menos por um minuto e...— ele estudou a expressão de Clark e percebeu que suas palavras estavam sendo inúteis, pois conhecia quase que perfeitamente seu amigo e sabia de sua inflexibilidade.

Pegou a taça de vinho e levou até próximo à boca— A propósito, este vinho está ótimo?— e tomou um gole.

—Eu sei.— Clark, direcionou um olhar expressivo para sua taça de vinho quase seca sobre um guardanapo— Mas esta lagosta está horrível, vou chamar um garçom.— girou um olhar rápido para o lado, onde um jovem garçom vinha de encontro, certamente levando pedidos de clientes à cozinha, e levantou a mão— Ei, você!

Ouvindo a voz alta de Clark, que para a empáfia das pessoas sentadas em outras mesas era como um brado rascante e emouquecedor, o jovem desceu os olhos e aproximou-se da mesa tentando não perder o rebolado, na soberbosa airosidade dos passos ensaiados.

—Pois não, senhor?

—Diga-me, como um restaurante como este prepara uma comida tão abjeta?

O garçom, que não estava acostumado a receber críticas aviltantes quanto ao cardápio do restaurante, piscou rápido e franziu a testa.— Senhor...

—Tire já esta porcaria da minha mesa!

No mesmo instante em que empurrou o prato para o lado, Clark ruborizou-se de vergonha percebendo que nas mesas mais próximas as pessoas estudavam quase que estáticas seu sáfio comportamento. Mas era tarde demais e pedir desculpas não era de sua índole jactanciosa, mesmo com a visão do garçom saindo às pressas, equilibrando o prato com a palma de uma mão enquanto com a outra ajeitava disfarçadamente as cadeiras desocupadas o mais próximo das mesas, aumentando assim o espaço entre uma mesa e outra. Sentindo-se ridicularizado pelo olhar crítico das pessoas sentadas nas mesas mais próximas, Clark mantinha o olhar fixo no mantel, tentando não perder o controle enquanto cerrava os punhos sobre a mesa. Mas enquanto todos criticavam Clark, Roberto mastigava o último bocado da lagosta apimentada olhando alheadamente para um dos cantos. Depois de um sorriso curto, ele limpou os lábios com um guardanapo. Clark olhou para ele com o rosto um pouco abaixado e franziu a testa, desconfiado.

—Por que tá rindo? Qual é o problema?

Roberto conhecia Clark o suficiente para saber que ele usava de aféreses inelegantes apenas em momentos de irritação e vergonha, e colocou calmamente o guardanapo com qual limpou os lábios sobre

a mesa antes de responder:

—Todos olham, Clark, criticam, mas ninguém percebe como eu.— sem se preocupar se alguma pessoa estivesse olhando para seu rosto naquele momento e seguisse curiosamente sua indicação, ele ergueu as duas sobrancelhas *juntas* indicando um lugar aos fundos do restaurante— Olhe?

—Olhar o que?

—Olhe?— insistiu Roberto, indicando pela segunda vez uma mesa afastada que ficava do outro lado do restaurante.

Ao lado de uma pequena mesa vislumbrada pelo pouco reflexo do lustre central, no espaço reservado para os fumantes, duas jovens cochichavam olhando para as costas de Clark e diretamente para o rosto de Roberto. Enquanto uma falava baixo, a outra apenas respondia, e sobre a toalha alva haviam duas taças de whisky e dois celulares. Sobre um dos celulares estava uma carteira de cigarros. A que se mostrava mais calada e inexpandível coloria o filtro de um cigarro longo com o batom que envelhecia sua aparência, enquanto a outra, sorridente, olhava fixamente para a mesa onde Clark e Roberto estavam sentados; seu sorriso lascivo, mesmo que discreto, instigava Roberto.

—Deixe de formalidades, Clark, olhe?!

Clark estudou o rosto de Roberto e ameaçou formar um sorriso ao imaginar o motivo daquele olhar envolvente; até mesmo imaginou uma garota em alguma mesa afastada desferindo olhares desiderativos contra seu amigo. Percebeu, naquele momento, que os anos tinham se passado rápido e o sorriso jovial que permanecera nos lábios de Roberto era motivo de inveja para qualquer homem com mais de trinta anos, com sulcos no canto dos olhos e com ódio da própria vida. Imaginou seu próprio rosto, seus olhos tristes, e por final acabou fugindo dos comparativos pensamentos.

—Os anos se passam e você não deixa de se comportar como um garoto acessível.— disse ele.

Sentindo uma certa timidez em Clark, um receio ambíguo pelo que ameaça acontecer, Roberto reprimiu o cenho numa expressão perguntativa de quem não compreende e também não concorda.

—Somos dois velhos, Roberto. Por favor, “não inventa”.

—Sim, somos, mas elas gostam do que é velho. Por sinal, acho que aquela perfeição está olhando *é* pra você.

A dedução de Roberto pareceu assustar Clark e ele logo

perguntou:— Como?!

050 Roberto não respondeu com palavras. Girou o pescoço e olhou para trás, onde ao longe um espelho completava uma parte de uma das paredes do restaurante e refletia grande parte das mesas. Clark seguiu o olhar de Roberto e não demorou muito para discernir no espelho um lindo rosto acima de seu próprio ombro, no reflexo. Mesmo com dificuldade podia se perceber quase que perfeitamente que ela olhava de forma indiscreta para seu rosto refletido no espelho. Clark teve até a estranha impressão de que ele sorriu mais abertamente quando os olhares se encontraram.

055 Voltando o rosto para frente, Roberto estudou o semblante enleado de Clark e resvalou a língua por sobre os dentes superiores.

—O que teme, Clark? Mulher?— perguntou ele, insinuando a coragem de seu amigo.

060 As pálpebras comprimiram os olhos de Clark, sentindo-se desafiado; com o peso do sucesso de seu maior rival dentro de sua empresa, como um estranho seduzindo sua família, a insinuação de Roberto foi o estopim aceso para a explosão de sua raiva. Olhando para o reflexo da garota, Clark engoliu o resto do vinho que havia na taça e limpou o lábio inferior passando delicadamente o anelar de uma das mãos.

065 —*Me* espere um pouco, eu já volto.— e se levantou rápido da cadeira para logo se afastar da mesa, deixando Roberto sozinho no medo instantâneo de alguma atitude irracional de seu amigo, olhando para a mesa onde as duas garotas observavam Clark se movimentando em sua direção, como um exterminador inexorável andando na direção de seu alvo. Uma delas sorria naturalmente com os olhos fixos em Clark, enquanto a outra, com o rosto turvado pela fumaça do cigarro que subia livremente, disfarçava o receio olhando para o chão. Esquivando-se de mesas e pessoas, Clark se aproximava com o olhar fixo na garota que insistia em encará-lo com irritante naturalidade e um sorriso provocante nos lábios luzidios de batom, fazendo-o sentir-se como uma criança inócua e birrenta. Ela usava um longo e justo vestido vermelho com uma abertura lateral até o meio da coxa, o que erotizava o cruzar de suas pernas torneadas por baixo da mesa. O decote do vestido inturgescia os seios tocados pelos cabelos ruivos e ao meio do busto um pingente cristalino em forma de *G* fulgurava na parte onde muitos homens contemplavam; a corrente prateada que suspenderia o cristal cintilava com menas

085 intensidade que os brincos em forma de argolas. Ela usava óculos
quadriculados e por cima das lentes seu olhar penetrativo, erótico e
desafiador, tirava qualquer homem do sério; era algo que transcendia
a própria beleza; seu olhar magnético às vezes era lento e de alguma
090 forma causava ou aumentava o furor das pessoas à distância, o que
inevitavelmente aconteceu com Clark, que ao se aproximar apoiou
uma das mãos sobre a mesa e a outra sobre o respaldo da cadeira
onde a garota estava sentada e perguntou com voz lenta e baixa, o
olhar incisivo arraigado nos olhos dela:

—Desculpe-me pela franqueza, mas o que acha que está
fazendo?

095 O meio sorriso dela fez de sua resposta lenta, irrisória,
zombeteira:— Não estou entendendo?!

—Às vezes os olhos exprimem mais que a boca, e de alguma
forma eles podem nos comprometer.

100 —O que está insinuando? Que estou falando com você à dis...

—Que você está me provocando.— interrompeu Clark, com o
indicador da mão sobre a mesa apontado para o espelho do outro lado
da lanchonete— Mas pelo jeito você gosta de um desafio.

105 —Ah.— o meio sorriso dela pareceu se tornar ainda mais
sarcástico antes de terminar— De formas diferentes, todos gostamos.
A periclitância é uma das coisas que faz com que as pessoas se
sintam ainda mais vivas.

—É. Pena que dessa vez você escolheu a pessoa errada para
suas brincadeiras, mocinha, nem sabe com quem está brincando.

110 —Me desculpe, senhor, mas eu acho que você está um pouco
confuso. Eu não provoco ninguém, simplesmente tenho dom em
reconhecer pessoas que se acham perigosas à distância. Não entendo
o porquê, mas elas me chamam a atenção.

115 Clark forçou-se a conter o sorriso, mas seus olhos não se
desviaram da expressão cínica dela.— Gosta de se sentir em perigo?

O silêncio dela foi, de certa forma, afirmativo.

—Porque ainda não sabe o que o perigo real significa.

120 —Claro que sei. Mas quando uso homens como você, tudo se
torna apenas uma brincadeira. Pena!

Mesmo detestando a tranquilidade no rosto dela, uma marca de
sorriso surgiu no canto dos lábios de Clark. Toda a seriedade, então,
se convertia em brincadeira.

—Está me desafiando?

—Ainda não deu pra perceber? Mas não há perigo algum nisso, não é mesmo?

Clark, que estava acostumado em denotar o medo palpável que as pessoas que o conheciam sentiam por ele, ficou impressionado pelas palavras e pela coragem de uma garota que mal o conhecia. *Talvez se o conhecesse*, pensou ele, *não estaria fazendo aquilo, agindo como se ele fosse apenas um animal estúpido e inofensivo*. Converteu o semblante de zangado para tranquilo, e, acompanhando o olhar lento dela, desafiador.

—Sabe por que você gosta de perigo, ou de brincar com a reação das pessoas?

Ela formou um semblante inquisitivo, desafiando a resposta dele.

—Porque que faz sentir-se viva, mas de alguma forma teme a gravidade de cada situação. Ou talvez seja apenas uma forma tácita de superar o próprio medo. Se força a acreditar que é forte sendo que na verdade é uma mulher fraca e temerosa.

—Se acredita mesmo nisso, então me diz, olha para o pavor tão patente em meu rosto e me diz, do que eu tenho medo?

Ele sorriu, sabendo que sua resposta suscitaria um sorriso debochado nos lábios dela, o sorriso que certamente o ridicularizaria. Mas insolente, ele não encontrou outra opção:

—De mim, por exemplo.

Como Clark previra, o sorriso dela foi aviltante, e sem fechar o sorriso, ela aproximou os lábios ao ouvido dele.

—Não brinca.

Houve uma troca prolongada de olhares quando ela afastou o rosto, o lapso que fez Clark esmiuçar a beleza dela e ponderar sobre o que poderia lucrar com aquela situação. Lembrando da insinuação de Roberto, ele sorriu antes de perguntar:

—Então, o que me diz de sair desse restaurante comigo, agora? Ou tem medo disso?

—Mais do que uma desafiadora, eu sou uma interesseira. O que eu ganho com isso?

Por alguns segundos, ela sustentou um olhar destemido nos olhos dele, como se desafiasse uma resposta objetiva. Era como se fosse a artimanha que ela usava para encorajar um homem altivo e para que assim a ação dele viesse a realizar sua veleidade dissimulada pela altiva coragem.

Vamos, beije-me, exprimia o olhar dela.

—Isso!— respondeu ele, antes de beijá-la, pondo a mão entre as pernas compressas pelo vestido.

Um beijo lúbrico, longo, e tão indecoroso que chamou a atenção de todos que estavam no restaurante; deu-se para ouvir o rumor dos cochichos vindo de outras mesas. Ao lado, a segunda garota lutava contra a vergonha olhando para o lado, e em sua mesa, Roberto, boquiaberto, focava o olhar na mão de Clark resvalando licenciosamente sobre as pernas da moça. Após o último toque de línguas, Clark aproximou os lábios úmidos ao ouvido dela e disse, sentindo o brinco gelado tocar seus lábios:

—Viu como você é fácil e fraca, como uma vagabundinha vil e vulnerável. Posso fazer o que quiser com você.— terminou ele com um meio sorriso sádico, sabendo que aquelas palavras agressivas fomentaria a excitação dela.

Ela sorriu sem se constranger com as palavras e não relutou quando ele pegou-a pela mão e puxou-a para levantá-la da cadeira. Todos os olhos curiosos seguiram-na, seduzida, deixar-se levar por ele até que ambos saíram do restaurante. Na mesa, a segunda garota ficou sozinha dissimulando sua perplexidade e sua vergonha acendendo um outro cigarro.

Antes de sair do restaurante, Clark sorriu para Roberto, como se tivesse vencido uma aposta.

Dentro do automóvel em movimento na avenida iluminada pelas lâmpadas dos postes espalhados simetricamente entre os canteiros que dividiam a avenida, a garota se conservava calada, imóvel. Com a cabeça descansada na poltrona, ela admirava os edifícios altos obumbrados pelo enorme lençol de nuvens sendo deixados para trás, as poucas pessoas andando a esmo nos cantos obscuros da cidade, que às vezes eram aclarados pelos relâmpagos que se aproximavam junto com mais nuvens para a festa da tempestade, e a imagem convexa e indefinível do que seria o rosto de Clark no lado de dentro do pára-brisa. Às vezes, quando vinha algum carro de encontro no tênue sentido contrário da avenida, ela olhava para o inexpressivo rosto dele clareado pelos faróis e se perguntava o que estava fazendo e para onde estava indo; mas não se questionava muito e não procurava entender o prazer que estava sentindo em estar à mercê de um homem que mal conhecia. Era como se tudo fosse

205 uma brincadeira excitante e perigosa. Após sair de uma das principais
avenidas de acesso ao centro da cidade e passar pelo entrelaçamento
desnorteante de viadutos, o carro entrou no túnel de ligação à
perimetral e seguiu na direção sul. Ali o trânsito era mais intenso; se
via apenas a claridade dos faróis dos carros, caminhões e ônibus que
vinham de encontro para no final do túnel se distribuírem pelas ruas
210 da cidade, dando a impressão de que aquele túnel era a principal
entrada para a cidade do pecado. Quando o carro saiu do túnel, a
chuva já caía forte, intempestiva, arremetendo violentamente contra o
carro, e não se via mais a compacta cordilheira de prédios, apenas as
poucas casas entre os muitos edifícios de no máximo cinco andares
onde a maior parte das pessoas da cidade ganhavam a vida; fábricas,
215 prostíbulos e pontos onde se vendiam drogas escondidos no final de
cada rua ou na confiança de cada cáfeten postado atrás de um balcão
de litros de bebidas à vista e drogas escondidas. Aquela parte da
cidade era como a lista das opções apresentada a cada pessoa
dependente do mísero dinheiro para que elas decidissem entre a
arduosidade, a desonra e o perigo, testando assim suas fraquezas e
220 seus vigores, suas resistências.

O olhar de Clark se mantinha atento na pista sendo molhada,
enquanto ela contemplava os limpadores lutando contra a chuva. A
impressão de que a chuva, envergonhada, lutava esforçadamente para
ofuscar a verdadeira imagem de sua cidade para as pessoas que só
225 conheciam o conforto do centro se tornou ainda mais concreta
quando, minutos depois, ela se aplacou liberando a visão para o
asfalto entre as árvores que o cercavam como suas protetoras
noturnas, vestidas pelo escuro manto da noite.

230 Minutos depois, ao ler KM 18 em uma placa verde junto à
faixa de domínio, a garota sorriu com a língua entre os dentes
lembrando que nos quilômetros à frente estavam os melhores motéis
da região e um deles certamente seria o destino do homem que ao seu
lado segurava o volante do carro. Passados mais alguns minutos, o
carro deixou da BR e entrou em uma estrada gresífera encoberta
235 pelos galhos recurvados dos choupos que oscilavam com o vento, se
aproximando de um portão largo e pesado que se levantava à medida
em que o carro se aproximava. Depois de passar pelo portão, Clark
pisou no freio e o carro parou ao lado de um pequeno compartimento
e a grade de uma pequena janela se abriu; uma voz rija vinda de
240 dentro pediu qual suíte, e depois da resposta a chave de uma das sete

245 suítes presidenciais foi entregue a Clark. Ele fechou o vidro e pôs o
carro em movimento. Quando entraram na garagem da suíte, o portão
automaticamente desceu até tocar o chão e os dois saíram calados do
carro e subiram uma escada baixa de acesso a uma porta
250 primorosamente marchetada. No centro da porta, as peças mais claras
formavam um coração, e as peças ao redor formavam flores, mas
tudo dependia da percepção de cada pessoa para que a união das
peças de cambiantes diferentes representassem imagens diferentes.
Clark não imaginou nada. Introduziu a chave, girou-a junto com o
255 trinco e a porta se abriu com um estalido que ecoou no
compartimento degraus abaixo onde estava o carro. Ali aconteceu a
primeira troca de olhares desde quando saíram do restaurante, e, num
gesto educado, Clark indicou a entrada. Ela devolveu o sorriso dele e
entrou no quarto ainda escuro. Tateando a parede, ela sentiu uma
260 tomada. Premeu-a e duas lâmpadas se acenderam em um lustre
pequeno no teto, bem em frente a cama. As claridade das lâmpadas
vermelhas iluminou o teto de gesso esculpido em forma de corpos
femininos despidos, lembrando as vívidas esculturas renascentistas, e
um colchão espesso em forma de coração três metros e meio abaixo
265 do teto. Assim que encostou a porta, Clark respirou fundo e girou a
chave, e assim que colocou-a sobre uma pequena mesa ao lado da
porta, sua expressão antes aprazível se contraiu, como se mudasse
momentaneamente de personalidade. Quando ouviu um suspiro alto,
ela girou o corpo ficando de frente para Clark, contemplando seu
olhar penetrativo. Percebeu que neles havia um fundo avermelhado e
estranhamente chamativo, como os olhos de uma cobra hipnotizando
sua presa. Ele sorriu e avançou um passo, aproximando seu corpo
alto e esguio ao corpo dela; sem os sapatos de salto alto ela não *devia*
ter mais de um metro de sessenta e cinco de altura, percebeu ele.

270 —E então, ainda quer saber quem eu sou?— perguntou ele,
pousando delicadamente uma das mãos sobre a cabeça dela e
deslizando-a carinhosamente até a nuca; o falso carisma aflorado nos
olhos e no meio sorriso complacente.

—Me diz você quem você é?

275 A pergunta dela foi seu último lance de provocação. E Clark
sorriu antes da resposta:— Isso!

As mãos que acariciavam os cabelos se fecharam num segundo
com os cabelos entre os dedos e num gesto bruto ele empurrou-a para
baixo, uma ação tão brusca que derrubou-a no chão do quarto. Ela

280 gemeu quando os joelhos chocaram-se contra o carpete duro, mas não conseguia evitar o que estava acontecendo, fazendo e sentindo. Era bom no ápice e sentia que também estava no limiar do opróbrio, no labéu irreversível. Não tinha o poder de decidir nada e também não queria tomar decisões.

285 —Abra!— ordenou Clark, a voz ríspida.

Ela olhou para o rosto escuro dele abaixo de teto iluminado pelo lustre, distinguindo nada além da silhueta luzente formada pelos cabelos caídos que contornavam sua face escurecida e o corpo tomando toda a sua frente. Submissa, lentamente ela começou a desprender o cinto para em seguida abrir a zíper da calça, que posteriormente foi abaixada. Sentia que tudo o que estava acontecendo estava sendo estranho demais, que estava desnudando um estranho que nem mesmo sabia qual era seu nome e que a tratava como uma vagabunda abjeta e indigna. Todavia era essa comparação aviltante a origem de seu prazer inexplicável, porém, ela não reconhecia. Estava mentalmente perdida e não queria se encontrar. Quando a cueca despreendeu do pênis, ele voltou para cima e bateu em seu queixo; sem pensar, ela rapidamente engoliu-o numa sofreguidão que não entendia. A calcinha úmida e quente entre as pernas anunciava a excitação e revelava a personalidade algoflica e submissa que até então era ocultada pela própria altivez e feminismo. Passara a vida procurando prazer na arte e dominar um homem, mas acabara descobrindo que seu maior prazer era sendo dominada por alguém que a tratasse como uma escrava.

305 —Agora me diga, quem é você?— a pergunta de Clark saiu num tom de humilhação, e ela não respondeu. Continuou calada com o que estava praticando.

Uma hora depois, os dois corpos deitados permaneciam porejados sobre o lençol umedecido de suor; ele com as costas marcadas de unhas e ela com as pernas e a bunda avermelhadas e com marcas visíveis de palmadas.

310 —Você é demais. Incrível.— disse ela, com a cabeça apoiada sobre o peito de Clark.

315 —E então, o que você acha que eu sou? Responda apenas o que sabe?

Havia uma certa curiosidade que ele suavizava num tom descontraído, natural, para que ela não percebesse. A verdade era que ele não sabia mais quem era— como nunca soube— e procurava na

resposta de qualquer pessoa algo que o fizesse se autodefinir.

320 Ela levantou os olhos para o rosto de Clark, analisando-o.

—Bom. Com esse olhar maligno em um rosto tão perfeito, creio que seja um... demônio.

—Demônio?!— interveio Clark, franzindo a testa. A resposta dela pareceu assustá-lo.

325 —É. Do sexo. Você é perfeito. Qual é mesmo seu nome?

Ele sorriu e aquietou-se, descansando a cabeça no travesseiro.

—Clark Meisinger.

330 Ela deu um tempo antes de se apresentar. Mas, como ela esperava, ele não perguntou qual era seu nome.— Bem, Clark, o meu nome é Bruna Lewis, e foi um prazer conhecê-lo.

—Não, não. Quê isso?! O prazer foi todo meu.

335 Depois daquela noite, foram inúmeras as vezes no motel, como foram vários aborrecimentos na empresa. Finalmente Clark estava conhecendo um outro lado da vida, o lado da vida que conferia a ele sorrisos sinceros, de felicidade e não de sarcasmo diante às dificuldades dos outros. Os dias se passavam e Bruna aos poucos se transformava no calmante para o seu fastio. Ela se aproximava toda vulnerável e sorridente e ele se esquecia de tudo, até mesmo da inveja que sentia pela intrépida personalidade de Edward Radmim. No decorrer dos dias, o sexo se tornava seu estimulante, mas ironicamente era também seu mais eficaz calmante; estimulava-o à vida e aplacava seus ímpetos de emulação. Enfim, fluía nele uma nova paixão e ela estava se tornando seu primeiro plano. Aquela ruiva inebriante *talvez* fosse a única cura para o mal que o dominava. Talvez fosse ela o ablutor que purificasse sua personalidade. Mas havia um porém; Clark sempre fora de uma personalidade imutável, uma imutabilidade cansativa que fazia com que as pessoas desistissem facilmente dele.

350 Sentados um em cada lado do sofá, Jasom e Manuelle iniciavam uma conversa aprazada por telefone no meio da semana que tinha se passado. No rosto de Jasom era perceptível o medo do que Manuelle tinha para falar. Com a expressão amarrada, ela olhava para o assoalho da sala ao invés de olhar direto no rosto dele, como se evitasse impetuosamente algum possível sentimento de paixão.

355 —E então, o que aconteceu, Manu?

Ela pareceu ponderar antes de responder, contemplando as unhas enquanto respirava pela boca.

—Eu...— cruzando os braços, numa postura de coragem e convicção, ela finalmente olhou para ele e encheu o peito de ar— eu quero terminar o namoro.

Naquele átimo, numa moção, Jasom quase levantou-se do sofá — Como! Do que está falando?!

—*Me* desculpe por isso.— Manuelle direcionou um olhar pio aos olhos dele, rendendo-se à paixão— Eu estava enganada em relação ao que eu sentia por você.

—Enganada?

—É. Eu acho que não gosto mais de você, quer dizer, não o suficiente para continuar...

O tom peremptório nas palavras de Manuelle sobressaltou Jasom. Ele não soube escolher as palavras e quando seus olhos se umedeceram numa ameaça de lágrimas, Manuelle começou a rir de forma leviana, como se tudo fosse apenas uma brincadeira. Uma sádica brincadeira.

—Eu te peguei, seu bobinho.

—Quê?!

—Primeiro de abril.— disse ela, aproximando-se dele para um beijo convidativo no rosto.

Mesmo envergonhado e aos poucos restabelecendo o raciocínio, Jasom sorriu antes de sentir os lábios de Manuelle tocar os seus.

Já se passavam de cinco meses que estavam juntos e a afeição entre eles aumentava à medida em que os dias transcorriam e um passava a ter mais influência sobre a vida do outro. Porém, desde o primeiro mês de namoro, o medo de Manuelle de se entregar a Jasom como uma mulher de verdade, pondo assim fim à fase dos corriqueiros beijos na boca e das lascivas insinuações com as mãos, era como um óbice na relação e o que causava desconforto em Jasom e aumentava a insegurança de Manuelle. Havia um muro de incerteza entre os dois corpos que se contorciam no calor frenético e quase incontrolável de um desejo iminente, que pulsava ameaçando se realizar.

—Medo de que?— perguntava Jasom, muitas vezes receando o motivo daquele medo exagerado, medo de que ela não fosse a virgem que jurava ser e tivesse receio de confirmar isso após meses de

namoro, ou pior ainda, medo de que ela tivesse se entregado a uma
outra pessoas no decorrer dos cinco meses que estavam juntos. Mas
na maioria das vezes, Jasom acabava pedindo desculpas ao ver as
lágrimas aflorando nos olhos inocentes de Manuelle.

E foi na ameaçadora insegurança que o dia 15 de abril de 2000
chegou. Naquele sábado, Jasom tinha antecipado sua chegada na casa
de Manuelle. Antes do meio-dia e durante a tarde toda e também o
início da noite eles ficaram liberalmente trancados no quarto, pois,
com o decorrer do tempo, Júlia passou a confiar mais em Jasom e não
carregava mais preconceito algum quanto ao fato de sua filha passar
horas trancada com seu namorado em seu quarto sabe lá fazendo o
quê. Era liberal a tal ponto que muitas vezes saía de casa para longos
passeios, deixando-os sozinhos, trancados dentro do quarto.

O clima picante predominava o quarto, aduria os corpos e as
respirações estavam quentes. Pela janela entreaberta, a brisa, que
entrava oscilando levemente a cortina, soprava as costas de Jasom
deitado sobre o corpo de Manuelle. Havia vários minutos que ele
estava ali, sentindo gelar as costas soadas a cada sopro da brisa
indiscreta. Beijava a boca macia de Manuelle de olhos abertos e volta
e meia olhava para um relógio-despertador sobre a cômoda ao lado da
cama. Sempre que fazia isso, interrompia um dos muitos beijos.

—Sua mãe deve *tá* chegando.— disse ele, rompendo um outro
beijo para olhar para o relógio.

—Cala a boca e me beija.— revidou ela, buscando a boca dele
com a sua.

Jasom sorriu, cedendo à vontade dela.

As mãos dele recomeçaram a tocar o corpo de Manuelle,
sentido cada poro dela eriçado. Os beijos se tornavam cada vez mais
longos e profundos e os apertos manuais mais firmes e prazerosos. As
poucas roupas uma a uma foram retiradas até que ambos se viram
seminus sobre a cama. Controlando a pressa, Jasom lentamente
retirou a calcinha dela, pela primeira vez. Mas seus dedos trêmulos
naquele fino tecido era sinal de avidez— Manuelle sentiu isso e não
entendia o porquê do medo que sentiu pela pressa de Jasom. *Talvez o
único propósito dele, seu único desejo alimentado dia após dia,
obsedando-o a cada obstrução e cada resposta negativa, estivesse
perto de se realizar*, pensou ela, não precisamente nessas palavras,
por isso ele estava tão agitado. Sua respiração excitada se aplacou
aos poucos, e, levando as mãos para tapar o lugar para onde Jasom

olhava, contemplando como um diletante de pinturas a mais perfeita obra, ela resistiu, fechando as pernas:— Não— disse.

140 Ouvindo isso, Jasom parou por alguns segundos, olhando para o rosto dela, antes de se pôr sentado na cama com as mão apoiando a testa. Deitada, Manuelle ficou olhando para Jasom, e mesmo com medo de que o *respirar* desanimado e aborrecido dele fosse apenas uma última encenação para que ela cedesse à sua vontade, ela respirou fundo, encorajando-se.

145 —Vem aqui.— disse ela, sorrindo, e lentamente tirou as mãos de onde estavam.

Jasom olhou para ela e formou um meio sorriso que dizia; finalmente você confia em mim, e sem pensar, ele recomeçou *tudo de novo*.

150 Novamente toda aquela cena se repetiu; mas foi mais rápida e objetiva, tanto pelo caso de já estarem seminus sobre a cama quanto pela pressa ofuscada pela insegurança e pelo receio que dominava as mentes que controlavam os dois corpos. Manuelle não tentou impor obstáculos novamente e deixou que aquela cena se completasse, se transformando no curta-metragem de sua primeira relação sexual. Descobriu que não era impenetrável e certificou-se de que as lendas que ouvia estavam em completa demasia; não houve tanta dor, mas também não houve prazer. Seu único prazer foi ter o corpo de Jasom oscilando sobre o seu corpo até o prazer final explícito no olhar e na expressão dele. Depois disso, ele carinhosamente oscilou sobre o corpo dela, que se contorcia encenando uma excitação que não existia. Após terminarem, Manuelle sentiu em Jasom um afeto que nunca antes sentira e as frases carinhosas dele trazia em seu tom sua gratidão, gratidão pela sinceridade dela e que ao mesmo tempo pedia, tacitamente, desculpas pela desconfiança de que ela não fosse a virgem que jurava ser. Talvez a gratidão dele fosse pela confiança depositada, talvez pelo prazer..., *Mas de que isso importa?*, pensou ela, ao vê-lo caído sobre seu corpo molhado.

165 —Te amo.— sussurrou ele, deitado sobre dela, que pouco se importava se o que escorria entre suas pernas era sangue ou sêmen. O que importava era que toda a incerteza repentinamente se converteu em segurança.

170 As primeiras relações entre eles foram um pouco constrangedoras; fisicamente para Manuelle e conscientemente para Jasom, que ao penetrá-la, percebia que ela sentia pouco prazer e

algumas vezes sua expressão denunciava um certo desconforto. Mas o tempo passou como também passou o constrangimento e a dor, e aos poucos a relação retomou seu caminho, totalmente condimentada pela paixão.

A cada ano que se passava o tradicional restaurante Mackey & Hoffman se tornava mais magnífico, insigne e pomposo. Seguindo seu passado de sucesso, ele ainda era frequentado pela classe mais suntuosa da cidade, o escol formado pela minoria da população; empresários, atores de teatro, turistas e grã-finos delibavam shampanhe na mais desenxabida happy hour onde o mínimo ruído é como um estrondo digno de espanto. Era um paraíso construído por verdadeiros artesãos, projetado por excelentes engenheiros e artistas plásticos e era o lugar onde pessoas símiles a Clark Meisinger costumavam frequentar. Sendo a antítese de Clark, Edward, por sua vez, jantava às vezes no Mackey & Hoffman apenas para realizar os caprichos de Cristiane, que não era diferente das mulheres de sua categoria. Mas até mesmo para ela aquilo tudo estava se tornando sem graça.

Alguns meses tinham se passado e Bruna Lewis já estava convencida de que seria ela a nova namorada de Clark, e a cobrança pelo divertimento se tornou uma de suas principais características, seu costume. Depois que conheceu Clark e soube de sua riqueza, divertimento para passou a se resumir em nada mais que gastar dinheiro em lojas de grife e frequentar lugares de alto nível e glamour; enfim, se comportar como a futura senhora Meisinger que esperava se tornar em breve, uma nova rica.

Naquele sábado, o Mackey & Hoffman foi coincidentemente o lugar escolhido por Cristiane e também por Bruna.

Eram nove horas da noite e não haviam muitas pessoas nas mesas do restaurante. Edward e Cristiane, como qualquer casal com mais de dez anos de casamento, mantinham uma conversa isenta de palavras doces, olhares ou pestanejos insinuativos, o idílio finalmente tinha se tornado desnecessariamente arcaico. Mas como qualquer outra mulher, Cristiane sentia falta do romantismo que tentava encontrar em livros e filmes de romance; todavia não cobrava isso do marido, pois era sensata ao reconhecer que todo o homem se torna insensível e inexcitável com o passar dos ramerraneiros anos, no decorrer monótono do dias após dia ao lado da mesma mulher. Para

515 não perder uma noite como aquela, Cristiane observava com olhar crítico os preservados ornatos e a arquitetura do restaurante; alguns quadros minimalistas de cambiantes quentes enfeitando o alto das paredes claras; as impecáveis peças de louça que envergonharia qualquer mulher que tivesse um acervo de bibelôs; as cadeiras artesanais muito bem trabalhadas; os castiçais de cristal sustentando duas velas romântica e artificialmente vermelhas... Criticava também
520 o enorme lustre dourado com luzes vermelhas nas ramificações, e, ao centro dele, uma grande lâmpada violácea que realçava a iluminação nas mesas centrais onde não haviam castiçais. Para a adaptada percepção de Cristiane, aquilo tudo estava se tornando supérfluo demais. Começara, então, a acreditar no que antes não acreditava, nem pensava; que ser sofisticado era apenas um equívoco das pessoas que acreditavam que o Mackey & Hoffman, ou qualquer outro lugar análogo e de extremo requinte, era perfeito; ao contrário, aquilo tudo
525 estava longe da perfeição. Aflorava, então, a saudade de Angra dos Reis, o lugar que ela considerava ser o mais perfeito do mundo. Mas talvez pensasse assim porque já tivera ido dezenas de vezes para os mesmos restaurantes e hotéis, pois ela admirava a opulência, mas amava o exótico.

530 —É um lugar tão sofisticado, mas nem mesmo um mendigo se sentiria humilhado.— disse Cristiane, percebendo que poucas pessoas se encontravam no restaurante.

535 Edward fechou o cardápio que folheava e entregou ao garçom, que em pé ao lado da mesa fingia não ouvir a conversa, principalmente o comentário de Cristiane em relação à *inanidade* do restaurante.

540 —Me vê uma costela de cordeiro com crosta de ervas.— depois de fazer seu pedido, ele olhou perguntativamente para Cristiane.

545 Ela olhou para o garçom que anotava o pedido em um um pequeno bloco e disse:

—O mesmo pra mim. Mas antes me trás um Frozen Gold Label.

550 Edward formou um meio sorriso ao ouvir o pedido da esposa— Vai pedir a sobremesa antes do jantar?

—Vou!

A resposta taxativa de Cristiane fechou o sorriso de Edward, e assim que o garçom se afastou com o pedido, ele voltou um olhar

grave para a esposa.

—Eu sei o que você está pensando, Cris. Mas acredite, poucos
homens têm dinheiro suficiente para jantar aqui junto com suas
esposas. Sinta-se rica por isso, não simplesmente por estar aqui.

Como Edward abominava o comportamento de sua esposa
quando ela se mostrava indiferente, sendo que tudo o que fazia era
para ela. E apenas para ela. Cristiane detestava e sempre fugia
daquele tom retaliativo na resposta do marido, pois sempre que ela
revidava o revide acabava se tornando a origem da discussão que
tornaria aquela noite insuportável. Se bem que ela nem mesmo tinha
direito de redarguir, pois fora ela mesma quem escolhera o lugar em
que iriam jantar naquela noite. Calada, ela abaixou os olhos para a
mesa antes de mudar de assunto:

—E então, até hoje você não me explicou como conquistou o
resto da empresa.

Sentindo a submissão da esposa, Edward, machista, sorriu
orgulhoso e ajeitou a gola do paletó.— Como soube?— perguntou.

—Vi sua foto junto com os funcionários da fabricação no
house organ, se não me engano, da semana passada.

Edward lembrou de sua postura imperativa na fotografia
impressa no jornal da empresa e sorriu com certo orgulho.

—Ah, sempre é bom algo que fortaleça o status de um
societário.— disse ele.

Enquanto Edward começava com sua suportável jactância,
blasonando de suas decisões importantes e de sucesso na empresa,
um motorista cordialmente abria a porta traseira de um BMW preto
para a descida de Clark. Ao seu lado, Bruna desceu exibindo seu
contentamento em um sorriso aberto e um belo e reluzente vestido
preto; a fimbria do vestido, embelezado pelas pedrarias finas e
reluzentes, quase roçava o chão orvalhado; as mangas longas de
musselina eram tão folgadas e leves que balançavam pela brisa. Clark
usava um terno preto privado de qualquer tipo de gravata e apenas
uma blusa sem abertura no meio; os sapatos luzidios da Kenity Cole
refletiam as lâmpadas azuis que circundavam a entrada do restaurante
em meio os olmos baixos e cuidadosamente podados. De mãos
atadas, eles se direcionaram à grande porta do restaurante cruzando
pela passarela azulada pelas luzes. Quando olhou para um letreiro
grande encimando o prédio do restaurante com seu nome faiscante
em vermelho, que mais se parecia o domo de um castelo medieval

595 aprimorado pela tecnologia, Clark lembrou do fato de que Bruna trabalhava como secretária de uma empresa de cobranças. Só então estranhou o fato de ela se encontrar em um local tão primoroso quanto ao restaurante onde eles se conheceram, um mês antes, onde, certamente, nem mesmo teria dinheiro para pagar um jantar.

—Até hoje você não me disse o que estava fazendo naquele restaurante.

500 Ela imaginou quais seriam os pensamentos preconceituosos dele, mas não hesitou em responder:

—Acompanhando uma amiga, ela estava tendo um caso com nosso patrão e estava seguindo ele.

Clark estranhou a resposta e encenou um olhar confuso enquanto Bruna terminava.

505 —Ela acreditava que ele poderia estar tendo um caso com uma outra secretária.

Clark franziu a testa com marcas de sorriso no canto dos lábios, se mostrando ainda mais confuso.

—Ah! Deixa pra lá. É uma história muito complicada.

510 Sentindo o leve cheiro das flores plantadas em vasos de argila assentados nos cantos do átrio mansamente iluminado pelas luzes, eles subiram os degraus de uma ampla escada de entrada. Fascinada, Bruna deixou-se surpreender até mesmo pelas baixas colunas de capitéis revestidos de mármore reluzente sob às luzes dos postes, que iluminavam também os canteiros verdejantes que cercavam a escada, onde estavam implantados. Do átrio, olhando para a direita, se via através de uma parede de vidros, um lago de águas tão serenas que refletia nitidamente a visão compacta dos prédios da cidade aos fundos, atrás dos bairros que se escondiam na parte mais baixa e oculta da cidade, e que por isso não eram refletidos nas águas. Alterando o olhar para a esquerda, se via, aos fundos do canteiro de grama, a densidade de um jardim de quássias florescidas que servia como uma sebe viva que dividia o restaurante de uma construção gigantesca, caracterizando-se como uma mansão acastelada de mais de cento e cinquenta anos de edificação. Logo ao entrar, depois de um serviçal abrir a alta e larga porta dupla, um garçom se aproximou.

520 —Senhor Clark, seja bem vindo— apresentou-se ele, com sutileza ao inclinar-se para frente.

—Minha reserva, por favor.

530 Percebendo a vacuidade do restaurante, Bruna achou engraçado

535 ouvir o pedido de Clark, pois menos da metade das mesas estavam ocupadas. Mas seu sorriso foi tapado logo ao chegar à mesa reservada. Ao lado da mesa, junto a uma simétrica divisória de tijolos que separava a sala de um jardim floreado, estavam dois enormes vasos cúbicos com fúchsias de flores úmidas. Girando o olhar um pouco mais para a esquerda, fugindo o olhar das flores, se avistava o tapete de grama molhado que refletia o azul das lâmpadas dos postes que ficavam na margem do lago que refletia a cidade— a visão perfeita da imensidão de prédios em reflexo um pouco ondulante. 540 Apesar de ser afastada das outras mesas, dava-se para perceber quem estava no restaurante ao girar o olhar para a direita. Especialmente naquela mesa, a opulência e a solidão se uniam para sentimentalizar o artificialismo patenteado em tudo. A música leve dava ênfase a solidão daquele lugar, não por solidão em si, mas por individualismo, exclusivismo, a plena solidão que emociona os ricos e excede sua soberba, fazendo-os pensar que são a minoria e por isso são solitários. 545 —Foi uma reserva especialmente pra você.— disse Clark, quebrando o silêncio em palavras melancólicas.

550 Ao ouvir aquelas palavras, Bruna entendeu que qualquer centímetro daquele lugar era especial para Clark, com algo místico que apenas adoradores do requinte conseguem denotar e sentir. Para ela, aquilo tudo era apenas motivo de apreciação; não conseguia sentir nada além da palpável suntuosidade daquele lugar, da riqueza ostentada em tudo. Mas naquele momento, ao olhar em Clark e perceber o depressivo contentamento no rosto dele, subproduto da soma entre a triste solidão e a imagem de poder e de riqueza, ela sentiu uma desmedida diferença entre os dois e sentiu-se grata por estar ali.

—Eu adorei.— e sorriu agradecida.

560 —Senhor?!— apresentou-se um garçom jovem, naquele momento.

—Sim?

—Desculpe-me por ter esquecido de acender as velas.

565 Clark olhou para as duas velas vermelhas apagadas sobre o castiçal e respondeu:

—Não tem problema. Agora se preocupe com uma outra coisa.

—Pois não, senhor?

—Traga-me o cardápio, Bruna está curiosa.

Enquanto Clark impressionava Bruna apresentando a ela parte

570 de seu mundo insulso, Edward observava Cristiane levar a taça de espumante à boca, marcando o cristal com batom vermelho.

—É um néscio, um ranzinza. Acredita que pondo obstáculos em meu caminho irá conseguir atrapalhar minha vida. Mas acaba me fortalecendo.— dizia Edward, orgulhando-se pela própria resistência às dificuldades impostas pelo seu rival de longa data, que por sinal estava sentado em uma das mesa aos fundos do restaurante.

575 Cansada de ouvir os maçantes comentários sobre aquela porfia sem finalidade alguma, que para ela não se passava de uma “briguinha” sem pretexto, Cristiane se mostrava silenciosamente imparcial; não admirava a resistência de seu marido e não julgava a aversão de Clark. Enquanto Edward ufanava-se de seu sucesso no trabalho, ela apenas olhava ao redor sem o mínimo interesse, implorando com próprio o silêncio para ele findar com aquelas palavras ou mudar de assunto. Evidenciando o enfado causado pelas palavras do marido, os olhos dela circunvagavam de um canto para o outro do restaurante.

585 Porém, todo o desinteresse se converteu em espanto quando o olhar dela encontrou uma expressão familiar ao longe— o espanto que finalmente fechou a boca do marido. Sobre os ombros de Edward, ela olhava indiscretamente para uma das mesas contíguas ao único muro que dividia o salão de um jardim à céu aberto. O sorriso tomava forma em seus lábios enquanto identificava os inconfundíveis traços no rosto de uma pessoa. Vincos surgiram na testa de Edward enquanto ele estranhava o sorriso surpreso nos lábios de Cristiane.

595 —O que houve?— perguntou ele.

—Não! Eu não acredito.

700 Vendo a esposa atônita, com a boca aberta num sorriso enquanto olhava para algum ponto ao longe, Edward virou-se para trás, curioso, deixando de lado a discrição delineada pelos longos anos de sucesso profissional. Seus olhos também se abriram espantados quando reconheceu ao longe, entre as folhas lanceoladas das fúchsias, a expressão sorridente de Clark ao lado de uma garota aparentemente mais nova. Mas logo seu espanto se converteu e enleio. *Por que Cristiane estava sorrindo?* Ao voltar os olhos para frente para fazer a pergunta, deparou-se com a cintura de Cristiane na altura de seus olhos.

705 —Desculpe, amor, eu já volto.— disse ela, se afastando.

Edward apenas tentou impedir ou ao menos questionar o que

710 estava acontecendo, o porquê daquele sorriso em sua esposa. Mas não conseguiu evitar com que ela se afastasse em direção à mesa onde Clark estava.

—E então, o que está achando da comida?— perguntava Clark, observando Bruna beber um gole do champanhe forte que marcava de vermelho a metade da taça de cristal.

715 —Está ótima.

720 Bruna depositou a taça sobre a mesa e subiu os olhos do rosto de Clark ao perceber que alguém se aproximava da mesa. Seus olhos se contraíram confusos. Mas logo reconheceu sua antiga amiga, dos tempos quando ainda morava em Angra dos Reis, vindo de encontro entre as mesas com um sorriso aberto, e devolveu-lhe um sorriso perplexo.

725 —O que houve? Algum problema?— indagou Clark, sem entender a surpresa estampando-se gradativamente na expressão de Bruna.

—Cristiane?!

730 Ciente de que alguém se aproximava da mesa, alguma conhecida de Bruna, certamente, Clark se calou. Modesto e arrogante, ele nem se deu ao trabalho de olhar para trás, esperando até que esse alguém se aproximasse da mesa para então olhar em seu rosto. E se ele olhasse para trás, certamente a esposa de seu rival sofreria os passos apressados e talvez nem chegasse até a mesa. Mas Cristiane se aproximou e não foi difícil para Clark reconhecer sua voz antes de olhar para seu rosto, pois ele conhecia perfeitamente todas as pessoas ligadas ao seu único inimigo, a pessoa que ele investigava dia após dia.

—Bruna!

—Cris?! Mas que surpresa.

740 Bruna levantou-se da cadeira para trocar três beijinhos na face. No olhar atônito e no sorriso abertamente sincero de Cristiane, Bruna percebeu que sua amiga permanecia a mesma precipitada de antes, do estilo nada formal, mas dotada de uma compostura inerente que a privava de pensar em procedimentos; o exemplo de mulher que realmente nasceu para ser rica; do tipo espontânea, que fala alto em ambientes elitizados ou que toca na comida com a ponta dos dedos para prová-la sem que essas atitudes estouvadas causassem vexame.

745 Cristiane parou de respirar e olhou por um momento para o

750 rosto de Bruna, percebendo que sua amiga também não tinha mudado nada, pelo menos fisicamente. Para qualquer pessoa que conhecesse Bruna, era invejável concordar com sua beleza que discordava de seus 30 anos. Depois da fugaz inveja e da lembrança dos sulcos surgindo ao redor dos olhos que começava causar preocupação em frente o espelho, Cristiane formou um sorriso mais curto, o típico sorriso que todo mundo usa após o espanto, e pensou nas próximas palavras.

755 O pensamento de Cristiane foi entrecortado pelo *pigarrear* proposital que veio de baixo. Seus olhos desceram curiosos para a mesa onde Clark depositava uma taça de champanhe quase vazia. O que restava do sorriso de Cristiane se fechou no mesmo átimo e o pouco do espanto de alegria que sumia de seus olhos se converteu momentaneamente em espanto antipático, não acreditando na *merda* em que inopinadamente se transformou o reencontro com sua amiga.

760 Atilada, Bruna percebeu logo de início a antipatia que havia entre eles, mas não soube muito bem como julgá-la. A desconfiança, então, aflorou-lhe nos olhos e na impressão.

765 —Vocês já se conhecem?— Cristiane pareceu não ouvir a pergunta e Bruna terminou com a voz mais alta— Cristiane!

—Hã?

—Eu perguntei se vocês já se conhecem.

770 Quando Cristiane ameaçou abrir a boca para alguma palavra, alguma imprudente resposta, Clark interrompeu:— Eu trabalho com o marido dela. Ele é meu sócio. É um dos acionistas da Meisinger.

775 Apenas uma explicação poderia esclarecer para Bruna o que realmente havia entre Clark e Cristiane, o porquê daquela aversão tão explícita, algo que, aos olhos de Bruna, parecia extremamente difícil de controlar. Mas não houve nada além do antagonismo indecifrável pairando sobre a mesa, originando uma certa desconfiança em Bruna que ela tentou disfarçar com naturalidade e um sorriso disfarçado.

780 —Nossa! Você está casada?— indagou ela, encenando uma surpresa que encobrisse a desconfiança.

Cristiane voltou um sorriso teatral para a amiga.— Há quatorze anos.

785 Circumspecta, Bruna ponderou as próximas palavras antes de dizê-las:— Julgando pelo tempo, ele deve ser um ótimo marido. Pretendo conhecê-lo em breve.

E Cristiane também ponderou nas próximas palavras, mas,

sendo hábil em argumentos, não foi difícil, foi quase que involuntário. Antes de responder, ela já abria o zíper da bolsa prateada para retirar um cartão com o número de seu telefone:

790 —Sem problema. Assim verá que existem homens íntegros nessa cidade.

O argumento de Cristiane consolidou o julgamento equivocado de sua amiga. O recente ciúme acabara de se concretizar em Bruna. Após apanhar o cartão de Cristiane, que logo se despediu e deu as costas para se afastar a passos largos da mesa, Bruna seguiu com os olhos sua antiga amiga se distanciar até sentar-se ao lado de seu marido, que precipitadamente o julgara muito bonito e aparentemente amável e simpático para merecer uma traição. *Mas o que fez Bruna julgar tão rapidamente Cristiane daquela forma? Como se ela fosse uma bacante desprezível e inconfiável? Seria sua personalidade? Ou seria seu passado?*

—Quem era ela?— ia perguntado Edward, antes mesmo que Cristiane se sentasse na cadeira.

305 Ela olhou para ele e ignorou a marca sarcástica de sorriso nos cantos da boca do marido.— Uma antiga amiga.

—E por que esta expressão?— prosseguiu ele, visibilizando ainda mais o escárnio em um sorriso— Deveria estar contente com o reencontro.

310 —Ah! Cala a boca!

A sutil exasperação de Cristiane cerrou o sarcasmo do marido.

—A culpa não é minha, Cris. Eu tentei avisar você.

—É. Como sempre, atrasado.— escarneceu ela.

315 Ele deu uma pausa na discussão e fechou a mão com a taça de champanhe entre os dedos.

—É. Eu sempre atrasado e você sempre impercebida.

320 Ao ouvir, Cristiane expeliu ar pela boca olhando de um jeito cansado para a flama da vela. Quando voltou os olhos ao rosto de seu marido, percebeu nele seu olhar chamativo. Lentamente, ele levou a taça de bebida até próximo à boca.

—Hoje eu não quero me atrasar, percebe?— e tomou o que restava do champanhe, porém, em seus olhos se denotava uma certa dissimulação.

325 Ela compreendeu a insinuação cheia de graça dele e sorriu, sentindo-se amenizada.— Claro.

Minutos depois de observar Cristiane e Edward saírem do restaurante, Clark fechou o *flip* do celular.

—Vamos? O motorista está nos esperando.

Juntos, eles se levantaram para também irem embora. Segundos depois, entraram no carro estacionado em frente o Mackey & Hoffman e o motorista girou a chave de partida. Lentamente o BMW escuro recomeçou sua trajetória rumo à mansão. *Após uma rápida olhada para trás para certificar-se de que seus dois discretos seguranças o seguiam em seus automóveis baratos*, certamente para não serem percebidos, Clark repoltreou-se sossegado nas poltronas traseiras. Ao seu lado, Bruna ainda disfarçava suas suspeitas urdindo alguma história que dissipasse da mente de Clark suas impressões em relação a Cristiane, seja lá quais fossem, ou inquinar a imagem dela sob a concepção de Clark.

—E então, de onde conhece Cristiane?— perguntou ele.

Já se completavam minutos que a expressão atônita estava pregada na face de Clark, que quando não mais aguentou, explodiu em voz alta, com sádicos traços de sorriso nos lábios:

—Não acredito! É... é impressionante!

—Pois acredite, estou sendo sincera. Ela parece ser uma santa, mas não passa de uma mulher nojenta. Era minha amiga, mas não deixa de ser uma vadia. A única coisa que te peço, Clark, é que fique apenas entre nós isso.

A expressão sarcástica de Clark se fechou e ele voltou os olhos investigativos para Bruna.

—Tá. Mas não estou entendendo o porquê que você está me falando isso. Ela não é sua amiga?

—Ah! Sei lá.— disse ela, embaraçada, mas pensou rápido e conseguiu ser um pouco mais convincente, conseguiu encobrir o ciúme que por um instante ameaçou se revelar— Eu amo a franqueza acima de tudo, Clark, e o que eu mais abomino nas pessoas é a traição, a falsidade.

Percebendo a respiração profunda de Bruna, Clark olhou para o lado, fingindo não perceber a reação que sua pergunta causou— o ciúme de Bruna e sua desconfiança.

—É por essa causa que sempre menciono; pode-se viver anos ao lado de uma mesma pessoa, mas nunca desvendará todos seus

365 segredos, os que compõem a parte oprobriosa de seu passado. Aqueles que o aflige, que o envergonha e desmoraliza.

—É, mas eu não seria capaz de esconder nada de você.— disse ela, baixinho, colocando o braço por sobre os ombros de Clark enquanto estudava os traços pensativos em seu rosto.

370 Quando lembrou de Júlia, a proprietária de uma boate que Edward, induzido pela empáfia, abandonou por ela ser quem era, Clark sorriu mentalmente.

—Mas sabe o que é mais hilariante de tudo isso?— perguntou ele. O silêncio de Bruna pediu a Clark que ele respondesse a própria pergunta e ele concluiu— Saber que meu inimigo está casado com uma vagabunda. É... é satisfatório. Logo ele que sempre admirou e valorizou muito o caráter íntegro das pessoas; os valores morais e éticos.

380 —Inimigo?— perguntou Bruna, dissimulando o espanto— Cris é esposa de seu inimigo?

—Sim.— e Clark sorriu antes de completar— Aquela vadia é esposa do homem a quem mais detesto no mundo. O filho da puta mais orgulhoso que conheço.

385 Ouvindo isso, Bruna tirou o braço que estava descansado sobre os ombros de Clark e apoiou a cabeça no antebraço dele. Preocupada, ela deitou as pernas sobre as poltronas do carro. *O que ela falou, era, de alguma forma, motivo de satisfação para Clark e de vergonha para o marido de Cristiane*, soube ela. A preocupação então surgiu junto com o medo de alguma consequência do que sua atitude ciumenta e irrefletida provocaria, de suas palavras, do relato injuriante e dúbio de um passado.

Angra dos Reis, 19 anos atrás.

395 Era inverno de 1981, e naquela época, quando as praias eram mais frias e menos visitadas, trocadas pelos turistas pelas pousadas serranas, Bruna passava a maior parte de seu tempo no escritório de seu irmão, um estabelecimento que prestava variados serviços contábeis— até mesmo serviços de cobranças para grandes redes de lojas— que ficava no centro da cidade, próximo à escola onde Bruna estudava na parte da manhã. Bruna tinha pouco mais de 11 anos naquela época, mas seu corpo, como também suas veleidades, era bem mais desenvolvido que o corpo, como também a mente, das outras garotas de sua idade. Quem não a conhecesse, daria uns 16

005 anos a ela. O propósito que a levava até o escritório de seu irmão na
tarde de quase todos os dias não eram os livros antigos e bem
preservados e a congêrie de revistas de moda e curiosidade que
disfarçava ler com atenção enquanto a secretária de seu irmão, uma
010 moça de olhar esnobe a qual Bruna não gostava, ficava observando-a
de trás da escrivaninha de onde atendia os constantes telefonemas e
passava os recados ao seu irmão, mas sim a visão da janela para a rua
onde mandriavam quase todos os garotos que estudavam junto com
ela e que moravam próximo à escola. Cada vez em que a secretária
saía da sala para passar algum recado ao seu irmão na sala ao lado,
015 Bruna corria para a janela, de onde paquerava com sorrisos e palavras
sussurradas os garotos que flanavam pela rua.

Bem, esse foi seu praxe naquele inverno, sua rotina. Mas como
020 toda a rotina tem um fim, a de Bruna foi encerrada com a vinda do
verão e o movimento mais intenso nas praias. Sua rotina santa de
todas as tardes passou a ser esconder seu biquine em uma bolsa
escolar, a mesma que usava para carregar os materiais escolares,
evitando, dessa forma, que sua mãe descobrisse que os trabalhos na
biblioteca era apenas um embuste, e correr para a praia com alguma
025 amiga. As visitas no escritório do irmão não terminaram, diminuíram,
e a maior parte de seu tempo, quando não estava na escola, era
andando pelas prais de Angra usando biquines provocantes que
tentavam os turistas mais velhos e os garotos que estudavam na sua
escola, que naquela época também trocavam as ruas pelos areais de
Angra.

030 Mas numa tarde prevista, Bruna não foi até a praia. Era
aniversário de seu irmão e ela planejava uma surpresa, algo que ele
se espantasse ao abrir o invólucro e visse o presente. Depois de uma
busca minuciosa pelo presente nas livrarias da cidade, Bruna
caminhou para o escritório de seu irmão com um sorriso estampado
035 nos lábios, imaginando a felicidade dele ao abrir a caixa e ver o
presente; não pelo valor do presente, mas sim em saber que sua irmã
reconhecia seu amor pelas priscas poesias europeias. Após subir pela
escadaria os três andares do prédio de seis pavimentos e abrir a porta
do escritório, *bem* na entrada de um corredor comprido que dava a
040 uma segunda porta, ela correu um olhar pela sala, mas não avistou a
secretária que deveria estar sentada atrás da escrivaninha, onde uma
pilha de papéis sobre um jornal ameaçava esvoaçar-se pela brisa que
entrava pela janela. Estava tudo muito silencioso. Se escutava apenas

045

o tique-taque do relógio pendurado na parede acima de um arquivo metálico e um zunido vindo da janela do que seria algumas crianças andando de bicicleta pela rua. A porta do escritório de seu irmão, aos fundos da sala, estava entreaberta, quase fechada; havia apenas uma frincha entre a porta e o marco que liberava visão para a sala. Segurando a caixa com uma das mãos, ela empurrou a porta de entrada com cuidado para que os quícios não causassem ruídos e caminhou até a segunda porta do escritório, pondo indiscretamente um dos olhos entre a frincha. Seu sorriso se fechou no momento em que os olhos encontraram entre a frincha a mesa de seu irmão. Como previra, ele estava sentado em sua poltrona, mas não estava trabalhando. Era sua secretária quem estava trabalhando...

050

055

Enquanto ele se mantinha sentado, inclinado no respaldo da poltrona, com a cabeça deitada para trás insinuando com os olhos semiabertos e respiração soprada o prazer que sentia, ela, de joelhos sobre o carpete, praticava felação com uma das mãos acariciando a perna enquanto a outra ajudava os lábios em seu “trabalho”.

060

Por um momento, Bruna estudou aquela cena, até que seu irmão gemeu, sentindo os lábios de sua secretária subindo e descendo, prático e cautelosamente, enquanto ela aceitava sem asco o que saía de dentro dele. Depois, sabendo que tudo estava terminado, que o *recado* já fora entregue pela secretária, Bruna voltou os passos para trás e saiu do escritório.

065

O livro com a coletânea das melhores poesias europeias que tinha comprado para dar de presente ao seu irmão foi entregue na noite, junto com o bolo que sua mãe comprara para uma modesta comemoração de aniversário, onde esteve presente apenas ela, sua mãe, seu irmão e sua esposa, uma morena de olhos muito escuros que revelava, junto com um meio sorriso carismático, a total ingenuidade de uma esposa traída.

070

Bruna nunca mais se esqueceu daquela cena. Mas com o tempo, um lapso que se resumiu em poucos meses, o que era motivo de nojo se tornou curiosidade. A expressão de prazer no rosto de seu irmão era a mesma expressão que ela desejava um dia ver em seu futuro namorado. As visitas ao escritório do irmão voltaram a ser frequentes e por um outro motivo além de cobiçar os garotos que passavam na rua. E o que começou com perguntas indiretas, disfarçadas pelo olhar vago nas páginas das revistas sobre as pernas, se transformou em uma conversa liberal, o tipo de conversa entre

075

080

085 verdadeiras amigas. Bruna descobriu que a secretária de seu irmão não era tão chata e esnobe como julgara. Ao contrário, tão ao contrário que deixou que ela se tornasse sua melhor amiga, sua mentora. Era a secretária de seu irmão quem dava-lhe os conselhos certos e eficazes. Não era igual às suas amigas, aquelas tolas mal-informadas. Era esperta e sabia como ser e se comportar como uma mulher de verdade, atraente e atilada, e poderia ter o homem que quisesse sem que esse homem percebesse suas intenções.

090 Assim transcorreu quase quatro anos, os quatro anos de evolução de uma garota marcada pela inexperiência dos 11 anos e pela curiosidade despontante. Aos 15 Bruna já tinha a mentalidade de uma mulher de 18 anos, a mentalidade que fez dela, sinceramente, a melhor amiga da secretária de seu irmão. A amizade entre elas era tão forte e sincera que muitas vezes Bruna passava a noite na casa de sua
095 então melhor amiga; juntas elas dividiam segredos e Bruna se surpreendia toda a vez que ouvia uma história diferente de sua melhor amiga, de suas fantasias com homens casados e do que ela fazia com eles. Mas tudo teve um fim quando a secretária de seu irmão aceitou uma proposta para trabalhar em algum escritório em uma cidade grande como assistente direta do irmão de uma outra amiga dela que também morava em Angra. *Certamente fará também com ele o que até agora fez com meu irmão*, pensou Bruna, convicta.

000 —Você sempre será minha melhor amiga, Bruna.— disse a então ex-secretária de seu irmão com um sorriso carismático antes de apanhar as duas pequenas malas e entrar no táxi que a levou até a rodoviária.

005 Olhando para o carro que se afastava, Bruna, com os olhos cheios de lágrimas, respondeu:

010 —Você também, Cristiane, sempre será minha melhor amiga.

015 Com o rosto sendo iluminado pelos faróis dos automóveis que vinham de encontro na pista contrária, do outro lado do canteiro onde se distribuíam os postes de iluminação entre a fileira compacta de arvoretas, Edward dirigia com os olhos atentos no asfalto, procurando localizar com os olhos comprimidos as faixas de sinalização ofuscadas pelos fochos de luz e tentando não perder a atenção nas placas. Ao lado, Cristiane apascentava os olhos no tênue trânsito da avenida principal e no asfalto molhado pela chuva que caía modesta refletindo um pouco da luminosidade da cidade; as luzes dos postes,
020

os faróis carros, a claridade dos edifícios modernos, às vezes refletindo os relâmpagos altitonantes que se estendem no horizonte escuro... A música branda, suave, em uma radioemissora de baladas, fazia do momento em que a cidade se encontrava estranhamente tranquila, um videoclipe noturno e compassado cheio de luzes. Quando o fluxo de automóveis na pista contrária se aplacou, dando plena liberdade à visão, Edward embreou a quarta marcha e afundou o pé no acelerador, vendo apenas o lívido asfalto à frente do pára-brisa sendo rasgado pelos faróis do carro.

—Onde conheceu aquela sua amiga?— perguntou ele, acomodando-se no assento.

Para evitar uma possível discussão, o que ultimamente vinha acontecendo com frequência, Cristiane tentou ignorar o tom perquisitivo na pergunta com naturalidade em uma resposta sincera:

—Ela é irmã de um antigo patrão meu, quando ainda morava em Angra. Lembra da empresa de cobranças onde trabalhava?

O silêncio dele foi assertivo.

Quando girou o volante, lentamente, percebendo com o canto dos olhos a avenida principal aos poucos ficando na transversal enquanto o carro deslizava suavemente sobre a pista molhada, ele, pela primeira vez desde que entrou no carro, olhou no rosto de Cristiane; um olhar rápido e desconfiado antes de voltar a atenção na estrada enquanto o volante mecanicamente deslizava na palma da mão.

—Você sempre foi uma funcionária dedicada para com seus chefes, não?

Mesmo percebendo que o argumento era caviloso, fomentativo, ela não redarguiu, evitando pela segunda vez o bate-boca que seu marido procurava. Olhou disfarçadamente para o lado, onde uma pickup ultrapassava o automóvel em alta velocidade, rilhando os pneus no asfalto e borrifando de água suja a lateral e os vidros do carro— os poucos respingos que chegaram ao pára-brisa foram eliminados pela chuva que se fortificava a cada segundo e pelos limpadores acionados.

O silêncio digressivo de Cristiane, somado à sua fisionomia indiferente, fez Edward expluir-se com seu ciúme; porém, seu tom de voz foi totalmente calmo, convicto, discordante das mãos que agora apertavam o volante:

—Quem você pensa que sou, Cris? Um simplório que não

060 percebe nada do que está acontecendo?

Naquelas palavras, sabendo que o indesejável estava acontecendo, Cristiane soprou ar pela boca, como uma advogada evasiva diante às últimas interpelações implicantes de um promotor implacável num momento em que tudo parece ter acabado com êxito.

065 —Parece que eu já sei quem você vai mencionar. Carlos, é claro. Estava demorando muito pra acontecer.

070 Numa pausa, ela voltou os olhos para ele, esperando uma contradita que não aconteceu; nada aconteceu além do silêncio afirmativo e inoportuno, dissonante ao acroamático som da música e da chuva batendo no pára-brisa.

—Eu tento, mas não consigo entender o que você tem contra ele? É...— ela meneava a cabeça, inconformada— Eu não sei escolher as palavras certas, é exorbitante, é infantil...

075 *Ciúme.* Os adjetivos automaticamente sugeriam o substantivo que Cristiane preferiu deixar latente em mais uma tentativa de evitar uma discussão. Porém, seu tom de voz foi apoiante, como se favorecesse a Carlos, colocando-o acima do próprio marido. Inconscientemente, motivada pela sensaboria do casamento, ou talvez pela insegurança originada disso, Cristiane queria provocar ciúmes no marido, mas conscientemente ela não tolerava esse ciúme, o ciúme impulsivo que era como uma forma fatigante de Edward demonstrar seu amor, e também sua desconfiança. Desde quando se casaram, até mesmo antes disso, Edward alimentava um ciúme *inócuo* por Cristiane em relação a Carlos. Talvez nem fosse ciúme, e sim alguma impressão equivocada, uma suspeita intolerável de que sua esposa tivesse tido algum relacionamento com seu antigo patrão, algo que ela possivelmente nutrisse amor enquanto ele apetecia apenas sexo. Até mesmo a vulnerabilidade, a docilidade de Cristiane no primeiro encontro que a levou tão facilmente à cama de um motel, causava suspeitas no marido, suspeitas de que, naquele pretérito momento, ele tivesse sido como uma segunda alternativa para Cristiane além de Carlos em um momento de insensatez e desorientação caso Carlos tivesse revelado ter uma outra mulher e rompido suposto relacionamento entre os dois... Pensar em Cristiane apaixonada por um outro homem, transando com ele, recrudescia o perene ciúme de Edward, a desconfiança que ele tentava não deixar transparecer, mas que, constantemente, se patenteava em perscrutações indiretas e mal formuladas. Mas sempre que isso acontecia, Cristiane impressionava

100 ele respondendo tudo de forma límpida e esclarecedora, usando de uma argúcia que no final fazia Edward pedir desculpas arrependido.

Mas naquela noite foi diferente, não houve nada de intencional ou o mínimo de ironia; tudo estava acontecendo natural e espontaneamente. De forma direta, Edward prosseguia em suas tentativas de extirpar da esposa uma confissão. Porém, ele não conseguia porque Cristiane não guardava nenhum segredo.

105 Ou guardava?...

—E você ainda pergunta se eu tenho algo contra ele. Você morava com ele, Cris?

—Sim, mas não foi com ele com quem me casei.

110 Se Edward fitasse os olhos de Cristiane, naquele momento, veria que eles enrubesciam-se e findaria com toda aquela desconfiança, mas também saberia que ela lutava para não demonstrar o que sentia olhando com indignação e aspereza para o asfalto molhado, uma mistura de indignação, tristeza e esquivança apertando-lhe o peito.

115 —E se não confia em mim, por que se casou comigo?!

—Por uma causa tão insignificante.— respondeu ele, a voz baixa, o pouco medo de que ela escutasse lutando contra a vontade de gritar as palavras.

120 —E eu..., Às vezes eu acredito mesmo nisso.

Pelo simples fato de que eu te amo, completou Edward em pensamento, *simplesmente por isso que me casei com você, sua boba.*

125 Por um momento houve um silêncio, e se Cristiane olhasse nos olhos de seu marido, veria nele o amor escrito na umidade de seus olhos, que também revelava o ressentimento.

Uma outra música, mais agitada, começou a ser transmitida no rádio, mitigando a adurência do silêncio e sendo como um calmante para a aflição dos dois.

130 —Se você me ama, Ed, realmente, há 14 anos, por que não esquece esse ciúme antigo? Nunca lhe dei motivos para isso. Afinal de contas, que segredo se esconde atrás de uma garota de 10 anos?

135 Os olhos de Edward se puseram cheios de culpa no painel do carro, mas segundos depois daquele comentário tão ressentido, eles se abriram e se voltaram cheios de perquisitiva curiosidade para Cristiane, como se pegasse no ar algum segredo de Cristiane revelando-se em suas palavras.

—Segredo? Garota de 10 anos? Do que está falando?

140 —Bruna, a mulher que estava com Clark— impaciente, Cristiane soprou ar pela boca— Eu a conheci quando ela tinha 10 ou 11 anos e a última vez em que nos vimos ela completava os 15. Ou não foi por causa dela que você começou essa conversa?!

145 Reconhecendo o próprio ciúme que o deixava cego e às vezes confuso, Edward se conteve, respirando aliviado pelo próprio reconhecimento. *Preciso controlar isso*, pensou, avistando o edifício onde morava assomando-se por trás dos outros prédios no extremo da avenida, quatro quarteirões à frente, enquanto o carro deslizava silenciosamente sobre o asfalto.

150 Após estacionar o carro no térreo do Edifício Mallom, o prédio onde morava há mais de 14 anos, Edward, andando metros na frente de Cristiane, se aproximou do elevador. Minutos depois as portas metálicas se abriram em frente o corredor curto que separava o apartamento da escadaria, na extremidade, e da parede estrutural do edifício. Trinta minutos depois, após trinta minutos de silêncio, os dois estavam deitados sobre o colchão. Debruçados em lados opostos da cama, ouviam indefinidamente o barulho da chuva. Porém, a sucessão de relâmpagos que aclarava as cortinas brancas em frente a janela para a sacada e os frisos prateados do roupeiro, era vestígio de que a chuva era abundante e contínua. Se prosseguisse naquelas proporções, no outro dia certamente os alagamentos nos bairros desfavorecidos da cidade iriam desabrigar muitas famílias e muitos iriam depender de auxílio de empresas altruístas ou de achega de um governo negligente. Mas Edward, como todos os outros homens que têm um teto alto em um edifício e o conforto cegante provido do dinheiro, não se preocupava com isso, bem ao contrário; seu único receio naquele instante era se a tempestade se acalmasse, pondo fim naquele eufônico som da chuva. Enquanto ouviam o cantar suave da chuva tentando harmonizar-se à retumbância violenta dos relâmpagos, eles tentavam dormir. Com os olhos na silhueta de dois grandes quadros na parede afastada da cama, Cristiane se emocionava lembrando do decorrer dos 14 anos de conúbio enquanto Edward lembrava daquele dia, desde o seu início; (...). Quando chegou novamente ao restaurante, ele lembrou da proposta insinuante que fez para Cristiane antes de saírem e de seu sorriso convidativo. Respirou fundo e girou o corpo, abraçando sua esposa. Ela suspirou sentindo o peito dele tocar suas costas nuas, e quando sentiu os lábios dele

155
160
165
170
175

tocarem meigamente seu pescoço, bem próximo à nuca, denunciando um certo medo pela recusa, a lágrima molhou sua face.

E ela suspirou outra vez quando ouviu: “Eu te amo, Cris”.

No fundo, Cristiane sabia que o ciúme de seu marido tinha um fundamento, por isso haviam lágrimas em sua face.

A chuva daquela noite continuou, molhando os últimos dias do mês de abril. Aquele mês foi para Edward e Cristiane como todos os outros meses foram; apesar de construtivo em relação ao trabalho, foi tão uniforme quanto superficial. Porém, não foi cansativo; ambos já estavam avezados à monotonia, ao ramerrão em que se tornara seus dias.

Para Clark, foi um mês análogo aos outros meses. Continuava se sentindo o mesmo abominado presidente da empresa —o que sempre fora— perante os demais sócios. Sempre que reunia a cúpula da empresa para algum debate, ele sentia o *contemptamento* dos acionistas até mesmo no medo deles enquanto se escondiam atrás de palavras docemente cuidadosas e ideias estabanadas instituídas no último instante, quando ele, o presidente, formava um olhar furioso ou discordante em frente a grande tábua de despotismo e medo. A única mudança até então tinha sido Bruna, que acabava ajudando Clark em sua estima baixa e violenta e silenciosamente profanada por todos dentro da empresa. Com a nova mudança, Clark não se preocupava mais com os rumores depreciativos, pois Bruna, com sua meiguice, mitigava aquele sentimento de humilhação que insistia em rebaixá-lo com blandícias sussurradas e beijos. Ao lado dela, ele sentia-se restaurado, sólido o bastante para continuar obstinado em seus planos. *Em seu plano, enfim*. Aos poucos ele adotava Bruna como sua esposa e muitas vezes chegou a levá-la em reuniões na Meisinger e apresentá-la em frente todos os representantes como a nova senhora Meisinger, como se ela fosse um troféu de pura e invejável beleza. Contemplando todo aquele mar de inefabilidade, os velhos acionistas se calavam admirados, incapazes de fazer mais perguntas que certamente prolongariam a reunião. Talvez Bruna fosse o único motivo de orgulho de Clark, um belo antojo para que todos vissem e acreditassem que ele não estava sozinho. De forma bem silenciosa, ele amava e orgulhava-se dela. Acima de Bruna, estava apenas seu ódio contra Edward, o ódio que Bruna conjecturava ser nada mais que um birra inócua e inofensiva. Mas o tempo se passaria

e no decorrer dos meses ela veria que estava inteiramente equivocada quanto a isso.

220 Quanto a Júlia e seus filhos, poderia se dizer, sumariamente, que viviam sua inópia contínua e torturante empurrando as dificuldades impostas pela vida com a força fecundada da própria decadência. Júlia seguia sua alcantilada trajetória rumo a uma ascensão que talvez nunca chegaria. Mas não desistia, e sempre que pensava nisso, lembrava de seus dois filhos e se classificava como uma mulher fraca prostrada pela indolência. Observar Reginaldo chegar todos os dias do trabalho e retirar seus tênis e suas roupas sujas deixava-a triste, mas mesmo de forma indesejável era isso que dava-lhe forças para prosseguir junto com ele; o esforço de seu filho suscitava seu esforço. Procurava acreditar que o fundo do poço ainda estava distante e que seria covardia desistir tão cedo. Enquanto 225 Reginaldo trabalhava para ajudar sua mãe nos dispêndios da casa, Manuelle era incumbida de um único trabalho, um único e cansativo quefazer; estudar. Mas mesmo dedicando-se unicamente aos estudos, ela estava passando por dificuldades de aprendizado. Suas notas nos primeiros meses estavam sendo baixas e por isso muitas vezes Júlia chegou a brigar com ela. Seu namoro com Jasom continuava cada dia mais sólido, mas não era isso que atrapalhava ela nos estudos. Era algo que até mesmo ela desconhecia, mas que sabia que existia. Algo subentendido lhe forçava a acreditar que todo o esforço seria 230 incomensurado, que não levaria ela a lugar algum além do remate de seu destino já traçado.

240 Quanto a Jasom? Ele já estava trabalhando em uma empresa de calçados e ali planejava seu futuro como profissional. Talvez tivesse sorte e um dia fosse promovido, pois estava integrado a uma empresa apreensiva que oferecia inúmeras chances de crescimento para os funcionários. Incentivava todos ao estudo e cursava os operários mais dedicados, profissionalizando-os adequadamente para cada cargo exercido. Um dos *cursandos* era Jasom, o jovem que mais se destacava em meio um setor de pessoas que trabalhavam apenas pela sobrevivência, pela dependência do dinheiro, pessoas que não tinham 245 sonhos e alternativas e trabalhavam de dia para comer à noite. Mas crescer profissionalmente não era o único plano de Jasom, aliás, era apenas um subproduto do que ele tinha em mente. Seu maior plano, sua meta, era em breve casar-se com Manuelle, viver um futuro próspero ao lado da mulher que ele amava. Com os cabelos curtos e 250

255 vestido de roupas mais formais, ele vangloriava-se dizendo:

—Sou um novo homem, Manu, não sou mais um garoto.

260 Portanto, Manuelle já sentia falta do sorriso debochado do Jasom antigo, do sorriso sarcástico que embelezava o aspecto do garoto insurgente pelo qual ela se apaixonara, que inopinadamente se dissipou quando ele cortou os cabelos, desfazendo também a projeção que ela tinha feito dele nas primeiras vezes em que ficaram juntos.

265 Era a primeira semana de maio. Todo perfumado, Jasom aguardava a saída de Manuelle do colégio. Escorado em um carro estacionado ao lado da rua mal iluminada pelas lâmpadas fracas dos postes de madeira, ele olhava com frequência para o relógio embaçado pregado na parede frontal da escola, bem próximo ao letreiro azulado com nome do colégio. Cada vez que olhava para o relógio, ele forçava os olhos para conseguir entrever os ponteiros escuros. O motivo de toda àquela pressa mesclada na preocupação, junto ao pouco de desconfiança subconsciente ainda não reconhecida como desconfiança, era o fato de que todos os estudantes e professores já tinham saído pelos portões da escola, que se escurecia gradativamente a cada lâmpada que se apagava. *Onde estava Manuelle?* Pouco depois que as lâmpadas da última sala de aula foram apagada, o porteiro da escola, um velho rechonchudo semelhante a um grande cone de boliche vestido de um macacão jeans desbotado e com uma barba vasta que escurecia da papada ao queixo redondo e as bochechas gordas, se direcionou ameaçadoramente ao portão, balançando um molho de chaves enquanto oscilava de um lado para o outro a cada passo enquanto assoviava alguma música antiga. Quando o velho premeu um dos dois cadeados que prendia o portão com uma corrente azinhavrada, causando um clique baixo que deu-se para ouvir por toda a rua deserta, Jasom soltou ar pela boca olhando uma última vez para o pátio escuro da escola. Mas o que conseguiu entrever foi apenas os troncos caídos das árvores entre os galhos folhosos balançando com a brisa das onze horas mal indicadas pelo relógio do colégio. Quando, preocupado, Jasom começou a dar os primeiros passos para voltar à casa, um grito de atenção soou dentro da escola. Ao reconhecer a voz, seus olhos buscaram rápido a passarela que ia do portão até o primeiro dos cinco blocos da escola. Correndo com os cadernos em mãos, Manuelle já se aproximava do portão que novamente foi aberto

295 pelo porteiro; ele pareceu direcionar-lhe um olhar zangado enquanto introduzia a chave no cadeado.

O sorriso aliviado de Jasom se fechou quando Manuelle se aproximou, e num beijo rápido, ele denotou um certo medo nela.

—Por que demorou tanto? Todo mundo já saiu da escola.

300 Manuelle encenou um sorriso envergonhado. Olhou para baixo e pegou na mão dele.— Eu... eu passei mal com o lanche. E, por azar, tinha prova na última aula.

305 Jasom estudou o rosto de Manuelle por um instante, mas não falou nada. Olhou para frente, avistando apenas a rua deserta e a convidou com o primeiro passo para retornar à casa. Poucos segundos depois, se ele olhasse para trás, veria que o porteiro reabria o portão da escola para uma outra pessoa, um rapaz com os cabelos batendo nos ombros que pedia desculpas ao velho gordo oferecendo-lhe cigarros.

310 Minutos depois de uma caminhada silenciosa e repleta de olhares desconfiados, eles se viam a poucos metros da casa. Naquele momento, o telefone de Manuelle tocou alto no bolso da calça de moletom apertada que instigava a imaginação dos homens entrando justamente entre as nalgas, visibilizando perfeitamente o interfemínio cada vez que ela avançava um passo; mas para o raro desfrute dos homens, isso só acontecia quando ela usava fio-dental, habitualmente nas sextas-feiras. Naquele momento de silenciosa tensão, o tocar do telefone foi como um estopim para a explosão da desconfiança de Jasom. Ao tirar o telefone do bolso e olhar para o visor que cintilava no escuro, Manuelle enrubesceu a face e respirou fundo.

320 —Alarme.

A mentira de Manuelle foi refletida em seu curto sorriso receoso e Jasom soltou da mão dela.

—Posso ver?— pediu ele.

—O que?

325 —O telefone.

Nos olhos de Jasom afluía a convicção e a desconfiança, percebeu ela.

—Por que? Está desconfiando de mim?— ela sorriu de forma nervosa, recolocando o telefone no bolso de um jeito despreocupado.

330 Quando Manuelle tentou pegar na mão de Jasom, tentando agir com naturalidade para cortar sua desconfiança, ele recusou-se empurrando a mão dela.

—Sim, agora *me* deixe ver esse telefone.— ela virou-se para ele, ficando frente a frente, denotando a persuasão pregada em seu rosto.— Vamos, Manuelle, eu quero ver o alarme desse telefone.

Ele estava zangado, soube ela, se não estivesse, usaria a aférese carinhosa de “Manu” que sempre usava, até mesmo quando encenava uma zanga, e então apanhou rápido o celular do bolso e começou a digitar as teclas, procurando dados comprometedores na caixa de entrada ou no registro de chamadas do telefone.

—Só um momento.

Na calma mal dissimulada de Manuelle, nos dedos trêmulos apertando as teclas do telefone enquanto ela tentava processar os pensamentos, denotava-se mais medo do que aflição e Jasom tomou o telefone de suas mãos. Num olhar rápido, enquanto vasculhava o registro de chamadas e a caixa de mensagens do telefone, Jasom percebeu a angústia de Manuelle no fundo de seus olhos e dois corações começaram pulsar forte; um pelo medo da descoberta e o outro pelo medo do desgosto e da vergonha. Manuelle temia o pior, Jasom queria estar errado. Mas a decepção de Jasom se concretizou ao ler a mensagem no visor verde do celular:

Tenha 1 bom fim de semana, até segunda, t adoro, bjs. William".

No momento de raiva e ciúme, Jasom nem percebia que a própria mão se apertava, expulsando o sangue dos dedos numa compressão tão forte que o visor do telefone se partiu entre os dedos. Seus olhos, cheios de raiva e despeito, subiram para o rosto dela.

—Eu posso explicar, Jasom, ele é apenas um amigo.

—Amigo?!

—É.

Por um tempo, ele olhou com incredulidade para o rosto de Manuelle, sem falar nada, analisando-a, esperando ouvir dela uma explicação mais convincente que pudesse desvanecer o desgosto que sentia. Mas ela não falou nada. Seus olhos azuis cheios de lágrimas fitavam ingenuamente os seus como se ela tentasse de forma enganosa contornar o problema.

—Se ele é simplesmente um amigo, por que estava querendo esconder isso de mim?

—Porque... porque eu conheço esse seu ciúme, Jasom. E...

—Ciúmes!— interrompeu ele— Quando *queu* senti ciúmes de você, Manuelle? Quando que eu impedi você de ter amigos?

Manuelle sabia que Jasom estava certo, por isso não objetou

375 suas palavras, e enquanto ele encolerizava-se à medida em que processava sua decepção, ela começava a acreditar no fim do namoro. Manuelle conhecia perfeitamente o namorado que tinha e sabia que ele não gostava de discussões, e que a cena de reconciliação ou de desculpa estava longe de acontecer. Sabia que logo ele daria as costas para em seguida se afastar. Por fim, as lágrimas que estavam à margem de seus olhos resvalaram pelo rosto quando Jasom deixou o telefone cair no chão poeirento.

380 —Sempre acreditei em você, Manuelle.— desabafou ele, abaixando o tom de voz e descendo um olhar triste para o chão, sem mover a cabeça— Sempre. Mas...

—Mas o que?

385 Levantando os olhos, ele concluiu, voltando alguns passos para trás:— Agora sei que é igual as outras.

390 Aquelas palavras invadiram a consciência de Manuelle, fechando o processador de palavras. Calada, sem conseguir pensar em nada, ela o viu dar as costas e se afastar. Talvez o silêncio dela fosse assertivo ao comentário de Jasom, como se ela sentisse vergonha da verdade. Talvez apenas uma imprecação o segurasse. Mas não! Manuelle ficou calada, como se concordasse silenciosamente com o fim e com a última frase de Jasom. Sua única certeza, naquele momento, era que as lágrimas também molhavam o rosto de Jasom, e que ele, sendo orgulhoso, não levava a mão até a face para não parecer que enxugava as lágrimas que desciam até a ponta do nariz e molhavam seus lábios.

395 Quando a imagem de Jasom sumiu na escuridão da esquina, ela suspirou. Voltou à realidade e olhou para a porta da casa. Apanhou o celular do chão, vendo que o visor estava trincado, e em seguida entrou no pátio da casa. Olhou novamente para o fim da rua e introduziu a chave no trinco. Mas antes de girar a chave, uma lembrança fez seu coração voltar a bater forte; Jasom tinha tomado o caminho contrário o de sua casa. Andava em direção ao centro da cidade, como um homem sentindo-se traído andando a esmo na noite, vulnerável a qualquer outra mulher. Na altivez precipitada, Manuelle tirou a chave do trinco com cuidado para não causar ruídos que pudessem despertar sua mãe ou seu irmão, que certamente já estavam dormindo. Após a mental referência às mulheres retraídas como fracas, ela, dominada pelo feminismo, escondeu os cadernos entre algumas plantas ao lado do portão e minutos depois entrou no último

ônibus que se distanciou de sua casa rumo ao centro da cidade.

115 Os automóveis cruzavam em alta velocidade nos dois sentidos da avenida, os pneus deixando longas faixas pretas no asfalto quando algum pé irresponsável pisava abruptamente no pedal do freio. Alguns buzinaavam e as garotas sorriam, eles estacionavam e elas deliberadamente entravam. Muitos dos carros, circundados por jovens bêbados, ressonavam música alta em seus potentes alto-falantes em frente as casas noturnas e bares espalhados pelos quarteirões do centro. Pessoas andavam, pessoas paravam; algumas discutiam enquanto outras sorriam ebbriamente, achando tudo engraçado. Eram inúteis as tentativas de intimidação dos policiais que cruzavam com suas viaturas sibilando suas sirenes estrídulas e ensurdecedoras pelas ruas, pois nada intimidava aqueles jovens. Eles estavam em grupos e juntos eram impertérritos, como um único grupo de rebeldes exclamando; *esse é o nosso lugar, o nosso mundo, vocês são os intrusos!*

120 No primeiro instante, na primeira comparação, Manuelle sentiu-se a intrusa e se perguntou o que é que estava fazendo naquele lugar, pois todos que se viam ali estavam acompanhados, como verdadeiros gregários, em bandos de animais eufóricos e desordeiros ameaçando ridicularizar o bando que estivesse em menor número e em menas euforia.

130 *E o que aconteceria para quem estivesse sozinho e calado?*

135 Se ver em meio um deserto que a assustava, sobreveio arrependimento em Manuelle. Sentiu que a solidão poderia ser real em meio uma multidão e que a distância de sua casa era significativa demais para sair correndo. Se viu no literal fundo do poço, indefesa como uma animal doméstico perdido nas ruas. Ficou parada por algum tempo, olhando, pensando no que iria fazer e o que faria se alguém risse de sua calça de moletom ou de seu rosto sem maquiagem, como a face cândida de uma criança assustada, perdida em meio uma cidade grande. Circunvagou os olhos no rosto da cada pessoa e logo percebeu os primeiros olhares direcionando-se gradativamente a ela, só não imaginava que era observada pela beleza e pela ingenuidade, com olhos de inveja pelas garotas e com olhos de cobiça pelos homens.

145 Quando recomeçou os passos atrapalhados sobre a calçada, se cuidando para não tropeçar na saliência pontiaguda de algumas

450 lajotas mau encaixadas ou para não se esbarrar em alguma pessoa, ela se viu metros à frente de uma discoteca. Seu sorriso quase se desprende dos lábios quando nesse momento sua mão sentiu algumas moedas dentro do bolso da blusa. Minutos depois, seu sorriso teve sua reprise quando, na caixa, ao tirar as moedas e jogá-las sobre um balcão de madeira com uma divisória de vidro, a recepcionista direcionou um olhar sugestivo para um relógio na parede azulada e disse, sorrindo, como se estivesse fazendo um favor àquela jovem que estava perdida em sua frente:

455 —Nas sextas, é liberada a entrada para garotas até a meia-noite.

460 Manuelle sorriu e puxou as moedas que já tinha empurrado para dentro do balcão por uma abertura curvada no contato do vidro com o móvel por onde se pagavam o ingresso. Expectando o que encontraria lá dentro, na opacidade aclarada pela rápida sucessão dos flashes, ela caminhou alguns metros e abriu uma cortina escura e fosca, tendo dali a visão panorâmica de uma enorme pista de dança à sua frente. Como imaginara, os flashes faiscavam nos cantos do salão e os globos luminosos tremeluziam sobre a grande pista de dança. Da entrada, se observava apenas as mãos das pessoas em meio a uma nuvem de fumaça azulada pelo brilho de cinco globos luminosos no 470 âmago do teto, que também iluminavam os degraus e os corrimões metálicos da escada que levava a um corredor amplo que circundava toda a pista e dava acesso aos banheiros e ao balcão onde alguns garçons serviam bebidas e cigarros. Pouco desengonçada, Manuelle desceu os degraus e se aproximou aos poucos da pista de dança, onde, depois de um olhar minucioso, sentiu-se uma insana percebendo, novamente, que era a única que estava desacompanhada. Pela segunda vez os olhares perciam aos poucos se direcionarem a ela. Girou o corpo e se afastou dali. Com os passos atrapalhados, ela se aproximou e se escorou com as costas no balcão. Colocando as 475 mãos no bolso da blusa, ela sorriu e girou o corpo para a frente do balcão:

—Uma bebida, por favor?

—Qual?

480 Ela pensou por alguns segundos, com um dedo entre os dentes, como se ponderasse sobre o que iria pedir.— Uma Coca com vodca. — disse.

—É pra já, senhorita.— acrescentou o barman, um jovem

490 vestido inteiramente de preto e com lentes vermelhas nos olhos rápidos, que foram esperadamente analisadas pela incipiente Manuelle perdida em um mundo diferente.

495 Tão diferente que a empolgou. Escorada no balcão segurando um copo de bebida, ela começou a gingar vagorosamente o quadril, talvez fosse intuitivo realmente, porque ninguém ali parecia olhar para ela, o que dissipava sua vergonha segundo após segundo, a cada gole seguido de um sorriso com a língua tocando os lábios. De longe, no escuro indiscernível da pista, alguns rapazes observavam ela e algumas garotas olhavam sobranceiras de pura inveja, colocando-se com o corpo dançante na frente dos olhos dos rapazes. Mas ninguém se atrevia em se aproximar, pois ela era o retrato da ingenuidade que caiu em obsolescimento naquele mundo pecado, tornando-a, assim, o maior motivo ludíbrio.

500 Inclinada com as costas apoiada no balcão, Manuelle ficou por quase uma hora. Se deu por conta do tempo que tinha se passado quando as moedas tinham evaporadas do bolso e ela já tinha tomado duas vodcas com Coca-Cola. *Quando se está sozinha e parada, ao menos beba alguma coisa para não se tornar o centro das aberrações sem dinheiro e elegância*, pensou ela em seu primeiro aforismo noturno.

510 Daquela boate ela saiu sem dinheiro e embriagada pela pouca bebida. Seus passos não apenas pareciam desengonçados, realmente seguiam ondulantes em seu caminho sinuoso. Ao sair à rua ainda movimentada, ela forçou um olhar para discernir a hora no visor trincado do celular. *Ainda!* A preocupação ressurgiu quando ela se viu novamente sozinha em plena uma e meia da madrugada. A situação tinha piorado, pois ela estava sem dinheiro e sem lugar para onde ir em um lugar onde não havia ninguém que se oferecesse em ajudá-la; pelo menos era o que parecia. Os mesmos carros cercados de jovens ainda mais ébrios permaneciam parados em frente a boate com seus alto-falantes reproduzindo músicas ensurdecedoras, como se disputassem um campeonato de sons alarmantes e ininteligíveis. Manuelle cruzou um olhar e percebeu que os olhares daqueles jovens não eram mais críticos. Quem dera que fossem. Pareciam ludibriantes, como se a qualquer momento eles fossem cair na gargalhada indigitando dedos para ela. Quando ouviu algumas risadas espalhafatosas vindo do meio das pessoas, Manuelle abaixou a cabeça, acreditando que ela poderia se tornar o centro das atenções se

530

continuasse parada em seu pedestal de vergonha, e deu os primeiros passos numa determinada direção, lutando para fugir calmamente daquele lugar. Cansada e com olhar de ressaca, ela caminhou lenta e desconcertadamente pela avenida por longos minutos, deixando para trás o centro movimentado. Parou quando cruzava em frente um edifício opulento, talvez o mais alto da cidade. Respirou fundo e subiu um olhar lento de baixo para cima, contemplando a beleza da fachada, de cada andar, das sacadas cheias de plantas que se encurtavam na medida de sua altura até terminar no pináculo quase indiscernível. Quando percebeu uma única janela aberta a mais de trinta andares do chão, mansamente clareada por alguma lâmpada acesa em algum cômodo aos fundos do apartamento, ela abaixou os olhos para uma grande placa dourada na entrada do prédio, onde o nome do edifício refulgia em dourado.

535

540

545

550

O Edifício Mallon era tão grande, mas tão grande, que não ensombrava apenas os prédios menores que o cercavam como fiéis escudeiros protegendo seu superior, um rei altivo, mas também grande parte ao longo da avenida, comparou Manuelle, sentindo-se ainda mais pequena. Não era de se desesperar sentir-se pequena, mas, se isso não bastasse, ela estava sozinha e desprotegida. Olhando uma última vez para cima, ela percebeu a parcial silhueta das indefiníveis antenas à luz do luar na margem do pináculo, junto às bandeiras que, com a ajuda do vento, acenavam para ela. Por fim, ela ficou zozna, sentindo o gosto azedo da vodca surgir novamente na língua.

555

560

565

Em um dos andares mais altos daquele prédio, Edward observava algumas pessoas que cruzavam espargidamente pela avenida com as costas clareadas pela luz que vinha do banheiro anexo ao quarto onde Cristiane enxaguava a escova dental. Mas nem forçando o olhar ele conseguiria distinguir quem andava pela calçada, até mesmo alguém lá embaixo que olhara algumas vezes para cima, certamente alguma garota indefesa, julgou ele pelos cabelos de Manuelle, sua desassistida filha, sendo ondulados pela brisa. Sentindo a nortada áspera soprar em seu rosto, ele olhou para o horizonte ainda mais escurecido pelas nuvens que antecipavam a chuva e bocejou de sono antes de entrar para dentro do quarto. Na cama, Cristiane já puxava o edredom sobre o corpo para aguardar a chegada do sono, totalmente despreocupada com o mundo lá de fora.

Lá embaixo, na rua escondida entre os prédios, Manuelle não imaginava que o amanhecer do próximo dia seria chuvoso porque o lugar onde ela estava não liberava visão para o horizonte, apenas para um asfalto escuro que oferecia a ela suas duas opções disponíveis; voltar ou seguir, ficar parada no meio caminho seria assomo indecisão e medo. Como muitos, ela era apenas alguém pobre e fraca sobrevivendo em meio uma selva de concreto cheia de humanos selvagens onde apenas os animais mais fortes chegam ao topo.

A competição de sons estava quase inaudível e os carros que passavam por ela, passavam ainda mais velozes. Não se via quase ninguém e as poucas pessoas que estavam ali se escondiam embaixo de jornais ou nos cantos opacos das edificações; senão, apenas a sombra ameaçadora deles por trás de algum muro ou contêiner de lixo onde buscavam a sobrevivência— na parte mais baixa de um mundo de aranha-céus sobrevivia a escória de uma sociedade formada por humanos perversos e segregantes. A velocidade dos carros pela avenida era perceptivelmente maior, como se fosse um aviso tácito dos motoristas às pessoas ingênuas que andavam pelas ruas para que elas também fossem ligeiras, espertas, e deixassem aquele lugar o mais rápido possível. Quando já estava próxima à perimetral, a poucas dezenas de metros de dois viadutos, um sobre o outro, que dava acesso a zona leste e oeste da cidade, Manuelle sentiu as pernas cansadas pela longa caminhada. Reconhecer que era o mesmo viaduto que levava ao shopping, o lugar onde se encontrou com Jasom pela primeira vez, fez ela sofrer os passos lentos, ficando parada com os olhos tristes na direção oposta de sua casa. Isso segundo o mapa da cidade que estudara na aula de geografia, ... ao lado de William.

William... Jasom... Toda e qualquer lembrança levava ela à culpa.

Olhando para o lado, ela viu uma parada de ônibus, e abaixo da cobertura de zinco, havia uma série de bancos de madeira cheios de jornais amassados, certamente deixados por algum mendigo assustado que correu dali quando ouviu a sirene de alguma viatura policial se aproximando. Um daqueles bancos foi para Manuelle como um leito pedido a Deus.

Estava esfriando, e ao sentar-se encolhida no banco, ela colocou os braços cruzados por dentro da blusa um pouco úmida pelo sereno da noite, almejando sua cama pequena e o calor do

510 cobertor antigo que preservava dia após dia o cheiro do xampu que
Jasom usava quando tinha os cabelos compridos. Sentiu saudade dele
— mais do jovem lépido e gracioso que ele era do que do homem
modesto e retraído que ele tinha se tornado. Além da saudade, ela
sentiu uma lancinante culpa por tudo o que tinha e estava
acontecendo. Se não tivesse feito nada, se não tivesse “ficado” com
William, um idiota bonitinho do primeiro ano que cantava *rap* de
boca aberta para mostrar um *piercing* atravessado na língua,
515 certamente estaria em casa, dormindo escondida de sua mãe com
Jasom no chão da cozinha, abaixo do cobertor que ela usava
preferencialmente para preservar ainda mais o cheiro adocicado do
seu namorado. Ao ponderar a distância de sua casa e do centro da
cidade, onde teria mais chance de haver alguém que pudesse ajudá-la,
520 ela sentiu o perigo real, iminente, e logo o medo uniu-se ao
arrependimento. Seus olhos tornaram-se úmidos, refletindo vaga e
soturnamente a luz mortiça das lâmpadas nos postes e prédios que
cortava a garoa. Abaixou a cabeça e apoiou a testa nos braços
cruzados, descansados sobre os joelhos escondidos dentro da blusa.
525 Mas antes que a primeira lágrima caísse, ela ouviu uma voz que vinha
de sua frente:

— Às vezes somos nós mesmos que nos colocamos em
situações embaraçosas. Mas isso é normal mesmo. Afinal de contas,
somos todos humanos.

530 Foi toda a suavidade daquela voz que evitou o espanto de
Manuelle. Tendo a vaga impressão de ter cochilado, ela levantou a
cabeça e percebeu que havia um homem parado entre o fim da
cobertura da “parada” e o meio-fio. A chuva que caía fina, tanto que
quase se confundia com uma nébula acinzentada, orvalhava suas
roupas formando uma visão um tanto fantasmagórica. Ele tinha o
535 aspecto bondoso de um homem de 50 anos com poucas rugas no
rosto aprazível e confiável, do tipo não desprovido de beleza que não
precisa abusar de garotinhas ingênuas para se obter prazer, o que
também ajudou a evitar o espanto de Manuelle. Estava vestido com
uma camisa amarronzada de botões metálicos colocada sob uma calça
540 bege, de sarja, presa com um cinto marrom que não combinava com
os sapatos pretos. Mas Manuelle estava tão tensa e cansada que não
percebeu nada além da expressão carismática dele, a expressão
confortante, de segurança, que ela precisava naquele momento; então,
sorriu para ele mesmo com um pouco de receio, pois ela, como todos

545 os monofóbicos, sempre teve mais medo da solidão do que qualquer outra coisa.

Por alguns segundos, ela estudou o meio sorriso conquistador do homem, e terminou sorrindo mais abertamente, o sorriso que foi como um convite para ele se aproximar e sentar-se ao seu lado. O que
550 ele fez sendo seguido pelo olhar azulado dela, brilhantes à luz mortiça das lâmpadas dos postes.

—Estou até um pouco curioso em saber o porquê uma garota como você está nesta situação. Não me parece uma indigente ou uma rebelde que vive fugindo de casa.

555 —Situação?

—Sim. Triste, sozinha, e pelo que parece, sem saber que caminho tomar. Um pouco difícil de entender, ou você não concorda comigo?— como um sábio, ele deu um tempo para estudar a expressão confusa dela, esperando por uma resposta que não houve—
560 Acho que nem mesmo você consegue entender isso.

Manuelle não foi mais que sensata em concordar com aquele estranho, e meneou levemente a cabeça.

—Briga com o namorado.— respondeu ela.

—Ah, bom. Vejo que agora não consegue entender o motivo.
565 — ele espreitou a expressão dela, pensando em alguma forma de tirar daquele rosto meigo a tristeza ou ao menos amenizar o repeso, a exulcerante sensação de desgosto— Mas independente de qual tenha sido o motivo da briga, lembre agora que você o ama. Talvez de uma forma diferente, mas o ama.

570 —E por que devo acreditar nisso agora?

Ele buscou com os olhos os olhos pensativos dela, colocando seu rosto frio em frente o rosto de Manuelle— Quem que por uma simples discussão se deprecia tanto se não estivesse amando?

575 Ela não conhecia a acepção do verbo citado, mas imaginava o que poderia significar, sabia a que ele se referia; imaginou seu próprio rosto pálido e triste se harmonizando com as roupas colegiais amarrotadas para formar o exemplo da auto-humilhação e do arrependimento, da pessoa ingênua que erra, reconhece o erro e se castiga da forma mais humilhante possível sabendo que de forma
580 alguma essa punição justificará ou reverterá seu erro. Depois da comparação, do reconhecimento, ela voltou à realidade; à rua sombria, sendo ela cercada pela segurança de um desconhecido.

Quem era aquele homem que com poucos argumentos

585

conseguiu de Manuelle sua confiança? Quem pode ter tanta facilidade em conquistar a confiança de uma pessoa amedrontada em plena madrugada, e em uma cidade onde o perigo não é novidade nem para a mais ingênua das crianças?

—Quem é você?— perguntou Manuelle, num insight repentino.

590

Ele sentiu a importância da pergunta e apurou-se no banco antes de responder, como se aquela pergunta o fizesse recordar-se de sua real identidade:

—Ninguém mais que um ajudante.— e formou um sorriso complacente.

595

—Ajudante?— Manuelle formou um semblante confuso. Colocou os braços aquecidos nas mangas da blusa, e empós, puxou-a para cima, destapando os joelhos para descer os pés no chão.

700

—Sabe qual é meu maior prazer? O que me faz sentir vivo? Sair à noite pelas ruas procurando ajudar pessoas como você, sozinhas...— ele deu uma pausa para um olhar sério, impedindo com a seriedade uma possível discordância dela, dominada de orgulho, e terminou dando ênfase na palavra— e tristes. É nas noites que estão perdidas as pessoas que mais precisam de ajuda.

705

—Estranho. E por que gosta disso?

Ele pareceu esmorecer diante à pergunta, como se novamente relembresse de alguma coisa. Mas logo formou um sorriso rápido, tentando disfarçar a hesitação e fugir das lembranças.

710

—Meu passado explica esse gosto estranho, talvez.— numa pausa, ele fitou o rosto de Manuelle e percebeu no seu olhar perguntativo que ela pedia mais detalhes— Um dia eu também precisei de ajuda. A ajuda específica, exata, que tardou em chegar, e quando chegou, eu estava bêbado, fugindo da chuva.— naquelas palavras, o homem sorriu rápido, com os olhos úmidos de quem tenta disfarçar a consternação— Mas mesmo bêbado, eu lembro muito bem da tempestade. Às vezes é estranho como as coisas, os acontecimentos, que parecem ser tão ruins, na verdade são bons. Nos levam a lugares que desejamos e devemos chegar mas que não sabemos qual é o caminho viável que nos levará aos nossos lugares. Há momentos em nossas vidas que estamos tão sozinhos que não sabemos para onde ir. Mas na verdade, nós nunca estamos sozinho. É nesses momentos que nós confundimos enleio com solidão e assim nos tornamos cegos. Não conseguimos ver que Deus está do nosso

720

lado, conduzindo-nos pelo caminho certo e nos livrando dos
725 problemas. É como se todos nós fôssemos como folhas secas caindo
de suas árvores e Deus fosse o vento suavemente nos empurrando em
direção ao lugar certo, ao nosso lugar; ao pedaço de chão que nós
seremos como fertilizantes indispensáveis e não como uma sujeira
incomodativa. Podemos também nos comparar com as árvores, só
não temos raízes. Porém, nós temos lugares, nossos lugares.

730 Manuelle interpretou muito bem as palavras daquele homem,
mas a impressão de que ele tergiversava com os próprios
pensamentos, medindo as palavras para não relatar uma verdade que
de alguma forma o decepcionava, fez ela ficar calada, imaginando o
735 que ele tinha feito de tão vergonhoso. Cada aspecto dele discordava
de outro, como alguém que mudara de vida, de personalidade. Tinha
uma voz suave e consolante que por vezes parecia ser ensaiada, como
de um filósofo velho que sofrera tanto na vida que perdera a graça
nas coisas comuns e então passa noites em pensamentos desalinhados
740 que psiquiatra nenhum consegue entender e que, para não perder o
paciente, diagnostica como depressão ou insanidade; na verdade não
se trata de depressão ou insanidade, é o simples amargor da vida.
Porém, havia algo de insano e depressivo nele que bem era
patenteado em seu rosto. Contudo, Manuelle não viu nele insanidade
alguma e sentiu uma segurança que nunca sentira antes, nem mesmo
745 próxima à sua mãe, que sempre fora de uma autenticidade ríspida e
nunca ensaiara bondade para agradar seus filhos. Talvez, quase que
certamente, aquela segurança toda fosse consequência do perigo que
amedrontava-a a cada segundo, enquanto passava o efeito da bebida e
abria os olhos para a realidade.

750 Numa pausa, enquanto olhava para frente, ela sentiu que os
olhos dele desceram para suas pernas compressas pala calça de
moletom, o que suscitou um pensamento equivocado. Aos olhos dela,
toda a imagem de bondade dele se desfez no mesmo átimo. Mas ela
olhou ao redor e sentiu-se sozinha, à mercê de uma única pessoa que
755 poderia ajudá-la. Então, voltou os olhos ao rosto dele encenando um
sorriso de desafio, se oferecendo, a expressão erótica de quem tem
medo mas não tem outra escolha.

—E você sabe do que eu preciso? Para onde devo ir?

760 Ele pareceu decepcionar-se com a atitude dela e ficou sério,
com um olhar frio que revelava zanga e decepção ao mesmo tempo;
mas, circunspecto, ele soube que tal atitude se tratava apenas de um

epifenômeno do medo que controlava a garota que estava ao seu lado.

—Ir para casa, para sua família.— ao ver a cabeça de Manuelle se abaixar pela vergonha, um gesto que tácita e sinceramente pedia desculpas, o homem concluiu— Mas não pode, não é?

A resposta dela foi um suspiro afirmativo e o homem olhou na direção oposta da rua. Os carros que se aproximavam ao longo da avenida desviavam de um táxi que estava parado a poucos metros da parada de ônibus, de onde um casal de gays desceu e logo entrou no vestibulo de um dos prédios que ladeavam compactamente a avenida. Quando o taxista colocou o carro em movimento, o homem saltou do banco e caminhou até próximo à rua, acenando com a mão. Segundos depois o táxi parou em sua frente e ele voltou-se com os olhos para Manuelle. Ela parecia confusa, não entendendo as intenções daquele estranho; se era para ele, para ela, ou para os dois entrarem no carro.

—Vá.— ele ordenou, sorrindo enquanto indicava a ela o táxi.

Antes que ela dissesse que estava sem dinheiro, ele, evitando presenciar outra vez o constrangimento, tirou do bolso da calça a carteira.

—Não se preocupe. Você fica devendo um favor a qualquer pessoa que precise de sua ajuda.

A hesitação de Manuelle foi rápida; em poucos segundos ela se levantou do banco e se aproximou do carro. Por um momento ela fitou aqueles olhos bondosos, procurando neles uma justificativa para tal ajuda. Mas não conseguiu denotar nada além do auxílio que ela precisava.

Numa ação conclusiva, o homem abriu a porta do táxi e em seguida Manuelle entrou no carro. Com um leve empurrão, ele fechou a porta quando ela acomodou-se na poltrona. Quando Manuelle abaixou o vidro da porta, o homem entregou a ela algumas notas de dinheiro.

—Agora você sabe para onde deve ir?

Aquela pergunta fora para Manuelle como um prólogo de um grande livro de lições de vida. Houve, então, um último olhar e um adeus gratífico, cheio de vontade de uma retribuição melhor.

Parado próximo à parada de ônibus, aquele estranho viu aos poucos o táxi se afastar. Quando o carro girou os pneus para virar na esquina de acesso à avenida perimetral por sobre o viaduto, o taxistas pisou no freio e quando o carro parou em meio a rua, ele chamou o homem com um aceno esticando o braço para fora do vidro. Menos

de um minuto depois, o homem estava lá, olhando outra vez para os olhos meigos de Manuelle enquanto esperava ouvir dela uma explicação.

—Você não quis saber nem ao menos o meu nome, mas eu quero saber quem é você.— disse ela.

Manuelle já havia anotado no verso do cartão do taxista o nome e o número de seu telefone, e logo entregou ao homem que se postava hesitante ao lado do carro. Houve uma última troca de olhares, e em seguida, ao ouvir a ordem, o taxista embreou a primeira marcha e deu movimento ao carro.

—Obrigado.— agradeceu Manuelle, entregando a caneta ao motorista, que sem girar o pescoço, esticou o braço por cima do ombro e a apanhou.

—Às vezes um simples gesto ou decisão pode ser o caminho para nossa felicidade ou para nossa degradação. Nunca me culpe por ter esta caneta e emprestá-la a você.— falou ele, olhando nos olhos de Manuelle sendo refletidos no espelho retrovisor do carro, onde um pêndulo dourado oscilava um crucifixo de prata.

Mesmo confusa, ela não interrogou e nem ao menos ponderou o significado daquelas palavras, o que realmente ele estava querendo explicar.

Minutos depois, quando ia se afastar do carro estacionado em frente sua casa, Manuelle surpreendeu-se com tamanha honestidade do motorista quando ele chamou-a para entregar-lhe o troco. Segurando o dinheiro em meio a rua, ela viu o táxi desaparecer ao dobrar na curva de acesso ao asfalto.

Com os cadernos novamente em mãos, ela retirou do estojo as chaves da porta. Apesar do ruído causado ao abrir a porta, Júlia não despertou de seu sono e Manuelle sentiu uma pontada de remorso ao ver junto aos enrugados braços de sua mãe sua antiga bíblia aberta sobre a barriga. Aquele sentimento corrosivo de culpa aumentou ainda mais ao ver no quarto ao lado seu irmão dormir vestido com uma calça velha, uma das poucas que tinha e que usava tanto para trabalhar quanto para sair aos fim de semana pelo bairros pobres onde não era reparado e criticado pelas roupas que usava.

Naquele momento, ela sentiu-se obrigada a acordar sua mãe para avisá-la de sua chegada.

Todo o mês de maio fora angustiante para Jasom, como se um

340 dardo de aflição pungisse seus instintos a cada segundo, incitando-o, fazendo-o caminhar até o telefone. Mas embora sentisse saudades de Manuelle, das noites em que ambos ficavam abraçados em frente a TV, cingidos pela ardência do desejo impossibilitado pela presença de Júlia no sofá ao lado, ou de olhos na TV enquanto lavava louças na cozinha, ou que poderia também estar em sua cadeira dançando as agulhas de tricô entre os dedos enquanto analisava-os com olhos repreensivos, ele não queria passar pela humilhação de ligar para ela pedindo desculpas. Afinal de contas, fora ela a principal, a única culpada por tudo o que tinha acontecido.

350 A alguns quilômetros do quarto de aflição de Jasom, Manuelle sentia a mesma coisa; o mesmo sentimento asfíxico fazia ela caminhar até o telefone, onde a altivez ressurgia fazendo-a recolocar o auscultador no gancho.

355 Já se completava quase trinta dias que eles tinham brigado, e em seu quarto, Jasom mitigava a saudade ouvindo uma coletânea de rock. A faixa número três do CD ribombava nos cantos do quarto em alta madrugada, fazendo tremer os vidros da janela e a porta encostada no marco. Monkey Bussinness, do Skid Row, tocava num volume estonteante e Jasom sacudia lenta e rabiosamente a cabeça, formando uma expressão de raiva enquanto mantinha os olhos fechados, forçando-se a acreditar que era o mesmo garoto insurgente de antes. Porém, seus cabelos curtos mal tocavam a testa. A expressão raivosa em seu rosto assemelhava-se à expressão de um autêntico deus do rock arrebatado sobre um palco em frente uma
360 multidão de milhares de pessoas que o acompanhavam com as mãos para o alto, formando em conjunto a cediça onda de mãos que empolga qualquer artista. Mas aquela expressão foi cerrada quando a faixa seguinte começou distorcer-se nos alto-falantes; Bad, do U2, era a música que Jasom acreditava ser a mais melancólica de todas as músicas. Em seguida, seu olhos se abriram e ele viu sobre a cama desarrumada seu celular indicando 1 hora e 54 minutos. Seu cenho, então, entristeceu-se num átimo de lembrança. Uma agulhada de saudade fez ele abaixar o volume do som, diminuindo ribombância que dominava os compartimentos da casa, mesmo estando com a porta do quarto fechada. Enquanto a música tocava baixa, ele relia no celular as mensagens que Manuelle assiduamente o enviava. Eram mensagens de carinho e de amor que muitas vezes ele achava supérfluas e sequer respondia com uma outra mensagem. Agora,

380 todas elas pareciam ser importantes e enigmáticas e ele as relia com
cuidado, várias vezes, observando os pontos, as vírgulas, a
sinalização correta, típico de garota inteligente e presunçosa, dando
385 vestígio ao medo de que ele viesse a interpretar mal alguma das
mensagem. Às vezes, quando relia alguma mensagem de brincadeiras
lascivas, ele sorria sem perceber que os olhos se umedeciam, e
quando percebia que estava sorrindo, os lábios se fechavam. A voz do
Bono distorcia cada vez mais enfática e melancólica, dando vida à
música, e os olhos de Jasom se umedeciam ainda mais enquanto os
dedos discavam os números no telefone.

390 A lâmpada do quarto há horas estava acesa sobre a palpável
aflição, estando ela impregnada num corpo seminu deitado na cama;
uma visível aura de tensão e impaciência pairava sobre o corpo
inquieto. O olor irrecusável do colchão era motivo de lembranças; a
395 camisola salmão transparente— que comprara em uma *sex shop*, as
escusas, sem que sua mãe ficasse sabendo— dentro do armário que
estava de portas abertas para a cama, era motivo de saudade. No
espelho que completava parte de uma das portas do roupeiro, via-se,
no reflexo, que os olhos estavam rubificados pela lembrança e pelo
arrependimento; a incompreensível consequência de um erro
000 incontestável, mas inadmissível para o errante, restringida no peito
pelo próprio orgulho. Sofrendo por ser orgulhosa como o pai,
Manuelle segurava o celular entre os seios quando ele trepidou às
duas horas da manhã. Ao reconhecer o tom musical selecionado para
as chamadas recebidas do celular de Jasom, ela sorriu e sentou-se no
005 colchão. O ranger das pernas lassas da cama sobre o assoalho de
madeira despertou Reginaldo que, no quarto ao lado, cochilava ao
som de um rádio à pilha colocado sobre a cômoda, bem próximo ao
ouvido. Certificando o nome de Jasom piscando no visor do celular,
ela esperou alguns segundos para atender a chamada, encenando uma
voz suave e despreocupada como se estivesse acordando de um sono:

—Alô.

010 —Oi.— a resposta de Jasom soou meio desenxabida no outro
lado da linha.

—O que você quer?— foi a voz amena de Manuelle,
015 discordante da aspereza da pergunta, que fez com que Jasom não
desligasse o telefone.

—Quero saber de você.

—Eu estou bem.

—Estava dormindo?

020 —Não.— respondeu ela, encenando um bocejo que insinuasse mentira— Como você está?

—Sem sono.

—Eu sirvo apenas para completar seu vazio? Os momentos em que está desocupado?

025 —Eu não falei isso.

—Indiretamente, me parece que sim.

—Questão de ponderação pelas palavras e de semântica.

Ouvindo as palavras de Jasom, Manuelle crespiu a testa confusa—Quê *cê* falou?

030 Ele sorriu imaginando a expressão confusa de Manuelle, a expressão da qual tanto sentia saudade.— Apenas uma palavra para acordar você.

Por um momento houve uma pausa mútua com o suspiro leve soprando o telefone. Mas logo Manuelle reiniciou num tom de desconfiança:

035 —Está escutando música a esta hora?

—Estou em “treinamento”.

—Como treinamento?

—Me chamaram pra banda.— mentiu Jasom.

040 —Ah, que legal pra você. Afinal, este é seu sonho.

—Meu sonho? Não.

—Não?

—Não. A banda é minha segunda opção.

—E qual é a primeira?

045 —Você. Você se tornou meu sonho.— Jasom sentiu os olhos repletos de lágrimas, ouvindo Dreamer, do Ozzy, soar brandamente nos cantos do quarto.

Manuelle se esforçou para controlar a felicidade e Jasom não ouviu seu riso. Mesmo com lágrimas deslizando pela face, ela, sensibilizada, não se entregou, usando de sua fraca filosofia como resistência:

050 —Nós plantamos nosso próprio fruto, Jasom.

—Mas agora que o terreno está *baldio*, por que não recomeçar?

—Então... recomece.

055 No silêncio, Manuelle sentiu ele engolir em seco, o orgulho pugnando contra o desabafo; a súplica pela remissão de um erro que

não ele aceitava, sendo subjugado pela saudade.

—Recomece, Jasom.

Alguns segundos de hesitação, com os dedos pressionando levemente a ponta do nariz, e em seguida a rendição forçada:

—Me... você me perdoa pelo...?

Ela soube que ele não terminaria e indagou como resposta à sua pergunta não concluída:

—Você acreditava quando lhe dizia que eu te amava?

Jasom não respondeu a pergunta que mais se parecia um sermão que não queria escutar, não naquele momento em que o orgulho se partira em vários pedaços dentro do peito, pungindo o coração e a mente a ponto de sentir vontade de desligar o telefone; simplesmente abaixou a cabeça agindo como um garotinho marroaz submetido aos conselhos de uma mãe severa.

—Acreditou quando lhe disse que quando há amor também há perdão? ... Pois é, eu estava sendo sincera.

—Então, qual é a sua resposta?

Ela suspirou ao perceber que ele não tinha compreendido muito bem suas palavras e concluiu:

—Venha aqui amanhã e ouve.

Logo após encerrar subitamente a ligação, Manuelle descansou a cabeça na almofada e adormeceu sorrindo, certa de que no outro dia Jasom bateria à sua porta.

Era tarde de sábado quando Jasom chegou à casa da Manuelle. Depois de uma rápida olhada através de uma frincha na janela, percebendo que de nervoso Jasom esfregava uma mão sobre a outra de frente para a porta, ela aspirou e espirou lentamente ar aos pulmões antes de girar o trinco e abrir a porta encenando uma inconsideração com um olhar indiferente, como se a chegada dele fosse mais um incômodo do que uma surpresa. Diante tanta neutralidade, Jasom abaixou os olhos para o chão e entrou, caminhando diretamente até a sala e sentando-se no sofá que ficava de costas para a janela. Dali se ouvia o vento brando, lá fora, farfalhar poeticamente nos galhos das árvores. Junto com o ar que entrava pelas frestas entre as tábuas que formavam a parede da sala e do quarto de Manuelle, entrava uma fina camada de poeira que embaciava o espaço entre a sala e a cozinha, se tornando ainda mais visível por onde entrava a claridade do Sol que se deitava

mansamente no horizonte e zebra o espaço entre a sala e a cozinha.

000 A conversa daquela tarde foi concisa e o recomeço foi sem qualquer dissensão, pois ela, oportunista, aplicava-lhe as regras, e ele, irresistente pela pressa, concordava com um sorriso sem ao menos pensar direito no assunto. Tudo se alinhava de acordo com a paixão que pulsava no intrínseco de cada um, com a ajuda da pressa adurente que queimava-lhes em forma de desejos. Minutos depois estavam os dois sobre a cama em meio o quarto cheirando a perfume e suor em meio partículas de poeira que ondulavam sobre a cama; as mãos trêmulas deslizando carinhosamente sobre os corpos e os olhos de um estudando a expressão do outro enquanto ambos tentavam compreender o porquê eram tão facilmente conduzidos pelo desejo. Num instante, olhando nos olhos azuis mais apaixonantes do mundo, Jasom lembrou das mensagens no celular de Manuelle e sentiu-se coarctado, sendo oprimido pelo próprio medo e ciúme, um sentimento pugnando contra o outro. Na impressão de que ela tinha percebido na mudança de expressão o que ele estava sentindo ou pensando, a lembrança que o deixou abruptamente inseguro, ele sorriu disfarçado, tentando fugir dos pensamentos e do medo de realmente estar sendo traído.

010 Mas antes que ele pensasse em alguma palavra, ela o interrompeu:

—O que foi?

020 A voz carinhosamente sussurrada dela era atenuante, e ele sorriu de novo antes de responder:— Nada. Estava pensando distante.

Ela franziu a testa, se mostrando curiosa.

—O que você acha de eu retornar à banda?

025 A mão resvalando pela barriga perfeitamente transpirada dela era uma encenação, como se ele estivesse seduzindo-a com carinhos para então convencê-la de uma coisa que ele mesmo sabia que era uma mentira para provocar ciúmes.

Ela soprou ar pela boca e empurrou a mão dele, encenando estar acreditando naquela história.— Uma burrice.

—Burrice?

030 —Uma burrice inconveniente. Primeiro porque que minha mãe não iria gostar nada disso, e segundo que...— ela rapidamente olhou nos olhos dele antes de terminar— isso realmente é motivo de ciúmes.

Jasom estudou a perfeita encenação de ciúme de Manuelle—

035 no fundo ela sabia que toda aquela história de retorno à banda era apenas uma mentirinha ousada de seu inseguro namorado para provocar seu desconforto— e sorriu, levantando-se e abraçando-a, sentindo os bicos dos seios dela tocar gentilmente seu peito.

—Tudo bem, Manu, você é meu primeiro plano. Já disse isso.

040 —O mal é eficiente e não aceita perder uma competição. Porém, ele prefere os fortes, pois os fracos ele já tem em suas garras. O mal é invasivo e por qualquer frincha ele pode entrar. Por isso precisamos de um escudo infalível e impenetrável; hermético. Quem
045 pode ser este sólido escudo? Deus! Mas para conseguir este escudo, temos que procurar um caminho viável, o caminho próprio para chegarmos até Ele. O caminho do bem. Isso porque no obscuro das ruas não temos Deus antes de encontrarmos o elo que nos prenderá inseparavelmente a Ele. Qual é esse caminho viável? Quem é esse
050 elo? A igreja, *oras!* E qual é a maneira de chegarmos à igreja? Deus. É difícil compreender o que quero expor, mas entenderá aqueles que acreditam nos apotegmas que relatam que Deus é a resposta para todas as perguntas. Mas também pode estar certo quem acredita que a fé surge nos momentos mais oportunos, nos momentos em que nós nos vemos literalmente sem saída. Agora digam-me; somos intocáveis? Não! Somos frágeis apesar de sermos os mais fortes, somos vulneráveis e por isso temos que nos esconder atrás deste escudo sobrenatural. É claro que Deus sempre está do nosso lado, como um pai protegendo um filho. Mas se nós não acreditarmos
055 Nele, Ele não terá muitas chances de nos ajudar; se tornará um pai desiludido e decepcionado para com o filho que tanto ama. É como se nós segurássemos um escudo invisível em nosso braço; se não alçarmos em nossa frente, acreditando Nele, protegendo nosso corpo e espírito contra o mal que arremete contra nós, esse escudo será uma proteção improficua. Mas se nós erguemos em frente nosso corpo, mesmo não conseguindo ver esse escudo, nada poderá nos atingir. Seremos inatingível.— a essa altura, enquanto palestrava, o pastor segurava uma Bíblia aberta sobre as mãos estendidas em direção a porta da igreja, numa referência explícita de onde se encontra o mal e por onde os contritos entram e os fracos saem. Numa rápida
060 lembrança, veio à sua mente a imagem do cartão com um número de telefone que estava sobre sua cama— Há anos eu palestro nesta igreja e há anos coloco o peso de meus temores e fraquezas sobre ela. Devo
065
070

075 tudo a ela, todas as vitórias e toda a resistência aos insucessos—
naquele momento, os ortodoxos sentiram um certo desconforto e
insegurança nas palavras do pastor, que ameaçava chorar segurando a
Bíblia— Mas não, ele não pode!!! Eu estou segurando meu escudo
em frente o meu ser e todos vocês devem fazer o mesmo. Se proteger
do inimigo! Ele não pode nos dominar. O sangue, o amor de Jesus
080 nos protege. Digam em voz alta o nome de nosso Santo escudo.
Vamos! Exclamem o nome Dele.— num coro, todos os fiéis
pronunciaram no nome de Jesus Cristo e o pastor fechou os olhos
para concluir com a voz branda— Amém!

085 Com a expressão contraída, o pastor ouviu os fiéis repetirem
sua última palavra num segundo coro. Sua última prédica foi tão
forte em sentimento que, enxugando o rosto molhado de lágrimas
com a manga do roquete alvo, que usava tradicionalmente em todas
as palestras para atribuir a ele uma imagem profética, ele se retirou
090 inopinadamente da igreja, antecipando o fim da palestra sem nem ao
menos ouvir o encômio dos fiéis a seu favor. Em questão de
segundos, todo o encômio se converteu em cochichos espantados em
relação a atitude do pastor que desaparecera na opacidade da rua.

095 Inclínados sobre o recosto do sofá, que estava desgastado pelo
tempo de uso, Manuelle e Jasom viam o final de um filme em um
aparelho de DVD barato que Júlia comprara em uma loja de artigos
usados. Com a cabeça apoiada no peito dele, sentindo o pulsar
compassado de seu coração, ela resvalou as mãos pelo rosto.
100 Levantou-se ao sentir a pele ressecada pela maquiagem que há horas
embelezava sua expressão apática. Mesmo percebendo que ela não
tinha gostado do filme que ele indicara tão insistentemente na
locadora, Jasom não questionou e continuou concentrado, sem
desviar os olhos da tevê enquanto Manuelle passava pela porta do
quarto olhando para seu rosto, onde o desdém, causado pela decepção
105 de ela não ter gostado do filme, se confundia com concentração.

No quarto, em frente o espelho, Manuelle começava a limpar o
rosto com um tecido umedecido com leite de colônia. O gaze caiu no
chão no momento em que ouviu o celular trepidar ao lado de um
abajur velho sobre a cômoda. Sua expressão, primeiramente curiosa,
110 ficou surpresa ao ler a mensagem recebida:

*“Ñ consigo parar d pensar em vc, c está bem ou c precisa de alguma
ajuda, d alguém p/ lhe fazer carinho.”*

15 Ela leu a mensagem e continuou a limpar a maquiagem que incomodava a pele, sempre imaginando quem poderia ter enviado tal mensagem. Descartou todas as hipóteses de ser William, pois não era seu número e também não era seu estilo de enviar mensagem. Minutos depois, o batom pintou a ponta do nariz pelo choque causado pela lembrança.

Não pode ser ele. É... é muito estranho.

20 Depois de alguns minutos, com o rosto novamente maquilado, ela fechou sua pequena caixa de produtos de embelezamento para voltar à sala. Quando já se aproximava da porta, ela ouviu outra vez o telefone trepidar sobre a cômoda. Pelo espaço entre a porta e o marco, ela observou Jasom concentrado no filme. Voltou para a frente do espelho e apanhou o telefone.

25 *“C precisar d algo, me dê 1 tok que eu t ligo.”*

Após ler essa mensagem, ela discou o número de retorno e esperou dar um único toque. Desligou e deixou o telefone sobre a cama antes de voltar para a sala e deitar-se ao lado de seu namorado.

30 —Uau! Será que mereço tudo isso?— perguntou Jasom, contemplando a beleza dela e sentindo o aroma adocicado do perfume em seu pescoço.

—Merece muito mais.

35 Com um sorriso, ela colocou-se sentada entre as pernas abertas dele. Ele devolveu o sorriso. Acomodou o corpo no sofá e olhou para a TV, vendo os créditos finais do filme.

40 Já estava noite e Júlia, precavida, correu para fechar as janelas para impedir a entrada do vento frio que antecipava a chuva, repletando o ar de poeira e folhas secas. Vendo o bairro obumbrado pelas nuvens, ela fechou a porta e correu para a cozinha. Abriu uma das gavetas de um armário pequeno e retirou do fundo um pacote de velas. No exato momento em que ela acendeu uma das velas sobre um pires, as luzes se apagaram concomitante a um forte relâmpago que ribombou nos céus da cidade, deixando claro que a chuva estava se aproximando. Sob o vislumbre da vela na sala, Júlia percebeu que Manuelle e Jasom dormiam abraçados sobre o sofá, ambos cobertos por um grande edredom cinza que tocava o assoalho. Naquele momento, na lembrança e na comparação com os traços no rosto de sua filha, ela imaginou o que estaria fazendo o homem por quem ainda sentia saudade.

50 *Temos que arrostar esse problema. Quero que tenha esse*

bebê, Júlia, mesmo separados amaremos ele.

Júlia entristeceu o cenho e desceu o olhar para o assoalho.

155 Na sala, o braço dormente sob o corpo de Manuelle fez Jasom inconscientemente resmungar o incômodo, virando o corpo de um lado para o outro do sofá. De sono leve, ela abriu os olhos e se levantou, tomando todo o cuidado ao recobrir o corpo de Jasom com o edredom para que ele não acordasse, e em seguida saiu a passos cuidadosos da sala, procurando não causar ruídos no assoalho de
160 madeira. Quando estava entre a sala e a cozinha, um relâmpago assustou-a e as luzes da cozinha e do banheiro se acenderam novamente.

165 Sentada em uma cadeira destingida próxima ao fogão, Júlia esperava o momento certo para colocar as panelas sobre mesa. Direccionava um olhar acabrunhado para a luz da vela debilitada pela luz da lâmpada— a vela derretia poeticamente, como se estivesse chorando suas lágrimas imaculadas pela melancolia proporcionada pelo vento ou sentindo-se inútil pela claridade da lâmpada sobranceira.

170 —No que está pensando?— perguntou Manuelle, puxando uma cadeira para sentar-se ao lado da mesa.

Júlia não respondeu. Levantou a cabeça e olhou para o relógio sobre a geladeira, como se a pergunta de Manuelle tivesse despertado-a para a realidade. Suspirou de um jeito preocupado e
175 olhou para o pouco de água que entrava pela abertura embaixo da porta.

—Ele deve *tá* chegando.— sugeriu Manuelle, como se a soturna reação de Júlia fosse a resposta para a sua pergunta.

180 O vento continuava a soprar forte nos ares, sempre mais intenso e assustador. Além do vento, a chuva trouxe consigo pequenos granizos, mas o suficiente para causar um barulho mórbido e irritante no telhado coberto de zinco sobre a cozinha e a sala, pois grande parte da casa era coberta por um toldo escuro que ameaçava desprender-se a cada lufada do vento. Para muitos, aquele clima era,
185 de uma forma estranha, muito estranha, satisfatório. Talvez seria o clima perfeito para uma noite de sono, para a concentração em uma leitura dramática, para um filme de suspense ou para a inspiração de algum escritor melancólico. Mas para Júlia, aquilo tudo somado à demora de seu filho, era um incessante pesadelo. Quando voltou a observar preocupada a água que entrava pela fenda abaixo da porta,
190

ela ouviu novamente:

—Ele deve estar chegando, mãe. Não se preocupe.

195 Manuelle encenava um curto sorriso que serviu de consolo para Júlia. Pouco tempo depois de ouvir aquelas palavras, Júlia abriu a porta para seu filho. Com os cabelos desencrespados pela água, Reginaldo soltou o cadaço dos tênis encharcados.

—Cheguei!— anunciou sorrindo, enquanto retirava um tênis pressionando o calcanhar desse com a ponta do outro pé— E pelo visto, não preciso de outro banho.

200 Despreocupada, Júlia correu para desligar as válvulas do fogão com a janta já pronta e Reginaldo entrou e foi para o banheiro secar-se do “banho”.

—Chame o Jasom.— pediu Júlia, relanceando um olhar para Manuelle, que pestanejou e em seguida entrou no quarto.

205 Dentro do quarto, ela pressionou o interruptor. A lâmpada cintilou algumas vezes e se apagou queimada.

—Droga!— praguejou, reabrindo a porta que acabara de fechar para entrar um pouco da claridade que vinha da cozinha.

210 Aproximando-se da cama, ela apalpou o lençol até encontrar o telefone. Não muito tempo depois de ligar o aparelho, o visor cintilou indicando: “3 mensagens recebidas”. Sentou-se na cama e sorriu quando leu a primeira das mensagens, que continha contentamento e desopressão em uma única e pequena frase: “É bom saber q lembra d mim”. Já na segunda mensagem havia algo de capcioso e revelava uma certa insegurança, dando a impressão de que ele ficara o tempo todo olhando para o visor do telefone à espera de alguma resposta à primeira mensagem: “Até imagino seu rosto. Deve estar dormindo como uma princesa”. A terceira e última mensagem fez ela soltar um sorriso baixo, certa de que àquela altura a aflição recrudescera em um alguém transtornado: “Desculpe por chateá-la, sou mesmo 1 chato”.

220 Depois de ler a última mensagem, ela inclinou-se para frente e olhou nos olhos de Jasom entre uma abertura na parede, certificando se ele ainda estava dormindo, e logo discou os números de retorno. Não demorou muito para que alguém atendesse a chamada, como se esse “alguém” estivesse esperando impaciente pela ligação.

—Alô.— soou a voz branda e controlada de um homem.

225 —Oi. Estou te ligando...— Manuelle pressionou a testa com a ponta dos dedos, ponderando as próximas palavras, as palavras nas

230 quais deveria ter ponderado antes de efetuar a ligação— é que você me mandou umas mensagens...

—Desculpe se estou te incomodando.— disse o homem, sentindo na fragilidade da voz de Manuelle o receio que a inibia de ser mais direta— Não farei novamente.

235 —Não é isso. Só acho isso um pouco estranho.

—Eu sei. É muito estranho da minha parte ficar ligando para seu telefone.— a voz do homem foi baixa, tímida e demonstrava sua total reflexão, como se nem mesmo ele compreendesse o que estava acontecendo ou o que estava sentindo, se perguntando o porquê do que estava fazendo— E então, como está, parece frágil pelo tom de voz?

—Estou gripada.

—Que pena. E não há ninguém aí para cuidar de você?

—Meu namorado.

245 A resposta de Manuelle foi rápida e evasiva.

Ao ouvir, o homem soltou o ar preso nos pulmões, como se aquela notícia fosse tão lancinante como se ficasse sabendo de que uma doença grave fosse matá-lo em poucos dias, como se o que estivesse sentindo fosse matá-lo asfixiado a qualquer momento.

250 —Agora escuta— continuou Manuelle— Você não ficaria chateado se te pedisse algo? Ficaria?

—Não. De forma alguma.

—É que...,— ela deu uma pausa, procurando ser cautelosa para não suscetibilizar aquele homem; teve até a estranha certeza de que ele estava sentindo o que realmente estava sentindo por ela— Lembra de quando disse que tinha brigado com meu namorado?

—Continue.

—O motivo foi umas mensagens que ele encontrou em meu celular, mensagens de um amigo meu, entende?

260 —Sim.— a resposta do homem soou em tom perguntativo e receoso e Manuelle soube que teria que ser mais explícita.

—Por isso seria melhor se não me ligasse, quer dizer, não me enviasse mensagens. Isso pode criar problemas para mim.

265 —Tudo bem. Sem problemas. Eu até reconheço.— disse o homem, a voz soando constrangida no telefone— Então... então tchau.

Depois de jogar o telefone sobre a cama, Manuelle sentiu-se um tanto culpada por ter agido de tal forma com o homem que um

270 dia, literalmente, tirou-lhe de uma situação aziaga e perigosa que ela mesma se colocara por nescidade.

Voltando à sala, ela sacudiu levemente o ombro de Jasom e ele sonolento abriu os olhos. Minutos depois, todos conversavam e sorriam ao lado da mesa fumegada pela comida quente, jantando ao som acroamático da chuva batendo no telhado.

275 Na madrugada chuvosa daquela noite, um homem dormia sozinho sobre sua cama no âmago de um quarto espaçoso e solitário. O vento entrava pela janela aberta e oscilava a longa cortina que tocava parte do carpete próximo à janela, a parte que estava totalmente ensopada pela água da chuva que descia aos poucos pela cortina. Inquieto, o homem se movimentava sobre a colcha umedecida pelo suor que escorria das pernas, do peito, das costas e da testa. O corpo todo se contorcia pelo tormento.

285 —O que deve estar acontecendo comigo? Não posso fazer isto. Será que sou tão... tão fraco.

Resmoneando com olhos fechados, suas palavras pareciam provir de seu subconsciente, e em seu rosto as lágrimas eram evidentes em meio o suor, tão evidentes quanto os restos do celular quebrado brilhando a cada relâmpago sobre o carpete.

290 *Quem era esse homem e o que o deixava perturbado? Qual era seu pesadelo? Seu medo? O que ele não podia fazer que até mesmo ele reconhecia e classificava como um erro? E por que ele pensava em fazer?*

295 Um dia viria a resposta para tudo; o resultado. Porém, tão chocante resultado não terá uma explicação que sirva de justificativa. A *dialética*, então, será descartada em todas as mentes quando sobrevir esse acontecimento.

300 O mês de julho, igual ao mês de junho, passou tão rápido e despercebido quanto uma mágica muito bem elaborada pelo tempo; ninguém percebe como passa e nem lembra do que aconteceu durante esse lapso. Para Manuelle e seu namorado, foi o mês de retorno para suas fantasias, fantasias cegantes de que o mundo se resumia apenas no aconchego dos braços brandiosos um do outro. No dia 12 do mês de agosto Jasom completou 20 anos e para a uma singela comemoração, Júlia e Manuelle prepararam uma pequena surpresa. De presente ele ganhou um relógio de Manuelle e uma camisa gola V

310 de Júlia, além de um bolo coberto com glacê de chocolate com duas
velas que juntas formavam o número 20 sobre uma cremosa camada
de chocolate e uma sumosa compota de abóbora circundada de
brigadeiros brancos. O sorriso de Jasom foi instantaneamente cerrado
pelo desapontamento ao abrir o invólucro do presente que ganhou de
Manuelle; se tratava de uma bijuteria das mais ordinárias, menos
315 valiosa que um CD pirata riscado de um músico sem o mínimo de
talento. Mas seu sorriso se abriu gratífico quando olhou ao redor e
ponderou a situação precária pela qual se passava a família de sua
namorada, aquela que jurava que o amava. Olhou para Manuelle,
percebendo que ela ameaçava chorar em sua frente, como se já
320 imaginasse a ponderação dele, e agradeceu o presente ampliando o
sorriso, seguido de um ósculo na face dela. Ao abraçá-la, ele sentiu
que o amor por ela subsistia cada dia que passasse com mais
intensidade e que a retribuição dela era seu melhor presente. Olhando
para o relógio, ele prometeu a si mesmo que iria fazer daquela
325 simples imagem a prova de sua gratidão e de seu amor. Não sabia
como, mas faria. Aquele fútil objeto foi escondido como um relicário
em uma cômoda, e sempre que Manuelle perguntava o porquê ele não
usava, ele respondia consoladamente que não se acostumava com
objetos em seu corpo, pois nunca antes usou relógios ou qualquer
outro tipo de objeto. Por outro lado ele estava sendo sincero.

330 Houve um certo dia em que ele a convidou para almoçar em
sua casa, e quando estavam em seu quarto, ele premeditadamente
abriu a gaveta do armário e ela sorriu ao avistar a embalagem já
aberta, e dentro dela, o relógio plúmbeo brilhando entre os mesmos
confetes verdes que ela tinha colocado.

335 —Vai ser a capa do meu primeiro trabalho.— disse ele, cheio
de convicção e esperança.

—Você está se referindo a um disco?

340 —Literalmente, sim.— respondeu ele, e logo após sorriu,
percebendo a contração do cenho de sua namorada numa insinuação
repreensiva.

—Não gostaria de *me* casar com um cantor.

—Qual o problema?

—Eles são sempre muito assediados.

345 Cristiane revirava as últimas correspondências enquanto
Edward segurava um caneco de café sentado no sofá da sala. Ele

350 mantinha os pés sobrepostos num pufe tufado e seu olhar se mantinha desinteressado na tevê onde um canal de notícias referentes à economia era transmitido apenas para quebrar o silêncio do apartamento. Com o quadril apoiado na mesa, Cristiane, por vezes, relanceava um olhar investigante ao marido, estudando seu semblante alheado e a xícara de café arrefecido em suas mãos. Ele olhava diretamente para a tela da tevê, mas seus olhos parados, absortos em pensamentos, denotavam sua falta de atenção, uma desatenção nos
355 assuntos que normalmente seriam de seu interesse que deixava qualquer um ainda mais preocupado ao vê-lo desligar o televisor e, de forma impaciente, jogar o controle remoto em cima do outro sofá.

—Precisa acabar com este vício ou conter este seu ódio pela monotonia.— sugeriu Cristiane, se aproximando com alguns papéis em mãos.— É totalmente discordante.
360

Edward direcionou um olhar confuso antes de se levantar do sofá.

—Pra você, Ed, monotonia é ter de ficar em casa, mas também é um achaque ter sua profissão em primeiro plano. Todas as pessoas precisam de uma vida, não fazer da vida um trabalho.
365

—Dá pra falar na minha língua?

—Tem que se acostumar em ficar em casa nos tempos vagos sem nesse tempo se preocupar com a Meisinger. Viver em casa, Ed, não fingir que vive. Mas pelo visto isso é um tanto difícil pra você.
370

—Não me preocupo tanto com a empresa.— asseverou ele, aproximando-se da esposa.

—Será mesmo?— Cristiane relanceou um olhar conclusivo para a pequena mesa onde sobre ela havia um aglomerado de revistas relacionadas à economia; de forma única, tudo relacionado ao dinheiro.— Alguma delas cita o nome da Meisinger?— completou ela, voltando um segundo olhar rápido para as revistas que Edward folhara antes de ligar a tevê; na capa de uma delas estava o nome da Meisinger Multimídia destacado em preto.
375

Ele seguiu o olhar dela e sorriu, sentido-se engraçadamente um monomaniaco retraído.— Muito engraçadinha.— disse.
380

Cristiane menosprezou-o com um olhar que continha donaire e humilhação; o olhar orgulhoso de quem sai vencendo num debate. Dando de ombros, ela se afastou para a cozinha, enquanto ele, depois de soprar ar pela boca, vencido pela verdade, voltou para a sala. Quando o corpo de Edward caiu para descansar sobre o sofá, ele
385

ouviu uma voz cheia de surpresa vinda da cozinha onde sua esposa sorria com os olhos vidrados em uma correspondência prateada.

—Deus! Eu não acredito!

Edward levantou-se do sofá e caminhou até a cozinha.

—O que houve, Cris?

—Olhe?!— ela exibia uma carta aberta aos olhos dele, uma espécie de convite em modelo antigo— É um convite, e é para o casamento de Bruna. Ela e Clark vão se casar, Ed.

Ao ouvir aquelas palavras e da boca sorridente de sua esposa, Edward sentiu-se enraivecido; sua esposa, a mulher a quem ele tanto amava, se felicitando com o casamento de seu único inimigo.

—Droga, Cris! Você está conversando com aquela...

—Faça-me o favor, Ed!— retrucou ela, cerrando a surpresa para voltar um olhar zangado aos olhos dele— Sua “briguinha” com Clark não tem direito algum de impedir minha amizade com Bruna. É totalmente adverso, ridículo e infantil pra ser sincera.

—Como?

—Está se comportando como um menino birrento. Aposto que Clark não tentou impedir que Bruna nos convidasse. Pelo menos nisso eu acredito que ele está sendo mais maduro que você, Ed.

Edward se calou, mas sua expressão não demonstrava o mínimo de anuência ao argumento de Cristiane. Pelo contrário, era inteiramente antagônico à ideia de ser um dos convivas da festa de casamento do homem a quem mais detestava. Teve até a impressão de que a exasperação de Cristiane era uma mera encenação para convence-lo a ir ao casamento— ela conhecia perfeitamente o marido que tinha, sabia de sua idiossincrasia irritada e explosiva, mesmo sabendo que às vezes ele dissimulava esse tipo de comportamento; sabia ela que era mais fácil persuadi-lo com argumentos ardilosos do que retaliando com a mesma atitude indelicada.

—Por que você não tenta conversar com Bruna, Ed? Assim verá que ela é o oposto de Clark.

—O problema não está nela. Você sabe disso.

—Eu sei qual é o problema. E digo uma coisa; não faço parte dele. Eu vou ao casamento de Bruna e pronto! Sem mais discussão!

Por alguns segundos, Edward fitou os olhos convictos da esposa, discernindo sua persuasão.

—Foda-se! Eu não vou nesse casamento!

Cristiane ficou admirada com as palavras grosseiras do marido.

425 Por um momento ela encarou o rosto dele, mas acabou girando os
calcanhares e voltando à pia onde depositara o resto das
correspondências, num gesto arrojado de quem já estava decidida.
Por um curto tempo de silêncio, o constrangimento abrangeu o
430 espaço entre eles; um decepcionado, outro controverso, esperando
alguma afirmação para simplesmente discordar. Mas Edward não
aguentou toda aquela quietude e reiniciou:

—Se você quiser, Cris, pode ir. Não me importo.

435 Ela não olhou no rosto dele e continuou desdobrando uma
outra correspondência.— Você fala como se tivesse domínio sobre
minhas decisões, sobre o que devo ou não devo fazer— disse.

440 Edward coçou a cabeça, como se estivesse em um impasse,
pensando nas palavras que pudessem decidir tudo. Mas quando a
expressão dele novamente se tornou inflexível, ela voltou os olhos
para o convite e disse num tom suave de quem se sente decepcionado
pela covardia de alguém a quem mais deseja coragem:

—Eu sabia que você não iria. Queria eu estar errada.

445 Edward sentiu que Cristiane se referira a um suposto medo seu
relação à Clark, algo que ele jurava não existir; mas não sabia que
tudo era apenas parte de um jogo de sua esposa para convencê-lo a ir
ao casamento de sua amiga; mais do que ninguém ela sabia de sua
altivez e usava essa característica como se fosse rédeas para guiá-lo
pelo caminho que quisesse. Bastava apenas mais algumas palavras
para desenlaçar o problema. Então, depois de pensar um pouco no
que diria, ela soltou um sorriso debochado.

450 —Só quero ver o sorriso de Clark ao me ver entrar sozinha na
igreja.— sorrindo, ela olhou para a expressão contrafeita de Edward
— Nossa! Ele vai acreditar realmente em seu medo em relação a ele.

455 Edward meneou a cabeça inconformado, sabendo que não tinha
outra saída. Mesmo demonstrando infantilidade em sua atitude,
Cristiane estava com a razão. Por fim, como se fosse facilmente
manipulado, induzido pelas palavras da esposa, Edward concordou
com um silêncio anuente que pôs fim à discussão em ir ao casamento
de Clark, mesmo ele sabendo que não seria bem-vindo.

460 Clark não era um amante de cerimônias tradicionais como
casamentos ou bodas, e independente do lugar que escolhesse para a
celebração seria óbvia toda a gratidão de Bruna, o que isentava ele do
esforço e da amolação de ter de escolher entre centenas de lugares o

465 que seria mais consentâneo para o casamento. Mas aconteceu em um
momento em que Clark venerava Bruna e por isso foi fácil escolher o
local. Mesmo sendo divergente aos dogmas e às doutrinas cristãs
impostas pela igreja, Clark escolheu a própria catedral da cidade para
a celebração do casamento, uma escolha por insolência e por
470 eliminativa, pois sabia ele que nem um outro lugar era tão
tradicionalmente apropriado para aquela cerimônia.

A catedral central da cidade era um genuíno templo artístico
realmente completo. Seguia um padrão sincrético de arquitetura
romana. Para se aproximar da enorme porta de entrada, aos fundos do
intercolúnio das duas colunas centrais, teria que subir por uma larga
475 escadaria que se encurtava na medida da subida. Tinha seis
gigantescas colunas, sendo as duas laterais mais adiante das outras,
com seus pedestais na base mais baixa da escadaria, assentado sobre
o extenso calçadão central da cidade. Todas as colunas eram
identicamente esculpidas, com ranhuras similares as ranhuras que
480 marcavam o enorme campanário que era percebivelmente mais alto
que o domo da igreja, aos fundos, encimando a abside e sombreando,
nas tardes, o batistério que ficava às esquerdas da catedral, onde o
muro alto era adjacente a uma edificação antiga onde quase dois
séculos atrás era um seminário. Os fustes, com caneluras finas e
485 onduladas, e os pedestais quadriculados, eram albescentes, sendo os
fustes lustrosos e os pedestais foscos. Os capiteis oblongos e cúpricos
era a extremidade magnífica de cada coluna, que terminava em uma
grande arquitrave que se concluía em uma gigantesca parede
triangular acinzentada. No âmago da parede havia duas janelas feitas
490 com vidros coloridos, formando uma imagem religiosa em cada
janela. Sobre essa parede, uma grande cruz de mármore refletia sua
sombra sobre o calçadão onde vendedores ambulantes malbaratavam
bonés, óculos escuros e CD's piratas. Mas todo o surpreendente
trabalho arquitetônico exterior se tornava superficial ao compará-lo
495 com os atributos arquitetônicos do interior da igreja. Tinha uma forte
estrutura sustentada por grandes colunas interiores idênticas às
colunas que haviam na entrada, porém, eram bem menores. As
janelas foram cuidadosamente feitas com vidros reluzentes e quase
diáfanos, e na união de suas cores se formava figuras bíblicas de
500 grande relevância; havia até um ousado mosaico da última ceia em
uma das janelas maiores. Com exceção da enorme imagem de Cristo
crucificado em dourado em frente um tabernáculo sombrio pela

505 própria concavidade e um cirial de prata ao lado do altar, o restante das alfaias e imagens religiosas eram em bronze ou mármore. Ver aquela estátua com os braços abertos trazia, junto à admiração, um sentimento de grandeza e superioridade. Ao subir os olhos para cima se via uma enorme escultura em mármore colorido e cintilante, formando santos com grandes asas; eles eram tão vívidos que chegava a ser medonha a possibilidade daquilo tudo cair sobre as
510 pessoas e seus pecados. Mas o fato de que o realismo traz, além da assustadora vivacidade nas artes, um *esplêndido* temor e uma inexplicável admiração é verídico. Nas laterais da igreja e junto as colunas, eram pendurados candelabros medianos, todos em prata. E ao centro, próximo ao altar, havia um grande lustre dourado com ramificações brônzeas, e nelas, grandes luzes vermelhas iluminavam a estátua de Jesus Cristo. Enfim, não era de se admirar ao saber que aquela igreja era citada como uma das mais perfeitas obras arquitetônicas do país. Talvez por isso fora o local escolhido para o casamento do rompente Clark Meisinger.

520 Para a cerimônia, tinham se apresentado quase 200 pessoas, em sua maioria convidados de Bruna, pois mesmo sendo de origem humilde, sua família era grande e mesmo dividida pelas esparsas regiões do país eles mantinham contato uns com os outros. A princípio Clark sentiu um certo receio de passar por alguma vergonha
525 ao deparar-se com uma trupe de descomedidos extravagantes que costumam proferir disparates enquanto gargalham estultamente sem motivo. Mas seu medo se amenizou ao perceber tamanha vaidade que havia nos parentes de Bruna. Eram do tipo de pessoas sem riqueza alguma, de classe média e de orgulho alto. Pareciam ser pessoas influentes ou tentavam se passar por influentes. Eram pessoas unidas em orgulho e afeição. Tanto que muitos viajaram quilômetros para assistir o casamento de Bruna. Teve um entre os vários tios de Bruna que ao se apresentar aos noivos, brincou apertando a mão de Clark:

530 —Cuide bem dela, senhor Clark. Ela é nossa princesa.

535 Mesmo com certa descontração, denotava-se uma repreensiva seriedade nas palavras daquele senhor que persuadiu Clark a acreditar que Bruna realmente era como uma representante feminina para sua família, como alguém a quem eles se espelhavam e depositavam fé e esperança de um dia se tornarem realmente importantes. Enquanto os convidados de Bruna pululavam a igreja antes do padre dar início à
540 cerimônia, os convidados de Clark se reuniam em pequenos grupos

545 nos bancos mais próximos da porta de onde cumprimentavam o presidente da empresa em que trabalhavam com um discreto gesto de cabeça ou um sorriso curto, resumindo-se apenas em colegas de profissão— sócios, diretores, coordenadores e vários outros relacionados à Meisinger que sentiam-se na obrigação de estar presente no casamento do presidente da empresa. Até mesmo o homem a quem ele mais odiava se apresentou ao lado de sua esposa, e como todos os outros convidados, Edward solenemente o parabenizou no final da cerimônia:

—Parabéns. Afinal, é mesmo um homem de muita sorte.

555 Edward sorriu sua tácita ironia e olhou com admiração nos olhos de Bruna, discernindo equivocadamente interesse na expressão dela, e não puro sentimento de amor. Como se soubesse quais eram os pensamentos dele, Bruna esquivou o olhar do rosto dele e olhou para Clark.

560 —Sim, somos dois homens de muita sorte.— respondeu Clark, formando o mesmo tipo de sorriso desfaçado enquanto olhava direta e sugestivamente para Cristiane, um olhar que exprimia silenciosamente muitas coisas, como se ele soubesse de algum segredo dela.

Cristiane interpretou o olhar de Clark melhor que Edward e rapidamente olhou no rosto de Bruna. *Será que ela comentou alguma coisa com ele?*, questionou-se ela, desconfiada.

565 —Seja feliz, amiga, muito feliz.— incluiu Cristiane, antes de suspeitosa se afastar de mãos atadas com seu marido para logo após descerem a escadaria da igreja em direção ao carro que estava estacionado no outro lado da avenida.

570 Depois da cerimônia, todos os convidados, inclusive os noivos, teriam que se dirigir ao salão em que aconteceria a festa— o insigne Flautron Pálace, o mesmo local onde foi celebrado um antigo subsídio com um jantar antecipatório e onde, no mesmo dia, Edward reencontrou Cristiane. Com uma decoração inteiramente diferente, o egrégio salão recebeu os convidados de Bruna e Clark e durante horas as pessoas modicamente beberam, comeram e festejaram. Clark, Bruna, Edward e Cristiane ficaram por pouco tempo. Cativados por uma orgulhosa formalidade, eles apenas tomaram champanhe e saíram minutos depois de entrarem. Dominado pela felicidade que conhecia a pouco tempo, Clark foi para sua lua-de-mel e Edward, como todos os convidados da parte de Clark, foram para

580

seus requintados apartamentos ou mansões. Porém, os garçons serviram em abundância os parentes de Bruna até o meio da madrugada.

585 Ele olhou para o reflexo no espelho e depois para o celular
concertado sobre a pia, e novamente tornou a olhar para a frente,
buscando em seus próprios olhos uma resposta para o que estava
sentindo; porém, seu reflexo embaciado era incerto, muito incerto.
590 Como um homem ressacado, ele lavou o rosto trêmulo, os olhos
enrubescidos e os cabelos desarrumados. Sobre a cama, no quarto ao
lado, estava o terno e a gravata junto com a calça e o cinto que usara
durante a noite. Sobre o carpete, os sapatos vernizados, polidos como
um espelho escuro, refletia o panorama do quarto. Minutos depois de
600 escovar os dentes, ele voltou do banheiro. Estando apenas de cueca,
ficava à vista as tatuagens mal feitas que afeavam as costas e o peito,
595 marcas que para sempre o fariam lembrar de um passado
vergonhoso, e sentou-se na cama. Depois de um longo tempo com os
olhos fixos nas unhas roídas dos dedos que pressionavam
tremulamente o celular, ele abriu a gaveta de uma cômoda e retirou
600 bem do fundo uma carteira de cigarro amassada e um isqueiro
metálico. Assoprou para limpá-los do pó e em seguida retirou da
carteira o último cigarro. Acendeu e as primeiras tragadas fizeram ele
tossir sufocado pela fumaça. Enquanto o maior dos ponteiros do
relógio sobre a cômoda tiquetaqueava segundo após segundo, as
605 cinzas do cigarro caíam sobre o carpete. Quando por fim ele girou a
mão e olhou para o cigarro em seu termo, o rancor fez ele queimar a
própria palma da mão sem sentir qualquer dor, talvez nem fosse
rancor, e sim reconhecimento do tormento que sentia que o induzia de
volta ao vício. Aquela dor que ele esperava sentir e não sentiu fez ele
610 perder o controle; levantou-se rápido, pegou o telefone e jogou-o
violentamente contra o espelho junto a porta do roupeiro. O espelho
refletiu seu rosto quebrado e ele sentou-se novamente na cama.
Deixou o filtro do cigarro cair no carpete e apoiou a cabeça nas mãos.
Seus dedos se fecharam com força, pressionando cada mecha de
615 cabelos molhados, fazendo cair gotas de água sobre o carpete.

—Droga! O que estou sentindo? Não posso sentir, não é
próprio para um homem como eu. Com meu passa... Não! Eu não
posso lembrar, tenho que controlar isso!

Sua voz às vezes era enfática e às vezes era branda, como um

520 vocal de jazz em um jantar noturno, e às vezes era seguida de risos
psicóticos e indecifráveis. De forma silenciosa, ele estava
enlouquecendo, e tudo teve um fim quando seu espírito piedoso
resolveu abandoná-lo. Quando isso aconteceu seu corpo cansado caiu
inconsciente na cama.

525 Estava uma manhã urente e abafada, sem vento e sem a mínima
possibilidade de mudança. Reginaldo andava pela rua polvorosa
procurando alguém ou alguma casa que precisasse de seus serviços.
530 A probabilidade e a esperança de que isto acontecesse eram grandes,
pois era sábado, “o dia em que muitas pessoas descansam
preguiçosamente em suas casas”, e todo o pouco dinheiro que ele
conseguisse naquele dia seria para seu próprio consumo; comprar
alguma peça de roupa e pagar a primeira prestação de um *minisystem*
535 que comprara para dar de presente à sua irmã em seu 16º aniversário,
porém, era paradoxal o fato de que Reginaldo não estava tendo um
dia de sorte. Mas uma das verdades que ninguém gostaria que fosse
verdade é que a esperança é a mais sequaz companheira da
probabilidade, e quando, com o passar do tempo, a probabilidade se
540 escassa, a esperança diminui e os passos do desesperado se
tornam lentos, desanimados, dissipando de vez as poucas chances de
melhora.

As horas se passavam e a esperança de Reginaldo se esgotava a
cada resposta negativa. A impressão era que as pessoas confundiam o
545 desanimo cada vez mais expresso no rosto dele com indolência e por
isso, talvez, não aceitavam seus serviços. Ele não tinha preguiça, isso
era certo, era um homem corroborado pela própria determinação.
Reginaldo era como um guerreiro impávido resistindo às dificuldades
mesmo sem saber que estava no fim de uma batalha; não era um
mandrião sendo obrigado pelos pais a trabalhar, e sempre que ouvia
550 um não, relanceava um olhar que refutava silenciosamente a negativa
para um pátio coberto de inço ou então agradecia com um sorriso
antes de elogiar um belo jardim repleto de flores.

Aquele 14 de setembro estava quase se aproximando de seu
meio dia quando, já desanimado, Reginaldo parou em frente uma
555 casa onde um casal de idosos conversavam sentados em uma varanda
circundada por uma série de ripas apostas de forma simétrica.

—Bom dia.— cumprimentou ele.

Ao responder, o velho ameaçou levantar-se de uma cadeira de

660 balanço; mas ficou parado, olhando para o expressivo rosto de Reginaldo esperando que ele se explicasse.

—Eu trabalho com jardinagem, estou oferecendo meus serviços.

O velho sorriu e repoltreou-se na cadeira contemplando a florescência de um jardim repleto de roseiras.

665 —Não. Mas muito obrigado, guri. Prefiro manter minhas rosas.

Reginaldo forçou-se em sorrir em meio o esmorecimento e retomou sua soturna caminhada. Suas gastas Havaianas calcavam a terra seca e conspurcavam seus pés soados de poeira. Impiedoso, o Sol persistia em adurir a rua cascalhosa e Reginaldo estava cansado. Sua expressão triste e esmorecida se abaixou para a estrada e uma gota de suor deslizou na testa e entrou em seus olhos; eles arderam no exato momento em que a porta de uma casa de madeira se abriu. Uma senhora negra saiu de dentro da casa para a varanda e olhou para a rua. Seus olhos se abriram admirados ao ver aquele garoto pobre passado cabisbaixo em frente sua casa.

675 —Garoto, espere!— pediu ela.

Reginaldo parou, a curiosidade pugnando contra o cansaço, e ela aproximou-se de um velho portão de ferro em frente um pátio de terra seca, os olhos esquadrinhando o rosto tisonado de Reginaldo.

680 —Senhora?

—Você...— ela estudou as roupas sujas que ele usava e a bolsa que carregava e concluiu após uma breve pausa— Você trabalha com jardinagem?

—Como sabe?

685 —Pelo que me parece...— respondeu ela, correndo pela segunda vez os olhos nas roupas dele— Mas tudo bem. Não é por essa causa que eu pedi para que você parasse.

—E então por que *que é*?

—Seu rosto.

690 —Meu rosto?

—Sim. Ele é tão... familiar— disse ela, analisando a expressão cansada de Reginaldo— Qual é mesmo seu nome?

695 Reginaldo respondeu estranhando o comportamento daquela senhora que o espreitava como se ele fosse uma das crianças desaparecidas cujas fotografias se vêem pregadas em postes e murais da cidade. Ao ouvir a resposta, aquela senhora suspirou e seu sorriso se fez aos poucos, enquanto controlava a surpresa.

—Estava certa. Eu nunca erro.— disse ela— E então, não se lembra de mim?

Reginaldo não respondeu, apenas olhou com mais atenção para o rosto dela, tentando lembrar de alguma expressão análoga. Mas não conseguiu, pois sua visão continuava ofuscada pelo suor que ardia-lhe os olhos.

Sorrindo, a velha abriu os braços antes de se identificar:

—Maria, a sua babá.

—Ma... Maria.— abrindo a boca num espanto, Reginaldo não soube escolher palavras— Mas... mas faz tanto tempo.

—10 anos, pra ser exata.

Por um lapso de segundos, houve uma pausa, até que lentamente ele formou um sorriso e piscou rápido, despertando da perplexidade que tolhia sua voz. Sem tapar o sorriso, Maria abriu o portão enferrujado e com um leve gesto de cabeça, indicou a entrada. Reginaldo subiu os degraus de uma escada de madeira e entrou para o pátio. Antes de entrar na casa, ele olhou mais uma vez para a expressão encarquilhada de Maria, sua antiga babá; a lembrança do dia em que ela se despediu de sua mãe e do beijo em sua testa antes de uma admoestação carinhosa— não faça muita bagunça, seu moleque, e cuide bem de sua irmã— impingiu Reginaldo a dar um abraço sincero na mulher que já fora para ele como uma segunda mãe.

Apesar da simplicidade, a casa de Maria infundia conforto. Na sala, havia um único sofá em frente uma estante pequena onde um televisor transmitia embaralhadamente um canal de desenhos animados. Além da tevê, a estante suportava o peso de uma grande imagem de Jesus Cristo de braços abertos e com olhos indulgentes para a frente onde ficava o sofá. Ao lado da escultura havia uma bíblia aberta; no capítulo 14 do livro de Lucas, uma sublinha vermelha de caneta dava ênfase às palavras do versículo 12 até o versículo 14; minucioso, Reginaldo cruzou um olhar pela casa e soube que aquelas palavras naquele humil ambiente indiscutivelmente adquiriam mais sentido— *“12 Disse também ao que o havia convidado: Quando deres um jantar, ou uma ceia, não convides teus amigos, nem teus irmãos, nem teus parentes, nem os vizinhos ricos, para que não suceda que também eles te tornem a convidar, e te seja isso retribuído. 13 Mas quando deres um banquete, convida os pobres, os aleijados, os mancos e os cegos; 14*

e serás bem-aventurado; porque eles não têm com que te retribuir; pois retribuído te será na ressurreição dos justos". Nas paredes de madeira, pendurados em pregos recurvados, haviam alguns quadros expondo fotografias antigas ou imagens religiosas. Numa das fotografias, Reginaldo reconheceu Maria ao lado de seu marido.

Após preparar um suco de abacaxi, a velha sentou-se em frente Reginaldo ao lado da mesa, e ali eles ficaram minutos conversando. Curioso, ele perguntou o porquê de ela ter desaparecido da cidade e se condeou ao ouvir a resposta.

Maria desapareceu depois de uma tragédia que acometera sobre sua família. Em um acidente de caminhão morreu seu marido, um caminhoneiro com mais de sessenta anos de idade que trabalhava transportando grãos de soja para uma cooperativa no sul do país, e dois de seus netos mais velhos. Aquele acontecimento foi excruciante a tal ponto que forçou Maria a sair da cidade na esperança de um dia retomar seu caminho sem que o passado gritasse seu nome. Mas como todas as pessoas já nascem com um caminho traçado, ela acabou retornando após se passarem oito longos anos.

—Onde você ficou durante todo este tempo?— perguntou Reginaldo, fitando os olhos negros de Maria brilhantes de lágrimas.

—Em um sítio de um irmão meu, o mais velho.— respondeu ela.

—E por que não nos procurou?

Após um breve pensamento, como se fizesse para ela mesma essa pergunta, ela respondeu:

—Sabe o que eu aprendi com o que aconteceu? Aprendi que em momentos tristes, dolorosos, nós esquecemos de tudo, até de nós mesmos. Não sabemos onde buscar ajuda. Nem percebemos que precisamos de ajuda. Não fui eu que procurei pelo meu irmão, foi ele quem me levou para a sua casa.— a velha umedeceu novamente os olhos e forçou um sorriso, tentando baldadamente olvidar o passado — E então, como está sua mãe?— perguntou ela, digressivamente, esfregando os olhos com os dedos para evitar que uma lágrima caísse.

—Está bem.— ao responder, Reginaldo abaixou a cabeça, retratando sua decepção enquanto voltava à realidade crua onde ninguém estava bem, principalmente sua mãe.

—Não, ela não está bem.— desacreditou Maria.

Reginado não dissentiu daquelas palavras, apenas levantou a cabeça e olhou entristecido para o lado.

—O que está acontecendo, Reginaldo?

A voz roufenha de Maria foi lenta e tão conchegativa que fez Reginaldo suspirar, sentindo que havia um divã imaginário ao seu lado onde poderia se deitar para desabafar o que o que estava acontecendo, no sofrimento em que tinha se transformado sua vida.

—Confie em mim e me diz o que está acontecendo?

—É, você está certa, Maria.— ele suspirou outra vez e olhou nos olhos negros dela, como se perguntasse “será que devo me desabafar?”. Mas acabou por reconhecer que precisava de uma ajuda, de alguém que opinasse alguma coisa— Às vezes pergunto a mim mesmo o porquê que minha mãe chegou à esta situação.

—Situação?

—É, eu já vi algumas fotos dela, a mansão onde morava quando eu era criança, os lugares para onde ia com meu pai antes de sua morte, até algumas roupas e jóias que ela guarda em seu armário, como se fossem relíquias, revelam que ela nem sempre foi assim.

—Como, nem sempre foi assim?

—Pobre. Minha mãe, pelo que parece, um dia teve alguma coisa, até seu comportamento às vezes se revela mais educado, semelhante a uma mulher rica que de uma hora para a outra perdeu tudo o que tinha. Você entende o que quero explicar?

Maria afirmou e ele coçou a nuca. Reginaldo não esperava ouvir dela alguma explicação, mas ela sentiu uma certa obrigação de revelar tudo o que sabia sobre Júlia. Talvez assim ele soubesse o porquê da mudança na vida de sua mãe. Olhou outra vez para aquelas roupas conspurcadas de terra e respirou fundo.

—Sabe?— disse ela— Eu conheci sua mãe antes mesmo de você nascer e...— numa pausa, Maria fitou os olhos perspicazes de Reginaldo, sabendo que se encetasse a história sobre sua mãe, seria forçada com perguntas penetrantes a terminar; era a inteligência e a curiosidade de um garoto jovem contra a mente cansada de uma velha.

—E então, Maria.— imiscuiu-se Reginaldo, sufocado pela curiosidade— Qual é o passado de minha mãe? Como era meu pai?

Naquela tarde, Reginaldo ouviu tudo sobre seu pai e sua mãe, e a cada afirmação de Maria, ele elaborava imediatamente um outro questionamento, por isso ela não podia escolher entre omitir ou revelar. Apesar de desapontado, Reginaldo ficou mais ciente sobre quem realmente eram seus pais. Ficou sabendo de tudo sobre a vida

315 deles, até mesmo sobre a suspeitosa morte de seu pai e sua possível
ligação com o tráfico de bebidas de 1978. Por final, Reginaldo sorriu
agradecendo a Maria pelo suco e pelas informações. Porém, a
vergonha que sentiu ao saber do passado de sua mãe como prostituta
320 foi sobrepujada pela admiração ao calcular a determinação e o amor
que a levou a vender sua boate, seu meio de vida, para salvar a vida
de seu filho. Claro que toda a mãe que ama faria a mesma coisa para
salvar a vida de um filho, até mais, mas aos olhos de Reginaldo
aquilo foi o motivo da admiração que esvaeceu a vergonha que sentiu
325 ao saber que sua mãe era fora uma prostituta em seu passado. Mas
como um perfeito ator, Reginaldo manteve seus mesmos
comportamentos correntios ao chegar em casa. Sorriu em frente à
porta e retirou seus chinelos sujos antes de pedir um balde com água.
Ao relatar sobre seu casual encontro com Maria, Júlia sorriu
empolgada, prometendo a si mesma uma visita à casa de sua antiga
330 amiga. Voltar a conversar com Maria seria para Júlia como um
estimulante para uma vida cheia de frustrações e desgostos, uma
terapia para dias insípidos que esvaía seu amor pela vida. Como
previsto por Reginaldo, no domingo seguinte, ele, Manuelle e Jasom
compartilharam o barraco sozinhos. Contudo se conhecerem a um
335 longo tempo, Reginaldo e Jasom nunca partilharam de um
relacionamento lhano ou ao menos comunicativo. Sempre que eles
conversavam eram na companhia de Júlia e Manuelle. Júlia era um
verdadeiro elo que mantinha Reginaldo anexado à Manuelle junto
com Jasom. Era ela quem desafiava todos para um jogo de xadrez ou
340 quem reunia a família para degustar alguma iguaria esquisita e
ousadamente preparada. Mesmo estando decepcionado, ou talvez
surpreso, por saber o verdadeiro *retrospecto* de sua mãe, de seu
passado como prostituta, Reginaldo se divertiu no domingo em que
apenas em três comemoraram o 16º aniversário de Manuelle, que
345 agradeceu pelo rádio que ganhou de seu irmão e pela almofada em
forma de coração que ganhou de Jasom. No mesmo dia, ao abrir a
porta do roupeiro para guardar o presente, o olhar dela se entristeceu.
A almofada em forma de estrela que ganhara de seu pai ainda reluzia
seu nome em dourado em meio as roupas.

350

355 Faltavam quase duas horas para a chegada de Jasom. Manuelle, enrolada pela toalha de banho, fechou as janelas e soltou as cortinas para impedir a entrada dos raios do Sol que clareava o quarto e que certamente ofuscaria o reflexo de seu rosto e corpo no espelho do
360 guarda-roupa se a janela continuasse aberta. Deixou a toalha cair no chão e aproximou-se do espelho. Em frente o reflexo nítido de seu corpo, ela abriu o estojo de maquiagem que estava sobre a cômoda e tirou dele um batom vermelho. Colocou-o ao lado do estojo e subiu os olhos para seu reflexo. Suspirou e sorriu, contemplando seu corpo.
365 Fitou seu rosto perfeito, isento de maquiagem, antes de voltar os olhos para o estojo. Meia hora depois, sua beleza estava totalmente realçada.

—Você é única, é sublime como uma deusa, uma rainha renomada pela beleza e pelo amor.— falou ela, apertando seus seios firmes numa inconcussa pose sensual.
370

Mas quando ouviu um *bater* na porta, a pose automaticamente se desfez e ela jogou-se sobre a cama, tapando-se rapidamente com o edredom que cobria o colchão.

Júlia, que cochilava em sua cama, saiu do quarto e olhou com indolência para a porta fechada do quarto de Manuelle.
375

—Que vida de rainha.— reclamou, certa de que sua filha estava seminua abaixo das cobertas.

Manuelle ouviu a reclamação de Júlia e sorriu, lembrando de suas últimas palavras em frente o espelho. *Uma rainha.*

380 Com os olhos túrgidos de sono, Júlia se aproximou e abriu a porta.

—Bom dia, dona Júlia.

—Bom dia, senhor Jasom.—brincou ela.

—E Manuelle?

385 Júlia percebeu que Jasom carregava um saco plástico e não hesitou ao responder:— Tá te esperando, no quarto.

Ele sorriu e entrou após tirar os sapatos. Se aproximou para lentamente abrir a porta do quatro e entrou, avistando Manuelle em seu dito sono profundo. Aproximou-se da cama, depositou o pacote em cima da cômoda e cuidadosamente deitou-se ao lado dela. Ali, ele ficou por minutos apreciando e acariciando aquela face que ele considerava ser tão perfeita. Minutos depois, ela oscitou
390

graciosamente e abraçou ele. Segundos depois de abraçá-lo, ela lentamente abriu os olhos.

—Você já chegou?— perguntou, encenando perfeitamente a debilidade causada pelo sono.

—*Pro* meu prazer. Mas continue, estava gostoso te ver dormindo.

—Prefiro estar acordada ao seu lado.— respondeu ela, antes de beijá-lo.

No primeiro beijo, ao sentir o forte gosto de creme dental, ele descobriu que o sono de Manuelle era apenas uma dissimulação, certamente para se mostrar apática à sua chegada, do mesmo modo que sua maquiagem era para se mostrar sempre vaidosa, até mesmo estando dormindo. *Garotas; sempre procurando se mostrar indiferente*, pensou ele, envolvido pelos braços de sua namorada.

Os beijos tornavam-se cada vez mais calorosos. O clima, antes tépido, começou a inflamar-se e as flamas da volúpia estavam prestes a acender-se com a ajuda dos corpos quentes. As mãos trêmulas, impelidas pelo desejo, deslizaram com lentidão para dentro o sutiã e logo tocaram os mamilos enrijecidos. Sentindo que os seios não estavam quentes, como sempre estavam, Jasom soube que fazia pouco tempo Manuelle tinha tomado banho.

—Espere!— rompeu ele— Tenho uma coisa melhor.

—Melhor que isto?— perguntou ela, acomodando os cabelos já desarrumados enquanto impulsionava o corpo sobre o colchão para acostar-se na cabeceira da cama.

—Não, mas...— Jasom inclinou-se para apanhar o pacote que estava sobre a cômoda e retirou dele uma caixinha nacarada. Abriu-a e depois de segundos Manuelle contemplou dois anéis dourados reluzindo em sua frente— bem mais construtivos.— Jasom concluiu com um sorriso presenteiro, aguardando a surpresa surgir no rosto de sua namorada.

Como ele esperava, os olhos azuis de Manuelle rapidamente se umedeceram e logo as lágrimas molharam seu sorriso. Quando isso aconteceu, como um romântico à moda antiga, Jasom buscou a mão dela e colocou naquele delicado dedo o anel, que cintilou nas pupilas de seus olhos. Em seguida, ele deixou que ela colocasse em seu dedo o outro anel e assim concluíram o noivado.

—Te amo.— disse ela, beijando-o e recomeçando o que Jasom tinha interrompido.

—Espere, eu não acabei.— ele retirou uma outra caixa do pacote e a entregou.— É para que conte os minutos para nosso casamento.

035 Apressadamente, ela abriu e surpreendeu-se pelo Gucci dourado e extremamente delicado iluminando um suporte clássico. Era o relógio perfeito. Seus ponteiros eram minúsculos, porém, nítidos por serem luzidamente pretos em frente um fundo refletor que se confundia com um diminuto espelho fosforescente.

040 —Você deve ter gastado uma fortuna?

—Te falei que era construtivo.

Ela respirou fundo e sorriu, olhando nos olhos de Jasom.

—Te amo muito, sabia?!

—Eu também. Mas eu quero te pedir uma coisa?

045 —Às suas ordens.— falou ela, formando um olhar capcioso.

Ele sorriu, imaginado quais seriam os pensamentos dela. Mas logo sua expressão adotou seriedade.— Diferente de mim, eu quero que use sempre. Ele ficará lindo em seu pulso.

050 —Claro, agora é minha vez de pedir uma coisa.— disse ela, ajustando o relógio no pulso.

—Peça?

—Estou louca pra fazer amor.

Ele sorriu de novo e completou:

—E eu estou aqui para realizar nosso desejo.

055 O noivado de Manuelle e Jasom foi o mais singelo e discreto possível, sem festa e nem mesmo um jantar em comemoração. Mas independente de atenção e vulgaridade que o tornaria ainda mais importante e de certa forma reforçaria o compromisso, foi realmente feliz. Manuelle sentia orgulho em carregar no dedo de sua mão esquerda aquela aliança. Não usava apenas para o agrado de Jasom, e sim porque era um anel lindo e tinha uma significância ensoberbecedora, como um selo de mulher autêntica, um selo que fez ela sentir-se como uma mulher de verdade e não mais como uma garota imatura. O que ela não ponderava, era que esse pensamento era a própria imaturidade. Porém, sua curiosidade adolescente pulsou mais forte e impulsionou ela a ir até uma relojoaria bisbilhotar o valor do relógio e surpreendeu-se ao vê-lo na linha dos objetos de maior valor. Tinha aproximadamente o valor de quatro meses de trabalho de Jasom e 2.500 reais estavam certificados no catálogo dos preços.

060

065

070 *Será que mereço tudo isso?*, questionou-se ela, avaliando a

075 determinação de Jasom em relação ao futuro do relacionamento, o valor que ela representava para ele. Olhou para a aliança e pensou, preocupada: *Será que eu estou preparada para um compromisso como esse?* Disso, um sentimento de insegurança abrolhou em Manuelle, locupletando a mente dela de ambiguidade e indecisão. Dias depois ela olhou triste para o relógio que ganhara de Jasom; percebeu que seus ponteiros, de uma forma muito estranha, pareciam contar os minutos de sua vida, como se um casamento significasse o fim de sua felicidade.

080 De certa forma, os sentimentos de Jasom se revelavam mais que os sentimentos de Manuelle. Já que Jasom foi seu primeiro e único namorado, ela acreditava, ou se forçava em acreditar, que era natural sentir-se insegura com a relação em uma fase em que ela se revelava *tão* compromissória. Muitas vezes ela se culpava quando seus olhos cobiçavam outros garotos e uma subconsciente comparação com Jasom fazia ela esquivar o olhar. Forçava-se a acreditar que Jasom era o homem perfeito. Mas aos poucos ele deixava de ser esse homem para se tornar apenas uma fantasia adolescente não admitida simplesmente como fantasia. Houve uma noite em que ela chegara a perder o sono ao encontrar dentro de uma gaveta um disco do Nirvana. Entristeceu o olhar ao lembrar que há mais de um ano Kurt Cobain tinha deixado de ser seu ídolo, explicitamente, seu símbolo sexual. Sua insegurança se expandiu ainda mais ao lembrar da noite quando conheceu Jasom, com cabelos compridos, calça rasgada e camisa preta com estampa de banda de rock. Antes ele se comparava com Kurt pela rebeldia, um ano depois ele se confundia com um pastor oculto e maçante, todo em social, com um trabalho e dotado de bons modos. Manuelle não queria que Jasom voltasse a ser o mesmo de antes, simplesmente certificava-se a cada dia que ela poderia estar equivocada em relação aos próprios sentimentos.

090 Muitas vezes estar em um lugar errado pode ser a eventual procedência ou a continuidade que levará alguém ao seu infortúnio; é como se fosse um elo se formando que poderá ligar o que aconteceu com o que eventualmente poderá acontecer, a conexão necessária que conduzirá alguém a algum acontecimento, sendo ele bom ou ruim. O ruim de tudo isso é que ninguém pode prever seu futuro, a dedução é apenas resultado do juízo em relação à idiossincrasia das pessoas que

010 fazem parte do dia a dia de quem deduz, julgando o que pode sobrevir baseando-se no passado e presente, no que está acontecendo e no que fortuitamente pode acontecer. Para Manuelle, a *continuidade*, o elo começou a se formar em uma noite calma quando se via sozinha em uma parada de ônibus em frente a casa de uma
015 amiga em um bairro próximo ao centro da cidade; naquela noite, Jennifer ajudara Manuelle a terminar um trabalho de história, porém, elas passaram a maior parte do tempo conversando sobre Jasom e a insegurança que Manuelle estava sentindo em relação aos seus sentimentos.

020 Olhando distraidamente para os faróis dos carros, ela relembrava e refletia sobre tudo que havia mudado desde quando conheceu Jasom; de como ele havia mudado no decorrer do tempo e de como ela havia mudado. Com os cadernos apoiados em frente os seios, como um jovem estudante cheia de timidez, ela aguardava o
025 ônibus das 11 e meia que estava atrasado alguns minutos. De repente, no momento em que estava absorta em pensamentos, ela ouviu uma voz chamando-a pelo nome. Assustada, ela olhou rápido para trás, mas logo seu susto se dissipou ao reconhecer o homem que se aproximava.

030 —Você?

A resposta do homem foi um sorriso curto enquanto se aproximava olhando para o rosto de Manuelle. Em poucos segundos de silêncio o sorriso desapareceu dos lábios dos dois, enquanto ambos voltavam à realidade soturna e solitária, percebendo que eram apenas
035 eles naquela rua além dos carros que passavam em frente à parada. Depois de um breve pensamento com os olhos fixos no asfalto que começava a ser molhado pela garoa, o homem voltou-se para Manuelle com um sorriso entre melancólico e levemente irônico.

040 —Estou tendo a vaga impressão que nós nos encontramos apenas nos momentos em que estamos sozinhos.

Manuelle sorriu sem achar muita graça e logo seus olhos desceram macambúzios para o chão. No brilho mortiço dos olhos dela, o homem denotou sua tristeza e logo soube que ela não estava vivendo bons dias.

045 —A minha impressão é que sempre estou sozinha.— disse ela.

—Como assim?

—Triste, desiludida, insegura.— ela desviou os olhos do chão para o rosto dele antes de completar— A verdade é que minha vida

toda está uma merda.

050 A seriedade na expressão sombria de Manuelle foi como um óbice que impediu que o sorriso surgisse nos lábios do homem. Numa pausa, ele cruzou os braços em frente o peito e olhou pensativo no rosto de Manuelle, pensando em alguma forma de ajudá-la.

055 —Escuta, é a segunda vez que você me vê. Nem ao menos sabe quem sou eu. Mas se quiser desabafar, se você acha que precisa desabafar com alguém, eu estou aqui.— percebendo que Manuelle voltou um olhar sério para seu rosto, esmiuçando sua expressão, ele completou com um sorriso bem-humorado— Não sou egoísta em reconhecer que sou bom em *dar conselhos*.

060 Manuelle mordeu de leve os lábios, os olhos esquadrinhando o sorriso complacente daquele estranho. *Era impressionante*, pensou ela, *como tão facilmente ele conquistava sua confiança, usando de palavras simples, sem nenhuma persuadição e veracidade*. Mas mesmo com um pouco de receio causado por essa compreensão, Manuelle respondeu com toda a sinceridade:

065 —Eu acho que o meu problema é que eu me preocupo mais com as pessoas que fazem parte da minha vida do que comigo mesma. Tenho medo de magoá-las.

070 —Você tem medo de ser sincera, é isso? Mas saiba que é esse medo que delimita sua vida e a torna tão monótona.

—É. Talvez seja mais ou menos isso.

O homem analisou o rosto de Manuelle, ponderando as próximas palavras.

075 —Acaso isso tem alguma coisa a ver com aquele seu namorado?

Manuelle afirmou com um gesto de cabeça.

—Principalmente com ele. Estou insegura, não sei bem o que estou sentido. Tenho certa pena dele. Sei lá.

—E por que você sente pena dele?

080 —Porque sinto que ele é muito feliz quando está do meu lado.

—Você está querendo me dizer que, ao contrário dele, você não é tão feliz quando estão juntos, é por isso que sente pena?

—É. Eu acho que é isso mesmo.

085 O homem avançou um passo e cheio de confiança tocou os cabelos encaracolados de Manuelle com a ponta dos dedos. Ela não impediu, mas sentiu algo estranho provindo dele, algo hipnótico que abrangia ela de segurança. Abrolhou uma sensação de medo, como se

num insight ela reconhecesse que estava sendo facilmente seduzida.

—Confie no improvável.— disse o homem.

—Improvável?

—Você não sabe se o ama, certo? Mas sabe que ele a ama. Então, seja sincera. Se continuar se forçando a ficar com ele, se forçando a acreditar que gosta dele, estará abrindo mão de sua própria felicidade para ver ele feliz.

Enquanto falava, o homem resvalava carinhosamente o dorso da mão pela face de Manuelle. Mas ela não escutara suas palavras. Seus olhos já estavam abertos. A hipnose tinha se desfeito e ela voltara a ser a mesma Manuelle atilada e esquiva que era. Olhou para o relógio que embelezava seu pulso e sorriu. Enquanto olhava demoradamente para os ponteiros escuros, o homem tocou as costas dela com um dos braços, insinuando abraçá-la em seguida. Naquele átimo o receio se concretizou ela empurrou-o com brandeza, afastando seu corpo daqueles braços blandiciosos, que pareciam tão afáveis e cheio de carinho, do carinho que lhe era tão oportuno. Voltando o olhar para o rosto dele, ela denotou o desapontamento estampando-se aos poucos.

—Desculpe. Desculpe mesmo. Mas eu nem te conheço, entende?

Naquele momento o homem começou a rir baixo, de forma estranha, como se aos poucos mudasse de personalidade, como se a máscara que usava tivesse se despedaçado pelas mãos macias de Manuelle. A bondade e a segurança que antes se denotava em seu rosto, aos poucos se convertia em malícia.

—O que foi?— perguntou ela, percebendo de soslaio o ônibus se aproximando ao longe, e de certa forma sentindo-se aliviada.

—Não foi nada. Apenas certeza.

—Certeza? De que?

—Você não o ama, apenas quer amá-lo e por isso tenta evitar outro homem.

Manuelle sentiu-se desconfortada pelas palavras, sentindo que era a mais pura verdade, e perguntou com a voz cheia de receio:

—Como... como você?

O homem, voltando a encenar bondade e confiança num olhar caritativo, mais um lance para convencê-la, respondeu:— Pode ser.

Manuelle sorriu em pensamento, estudando os traços de velhice que enfiavam o rosto daquele estranho e sua falta de

elegância. Soube então que toda aquela bondade fora pura encenação.

—Novamente me desculpe. Mas você...

130 Naquele momento o ônibus estacionou em frente a parada e Manuelle percebeu de esguelha que uma mulher gorda desceu com dificuldade pelas portas traseiras do ônibus.

—Você o que?— insistiu o homem e marcas de sorriso surgiram-lhe nos lábios.

135 —Desculpe. Mas você não faz meu tipo.— completou ela, correndo para entrar rapidamente no ônibus que logo fechou as portas para a rua.

140 O desapontamento, então, ocupou todo o espaço abaixo da cobertura de zinco quando o ônibus solavancou algumas vezes e se afastou em meio a rua escura. Aos poucos, os olhos daquele estranho se avermelhavam na medida em que o ônibus se afastava, enquanto sua personalidade alternava de bondosamente desiludida a raivosamente sanhosa, como se aquela rejeição fosse como a explosão de uma dinamite espedaçando a falsa individualidade que ele esculpira durante anos sobre sua verdadeira personalidade.

145 Dentro do ônibus que oscilava sobre a estrada de paralelepípedos, Manuelle aspirava aflição pela boca entreaberta. Olhou para trás, para a estrada sombria toldada pela aléia compacta de árvores, e ponderou o quanto aquela cidade era perigosa. Forçando-se a acreditar que sua reação foi por pura coerência, ela respirou aliviada e um sorriso curto enfeitou seus lábios, enquanto sua aflição se aplacava na certeza de que precisava ter agido daquela forma.

150 Horas depois, deitada sobre o colchão velho e concavado no meio pelo peso de seu corpo, Manuelle abraçava uma almofada que ganhara de presente de Jasom e olhava distraidamente para uma fotografia sua posta em um porta-retrato vítreo sobre a cômoda. Concomitante com a lembrança do acontecimento daquela noite, da vaga expressão assombrada que se formou no rosto daquele estranho quando ela correu para entrar no ônibus, que fez ela sorrir rápido, uma preocupação surgiu e fechou seu sorriso. Logo, então, ela lembrou do olhar rápido e cobiçante dele para suas pernas enquanto ambos estavam abaixo da cobertura da parada. *Como alguém pode se dedicar tanto apenas para transar com uma garota; pagar táxi, consolar em paradas de ônibus? Que estranho*, pensou ela, cismada pelos gestos e pelas possíveis intenções daquele homem.

165

170 Talvez transar não fosse a intenção daquele estranho, mas era
no que Manuelle, levada pela malícia adolescente, acreditava. O
medo que se originara aumentou quando seus olhos buscaram o
celular sobre a cômoda. O homem tinha o número de seu telefone.
Tentando expungir a mente dos pensamentos, ela suspirou e fechou
os olhos, buscando o sono. Mas o sono não viria tão cedo, pois o mau
agouro que despontou naquele momento crescia como um tumor,
perturbando sua consciência. Ela não sabia o porquê, mas sentia que
175 algo conspirativamente se formava para surpreendê-la num futuro
bem próximo. O pressentimento, herança congênita de sua mãe, era
tão aguçado que parecia uma certeza concreta de que um dia ela se
cruzaria com aquele estranho.

180 O mês de outubro fora arrancado do calendário de 2000 e o
mês de novembro surgiu exibindo seus trinta longos dias. Era tarde
frígida do primeiro sábado do mês quando Jasom bateu na porta da
casa de Júlia. Todo perfumado e contente, ele segurava um pacote
plástico e uma caixa de bombons embrulhada em um crepom
185 vermelho, o verdadeiro exemplo do romantismo obsoleto. Ao ouvir o
barulho na porta, Manuelle levantou-se rápido e espantou-se ao ver
sua fisionomia ridicularizando o reflexo do espelho. Seus cabelos
estavam totalmente desgrehados e seu rosto estava sem qualquer
maquiagem; as olheiras estavam túmidas e os lábios exsicados. Mas o
fato que mais a espantou foi o de que realmente estava sem a mínima
190 vontade de ver Jasom e ficou quase convencida de que não mais o
amava ao decidir recebê-lo na sala, ao invés de recebê-lo no quarto,
como sempre fazia. Quando ouviu o ruído agudo dos quícios no abrir
da porta, ela sobressaltou-se pela segunda vez. Abriu rápido seu
estojo de maquiagem que estava sobre a cômoda e com a mão
195 trêmula pela pressa, ela passou atrapalhadamente o batom nos lábios
e em seguida abriu um pote e afundou a mão em um creme denso;
tirou-a e passou rápida e forçadamente sobre os cabelos, alisando-os
— ao lado do pote havia um pente e nele ficou mechas de cabelos. Se
aproximou da porta e apanhou o trinco, mas antes de girá-lo, lembrou
200 de mais alguma coisa e voltou para a cômoda. Abriu uma das gavetas
e tirou dela um *Trident*. Abriu a embalagem e jogou uma das
pastilhas na boca. Finalmente respirou, estava preparada.

Ao abrir a porta do quarto, deparou-se com Jasom todo
sorridente em sua frente. Ele parecia estar pronto para entrar no

205 quarto.

—Que filme você trouxe hoje?— a pergunta dela saiu num tom desinteressado e ele não respondeu, apenas franziu a testa e ouviu ela completar explicando a pergunta que nunca antes tinha feito:— Hoje eu estou com uma vontade *loca* de ver filmes.

210 Duas horas depois os dois permaneciam estáticos em frente a TV. Manuelle movia apenas os dentes que mordicavam levemente a ponta das unhas, e Jasom, os dedos enquanto cofiava a costeleta que marcava de preto até a metade do rosto. Desde o momento em que sentou-se em frente a TV e inseguro cruzou um dos braços por sobre os ombros de Manuelle, *remanescente* do que antes seria um abraço, Jasom se conteve calado, sentindo-se inibido pela falta de segurança. A insegurança que fazia ele sentir-se inconveniente, um alguém mal desejado, não foi causada apenas pelo silêncio de Manuelle, mas também pelo fato de ela não demonstrar interesse algum em estar ao lado dele, esquivando o rosto em direção a TV para possivelmente evitar algum beijo ou encenando interesse no filme em sorrisos dissimulados quando alguma cena cômica era transmitida. Jasom sabia que aqueles sorrisos eram meras encenações porque sabia que ela não achava graça alguma em filmes de comédia, o que fazia dela uma péssima companheira para ver filmes. Quando ela, inevitavelmente, cerrou um sorriso para abrir a boca de sono, Jasom resolveu unir sua pergunta aos baixos diálogos do filme para destruir de vez o silêncio:

225 —O que aconteceu?

230 Manuelle evitou olhar em seus olhos para responder a pergunta — Nada.

—Pois me parece triste. Cansada.

A palavra “cansada” soou num tom remissivo, como se ele insinuasse que ela estava cansada de ficar ao seu lado, como se o cansaço dela fosse fastio e não fadiga.

235 —Cansada.— respondeu ela, voltando sua dissimulada atenção no filme.

Júlia, que há dias percebia uma diferença crescente em Manuelle, ouvira toda a conversa da cozinha e se aproximou, sentando-se no sofá ao lado.— Posso acompanhar vocês no filme?

240 Enquanto esperava a resposta, Júlia estudava a expressão dos dois, esmiuçando a idiossincrasia de cada um. Manuelle soltou um suspiro, um suspiro que bem poderia ser de alívio por ter uma terceira

245 pessoa na sala, e Jasom formou um sorriso anuente nos lábios.

—Claro.— respondeu ele.

Houve uma breve pausa após uma minuciosa troca de olhares, e quando os olhares simultaneamente se direcionaram à TV, Jasom, adquirindo mais segurança pela presença de Júlia, respirou antes de perguntar, deslizando pela primeira vez a mão sobre os cabelos de Manuelle:

—Não ficaria chateada se te pedisse uma coisa, Manu?

250 Ela deu um tempo para olhar nos olhos dele antes de responder — De forma alguma.

—Não vou poder ficar para a janta.

255 Poderia bem ser encenação, mas Manuelle sobressaltou-se diante à resposta de Jasom.— Por que?

Ela levantou-se rápido do sofá, onde deitada usava as pernas de Jasom como travesseiro, e aprumou-se com um olhar perplexo no rosto dele, esperando uma explicação.

260 —Amanhã terá um almoço para os funcionários da empresa.— na voz de Jasom se manifestava a persuasiva tranquilidade, a malícia que convencia Manuelle de que o que estava falando era verdade— E eu preciso ir.

265 —Não precisa não. Mas não precisa mesmo.— retrucou ela, o tom de voz autoritário discordante do sorriso bem formado nos lábios enquanto encenava espanto.

Denotando a vaga hipocrisia nas palavras de Manuelle, Jasom manteve-se inabalável, não correspondendo o sorriso falso dela com um outro sorriso.

270 —Preciso sim. Todos irão e eu não sou diferente.

A taxatividade da resposta de Jasom suscitou uma pausa, fazendo a dissimulada imperatividade de Manuelle se dissipar como o seu sorriso. E enquanto eles discutiam, Júlia, ao lado, os observava com um certo conceito psicológico, julgando o que cada um pensava; supondo que Jasom estava mentindo para então estudar as reações de Manuelle e certa de que sua filha estava ciente de que tudo o que ele estava falando era mentira para testar suas emoções; por isso, talvez, Manuelle se forçava em encenar possessividade e posteriormente ciúme. Mas a suposição de Júlia se concretizou no momento em que Manuelle deixou de lado a imposição quebrada pela veemência das palavras de Jasom para começar a encenar ciúme, o segundo passo.

280 —E não vai ir nenhuma mulher, vai?— perguntou ela.

Jasom pensou um pouco antes de responder:— A esposa de alguns funcionários.

A resposta de Jasom deixava brecha para algum argumento, e Manuelle pensou em se oferecer para acompanhá-lo. *Mas e se ele aceitasse?*, se perguntou ela. Não, ela não estava disposta.

—Ah! Assim tudo bem, mas olha lá, hein.— disse ela.

Se oferecer em acompanhá-lo era o mínimo que Jasom esperava de Manuelle, mas isso não aconteceu, e meia hora depois, a porta se abriu para ele. Após uma troca de sorrisos e um beijo superficial, ele deu de ombros e fechou seu sorriso teatral.

Depois de olhar através da janela Jasom se afastando de sua casa, Manuelle soprou ar pela boca e deixou que seu corpo caísse sobre o sofá. Como alguém que espera o momento certo para encetar uma conversa, Júlia esperou que Manuelle se acomodasse no sofá para então perguntar:

—Estou desconhecendo isso. O que está acontecendo, Manu?

Como se já esperasse alguma pergunta, Manuelle não se espantou e respondeu sem mesmo olhar no rosto de sua mãe:— Insegurança.

—Mas me parece o contrário. Você me parece bem segura.

—Não! É apenas isso mesmo.

Júlia deu uma pausa para pensar em alguma história que exemplificasse o que estava pensando, mas sendo boa contadora de história, não foi difícil.

—Quando você era pequena, Manu, várias vezes eu tinha que contar histórias para você dormir. Muitas noites nem conseguia dormir sem antes ouvir uma história. Mas você tinha uma qualidade; mesmo sendo uma criança muito mimada, você não se importava em ouvir uma história várias vezes. Mas de todas, a que você mais gostava, a que te fazia dormir bem rápido, era a história de Rapunzel, da princesa solitária que fora trancada em uma torre. Mas nesse momento, você não precisa ouvir histórias para dormir, mas sim para despertar. Por isso serei menos feérica e mais realista. Para o seu bem eu vou consertar a história de Rapunzel, que como muitas outras histórias deturpa a mente das garotas que vivem acreditando em conto de fadas.

Percebendo que Manuelle soltou um sorriso, achando estapafúrdias e engraças as palavras de sua mãe, Júlia deu uma pausa na narração e alteou o tom de voz para perguntar:

—Você quer ouvir ou não?!

Manuelle fechou o sorriso e concordou com um gesto de cabeça. Naquele momento, denotando seriedade no rosto encarquilhado de sua mãe, ela soube que teria que ser tolerante, mostrar-se interessada, e levantou-se do sofá. Calada, Júlia esperou que sua filha se aproximasse para sentar-se do seu lado. Mas o que Manuelle fez foi se deitar de lado no sofá, apoiando a cabeça nas pernas de sua mãe, como costumava fazer quando era criança, quando brigava com seu irmão ou sentia-se triste por algum outro motivo. Pousando uma mão sobre os cabelos de Manuelle e outra sobre o ombro, Júlia inflou o peito de ar e deu continuidade no que estava falando:

—Bem, o que ninguém sabe é que na história de Rapunzel não houve um “e viveram felizes para sempre”. Em história alguma, sendo hipotéticas ou não, há um “feliz para sempre”. Na verdade não tem sentido se houver um final feliz, não trás nenhuma mensagem realística se tudo termina bem. Há muitas garotas que se iludem tanto pelos contos que se comparam a princesas e esperam um dia encontrar seu príncipe encantado. Se tornam garotas ingênuas, facilmente seduzíveis. Elas ficam tão entusiasmadas, desejam tanto isso, que se apaixonam tão rapidamente pelo primeiro rapaz carinhoso, de olhos azuis e palavras doces, que aparece em sua vida. Com o tempo, com a vivência ao lado dele, os olhos vão se abrindo e a projeção que sua mente delineou desse rapaz como um príncipe encantado começa a se desfazer. Mas até aquele momento a vida ao lado dele fora tão boa, cheia de sonhos, fantasias e sorrisos, que ela não quer abrir os olhos, se forçando a acreditar que o ama. Muitas dessas garotas que acreditam ser princesas, que acham que o mundo é um lindo conto de fadas, se recusam a acreditar nisso e acabam se casando com esse homem acreditando que ele é um príncipe, o homem de sua vida. A monotonia desponta, tornando a felicidade apenas um momento passageiro, e os anos de casados começam a passar tão rápido quanto o sorriso nos lábios. Juntos eles riem de coisas sem graças, procuram achar graça em tudo sendo que não acham nada engraçado, se felicitam com os filhos crescendo e envelhecem juntos. Quando a velhice chega, eles olham para trás, para a vida que se passara tão rápida, e o que conseguem ver é apenas uma vida comum que os impedia de ter um vida de verdade. Naquele momento, enlevados pelo reconhecimento, pela reconção, eles

relembra de tudo, das brigas, das piadas, dos filmes de comédia que juntos assistiam para animar suas vidas..., Enfim, de tudo, como se só depois de muitos anos eles adquirissem visão e vontade própria. A vida que ficou para trás passa então a ser vista de um outro ângulo, de forma *dialética* e realista. Enquanto o velho relembra dos empregos dos quais era dependente para manter o sustento da família, do sexo que com o tempo se tornou apenas um calmante para fechar os olhos e conseguir dormir, e dos amigos com quais se divertia de verdade, escarnecendo da própria vida em bares rodeado de bebidas, cigarros e mulheres divertidas, a velha relembra dos passeios com os filhos, das fofocas com as amigas e dos conselhos de sua mãe. Ambos relembra das traições e se culpam por terem sido, durante toda uma vida, falsos. Tão falsos que mentiram a si mesmo em relação ao que sentiam. Por fim, um olha para o rosto decrépito do outro e reflete; eu poderia ter tido uma vida de verdade, poderia ter encontrado e gozado de um amor de verdade se tivesse um pouco mais de paciência e deixasse que minha vida seguisse naturalmente, não procurando criar caminhos que não levariam a lugar algum, tinha que ter sido sincero e agora tenho medo de confessar à pessoa que está em minha frente que não a amo, que nunca a amei de verdade.

Após essas palavras, o silêncio foi como um ponto final para a história. Manuelle não sorriu novamente, pois nada tinha sido engraçado. A história de sua mãe fora repleta de referências a ela, alusões que fez por um momento ela se questionar sobre seus sentimentos. Quando se comparou a uma garota ingênua, a princesa que sua mãe tinha citado, seus olhos se encheram de lágrimas. Soube então que não amava Jasom, que queria amá-lo e estava abdicando sua felicidade por isso.

—Agora, Manu, eu vejo você. Sei que para você esse relacionamento está tão insípido quanto a água que bebe. Mas lembre que há uma diferença nisso; a água é essencial para a vida.

—Mas eu gosto de Jasom, mãe. De ficar ao lado dele.— as palavras de Manuelle pediam consolo.

—Jasom é um ótimo garoto, filha, um forte candidato a príncipe. Mas só isso não basta se você não o ama realmente. Eu, como sua mãe, sei melhor do que você mesma o que está sentindo. Sei que só agora você está abrindo os olhos para a realidade, mesmo não querendo acreditar nela. Mas até quando você vai se forçar a andar no escuro? Sujeitando-se a acreditar em um sentimento que não

400 existe?

—Mas como poderei saber se o amo estando longe dele?

405 —Não posso responder essa pergunta porque não sei como. Só sei que todas as pessoas são diferentes, têm reações diferentes e o amor se manifesta de formas diferentes em cada pessoa. Mas lembre apenas de uma coisa; quem pediu a você que o deixasse ir embora foi seu próprio coração.— Manuelle refletiu por um instante as palavras de sua mãe e apoiou a cabeça em seus ombros, ouvindo-a completar. — E mais uma coisa; onde há amor, há não apenas companheirismo, mas também a necessidade de ficar um ao lado do outro. Se duas
410 pessoas se amam e estão distantes, o próprio amor os unirá. Não tenha medo de ficar distante dele.

Manuelle sempre fora de uma aquiescência silenciosa e nunca
consequira revidar contra uma verdade. Júlia sabia disso e imaginava
o que sua filha pensava e sentia. Abraçou-a naquele instante e não
415 muito depois sentiu as lágrimas emanadas dos olhos de sua filha
molharem suas pernas.

Pelo resto daquele ano Manuelle esforçou-se para dissimular
420 felicidade ao lado de Jasom. Unicamente sua mãe sabia que ela
estava no ápice da monotonia, que não estava aguentando mais viver
presa a um compromisso. Júlia sabia que o único sentimento que
constringia o peito de sua filha era, além da compaixão para com
Jasom, a mortificante culpa por tê-lo enganado e enganada a si
mesma durante todo aquele tempo, enquanto acreditava que aquele
425 garoto simples era o homem a quem amava e com qual gostaria de se
casar e passar o resto de sua vida ao seu lado. Mas não, graças à sua
mãe ela abriu os olhos para perceber que não era mais uma criança,
que contos de fada existiam apenas para fechar os olhos dos ingênuos
para o mundo em que realmente vivem. Agora ela estava vivendo em
430 um mundo real e sabia que não existiam príncipes encantados de
cabelos compridos e olhos azuis que dedicam a vida toda à procura
de uma princesa. A propósito, ela nem mesmo era uma princesa casta
e Jasom nem mesmo tinha os cabelos compridos. Enfim, tudo estava
mudado e ela não sabia explicar o porquê daquela mudança.

435 No segundo réveillon juntos, Júlia percebeu a expressão
contente de Jasom marcada pelo sorriso sincero e imaginou o que
seria dele quando sua felicidade se espedaçasse diante à verdade. No
mesmo instante, sentiu a tristeza inerente em Manuelle que formava

140 sobre ela uma aura de tédio e tensão, uma percepção específica de
mãe que fez com que Júlia percebesse a falsidade de sua filha que a
esmorecia vencendo em uma guerra contra a sinceridade. Júlia
percebia até os momentos em que Manuelle simulava sorrisos na
vontade de gritar “chega!” e deixar que as lágrimas lavassem seu
145 rosto enquanto seus lábios proferissem a verdade. Porém, mesmo
com medo de revelar a verdade, Manuelle se convenceu de que um
dia ela teria que admitir o que sentia. Para o seu bem e para o bem de
Jasom.

E foi na tarde da sexta-feira da primeira semana de 2001
150 quando Manuelle decidiu confessar o que realmente estava sentindo,
declarar o que há tempo estava lhe fustigando indistintamente.
Enquanto as lágrimas escorriam pela face empalidecida pelo
desengano, sua boca relatava o que sentia, ou melhor, o que
realmente não sentia. Empedernido em meio a sala, Jasom ouvia
155 aquelas palavras como se elas fossem um estrondo contínuo em seus
ouvidos e um impacto no coração, um dardo atravessando-lhe o corpo
e a alma. Não queria acreditar naquelas palavras. Mas num insight ele
lembrou que não era primeiro de abril, que Manuelle não estava
fazendo uma brincadeira de mal gosto. Subindo os olhos para o rosto
160 dela, ele percebeu que sua expressão continha uma fria veracidade
que o assustava e que de forma impiedosa suas palavras deixavam-no
imobilizado como um chafariz manando água pelos olhos.

—Mas podemos recomeçar tudo de novo.— insistiu ele.

—Recomeçar o que, Jasom? Você voltar a ser o que era e eu
165 voltar a ser uma virgem ingênua. Nada adianta quando nada pode
mudar.

—Como nada pode mudar? E como pode você terminar desse
jeito? Com tanta naturalidade?!

—Droga, Jasom!— a exaltação de Manuelle foi num tom de
170 voz baixo de quem tenta manter a calma. Por um instante ela olhou
para o chão, mas logo voltou os olhos para fitar o rosto macabúzio
dele— Será que você não vê? Não tente tornar tudo ainda mais
difícil.

Quando aqueles olhos azuis cristalinos fitaram seu rosto, Jasom
175 percebeu que as lágrimas também molhavam a face de Manuelle,
marcando-a de rímel, evidência de que para ela aquilo tudo também
estava sendo custoso. Em seu primeiro movimento, ele abaixou a
cabeça, e quando por fim o pranto se aplacou, ele secou as lágrimas

com a ponta dos dedos.

—Tá bem. Só não se esqueça que a escolha foi totalmente sua.

480 Ao abrir os olhos, Jasom percebeu que Manuelle tirava o anel do dedo.

—Eu sei.— disse ela— E desculpe ser tão...

—Ingênu!— completou ele.

Manuelle sempre fora uma garota exaltada e não deixava que
585 ninguém lhe impusesse adjetivos, e por ter ficado totalmente calada, Jasom soube que ela queria acabar logo com aquilo. Doeu seu coração presenciar a triste imagem da garota que ele tanto amava devolvendo-lhe o anel que era para ele como um elo que o prendia a ela. Mas ele não podia fazer nada além de suspirar e colocá-lo no bolso. Por alguns segundos, Jasom observou o perfeito rosto de
490 Manuelle, na triste certeza de que realmente amava aquela garota e que estava fadado a sofrer a sua falta. Sua vontade era de obrigar ela a ficar ao seu lado, mas seu último desejo era ver a mulher que ele tanto amava triste.

495 E como foi lancinante a consciência de que a mulher que ele tanto amava sentia-se triste estando ao seu lado.

*Nem sempre é como queremos que seja. Não somos nós que decidimos quais serão as regras para nossa vida, aquelas regras que favorecem apenas a nós mesmos e que certamente irão promover o
500 nosso sucesso e sucessivamente a nossa felicidade. Se insistirmos em criar nossas próprias regras, elas existirão apenas para nós mesmos enquanto nos iludimos pensando que estamos beneficiando-nos com tais regras. Assim elas podem ser facilmente quebradas, até mesmo pelas pessoas a quem mais amamos.*

505 Pensando nisso, Jasom ficou por significativos segundos absorto, olhando para o sofá onde ao lado de Manuelle viveu os momentos mais felizes de toda sua vida, onde criou regras, metas e sustentou sonhos. Mas os sonhos tinham terminado, tinham se convertido em um real pesadelo quando Manuelle quebrou suas
510 regras fazendo seus planos para o futuro se dissiparem num instante.

—E então.— a voz suave de Manuelle acordou Jasom dos pensamentos.

—Então o que?

515 —A gente terminou, lembra?— concluiu ela, olhando sugestivamente para a porta e fazendo-o lembrar-se do que tinha que fazer; olhar nos olhos de sua amada e proferir um adeus que urticaria-

lhe a garganta.

No retorno para casa, as lágrimas molharam o rosto abatido de Jasom. Não se preocupava com o que as pessoas pensassem sobre ele ao vê-lo chorando como uma criança perdida no mundo, afinal, estava sofrendo como qualquer um sofre e realmente estava perdido. Mas diferente de muitos que se forçam para encobrir a angústia, ele não tinha vergonha de manter visível o real sentimento, nem se preocupava com isso. Soube então que o sorriso insincero é o maior ocultador de sentimentos, que quanto mais a pessoa sorri mais falsa ela é; porque ninguém que vive nesse mundo tem uma vida plenamente feliz; o sorriso oculta o sofrimento que postula por ajuda, obsoleta com sarcasmo o autêntico romantismo e dissimula a falsidade.

Retornando para seu quarto de meditação, Jasom jogou no chão as roupas sociais que tanto modificara sua personalidade. Vestiu uma camiseta e uma calça antiga, as roupas que faziam ele sentir-se uma pessoa de verdade, não alguém associando-se a uma vida de compromissos. Tirou de lá do fundo da gaveta de uma cômoda seu caderno onde escondidas estavam as letras das músicas inacabadas que tinha esquecido. Entristecido, ele sentou-se na cama, tirou o velho violão de sua capa empoeirada e começou a pontilhar as cordas oxidadas pelo tempo. Em seguida gaguejou como um tartamudo sua música preferida. Do lado de fora do quarto, com o ouvido colado na porta, sua mãe ouviu What it Takes, do Aerosmith, numa voz tão triste que denunciou o que havia acontecido e suas lágrimas molharam a porta, sentindo não ter uma relação comunicativa com seu único filho, não o suficiente para entrar em seu quarto e consolá-lo, como toda mãe certamente faria naquela circunstância.

Lá vai minha ex-namorada... there goes my old girlfriend.

Ao contrário de Jasom, que vivenciava o esmorecimento causado pelas lembranças, Manuelle, depois de passar por um fugidio remorso, um rápido aperto no coração ao ver a porta se fechar para seu então ex-namorado, voltou a viver como vivia antes de conhecer Jasom, como uma garota livre desvinculada de qualquer compromisso que delimitasse ainda mais sua liberdade. Aquele receio de aceitar a real situação, de admitir o verdadeiro sentimento, dissipou-se de imediato e todo o medo se converteu em alívio. Estava livre para voltar a ser a mesma Manuelle independente que era antes

de conhecer Jasom, mesma sendo adstringida pelos princípios autoritários de sua mãe. No lapso de mais de um ano, o tempo em que esteve ao lado de Jasom, Manuelle almejou com saudade o retorno do tempo em que faltava às aulas e passava tardes deambulando pelos parques e praças da cidade. Mas um ano já tinha se passado e ela sentia-se imperceptivelmente uma retrógrada na escola, uma velha perdida em meio um bando de jovens eufóricos e cheios de vida. Todas as sextas ela observava as turmas mais ensandecidas da escola subirem em pickups que saíam cantando pneus entre as ruas opacas em direção ao centro badalado da cidade ou às cercanias onde poderiam beber, fazer sexo ou até mesmo usar drogas sem se preocupar com empecilhos como policiais ou qualquer outro inconveniente. Ao ponto de vista de Manuelle, diferente dela, que se ajustava às circunstâncias, eles eram jovens que procuravam criar o próprio mundo, não sujeitando-se às regras e leis criadas por homens insensatos que tentam controlar o mundo— entre os jovens que espremiavam-se sobre as carrocerias das caminhonetes, sempre se avistava algumas das antigas amigas de Manuelle. Ponderar aquela atitude amotinada como uma evolução, uma sublevação contra o restante da sociedade, fazia Manuelle sentir-se ainda mais antiquada, e sempre que sentia-se como uma velha caquética em meio uma turma de jovens, ela olhava para frente e avistava seu namorado lhe esperando escorado em algum carro. Mas *agora* tudo tinha terminado e não haveria mais ninguém a lhe esperar do outro lado da rua para acompanhá-la em seu enfadonho retorno à casa. O anel que antes revelava restrição não estava mais em seu dedo, e o que chamava a atenção das pessoas não era apenas o relógio em seu pulso, mas sim sua beleza. Em menos de uma semana a turma do último ano daquela escola já estava sabendo que a garota mais linda do colégio tinha rompido seu namoro. Num súbito, as amigas retornaram, mais evoluídas e com convites quase irrecusáveis. Mas Manuelle sabia que tinha que ser prudente e esperar pelo convite certo, que não demoraria muito tempo para chegar.

Kelica fora a mais sequaz das amigas de Manuelle antes de Jasom aparecer na história. Nos tempos que tinham se passado, ela costumava usar calça jeans folgada que escondiam suas curvas, tênis de passeio e uma longa camiseta colegial que diminuía o volume dos seios; uma união de roupas inelegantemente folgadas que impedia ela de ter seu nome na lista das garotas mais atraentes da escola. Porém,

595 os tempos já não eram mais os mesmos e todas as pessoas tinham
mudado com o tempo. Exceto Manuelle. Foi logo na primeira semana
em que estava sozinha, esperando pelo convite certo vindo da garota
certa, que Kelica retornou à história. Como todas as pessoas, ela
600 também tinha mudado— talvez, se fosse a mesma garota retraída e
superficial de antes, Manuelle tinha ignorado seu convite. Mas ela
tinha se tornado o oposto do que era; seus cabelos, que antes eram
desgrenhados e cheiravam gomalina, estavam tingidos de vermelho e
ela usava uma minissaia preta que combinava em cor com a bota
605 curta e reluzente. Um top vermelho realçava o tingimento dos cabelos
e intumescia ainda mais os peitos; era de um tecido tão fino e
aderente que visibilizava seus mamilos aguçados direcionados aos
olhos das pessoas. E foi toda àquela voluptuária beleza que trouxe o
convite certo e Manuelle sorriu após anotar o número de seu telefone.

E o sábado chegou desejadamente. Debruçada sobre o tanque
610 de concreto junto ao canto da varanda, Júlia esfregava algumas
roupas sobre uma chapa metálica. Mergulhava uma velha calça de
Reginaldo quando sentiu Manuelle se aproximando. A passos
cautelosos, ela, hesitante, se aproximou e escorou-se na parede.
Como alguém que tem algum pedido a fazer, ela cruzou os braços em
615 frente o peito e olhou para o rosto de Júlia enquanto seus dentes
pressionavam delicadamente o lábio inferior.

Depois de algum tempo, sentindo a silenciosa presença de
Manuelle, Júlia sorriu e disse, sem desviar os olhos da água anilada
pelo amaciante:

520 —Peça.

—O que?

—Eu te conheço, Manu, o que você quer?

Manuelle fez uma pausa e olhou firme no rosto de Júlia, que
625 continuava a esfregar a roupa contra a chapa.

—Uma amiga minha virá para jantar aqui hoje *à noite*.

Júlia calou-se e mergulhou a velha calça de Reginaldo em um
630 balde de água próximo ao tanque. Sua quietude evidenciou sua
reprovação, mas a omissão da resposta converteu automaticamente o
pedido de Manuelle em uma afirmação, um anúncio, e ela deu as
costas e se afastou no “receio de terminar o seu pedido”.

O Sol deitou-se no horizonte e a escuridão exaltou a Lua,
fazendo de seu brilho tênue a única luz natural sobre o firmamento, a
luz única que aclarava as ruas escuras da cidade. Eram exatamente 21

535 horas quando bateram à porta da casa de Júlia, no exato momento em que as duas estavam sentadas ao redor da mesa— Júlia, intuindo que sua arbitrariedade de mãe estava se desvaecendo, e Manuelle, revelando a pressa cada vez que olhava para a rua através da janela aberta. Quando toda a pressa se dissipou no átimo em que bateram na porta, ela levantou-se rapidamente da cadeira para ver quem estava
540 no lado de fora da casa. Seu sorriso se abriu ainda mais perfeito ao reconhecer o rosto de sua amiga.

Kelica estava totalmente diferente, tanto que parecia parte de um plano dissimulante. Seus cabelos vermelhos estava pretos e lisos, ondulando pela brisa; sua pele branca difundia um perfume inebriante e seus olhos verdes claros ajudava a compor a expressão de pessoa
545 esnobe e sofisticada, porém atilada. A boa dicção ajudava ela no disfarce, pois não se passava de uma pobre rompenite que se achava digna de admiração. Costumava andar como uma modelo em uma passarela imaginária, e desta mesma forma entrou, os olhos observantes nos móveis baratos que diminuía ainda mais os parvos compartimentos da casa. Ao se aproximar de Júlia com um sorriso muito bem contornado pelo batom lilás, ela esticou o braço para um aperto de mãos, evitando assim trocar os três beijinhos que certamente borrariam sua maquiagem.

550 —Deve ser a senhora Cavalhais?— indagou ela.

—A viúva Júlia seria mais adequado.— retrucou Júlia, que era perfeita em desconsertar metidas à grã-fina com um tom cômico e irônico de falar.

—É um prazer conhecê-la.

560 Depois de alternar um olhar do rosto de Kelica para o rosto de sua mãe, percebendo nele traços de escárnio surgir no canto dos lábios, Manuelle pigarreou e aproximou-se para cruzar o braços por sobre os ombros de Kelica, como se fosse abraçá-la.

—E então, vamos?

565 Ouvindo a pergunta, Júlia desvinçou a expressão num espanto.

—Aonde você vai?

—Temos um convite para uma festa.— imiscuiu-se Kelica.

Não olhando no rosto de Kelica, Júlia ignorou seu comentário. Tivera feito uma pergunta à sua filha e esperava que ela a respondesse.
570

—Você não me disse que sua amiga viria para jantar aqui em casa?

—Sim. Mas isso se ela chagasse mais cedo.— respondeu
Manuelle, olhando de relance para o rosto de Kelica, como se
estivesse admoestando-a.

Entrando no jogo, Kelica encenou ter ficado com vergonha e
desceu um olhar contrafeito para o chão. Contudo ser uma garota
ingênua, Manuelle era inteligente e ardilosa, e essa reconhecível
inteligência garantia a ela toda a credibilidade e a confiança de sua
mãe, essa ciente de que não conseguiria prender para sempre sua filha
dentro de sua casa.

—Tudo bem.— aquiesceu Júlia, esmiuçando a expressão
inconfiável de Kelica— Mas cuidado.

Segundos depois de avistar sua filha desaparecendo aos poucos
na noite turva, ela fechou a janela de madeira e suspirou. Depois de
minutos sozinha, ela avistou Reginaldo entrar pela porta. Como
sempre, seu filho sorria envolto pelas roupas sujas. Depois de
percorrer um olhar pelos cantos da casa, ele perguntou da irmã; no
mesmo átimo a resposta rápida de Júlia cerrou seu sorriso cansado.
Meia hora depois, dois rostos preocupados trocavam olhares sobre a
mesa; mas não houve palavras, argumentos ou objeções, prevaleceu
apenas o silêncio sobre a mesa. Naquele momento, a mudança de
Manuelle começava a apresentar seus primeiros indícios.

Durante todo o mês de janeiro, Manuelle saiu nas noites de
todas as sextas-feiras e também nos sábados, sempre ao lado de
Kelica com sua arrogância estulta e desconexa. Para a preocupação
de Júlia, Manuelle se transformava bruscamente de uma menina
singela para uma adolescente estúpida e certa de um requinte não
existente. Suas maquiagens antes tênues, discretas, mudaram para
fortes e de forma explícita eram sórdidas para as pessoas austeras e
tradicionais, pessoas iguais a Edward, que não imaginava o que
estava acontecendo com sua filha. Em poucos dias, seu rosto
rapidamente tomou um aspecto igual ao aspecto de uma prostituta
torpe, e suas roupas, que começaram com uma calça opressora nas
pernas, mudaram-se para minissaias pretas e camisetas decotadas.
Houve um dia em que Júlia, bisbilhotando o quarto de sua filha,
encontrou calcinhas minúsculas na gaveta da cômoda. Entristeceu o
olhar e olhou para o lado; o retrato pueril de Manuelle sobre a
cabeceira da cama aumentou sua preocupação. Depois daquele dia,
ela refletiu muito em cortar a parte da pensão dada à sua filha, mas

715 tinha medo das possíveis consequências que essa decisão poderia
causar, pois a pior das mudanças dela estava em seu comportamento
áspero, denotando uma esquivança que antes não existia; qualquer
objeção imposta por Júlia, por mais insignificante que fosse, era
motivo de invectivas e ameaças de sair de casa. Nos últimos dias de
janeiro, ao sentir cheiro de cigarro nas roupas de Manuelle, sua pele
arrepiou-se ao lembrar de seu retrospecto, uma nódoa que continuava
a envergonhá-la.

720 O dia 24 de fevereiro foi um dia de euforia no centro *daquela*
cidade, desde sua cálida tarde até sua tépida noite. Os carros
circulavam constantemente, formando uma dança ondulante entre as
ruas movimentadas. O fluxo de automóveis e pedestres juntos
725 causavam um estrépito contínuo e insopitável, tão desagradável que
resultava em um sibilo atordoante nos ouvidos de qualquer pessoas
que por ali passasse.

730 Eram 23 horas e a rusga de carros prosseguia, seguida de um
movimento mais intenso de pedestres deambulando pelas ruas à
procura de algum divertimento, intriga ou até mesmo dinheiro; tudo
isso muito fácil de ser encontrado. Era comum a fotografia de
prostitutas paradas nas esquinas e nos canteiros que dividiam as
largas avenidas; isso era mais comum na avenida principal da cidade,
o lugar vulgarizado como “o canteiro das prostitutas”. E era naquela
735 mesma avenida que Manuelle e Kelica se aproximaram da frente de
uma das discotecas mais badaladas da cidade. Junto a elas estava
Renata, uma ruiva de aproximadamente 20 anos, esguia e com
cabelos encaracolados roçando em seus ombros curtos. Em seu rosto
sempre se via um sorriso tímido que denunciava uma propensão
740 acanhada à lascívia. Mesmo sendo a mais velha das três, Renata se
comportava como se fosse a mais retraída; suas roupas eram menos
libertinas e seu andar mais desengonçado ou menos elegante.
Contudo, nada ocultava sua beleza, ao contrário, sua idiossincrasia
sempre modesta era o que formava sua personalidade tímida, como se
745 ela fosse uma menina pueril dentro de um corpo desenvolvido. Com
o sorriso sempre cortado por uma mecha avermelhada de cabelos,
Renata também anuiu em entrar na discoteca. A Absinto Club era
uma das mais frequentadas danceterias da região. Não fechava suas
portas nem em dias de feriados santos em que o mundo inteiro
750 certamente fecharia as portas. Dado que morresse o próprio

proprietário da discoteca, ninguém se espantaria se a Absinto abrisse suas portas para uma agitada comemoração.

755 Após pagarem os ingressos, as três entraram na discoteca. À frente da portaria se avistava uma pequena sala com alguns sofás vermelhos espalhados pelos cantos, onde alguns jovens deitados se beijavam com frenesi, uma imagem tão saturnal quanto empolgante. Vendo aquilo, Kelica sorriu, entusiasmando-se com aquela cena.

—E aí, vamos à caça?!

760 Manuelle devolveu um sorriso como concordância e abriu as cortinas que roçavam no último degrau da escada que levava à pista, avistando um panorama esfumaçado onde se discernia unicamente a cabeça e os braços erguidos dos jovens que se comprimiam dividindo suor e saliva.

765 Naquela noite, Kelica usava uma calça vermelha com uma camisa preta e sensível, sua leve transparência dava a perceber seu sutiã vermelho e um *pircing* no umbigo, tudo combinado propositalmente provocante— ela carregava uma bolsa falsa com a etiqueta da Louis Vuitton, e dentro dela, seus utensílios de beleza e os de Renata, que se poupava de carregar bolsas ou qualquer outro objeto como estorvo. Diferente de Kelica, Renata usava um vestido longo e fino, dando a perceber a finura de seu quadril e seu traseiro grande, estável e sem calcinha, uma verdadeira tentação para a manifestação dos mais libertinos. Manuelle surpreendia entre o trio composto pela ruiva, pela morena e pela loira. Diferente da antiga Manuelle infantil e recatada, ela se assemelhava a uma mulher experiente, o que fazia dela ainda mais interessante e atribuía a ela uma imagem de autoridade sobre as outras. Seu sorriso era sempre muito bem encenado e atuava sempre nos momentos adequados. Seu olhar direto era conspícuo para todos; os inseguros desistiam humilhados pela insegurança e os convencidos jogavam incertos se conseguiriam ou não conquistá-la, esses certificavam negativa quando ela os esnobava. Naquela noite, Manuelle usava uma bolsa preta com o mesmo brilho de sua microssaia da mesma cor, e uma tomara-que-caia vermelha sob um brando casaco preto, que mantinha sempre aberto para exibir o volume de seus seios. Em seu pulso, o Gucci que ganhara de Jasom irradiava em dourado, e em seus lábios, o batom vermelho formava, por fim, sua aparência específica, unindo-se aos cabelos loiros e encaracolados, como de um anjo feminino da nova era, um anjo malvado lançado à Terra para tentar os

770
775
780
785

790 homens em desejo e inveja. Desde quando começaram a sair juntas, elas nunca foram a um lugar mais de uma vez, o que ajudava elas em manter sua reputação, pois o comportamento era sempre antipático e desastroso. Sempre bebiam com homens que pagavam suas bebidas, intencionados pelos maus pensamentos, que no final da noite eram desvaecidos ao verem as garotas irem embora sozinhas. No bolso de 795 cada homem ficavam apenas números de telefone não existentes anotados em guardanapos amassados ou registrado na memória de um celular. Entravam como damas, saíam como vagabundas bêbadas e esnobes. A única qualidade que ainda persistia em Manuelle era a obediência para com o ensinamento de sua mãe de não se envolver 800 com qualquer homem. Mas até essa qualidade estava sendo sobrepujada pelas deformidades da nova Manuelle. Faltava apenas o embuste certo de alguém ardiloso no momento certo, no momento em que a personalidade de Manuelle estivesse totalmente alterada.

805 Duas horas depois as três já estavam sentadas em uma das mesas de um corredor largo que circundava toda a pista de dança dois metros abaixo. Estavam acompanhadas por dois homens que pagavam a cada minuto um copo de bebida para cada uma delas. Mesmo sendo a mais judiciosa, ou a menos irresponsável, Manuelle, 810 um tanto embriagada, não se importava mais em cruzar as pernas, mostrando sua calcinha para os homens que se empolgavam na pista.

—Sempre vem aqui?— perguntou um dos homens, com um dos braços descansados sobre os ombros da loira mais excitante da discoteca. Despercebida, ela respondeu que sim com um gesto. Foi, 815 como sempre, imatura em não perceber a troca tendenciosa de olhares entre os homens, que certamente eram frequentadores assíduos naquele lugar e que descobriram na resposta de Manuelle que ela estava mentindo.

—E você, sempre vem aqui?— indagou ela, ouvindo o sorriso 820 alto do outro homem, que ao lado, contornava Kelica com seus braços robustos, onde os pêlos longos tornavam quase indiscernível algumas tatuagens.

825 Enquanto os homens pagavam bebidas em profusão e as garotas se embriagavam, os minutos se passavam rápido. Quando se deu por conta, Kelica já se via sentada sobre as pernas de um dos homens, tão bêbada que não mais dava importância ao que estava acontecendo e nem ligava para os dedos que entravam entre a calça, o fio-dental e as nádegas. Até gozava disso, pois empinava o traseiro na

330 intenção de facilitar o contato do dedo do homem com sua vagina. Ainda mais embriagada, Manuelle não se limitava em tomar profundos goles de absinto e o homem, sempre mais próximo, não se hesitava em dar longos e úmidos beijos em seu pescoço.

—Mais absinto?— sussurrou ele, com os lábios colados no ouvido dela enquanto ela engolia o que restava de bebida no copo.

335 Ela afirmou e após poucos minutos, um jovem garçom, eufórico e sorridente, trouxe outra bebida em uma bandeja de prata, e o homem, por sua vez, tirou a carteira do bolso.

340 —É por isso que eu amo meu trabalho.— convencido, ele mostrou um *fardo* de notas de cinquenta e cem reais num suasivo antojo.

Impressionada, Manuelle logo pegou o copo de bebida para secá-lo em apenas um gole. A bebida amarescente fez ela encrespar o rosto, mas logo ela sorriu e aproximou a boca ao ouvido do homem.

345 —Este lugar *tá* tão chato. O que acha de me levar *prum* mais discreto.

Após ouvir o melhor sussurro da noite, o homem abraçou-a e juntos se levantaram. Manuelle despediu-se de suas amigas e saiu cambaleante nos braços daquele estranho.

350 Mesmo sem escutar as palavras de sua amiga, Kelica acenou um tchau ondulando os dedos, estando ainda sentada sobre as pernas do homem que continuava empolgado em tocar seu corpo com uma das mãos, pois a outra estava ocupada entre as pernas de Renata, deitada incôscia do outro lado do sofá.

355 Sem dar atenção ao que estava acontecendo ou com o que tendia acontecer, Manuelle observou o carro entrar em um motel minutos depois de sair da discoteca. Depois de apanhar a chave de uma das suítes mais baratas, o homem estacionou o carro na garagem descoberta. Segundos depois subiram os degraus de uma escada baixa e entraram na suíte. Manuelle não implicou ao ver em sua frente um quarto pequeno e com pouca mobília, incluindo apenas uma cama de tamanho médio, uma TV anexa no alto da parede, um armário simples e ao lado da cama, uma cômoda branca sustentando um telefone grande e antigo. Além desses móveis, havia um frigobar pequeno abaixo do suporte da TV.

365 —Como se chama?— perguntou ela, friccionando os punhos sobre os olhos vermelhos.

—E isso importa?

—Claro. Quero ao menos saber o nome do homem com quem eu vou transar.— disse Manuelle, tão bêbada que nem tinha noção do que estava falando. E fazendo.

—Marcos.— respondeu ele; seus olhos fascinados contornaram o corpo dela antes de se aproximar para beijá-la sofregamente na boca, que ainda sustentava um forte gosto de bebida.

Ela estava tão ébria que nem ao menos tentou evitar com que ele tirasse sua blusa com força, até esforçou-se levantando os braços para que ele tirasse a tomara-que-caia opressora que apertava-lhe os seios. Enquanto a boca dele chupava de forma impaciente os seios dela, que bocejava enquanto se deitava na cama, uma mão hábil tirou a calcinha sem mesmo tirar a saia. Sentindo a vagina seca com os dedos, ele desceu deslizando ondulantemente a língua até os ralos pelos pubianos. Permanecendo deitada sobre o colchão, a inconsciência vencendo a consciência, Manuelle nada sentiu além da forte letargia que fechou suas pálpebras....

... O brilho da aurora refulgindo na pequena janela acordou um dos corpos nus sobre a cama desarrumada. Sóbria, Manuelle sentiu o repugnante cheiro de cigarro em seus braços e o gosto azedo da saliva na boca, que mesmo com repugnância foi engolida. Virou-se para o lado, olhando com seu primeiro olhar analítico para o homem, e ali observou com quem tinha transado. Era um homem de mais ou menos trinta anos, com cabelos claros e enrolados, diferente da imagem colorida pelas luzes no início da noite que tinha se passado. Tinha uma compleição viril, e mesmo dormindo ele não tinha o aspecto de um homem rústico ou se classificava como um aproveitador de menininhas ingênuas, pois seu semblante era bondoso e tinha constantes marcas de sorriso no canto dos lábios. Sentindo a claridade do Sol no rosto, Manuelle olhou para o relógio e sacudiu de leve o ombro do homem.

—Que horas são?— resmungou ele.

Sentindo o anélito de álcool vindo de sua boca, Manuelle olhou para o relógio.

—São dez horas e ..., Droga! — sobressaltou-se ela— Passamos do tempo de *ficar* no quarto.

A voz exaltada de Manuelle despertou o homem de seu cochilo.

—Calma, mocinha! Eu pedi *uma* pernoite.— disse ele, pondo-

se sentado sobre a cama.

—Mas a noite acabou!— lembrou ela, procurando a calcinha que tinha se perdido no lençol amarfanhado.

O homem oscitou e levantou-se a custo, procurando suas roupas no assoalho. Após vestir a calça e a camisa, sentindo o cheiro de bebida e cigarro impregnado no tecido, ele fechou a porta do quarto e ambos saíram. Segundos depois, o carro se afastou do pátio do motel.

O centro da cidade estava deserto e silencioso. Nas ruas se via apenas a circulação de homens velhos e mulheres casadas, algumas com crianças e outras com cães, que na liberdade da corrente, corriam sobre canteiros e calçadas. De dentro do carro, Manuelle discerniu em cada rosto que circulava pela calçada a melancolia urbana, a triste certeza de que não se pode confiar em ninguém, a certeza de que todos que viviam naquele mundo eram falsos e céticos, mas que mesmo assim eles procuravam a felicidade. Quando Cliff Richard terminou de cantar *All That Matters*, Manuelle despertou dos pensamentos e fechou o vidro da porta.

—Pode me deixar aqui mesmo.— pediu ela.

—Posso levá-la em casa, se quiser.

Ela sorriu, imaginando a expressão de sua mãe se isso acontecesse, se o carro de um estranho parasse em frente sua casa e de dentro dele saísse sua filha.

—Acredite, não seria uma boa ideia.

Sem questionar, o homem estacionou o carro, e quando Manuelle insinuou abrir a porta, ela ouviu:

—Espere!

O homem tirou a carteira do bolso e dela retirou um cartão com seu número de telefone. Sorriu e a entregou. Após apanhar o cartão, ela abriu a porta e saiu. Assim que deu os primeiros passos em direção a uma parada de ônibus, ela percebeu que o vidro automático do carro se abriu.

—Você estava esquecendo.— disse o homem, inclinado-se sobre o assento direito do carro.

Diferente do homem bêbado e toco da última noite, o sorriso dele era tímido enquanto oferecia a ela uma cédula de cem reais pela janela. Sem pensar em palavras, Manuelle impulsivamente apanhou o dinheiro, vendo em seguida o homem fechar o vidros e colocar o carro em movimento.

Confusa em meio a calçada, ela olhou para o dinheiro e sorriu.

Minutos depois, sem maquiagem sobre o rosto esquelético e com suas roupas amarrotadas, ela entrou no ônibus após jogar despreziosamente o cartão com a inscrição “Marcos Silveira, MÉDICO” grifado sobre seus dois números de telefone. Vendo o papel rasamente adejando com o vento antes de encontrar seu lugar sobre o asfalto, Manuelle pensou, sorrindo: *Você já me deu lucro por hoje, seu idiota, nojento e ... insuportável.*

Porém, tudo o que é considerado insuportável, na verdade, tem um preço que o torna suportável.

Era o primeiro domingo de março e a cena do último domingo de fevereiro estava se repetindo pela terceira vez com Manuelle. Era impressionante como tão facilmente ela se acostumava com as mudanças, como se ajustava adequadamente com as coisas novas e não se preocupava com essas mudanças mesmo sabendo que estava seguindo por um caminho escuro e irregressível. Talvez até estivesse se divertindo com isso. Usando uma minissaia nova e bem mais justa que a antiga, ela descia de um outro carro, colocando mais cem reais dentro de uma bolsa barata.

Naquele momento, Reginaldo apreciava o café da manhã feito por sua mãe, pois o domingo era o único dia da semana que poderia ser usado para tomar o melhor café matinal, o café preparado pelas hábeis mãos de sua mãe. Com expressão amarrada e a preocupação revelando-se no brilho mortiço dos olhos, Júlia observava calada seu filho mastigando um bocado de pão caseiro, percebendo que, diferente de Manuelle, Reginaldo continuava sendo o mesmo garoto de antes.

—Ela está cada semana pior?— disse ele, sem ao menos olhar para o rosto corrugado de Júlia. O covarde silêncio de Júlia irritou Reginaldo, que engoliu com pressa o pouco de pão que estava na boca.— Meu Deus, mãe! Você se faz de ingênua, se forçando a acreditar que Manuelle continua sendo a mesma. Há menos de um mês ela nem saía às noites, e olhe para o relógio agora?!

—Sei disso, mas acredite, será pior se nós *reclamar*.— falou Júlia, com a convicção adquirida pela própria experiência.

—Pior que isto?!— Reginaldo não tentou controlar a impaciência— Ela anda, fala, se veste como... como uma prostituta drogada!

085 Júlia suspirou e entristeceu o cenho; seus olhos vermelhos
ustulavam as pálpebras e a dor de cabeça causada pela preocupação
fez ela levantar-se calada e sair para fora de casa. Não queria que seu
filho a visse chorar.

090 Meia hora depois, Manuelle entrou pela porta sem descalçar
suas botas pretas.

—Cadê a mãe?— indagou ela, cruzando um olhar por dentro
da casa.

—Deve estar te procurando.— Reginaldo levantou-se da
cadeira.

095 —Ah! Não brinca.— Manuelle sorriu e sentou-se em uma
cadeira para descalçar as botas.

—Posso te pedir uma coisa, Manu?— vendo a afirmação num
movimento de cabeça, Reginaldo completou— Seu pai, nunca mais o
viu?

000 A mão de Manuelle parou na metade do zíper da bota e ela
suspirou ao ouvir aquela pergunta.— Aquele corno?! Não! Acho que
nem sabe que tem uma filha!— ela respondeu, levantando-se da
cadeira sem mesmo descalçar os pés das botas.

005 Reginaldo olhou-a de cima para baixo, um olhar vilipendioso
que de certa forma provocou sua irmã.

—O que que foi, algum problema?

—Nada. Simplesmente, se fosse ele, eu faria o mesmo. Meu
Deus! Um homem tão bem sucedido...— Reginaldo meneou a cabeça
de forma depreciativa e inconformada.

010 Ouvindo isso, ela sorriu incrédula, sentindo-se ridicularizada
pelos olhos de seu irmão.— Ah! Olha *só* para você, seu... seu
mendigo!

015 As palavras de Manuelle foi como um punhal perfurando o
coração de Reginaldo. Ele, que com desgastante trabalho nunca
deixou que faltasse nada para sua irmã e sua mãe, agora estava sendo
insultado pela irmã ingrata por estar vestido de roupas velhas e ter no
rosto tisonado as evidências do sofrimento. Os calos nas mãos eram
sinais de desgaste, mas também eram indícios de força. Poucos
020 segundos depois, enquanto tentava baldadamente controlar os
impulsos pressionando a xícara de café sobre a mesa, a mesma se
despedaçou na parede e fragmentos de vidro espalharam-se pelo chão
da casa e por sobre os móveis. Junto ao ruído dos pedaços de vidros
se espalhando pela casa, a voz gritada de Reginaldo ecoou nos cantos

do barraco:

—Ao menos sou honesto, meu trabalho é honesto! Sua vaca!

Houve uma longa pausa e uma profunda troca de olhares. Enquanto ele respirava fundo, ela se mantinha lapidificada, olhando nos olhos vermelhos de seu irmão, que nunca reagira de forma tão explosiva e ameaçadora— uma mistura de raiva e indignação que fazia com que os lábios dele tremessem enquanto respirava pela boca. Olhando para a expressão ao seu lado, Manuelle respirou apenas quando Reginaldo abaixou a cabeça, tentando aplacar seu ímpeto; sua vontade era, na verdade, dar uma boa surra em sua irmã, educá-la como um pai educando uma filha. Mas ele não podia fazer isso. Ele era seu irmão e não tinha poder para delimitar suas atitudes e seu comportamento. A única atitude a tomar naquele átimo seria aconselhar sua irmã sobre o caminho que ela estava seguindo. *Mas que exemplo usar?* Pensando a respeito disso, Reginaldo respirou fundo antes de abrir a boca:

—Quero falar uma coisa pra você, Manu, a verdade sobre o passado de nossa mãe.

—Passado? Verdade? Do que está falando?— Manuelle olhou curiosa para o rosto de Reginaldo, vendo-o mais calmo sentar-se na cadeira.

—Prostituta.— respondeu ele, ruborizando a face— Nossa mãe era uma prostituta, é isso.

A perplexidade impediu ela de pensar em alguma outra pergunta. *Prostituta.* A comparação surgiu no mesmo instante, deixando Manuelle dividida entre a surpresa e a confusão.

—É isso mesmo que acabou de ouvir; uma prostituta.

—Nossa mãe? Uma prostituta? Quem falou isso pra você? Essa ... essa mentira?

—Pergunte a ela sobre essa mentira, assim você conseguirá desapontá-la ainda mais.

Desaponto. Então era isso que ela significava para sua mãe. Mas por que será que Reginaldo estava revelando sobre o passado de sua mãe naquele momento? Seria alguma comparação derivada de alguma desconfiança? Provavelmente sim, mas ela não podia relutar ou redarguir nada sabendo que ele estava com a razão, mesmo ela estando latente, revelando-se apenas em suas palavras e atitudes.

Após o terceiro e mais meditativo silêncio, Manuelle suspirou e entrou em seu quarto. Silenciosamente, ela concordara com a

comparação de seu irmão, e de forma indutiva, soube que ele não estava mentindo, não a respeito de algo tão sério como o passado de sua mãe.

Sentada ao lado do colchão, Manuelle olhava para as roupas dentro do guarda-roupa que estava com as portas abertas. Macambúzia, ela estudava suas roupas antigas, de cores ingênuas, e os tênis de passeio que não mais usaria por considerá-los insipidamente infantis. Em cima da cômoda havia uma caixa de sapatos aberta, e dentro dela, seus antigos *batões* de cores tênues e outros utensílios para o embelezamento facial, propriamente para meninas imaturas, isso sob à sua concepção deturpada pela mudança de comportamento. Sentindo as lágrimas encobrirem as pupilas, ela abriu uma gaveta da cômoda, tirou algumas calcinhas claras, que não mais usava, e revirou as roupas até encontrar uma foto de Jasom, que ela mesma *bateu* no início do namoro— na fotografia, ele usava uma calça rasgada e uma camiseta com a estampa dos *Scorpions*. Subiu os olhos para sua foto no porta retrato ao lado do velho espelho e não conteve as lágrimas ao compará-la com seu reflexo esmaecido no espelho. Terminou abraçando a foto de Jasom e por longos minutos ela chorou debruçada sobre o colchão. Sentia que ainda o amava, que amava da forma mais estranha possível o garoto que estava ali, sorridente na fotografia. Minutos depois, ela observou suas roupas apertadas imundarem o lençol limpo e levantou-se, puxando a tomara-que-caia para secar as lágrimas. Num rápido pensamento, ela acreditou que seu destino poderia ser análogo ao destino de sua mãe, que seu fado poderia ser uma herança congênita e insanável que acompanharia ela até o fim da sua vida. Agora Manuelle tinha com quem se identificar, sentiu que tinha uma real identidade— era idêntica à sua mãe.

Saber sobre o passado de Júlia foi a resposta que Manuelle procurava para tudo o que acontecia, para a naturalidade dos acontecimentos e para suas decisões irreflexivas, como por exemplo, o motivo que a levou a romper os sponsais com Jasom. Desde quando era criança, ela sentia que tinha um destino traçado e que não adiantaria esquivar-se dele. No decorrer dos anos aquele sentimento aumentava gradativamente, e naquele momento, movida pelo conhecimento sobre o passado de Júlia, esse sentimento se tornara uma convicção. As perguntas aumentavam e a resposta única para todas elas tardou a vir. A circunstância de estar ali, prostituindo-se, e

saber sobre o passado de Júlia foi a resposta.

105 Pensou em tudo isso olhando para a foto de Jasom sobre a cama, e ao lado da fotografia, o celular desligado. Pensou durante algum tempo, e logo discou os números do telefone de Kelica para responder a pergunta que sua amiga tivera feito a ela há alguns dias, uma pergunta que ela deveria ter ponderado muito antes de responder.

110 “A rua não estava movimentada. Escutava-se apenas o ruído suave dos motores dos poucos carros que cruzam a alameda e o vento soprando nos galhos das árvores mal vislumbradas pelo tênue brilho da Lua sobre as nuvens. De repente, quando tudo se tornou silencioso, um homem saiu de trás do tronco de uma das árvores e deu os primeiros passos na direção da entrada de um prédio do outro lado da rua, onde três garotas conversavam e sorriam sob a esbatida luz das lâmpadas dos postes. Olhando para suas costas, se via as duas mãos juntas impedindo que o sobretudo escuro esvoaçasse pela brisa — uma das mãos segurava com firmeza um “crucifixo” mortalmente pontiagudo que cintilava no escuro. Olhando de frente para o homem, percebia-se em sua face semi-abaxada um sorriso mordaz e dois olhos pungentes fitos em uma das três garotas. A visão lenta de ele se aproximando se acelerou. Segundos depois ele já estava do outro lado da rua. As mãos voltaram-se para frente, uma delas indo na direção do pescoço da mais linda das três garotas e a outra erguendo o 'crucifixo' prateado. Um segundo depois um grito áspero e doloroso ecoou nas extremidades da rua enquanto o crucifixo buscava o coração da garota e seu sangue lavava de vermelho seu vestido branco. A visão do que estava acontecendo ao lado da rua subiu para um dos últimos andares do prédio, de onde alguém, um homem aparentemente abastado e solitário, olhava angustiado para a garota que caía na calçada, vendo seu sangue pouco a pouco contornar seu corpo”.

135 Naquele momento, Jasom despertou sobressaltado de um pesadelo, o suor escorrendo-lhe pelo corpo. Aturdido, ele olhou rápido para o armário ao lado e viu sobre ele o rádio que repetia aleatoriamente as músicas de um CD do Nirvana em baixo volume. Para ele, todo o flagelo da separação estava se amenizando aos poucos, como uma tortura implacável acostumando ininterruptamente ele à dor. Coisas estranhas vinham acontecendo, coisas que ele não

entendia que era além do sofrimento de ter perdido a pessoa a quem mais amava. Eram presságios distribuídos em sonhos melancólicos e terríveis pesadelos que ultimamente atemorizavam suas noites. O que fazia desses pesadelos, presságios, era a triste presença de Manuelle envolta de sangue, tristeza e/ou pessoas falsas, abrangidas de uma doblez que apenas Jasom percebia. Mas ele nunca estava por perto para poder ajudá-la nos pesadelos; e quando estava, estava distante, no alto de um prédio ou na margem de um lago de águas ferventes. Enquanto estava dormindo, os sonhos e pesadelos o torturavam, e quando estava acordado, a lembrança de Manuelle fustigava-lhe nas noites de chuva em que tinha medo de fechar os olhos. Enfim, naqueles dias Jasom não tinha outra opção além de sentir temor ou saudade.

Era entardecer daquele mesmo dia. Sobre a pequena mesa cruzavam olhares furtivos, ofuscados pela fumaça das panelas que subia até se desvanecer no teto baixo pela incandescência da lâmpada acesa. Reginaldo expectava o que estava por trás do silêncio de Manuelle e Júlia presumia o que estava acontecendo ou o que tinha acontecido; o porquê que os olhares de Reginaldo escapavam dos olhos de Manuelle quando esta levantava a cabeça, tudo na mesma dissimulação mal-encenada quando crianças brigavam e escondiam de Júlia o motivo da briga. Porém, Júlia, suspeitando que alguma coisa tinha acontecido, não perguntava nada; calada, ela olhava para o prato de comida sobre a mesa na certeza de que logo a resposta aconteceria naturalmente, como quando eram crianças.

—E então, Manu, não vai sair hoje à noite?— perguntou Reginaldo, quando os olhos rápidos de Manuelle buscaram os seus. O tom natural em sua voz, que exigia sinceridade, açulava Manuelle ao desabafo; ele, que conhecia perfeitamente a irmã e decifrava tão facilmente suas expressões tão denunciativas, sabia que naquele momento, impulsionada pelo tique-taque importuno do relógio colado na parede da sala, ela controlava para que alguma decisão deturbante para sua família não escapasse precipitadamente pela boca. Mas ela olhou no rosto do irmão e viu apenas a esquivação que ele usava como um escudo para encobrir o medo pela resposta, enquanto mastigava a comida com um olhar expectante, esperando ela responder a sua pergunta.

—Vou.

80 Reginaldo engoliu a comida e fez-se, novamente, o silêncio. O
tempo passou seguido de olhares espreitantes, e quando os pratos e as
panelas estavam sobrepostos na pia, eles ouviram o bater na porta.
Um olhar inexpressivo para Júlia escorada no rebordo da pia e
85 Manuelle caminhou até a porta; abriu-a e avistou Kelica em sua
frente com um meio sorriso que mal desenrugava os lábios carnudos.
Da varanda mal iluminada pela lâmpada fraca que piscava na ameaça
de se apagar, Kelica cruzou um olhar vago por dentro da casa, mas
que implicitamente pedia desculpas unindo-se a marca do sorriso
90 disfarçado nos cantos dos lábios, como se no fundo ela soubesse que
parte da decisão de Manuelle, ainda não revelada e que certamente
afligiria sua mãe, fosse sua culpa.

—Olá, pessoal.

195 Não ouvir resposta ao seu cumprimento deixou Kelica
embaraçada. Ela levou os olhos ao rosto de Manuelle e formou um
olhar arrependido que exprimia “seja o que acontecer, a culpa é toda
sua, foi você quem decidiu isso”. Mas Manuelle concretizara sua
decisão antes mesmo de ter ligado para a amiga. Já estava decidida
desde quando ficou sabendo sobre o passado de sua mãe, quando
200 mecanicamente foi influenciada pela comparação com o que
naturalmente estava acontecendo com ela. A impressão era que o
destino esperava que ela seguisse os indícios tão coincidentes
deixados pelo passado e presente para que pudesse descobrir seu
futuro, como se o destino estivesse colocando ela em uma temerária
busca pela verdade, a verdade de algo que nem mesmo ela conhecia.

205 —Espere aqui que eu já volto.— pediu Manuelle, antes de dar
as costas e entrar no quarto.

Júlia sentiu gelar o coração ao estudar o semblante amarrado
de sua filha quando ela abriu a porta do quarto, como uma prévia
silenciosa e angustiante segundos antes do esclarecimento. Mas seu
210 coração de mãe acelerou, arrebatando as correntes de gelo, quando,
minutos depois, a porta se abriu e Manuelle saiu do quarto
carregando duas pequenas malas. Ela já chorava e no pulsar do
pescoço percebia-se que ela controlava os soluços engolindo a saliva
produzida pelo pranto— os literais soluços dramáticos que torna tudo
215 ainda mais difícil. Seu queixo tremia como o de uma criança quando
chegou à porta. Colocou as malas no chão e enxugou as lágrimas que
corriam pela face, imaginando o desespero de sua mãe ao ficar
sabendo que ela, sua filha tão amada, não estava saindo para um

220 passeio, que aquela saída era definitiva, que não teria mais volta. Quando girou o corpo para desfecho, ela viu que Júlia se aproximava com um olhar que suplicava por um esclarecimento; por apenas algumas palavras denotativas que atenuasse o susto. Um “*ah, mãe, não se preocupe, é só por uma semana*”.

225 Mas isso não aconteceu. O que aconteceu foi um tremor no queixo e nos lábios de Manuelle antes de balbuciar as duas palavras que disseram tudo:— Me desculpe...

230 Naquele átimo, Manuelle soube como é difícil pronunciar a palavra "mãe" quando se sabe que o único motivo de sua tristeza é sua própria decisão; naquele momento ela não se considerou digna de ter uma mãe amorosa como a mãe que tinha.

235 A vaga noção de que sua filha estava saindo de seus cuidados foi um golpe tão profundo que Júlia não soube como impedir ou ao menos no que pensar. Ficou perplexa e inativa pela junção de sentimentos. Agiu meio que involuntariamente, como todas as pessoas que amam agem diante de uma despedida— um abraço que evidencie todo o amor e ao mesmo tempo toda a tristeza. Mesmo na asfíxica vontade de impedir a decisão de sua filha, Júlia não conseguiu. Num átimo, todo seu vocabulário se dissipara de sua mente. Apenas resvalava as mãos nos cabelos que estavam sendo molhados por suas lágrimas; aqueles cabelos macios e sedosos que muitas vezes penteou e que ainda mantinha o mesmo cheiro de criança, daquela menina linda e afável, que ali e naquele momento existia apenas no intrínseco, no interior daquele corpo mau vestido e que estava de saída.

245 Presenciando aquela cena, Reginaldo se levantou rápido, derrubando a cadeira no assoalho, causando assim um ruído que não foi ouvido. Os olhos encharcados piscaram apenas quando todos ouviram a batida veemente da porta do quarto. Mas não surpreenderam-se com isso, apenas voltaram à realidade.

250 Por alguns segundos Manuelle estudou o rosto cheio de rugas de sua mãe, percebendo o quanto ela ficava mais velha com rosto molhado de lágrimas.

255 Em meio a porta, Kelica observava quietamente aquela cena com a expressão deprimida. Um sentimento cortante de piedade invadiu seu peito. Mas era algo que não queria sentir, pois se classificava uma fraca sempre que sentia vontade de chorar. Quando ainda era pequena, sua mãe abandonara a ela e a seu pai, um bem

260 sucedido proprietário de uma rede de panificadoras. Depois da
desilusão de ter perdido a esposa, seu patrimônio se convertera em
apenas um pequeno bar em um bairro pobre da cidade frequentado
por prostitutas, bêbados e traficantes. Muitas vezes quando estava
265 bêbado, ele tentara ter relações com a própria filha, mas por estar
adínamo pelo efeito bebida ele nunca teve sucesso e no outro dia
desfaçadamente implorava por perdão à sua filha. A mudança do pai
personificou Kelica, fazendo dela uma garota inconfiável e difidente;
não acreditava na bondade inata das pessoas, e sim, no fugaz estado
270 emocional que encobre o caráter de cada um. Na crença de que o
homem em geral é um ser de temperamento instável, que faz dele o
mais falso dos animais, Kelica criou uma aura de proteção contra a
falsidade das pessoas. Não acreditava em ninguém, mas não sabia
que deixar-se conduzir pelo pensamento de que para não ser
enganada por pessoas falsas ela precisava ser rigorosa, inexorável
275 para com os mais sutis sentimentos, evitando-os, era um erro
irremediável, pois são os bons sentimentos e a boa índole que
personificam pessoas íntegras, e sem esses sentimentos as pessoas,
sim, se tornam falsas.

Kelica era falsa e era a melhor amiga de Manuelle.

280 Com a expressão triste, Manuelle esforçadamente rompeu o
abraço e se direcionou soluçando até a porta. Apanhou as maletas e
saiu para fora do barraco que por anos foi seu único lar. Estava
prestes a sair dos aconchegos de sua mãe e de seu irmão, que desde o
seu nascimento foi seu único defensor. Minutos depois, ela já
caminhava longe de sua antiga casa, no escuro da rua, perdendo-se na
solidão da noite.

285 “*Vá com Deus*”, essas palavras delinearam os pensamentos de
Júlia durante o longo tempo em que via pela janela sua filha se afastar
carregando apenas suas roupas e seu fado, como uma criança saindo a
esmo na rua, precisando da proteção que só Deus poderia lhe dar.
Como mãe, ela sabia que, querendo ou não, Manuelle ainda era uma
290 criança, uma criança desprotegida que precisava de uma mãe que ao
menos tentasse impedir o que ela estava fazendo. Mas o *demônio*
palpitante que havia dentro de Júlia era ágil e causava nela um medo
de tentar obstruir o caminho que sua filha tomava, de trazê-la de volta
para casa. Talvez aquela impiedosa e irrefletida decisão de Manuelle
295 fosse seu maior erro e o medo obstrutivo de Júlia fosse o apoio para
esse erro. Chegaria o dia em que esse medo se converteria em

arrependimento de não tentar intervir em nada. Mas, como na maioria dos casos, seria tarde demais para arrependimentos.

300 Manuelle mudara bruscamente em poucos meses. Mudanças que nem mesmo ela compreendia. Desde o rompimento de seu noivado, ela se via sempre em dilemas opressores, mas sempre a opção mais ambígua era imprudentemente a escolhida. Inconscientemente, ela se deixava levar pelo incerto. No mesmo dia em que saiu de casa, ela decidiu que não iria mais concluir seus estudos. Acreditava ingenuamente que era sem intuito e precisão, que seu futuro estaria traçado de um forma diferente e era apenas esse destino que ela esperava. Acreditava que esse destino era insólito e que ela poderia ser uma pessoa especial, escolhida por Deus para alguma ocasião especial. Ela se baseava numa ideia metafórica de que o mundo era apenas uma cadeia alimentar onde os fortes se alimentam dos fracos após os engordarem em jaulas, jaulas chamadas classes sociais onde ela discernia apenas operários— estudantes se compatibilizando para exercer cargos cada vez mais influentes, sendo que nunca deixariam de ser operários mais graduados; mendigos que desistem e não querem participar de nenhuma dessas classes; patrões pesporrentes que se acham exímios e preponderantes, mas que também estão equivocados, pois também são funcionários de um patrão ainda mais graduados, e por fim, pessoas semelhantes à ela, rebeldes e antagônicas à essas regras impostas na sociedade. Estudar seria apenas mais um setor desta *empresa*, deste *cárcere*, e fugir dele seria a mais congruente escolha, a escolha de uma pessoa que vê além do mundo em que vive. Perdida num mar de incertezas, de pressentimentos e de escolhas precipitadas, uma aguçada sensação era o que mais desconfortava Manuelle; *onde quer que ela fosse, a impressão de que estava sendo seguida por alguém tirava sua tranquilidade.*

330 Mas de alguma forma, calma ou agitada, Manuelle tinha que se alimentar estando dentro ou fora desta *empresa*, pelo menos até que seu destino chegasse ao seu término e tudo então passasse a ter um real sentido.

340 —E então, Manuelle,— perguntava Kelica, minutos depois de entrar no apartamento e avistar Manuelle debruçada sobre o sofá; ela mordicava delicadamente a ponta das unhas enquanto assistia o filme que passava na sessão da tarde meio apagado pela claridade do Sol que traspassava uma leve cortina alva e iluminava toda uma estante antiga *desvernizada* pelo tempo— o que decidiu?

—Não sei. Ainda estou indecisa.

350 Tinham se passado 15 dias de sua lastimosa saída de casa e perdida sobre em um sofá de napa, Manuelle se via em frente um outro dilema, talvez o mais importante de sua vida, e ela sabia disso, mas a altivez herdada do pai somada à natureza esquiva a impedia de voltar para casa da mãe.

—Pois decida logo, Manu, só falta a sua decisão.— Kelica sentava-se no sofá ao lado.

355 —Deixe-me pensar melhor sobre isso, tá bem?!— Manuelle empertigou-se e encenou um olhar efusivo; porém havia algo de defensivo nos olhos dela.

—Tudo bem, mas imagine; quem vai cobrir nossas despesas; o aluguel, a comida.— por alguns segundos, Kelica estudou o olhar preocupado de Manuelle, mas acabou formando um sorriso no medo de afugentar o perfeito sustentáculo de seus planos— Agora deixa isso pra lá, quero te mostrar o vestido que comprei.

365 Manuelle suspirou observando Kelica se levantar do sofá e entrar rápido em um dos três quartos que havia no apartamento mais apertado do prédio. Minutos depois ela saiu envolta por um vestido vermelho e toda a preocupação defensiva de Manuelle se converteu em espanto vendo Kelica resvalar a mão dos seios até o braço, sentindo com os dedos a lisura do organdi vermelho sobre a pele.

—É um autêntico Halfh Laurem.— disse ela.

—Nossa! Deve ter gastado uma fortuna?

370 Kelica não respondeu; relanceou um olhar para cima da pequena mesa de centro onde estava a nota fiscal. Manuelle seguiu o olhar e apanhou o papel.

—Mas... como?— indagou ela, com um sorriso meio que atônito enquanto os olhos se mantinham perplexos no valor do

375

vestido.

—Trabalhando, minha amiga. Pra ser exata, uma semana de trabalho.

380

Manuelle fechou instantaneamente o sorriso e abriu um pensamento suasório. Horas depois Kelica sorria contente, seu plano ocorrera como o previsto, e agora, com a anuência de todas as garotas que dividiam o apartamento, nada mais poderia impedir que ela inaugurasse sua agência de acompanhantes; a partir do momento em que o anúncio fosse publicado, ela não iria mais precisar se prostituir em boates frequentadas por bêbados grosseiros que rezingavam asneiras na hora de pagar pelo programa.

385

390

Uma semana depois se lia nos classificados dos três jornais da cidade mais um anúncio de uma nova agência de acompanhantes. O que incitava os homens era o fato de ser composta por quatro garotas de aproximadamente 20 anos; porém, muitos deles se decepcionaram e sentiram-se indiretamente humilhados ao terminar de ler o anúncio, que revelava alusivamente a beleza das garotas: *Apenas para a elite.*

395

400

405

410

Havia mais de duas horas que Jasom se encontrava trancado em seu quarto. Desde o fim do noivado ele se comportara como um misantropo, totalmente encarcerado em pensamentos. O fim do noivado foi tão excruciante e doloroso que fez ele renunciar a tudo, inclusive seu emprego e os poucos amigos que lhe restaram do passado. O que o mantinha soerguido era um antigo sonho, que aos poucos reaparecia como uma nova opção para a vida e o tornava um monomaniaco retraído. Segurava um violão sobre as pernas e ao seu lado, sobre a cama desarrumada, estava seu velho caderno aberto e uma caneta sobre as páginas amareladas. Fechou os olhos, buscando uma inspiração, e logo os dedos formaram o primeiro acorde e uma batida exata nas cordas. Em seguida sobreveio o segundo acorde, o terceiro, e por fim o solo. Abriu os olhos, apanhou a caneta e escreveu o primeiro verso. Imaginado estar guiando um carro em meio uma avenida em alta madrugada, onde pessoas solitárias andavam a esmo nos cantos sombrios, ele pontilhava um pouco e escrevia, anotando os acordes em cifras bem desenhadas abaixo de cada verso. Prosseguiu desta forma até que a letra ficasse pronta e congruente à música. Curioso para ver o resultado, ele começou a tocar ininterruptamente, e junto à música ressonada pelas cordas do violão, ele cantava a letra que lia em uma das poucas páginas de seu

antigo caderno de músicas, que, junto com seus sonhos, foi
415 abandonado no canto do roupeiro quando conheceu Manuelle:

—“*Olhos vermelhos, vidas que seguem. Avenidas cheias de
carros, sangues derramados.*

*Através da poluição ou da chuva calma, vejo as luzes de
outros carros, um festival para a alma. Toda noite é um festival.*

420 *No carro logo à frente pode estar, alguém que conheci no
passado. Pode ser alguma atendente ou um colega do primário.*

Ou ou..., vidas que seguem.

Filas se formam à noite, atendidas pela manhã.

425 *Garotos dormem sobre jornais, garotas se vendem, e..., vidas
que seguem.*

Vidas distintas, vidas que seguem.

Vidas tão longas, vidas que se perdem.

Quando terminou, ele suspirou estimulado. O sorriso que se
formava foi rompido quando o celular trepidou sobre a almofada.
430 Sem pressa, ele depositou o violão sobre a cama e apanhou o
telefone.

—Sim?

—Jasom Mirojinick?— perguntou uma voz grave, tão
expressiva que Jasom imaginou um homem grisalho com lábios
435 encarquilhados encostados no telefone.

—Ele mesmo, por?

—Sou um amigo de Manuelle e preciso falar com ela. Mas
perdi o seu número de telefone.

440 —Quem está falando?— Jasom formou um semblante suspicaz
e se levantou da cama.

—Carlos.— mentiu o homem— E então, poderia me fazer esse
favor? É urgente.

—Desculpe, mas eu não posso.

445 —Algum problema?— havia algo de muito inquisitivo na voz
soprada no telefone que Jasom não percebeu de imediato.

—Primeiro porque nem te conheço.

—E segundo?— perscrutou o homem, esperando ouvir a
resposta oportuna.

—Segundo porque não tenho mais nenhum contato com ela.

450 Jasom ouviu um suspiro controlado soprar do outro lado da
linha.

—Desculpe, então.— disse o homem— Me disseram que era o

namorado dela antes de me passarem seu telefone.

—Era.— Jasom sentiu uma agulhada de tristeza ao pronunciar essa palavra.

—*Tão tá.* Muito obrigado, senhor. E me desculpe por incomodá-lo.

—Tudo bem. Mas quem está fa...— antes de concluir a pergunta, Jasom ouviu o suave bater do telefone.

Por alguns minutos, ele se perguntou quem poderia ser, porque queria falar com Manuelle e com quem tinha conseguido o seu número de telefone. Mas logo avistou uma velha camisa do Guns n' Roses pendurada na parede do quarto e novamente apanhou o violão. Tinha outras coisas com quais se preocupar, tinha um futuro e Manuelle era apenas uma desilusão que estava ficando no passado.

Mas naquele momento, em um quarto espaçoso iluminado apenas pela claridade da rua quatro andares abaixo, um homem sorria em frente ao espelho.

—Ela está livre.— disse ele, como se conversasse com um reflexo indefinido— Agora só basta cuidado. Muito.— concluiu, abrindo a torneira para borrifar água no rosto.

Naquela noite, diferente das muitas outras noites de perturbações, ele conseguiu dormir sem que os pesadelos o perturbassem.

5 de janeiro de 2002, sábado. Muitos meses depois.

Acompanhando um empresário de aproximadamente 60 anos, Manuelle entrou em mais um restaurante. Como sempre, aquele também era um restaurante aprimorado, requintado pelos belos vasos de plantas, pelos móveis de mármore e pelos quadros abstracionistas nuançando as paredes claras. Garçons argutos circulavam airosoamente entre as mesas exibindo a beleza de seus uniformes brancos enquanto as pessoas saboreavam um dos melhores cardápios da cidade. A música cantada ao vivo por um cantor jovem era eufônica e de certa forma dava tom e vida à opulência vápida do restaurante. Depois de quase um ano na agência, Manuelle já estava habituada em acompanhar senhores em lugares opulentos e não ficou admirada pelo fato de apenas estar ali. Muito ao contrário, tudo aquilo se tornara *entibiante* para ela com o passar do tempo. Quando sentaram-se ao lado de uma mesa ensombrada pelas folhas de uma palmeira baixa próxima a um muro de tijolos à vista, um garçom se

aproximou. Manuelle pediu apenas um champanhe enquanto o velho, depois de folhear o cardápio, pediu seu jantar sem constranger-se pela recusa de sua acompanhante. Enquanto, aos olhos de Manuelle, os minutos se passavam com lentidão, o velho degustava o prato que pedira. Quando sua atenção se desprende do prato, ele subiu os olhos para o rosto de Manuelle e percebeu que ela mantinha os olhos fixos no mantel que cobria a mesa, como se estivesse vivendo em um mundo bem distante do qual realmente vivia. Tendo essa impressão, ele limpou os lábios com um guardanapo.

—Isto aqui não é o primor?— perguntou o velho, minutos depois de saborear uma pequena porção de fondues de queijo, delibando a terceira taça de vinho branco.

—Talvez.— respondeu Manuelle, correndo um olhar preguiçosamente analítico pelo restaurante.

—Lugar calmo, bonito e com música tão boa não te chama a atenção?— insistiu ele por uma resposta melhor, com mais entusiasmo.

—A música é baixa, mas é boa.— ela direcionou um olhar lento para o lado, pela primeira vez desde que entrou no restaurante, enxergando através das folhas da palmeira o pequeno palco. O espanto, então, tomou conta de sua expressão abúlica quando ela se deu por conta que dois olhos conhecidos a fitavam. Dois olhos muito conhecidos. E não havia espanto algum naqueles olhos, percebeu ela.

—O que houve, algo errado?— indagou o velho, percebendo a mudança na expressão dela, que olhava fixamente para o jovem cantor sentado em uma cadeira baixa atrás de um microfone.

—Nada.— ela respondeu segundos depois de ouvir a pergunta.

Jasom terminava aquela música ouvindo o breve encômio dos que estavam mais próximos ao altar. Olhava diretamente nos olhos de Manuelle, que, ao longe, correspondia com um olhar espantado. Avezado a cantar até mesmo em pequenas retretas, ele não se atrapalhou ao encontrar sua ainda amada acompanhando um homem bem mais velho, o que de imediato denunciou sua profissão. Sem desviar os olhos dela, ele pegou no suporte do microfone, inclinando um pouco até encostar o microfone nos lábios para um preâmbulo:

—Vou deixar que vocês pensem sobre algo.— o sorriso aprazível dele se confundia ao se unir com um olhar enigmático, como de quem esconde um segredo— A próxima música será a faixa principal do meu primeiro disco, que se der sorte logo estará nas

lojas. Essa música foi feita especialmente à mulher da minha vida e se chama “A capa do meu primeiro CD”.— naquele momento, ele exibiu às pessoas a capa de seu futuro disco; nela, o retrato do relógio que Manuelle tinha lhe dado de presente em seu 20º aniversário.— Ele se chama “O tempo”.

Uma emoção impregnou-se no peito de Manuelle, atenuando o espanto e fazendo pulsar forte seu coração. Houve um suspirar prolongado quando a voz de Jasom soou na lembrança de Manuelle — *vai ser a capa do meu primeiro trabalho, Manu*. Houve, então, um segundo suspiro e uma estranha sensação de saudade ao ver Jasom pontilhar as cordas, aproximando a boca ao microfone preso em um suporte metálico.

—“*Eu que não ligava pro tempo hoje olho o relógio que não está em minhas mãos. Que tipo de 'cara' eu 'sô'? No quarto ou no palco sempre um pouco do meu tempo vai em vão.*”

Quando lhe dizia que o tempo era pouco pra você, você não conseguia entender. Mas um dia chegou e o presente que você me deu me fez compreender.

Que você, é mais importante, do que ouro, prata e diamante.

E agora que você está em minha frente, saiba, você foi minha, você é única.

Hoje tudo que consegui foi por você. As medalhas que estão em meu peito não são minhas pois não sou campeão.

Elas são suas, elas são suas, que está logo atrás, que está em meu coração.

Foi você... que me fez... escolher... o que eu ia colocar... na capa do meu... primeiro CD.

A imagem de Jasom cantando sentado com um violão apoiado sobre uma das pernas foi o motivo das lágrimas molharem o sorriso de Manuelle. Lembrou de quando o conheceu e suspirou ao lembrar que o sonho que antes se retratava no rosto dele era muito mais exprimível do que parecia ser, que manifestava e prometia silenciosamente muito mais coisas do que sua fraca percepção poderia perceber. Com o passar do tempo aquele sonho tão manifesto esvaeceu-se de sua expressão, assim como os cabelos compridos e as típicas roupas de seu corpo, sendo ocultado pelos sorrisos apaixonados por ela. Mas naquele momento, olhando para o rosto de Jasom, Manuelle percebia que o antigo sonho dele não tinha morrido, que era algo exstante e não efêmero como ela equivocadamente

570 julgara. Estudando o rosto de seu antigo namorado, ela percebia que
aquele sonho reaparecera tão vigorosamente que o tornou o mesmo
Jasom de antes, aquele Jasom sarcástico que ela realmente amava.
Lembrou do dia em que lhe deu aquele relógio e da promessa dele de
575 que faria daquele açôfar tão insignificante a capa de um trabalho. Ela
não acreditara naquela promessa e agora ela estava sendo realizada.
Por fim, lembrou do sorriso dele e de seus sonhos pueris. Ali, naquele
momento, não havia mais insignificância alguma, sendo tudo
simbólico demais para não dar certo. Por um segundo ela relembrou e
580 acreditou nos sonhos dele de um dia alcançar o estrelato que tanto
merecia.

—O que foi?— perguntou o velho, estudando as emoções de
Manuelle.

—Nada— disse ela— A música me fez lembrar de alguém,
alguém que se perdeu no passado.

585 Sobre o palco, Jasom iniciava uma outra música num tom entre
romântico e melancólico, tão acroamático que muitos largaram as
talheres sobre os pratos para simplesmente ouvi-la.

Diante o olhar denunciante de Manuelle, o velho soube da
590 verdade, percebendo o sorriso cheio de lembranças que se formava
nos lábios vermelhos dela. Mas isso não lhe interessava, nada tinha
mais importância do que o prazer que aquela garota à sua frente
poderia lhe fornecer naquela noite.

—Vamos?!— pediu ele, colocando o guardanapo sobre a mesa.

595 Um garçom se aproximou depois de ser chamado por um aceno
discreto e o velho retirou do bolso do paletó um maço de dinheiro.
Arrogante, ele escolheu duas notas e as entregou ao garçom sem ao
menos olhar para a conta que ficou fechada sobre a mesa.

—Fique com o troco.— disse ele, e logo se levantou, pegando
delicadamente Manuelle pelo braço.

600 Antes de sair pela porta do restaurante, Manuelle olhou uma
última vez para Jasom, que continuava a cantar sua música; sobre o
palco estava um garoto de cabelos nos ombros e roupas simples, uma
camisa escura sem detalhes, uma calça preta de zuarie e tênis pífios
nos pés, que batiam acompanhando a música. Suas atitudes eram as
605 mais despreziosas possíveis, contudo ser o ponto central do
restaurante, o ponto mais visível, o exemplo real da notoriedade do
verdadeiro talento.

Sobre o palco, Jasom automaticamente cantava enquanto

510 lembrava de Manuelle, desde quando a conheceu até o dia em que
tudo teve um fim. Aquela garota aparentemente ingênua não existia
mais e aquela mulher que acabara de ver era nada mais que o
resultado de uma decisão irrefletida de uma garota marroaz e imatura.
515 Enquanto todos qualificavam Manuelle como uma mulher inteligente
e requintada, Jasom sabia que nela havia uma ingenuidade ainda
maior do que antes. Enquanto cantava, a lembrança dos momentos
juntos formava um videoclipe e todos o aplaudiram quando suas
lágrimas molharam seu meio sorriso e seu microfone.

520 Quase uma hora depois, enquanto as pessoas ouviam a música
na voz atuante e emocional de Jasom, Manuelle ouvia *Candle In The
Wind* na voz de Elton John soando branda dentro do automóvel que
entrava no motel.

525 No momento em que o trinco da porta girou e um estalido
ecoou dentro da suíte do motel, os fiéis da igreja ouviram a
derrapagem de um carro que cruzara desgovernado em frente a cruz
de madeira assente sobre um pedestal de rocha que havia na frente da
igreja, quase colidindo contra um bar onde pessoas afogavam os
530 problemas em copos de bebidas. Junto ao estridor desagradável e
contínuo formado pelos carros, os fiéis ouviam a voz enfática e às
vezes tênue do pastor que agia com eloquência nos braços sendo
jogados ao ar. Olhando em seus expressivos olhos vermelhos, dava-se
para denotar uma indignação própria; mas nem um dos fiéis
535 imaginava qual era o motivo daquele sentimento que o dominava,
pois todos eles mantinham os olhos fechados, ingenuamente absortos
nas palavras que ouviam:

—Eu cito o mal. Quem está aqui presente é ciente e confiável
no bem, mas também é preciso conhecer o inimigo para podermos
nos defender. Não é a primeira nem é a última vez que aviso-lhes de
que o mal é penetrante, que por qualquer frincha ele pode entrar. Em
540 qualquer fraqueza espiritual, física ou psicológica ele pode reagir
recrudescendo-se ainda mais forte. Todos temos fraquezas, isto é
incontestável, e é graças ao Senhor que há meses eu não sinto a
minha por perto. Realmente, sinto-me feliz por isso. Minha fraqueza
anda nas ruas e meu escudo protetor eu consigo encontrar apenas
545 aqui, ao lado de Deus e do Senhor Jesus Cristo. São Eles os únicos
que podem nos defender de nossos inimigos. Enquanto muitas
pessoas fazem oblações desnecessárias, o inimigo se revigora, porque

550 é só a fé íntima que pode nos salvar e as oferendas que os mal
instruídos fazem a Deus serve como um corroborante ao inimigo,
sendo também um meio que ele usa para desviar essas pessoas de
Deus, aquelas pessoas ingênuas que acreditam que o sacrifício é
único meio de salvação, e não a fé.— nesse momento, o palestrante
555 tocava com o dedo indicador na testa luzente pelo suor que escorria
pela face— Porém, nosso inimigo pode se resumir em nós mesmos,
em nossa consciência, em nossos vícios ou até mesmos em nossas
personalidades vulneráveis. Nossa fraqueza se esconde em nós
mesmos e temos que pugnar contra ela, destruí-la. Por isso
precisamos ter fé para evitar com que o nosso inimigo use de nossas
660 fraquezas para nos manipular. (...)

O lapso de janeiro a dezembro de 2002 foi marcado como um
tempo rotineiro e estável para todos. De Clark a Manuelle, todos
seguiram mecanicamente suas vidas insulsas; algumas mórbidas,
565 outras simplesmente peculiares, como a de Manuelle, que já tinha
completado 19 anos e até então não tinha encontrado justificáveis
razões para suas decisões irrefletidas. Continuava trabalhando na
agência com outras quatro garotas, que ironicamente não mais
considerava como amigas. Contudo receber um bom dinheiro para
realizar fantasias bacânticas de velhos ricos e também de alguns
570 jovens prostibulários, que amealhavam o máximo de dinheiro
possível do fruto de seu trabalho árduo para no final do mês dar à
garotas de programa dizendo-se ricos, Manuelle não era feliz e sentia
muita falta de sua mãe e de seu irmão. Naqueles tempos íngremes e
aviltantes, onde se forçava a assemelhar-se a um autômato sexual, ela
575 aprendeu que quantidade nenhuma de dinheiro pode comprar a
felicidade. Porém, seu maior obstáculo era não conseguir se definir
diferente do que tinha se tornado; sentia medo de sair daquela vida e
não conseguir um emprego, não o tipo de emprego que desejava.
Desde a adolescência ela admirava mulheres do tipo publicitárias,
580 elegantes em um mundo sofisticado. Sonhava em um dia sentar-se em
seu próprio trono e orgulhosamente usar aquelas roupas formais
semelhantes às indumentárias das jornalistas que via nos telejornais.
Admirava os óculos quadriculados que realçava a aparência atilada
das mulheres por ela observada e conseguir pronunciar aqueles
585 vocábulos arrevesados seria para ela a prova exata de sua superação.
Mas abdicar inexplicavelmente os estudos se tornava de irreflexão a

um paradoxo que a deixava confusa pela escolha que ela própria já considerava sem volta. *Se desejava tanto aquilo, por que então tinha desistido dos estudos?* Sentia-se fútil perante a sociedade, pois nem mesmo sabia do que se tratava a retórica, um termo que ouvira certa vez, enquanto acompanhava um advogado em um clube frequentado pela dissidência maçônica da cidade, e teve vergonha de inquirir o seu significado. Sempre que tentava falar com loquacidade, enfeitando frases com sinônimos mais difíceis que conhecia para parecer um pouco mais inteligente, a impressão perturbante de que todos que a escutavam olhavam com certa crítica zombeteira fechava sua boca. E era unicamente por essa sensação embaraçosa que ela se conservava calada, assim sentia-se melhor e outras pessoas poderiam acreditar que ela era, além de uma mulher atilada, uma exímia observadora de olhares criticamente lentos. Mesmo sendo o exemplo das mulheres belas e retraídas, muitos de seus clientes levavam-na para rápidas visitas em empresas e até em longas viagens à cidades turísticas, pois a beleza dela garantia todo o esforço e eles acabavam não se importando com o silêncio.

Enquanto Manuelle vivenciava o fastio que se tornara sua vida, Júlia e Reginaldo seguiam incansavelmente suas vidas inopiosas com insistente prélio por ela, como se estivessem participando de um penoso reality show. Reginaldo lutava contra a realidade desditosa, era um guerreiro, e com muita determinação ele continuava em seu trabalho, pois tinham suprimido sua pensão e o sustento de sua mãe era provido unicamente de seu trabalho como servente de pedreiro, vendas ambulantes ou jardinagem. Júlia, que tinha usado de todos seus recursos para que a Previdência Social não suprimisse a pensão de seu filho e que sem sucesso desistiu, esperava de braços abertos sua velhice. Estava acomodada com sua própria vida, pois sabia que não tinha outra opção além de esperar o que o destino tinha em desígnio para ela e para seu filho. Não deixava o fato de um dia ter sido rica deprimi-la; era símile à sua filha, aceitava apenas o que o destino lhe oferecia. Deixando tudo à mercê da boa vontade de Deus, ela colocava de lado as suas vontades.

Alguns viviam na inópia, outros viviam na luxúria, riqueza e sem vitalidade alguma, como robôs insensíveis programados a acreditar que eram humanos. Um exemplo disso era Clark Meisinger; ele prosseguia em sua amizade com Roberto Wurmam, que lhe visitava quase todos os sábados, e quando isto acontecia, Bruna

730 dormia sozinha na carência de um único afeto. Bruna Lewis, a nova
rica, a enclausurada socialite, passou a ter uma vida análoga à
insípida e sorumbática vida de Tea Meisinger; trancada na mansão,
ela não mantinha nenhum nexo com a Meisinger ou com a vida de
Clark, tanto pessoal quanto profissional. O sentimento de que se
735 tornara *uma* fantoche, um objeto frívolo de Clark que servia apenas
para uma rápida penetração e um gozo, fez muitas vezes ela ligar para
Cristiane marcando um encontro e omitia este de Clark. Por medo,
muitas vezes ela pedia a Edward, junto de Cristiane, para que ele não
comentasse nada sobre aquelas visitas com Clark. Sem argumentar,
ele sorria, pois passava meses sem dirigir sequer uma palavra ao
homem pelo qual era odiado com toda a franqueza.

740 Enquanto Bruna vivia em seu cárcere, Cristiane, ao lado de seu
marido, vivia maravilhas. Compartilhavam momentos felizes e se
ajudavam nos momentos tristes. Porém, uma agulha de tristeza
penetrava em seus sentidos deixando-os desalentados, pois o fato de
Cristiane descobrir sua esterilidade acabou com o sonho recíproco de
745 terem um filho— na verdade, ela deveria ter confessado sua
esterilidade há muito tempo, e não ter fingido que para ela aquela
descoberta também era uma triste surpresa depois de anos de
casamento. Mas ao contrário de perderem as esperanças, eles se
uniam ainda mais nos momentos em que sentiam a ausência de uma
criança que nunca existiu. "O amor é para as pessoas como um elo
750 inquebrantável entre os sentimentos mais corrosivos e
enfraquecedores; constrangimentos, decepções, tristezas. O imã que
une essas pessoas nos momentos de dificuldade", esta frase foi o
estimulante aforismo entre eles nos momentos desesperançosos onde
se convenciam que a vida não se baseia apenas em sorrisos.

755 A virada do ano de 2002 para 2003 não fora uma passagem de
grande importância, ao contrário, fora uma data irrelevante ou no
mínimo impercebida para todos os meus personagens. Para Júlia e
Reginaldo foi como os outros anos; sozinhos e ainda mais sozinhos,
ouviram a balbúrdia daquele bairro pobre e rusguento. Quanto a
Manuelle? Ela nada sentiu; continuava sempre mais habituada em sua
760 vivência assemelhada a uma máquina usada por homens asquerosos
— a repelência, enfim, se tornara um mero detalhe. Comparava-se a
essa máquina por não conseguir sentir nojo, apenas uma vergonha
implícita que se esforçava para manter oculta usando como toldo
sorrisos falsos. Aquele réveillon também não fora uma data especial

765 para Edward e sua esposa, pois a felicidade habitava quase todos os dias entre eles; no exato momento do réveillon eles descansavam abraçados sobre seu tálamo de sonhos e prazeres. Diferente de Cristiane, Bruna abraçava a almofada molhada pelas lágrimas enquanto Clark saíra com seu impertinente assecla para comemorar a virada de ano. Quanto a Jasom? Bem, o jovem músico aguardava impaciente os dias se passarem, pois estava aprazado o dia da regravação de seu *demo* que se oficializaria profissionalizando sua auspiciosa carreira. Após mais de um ano de espera, seu *demo* foi aceito com fidedignidade por uma gravadora, o que fez Jasom esquecer de tudo, até mesmo de que havia um mundo para onde ele ainda pertencia. Entretanto, Manuelle continuava sendo sua lembrança, a única, sua real emoção ao cantar, ao sorrir, até mesmo respirar. Enfim, todos seus atos, letras e músicas eram dedicados a ela, a egréria distante que lhe dava vigor e obstinação para seguir em frente.

780 Era início da noite de sábado. Na sacada do apartamento vislumbrado pelos últimos raios do Sol, Cristiane avistava a garoa serena cair plumbeando os pináculos dos prédios ao olhar para o horizonte. Olhando para baixo, ela distinguia a chusma de automóveis na avenida clareada pelas luzes dos postes, as prostitutas entre os canteiros e seu vestido preto ondulando pela brisa entre dois balaústres que sustentavam o parapeito. Mesmo de tão alto, dava-se para discernir que eram garotas perfeitas que entre a chuva vendiam seus corpos nas esquinas, em meio os canteiros, em frente lojas e monumentos..., enfim, aonde quer que houvesse movimento de homens e carros, lá estavam elas. Ver aquele panorama de tão alto formava na mente da fã do Queen um mitigante clipe noturno e ao som da música *We Are The Champions*. Sua angústia e preocupação se amenizaram quando fechou os olhos, deixando a umidade vinda da garoa bater em seu rosto. Quando uma onda fria de ar soprou seus cabelos, ela ouviu o telefone tocar alto na sala e Freddie Mercury rompeu a música no verso *We are the champions no time for loser*.

—Deve ser ele.— disse ela, abrindo os olhos contra a brisa.

800 Edward tinha avisado uma semana antes que naquele 11 de janeiro teria uma conferência importante. Confiante, ela não interrogou-o pelo fato de ser em um sábado; sua preocupação era pelo atraso de seu marido, que desde o meio-dia teria saído para a tal conferência, e o fato, talvez casual, de seu celular estar desligado

deixou a apreensiva Cristiane ainda mais preocupada.

305 Sentindo a tez úmida e gelada, ela entrou rápido na sala e pegou o telefone.

—Ed, onde está?— disse ao atender a chamada— Desde o meio-dia eu venho tentando ligar no seu telefone.

310 —Desculpe, amor. Eu não podia atender. Mas não se preocupe, estou bem agora. Tô no trânsito. Tô ligando pra pedir que vista uma roupa, rápido. Temos que sair esta noite.

Havia uma indecifrável agonia na voz de Edward e um pensamento pessimista surgiu, deixando Cristiane ainda mais agitada.

—O que houve, Ed? Parece aflito?

315 —Depois eu explico. Chegarei *daqui* uns trinta minutos. Esteja pronta. No estacionamento.

Antes de Cristiane pensar em uma outra pergunta, Edward fechou o flip do celular. Colocando o auscultador no gancho, ela rumou os olhos para o relógio que indicava 19:03. Trinta minutos depois, com o rosto úmido, ela desceu os 36 andares passando seu batom vermelho, que foi colocado na bolsa no momento em que a porta do elevador se abriu.

320 No carro estacionado entre duas colunas, Edward a esperava apressado. Suspirou alto quando ouviu os ruídos do salto alto sobre o piso causando eco nos cantos do estacionamento solitário. A passos longos e apressados, Cristiane se aproximou do carro. Entrou e osculou o rosto flácido de seu marido.

—Agora posso saber o que houve?— indagou ela, observando os dedos trêmulos de Edward girar a chave de partida.

330 —A Meisinger faliu.— respondeu ele, de imediato, colocando o carro em movimento.

—Quê!— no espanto, Cristiane vincou a testa— Mas..., mas como isso aconteceu?

335 —Não sei o porquê. Terá uma reunião, um jantar entre os acionistas onde será esclarecida a causa dessa...— ele apoiou o braço no vidro meio aberto da porta, apertou a testa com os dedos trêmulos e suspirou, como se não acreditasse no que tinha acontecido— dessa falência.

340 O nervosismo patente nos olhos dele impediu Cristiane de estranhar a incongruência de o fato de uma falência ser precedida ou comemorada com um jantar. Nem sequer pensou sobre isso, pois a empresa vivia em uma das mais construtiva e promissora época, e era

nessa incongruência que Cristiane focava os pensamentos.

345 —Por isso quero que vá junto comigo, Cris.— Cristiane percebeu que os olhos angustiados de Edward se umedeceram.— Vou precisar de sua ajuda, Cris, quero que fique do meu lado.

350 Meia hora depois, o carro adentrou em uma estrada estreita e brumosa cercada por arbúsculas de *vergõntes* recurvadas pelo peso das folhas grandes que roçavam o calçamento molhado. Mais à frente
355 estavam as árvores maiores e acima dos galhos superiores, que oscilavam com o vento, se lia o nome do hotel-restaurant Winkler em luzes de néon azuladas. Após estacionar em um amplo estacionamento, eles subiram uma inclinada passarela de acesso à entrada oficial do restaurante. Era uma rampa longa e entapetada por um tapete aveludado verde-cintilante, como se nele fosse espalhado
360 purpurina de algumas das cores mais admiráveis que Cristiane já vira. No átrio, eles avistaram algumas pessoas sentadas ao lado de mesas ornadas por esguios vasos de cristal; dentro desses vasos havia apenas uma grande rosa branca. Cristiane estranhou tudo aquilo quando sentiu o cheiro adocicado de mogorim que pairava no ar, mas não perscrutou sentindo a inquietação pulsátil em seu marido, que
365 apertava-lhe a mão pequena e frágil com sua mão grande e trêmula; assomo de covardia de um homem que depende do vigor de uma mulher. Antes de se aproximarem da grande mesa de informações, onde uma jovem esperava encarando-os com um sorriso receptivo, um jovem com uniforme de ecônomo veio de encontro. Tudo parecia um ensaio, mas Cristiane não teve esse ponto de vista.

370 —Senhor Edward?— apresentou-se o jovem, com as bochechas coradas.

—Sim.

—Estão lhe esperando, senhor.

—Pode nos levar até eles?

—Claro, senhor.

375 Os dois seguiram o jovem, que após abrir uma alta porta entrou em um longo corredor cercado por quadros com suas espessas molduras douradas esculpidas com símbolos ideográficos. Abaixo de cada um dos quadros havia um vaso pardo sobre o lustroso chão
380 cúprico; era discernível em nuances plúmbeos o reflexo das folhagens no piso. As poucas portas, muito afastadas uma das outras, anunciavam que cada apartamento era espaçoso, e tudo era tão primoroso que parecia ser uma entrada sofisticada aos céus. Passados

alguns segundos, eles chegaram ao destino e Edward interrompeu o jovem que estava no ato de abrir a porta.

—Pode deixar comigo, obrigado.— disse. Seu sorriso tenro deixou Cristiane suspicaz— Tenho que respirar fundo.— concertou ele, fechando o sorriso ao perceber o semacol se patenteando na expressão vincada de sua esposa.

O jovem agradeceu com a cabeça, girou os calcanhares e retornou pelo mesmo caminho.

Ali, Edward encenou aflição, medo e angústia até abrir a porta para juntos avistarem a sala. Confusa, Cristiane entrou assim que Edward indicou a entrada. Ele deu dois passos à frente e fechou a porta.

—Feliz 17 anos de casamento.— disse ele, formando um sorriso congratulante.

Depois de contemplar deslumbrada o panorama à sua frente, Cristiane voltou-se para o marido, fitando seus olhos azuis cheios de paixão, e não soube o que falar, pois há poucos segundos ela dividia a aflição dele e ingenuamente acreditava nela. Porém, no rosto dele não havia mais aflição, apenas um sorriso presenteiro enquanto se aproximava com os braços gentilmente abertos.

—Você merece ao menos uma surpresa.— disse ele, antes de abraçá-la e beijá-la nos lábios — O que acha de irmos jantar e depois comemorar nosso aniversário?— completou, olhando nos olhos surpresos dela.

Cristiane respondeu com um sorriso tímido e confuso e ele pegou-a pelo braço e juntos caminharam até uma mesa bem ao centro da sala, um cenário deslumbrante e avermelhado pelas lâmpadas de um lustre dourado. Cristiane, que já conhecera os mais egrégios lugares das cinco regiões do Brasil e alguns dos mais insígnies de outros países; os melhores restaurantes, flats, teatros, ficou boquiaberta com o que acabara de ver. Sua decoração era excelsa. O teto era muito alto, tanto que escurecia a parte superior das paredes. Todo o apartamento tinha um tom avermelhado e ficava perfeitamente exótico pela luz de um lustre gigantesco sustentado por cabos prateados centralizado bem acima da mesa iluminada pelas lâmpadas vermelhas que se perdiam nas ramificações. As luzes dos outros quatro lustres laterais eram verdes e pouco modificava o tom das paredes alvas. A mesa centralizada na sala era pequena e com apenas duas cadeiras de respaldo esculpido em forma de vasos de

rosas. Sobre a mesa de ônix estava uma garrafa de espumante, duas
finas taças de cristal, dois pequenos pratos e ao lado de cada um duas
talheres e um garfo de ponta dupla sobre guardanapos vermelhos e
perfumados. O jantar sobre a mesa era a melhor classificação da
culinária; um pequeno vaso de tulipas era circundado por pequenos
pratos cobertos por campânulas vítreas e em cada um uma porção
homeopática de cada refeição, nada em demasia, pois tudo ali era em
prol do romantismo. Dentro de um fino e alto vaso de cristal estava
apenas uma orquídea vermelha e uma folha de roseira presa em seu
ramo, significando que a união de coisas diferentes pode ser a
perfeição, mas sempre com um delicado toque de analogia. Depois de
um jantar acompanhado pela troca de olhares românticos e frases
poéticas, Edward se via preparado para principiar suas fantasias. Com
uma mão ele segurava um pequeno cacho de uvas e com outra ele
apANHOU a orquídea que foi entregue a Cristiane.

—Você, apenas você. Única, exótica, perfeitamente linda.

A resposta dela foi um sorriso tímido embelezando seu rosto. E
ele sorriu com a resposta, como se suas últimas palavras tivessem
soado num tom mais burlesco do que romântico.

Cristiane olhou nos brilhosos olhos de Edward e pensou no
quanto era imprevisível o homem com quem tinha se casado; sua
facilidade para engenhar ambientes românticos mesmo depois de
anos de casamento era a provação de um sentimento real e exagerado.
Naquela noite Cristiane tentou se comportar como se fosse ali o lugar
onde conheceu o jovem Edward Radmim. Conseguiu, pois piscava
lentamente, usava palavras simples e poéticas e quando,
propositalmente, tocou os lábios com a língua, Edward a beijou e
levou-a nos braços até uma cama espaçosa e afastada da mesa. Era
sobre um estrado alto e quadrado e sua cor predominante era
vermelho-vivo, com algumas nuances claras no edredom tenro
cobrindo um colchão em forma de coração. A borda da cama formava
desenhos de homens e mulheres se abraçando em meio ao sexo.
Excitante. Para chegar até à cama tinha que subir três degraus, como
se não fosse uma cama comum, e sim o local consentâneo ao prazer.
Sumariando; aquele era o perfeito quarto de motel, era grande e sem
divisórias entre os cômodos, o que conferia às pessoas a impressão de
estarem fazendo sexo no tempo-espaço— se imaginassem o céu, ele
desceria com a ajuda de uma grande clarabóia octogonal no teto
acima da cama, dando a avistar algumas das estrelas que cobriam o

060 céu, se imaginassem um cruzeiro, ele balançava com a ajuda dos corpos despidos e transpirantes sobre o colchão.

065 Duas horas depois dois corpos desnudos e abraçados cochilavam descansando às duas horas de amor. Aos poucos os olhos semiabertos se fecharam para a escuridão e eles acabaram dormindo de lábios colados.

070 A luz da aurora tornou discernível o tom azulado dos vidros translúcidos que completavam uma das paredes ao fundo, no lado oposto da cama da suíte presidencial. Tapada pela colcha flexível, Cristiane observava seu marido dormir respirando fundo, sentindo as pernas quentes dele abarcando as suas.

—Te amo.— sussurrou ela, no tom de voz mais baixo possível.

—Eu também.— ele abriu aos poucos os olhos. Como um desejar de bom dia, ele a abraçou— E então, gostou?

—Foi perfeito.

075 —Mesmo?

—Claro. Agora me responda, você fez teatro? Porque interpreta perfeitamente um homem à beira da decadência.

080 Naquelas palavras, a expressão de Edward se contraiu numa de suas aterradoras lembranças.

—O que foi?— perguntou Cristiane, percebendo a tristeza aflorando nos olhos do marido.

—Lembrei de Manuelle.

A resposta dele foi mais como um desabafo do que como uma resposta, percebeu Cristiane.— Mas o que te fez lembrar?

085 —Desde quando ela era pequena eu a imaginava em lugares como este.

Uma suíte romântica de um motel, pensou Cristiane, estranhando a imaginação de seu marido em relação à sua própria filha.

090 —Nossa, Ed! Mas isso é um pouco doentio, não?

—Não. Presságio de pai. Sabia que ela saiu de casa?

—Sério?— deitada de lado, Cristiane se apoiou com o cotovelo sobre o colchão, a mão aberta segurando o rosto enquanto esquadrihava a expressão de seu marido— Como isso aconteceu?

095 —Faz mais de dois anos, Cris.

Ela pareceu sobressaltar-se com a resposta, porém sua exaltação foi suave:— Dois anos?! E só agora você está me falando isso.

—E desde quando Manuelle tem importância em nossas conversas? Ela não faz parte de nossas vidas.

—Mesmo assim, não havia motivo para que omitisse isso. Sou sua esposa, Ed, não uma desconhecida.

Num breve pensamento, Edward reconheceu que Cristiane tinha razão. Seu rosto se tornou triste e sombrio e seus olhos se tornaram úmidos numa ameaça de choro.

—Quer a justificativa; queria acordar e descobrir que tudo não se passou de um pesadelo.

Testemunhar mais uma vez a mágoa se manifestando no rosto de seu marido, incitou Cristiane a fazer uma pergunta que há muito tempo mantinha presa na garganta:— De que tem medo, amor?

Enquanto esperava por uma resposta sincera, ela enxugava duas lágrimas que resvalaram dos olhos dele com a ponta dos dedos.

—Lembra de quando lhe falei sobre o passado de Júlia?

Cristiane não argumentou à resposta alusiva de Edward. Abraçou seu marido e sentiu que o medo dele de se aproximar de sua filha aumentou e juntos dividiram mais uma vez uma *agrura* amarecente que nem mesmo vivendo em um paraíso conseguiriam esquecer. O que Edward não podia imaginar era que o medo que sentia de que sua filha seguisse o passado de sua mãe já tinha se tornado realidade.

Naquele mesmo momento, no maior dos quartos da mansão da família Meisinger, Clark penetrava fundo e de forma frenética em sua esposa até o orgasmo de um deles. *Quem?* Bruna sentia apenas o cheiro de whisky na respiração do marido que passara a noite toda fora de casa. Quando terminou, Clark, com o rosto marcado pelas olheiras escuras que contornavam seus olhos vermelhos, levantou-se para tomar um banho, sendo que era Bruna quem sentia nojo. Mas ao contrário, ela permaneceu deitada naquela cama desarrumada, o seu leito de *compunção* e de sofrimento.

No domingo seguinte, a ligação de Cristiane fez Bruna sentir uma inegável inveja pela surpresa pelos 17 anos de casamento de sua amiga. Além de inveja, Bruna sentiu tristeza ao lembrar que seu conúbio não tinha completado nem ao menos seu terceiro aniversário. Ali ela constatou que Clark realmente era o oposto de Edward e já se culpava unicamente por ter aceitado se casar com ele, pois fora discrepante com Cristiane quando essa lhe admoestava para que não

se casasse com Clark.

—Você merece isto, sua idiota.— com os olhos vermelhecidos, Bruna muitas vezes brigava com seu reflexo no espelho.— Vai ficar com ele por este erro.

Mas não era por este erro que ela insistia em continuar casada com Clark, era porque ainda o amava, infelizmente ela ainda o amava.

Dias se passaram após aquela noite que marcou o casamento de Edward e Cristiane e seu rival se encontrava em um daqueles escassos colóquios com sua esposa que eram apenas como um meio enfadonho de sustentação para o casamento.

—Meus pais sempre mantinham longas conversas aqui, esta sacada tem histórias reveladoras a contar.— lembrou Clark, sentindo a brisa suave bater em sem rosto amarelado pela luz da Lua no início da noite.

Várias vezes ele tentara quebrar o silêncio com frases esporádicas, pois sentia-se único pela omissão justificável de Bruna. No rosto dela se denotava o arrependimento em relação à sua escolha e seu triste resultado. Soturna, ela pensava, relembrava dos poucos momentos idílicos, ou ao menos felizes com seu marido, e sentia-se triste pelo fato de que tudo se tornara uma pirética nostalgia. Sorriu ao lembrar de quando o conheceu no restaurante e ficou triste quando olhou para o lado e o viu acendendo um charuto fumeante que em pouco tempo preencheu de fumaça todo o espaço abaixo da sacada. Minutos após o silêncio acompanhado pelos olhares analíticos de Clark e os olhares alheados de Bruna, a porta da varanda se abriu e o velho Rui se aproximou. Ao inspirar a ardente fumaça, ele tossiu com o telefone nas mãos.

—Senhor Clark, Roberto deseja falar contigo.— disse ele, assim que recuperou o fôlego.

Ao ouvir, Bruna balançou a cabeça inconformada e sorriu. E sorriu outra vez quando Clark, apanhando o telefone, criticou-a com um olhar enviesado.

—Fala, Roberto?

Do outro lado da linha, Roberto sorria enquanto o carro esgueirava em uma esquina longa, adentrando em uma das avenidas mais movimentadas da cidade.

—Tenho algumas piadas na cartola, irmão. daquelas bem

sádicas que você gosta.

—Comece.

—Acredito que seria melhor se fosse até aí, tudo bem?

—Tudo bem, estou te esperando.

Por um tempo Clark esperou que Bruna perguntasse o motivo da ligação. Mas isso não aconteceu e ele entrou na casa, deixando-a desolada na sacada, sob a esbatida luz do luar que mal traspassava a fumaça do charuto e refletia vagamente em seus olhos.

Poucos minutos depois Clark e Roberto sentaram-se nas poltronas ao lado de uma pequena mesa coberta de revistas em meio a sala. Sobre duas delas estavam dois copos de whisky ao lado de uma caixa de charutos aberta. Já na cozinha, Bruna tomava uma xícara de café com o mordomo e com uma jovem e neófito empregada que se ocupava polindo com guardanapos algumas taças de cristal.

—É um desprezível.— reclamou ela—Me diga Rui; como consegui viver nesta casa durante todos esses anos?

—Amo este lugar, senhora.— Rui cruzou um olhar lembranças pelos cantos da cozinha— Minha história está retratada à mansão. Mesmo sem posse, eu acredito que ela é mais minha do que dos Meisingers.

Bruna estudou os olhos engelhados do mordomo; havia paixão neles, algo tão patente, mas tão indecifrável que dava a impressão de que uma a uma as lembranças se reuniam na mente do velho fãmulos. Incompreensiva, ela levou a xícara de café à boca. *Como alguém poderia sentir amor pela mansão dos Meisingers, o lugar mais solitário e mórbido do mundo?*

Na sala a fumaça começava a se unir com o lustre, plumbeando as ramificação douradas, e sobre a mesa, a caixa de charutos se esvaziava assim como os copos de whisky se exauriam.

—E então, Roberto, estava me esquecendo, qual é a novidade?

—Não te falei em novidade.

—Como não?— Clark disfarçou a curiosidade levando lentamente o copo de whisky à boca.

—Piada.

—Então, me conte.— e tomou um gole de whisky.

—Tudo bem. Era uma vez dois inimigos, um mais afoito que o outro; um deles, considerado antigamente como um pária, teve uma filha com uma antiga prostituta.— Roberto fez uma pausa, criando

uma expectativa, mas Clark se mostrou inabalável, com um olhar entre crítico e desinteressado que fez Roberto sentir-se como uma criança, um vaniloquo tentando impressionar o amigo grandiloquo com parvoíces. E então ele completou— Bem, a filha, que por sinal se chama Manuelle, cresceu e de sua mãe herdou também sua profissão.

Roberto sentiu-se melhor vendo que Clark quase deixou o copo de bebida cair sobre as pernas.

—O quê?! Você está me dizendo que...

—Prostituta.— completou Roberto— Como sua mãe.

Roberto analisou o meio sorriso tendencioso que surgia nos lábios de Clark.— Em que está pensando?

—Em nada, estou chocado.— Clark soltou ar pela boca e reforçou o olhar no rosto de Roberto— Sabe, Roberto? Você não sabe o quanto... no quanto é satisfatório pra mim ouvir isso. É quase inacreditável. Vagabunda. Quem diria, hein. A filha do Eduardo, o homem mais orgulhoso e enfatuado do mundo, é uma vagabunda.

—Vagabunda, *Not*. É uma prostituta de estilo, só homens ricos fodem ela, homens como você, Clark.

O argumento de Roberto fora suscitante e o meio sorriso de Clark se fechou ao ouvir aquelas palavras. Naquele momento algo que surgiu no olhar de Clark fez Roberto, literalmente, arrepende-se do que tinha revelado. Naquele instante ele começou a questionar a si mesmo sobre o porquê estava contando aquilo e o porquê de tudo o que já havia contado. *Seria força do hábito? Certamente que não.*

—Em que está pensando?— perguntou ele, dessa vez havia um certo receio em sua voz.

—Nada, Roberto, não estou pensando em nada.— Clark respondeu soslaido para a cozinha onde avistou Bruna conversando com o mordomo— Agora diga lá, como soube disso?

—Da mesma forma como soube de outras coisas. E tem mais, olha só isso.

Roberto tirou do bolso do paletó e jogou sobre a mesa uma página de jornal dobrada ao meio. Naquela página de classificados, um dos anúncios estava circulado por um traço vermelho de caneta.

—Vê.— disse Roberto, indicando o folheto.

Clark apanhou o papel, leu o anúncio da agência onde Manuelle trabalhava e estudou o rosto de Roberto, que não entendeu o porquê fez aquilo, e tão involuntariamente. Sentindo-se como se

155 fosse parte de alguma conspiração tácita, ele levantou-se da poltrona.
—O que houve?— Clark perguntou observando Roberto largar o copo sobre a mesa.

160 Roberto dissimulou um olhar preocupado para o relógio antes de responder:— Nada. Preciso ir. Hoje é aniversário de minha mãe, e eu nem mesmo comprei um presente pra ela.

—Tá. Tudo bem. Mas quando souber sobre mais alguma coisa, me ligue. Não hesite.

165 Roberto Wurmam se retirou não sentindo a mesma sensação agradável que sentia quando prestava algum favor ao seu amigo. Sentiu que acabara de cometer um dos piores erros em sua vida, um pecado que um dia o faria se arrepender.

170 Quando acabou de fumar seu charuto, Clark levantou-se e caminhou em direção à escada. Parou no primeiro degrau e exclamou o nome da esposa. Quando Bruna inclinou a cadeira para trás, surgindo apenas seu vulto ao lado da parede enquanto olhava para o rosto de Clark, ele completou num tom autoritário de voz:

—Vamos subir

175 Calada, ela levantou-se da cadeira após vesguear um olhar para o mordomo, que continuou sentado no lado oposto da mesa, atrás da fumaça que subia da xícara de café.

Naquela noite, enquanto transava com sua esposa, Clark imaginava nos olhos dela os olhos da filha de seu inimigo, que nem mesmo conhecia. Mas que logo iria conhecer.

180 Era segunda-feira da semana seguinte. Clark abriu a porta da sala presidencial e entrou. Jogou sobre a mesa a maleta e o jornal pego com a secretária. Estava irritado e não sabia o motivo que todos sabiam, ou talvez não concordasse em estar enfurecido pelo fato de que nas últimas reuniões Edward tivera cobrado total diligência de sua parte e usando metáforas aviltantes ele o ridicularizou citando sua falta de dedicação. *Se pudesse matá-lo, não perderia tempo*, pensou o presidente da Meisinger, sentando em sua poltrona. Juntou as mãos sobre o peito e *arrimou* os pés sobre a mesa. Inclinando para trás, ele observou seus sapatos lustrosos sobre o jornal. No átimo, uma ideia fez ele sorrir antes de procurar nos classificados. Após encontrar o anúncio titulado em preto, ele discou os números e já no primeiro toque ouviu uma voz feminina atender sua chamada:

—Sim?

—Gostaria de falar com a Manuelle.

—Manuelle? Não há nenhuma Manuelle aqui, senhor.—
respondeu Manuelle, desconfiada.

—Tudo bem, desculpe-me pelo engano.— desculpou-se ele e logo desligou o telefone.

Idiota! Elas não usam o nome verdadeiro, disse mentalmente, jogando o jornal sobre o carpete. *Mas talvez isso possa ser um prenúncio. Talvez não seja o momento mais oportuno.* Em sua expressão denotava-se não apenas a intensa vontade de transar com a vil prostituta filha do homem a quem mais odiava, como também o olhar maquinante de quem conspira algo bem mais grave e injuriante.

O guitarrista desconectava sua guitarra preta e molhada pelo suor de seu braço inteiramente tatuado do cabo. O vocalista, sentindo o prazer de cantar para um público de mais quarenta mil pessoas, jogava pela última vez seus cabelos longos para trás do ombro e também desconectava seu microfone. O baterista sorriu, sentindo no coro encomiástico do público que foi um sucesso a apresentação de sua principiante banda que acabara de abrir um show de um dos cantores mais aclamados do país.

Atrás de uma cortina preta ao lado do palco, o cantor aguardava a saída da banda que deu abertura ao seu show. Quando um agente colocou uma cadeira próxima à margem do palco, e sobre ela um violão depois de conectá-lo em um cabo ligado a mais de cem auto-falantes, Jasom Mirojinick conjecturou que faltavam menos de cinco minutos para entrar em cena, sendo que há mais de três minutos ouvia o público chamar em coro seu já renomado nome. Naquele átimo, uma chuva fina começou a molhar os prédios que circundavam o parque onde aconteceria o show, mas as pessoas, aficionadas pelo cantor e por sua música, não se intimidaram; estavam tão ávidas para vê-lo sobre o palco que disputavam usando força o espaço em frente à cadeira, que minutos depois foi o assento do cantor após adaptar o microfone. O público se aplacou simultaneamente com o primeiro acorde sendo pressionado por quatro práticos dedos; uma a uma as cordas foram pontilhadas com exatidão e a boca se aproximou ao microfone na primeira música que foi moderadamente aplaudida desde o início até o fim após seis minutos de melodia. As frases na maior parte eram sentimentalmente profundas; eram versos calmos, mas que demonstrava amor, às vezes raiva e melancolia, de

235 sentimentos tão *axiomáticos* que esculpam-se na expressão de
Jasom. Eram frases com sentido retroativo que faziam muitos
relembrar de acontecimentos pretéritos. Não era nada de trivial ou
ignorante; tinha um significado tácito, mas quem quer que ouvisse
240 imaginaria significados para cada verso. Os olhos fechados
anunciavam a emoção pelo trabalho, e não apenas como trabalho,
mas como amor, paixão, como sua vida. Jasom amava suas letras,
sentia o significado delas e amava a quem ele oferecia, que em algum
lugar estaria, talvez, escutando-o, porventura em um motel, talvez em
um apartamento, ou talvez em um barraco. Quem sabe entre as
cabeças que se perdiam à sua frente. *Manuelle; onde estaria ela
naquele momento?*

245 O ensejo estava chegando, o esperado momento de apresentar
seu próximo trabalho e que também seria o encerramento do show.
Com um olhar rápido para a entrada ao palco, Jasom gesticulou que
estava na hora. Os integrantes de uma banda entraram um após o
outro, trazendo cada um seu respectivo instrumento e ocupando
250 timidamente seu lugar sobre o palco. Quando o baterista bateu três
vezes em um dos pratos de metal, o guitarrista pontilhou de início um
lírico e um tanto violento solo de guitarra. Jasom levantou-se,
colocando o violão sobre a cadeira, e após desprender o microfone de
seu suporte, ele fechou os olhos aproximando a boca ao microfone.
255 Ninguém compreendia aquela mudança abrupta de estilo, mas o som
era tão vibrante que e o estilo pouco importava. Os corpos
começaram a se mover numa sincronia empolgante com o som
ferozmente expelido dos instrumentos numa melancolia feroz e
sincrônica. Sentindo apenas a umidade da chuva no rosto, Jasom, de
260 olhos fechados, distorceu a voz na música que finalizaria seu show:

—*"Seria apenas seus olhos fixos nos meus, e seria apenas meu
corpo ligado ao seu. Mas tudo se tornou surreal e fugaz, quanto à
casualidade que te levou..., para distante de mim.*

265 *Seriam apenas os sonhos, mas foi real, meu sangue ferve
quando imagino você, em utopia ou manchete de jornal. Tudo é um
presságio asfixiante e mordaz....., mas tem que ser assim.*

A infelicidade é assim.

270 *Mas amanhã tudo pode se reverter, como se tudo fosse um
pesadelo. Assim você voltaria para mim, sairia deste mundo repleto
de angústia e..., medo..., e sangue..., onde tudo pode acontecer.*

Amanhã tudo pode se reverter.

Você ligaria o rádio e escutaria, minha música, meu amor, minha saudade, meu temor, e escutaria..., notícias perturbadoras..., de uma prisão avassaladora.

275 *Ah, minha querida, o mundo se tornou um cosmo deserto sem você.*

Seria apenas seus olhos fixos nos meus, seria apenas meu corpo ligado ao seu. Nada de sucesso e nada de temor.

280 Se suas músicas retratavam seu verdadeiro sentimento, do que Jasom tinha medo; da solidão subproduto do sucesso, de supostos pesadelos ou de algum agouro torturante que o fazia desabafar em letras de músicas?

285 Muitas das obtundentes músicas de Jasom foram ouvidas com desapontamento por Manuelle, não que essa consequência fosse a vontade dele, pelo contrário, ele desejava apenas transmitir a ela mensagens de que tudo poderia ser mudado, pois de alguma forma ele sabia que ela estava em um mundo aviltante que a debilitava, como as profundezas de um mar de angústia, abandono e desgosto, em um ignominioso deserto de tristeza e desaponto. Porém, eram contraproducentes as tentativas de Jasom de abrir os olhos de Manuelle, pois ela sentia apenas compunção pelo erro que cometera, uma culpa oriunda de seu desleixo para com seu ex-namorado quando ouvia suas músicas. Sua maior perturbação era ter de ouvir calada as músicas dele. Eram aceitavelmente lindas, mas pareciam ser abundantes em mensagens indiretas que faziam ela sentir que aquele cantor ainda a amava. Mas ela não se dava ao mérito de ser amada e por isso sempre deligava o rádio quando aquelas músicas eram transmitidas. Porém, ao sair à rua, ela ouvia os carros emanando som alto na incomparável voz de Jasom, os aparelhos eletrônicos nas vitrines das lojas reproduzindo as músicas da nova revelação do rock melancólico. Em cada esquina ela encontrava jovens desocupados vestindo camisetas com o rosto de Jasom, sempre de olhos fechados, estampado no tecido. Afinal, era um sucesso e onde quer que ela fosse, estava lá, a prodigiosa voz de seu ex-namorado usando metáforas para ela. Assim, Manuelle começava a sentir saudades dele. Estava voltando a amá-lo, como suas milhares de fãs loucas e entorpecidas. Com o passar do tempo as lembranças se tornavam como um vício; ela temia e sempre que podia tomava um alucinógeno com doses oblvio que duraria poucos minutos de insânia.

290
295
300
305

310

Muitos meses se passaram, quase um ano depois do lançamento do primeiro álbum de Jasom, que já estava em estúdio para a gravação de um novo disco onde incluiria três músicas em inglês, indício de que os planos dele era conquistar novos fãs em outros países; um propósito considerado um tanto dificultoso pela maioria dos artistas brasileiros. Foram meses construtivos para ele enquanto para Manuelle foram meses esmorecedores, pois sentia-se inferior a ele quando ouvia suas músicas. Estava certa de que suas decisões foram com puerilidade e irreflexão, de que fora inamável com sua família e com Jasom. Mas ao invés de procurar uma mudança, ela apenas reconhecia os erros e acalentada pelas lágrimas deixava que o acaso decidisse seu futuro na esperança de esquecer seu passado. Todo os dias acordava esperando esquecer de tudo, e aquele primeiro de setembro de 2004 não foi diferente. Era pontualmente seis horas da tarde quando ela desceu de um táxi carregando algumas sacolas propagativas de lojas. Para se proteger da chuva, ela usava um guarda-chuva transparente que foi fechado ao entrar no vestíbulo do prédio.

Ela não percebeu que do outro lado da rua dois olhos ensombrados por uma boina preta molhada observaram-na se direcionar ao elevador que ficava aos fundos do vestíbulo. Quando avistou a porta do elevador se fechar, ele resmungou algum insulto e se aproximou de um automóvel estacionado ao lado do passeio. Com um gesto abrupto, ele abriu a porta e entrou, batendo-a com força em seguida. *Alguma coisa o atormentava. O quê? Disso nem mesmo ele tinha conhecimento. Nem mesmo sabia o porquê estava seguindo-a.* Em um emaranhado de sentimentos inidentificáveis que obsedava-o, ele conseguia identificar apenas sua insana vontade de possuí-la. E agora, depois de anos de tentativas, ele descobriu onde ela estava morando e só bastava calma e prudência. Mas... sendo um homem de caráter dual, o que pedia a ele cuidado era seu lado perverso nos momentos em que seu perfil bondoso implorava para que ele se afastasse de Manuelle.

Após sair do elevador e caminhar por mais de dez metros entre um corredor curto, Manuelle abriu a porta do apartamento. Antes de fechá-la, um homem saiu de um dos quartos, traspassou rápido a sala

350 e saiu no corredor com um meio sorriso tímido. Atrás dele, Kelica surgiu envolta em um cardigã amarelo.

—Quem era?— perguntou Manuelle, assim que fechou a porta com um empurrão.

355 —Sei lá.— a outra respondeu sentando-se no sofá. Observando Manuelle se aproximar e sentar-se no sofá contraposto, ela acendeu um cigarro.

—Não conseguiria trepar com alguém sem ao menos saber seu nome.— disse Manuelle, colocando as sacolas no chão.

360 —E isso faz diferença?— a pergunta de Kelica saiu com mais tom de afirmação do que de pergunta.

—Não, mas me parece mais formal. Um tanto profissional. Sei lá.

Manuelle deslizou as sacolas com as pontas dos pés para baixo da pequena mesa de centro e sorriu quando Kelica muxoxeu, quase deixando o cigarro cair dos lábios.

365 —Formalidade. Desde quando existe isso em uma zona, Manu?

—Nossa? Como você se *autodeprecia*. Eu prefiro denominar agência de acompanhantes.

370 —Manuelle, minha amiga, se tivéssemos ao menos um pouco de vergonha não estaríamos aqui, então, não me fale mais sobre valores morais, tudo bem?!

Manuelle desprezou-a com um olhar vilipendioso que de certa forma contradisse o argumento de Kelica.

375 —Tudo bem, Manu.— concordou ela— Mas talvez esta minha depreciação seja pelo simples fato de que todos os senhores empresários, os que pagam bem, escolhem você. Para mim *tá* sendo diferente, sabia? Fico, quer dizer, ficamos apenas com o resto. Esses que pagam uma mixaria. E ainda temos que *dá o rabo* para ganhar um pouco mais. Por sinal, Manu, você alguma vez já deu essa sua bundinha linda ou transou com mais de um homem ao mesmo tempo?

380 —Não!— Manuelle sentiu-se mentindo— Mas qual é a diferença se todos pagam pelo programa?

385 —Não *tô* falando disso. Sabe quantas vezes eu saí *pra* fazer um programinha num motel, um ato que me faria sentir um pouco melhor?

Manuelle não respondeu. Sorriu e deitou as pernas sobre o sofá.

—Viu, você nunca está aqui pra saber.

—Não sou mais bonita que...

—Bonita, não!— interrompeu Kelica. Ela tossiu com a boca tapada pelo dorso da mão— Sortuda.

Naquela mesma noite, todos os fiéis aguardavam apressados a chegada do pastor que há minutos estava atrasado para o culto de quarta-feira. Além da pressa para ouvir suas prédicas, havia também o medo de que ele não chegasse, criando assim uma decepção dissuasiva que desencaminharia muitos de seus seguidores. Ao passar de uma hora não havia mais ninguém sentado nas cadeiras e as portas da igreja estavam há minutos de se fechar. A esperança se findou num ápice de desaponto quando o “diácono” fechou as portas. Num préstito de decepção rumo às suas casas, perguntas como "o que houve com ele? Por que ele faltou?" foram sussurradas entre os fiéis que ficaram decepcionados com pastor que foi por longos anos, desde a noite em que chegou bêbado à porta da igreja, como um prócer único para todos eles, um guia que trazia em sua história o exemplo de que todas as pessoas podem mudar e serem salvas. Mas como toda a boa conduta pode ser enodada por um simples deslize, com ele não foi diferente, seguia-se a naturalidade dos problemas.

A noite se finalizou com o intróito da madrugada frígida. Horas depois, os sinos soaram na catedral e as portas das lojas e das empresas se abriram entremostrada pela leve claridade do crepúsculo. Uma hora depois, todos os acionistas ocupavam seus lugares ao redor da mesa para aguardarem curiosos a chegada do presidente da Meisinger para uma reunião aprazada pelo próprio Clark Meisinger. Sentados, todos os acionistas, exclusive Edward Radmim, se questionavam sobre qual assunto Clark queria discutir. Os cochichos se silenciaram quando a porta se abriu; era Clark, quase vinte minutos atrasado. Ao entrar, ele cruzou um olhar rápido pelo auditório para certificar-se de que não estava faltando ninguém; ao concluir, ele fechou a porta. Após se aproximar à passos lentos, ele sentou-se na cadeira em frente todos os olhares. Colocou sua maleta sobre a mesa, abriu-a e tirou dela um *temário* de capa rubra que foi depositado ao lado da valise, junto a um monte de papéis contendo uma porção de números que nem mesmo ele entendia.

—Bom dia.— todos responderam o cumprimento com voz apática, sem ao menos olhar para o rosto de Clark. Mas nem toda a

desconsideração foi o suficiente para cerrar-lhe o sorriso, e ele continuou:— Gostaria que já de início soubessem que agendei este debate para perscrutar tudo o que está acontecendo dentro da empresa, desde a fabricação até às vendas...

—Mas o que você deseja saber?— interrompeu Edward, que do outro lado da mesa mantinha os braços cruzados sobre o peito numa posição infirmativa de cobrança.

—Ora! O que esta acontecendo. Afinal, procurar saber isso é um direito meu como presidente da empresa.

—Deixe-me explicar.— Edward apoiou os braços sobre a mesa e inclinou-se para frente, reforçando ainda mais o olhar nos olhos de Clark— Você, o presidente da empresa, não participa das negociações, não comparece às reuniões, com exceção daquelas que você mesmo apraza, então, sem explicação convincente você resolve se sobressair da melhor forma possível agendando reuniões como esta. O que, afinal, você deseja saber? Lucros. Isto nós podemos colocar em gráficos e enviar através de fax ao seu escritório.

Naquelas palavras, deu-se para ouvir um leve suspiro de alguns dos acionistas.

—Senhor Eduardo,— começou Clark, sem precipitar-se— não sou apenas um acionista desta empresa, sou o representante da Meisinger com mais de 50% das ações. Bem mais. Então, estou até sendo educado em pedir a você que seja mais circunspecto para com suas palavras.

Diante uma ameaça alusiva, mas quase que direta, todos os acionistas sentiram a pele eriçar no receio de uma objeção provida da boca comprometedora de Edward, pois se isso acontecesse, todos ali poderiam sair prejudicados. Porém, esse medo se concretizou quando todos ouviram a voz do mais intrépido dos acionistas:

—Eu não sou um pacóvio, Clark, nenhum néscio...

—Ingênuo seria a palavra certa.— interrompeu Clark, rechaçando com a voz tão calma que fez, na comparação, Edward sentir-se um rato mau-educado.

Reconhecendo que era ótimo em argumentos desconcertantes que poderiam facilmente desmoralizar Clark, Edward se calou, repoltreando-se na poltrona na guarda do momento certo.

—Muito obrigado, senhor Eduardo, vejo que de certa forma me compreendeu.— Clark pausou a última palavra num ar de vitória.

—Mas ainda estou curioso. Sobre o que você quer saber?—

continuou Edward, com brandeza, observando Clark apanhando os papéis para organizá-los batendo-os com a borda sobre a mesa.

—De sua parte, as estatísticas sobre a fabricação, os números, apenas os números.

Edward sentiu-se sorrir antes de responder:— Se deseja mesmo saber, por que não visita a fábrica com mais frequência? É de lá que provêm todos os números que contém nessa empresa.

—Seja mais explícito e me responda!— retrucou Clark, a voz esbaforida e tão grave que fez os acionistas sobressaltarem-se de suas poltronas junto aos papéis sendo jogados por Clark sobre a mesa.

Com um sorrindo aviltante, Edward se levantou olhando para o relógio no pulso.— Desculpe-me, senhores, mas tenho problemas realmente importantes me esperando.

Calado, Clark seguiu Edward com um olhar ameaçador até a porta para em seguida observá-lo sair da sala. Sua face antes pálida, se esmaeceu ao ouvir a estrondosa batida da porta. A contundência dos gestos e das palavras brandas de seu rival foram tão irritantes que fez ele levantar-se quase que involuntariamente da poltrona e impingir um tapa contra a mesa. Por alguns segundos, ele suspirou alto sua aversão, aplacando aos poucos seu impulso enquanto sentia os olhos de todos direcionados ao seu rosto. Em seguida, sentou-se e sorriu disfarçadamente.

—Senhores.— prosseguiu, recolocando os papéis na valise— Peço minhas desculpas, mas vou procrastinar essa reunião. Vou lhes pedir apenas que envie o resultado dos últimos seis meses ao meu escritório para ver se tem congruência os resultados de cada mês. Quero isso ainda esta semana.— e concluiu fechado a maleta com uma batida.

Observado por olhares críticos, ele se retirou da sala a passos desconcertados. Bateu tão forte a porta que o estrondo sobressaltou pela segunda vez os acionistas, fazendo ranger suas poltronas.

Logo depois do encerramento estabanado da reunião, Clark se dirigiu apressadamente para sua sala. Estava tão agitado que nem mesmo deu atenção à secretária que estava escondida atrás da escrivaninha.

—Está tudo bem, senhor?— indagou ela, percebendo a leve irritação em seu chefe.

—Sim, estou ótimo.— ele respondeu lançando um sorriso disfarçado.

—Mas..., o senhor deseja alguma coisa?

510 —Não!— respondeu de imediato, girando a maçaneta. Num impulso quase que involuntário, ele lembrou de um detalhe olvidado há mais de um ano e sofreu o passo que o colocaria dentro de seu escritório. *Como poderia ter esquecido desse detalhe durante todo esse tempo*, pensou— Espere, você tem o jornal do dia?

—Claro, deixe-me procurar.— respondeu ela, abrindo a gaveta superior da escrivaninha.

515 Clark denotou um certo medo na secretária de um possível engano e o jornal acabar estando no lixo ao invés de estar na gaveta, e direcionou-se a ela, a pessoa sobre a qual ele sempre despejara sua raiva em invectivas ultrajantes. Mas antes de ele se aproximar, ela sorriu alívio e jogou o exemplar dobrado sobre a mesa. Ele devolveu o sorriso, apanhou o jornal e se afastou, entrando no escritório.

520 *Aquele jornal deveria estar no lixo, mas não estava, estava em seu devido lugar, sendo mais um imperceptível elo para tudo seguir congruentemente ao mau resultado. O fim seria menos funesto se a secretária sofresse os insultos e meia hora depois toda a raiva de Clark estaria dissipada.*

525 Depois de minutos de atenta procura pelos anúncios, Clark encontrou aquele que procurava. Com um sorriso sardônico, ele discou pausadamente os números, e, esperando que atendesse a chamada, ele acendeu um charuto apanhado do bolso do paletó. Após jogar o isqueiro sobre a mesa, ele ouviu uma voz feminina atender a chamada:

530 —Pois não?

—Bom dia, eu estava lendo o anúncio...

—E... então?

—Eu preciso de alguns serviços.

535 Ele ouviu um leve sorriso soprar o receptor.

—Bom, nós estamos aqui. O que precisa?

—Eu posso resolver no momento do encontro?

—Ah, então você deseja um encontro?

—Primordialmente.

540 —Onde?

—Aí mesmo.— respondeu ele— Quero conhecer cada garota, afinal, gosto de alternativas.

A moça deu uma pausa, revelando sua ambiguidade.— Quando?

545 —Quando todas estiverem disponíveis.
—Habitualmente, nós não agendamos horários às 19 horas
pruma pausa *prum* lanche.
—Nossa, é uma empresa e seguem uma hierarquia própria.—
brincou Clark.
550 —Não, somos apenas organizadas. Nós moramos aqui.
Numa pausa, ele contemplou a ponta avermelhada do charuto.
—Então..., posso visitá-las hoje às 19 horas?
—Claro.
—Só me faz o favor de me passar o endereço, então?— pediu
555 ele, apanhando uma revista e uma caneta que estavam sobre a mesa.

Às 18:45 do mesmo dia, Clark estacionou o carro em frente a um dos prédios que sombreava parte da extremidade norte de uma das principais avenidas da cidade. Após desprender o cinto de
560 segurança, ele olhou para uma fotografia de Bruna que embelezava a modernidade insossa do painel do carro. Suspirou, pegou a fotografia e jogou-a dentro do porta-luvas junto com sua aliança. Ao sair na rua, ele contemplou rapidamente o píncaro dos edifícios e entremeou-se na avenida esquivando-se dos automóveis que estavam parados em
565 frente o sinal vermelho. Dez minutos depois de cruzar pelo vestibulo opaco, entrar num elevador vetusto e andar alguns metros entre um corredor esburcado e com cheiro de cigarros e perfumes baratos, ele bateu na porta do apartamento que se intitulava 47 numa plaqueta de madeira pregada em meio a porta, que logo foi aberta. Era Kelica, toda sorridente, discernindo um homem abastado; poderia ser aquele o primeiro a levá-la a um motel luxuoso distante daquela cidade nojenta, *envilecedora* e monótona que a fazia lembrar de quem ela era.

—Entre.— pediu ela, analisando as roupas de Clark—
575 Estávamos esperando.

—Foi você quem atendeu meu telefonema?— indagou ele, mal disfarçando a curiosidade enquanto entrava no apartamento.

—Sim. Meu nome é Jéssica.

—Esse é seu verdadeiro nome?

580 Kelica não respondeu. Disfarçou o olhar e caminhou em direção ao sofá, onde sentou-se e cruzou as pernas. Com um pestanejo lento, ela indicou uma poltrona ao lado.— Sente-se.

Sob um olhar insinuante, Clark se aproximou e sentou-se na

585 poltrona, onde piscou rápido ao lembrar-se de seu plano, do porquê de estar ali.

—Bem, se não se importa.— disse ele— Estou curioso.

—Tudo bem.— interrompeu ela, cerrando o sorriso— Vou chamá-las.

590 Quando abaixou a cabeça, esperando que Jéssica moderadamente se levantasse para chamar as outras garotas, Clark foi surpreendido por grito estertoroso, típico de pessoas que fumam há anos e que não fazem o menor esforço para largar o vício:

595 —Garotas!— o sobressalto de Clark fez causar ruídos na poltrona e Kelica formou um sorriso contrafeito— Me desculpe pela grosseria. A irresponsabilidade delas me deixa assim, nervosa. Já tinha dito que você viria.

600 Após o lapso de três minutos que deixou Clark sôfrego, Manuelle, Renata e uma terceira garota, uma loira de beleza singela e de olhos tristes que parecia não se importar com as albugens nas unhas roídas, saíram de um dos quartos em meio uma conversa alta e descontraída. Quando se depararam com um senhor muito bem alinhado, elas se calaram e sentaram-se num sofá apertado que ficava diante dos olhos dele. Manuelle sentou-se em uma cadeira baixa ao lado, mas não se exibia como as outras garotas; se comportava ponderadamente, como se não soubesse ou ao menos presumisse que seria ela a escolhida.

605 —Muito prazer.— cumprimentou Clark, contemplando a beleza das garotas que exibiam-se em sua frente.

610 —O prazer é todo nosso.— quem respondeu foi Manuelle, naturalmente, enquanto as outras garotas apenas encenavam sorrisos cada minuto mais expostos, formando a vitrine perfeita de sorrisos e de pernas abertas.

615 Por alguns minutos houve um silêncio; o momento em que, com um olhar embaraçado, Clark apreciou toda a beleza da garota que abrilhantava aquela cadeira velha e lassa. Com os olhos contemplativos, ele parecia observar apenas ela, como se ela fosse a única que estivesse na sala. Ficou imediatamente deslumbrado, pois era a loira mais perfeita que já tinha conhecido, dona da beleza mais refulgida que já tivera visto em toda sua medíocre vida.

620 Percebendo nos olhos de Clark que estava sendo objeto de fantasia, na certeza de que ele estava sendo tentado pela consciência, pela certeza de que ela poderia fazer para ele o que ele bem quisesse,

Manuelle cruzou lentamente as pernas, liberando aos olhos dele a
visão de sua calcinha branca e tão fina que dava-se até para notar o
contorno voluptuoso da vagina comprimida pelo tecido fino e quase
transparente, dando a perceber seu *grelo* tentadoramente vermelho.

Clark suspirou e ela sorriu de forma debochada.

—Esta é Carla e a outra se chama Cindi.— disse ela, indicando
as amigas com um pestanejo.

As duas garotas, do mesmo modo que Kelica, certificaram-se
de que ele já tinha feito sua escolha pela perplexidade, por isso
responderam com um “oi” insípido e com um sorriso aos poucos
desaparecendo dos lábios. Por um segundo, Clark temeu não ser ela a
filha de seu rival, pois se não fosse, seu plano ultrajoso estaria a um
passo do malogro, pois sua escolha de certa forma já estava
concluída. Quando o silêncio se tornou inconveniente, as garotas se
levantaram, uma delas pigarreou propositalmente, e logo saíram no
corredor para em seguida entrar no quarto.

Kelica acendeu outro cigarro e jogou a carteira no canto do
sofá.

—Acho que já fez sua escolha?!— disse ela, olhando para a
fumaça que subia em frente o rosto.

O sorriso de Clark foi como de quem desperta de uma
absorção.

—Sim..., quer dizer...

—Nós nunca diremos *não*. Estamos trabalhando.— asseverou
Manuelle, toda linda e disponível.

Ele sorriu e piscou rápido, como se voltasse à realidade. Sorriu
de novo e abaixou a cabeça.— Como se chama?

—Ah, estava me esquecendo, meu nome é Cris.— ao
responder, Manuelle descruzou as pernas e desacostou as costas do
respaldo. Ouvindo o ranger da cadeira, Clark levantou rápido a
cabeça, esquivando o olhar que estava fixo no meio das pernas dela.

E ela sorriu, deixando-o ainda mais envergonhado.

—Clark. Meu nome é Clark.

Quando os olhares de Clark e Manuelle se fixaram, Kelica
tossiu ensaiadamente e levantou-se, se retirando da sala. Ao ouvir o
estalo do trinco no *fechar* da porta, Clark levantou e sentou-se no sofá
onde Kelica antes estava sentada. Como se deixasse de lado a
timidez, ele sorriu e deu uns tapinhas ao lado do sofá. Manuelle
sorriu com língua entre os dentes, levantou e sentou-se ao lado dele.

—E então, Clark, do que você precisa?— depois de fazer a pergunta, ela deslizou a língua nos lábios; não de forma insinuante e provocativa, mas como se fosse para simplesmente umedecê-los.

—Preciso de uma acompanhante.

—Disso eu sei.

—Eu me refiro a uma visita em uma empresa.

Ela riu novamente, aproximando seu corpo ao corpo dele.

—E para onde você quer que eu te acompanhe?

—Em uma visita numa empresa.

—Não gosto de repetições. Vá ao ponto.

Ele desviou os olhos da boca dela e respondeu:— Na Meisinger Multimídia.— E certificou-se que estava comprando o corpo da filha do homem a quem mais odiava quando ela fechou o sorriso e afastou seu rosto do rosto dele.— O que houve, está tudo bem?

Manuelle pressionou as têmporas com a ponta dos dedos, levemente marcando a pele com as unha compridas.

—Estou..., estou um pouco tonta.

—Tonta?

—Tenho... *labirintite*.— mentiu ela.

—Quer que chame alguém?— indagou Clark, fingindo uma preocupação não existente.

—Não, já tá passando.— ela respirou fundo e continuou— E então, o que faz na Meisinger?

Ele não hesitou em responder:— Sou sócio da empresa.

Ao ouvir aquilo, Manuelle começou a rir descrente, como se estivesse ouvido uma mentira absurda, a pior de todas as mentiras já ouvidas. Mas cerrou o sorriso ao perceber a seriedade estampada no rosto de Clark.

—Desculpe. É..., é muito estranho um homem de cuja profissão querer se ultrajar com uma prostituta. É totalmente imoral. — disse ela, ciente de que já tivera acompanhado empresários das mais destacadas empresas da cidade. A verdade era que o motivo de sua perplexidade era o fato de um empresário, esse certamente sócio de seu pai, estar coincidentemente contratando seus serviços.

—E qual o problema se muitos fazem isto?

Nos olhos dele se denotava a convicção, percebeu Manuelle, dando um tempo antes de responder:— Desculpe, mas não posso.

—Por que não? Há algo de errado comigo?

—Não!

—Então acha que é algum tipo de armação?

—Armação? Pra que? Não sou nenhuma... criminosa.

—Mas me parece isso. Está com medo de alguma coisa?

—Não. Simplesmente creio que seria melhor se não aceitasse.

—Eu não gostaria de ouvir um *não* de você.

Ela o encarou e ele admirou-a com um olhar ávido de quem pagaria tudo para tê-la.— Eu não sei.

—E qual é seu preço?

Ela sentiu a mão dele resvalar entre suas pernas— Está me subornando, senhor Clark?

Ele não respondeu, apenas sorriu, fazendo-a lembrar-se de sua profissão. Houve um silêncio e uma demorada troca de olhares. Após, ele calculou motivo do medo dela e o preço que teria de pagar para encorajá-la. Respirou fundo e tirou do paletó um maço de dinheiro que tivera colocado ali para esse mesmo propósito, colocando-o sobre a minissaia que luxuriava aquelas pernas perfeitas.

—Sabe quanto tem aí? Dez mil. Pode ser todo seu.

Manuelle arquejou e ficou calada; estava diante de uma chance lucrativa para uma desforra contra um pai desleixado e altivo, que abandonou inexplicavelmente sua mãe e nunca sequer pensou em ajudá-la. Lembrar do rosto triste de Júlia e do destino de Reginaldo e imaginar a beleza e a elegância de um empresário avarento vestido com os melhores ternos e vivendo uma vida de luxúria e despreocupação, muitas vezes fez Manuelle chorar trancada em seu quarto, depois de um dia inteiro se entregando a homens que mal conhecia por míseros trocados, reminiscências que a perturbariam para sempre. E naquele momento, sendo comprada por uma pessoa do mesmo nível de seu pai, fez seus olhos se avermelharem numa insinuação de choro. Mas ela não estava sozinha e não era de sua índole orgulhosa demonstrar fraqueza à pessoas envolta pelo próprio orgulho e vaidade.

—Isso é muito dinheiro.— disse ela, fugindo das lembranças.

—Homens como eu sabem distinguir belezas raras como você e pagamos qualquer preço quando encontramos. Eu a encontrei, só quero comprá-la.

Aquele argumento fez ela recordar da perplexidade dele minutos antes e acreditou naquelas palavras. Também reconhecia a própria beleza. Resoluta, ela sorriu para ele, apanhou o dinheiro e a

740 bolsa que estava ao seu lado.

—Quando?— perguntou, colocando o dinheiro dentro da bolsa.

—Sexta-feira, dia dez. Nesse dia terá uma reunião e eu quero que compareça ao meu lado.

745 Ela fitou os olhos dele, mas sorriu lembrando do dinheiro que já estava em sua bolsa e da oportunidade única de injuriar o homem que abandonou a ela e a sua mãe, o homem que a tratou como um inseto desprezível durante anos.

—Meu aniversário.— lembrou ela, dissimulando com um sorriso sua insegurança.

750 —Que bom, assim posso presenteá-la.

—A partir de que horas?— ela perguntou sentindo a mão dele ainda em suas pernas.

—Às 14 eu passarei aqui, tudo bem?

—Tá. É apenas isso?

755 —Calma, depois quero usufruir de seus serviços.— falou ele, com uma das mãos subindo licenciosamente pelas pernas. Quando sentiu a calcinha com a ponta dos dedos, ele afastou a mão— Agora preciso ir, prefiro deixar pra sexta.— assim que concluiu, Clark levantou-se do sofá. Ao se aproximar da porta, ele voltou os olhos para o rosto de Manuelle:— Qual é mesmo seu nome, seu verdadeiro nome?

760 —Por que todo esse interesse pela identidade?

—Gosto de saber com quem faço negócios.

765 —Manuelle Cavalhais.— respondeu ela, observando em seguida ele sorrir e girar a maçaneta.

770 Saindo no corredor opaco daquele edificio antigo, Clark sorriu modestamente, ainda mais convicto de que era ela sua prazerosa isca. A acuidade de sua percepção fez ele distinguir uma mágoa contida em Manuelle, algo que talvez ela tentasse dissimular com sorrisos, mas que era irrefutável e controlava seus impulsos, se difundindo em expressões taciturna e alheadas. Ao dar partida no carro, ele lembrou que a arrogância de Edward sempre fora seu ponto fraco, e então soube que não era apenas ele que queria ultrajá-lo. Sua própria filha também o odiava, porém, por uma causa bem diferente.

775 O primeiro fim de semana de setembro foi decepcionante para os fiéis da igreja por não ouvirem os complacentes sermões do pastor, que tivera desaparecido desde a última quarta-feira, quando pela

780 primeira vez em anos faltou à igreja. Ouvia-se apenas os cochichos detrativos vindos dos fiéis; alguns maledicentes mencionavam o próprio pastor como exemplo da fraqueza, da apostasia, da força maléfica ocultada na escuridão das noites cálidas ou álgidas, onde provavelmente ele teria se perdido.

785 A segunda-feira chegou com tumultuosas rusgas em todos os cantos da cidade. Os trabalhos rotineiros, as turbulências cotidianas e o agitado trânsito se confundiam com uma total balbúrdia, parecia que tudo estava descontrolado. Ao se ver livre do trânsito, Edward estacionou o carro no estacionamento da Meisinger e desceu orgulhoso. Minutos depois saía do elevador privativo. Se aproximou da porta do escritório e, girando o trinco da porta, ele cumprimentou a secretária que se escondia atrás da escrivaninha.

790 —Bom dia, senhor Edward.— respondeu ela, com um sorriso demonstrativo, mostrando a alvura de seus dentes.

795 —Tirou o aparelho dos dentes?— perguntou ele, mostrando-se atencioso. Ela confirmou ampliando o sorriso perguntativo e ele concluiu:— Ficaram lindos.

—Que bom que gostou, senhor.— ao agradecer, ela enrubescou as bochechas.

800 Sorridente, Edward abriu a porta da sala, entrou e fechou-a com cuidado. Se aproximou da mesa e jogou sobre ela sua maleta. Sentando na poltrona, ele inclinou as costas no respaldo e abriu os braços para cima, espreguiçando-se. Depois de reflexivos minutos, ele abriu a maleta e retirou algumas folhas que foram colocadas sobre a mesa; retirou também uma caneta dourada de um suporte branco e colocou-a no bolso interno do paletó. Fechou a maleta e deixou-a cair no carpete de linóleo, empurrando-a com a ponta dos pés para baixo da mesa. Cada movimento realizado simbolizava um autêntico e orgulhoso acionista, e seu meio sorriso emoldurava sua personalidade relutante em *pró* aos benefícios para empresa; um afínco pela Meisinger resultante em um dos principais motivos de ódio para Clark, influenciado pelo seu alto grau de inveja. Ativo, ele caminhou até a janela, escorou-se no caixilho de alumínio e olhou para baixo, avistando no pátio alguns visitantes e alguns clientes de outros estados e países. Esquivou o olhar para a extremidade longínqua do pátio onde um caminhão pequeno estava sendo carregado de caixas; *entre os carregadores, ele discerniu o colaborador que há muitos*

anos tinha lhe sugerido a ideia de trocar os computadores usados na
320 empresa. Afirmou o olhar e denotou no homem uma expressão
amofinada que talvez se confundisse com cansaço; uma expressão
abatida, enlutada, como de quem tivesse perdido algum ente
importante. Escorado na janela contígua à parede de vidro, Edward
ficou por alguns minutos observando o pátio. Depois, fechou a janela
325 e desceu o elevador até o primeiro andar do prédio. Pouco depois de
chegar ao vestibulo, uma porta automática se fechou e ele saiu para o
pátio. O Sol quente da manhã fez seu paletó de linho encalmar a pele
e induziu ele a tirar do bolso do paletó seus óculos escuros,
colocando-os em frente os olhos crispados pela claridade sobre o
330 grande tapete de concreto. Após dar alguns passos, ele avistou
Maurício se aproximando meio distante. Naquele átimo, ele tentou,
mas não conseguiu encontrar uma ação escapatória para fugir do
inconveniente diretor de fabricação, que vinha de encontro com um
sorriso bajulador e inoportuno, segurando uma pasta de zíper que
ameaçava abrir em seguida.

335 —Bom dia, chefe.— cumprimentou ele, antes mesmo de se
aproximar completamente.

—Tem mesmo que desejar isso?

340 O tom meio que ofensivo na voz de Edward não foi suficiente
para vexar Maurício, e ele sorriu desfaçadamente enquanto abria o
zíper da pasta.— Por que não? Algum problema?

—Problema? Nenhum. Apenas trabalho.

—Trabalho é bom e ...

345 —Essencial.— completou Edward, olhando para o caminhão
ainda sendo carregado pelos três funcionários. Ele voltou os olhos
para Maurício, que já segurava algumas folhas cheias de números e
continuou— Desculpe, Maurício, mas tenho um probleminha para
resolver agora. Vá à minha sala às dez para conversarmos melhor,
tudo bem?!

350 Vendo Edward se fastar, Maurício formou um sorriso sem jeito
e aquiesceu com a cabeça, recolocando os papéis na pasta.

355 Ao se aproximar da pilha de caixas, Edward encostou-se na
parede de um dos blocos da fábrica e ali ficou observando os
operários levarem as últimas caixas. Secando o suor da testa com a
manga do guarda-pó, o funcionário observado se aproximou da
pirâmide, e quando foi se abaixar para apanhar uma das caixas, ele
ouviu alguém chamá-lo com um assovio. Com um gesto cansado, ele

olhou para o lado onde avistou Edward chamando-o com um gesto. Ele pareceu soltar um suspiro amolado antes de caminhar até o acionista.

360 —Estava observando o carregamento.— argumentou Edward, tirando os óculos escuros.

—E então?

365 —Está muito bem, parece até mesmo um ensaio cinematográfico.— Edward percebeu o homem desviar um olhar cansado que exprimia fastio para o longo do pátio antes de continuar — Gostaria de lhe fazer uma pergunta, se não se importa, é claro.— numa pausa, o operário voltou um olhar anuente e Edward logo completou com uma pergunta que na verdade não era a que pretendia fazer— Há quanto tempo você trabalha na empresa?

370 —Não sei, há uns... 20 anos aproximadamente.

—E isso é muito tempo.— Edward manteve um olhar minucioso no funcionário, vendo-o desviar os olhos para o chão— Como nós já conversamos algumas vezes— continuou— eu acredito que é um dever meu fazer essa pergunta.— ele estudou a expressão abúlica do funcionário antes de completar— Está acontecendo alguma coisa com você?

375 —Nas palavras, o homem levantou rápido cabeça e sorriu, disfarçando a perplexidade.— Como? Não houve nada, chefe.

—Mas me parece o contrário. Me parece... triste. Ou cansado?!

380 O tom asseverativo e a persuasão retratada no acionista fez o homem abaixar a cabeça, derrotado pela verdade, demonstrando anuência à ilação certa de seu superior. Edward, então, cofiou os cabelos e mordeu o lábio inferior, reparando os gestos tristes e um tanto desiludidos do funcionário enquanto seus olhos se enrubesciam.

385 —Se não se importa, eu gostaria de saber o que está acontecendo.— Mesmo sinceramente interessado, Edward estava cético de que não ouviria uma resposta, ou ao menos uma resposta sincera.

390 —Já gostou de alguém, chefe?— ao perguntar, pela primeira vez o homem fixou o olhar nos olhos de Edward, que inevitavelmente sorriu; realmente ele não esperava que o funcionário respondesse com tanta lhanza. E também não esperava que fosse um tanto cômico.

—Está apaixonado, é claro.

—Pois é, isso é uma doença, chefe.

395 A seriedade na resposta causou o fechamento imediato do

sorriso de Edward e o forçou a pigarrear dissimuladamente.— Por que doença?

—Quando é impossível o contato, tudo se torna uma doença, chefe, uma obsessão.

—O que, ela não te quer? É isso?

Antes de responder, o homem esquivou o olhar para o outro lado onde ao longe ficava a portaria social, de acesso ao prédio administrativo. Seu olhar, percebeu Edward, se comprimiu, formando uma inexplicável expressão de ódio reprimido, e por segundos seus olhos permaneceram fixos no portão que se abria para a entrada de Clark.

Edward seguiu o olhar dele e ficou confuso com aquilo.

—O que houve? Algo errado?

—Nada.— respondeu ele, olhando friamente para Clark, que sem olhar para os lados entrava no vestibulo do prédio.

—Você não conhece Clark, conhece?

O forte tom inquisitivo da pergunta fez o homem piscar rápido, sentindo-se um criminoso sendo interrogado por um crime.

—Não. Quer dizer, nunca conversei com ele.— ao responder, o homem voltou o rosto para frente. O olhar descrente de Edward parecia tentar desmenti-lo, e ele suspirou— Vou lhe falar uma coisa, chefe, não é apenas o senhor que está ciente da maldade que há naquele homem. Todos nessa empresa, inclusive eu, sabemos disso. Acredite, as pessoas vivem fingindo não perceber a verdade.

Por alguns segundos Edward se calou, olhando nos olhos do funcionário, depois piscou e esquivou o olhar para o pátio caloroso. Não era de se espantar com o fato de que todos na empresa alimentavam a perene desconfiança de que fora Clark o mandante no assassinato do próprio pai, isso há muitos anos. Mas nunca antes ninguém tivera se referido a Clark daquela forma, pensou ele, tão verdadeiramente; dava até a impressão de que aquele operário o conhecia perfeitamente e que por isso o detestava, num alto nível de abominação que ficava quase impossível disfarçar.

—Sabe, chefe,— continuou o funcionário, estudando a expressão de Edward— todo o dinheiro mal administrado de certa forma financia o mau, lembre-se sempre disso.— como se conseguisse decifrar os pensamentos do acionista, ele terminou dando as costas e se afastando para após colocar sobre os ombros a última das caixas— E... não se preocupe comigo, eu ficarei bem.

035 Vendo o funcionário indo na direção do caminhão, Edward,
confuso, tentava compreender não apenas as últimas palavras dele,
mas também o motivo que pareceu forçá-lo a dizê-las. "*Todo o*
dinheiro mal administrado financia o mal". Para Edward, aquilo
soou como um prenúncio de que algo imprevisto, chocante, estaria
040 para acontecer. "*Não é apenas o senhor que está ciente da maldade*
que há naquele homem", isso Edward não percebeu nas palavras do
homem, que de alguma forma tinha conhecimento sobre seu ponto de
vista reprovativo em relação a Clark, de sua aversão contra o
presidente da empresa.

045 Eram duas horas da manhã daquela sexta-feira e as nuvens
carregadas relampagueavam sobre os céus da cidade. As trovoadas
expluíam como bombas momentâneas, cintilando sobre o
firmamento. A chuva que há horas caía em pouca quantidade,
050 entremeava-se no vento que oscilava a cortina molhada em um dos
quartos de um apartamento num edifício afastado do centro, onde um
homem se rebatia sobre sua cama. Seu corpo estava molhado pelo
suor que também molhava o edredom escuro. Seus músculos
trêmulos e sua cabeça movendo de um lado para outro eram
055 iluminados a cada relâmpago, pois a janela estava aberta, dando plena
liberdade também ao vento úmido e frígido que balouçava uma leve
cortina clara. Sobre a cabeceira da cama estava uma foto antiga de
seu passado juvenil rasgada em pequenos pedaços, o que evidenciava
algum descontrole emocional antes do sono. O pesadelo que tomava
060 conta de seu consciente eram de imagens tão límpidas quanto à
realidade, forçando ele a sentir medo e fraqueza, uma combinação
repressora que prostrava-o, deixando-o sem forças para superar a
persuasão do que estava vendo e sentindo. Depois de alguns minutos
se rebatendo, o susto foi o final do pesadelo e fez ele se pôr
065 rapidamente sentado na cama. Suspirou e identificou o lugar onde
estava com um olhar lento e assustado. Percebeu que estava acordado
e sentiu que o suor que escorria da testa tentava entrar pelo canto dos
olhos. Rapidamente ele limpou o rosto esfregando as mãos ásperas.
Virou-se para o lado e calçou as chinelas, e, com a cabeça abaixada,
070 entremeou os dedos angulosos e trêmulos entre os cabelos grisalhos.

Era um homem de aparentemente 50 anos perturbado pela
própria fraqueza, acreditava nela e por isso vivia em uma solidão que
extenuava seus ânimos. Seu passado era, até mesmo para ele,

075 obscuro, e guardava esse passado como sua fraqueza e temia sua
manifestação. Sentia vergonha de alguma mácula que manchava os
anos que tinham se passado e sua dignidade, e, por essa razão,
acreditava que era o mais vulnerável dos homens. Tinha medo de
num momento de fraqueza esquivar-se de sua meta final: *se tornar o*
080 *mais bondoso dos homens*, alguém a quem todos se espelhassem.
Mas isso não era para ele apenas como uma meta; era um dever, uma
incumbência para redimir-se de algum pecado que cometera em um
passado sombrio e arcano. Sobre a cabeceira da cama havia um
provérbio escrito em uma tábua de ébano; *Em um mundo de anjos a*
085 *malícia seria inócua e improficua, pois todos seriam bons*. Após ler
aquela máxima, talvez por ele mesmo criada, ele se levantou da cama
e caminhou até o banheiro. Abriu a torneira de metal e borrifou água
no rosto. A água fria gelou a pele cálida, causando um *choque-*
térmico que fez ele perder o fôlego. Em frente ao espelho, ele fitou
seus olhos perturbados e desistiu, abaixando a cabeça; era ele contra
090 uma imagem fraca e disforme, contra uma caricatura sombria de seu
rosto. Fechou a torneira e voltou para o quarto, sentando-se
novamente ao lado da cama. Meio que estarrecido pelo pesadelo, ele
nem deu importância à chuva que aumentava, entrando pela janela e
molhando parte do assoalho carpetado. Suspirou cansado e olhou
095 para o escrito sendo aclarado pela sucessão de relâmpagos, vendo
abaixo dele um crucifixo de gesso. Após um suspiro alto, suas mãos
voltaram a puxar os cabelos molhados.

—O que há de errado? Por que imagino isso?— sussurrou para
si mesmo— Não quero me tornar um pérfi..., droga! E que
000 pensamentos são estes que me atormentam? Não consigo nem ao
menos— sua voz começou a se distorcer mais áspera e assustadora—
dormir!— bradou, voltando um olhar de tormento para o crucifixo de
gesso; em seus olhos se denotava medo e ao mesmo tempo
indignação— Você poderia me ajudar e me ignorou, achas que sou
005 incurável? E por que faz isto?— ele se levantou e se aproximou
olhando para a cruz— Eu já sei! Você quer que volte a ser o mesmo.
— naquele instante, já dominado, ele apanhou o crucifixo e o
abraçou, fechando os olhos, que após segundos se abriram ainda mais
vermelhos— Mas não, você não merece meu... amor!— após o brado
010 rascante, ele arremeteu violentamente a cruz contra o chão. O objeto
se tornou apenas pedaços de gesso, sobre os quais ele começou a
pisotear rabidamente, formando um sorriso incompreensível nos

lábios.

Depois de um tripúdio doentio, ele sentiu que algo brando abarcou seu peito; brando e mitigante demais para recusar. E ele sorriu. Sentiu que seu medo se dissipava enquanto sorria. Então, fechou os olhos e deixou que o corpo aliviado caísse sobre a cama para finalmente dormir em paz.

Dormiu até a aurora brilhar no vidro da janela. Quando abriu os olhos, percebeu que a chuva tinha se dissipado do mesmo modo que a fadiga causada pelo peso que carregava há muitos anos foi mitigada. Depois de um sávido café matinal, ele desceu pelo elevador até o térreo e entrou no carro para ir ao trabalho, completando sua rotina no último dia da semana. Em seu rosto revelava-se um novo sorriso, e no lixo da cozinha ficaram os poucos fragmentos do crucifixo em meio pó de gesso.

Estava sendo uma sexta-feira linda, cambiante à luz do Sol. Os raios solares sobre os pináculos dos prédios calmamente tomavam predominância sobre a sombra ao amanhecer. Nenhum outro vestígio noturnal era perceptível além de velhos e jovens bêbados retornando morosamente às suas casas e os únicos indícios da chuva eram acúmulos de água sobre asfaltos e calçadas e manchas úmidas escurecendo parte das paredes das construções inacabadas entressachadas numa cordilheira acinzentada de edifícios antigos e modernos. Da janela de seu escritório no prédio administrativo, Clark observava os funcionários entrarem enfileirados para o último dia da semana. Com um sorriso curto, ele se aproximou do telefone, retirou o receptor do gancho e discou pausadamente os números. Segundos depois, ouviu a resposta de sua secretária:

—Pois não, senhor Clark?

—Preciso de um serviço.— pediu ele, sentando na poltrona.— Chame todos os acionistas para uma reunião para deliberarmos problemas relacionados ao replanejamento dos setores. Avise-os que é urgente.

—Tudo bem, senhor.

—Todos, ouviu? Inclusive o...

—O senhor Edward.— completou ela, revirando os olhos de um jeito entediado.

—Sim, ele mesmo, aquele absenteísta ordinário.

—Tá bem. Eu farei isto, senhor.

—Às 14:30, no auditório 7.

—Ok, senhor, pode deixar comigo.— aquiesceu ela, antes de ouvir o bater do telefone.

No repartimento ao lado, a secretária, com expressão abúlica, iniciou a discagem dos números para informar os acionistas sobre a outra súbita reunião designada pelo presidente da empresa, o pifiamente importuno Clark Meisinger.

Enquanto isso, em sua sala, Edward aguardava com certa impaciência a chegada de Maurício com qual habitualmente conversava sobre os problemas da fábrica. Sobre a mesa haviam duas resmas cheias de números; uma enleante mistura de números que irritava Edward. Eram cálculos sobre o déficit dos últimos meses detalhados separadamente a cada setor da fábrica; a aflição patenteada no rosto dele denunciava que o resultado desses cálculos aparentava ser nada agradável ou era no mínimo ambíguo. Como detestava os números, ele esperava que Maurício explicasse com clareza o que estava acontecendo. No final da quinta-feira, quando apanhou aqueles papéis com a secretária, ele ligara para Maurício pedindo que comparecesse em sua sala na manhã do próximo dia para uma explicação pormenorizada sobre o que estava acontecendo.

Após minutos de espera, o telefone tocou, causando um ruído agudo e ecoante na sala. Ele olhou para o identificador de chamadas do aparelho e suspirou; era sua secretária.

—Sim.

—Senhor Edward, a secretária de Clark está na linha.— disse ela, sentido o suspiro dele soprar o auscultador.

—Transfira a chamada.— pediu ele, antes de ouvir o sinal de transferência.

—Senhor Edward.

—Sim.

—É sobre Clark.

—Ah, não me diga?! Isso é sempre uma novidade da sua parte, não é mesmo?!

—Perdoe-me à ignorância, senhor.— a voz apagada dela fez ele suspirar arrependido pela própria lapuzice.

—*Me* desculpe você, não é nada pessoal.— concertou ele.

—Está tudo bem, senhor.

—E então, o que houve?— indagou ele, habituado com as más notícias transmitidas pela gentil secretária de Clark, que por ser como

uma porta-voz para o presidente da empresa, muitas vezes era melindrada pelos acionistas; porém, sua argúcia temperamental fazia muitas vezes eles pedirem desculpas, o que inevitavelmente aconteceu com Edward.

—Clark agendou uma reunião para às 14:30 e exige sua presença..., se não se importa, é claro.— explicou ela, mantendo a insegurança e o receio nas palavras.

—E você sabe qual é o motivo?

—Disse ele que é algo concernente ao replanejamento de setores.

Ela ouviu outra vez o suspirar dele soprar o telefone, como se aquele assunto lhe causasse uma tremenda dor de cabeça.

—Tudo bem, deve mesmo ser importante. Aonde?— ele pediu apertando os dedos em volta dos olhos.

—No auditório 7, às duas e meia.

Tautócrono ao desligar o telefone, a porta da sala se abriu e a coisa mais visível que surgiu no vão foi a alvura dos dentes de Maurício realçando sua aparência bajuladora.

—Chefe. Às ordens.— disse ele, empurrando habilmente a porta para fechá-la.

Calado, Edward indicou a poltrona sem qualquer vestígio de felicidade no rosto empalidecido pela vaga réstia do sol da manhã que entrava pela janela aberta; uma austeridade que Maurício desconhecia e que fez com que ele cerrasse seu sorriso logo de início, formando sua escassa expressão circunspecta. Quem o conhecesse até acharia aquilo ironicamente engraçado. Olhando para o cenho inflexível de seu patrão repoltreado no respaldo inclinado, ele sentou-se na poltrona em frente à mesa.

—Como foi está semana?— indagou Edward, com a mão segurando o queixo escurecido pela rala barba de mais de um dia.

—Ótima.— respondeu Maurício. Ele pareceu hesitar, mas logo formou um sorriso malicioso.

Todas as sextas, como arremate para a semana, eles mantinham conversas distrativas onde Maurício relatava sua vida fora dos portões da empresa. Da forma como o solteirismo fazia dele um homem independente, a boa aparência o transformava em um garanhão, um fêmeiro solto nas baladas. Para ele as aventuras eram das mais variadas, desde rachas de carro até sexo orgíaco com garotas que mal conhecia. E todas essas aventuras eram relatadas

30 detalhadamente para seu chefe, que sorria ouvindo tais histórias; não
que fossem engraçadas, mas porque chegava a ser a maior das ironias
comparar um diretor de uma empresa com um jovem insurgente
totalmente irrefletido. Era como se os colóquios banais com Maurício
fossem para o entediado acionista da Meisinger uma terapia cheia de
35 piadas que insinuavam que o mundo não é feito só de preocupação e
trabalho. Por outro lado, mesmo que Edward ponderasse tais atitudes
ilógicas e irresponsáveis, não havia razão alguma para que ele
obstaculizasse tal comportamento, afinal de contas, as únicas
decorrências daquela conduta indisciplinada eram algumas multas de
40 trânsito e problemas com algumas mulheres casadas; nada que
comprometesse o nome da empresa. E o que começou com uma
resposta sincera a uma pergunta pessoal se tornou um relato, e o
relato se tornou uma história e as histórias se tornaram correntias, tão
constantes que teve até seu próprio dia demarcado de forma
45 consuetudinária— na sexta-feira de todas as semanas Maurício
entrava sorrindo na sala de seu chefe para relatar outras histórias e
ouvir os comentários de seu superior em relação a elas. Mas aquela
sexta foi diferente e seu sorriso foi tapado logo de início ao sentir na
pele a seriedade de Edward.

50 —Estou me referindo à empresa, ou ainda não deu para
perceber?— resmungou o acionista, com a voz calma, mas
infirmativa o suficiente para fechar o sorriso de Maurício.

—Como assim?

55 —Maurício, meu amigo, vou ser mais pragmático, sucinto,
para que possivelmente me entenda; como está o andamento nos
setores de fabricação?

Edward percebeu a tez de Maurício enrubescer-se no mesmo
instante.— Está..., está tudo bem.

60 —E quanto a logística, eles estão cumprindo com seus
deveres?

—Até no momento não falharam conosco.

—Ótimo, mas se isso acontecer, me comunique que resolverei
o problema.

65 —Mas não se preocupe, não haverá nenhum contratempo
quanto a isso.

—Como você pode afirmar isso se não é sua área. Sabe que
eles podem, sim, falhar conosco, que podem nos prejudicar
acintosamente, ou ainda não conhece esta empresa?

170 Maurício se calou e olhou disfarçadamente para os papéis sobre a mesa. Vendo os números de reflexo, ele pigarreou com a boca tapada pelo dorso da mão. Edward acompanhou seu olhar e inclinou-se sobre a mesa.

—Sabe o que é isto?— Maurício discordou com a cabeça.— Números, todos. Perscrutei todos os números dos últimos meses; custo de matéria-prima e de mão-de-obra direta e indireta, as vendas, o custo de transporte terceirizado, e por fim, o infinitesimal superávit dos últimos meses. O que venho percebendo é que nos últimos meses a empresa vem passando pelo que os economistas chamam de break-even point, onde os custos de produção e os lucros estão em perfeito equilíbrio. Mas há um porém, Maurício, uma empresa não é uma empresa sem a obtenção de lucros.

085 Confuso, Maurício deu uma pausa antes de argumentar, mas não soube muito bem escolher as palavras:— Quanta eficácia, senhor, isso é invejável. É difícil um acionista que se preocupa tanto com a empresa.

—Incorreto.— a ênfase na voz de Edward rompeu o sorriso que surgia nos lábios de Maurício— Há meses venho fazendo a mesma coisa, procurando devassar tudo e de maneira vergonhosamente ilícita.

190 —Ilícita?

—Ilícita e improficua. Por mais que tente, eu não consigo entender o que está acontecendo.

—Tudo bem, mas agora quem não está entendendo sou eu. O que você está fazendo de ilícito e o que não consegue entender?

195 —Sabe qual é o principal apanágio para um acionista? Sinceridade para com os outros sócios.

A única coisa que Maurício percebeu naquele momento foi uma certa prudência nas palavras de Edward, algo que impedia ele de ser mais preciso.

200 —Sabe que é de minha obrigação compartilhar este tipo de informação com os outros. Mas há meses venho pecando quanto a isso.— Maurício manteve-se calado e observante, tentando não parecer confuso— Mas acredite, tudo o que eu fiz foi em busca de melhorias.— por um momento, Edward fez uma pausa, inclinando-se para trás, dando-se por conta de que tudo o que falara até no momento era intrincado, e pela expressão de Maurício, era um tanto embaraçoso. Cruzou os braços em frente o peito, mantendo sua

postura imperativa, inspirou fundo e prosseguiu— Bem, vamos esquecer esse assunto, agora diga-me, fragmentadamente, todas as ocorrências da fabricação; onde falta, onde sobra, o que precisa.

—Mas isso não consta nos papéis? Como você mesmo disse, você perscrutou tudo.

—Droga, Maurício!— Edward descruzou os braços, cerrando os pulsos enquanto os colocava sobre a mesa— O que eu quero é que você me explique esses números, foi para isso e por isso que eu o chamei.

O orgulho de Edward impediu-o de ser mais preciso, soube Maurício, vendo nos olhos rábidos de seu chefe que seu reconhecimento subestimou sua inteligência. O medo de se tornar vítima do orgulho quebrado fez Maurício jogar a maleta sobre a mesa, abrindo-a rapidamente e retirando alguns papéis.

—Olha! Aqui estão os mesmos números, os mesmos resultados, e de forma sumariada e entendível. O custo de matéria-prima, as futuras demandas, algumas irreversíveis despesas e...

—Despesas? Irreversíveis?— Edward franziu a testa numa expressão de cobrança e incompreensão.

—Nesse mês as horas de produção foram inferiores às horas trabalhadas.

Edward olhou para os papéis sobre a mesa e expeliu ar pela boca, compreendendo os resultados deficitários que constavam em seus papéis.

—Nesse mês?— perguntou ele, parecendo um pouco desanimado.

—Pra ser sincero, há alguns meses venho tendo os mesmos problemas na fábrica.

—E você não tentou mudar isto?— aquela pergunta provocou medo em Maurício.

—Estamos tentando, chefe.

—Maurício, se há meses você está tentando e não obteve resultados é sinal de ineficiência, não concorda?— a partir daquele momento, as palavras de Edward se tornavam de depreciativas à injuriantes, quase que agressivas.

—Fiz o melhor que possível, senhor.

Por um momento, Edward respirou fundo, abaixando a cabeça e deslizando as mãos sobre os cabelos. Quando levantou a cabeça, seu olhar infirmativo encontrou o olhar amedrontado de Maurício, e

quem acabou respirando foi o acionista, penalizado, reconhecendo que Maurício não era o único culpado pelo que estava acontecendo.

250 —Qual é mesmo o apanágio essencial para um acionista?— indagou ele.

—A... a sinceridade.— na resposta de Maurício se denotava o medo de estar errado.

255 —Isso mesmo. Se você não tivesse omitido esses fatos talvez não haveriam tantos problemas acumulados para resolvermos em *tão pouco tempo*.

Percebendo que Edward, mesmo mantendo a indignação, parecia mais calmo, Maurício descansou os músculos rígidos e afundou-se na poltrona.— Mas podemos mudar isso, chefe.

260 Edward fitou os olhos à sua frente, distinguindo um alento meio que coarctado pelo receio, e suspirou.

—É. O mínimo que podemos fazer é tentar alterar esse resultados. E vamos começar isso ainda hoje. Nessa tarde.— Edward suspirou, sabendo que faltaria a mais uma reunião com os acionistas.

265 O meio-dia daquela sexta-feira chegou rápido e sufocante, o clima tenso e o augúrio fatídico impregnado no peito de cada um anunciava vagamente que algo estava prestes a acontecer.

270 Sentado em uma cadeira metálica de uma lanchonete na praça de alimentação de um shopping, Clark tomava uma xícara de café cingido pela fumaça densa do cigarro que tremulava entre seus dedos. Estava com medo, perceptivelmente com medo, um medo que estranhamente nunca sentira antes e todos que cruzavam por ali percebiam isso em seus olhos tensos e na esqualidez de sua face. Olhava alheadamente para o telejornal do meio-dia em uma TV apenas no alto da parede da lanchonete. O nervosismo que comburia seu peito e a pressa em buscar Manuelle fez com que ele perdesse o apetite, dando respeito apenas a uma dose forte de caféina. Trêmulo, ele tomava o café e fumava seu quarto cigarro em menos de meia hora. Levava poucas vezes o cigarro à boca, mas tragava com tanta veemência e ansiedade que preenchia os pulmões de uma fumaça azulada que era exalada lentamente pelas narinas. Tentava controlar até mesmo a respiração, mas até isso estava sendo difícil. A manga esquerda do paletó mal dobrada denunciava que olhava constantemente para o relógio dourado que reluzia em seu pulso. Toda aquela sensação asfíxica, e ao mesmo tempo enervante, era o

275
280
285

efeito da pressa de mostrar em uma reunião seu poder de
desmoralização para os acionistas e principalmente para Edward.
Depois de levar pela última vez a xícara de café à boca, Clark sorriu
imaginado o rosto de seu adversário ao vê-lo abraçado em sua filha,
uma prostituta à merce das vontades bacânticas de qualquer homem.
Recolocando a xícara sobre a mesa, ele olhou novamente para o
relógio e apanhou o telefone do bolso do paletó. Estava no momento
certo, queria parecer modesto, mas era, além de tudo, precavido.
Tinha que ser precavido. Seu único temor era que seu plano
malograsse no último instante, mas isso só poderia acontecer se o
medo compelisse Manuelle a desistir do plano em ultrajar seu próprio
pai.

O relógio atrás da porta de vidro da estante indicava
pontualmente 12:30 e há horas Manuelle se denotava angustiada.
Abrira várias vezes a geladeira à procura de algo que nem mesmo ela
sabia e circulara de um cômodo para outro do apartamento. Quando
se cansou, suspirou fundo e sentou-se em uma poltrona. Cruzou as
pernas e começou a esmordicar a ponta das unhas, os olhos bem
abertos absortos enquanto pensava em todas as possibilidades. Em
sua frente, Renata há mais de uma hora, quando o último cliente saíra
do apartamento, observava a inquietação em Manuelle e resolvia
palavras cruzadas com óculos arredondados embelezando seu olhar
de puta moderna e distinta. Quando percebeu de soslaio por cima das
lentes Manuelle descruzar as pernas para se levantar, ela rompeu o
silêncio:

—O que está acontecendo, Manu?

—O quê?— Manuelle sentou-se novamente na poltrona.

—É a primeira vez que te vejo assim.

—Assim como? Do que está falando?

—Por que está tão nervosa?— enquanto perguntava, Renata
mantinha os olhos nas palavras cruzadas.

—Nervosa?! Eu?!

—É. Você mesma.— respondeu Renata, firmemente, fechando
a pequena revista e deixando o lápis entre as páginas.

—Ah. Queria o que? Vou sair com um dos caras mais ricos da
cidade, o que esperava?

—Não é a primeira vez que faz isso.— oprimiu Renata.

Mordendo os lábios, Manuelle respirou alto, dando-se por

325 vencida.— Tudo bem. Sabe o que está realmente acontecendo? Estou prestes a ir à empresa onde meu pai é um dos sócios, como deveria me comportar? Como se nada estivesse acontecendo?

Renata não se surpreendeu, afinal, já tinha conhecimento sobre a história de sua amiga e sorriu em meio todo aquele clima de aflição e incerteza, tentando, dessa forma, mitigar a aflição de Manuelle.

—Não é obrigada a ir, se quiser eu posso ir em seu lugar.

Após um rápido raciocínio, Manuelle suspirou e descansou as costas para trás da poltrona.

335 —Sabe, Renata, desde que nasci esse tal Eduardo, que juram ser meu pai biológico, me evitou. Pagava uma pensão ridícula para que minha mãe me criasse sem reclamar, apenas pelo medo de algum escândalo no início de sua carreira. Finalmente se tornou um homem rico. E agora uma pergunta; o que devo eu fazer sabendo que tenho a chance de vingar tudo o que ele fez à minha mãe? Ou por tudo que
340 ele deixou de fazer por ela?— o orgulho impediu que Manuelle incluísse seu próprio nome nesse contexto.

—Chance?

345 —É, chance de ultrajar seu nome, causando uma vergonha que fará se punir olhando para o espelho. Quero que saiba que se sua filha é prostituta e por sua culpa, por ser esse homem orgulhoso que realmente é.

Manuelle terminou com os olhos avermelhados. Era uma característica inerente quando triste se trancar no banheiro para chorar sozinha em frente o espelho; sempre acreditara que esse sentimento fraco de autopunição fosse um defeito herdado de um pai fraco e covarde. Com a ponta dos dedos ela secou os olhos, evitando que a lágrima borrasse o rímel preto; e o que se pareceu segundos de hesitação, foram minutos e ela não ouviu quando Renata tentou chamar sua atenção enquanto olhava distante:

355 —Manuelleeee! Manuelle!

—O quê?!— respondeu ela, quando as palavras de Renata chegaram como cicios ao seu ouvido.

—Seu telefone.— Renata olhou para o celular tremulando sobre a mesa.

360 Manuelle sorriu, disfarçando a emoção, e apanhou o telefone.

—Alô!

—Está pronta?— perguntou Clark, entrando no elevador do shopping center.

365 Manuelle estava no exato momento da decisão, uma decisão
que nem mesmo imaginava sua gravidade onde o futuro de sua vida
estava em jogo. Mas ela lembrou da omissão de um pai arrogante
onde sua profissão fora mais importante, por isso a rejeitou, causando
primeiramente o sofrimento de sua mãe e anos depois o seu
sofrimento e seu desvio. Estava no ensejo, em frente a maior e talvez
370 única oportunidade de um desforço.

Segundos antes da conclusão, Clark escutou seu respirar
soprado antes de ouvir a resposta:— Pode vir, estou te esperando.

375 O relógio-termômetro que havia em frente o prédio onde
Manuelle “trabalhava” indicava 13:30, e após avistá-lo com pressa
nos olhos rápidos, Clark, sem sair do automóvel, novamente discou
os números teclando com firmeza as teclas do celular. Já no primeiro
bipe, Manuelle atendeu demonstrando mais convicção e ânimo em
sua voz.

380 —Estou esperando você aqui embaixo.— disse ele.

Minutos depois, o medo de que Manuelle desistisse foi
expelido pelos pulmões de Clark, certo que seu plano se direcionava
ao sucesso. Sorriu deslumbrado ao vê-la sair do vestibulo do prédio;
os cabelos leves se deixavam levar pela brisa, seu andar era lento e
385 ondulante e seu olhar era audaz e resoluto. Mas Clark estava tão
encantado pelo sortilégio provido daquele prodígio feminino que
distinguiu apenas beleza, até mesmo quando ela forçou um sorriso
mecânico ao se aproximar do carro.

—Oi.— cumprimentou ela, mantendo o sorriso teatral nos
390 lábios. *Se ele descobre de quem sou filha tudo estará acabado*,
pensou ela, com a tenção direcionada ao lucro e, primeiramente, à
vingança. Estava determinada a isso, e o medo que antes a dominava
já estava dissipado, volatilizado pelo fervor do despeito para com seu
pai.

395 —Entre, estou com um pouco de pressa.— disse Clark. Ela
franziu a testa numa expressão inquisitiva.— A reunião, lembra?

—Ah, sim.

Pelo espelho retrovisor, Clark contemplou a curvatura do
400 quadril de Manuelle aperfeiçoando ainda mais seu andar ondeante ao
contornar por trás do automóvel. Dentro do carro, ele premeu um
botão e a porta se abriu com um estalido. Cruzou um olhar pelo
porta-luvas e a lembrança de Bruna naquele instante fez ele

405

estremecer-se; a sensação passageira de que estava fazendo alguma coisa de errada, imperdoável, foi confundida com o pressentimento de que alguma coisa terrível estaria por vir. Mas Manuelle entrou espargindo tanta beleza e perfume que fez ele se esquecer da sensação e do presságio. Cruzando um olhar lento de cima para baixo, ele admirou a finura perfeita das pernas e a fimbria do vestido grená apertando o meio da coxa; ele era tão justamente adequado que dava a perceber um *piercing* no umbigo, refinando a visão incomparável da barriga, e também intumescia os seios fartos e deleitáveis; dava-se até para perceber os mamilos enrijecidos para cima. Quando por fim o olhar dele chegou ao cume daquela perfeição, a mais prodigiosa face, ela sorriu e ele disfarçou seu fascínio girando a chave de partida.

410

415

Quando o automóvel parou em frente o primeiro semáforo, ele olhou para o relógio, suspirou fundo e ligou o rádio. Ele não apenas demonstrava como realmente estava nervoso; se pudesse, roía as unhas que apertavam o volante. Percebendo ansiedade nele, ela tossicou ensaiadamente. Pela segunda vez ele olhou no rosto dela e percebeu em seus lábios um sorriso tímido perfeitamente contornado pelo batom.

420

—Ainda acho um pouco estranho.— argumentou ela, ajeitando os cabelos por sobre os ombros.

425

—Estranho? O que é estranho?— ele perguntou abaixando o volume do rádio.

—Dez mil reais.

—Já expliquei que homens de bom gosto sabem diferenciar belezas vulgares de belezas raras.

430

—Não sou uma raridade.— falou ela, com um sorriso tímido.

Sim, você é uma raridade, pensou ele, freando o carro em frente outro semáforo.

435

—Olha ali.— Clark indicou com um olhar uma linda moça que passava em frente o carro— Ela é bela, sofisticada e sobeja encantamento. Percebe como anda? Os passos, os movimentos do corpo..., vê as mãos, até mesmo os leves movimentos com os dedos são calculados, e sabe por que?— ele olhou para Manuelle, percebendo que ela estava um tanto confusa, e voltou o olhar para a moça que se perdia entre as pessoas na calçada— Age desta forma porque acredita que todos os olhares são diretos para a ela. Para mim não é nada além de uma ranzinza, medíocre e convicta de que pode

440

ser ela a melhor e mais bela mulher da cidade. O próprio orgulho não a deixa perceber as milhões iguais. Além de ordinária, é cega.

Naquele momento, eles ouviram as buzinas dos outros carros que estavam atrás do sinal verde. Ao perceber que Manuelle sorria com elegância nos lábios sendo molhados pela língua, Clark prosseguiu com sua concepção colocando o carro em movimento:

—Ela é diferente de você, você é mais bela e não tem a mesma convicção idiota, não é como as milhões de mulheres egocêntricas. É natural mesmo estando coberta de maquiagem.

Manuelle venceu a testa, confusa, olhando para um outdoor alto propagando uma famosa clínica de estética.

—Sabe o que vejo em você? Vejo uma mulher escondida, tímida, como uma púbere garota de 12 anos que foi rejeitada por alguém e o odeia por isso.

—Onde você quer chegar com estas palavras...

—Abstrusas.— ajudou Clark, ciente do efeito que suas palavras tinham causado em Manuelle, podia até imaginar os olhos dela se enrubescendo, e que se olhasse neles, certamente ela disfarçaria com um sorriso ou esquivaria o olhar para fora do carro.

—Que seja, mas onde quer chegar com isso?

—Onde ninguém chegou antes. A realidade, a verdade que há dentro deste belo rosto e corpo, que oculta uma tristeza acerba que dificulta sua vida. Mas não é apenas fraqueza, talvez seja o contrário, talvez seja o estimulante para viver em uma realidade difícil. Desse modo, isso te deixa munida contra tudo e todos, até mesmo para tentar derrubar quem um dia te rejeitou. Mas por outro lado, eu vejo força em você.

Clark terminou sua análise olhando nos olhos de Manuelle. Ela não desviou os olhos como ele acreditava que fosse acontecer, talvez nem percebesse que Clark estudava sua emoções; nem mesmo imaginava que aquele homem de vasta concepção psicológica seria o inimigo de seu pai e presumia que a quem ele supostamente se referia seria a alguma desilusão originada de uma paixão adolescente em uma aviltada garota de programa e não a ausência de um pai ou de uma mãe. De certa forma, aquela ilação alimentou ainda mais o anseio de Manuelle por uma vingança.

Às 14 horas Clark estacionou o carro no estacionamento no térreo sob prédio administrativo da Meisinger. Manuelle desceu com todo seu charme natural jogando os cabelos para trás dos ombros, e

485 junto de Clark entrou no elevador que subiu até o andar onde ficava o escritório presidencial. Quando recomeçou seus passos pelo corredor, ela sentiu a mão de Clark tocar a sua. Fitou o rosto dele e percebeu que seu semblante transbordava vigor e confiança e a cada minuto que se passava ela sentia-se mais segura ao lado dele.

Sem cumprimentarem a secretária, que ficou perplexa ao vê-los de mãos atadas, eles entraram no escritório.

—Este é o meu lugar dentro desta empresa.— disse Clark, com o peito cheio de orgulho.

490 Ao olhar para a escrivaninha, Manuelle leu “Clark Meisinger. PRESIDENTE” em uma plaqueta dourada e sentiu-se insignificante próximo a ele; uma prostituta ao lado de um empresário proeminente, administrador cupular de uma das empresas mais importantes do país. Manuelle, que alimentava um sonho puelar de um dia ter um
495 escritório como aquele e adorná-lo com alfaias, quadros paisagísticos e aquários, sentiu uma certa impessoalidade no gabinete do presidente da Meisinger; se fosse um pouco mais esperta e fosse dotada de um pouco de senso psicológico, ela saberia que Clark não honrava e admirava seu múnus, que o cargo de presidente era para ele apenas um meio de sentir-se superior em relação a outras pessoas.

500 —Preciso pegar minha maleta, estão nos esperando.— disse ele, se aproximando da mesa encoberta de revistas onde estava a valise.

505 Ao vê-lo se aproximar novamente para após saírem da sala, Manuelle osculou-lhe nos lábios, deixando-o perplexo olhando nos olhos azuis acima de um sorriso tímido. *É muita espontaneidade*, pensou ele, na certeza de que ela pedia tacitamente por uma proteção, de que estava no ápice da aflição e da insegurança.

510 Ao lado de um grande quadro na parede em frente a mesa, os ponteiros dourados de um relógio oblongo indicavam 14:26. Ao redor da mesa de nogueira, os sócios da Meisinger abriam suas maletas tirando delas documentos; eram tabelas contendo números atinentes a cada setor da empresa. Nas faces encarquilhadas, a preocupação
515 anunciava que aqueles velhos realmente se importavam com o futuro da empresa. Mas como a maioria da pessoas que conheciam Clark Meisinger, eles tinham medo, e esse medo era difundido em olhares rápidos e contraídos em direção à porta, aguardando ela ser aberta para a entrada do presidente da empresa. Depois da morte de Ricardo,

520 aqueles antigos acionistas passaram a ser como uma concordância
para Meisinger e nada mais além disso; se Clark aventasse alguma
ideia, não importando o que fosse e o risco que envolvesse, eles
apenas concordavam manecendo as cabeças. Não afirmavam nada, não
525 perguntavam nada, apenas concordavam. O medo fazia com que
submetessem às ordens e à humilhação e o amor à empresa dava-lhes
força para permanecerem ocupando cada um seu respectivo cargo,
honrando o nome da empresa e esquecendo de seus nomes sendo
maculados pela covardia.

530 A mão quente de Manuelle em poucos minutos aqueceu a mão
frígida de Clark, que ao apanhar a maçaneta metálica da porta do
auditório com a outra mão, sentiu, na comparação, um leve impulso
térnico. Girando a maçaneta para abrir a porta, ele sentiu no suave
535 *apertar* da mão de Manuelle sua angústia. Olhou para ela e discerniu
nos olhos azuis semicerrados e nos lábios entre os dentes sua aflição.
Empaticamente, ele sorriu para ela.

—Ei! Eu estou contigo.— disse ele. Ela sentiu ele sacudir de
leve sua mão, como se quisesse acordá-la de um pesadelo— Não
540 precisa ter...— mantendo a cautela para não incutir desconfiança em
Manuelle, Clark não proferiu a palavra “medo”— não precisa ter
vergonha.

Ela fitou o sorriso dele, encorajou-se e devolveu-lhe um sorriso
aquiescente. Num rápido pensamento, enquanto a porta se abria
545 lentamente, ela imaginou seu pai sentado em uma das cadeiras atrás
da porta, encarando-a com um olhar que logo se tornaria espantado, o
que denunciaria a todos a ligação entre os dois. Talvez a vergonha
que sentisse o fizesse sair correndo da sala, arrependido pela
deserção, por todo o desamor para com sua filha.

A porta finalmente se abriu e ela cruzou um olhar nuveado
550 pelas lágrimas, fitando onze olhares curiosos que circundavam aquela
mesa. Por final, suspirou, sentindo-se um pouco aliviada. Seu pai não
estava na sala. O velho Edward Radmim estava em algum outro lugar
daquela empresa. O ruído audível da porta se fechando acordou
555 Manuelle e ela voltou a sentir o calor da mão de Clark apertando a
sua, dando-lhe coragem, revigorando-a. Sentiu que o ar entrava e saía
dos pulmões e sorriu em pensamento; estava viva, aquilo não tinha
sido o final de um pesadelo.

Os estalidos da sola dos sapatos sobre piso ladrilhado foram os

560 únicos ruídos repercutentes no ambiente, chegando a causar um eco contínuo nos cantos da sala. Não se ouvia nem mesmo o *respirar* dos sócios, que empedernidos em suas poltronas, giravam apenas as cabeças acompanhando os dois que se aproximavam da mesa. Após o cumprimento que quase se passou por despercebido, os dois ouviram apenas uma resposta apática vinda de bocas pasmas. Típico de seu perfil, Clark largou a mão de Manuelle e correu um olhar pelos sócios só depois de se aproximar de sua poltrona. Ao perceber a ausência de Edward, ele se enrubescceu de raiva, chegando a apertar a língua entre os dentes enquanto tentava controlar os impulsos. Fechou os punhos e se apoiou com eles sobre a mesa.

570 —Vejo que está faltando um de nossos associados— disse ele, olhando para o respaldo de couro da poltrona no lado oposto da mesa — Mas o absenteísmo é comum da parte dele e não nos admiremos com isso, não é mesmo?!

575 Ao lado, Manuelle permanecia estática, envergonhando-se aos poucos pelos olhares que não desviavam de seu rosto. Percebendo o espanto e a indiscrição dos acionistas que os impediu de ouvir suas primeiras palavras, Clark pigarreou e puxou a poltrona para trás, causando propositalmente um ruído agudo das pernas da poltrona atritando contra o assoalho.

580 —Primeiramente quero lhes apresentar, esta é minha...— ele deu uma pausa e olhou para ela.

—Namorada.— completou Manuelle, mesmo com toda a timidez do mundo mas certa de que era essa a palavra que Clark gostaria de ouvir.

585 Todos ali olharam ainda mais admirados, pois não era nenhum segredo o fato de Clark ser casado; afinal, todos conheciam Bruna e de certa forma sabiam também de seu sofrimento.

Com um sorriso orgulhoso, Clark circundou a mesa, aproximando-se da poltrona desocupada.

590 —Bom, já que um de nossos sócios não compareceu, resta apenas ocupar seu lugar com algo mais simbolicamente valioso.— olhou para Manuelle e puxou a poltrona para trás.

Ela sorriu e se aproximou para sentar-se em seguida.

595 —Melhor assim, estamos bem melhor acompanhados.— com o dedo, ele delicadamente puxou uma mecha de cabelos dela para trás da orelha para depois contornar a mesa e sentar-se em sua poltrona— Bom, presumo que os senhores já devem estar sabendo o motivo

500 dessa reunião?— indagou, olhando para cada um dos rostos, esperando uma resposta que não houve— Bem, ela se baseia apenas em critérios próprios. Tudo o que encontrei de ilícito em anos de trabalho, desejo agora compartilhar com os senhores. Tudo o que irei propor é em busca de melhorias. Quero mudanças repentinas, quero urgência e espero isto de vocês. O que decidem, me ajudarão?— ele olhou firme nos olhos de todos e terminou, exacerbando a voz para que todos acordassem da perplexidade— Quero respostas.

505 —Mas qual é sua sugestão para esta citada “melhoria ou mudança”?— entrevistou um dos velhos acionistas, difundindo medo em sua voz abafada; dava-se para perceber que os músculos de seu rosto, em torno dos lábios, se contraíam de tensão ao fazer a pergunta.

510 André Vieira era um senhor calvo, de olhos fundos não perceptíveis de certos ângulos pelas grossas lentes em uma armação escura e espessa, tão grossas que afastava as orelhas grandes da cabeça. Era um dos mais antigos acionistas da empresa e trabalhou com afinco pela Meisinger desde os tempos antecedentes à regência de Ricardo, quando a empresa estava sob o poder de seu fundador, Mário Meisinger. André Vieira era um verdadeiro aficionado pela empresa. Embora sendo um aposentado não dependente, dava-se ao prazer de comparecer todos os dias na Meisinger. Muitos acreditavam que poderia ser um lunático ao vê-lo falando sozinho pelos corredores enquanto indigitava pontos ao longo da fábrica. Mas André Vieira era, para os súditos de seu pouco poder, uma relíquia inestimável, quem o conhecia sabia que era um senhor afável, de bons modos e atencioso. Enquanto os outros acionistas pensavam primeiramente em suas partes no superávit da empresa, ele se preocupava com a Meisinger em si e por essa causa, além de temor, ele sentia um rancor implícito por Clark. Excetuando Paulo Voigh, André era o acionista que mais admirava Edward Radmim por esse acoiar os procedimentos de Clark.

520 No momento em que perguntou com uma voz baixa e rouca saindo pela boca trêmula, seu coração disparou pelo próprio desprante, e disparou ainda mais quando ouviu a resposta:

525 —Melhorias e mudanças?— Clark fixou um olhar ameaçador nos olhos do velho— É isto que lhe interessa, senhor Vieira?— e terminou soslaiano para Manuelle. Vendo que ela perscrutava cada um de seus movimentos, ele se colocou de pé para continuar, traçando os dedos sobre a mesa como se movesse trebelhos de um

jogo de xadrez imaginário— Primeiro passo; precisamos ir até o foco, ir até onde nos causa prejuízos; o que se resume no desperdício de matéria-prima, nas inúmeras horas perdidas e na ineficiência nas vendas. Depois de escaldarmos estes males os demais problemas se resumirão apenas em minúcias, que em partes serão fáceis de serem solucionados.

—E o que você propõe?— indagou o acionista Sidney Nenser, tirando proveito da situação arriscada criada pelo velho André Vieira.

—Bom, nós temos na Meisinger classes sociais, temos nepotismo, uma hierarquia complicada que nem nós, a cúpula da empresa, conhecemos completamente. O que hoje é esta empresa? São operários que montam aparelhos seguindo arquétipos e que nem ao menos têm ideia do que realmente estão montando; são líderes de setores e supervisores de áreas de setores que buscam uma melhoria conjunta; temos coordenadores e gerentes, que sob minha concepção são incumbidos da mesma função, com uma única diferença; os gerentes tem informações mais detalhadas sobre a empresa e sua administração cupular. Não entendo o motivo, mas eles criaram um confidencialismo, usando desse termo, que me deixa tão abúlico quando desconfiado, algo totalmente sacal, supérfluo e improficuo que precisa ser encerrado. E por fim, temos os nossos sequazes diretores, nossos subalternos, os verdadeiros factótuns desta empresa. Mas onde afinal eu procuro mudanças? Acabar com isso, com essa hierarquia que eles, nossos funcionários criaram. Acabar com o nepotismo, cursar todos os montadores para que se obtenham uma noção pormenorizada sobre o que estão montando. Líderes e supervisores terão a mesma alçada, ocuparão todos o mesmo cargo e infelizmente por isso teremos que demitirmos alguns. O mesmo faremos para os coordenadores e gerentes. Quanto aos diretores, estes serão os causadores desta mudança, os elaboradores do *briefing* em que constarão as novas normas da empresa; são eles que sofrem na pele os problemas e serão eles a nossa orientação. Está será a mudança na hierarquia da Meisinger. Agora nos resta saber onde se escondem os problemas infinitesimais, mas que juntos causam grande impacto em nossos bolsos; na fabricação, na engenharia ou na logística. Acredito que se vasculharmos tudo encontraremos problemas quase insopitáveis e que poderão serem difíceis de controlarmos.

—Para isso teremos que observar o andamento da fábrica,

desde a chegada de matéria-prima até o empacotamento.—
argumentou André Vieira, empolgado com a ideia do presidente.

580 Antes de responder, premendo o espaldo da poltrona, Clark sorriu em pensamento. *Você foge de mim, mas eu vou atrás de você*, pensou. Olhou para Manuelle do lado oposto da mesa e sorriu.

—Você mesmo respondeu, André; observação, onde? Teremos que ir até os setores, o foco, onde movimenta lucros e oculta prejuízos. Senhores, fechem suas valises para uma visita à fábrica.

585 No momento em que o último acionista fechou a porta do auditório, Edward e Maurício observavam parados o andamento de um dos setores de montagem. Calados, eles detectavam olhares desconfiados de alguns operários, que curiosos se debruçavam sobre as mesas de empacotamento ao longo do corredor que levava ao
590 almoxarifado. O medo de supostas demissões era perceptível nos olhares rápidos e nas expressões inquietas, tanto que um dos funcionários deixou que uma caixa cheia de peças caísse dos braços, causando um ruído metálico contínuo enquanto as peças se espalhavam pelo corredor. Por alguns segundos, eles deram uma
595 pausa nos pensamentos observando o funcionário apanhar com rapidez os objetos. Quando finalmente ele organizou as peças dentro da caixa e depositou-a sobre a mesa, Maurício lembrou de alguma coisa e sugeriu com a mão segurando o queixo:

—Estamos perdendo dinheiro.

700 —Como?— Edward olhou para ele sem compreender suas palavras.

—Temos um estoque exorbitante de diversas peças. Por exemplo, aquela ali.— ele apontou seu dedo fino para a caixa que novamente foi derrubada pelo funcionário.

705 —“Antes sobre do que falte”, eis um provérbio indispensável para um bom empresário.

—Concordo, mas um pouco de moderação seria conveniente. Vamos ao almoxarifado, quero lhe mostrar o excesso de alguns produtos.

710 Os dois começaram a andar na direção do funcionário que apanhava os objetos e recolocava bagunçadamente sobre a mesa. Deu-se para percebeu que ele conteve a respiração até que os dois cruzasse por ele, e quando se afastaram, ele limpou o suor da testa com a gola do guarda-pó e soltou a respiração obstruída na garganta.

715 Quando a porta do almoxarifado se abriu, o estalido causou um
eco no compartimento caliginoso e solitário. Estava tão silencioso
que dava-se para ouvir a respiração junto ao barulho dos sapatos
sobre o piso empoeirado e o rangido vindo das enormes pilhas de
720 caixas que ameaçavam despencar. Maurício empurrou a porta,
fechando-a, e bateu a palma da mão no interruptor, vindo em seguida
as lâmpadas fluorescentes junto ao teto desenegreceram aos poucos
todo o repartimento de estoque.

725 Enquanto isso, Clark e Manuelle seguiam os outros acionistas
que davam seus primeiros passos entre o corredor que dividia ao
meio os setores de montagem. Mesmo não parecendo, o olhar de
Manuelle estava sempre atento, procurando entre máquinas,
computadores e pessoas, alguém que se chamava Edward e que não o
730 via há anos; não imaginava como estaria seu aspecto, se estaria mais
gordo ou mais magro, mas acreditava que poderia reconhecê-lo em
qualquer lugar do mundo. Do mesmo modo, Clark observava cada
movimento que se passava, só não percebia que Manuelle disfarçava
com sorrisos e acuidade seu nervosismo. Era até estranho como ela,
735 que há pouco tempo aparentava estar tão nervosa, agora se denotava
tão calma e objetiva; talvez seu comportamento compassado
sobrepusesse sua idiosincrasia desinquieta.

Assim que passaram por uma mesa comprida onde operários
montavam monitores, Clark virou-se para o lado e quebrou o silêncio
em meio os ruídos de máquinas que repercutiam através das paredes
740 altas que dividiam um setor do outro:

—Admirada?

Ela olhou para ele, sorriu e pareceu ponderar antes de
responder.

—Por que estaria?

745 —É o que acontece com a maioria das pessoas ao entrar pela
primeira vez na Meisinger.— Clark cruzou um olhar presunçoso em
sua volta.

—Muros, máquinas e poder não me impressionam.— disse ela,
como se retaliasse contra a empáfia dele.

750 —E o que te impressionaria?

—Não sou de me impressionar, ao contrário, eu causo espanto.
— respondeu ela, com um olhar despercebido para o lado, usado
como subterfúgio gestual para um assunto maçante.

755 Enquanto os acionistas conversavam observando a fábrica e reparando os locais e problemas que precisavam de mudanças, Clark observava a irrelevância da qual se originava seu poder. Quando olhou para cima onde numa arquitrave havia um quadro grande exibindo uma foto envelhecida do primeiro computador fabricado na Meisinger, um monumental mainframe que ocupou todo o espaço que
760 atualmente era o setor de logística, ele sorriu saindo da derradeira zona de montagem, entrando na área de empacotamento. Numa comparação ridícula, ele olhou para o lado e fitou de perfil o rosto de Manuelle, vendo o reflexo azul-forte do corredor intensificar o azul-claro dos olhos dela. Por um segundo ele calculou o quanto ela era perfeita. Ela, sim, seria a perfeita senhora Meisinger; tinha um olhar observador que era ocultado pela ociosidade de cada piscar de olhos; havia nela uma percepção zombeteira que era dissimulada com sorrisos tímidos e sua beleza naturalmente ocultava sua astúcia. Cada uma de suas qualidades se divergia de outra; às vezes parecia pueril como uma criança precisando de ajuda, mas se olhasse profundamente para ela, principalmente em seus olhos, tentando decifrá-la, se percebia uma inteligência junto a uma autonomia, assemelhando ela a uma mulher moderna, uma mulher atilada mas diferente da maioria das mulheres hodiernas que se voltam apenas para moda e beleza. Em suma; ela era destacada. Pena que para uma harmonia entre eles, para um futuro ao lado de uma perfeição como aquela, ele precisaria, primeiramente, compreendê-la. Mas para isso ele necessitaria de uma percepção secundária, não dando atenção à sua beleza. Mas isso seria impossível, isso ele nunca conseguiria,
770 nem mesmo perfurando os próprios olhos, pois até o perfume dela revelava sua excelsitude.

775 Enquanto caminhavam distraídos olhando mecanicamente para todos os rostos, os dois seguiam os demais sócios em uma caminhada morosa pelos corredores. *Foi em um momento intempestivo que se passou de distraído para confrangedor quando Manuelle olhou desatenta para o lado e sentiu-se, de certa forma, assustada ao encontrar dois olhos conhecidos acima de uma pilha de caixas que perpassava bem diante de seu rosto. Instintivamente, ela sofreu os passos, voltando o olhar para aqueles olhos que esquivaram-se para frente. Por segundos parada em meio ao corredor, ela manteve os olhos fixos no homem que se afastava carregando uma pilha de pequenas caixas. Na aceleração dos passos, parecia que ele também*

ficara chocado ao encontrá-la naquela empresa e ao lado de quem estava.

795 —Algo errado?— indagou Clark, puxando-lhe o braço, olhando para o homem que se afastava na direção da porta de acesso ao setor de carregamento.

—Não.— ela disfarçou a moção com um sorriso tenso.

800 —Está pálida, tem certeza de que está bem?— nos olhos dele se denotava desconfiança, afinal, ela era uma garota de programa e poderia supostamente ter tido algum relacionamento de risco com tal homem, e por isso, talvez, tivesse ficado tão tensa.

805 Sentindo a desconfiança, Manuelle olhou nos olhos inquisitivos de Clark e respondeu, usando de sua astúcia evasiva que facilmente alterava a impressão de pessoas desconfiadas como Clark:

—Sei lá. Acho que conheço aquele homem.

—Ah,— ele esquadrinhava os olhos dela e meneava lenta e afirmativamente a cabeça, como se esforçasse para acreditar naquelas palavras— também acreditei que fosse isso.

810 O som estridente da sirene das 16 horas repercutiu em todos os cantos da empresa, despertando todas as mentes absortas. Manuelle suspirou quando Clark esquivou o olhar para frente, onde os acionistas se distanciavam. Naquele instante, ele colocou os braços sobre os ombros dela e acelerou os passos, se aproximando em segundos dos outros acionistas. Assim que se aproximaram, Clark tocou o ombro de André Vieira e perguntou se ele não tivera visto “ele” pela empresa. André compreendeu a referência e ao ouvir sua resposta negativa, Clark pegou o telefone e discou os números de algum telefone móvel.

820 —Droga!— exclamou ele, ao ouvir o último bipe— Não atende.

—Quem não atende?

825 Ele olhou para os olhos investigantes de Manuelle e sorriu antes de responder. *Teria que ser sincero para não provocar nela suspeitas*, pensava ele, enquanto proferia as palavras:— Edward. Um dos sócios da empresa. Ele deveria estar conosco.

—Ah, bom.

Sobre a mesa do escritório de Edward, seu telefone trepidou várias vezes naquela tarde até cair sobre o carpete.

830 Aquele telefone deveria estar com ele. Mas não estava, evitando assim com que ele encontrasse sua filha pela empresa. Se

Edward encontrasse Manuelle naquela dia, presumivelmente a notícia no outro dia seria bem diferente. Tudo, então, estaria acabado quando um olhasse nos olhos do outro e a confusão literalmente estivesse armada.

Finalmente, às 16:13, Maurício abriu a porta do almoxarifado com um sorriso satisfeito. Enquanto colocava um papel e uma caneta no bolso do paletó, ele dava passagem ao seu patrão escorado no marco da porta um pouco empoeirado. Ao sair no corredor e tapear o pó do ombro, Maurício puxou forte a porta de metal para fechá-la, causando um estalo metálico repercutente dentro do almoxarifado sendo escurecido pelas lâmpadas fluorescentes aos poucos se apagando.

—Vamos ao escritório, já temos o bastante.— aparentemente satisfeito, Edward colocou os óculos escuros no rosto clareado pela claridade do Sol que traspassava as grandes janelas de vidro no alto das paredes da fábrica.

Minutos depois os dois passavam por um pátio espaçoso usado para carregamento que havia entre o fim de um corredor que levava ao almoxarifado e um portão que ficava aos fundos da fábrica, onde apenas pessoas autorizadas poderiam abrir após digitar o código de segurança; um sistema sofisticado para impedir desvios de verbas onde possivelmente compradores poderiam vir a remitar notas fiscais falsas para receber o pagamento de matéria-prima inexistentes depositado em uma conta pessoal. Desde quando descobriram em ocasiões pregressas que alguns compradores da Meisinger estavam emitindo pedidos falsos para despachantes de empresas que fornecia parte da matéria-prima, que nunca era enviada e os fundos da Meisinger acabava pagando por mercadoria inexistente, os representantes das empresas tomavam cabal cuidado para evitar o desvio de verbas e possivelmente de matéria-prima. A defraudação era tanta que houve até casos em que os próprios despachantes da Meisinger conspiravam com recebedores de grandes atacados e lojas, mas nesse caso quem pagava pelo prejuízo eram os lojistas, e a má imagem, promulgada pela jornalista Briana Ruquel em suas diatribes sensacionalistas, caía sobre a Meisinger.

O Sol urente da tarde ustulava o chão do pátio. O ar quente que se estendia sobre o chão fazia com que a visão para o longo do pátio parecesse sinuosa, como se houvesse na frente uma cachoeira fina,

extremamente diáfana e compacta. Quando imaginou isso e anelou estar embaixo de uma cachoeira de águas frias, Edward ouviu um assovio. Parou e olhou para o lado onde um funcionário se aproximava, se afastando da imagem sinuosa de um caminhão circundado de pessoas que estava próximo ao portão.

—Vá na frente, Maurício.— ordenou ele, tirando do bolso um molho de chaves que foi entregue ao diretor— Encontro você depois, no escritório.

Maurício anuiu, pegou as chaves e se afastou com semblante incompreensivo, imaginando que tipo de conversa Edward vinha mantendo com tal operário.

O homem que tinha acenado se aproximava rápido. Ele sorria ou encenava uma felicidade não existente, mas que não provocou suspeitas em Edward, apenas curiosidade pela rápida mudança de comportamento. Ao se aproximar, ele logo percebeu o semblante enleado do acionista e entregou a mão para um aperto.

—Paixão não é doença, chefe.— Edward tirou os óculos escuros e fitou os olhos do operário.— Lembra da mulher que mencionei?— Edward sorriu e afirmou com a cabeça, retirando um lenço branco do bolso do paletó para lustrar as lentes do óculo.— Pois é, ela me deu uma chance, chefe. Talvez ela até goste de mim de verdade, mas deve ser orgulhosa como toda a mulher perfeita é. Agora sei que ela estava *se fazendo* durante todo esse tempo.— Edward sorriu e recolocou os óculos enquanto ouvia.— Queria lhe fazer uma pergunta, chefe, se não se importa, é claro?

—De forma alguma.

—O senhor, que conhece melhor a cidade, poderia me indicar um local próprio para se levar uma princesa, já que ela finalmente aceitou meu convite.— o funcionário estudou o rosto em sua frente, mas o que distinguiu foi apenas o reflexo bojudado de seu rosto nas lentes escuras que tapavam parte do rosto de Edward— Se o senhor fizesse esse favor eu ficaria grato. Não sou muito romântico e não conheço muitos lugares.

—Lugar?— Edward acariciou o queixo e disfarçou um olhar para o portão onde um motorista gordo e desengonçado se esforçava para entrar na *cabine* do caminhão.

—Certamente o senhor já levou alguma mulher a um lugar exótico, chefe, um motel caro, por exemplo. Ela é uma mulher linda e merece algo à sua altura.

010

—Quer que eu indique um lugar, um motel, é isso?

—É. De preferência algum distante dessa cidade. *Ouvi dizer* que os motéis aqui de perto são muito ruins e eu não quero passar por uma vergonha.

015

Edward hesitou e cofiou os cabelos, como se ponderasse o pedido do funcionário, mas no fundo estava perdidamente confuso. Quando percebeu que os olhos do funcionário ameaçavam descobrir sua confusão, ele sorriu e quase que involuntariamente respondeu:

—Bom, respeitando seu pedido, eu posso indicar o Brandy.

020

Num átimo, Edward lembrou da noite em que levava sua esposa ao Brandy para realizar seus caprichos. Lembrou do sorriso dela ao deitar-se na cama redonda sobre um estrado circulatório e de seus olhos rápidos nos espelhos que completavam todas as paredes arredondadas da suíte.

—Brandy?

025

—É o melhor motel da região, e, como você prefere, é bem distante da cidade.

—Isso não é problema, vou falar com meu *líder*, talvez ele me deixe sair um pouco antes do fim do expediente, assim eu terei mais tempo pra me organizar.— o funcionário deu uma pausa e uma olhada rápida para trás, onde próximo ao caminhão, um homem com uniforme de encarregado chamou-o com um aceno que revelou sua intolerância e premência— Bom, se não se importa, agora preciso trabalhar.

030

—Espere!— Edward tirou a carteira do bolso e dela retirou um cartão e o entregou ao funcionário— O cartão com o endereço.

035

—Obrigado, chefe.

Assim que o funcionário apanhou o cartão e se afastou, Edward seguiu rumo ao escritório onde Maurício o aguardava.

040

Durante aquela conversa, ele teve a estranha impressão de que havia alguma coisa intrincada, algo que estava diante de seus olhos e que não conseguia entrever ou decifrar, pois até as perguntas daquele homem eram perquisitivas demais, confundindo-se com seus olhos assertivos, dando a impressão de que ele de certa forma prenunciava que algo terrificante estaria para acontecer. Pensando nisso, Edward coçou a cabeça e entrou na sala onde Maurício ocupava sua poltrona.

045

Alguns minutos depois, em um dos três telefones público que havia no lado de fora dos portões da Meisinger, um homem

050 desdobrava um papel com a anotação de um número de telefone para
efetuar *sua segunda ligação*; oportunamente, ninguém atendeu o
telefone na primeira tentativa. E se alguém tivesse atendido a
primeira ligação, ele não estaria efetuando a segunda. Uma coisa
055 dependia da outra para que seu plano rumasse ao sucesso. Com o
papel em uma das mãos e uma bolsa jeans em outra, ele discava os
números segurando o telefone entre o ombro e o maxilar. Enquanto
aguardava a chamada ser atendida, ele olhava *irrequietamente* para
cada movimento; cada automóvel ou pessoa que passava na rua entre
o orelhão e os portões da empresa. Ele não estava com medo, isso era
060 visível, era apenas um homem precatado e agia com toda a
circunspeção e prudência possível, nada poderia atrapalhar seu plano
para aquela noite.

065 A água tibia que caía do chuveiro batia no rosto de Jasom e
deslizava sobre seu corpo nu circundado por quatro divisórias de
acrílico embaciadas pelo vapor da água. De seus cabelos descia a
espuma do shampoo que resvalava junto à água e entrava pela tampa
do ralo. Sobre o tampo do vaso sanitário que havia ao lado da porta
corrediça, estavam as roupas que iria usar em um show naquela
070 sexta-feira, e sobre elas, seu celular indicava 16:47. Não usava o
mesmo telefone velho e riscado quando namorava com Manuelle,
mas a esperança de que algum dia ela voltasse a ligar fez ele manter o
mesmo número durante anos, até mesmo depois da chegada da fama
e da cabal mudança de vida. Mas sua vida não se tornou tão perfeita e
completa; ao contrário, vivia cercado de pessoas que amavam,
075 respeitavam e adoravam seu dinheiro e sua fama. Vivia em uma
solidão tão mortificante que toda a vez que o telefone tremelicava, ele
respirava fundo antes de olhar no visor, anelando ver o nome de sua
amada cintilar em vermelho. Mas isso deixou de acontecer após o dia
em que saiu pela última vez pelos portões da casa velha onde
080 Manuelle morava, onde por pouco tempo fora realmente feliz. Sentia
saudade daquela casa, do barulho do vento batendo nas janelas de
madeira, do ruído contínuo da chuva na parte toldada da cobertura e
até mesmo das noites turvas em que faltava energia elétrica e todos
jantavam felizes à luz de velas, ouvindo a leve tonitruância das
085 nuvens antes da chuva. Às vezes quando a chuva chegava de leve,
bondosa, e não faltava energia, Jasom ficava abraçado em Manuelle
assistindo filmes de suspense. A saudade era tanta que ele chegou até

090 a comprar um DVD do filme *Eu sei o que vocês fizeram no verão*
passado, o filme que Manuelle não se cansava de rever nas noites de
chuva. O que Jasom achava mais engraçado era que ela sorria quando
sentia medo, e sempre que lembrava disso, os pensamentos se
095 alternavam e surgia a lembrança do sorriso cândido dela em meio a
porta, esperando que ele abrisse rápido o velho portão de madeira em
frente a casa e apressasse os passos para o abraço. A partir do
momento em que saiu da vida de Manuelle, a vida de Jasom se
tornara uma verdadeira hipocondria. Sorria apenas quando ouvia o
rumor laudatório dos fãs em frente o microfone e procurava entre as
100 milhares de cabeças o vulto de Manuelle. Por fim, ele abaixava os
olhos lembrando que tudo se tornara apenas um desejo, uma saudade,
uma ilusão que iria deturbar-lo pelo resto de sua vida.

Quando o visor indicou 16:59 o celular vibrou, tocando alto
sobre as roupas. Jasom secou rapidamente os cabelos, abriu a porta e
pegou o telefone.— Alô.— ele ouviu uma voz rouca, aparentemente
005 encenada, pronunciar seu nome em tom de pergunta e respondeu,
secando as orelhas com uma toalha pequena:— Ele mesmo.

—Lembra de mim?

Jasom crispou a testa, confuso.— Quê?!

—Lembra do dia em que liguei para pedir o número do
100 telefone de sua namorada, Manuelle?— ouvir o nome de Manuelle
tornou a conversa mais séria e Jasom jogou a toalha sobre a
penteadeira de mármore.— Há anos, Jasom, tente lembrar.

Jasom apertou os dedos sobre os olhos e forçou as
sobrancelhas para cima tentando relembrar de alguma coisa. Quando
conseguiu, deixou que a mão caísse, sentindo-se estranhamente
105 nauseado.

—Sim. Mas... mas quem é você?

—Não é difícil de saber.— afirmou o homem— Você sabia
que eu ouço suas músicas?

—Tá, mas... mas por que está me ligando?

—Eu entendo as metáforas que você usa. Você é um cômico e
120 tanto.— o homem soltou um riso psicopático antes de prosseguir—
Sei quem você ama, Jasom, e sei também que cometeu um grande
pecado.

—Pecado?

—Não deveria ter deixado ela. Ela não foi minha perdição,
125 meu anátema, mas pode ser o de alguém, e por isso...

—Por isso, o que?

—Ah, Jasom, você também vai se culpar pela morte dela.

030 Ao ouvir aquelas palavras numa voz tão calma, Jasom calou-se, sem demonstrar qualquer assomo de vida além do sopro no celular.

—Sabia que sua princesinha se transformou em uma prostituta persuasiva?

035 Jasom mal conseguia concatenar os pensamentos com as palavras que ouvia.— Per..., persuasiva? Do que você está falando?

040 —Ela provoca o mal, incita.— prosseguiu o homem— Tudo se iniciou com uma briga idiota entre vocês, por isso ela me conheceu e a candidez falsa dela foi meu despertar, graças a isso eu estou livre. Mas é engraçado o fato de que para tudo existe um lado bom, não é mesmo?— houve uma pausa naquelas palavras, e como se decifrasse os pensamentos de Jasom, o homem prosseguiu num tom de voz tão calmo que realçou a veracidade do que estava falando— Não! Não se engane. Eu não sou um psicopata ou um louco, ou então um idiota passando um trote. Sou totalmente sensato e por isso estou te ligando, quero que saiba o motivo quando amanhã ler o jornal. Por sinal, a psicopatia é uma doença inócua e a misantropia causa o reconhecimento verdadeiro, é o que faz abrir os olhos para discernir tudo o que há de errado nessa sociedade. Tudo o que eu quero é limpar esse mundo das espurcícias pecaminosas que o conspurcam, da persuasão maléfica provida da falsa beleza que induz os homens ao pecado. Tornar o mundo realmente perfeito.

045 —Do que você está falando? Eu nem mesmo te conheço.

050 —Mas é tão simples de entender, Jasom, estou simplesmente afirmando que amanhã você vai ler nos jornais a notícia da morte de Manuelle. E não ache estranho eu estar ligando primeiro, pois não há nada de mais justo nesse mundo do que deixar espaço às possibilidades. Se uma pessoa deixa chance, o resultado nunca será qualificado como injustiça. Se você a ama, salve-a, Jasom. É unicamente por isso que estou te ligando. Não quero que pense que ela impiedosamente não teve chance de ser salva.

060 Quando um plexo de pensamentos pessimistas deixaram-no finalmente afônico e sem no que acreditar, Jasom ouviu o bater telefone, ouvindo a partir daí um bipe incessante e aflitivo invadir-lhe o ouvido. Direcionou um olhar lento para o visor do celular e abriu a mão. Junto com o barulho do aparelho chocando-se contra o piso, a

065

070 súbita lembrança do rosto de Manuelle devolveu-lhe a consciência. Piscou rápido e voltou a respirar. Apanhou novamente o celular e discou os números de retorno daquela chamada, mas ninguém atendia o telefone que tocava alto em frente os portões da Meisinger, onde parte dos operários saíam da empresa sôfregos para aproveitar as luxúrias da sexta-feira, quatro dias após o pagamento. Olhando para seu reflexo embaçado no espelho, Jasom respirou fundo. Relembrou do rosto de Manuelle e fechou os olhos, buscando um alívio imaginário; mas o que era uma imagem límpida do rosto dela se transformou em um panorama horrível e inundado em sangue escuro. Abriu os olhos assustado. *Mas o que poderia ele fazer? Como protegê-la? Se é que realmente ela estava em perigo.* Olhou para o celular que tremia em sua mão e uma ideia fez ele sorrir em meio ao pavor que o dominava. Procurou entre tantos nomes insignificantes o nome de Manuelle, e quando encontrou, premiu a tecla para efetuar a chamada.

—Droga!— bradou, logo após colocar o telefone no ouvido.

085 Naquele momento, Manuelle continuava em sua caminhada pelos corredores da Meisinger ao lado de Clark. Em sua bolsa, em meio as parafernalias de maquilagem, estava seu celular desligado. Era como uma regra de sua profissão sempre deixá-lo desligado quando estivesse em trabalho, principalmente em um trabalho extremamente lucrativo.

090 Ainda mais atribulado pelos pensamentos, uma luz cintilou sobre a cabeça de Jasom numa ideia. Abriu a porta do banheiro e saiu correndo nu até o quarto. Se aproximou rápido de uma cômoda e abriu uma das gavetas, derrubando-a. Caiu de joelhos no chão e com as mão trepidantes ele apanhou uma velha agenda e começou a passar as páginas à procura do nome de uma pessoa que não a via há muito tempo. Quando encontrou, respirou fundo e em seguida discou os números no celular.

100 Reginaldo trabalhava incansavelmente sob os olhares do patrão que, junto aos donos do loteamento, o analisava escorado em um tapume de madeira que dividia o terreno. Com um alvião pesado e de cabo áspero que machucava suas mãos, ele revirava o solo pedregoso na parte do terreno onde futuramente seria construído um armazém para depósito. No bolso de sua calça jeans empoeirada, seu velho celular trepidou, causando um fundo sonoro inarmônico para seu

05 trauteio baixo. Um pouco constrangido pelos olhares, ele parou de cavar e atendeu o telefonema:

—Alô.

—Reginaldo?

—Sim.

10 —É o Jasom!

—Quem?— indagou ele, crispando a testa tisonada pelo Sol.

—Jasom, lembra?

15 —Ah, claro, que surpresa.— Reginaldo formou um sorriso confuso ao reconhecer a voz, pois desde que se tornara um cantor de sucesso, Jasom rompeu a relação com todas as pessoas, talvez por orgulho, ou quem sabe para não demonstrar tanto o amor que alimentava por Manuelle que, aos olhos dos outros, o impeliria a manter contato com pessoas ligadas a ela. Na verdade, desde à chegada da fama, Jasom perdeu a confiança nas pessoas, e quando alguém se aproximava sorrindo, ele logo denotava em torno dessa pessoa uma aura de interesse realçada pela sabujice tão expressa no sorriso.

20 —Surpresa?! Não!— continuou Jasom. Sua voz alta e soprada denotava angústia e aflição.

25 —O que houve, Jasom? Está tudo bem?

—Eu, sim. Eu estou ótimo.

—Tá. Mas o que aconteceu, então? Por que está me ligando...

30 —Manuelle.— interrompeu Jasom, a voz apressada e aflita soprando o bocal do telefone.

—Manuelle?! A minha irmã? O que há com ela?

O suspiro de Jasom, seguido de um silêncio, foi denunciativo, quase que ameaçador.

—Pode me dizer o que está acontecendo, Jasom?

35 A voz de Reginaldo foi baixa, mas soou tão suplicante que fez Jasom sentar-se na cama antes de responder:

—Eu..., eu acredito que ela possa estar em perigo.

O corpo de Reginaldo se amoleceu e a ferramenta em que ele se apoiava com uma das mãos caiu no chão empoeirado.

—Olha, Reginaldo, você precisa ajudar sua irmã. Encontre-a.

40 Nos minutos seguintes Jasom narrou o que tinha acabado de acontecer com ele, e acabou quase que implorando para que Reginaldo procurasse por sua irmã antes que alguma coisa viesse a acontecer com ela. Quando Jasom desligou o celular, Reginaldo

145 discou alguns números para uma certificação, mas como Jasom tivera
dito, o telefone de Manuelle estava mesmo desligado ou estava fora
da área de cobertura. Olhou para o lado, onde seu patrão o fitava com
um olhar premente, e suspirou. Tinha que fazer alguma coisa, não
deixar que as vicissitudes e a casualidade decidisse o futuro de sua
150 irmã. Certamente havia uma grande possibilidade de que a ligação ter
sido um trote. Mas e se fosse verdade? Se sua irmã realmente
estivesse em perigo? Quando calculou o tamanho da cidade e as ruas
que teria de percorrer atrás de sua irmã, ele saiu correndo,
atravessando em segundos o terreno pulveroso. Do lado oposto do
155 lote, seu patrão o viu se afastar a passos cambaleantes, e quando
pensou em impedir que fosse embora o motor de sua obra, Reginaldo
já atravessava a rua— quase caiu ao tropeçar no meio-fio, mas
apoiou-se em um frade-de-pedra que havia ao lado da rua e seguiu
apressado rumo à sua casa.

160 Sentado na cama do hotel, Jasom olhou para um relógio que
havia sobre a cabeceira. Abaixou a cabeça, apreensivo, e, girando o
rosto, viu sobre a cama uma cópia de seu primeiro CD com o título
“tempo”. Ali, em sua obra, ele encontrou mais um sentido; numa
rápida e prenunciativa sensação, ele sentiu, quase que de forma
concreta, que realmente havia pouco tempo.

165 Os corredores longínquos da Meisinger já estavam solitários, o
que só fazia aumentar a irascibilidade de Clark. O fato de ainda não
ter encontrado Edward por dentro da empresa fazia ele cerrar os
punhos, controlando seus impulsos. Em sua frente, os acionistas, cada
170 vez mais empolgados com as novas mudanças na fábrica, indigitavam
lugares, os pontos estratégicos para as novas mudanças na empresa.
Sempre que faziam sugestões ao presidente da Meisinger, ele apenas
concordava com um meneio de cabeça ou com um sorriso curto que
logo desaparecia de seus lábios. Àquela altura, a impressão de que
175 Edward fugia de sua perseguição se tornara palpável e torturava
Clark. Entre o desânimo, causado pelas horas caminhando embalde
pelos corredores da empresa, e a frustração, ele olhou para o relógio
que indicava quase 18 horas e, mesmo ficando surpreso pela
180 impressão de que as horas se passaram muito rápido, sorriu ao
lembrar do exato momento em que Edward habitualmente saía de sua
sala e encerrava seu expediente com um cafezinho no átrio do prédio
administrativo, parte de seu praxe como acionista sistemático.

—Vamos.— disse ele, puxando o braço de Manuelle.

Ela voltou os olhos para ele e franziu a testa.— Pra onde?

—Isso aqui está muito sacal, impróprio para uma sexta-feira. Hoje eu quero curtir a noite ao seu lado.

Ela sorriu anuência e ele virou-se para frente. Apressando os passos, eles alcançaram os outros acionistas. Naquele momento, com um gesto apressado, Clark tocou no ombro de Sidney Nenser.

—Sim?— o acionista voltou-se para Clark com um olhar meio que zangado; junto com Sidney, todos os outros acionistas crisparam ainda mais suas testas rugosas olhando para Clark, como se fossem interrompidos durante uma conversa muito construtiva. E ficaram ainda mais amolados ao ouvir a desculpa de Clark de que tinha uns probleminhas para resolver fora da empresa e que não poderia mais acompanhá-los, como se aquilo fosse justo motivo para interrompê-los. Quando Clark deu as costas e se afastou, deixando-os entre o corredor de um dos setores de montagem, próximos à porta do almoxarifado, todos respiraram aliviados e prosseguiram cheios de entusiasmo em suas conversas.

O elevador com Clark e Manuelle subia enquanto o elevador ao lado descia com Edward. A porta dupla se abriu e Clark, apertando a mão de Manuelle, saiu olhando impacientemente para os corredores transversos, sentindo os delírios persecutórios dos últimos minutos da tarde e da última chance para o antojo. Para que ele se acalmasse bastava apenas Edward estar no lugar certo e no momento certo para sentir a vergonha. *Sua linda filha é prostituta e eu vou foder ela essa noite*, Clark se imaginava dizendo isso ao pé do ouvido de Edward enquanto esse estaria perplexo pela presença de sua filha, e que por isso não teria capacidade de o agredir; ficaria simplesmente imóvel, olhando para os dois saindo abraçados pela portaria da empresa.

Clark procurava por alguém e Manuelle já sentia isso, mas não imaginava quem ou porquê, ou melhor, ela já imaginava quem, mas ainda não tinha certeza, e à medida em que a tarde se passara ela mesma se dera por conta que tinha esquecido de sua vingança. Talvez o plano de vingança fosse apenas uma forma subconsciente de encorajar-se antecipadamente se porventura encontrasse seu pai pela empresa, e como estava no fim daquela tarde, as chances de que isso acontecesse eram poucas.

A secretária, que folheava uma revista de moda atrás da

225
230
235
240
245
250
255
260
escrivaninha, disfarçou um soslaio curioso captado pelos olhos ligeiros de Clark abaixando os olhos para a revista. Clark estava tenso, soube ela, e suspirou aliviada quando ele e a garota entraram no escritório. Ao entrar, Clark se aproximou da mesa colocando a maleta aberta sobre ela. Abriu uma das gavetas e recolheu alguns papéis que foram colocados dentro da valise, que foi fechada com força. No estrépito agudo da maleta, ele mesmo percebeu que seu nervosismo se tornara patente nos últimos minutos, evidente demais para a percepção de qualquer um que fitasse por dois segundos seu rosto; até mesmo sentiu o olhar perscrutador de Manuelle pelas costas. Soube que tinha que se controlar. Virou-se para ela e sorriu dissimuladamente. Aproximando-se, ele pegou-a pela mão para juntos saírem da sala.

—Clark.— disse ela, impellido de ser novamente carregada.

—O que foi?

Ela soslaiou para a mesa e outra vez ele sorriu disfarçado. Voltando para a mesa, onde deixara a maleta, ele esticou o pescoço para uma olhada rápida ao pátio através do vidro da janela. Naquele instante, vendo que um carro saía pelos portões que se abriam, ele premeu forte as mãos, afundando os dedos angulosos na maleta de couro. Seu maxilar se contraiu e seus olhos se comprimiram de raiva. Por pouco a valise não saiu voando pela janela em meio estilhaços de vidro. Olhando para o corpo rijo de Clark inclinado sobre a escrivaninha, Manuelle perguntou se estava tudo bem com ele. Demorou um tempo para que ele se movesse, como se precisasse de tempo para um *respirar* mitigativo. Quando virou-se para ela, seus lábios formavam um sorriso nervoso. Tentava inutilmente esquecer que naquele instante Edward saía pelos portões da empresa, fugindo habilmente de sua perseguição.

—Não se preocupe comigo, eu estou ótimo.— respondeu ele, sabendo que seu plano tinha fracassado. Infelizmente tinha fracassado.

255
260
Cruzando pelo átrio, Clark olhou para uma mesa onde sobre ela havia uma térmica de café. Uma sobra de café escurecia o fundo de um copo descartável que estava ao lado da térmica. *Por pouco*, pensou ele, ouvindo Manuelle perguntar para onde eles iriam naquela noite.

—Conheço um restaurante francês que serve o melhor suflê de camarão da cidade, é ótimo. Tem gente que vai lá só para provar os

melhores coquetéis de bourbons.

—Pensei que Bourbon fosse uma bebida americana.— lembrou Manuelle, com vaga incerteza.

265 —E é, mas para se ter sucesso, precisa-se de um pouco de tudo... E então, vamos até lá?

—Sei lá. Estou farta disso. Se não fosse contra minha ética profissional, revelaria a todos os meus clientes minha aversão a lugares movimentados.— disse ela, com um sorriso bem-humorado.

270 Aquela resposta foi oportuna, mas Clark não fez sugestões; tinha certeza de que ela era uma garota de programa tão submissa quanto dedicada.

Minutos depois, os dois saíram do estacionamento privativo da Meisinger.

275 Manuelle, como sempre, se mostrava calada e observadora. Com os olhos sempre lentos e penserosos, ela registrava tudo o que se passavam sem que os outros percebessem isso nela. Todos acreditavam que ela era a monumental loira-burra, mas era arguta, sabia disso, tanto que naquele pouco tempo já estava ciente de algumas das características de Clark; sua suscetibilidade, sua propensão à conquista, sua idiossincrasia irascível, a altivez e a infidelidade, pois mesmo ele estando sem aliança ela já sabia, sem ter ao menos questionado, que aquele homem era casado. Era uma emérita em descobrir isso já na primeira impressão e não seria espantoso se ela perguntasse a ele se havia alguma fotografia de sua esposa no porta-luvas do carro junto à aliança. Mais desconcertante seria se ela perguntasse o porquê ele mantinha por tanto tempo a mão direita dentro do bolso da calça ou fora do alcance de seus olhos; com certeza seria para que ela não percebesse a marca de aliança no dedo.

280 —Para onde a senhorita gostaria de ir?— indagou ele, enquanto o último portão automático da empresa se levantava.

—Onde você pode me levar?— desafiou ela.

285 —Gostaria de uma surpresa?— ela franziu a testa, sorrindo, tão linda e delicada quanto Elisha Cuthbert em Show de Vizinha— É sério, amanhã não é seu aniversário?

295 Ao ouvir isso, o sorriso dela se fechou e seus olhos se encheram de lágrimas, mas antes que alguma lágrima tornasse a emoção tão evidente, ela voltou a sorrir, tentando esquecer que havia uma estrela com seu nome bordado trancada no fundo do guarda-roupa— a estrela que fora para ela nas noite de angustiosa solidão,

300 sua única companheira e que nunca negaria a ela um abraço.

—Até que seria bem conveniente, e espero que eu goste, porque sou uma mulher muito exigente.— argumentou ela, disfarçando a emoção.

—Tá, mas fica bem distante daqui.

305

310

315

320

325

Dentro de um Vectra preto, um olhar rábido e avermelhado pela fumaça ardente do cigarro, observava através do pára-brisa fumê o capô um pouco amassado e pouco mais à frente o automóvel de Clark saindo pelo último portão da Meisinger. O homem aspirou fundo, se preparando. Abriu o vidro da porta e jogou a guimba do cigarro no calçamento. De onde estava dava-se para observar ao longo os dois sentidos da perimetral sul movimentada, e como ele saberia que Clark não estaria sendo observado pelos seguranças particulares que seguiam-no sempre que ele saía da empresa em carros modestos? De qualquer forma ele teria que arriscar, esse era o plano, e para que ele desse certo só bastava que o automóvel de Clark se dirigisse a um lugar próprio, consentâneo, congruente ao seu plano. Por outro lado, se os seguranças de Clark o seguissem, ele arrumaria um jeitinho de se livrar deles, pois ainda era o mesmo homem frio e escrupuloso de antes, o homem que há mais de 20 anos colocara sobre o corpo, sobre seu caráter, um manto de falsidade. Pensando nisso, ele soltou um sorriso sádico e girou a chave de partida, colocando o carro em movimento. Observando ao longe o automóvel de Clark se afastando entre o tráfego urgente de carros, motocicletas, caminhões e sirenes, ele se infiltrou no trânsito lento. Olhou para o acendedor de cigarros adaptado no painel do carro e tirou uma carteira de Carlton do bolso. Querendo ou não, ele ainda estava nervoso.

330

335

Júlia tricoteava sentada em sua cadeira de vime. Em frente à envelhecida face abaixada, os poucos fios de cabelos brancos balançavam pela brisa da tarde. Cantarolava alguma música antiga quando distraída surpreendeu-se com a inopinada chegada de Reginaldo, que após abrir o pequeno portão de madeira, entrou rápido na casa. Ela levantou-se num ímpeto quando ouviu o estrondo da batida da porta do quarto e entrou na cozinha. No quarto, Reginaldo já vestia uma calça velha e desbotada. O instinto de Júlia palpitou que estava acontecendo alguma coisa; e pela expressão empalidecida de

seu filho era algo de muito ruim.

340 —O que houve, Reginaldo? Está pálido.— perguntou ela, assim que a porta se abriu e ele surgiu no vão abotoando uma camisa axadrezada.

—Manuelle, mãe.— disse ele.

O tricô inacabado que Júlia segurava caiu no chão de madeira.

345 —Meu Deus! Aconteceu alguma coisa com ela?

—Ainda não, mas pode acontecer.

Foi audível um suspiro de Júlia quando ouviu aquelas palavras. Sentiu que as pálpebras começaram a tremelicar sobre olhos vendo Reginaldo colocar os pés dentro de um tênis frouxo e em seguida
350 caminhar até a porta.

—Desculpe, mãe, mas não tenho tempo pra explicar.— disse ele, antes de sair da sala— Estou com pouco tempo. Manuelle pode estar com pouco tempo. Quando voltar, eu explico tudo. Mas agora...

355 Pessimista, Júlia, em poucos segundos, já tinha calculado inúmeras possibilidades onde sua filha viesse a se tornar vítima de algum acontecimento tétrico e repugnante. Júlia repugnava sangue, o mínimo que fosse, e imaginar a linda face de sua filha coberta pelo
360 vermelhos mais abominado do mundo deixou ela afônica, vendo seu filho sair rápido da pequena varanda e atravessar o portão de madeira. Antes de se afastar do barraco, Reginaldo relanceou um olhar para Júlia, que tacitamente denunciava a gravidade do problema, pois uma de suas melhores qualidades era sua franqueza, uma franqueza tão direta que impedia de existir qualquer vestígio de prudência em suas
365 palavras. Parecia ser imprudente, descauteloso, mas era apenas realista e direto, por isso deixou sua mãe aflita observando-o se afastar de sua visão angustiada, esperando a partir daí uma resposta de seu filho.

370 Nas ruas repletas de interseções, trevos, direções, Reginaldo se perguntava para onde deveria ir, onde procurar ou com quem procurar ajuda. Desde quando saiu de casa, Manuelle passou a ter uma vida muito confidencial; não falava onde e com quem morava, quem eram suas amigas ou qual era o número de seu telefone residencial. Parecia uma agente secreta toda misteriosa, igualava-se a uma prostituta envergonhada de sua profissão. A ideia de que ela era
375 uma prostituta era até então uma suposição que atormentava Júlia, e apenas ela, por não conseguir perguntar nada à sua filha, pois tinha medo de que se fizesse isso as esporádicas visitas de Manuelle se

escasseassem ainda mais.

380 Tudo o que estava acontecendo, a eventualidade dos
problemas, deixava Reginaldo em uma situação desesperadora, uma
das vítimas das vicissitudes originárias das noites onde o perigo pode
se esconder no sorriso mais doce e a salvação pode estar na muleta de
um mendigo aleijado sendo pespegada sobre a cabeça de algum
385 assaltante ou de uma linda mulher armada. *Nunca antecipe um
'obrigado'. Saiba quem realmente deve ser agradecido.* Ligar para a
polícia seria inútil, certamente não iriam acreditar em uma história
tão absurda, e o que eles poderiam fazer além de rir ou xingar mais
um pascácio passando trote? Outro segredo de Manuelle era seu
390 trabalho como prostituta. Reginaldo não imaginava, ou melhor, não
tinha certeza, que sua irmã poderia estar nos motéis da cidade ou
fornicando com algum estranho em seu próprio apartamento. Sua
única alternativa seria procurar pelos mais movimentados lugares da
cidade. Era arriscado, certamente, porém, era a mais sensata opção
395 baseando-se nas conversas que tivera com Manuelle onde ela
comentara sobre as melhores discotecas e boates da cidade onde
passava as noites de sextas e sábados bebendo e dançando com as
amigas.

400 Já se passava das sete horas e a cidade fora deixada para trás. À
frente, havia apenas o asfalto caliginoso sendo parcialmente clareado
pelos faróis do carro, e ao lado e para cima, as montanhas umbrosas e
indefiníveis obumbravam os últimos arrabaldes pouco iluminados
que circundavam a cidade, como inconcussos soldados escondidos
405 atrás de grandes trincheiras. O rádio reproduzia um CD de mp3, e
quando Bruce Springsteen cantou o último verso de Filadélfia, dois
audazes dedos abaixaram o volume do som.

—Adoro as ruas.— disse Clark. Sem ouvir argumento, ele
olhou para o lado, fitando os olhos penserosos de Manuelle— Por
que está tão calada?

410 Ela sorriu e continuou olhando para frente, as pupilas refletindo
as duas faixas claras que rasgavam a escuridão do asfalto.

—Falei algo de errado?

—Não, o engraçado é que todos fazem a mesma pergunta.
Você foi quem mais demorou para fazê-la.

415 —E então?

—É meu perfil, sou calada assim mesmo.

Houve um minuto de silêncio, e quando numa curva uma caligem esbateu a luz dos faróis, Manuelle fitou os olhos atentos de Clark na estrada.

—Também adoro as ruas.— disse ela, vendo em seguida ele formar um sorriso.

—Com esse comentário, acredito que somos iguais.

—Iguais? Em que aspecto?

Ele não respondeu diretamente. Olhou para a silhueta das árvores altas que cercavam dos dois lados o asfalto que ficava para trás antes de responder:— Sabe o que vejo nas ruas? Ligações, nexos. Milhões de pessoas andam por asfaltos ligados a este. Asfaltos ligados à cidades e à ruas de terra, e ruas ligadas a campos. As ruas, em geral, me faz lembrar que todas as pessoas vivem em um único mundo. Se olhar de cima, o mundo parece ser um grande mosaico e as ruas são as divisões entre um ladrilho e outro. É impressionante.

—E sabe o que eu vejo?— ela deu uma pausa, olhando nos olhos pensativos dele— Medo. Eu não vejo, eu sinto. Me causa arrepios toda vez que estou em estradas. Sempre tenho a impressão de que estou sendo seguida.— ela esfregava as mãos nos braços eriçados pelo frio ameno da noite. Clark observou e gentilmente desativou o ar-condicionado do carro.

Mais de uma hora depois o carro saiu da rodovia e entrou em uma estrada de paralelepípedos bem assentados de acesso ao Brandy; a surpresa tão ponderadamente escolhida por Clark para Manuelle.

Há mais de três séculos o Brandy vinha sendo o motel mais luxuoso da região e estava entre os mais magníficos do país. Era pouco conhecido entre a sociedade mediana por ser um motel reservado, divulgado apenas entre a nobreza. Era frequentado apenas por celebridades do mundo da moda e dos negócios; abastados donos de empresas, artistas de novelas e seriados, artistas plásticos e pintores. Tinha uma entrada de quase dois mil metros que era como uma alameda diversificada a cada decâmetro; era distinguível orquídeas brancas no tronco das árvores altas e era indistinguível os ramos dos arbustos mais baixos, iguais a montes de folhas virentes às margens da estrada. O caminho de paralelepípedos terminava em um repartimento onde os clientes eram atendidos e cobrados antecipadamente pelo aluguel do quarto. Eram suítes de um andar apenas e com garagem para no máximo três carros. O muro que cercava o local era baixo e com estilhaços de vidro em meio ao

concreto e era parcialmente escondido por uma compacta aléia de buxos nos dois lados do muro; haviam também algumas árvores grandes espalhadas em meio a fileira de arvoretas— essas árvores de galhos retorcidos para baixo, que quase tocavam o chão, poderiam servir a qualquer momento como uma ponte sobre o muro entre o lado de fora e o pátio do motel. O único erro, o fatal erro do Brandy, era sua falta de segurança externa e interna. No lado de dentro, as mais requintadas suítes eram desprovidas de câmeras de vigilância e de guardas, e no lado de fora, nas planas herdades que cercavam o Brandy, as plantações de soja e milho eram baixas o suficiente para deixar visível a quilômetros o brilho azulado do motel mais rico do país e mais acessível do mundo. Bastava apenas ser descoberto. Foi toda sua imagem oculta, distinta, que provocou nos administradores do motel a convicção de que era, por ser um local discreto, um lugar seguro.

Depois de saírem do carro, eles subiram alguns degraus até a porta de madeira esculpida como um quadro erótico, e pela primeira vez Manuelle ficou extasiada ao entrar em um quarto de motel. Era um quarto de cor indefinida, talvez os móveis e a cama fossem brancos, mas as luzes coloridas do lustre giratório eram excelsas e modificavam as cores naturais do quarto. Dava a impressão de que os móveis foram simplificados pela sensibilidade de um artista melancólico e romântico, um tanto pático, mas retraído, trancado em suas imaginações e suas fantasias. Tudo era feérico, nada parecia ser real ou dinâmico. Desde a cômoda dourada até o tapete plúmbeo, tudo era como um reduto de imaginações. Manuelle olhou para sua blusa vermelha mudar de tom enquanto caminhava ao redor da cama. Das nuances transeuntes por sobre os móveis se originava a impressão de estar em um espaço-tempo, sendo apenas um fragmento de um caleidoscópio consciente e não um ser consciente observando um caleidoscópio gigante, de que os anos se passavam em segundos e o quarto se modificava a cada décadas. Manuelle parou por um momento, sentindo-se estranhamente velha, tendo a vaga impressão de que estava em seu último dia de vida. Olhou para cima e viu seu rosto colorido refletido limpidamente no espelho único que completava o teto. Sorriu. Olhou para frente e fitou seus olhos irisados no espelho oblongo atrás da cabeceira da cama redonda.

—Agora compreendo o porquê que os artistas vem até aqui.— falou ela, como se estivesse sozinha no quarto— Eles sentem-se

495 como se estivessem dentro de uma pintura abstrata imaginando milhares de coisas. Os quartos de motel são tão impessoais. Mas este....

Sentado na cama, Clark a observava andar pelo quarto, a única beleza autêntica, singela, que vivificava aquele quarto de motel.

500 —A sensibilidade se esconde apenas em...— ela pegou um vaso, uma espécie de púcaro ornamental de cor dourada que estava sobre a cômoda, idêntico ao vaso esboçado em um quadro grande próximo à porta, e dele retirou a única rosa vermelha que estava solta — em uma flor, por exemplo.

505 Por um tempo ela olhou absorta para a flor; depois piscou rápido e deixou-a cair dentro do vaso e depositou-o sobre a cômoda. Olhou para o lado, vendo uma cortina clara mudando de cor enquanto oscilava pela brisa que entrava pela janela de vidro semi-aberta. Fixada nos caixilhos espessos da janela, havia uma grade corrediça

510 direcionada para o lado de fora, que era trancada junto com os caixilhos dos vidros ao lado de dentro por duas espécies de tranquetas penduradas na parede do quarto por uma corrente, cruzando-as por duas clássicas argolas de aço, uma na parede, outra no caixilho, o que impossibilitava a abertura da janela pelo lado de fora.

515 —Está frio.— disse ela, aproximando-se da janela para fechá-la.

Enquanto Manuelle passava as tranquetas pelas argolas, Clark tirava o terno que foi depositado sobre a cômoda, entre um vaso de cristal e o púcaro, e afundou-se no colchão macio. Girando o corpo,

520 ela observou Clark afrouxando o nó da gravata. O olhar dele, insinuante, contemplou o corpo dela e a fez lembrar-se de que estava em trabalho. Ela se esforçou para encenar um sorriso sensual antes de se aproximar da cama. Puxou a fimbria do vestido para cima e subiu de joelhos no colchão. Lentamente, ela aproximou seu rosto ao rosto de Clark, abarcando o corpo esguio dele com as pernas. Quando os

525 lábios se encontraram, ela sussurrou antes de um sorriso debochado:

—O senhor gostaria de transar?

530 —Nossa! Que pragmatismo.— ele devolveu um sorriso nervoso e ela reprimiu a expressão numa seriedade desconcertante que fez ele involuntariamente completar a frase— Claro.

Quando, depois de um beijo de língua muito molhado, ela soltou o primeiro botão da camisa, Clark colocou-se sentado e despiu-se com certa pressa da camisa, jogando-a junto com a gravata

535 no canto do quarto. Com a língua entre os lábios risonhos, ela empurrou o peito e ele deixou-se cair de costas sobre o colchão. Sentiu-se um garoto virgem quando ela se aproximou para beijá-lo no pescoço. Os lábios úmidos dela fizeram ele estremecer, sentindo a língua molhada descer até o peito, contornando delicadamente os mamilos e deslizando até o umbigo. Ela soltou o cinto e desprendeu a
540 botoadura da calça. Quando ela abaixou o zíper, Clark respirou fundo e levantou o quadril para que ela abaixasse por completa a calça, afastando-a do corpo eriçado pelo frio da noite. Olhando no fundo dos olhos dele, ela voltou a tocar o umbigo com a língua e lentamente desceu até sentir os pêlos pubianos, e, com delicadeza, apanhou o
545 falo já ereto.

—O que você quer?— perguntou ela, olhando dentro dos olhos dele e insinuando um sorriso safado.

550 Ele não teve forças para responder e ela começou a deslizar a língua sobre o prepúcio que cobria a glândula. *Horrível e nojento*, pensou ela, quando puxou a pele para baixo e uma gosma escorreu pelo pênis. Lembrou-se dos dez mil reais que recebera e esqueceu-se do nojo. Ele tentou não fechar os olhos para não perder o momento em que ela abriu a boca, conspurcando o membro de batom vermelho.

555 —Vo..., você é ótima.— balbuciou ele, fechando os olhos.

Pesadelo; agitação ou opressão durante o sono, causada por sonhos aflitivos. Mau sonho. Letargo, marasmo.

560 *Mas o vocábulo “pesadelo” tem uma outra acepção, essa muita mais forte e lancinante do que as outras, pois ela é vívida e tão mordaz quanto uma tenaz perfurando-lhe o corpo.*

Os olhos fechados de Clark se abriram assustados quando um fragor de vidros sendo quebrados invadiu o silêncio do quarto.

565 Num sobressalto, Manuelle colocou-se sentada sobre a cama com os olhos esbugalhados em direção à janela, onde o cano de uma Ruger P90 prateada estava direcionado para seu rosto entre as grades de ferro, de onde uma voz grave e roufenha invadiu o quarto, marcando o início de um pesadelo:

570 —Fiquem calados ou eu coloco uma bala em suas cabeças!— junto àquela voz áspera soava a respiração ofegante e aflitiva de um homem.

575 Atrás daquele brilho tétrico, surgiu um vulto encoberto por um gorro preto, e entre a fenda do barrete, dois olhos vermelhos era o percepto do ódio que o dominava. Houve um tempo até que tudo se estabilizasse, até que o impulso se convertesse em pavor e se tornasse fixo. Quando uma mão entrou entre as grades tentando encontrar a *tranca* da janela, Manuelle suspirou e Clark, na covardia, tapou o corpo com a fronha que cobria o colchão. Os olhos de Manuelle automaticamente correram para a porta, mas antes de qualquer pensamento, ela ouviu o barulho do cano da arma quebrando o que sobrou do vidro da janela próximo ao caixilho e em seguida sendo mirado contra sua testa. Dava-se para ver o orifício lúcido do cano da pistola. Quando ela pensou em suplicar para que o homem não atirasse, uma voz roufenha calou seus pensamentos:

—Você, abra a janela!

Olhando para a arma, Manuelle nem sentia que as lágrimas lavavam seu rosto enquanto pulava para fora do colchão.

—Calma! Tudo bem. Eu faço, mas... não faça nada.

590 Sentindo o corpo todo anestesiado, ela aproximou-se da janela, guiada pelo medo. Sua pele estava tão esquelética como de um cadáver e os olhos cheios de pavor não se esquivavam da arma que lhe perseguia a cada passo.

595 —Vamos rápido! Abra a janela!— ordenou o homem, exacerbando ainda mais a voz, tornando-a estentórea como de um fantasma truculento.

O que ele fará quando eu abrir a janela?, se perguntou Manuelle, temendo que a qualquer momento um projétil fosse disparado na direção de sua cabeça.

600 Petrificado entre o lençol, Clark observava Manuelle soltar as tranquetas da janela enquanto o homem mantinha a arma em frente o seu rosto; não falava nada, não fazia nada, e nada fez quando ela caiu de joelhos sobre o tapete quando a segunda tranqueta foi deslocada das argolas e o homem abriu a janela e saltou para dentro do quarto. O arrependimento por ter soltado as tranquetas foi o único sentimento além da dor quando uma mão grande agarrou seus cabelos, puxando-os para cima. Sentiu que o couro cabeludo podia se desprender da cabeça enquanto era arrastada como um saco de lixo para em seguida ser jogada sobre a cama. Nem sentia que chorava e gemia pela dor que sentia na cabeça, que por pouco não foi escaldada como se fosse um animal frágil e fraco. Estava em meio uma vertigem colorida de

medo, e o vago pensamento de que tudo poderia ser um pesadelo fugaz de certa forma impedia que o pavor fosse ainda mais intenso.

515 Quando Manuelle encolheu-se sobre o colchão, o homem mirou a arma contra a testa de Clark.— Você! Levante!— Clark hesitou, tremendo o queixo como o covarde que realmente era.— Vamos, mova-se!— ordenou o homem, puxando o lençol para frente.

520 O homem retirou do bolso de um casaco escuro uma fita adesiva e jogou contra Clark, batendo em seu peito e em seguida caindo no chão próximo à cômoda.— Amarra ela!

A hesitação de Clark agora foi rápida. O ruído do engatilhar da pistola mirada contra sua testa despertou-o do estupor. Como um animal apavorado, ele jogou-se espreitando o chão à procura da fita. Quando a encontrou ao lado da cômoda, ele se levantou.

525 —Como?— balbuciou, junto com o ar sendo exalado pela boca.

—Os pulsos. Amarra os pulsos dela juntos na cabeceira da cama.

O homem gesticulou com a arma como Clark deveria fazer.

530 Manuelle não teve certeza do que tinha ouvido, não tinha consciência de mais nada além do medo real e abstrato que a dominava. Nem percebeu que Clark se ajoelhava na cama, olhando para seu corpo colorido pela luz do lustre; toda bela, colorida e apavorada. Era Clark quem estava ciente agora. E foi ele quem vacilou ao girar o rosto para o homem postado em sua frente.

535 —Vo... você quer dinheiro? Eu posso pa...

Antes de concluir a pergunta, ele sentiu o cano da arma rasgar-lhe a têmpora num brutal e preciso golpe que fez ele cair da cama, batendo violentamente o nariz contra a aresta da cômoda.

540 —Cale a boca e faça o que eu pedi!— esbravejou o homem, indiferente ao sangue que escorria no cano da arma e ao gemido de Manuelle concomitante ao rugido de Clark.

545 Clark contorceu-se no chão, sentindo que o sangue escorria pelo nariz e pela têmpora. Levantou-se cambaleante com a fita na mão e quase escorregou ao tentar subir na cama. O corpo de Manuelle estava ondulante e colorido, percebeu ele, atordoado, mas mesmo assim ela parecia ser a mulher mais linda do mundo.

550 —Tudo bem, querida, tudo vai ficar bem.— aconselhou Clark, sentindo que tudo girava em torno de si e que não era apenas uma vertigem; seu medo deu um sinal físico de que tendia em se realizar.

Manuelle não ouviu o conselho. A segurança que sentia ao estar perto de Clark tinha dissipado no momento em que ouviu o barulho vidro da janela se quebrando. Aterrorizada, ela nem sentia que o sangue de Clark conspurcava seu vestido, seus seios tumescidos para fora do decote e seu pescoço. Fitava apenas dois pontos enquanto a fita enrolava seus pulsos junto a um dos balaústres da cama; dois olhos vermelhos cheios de ódio e o cabo de uma faca dentro de uma bainha de couro presa ao cós de uma calça um pouco suja de terra e pó de cimento, certamente dos muros do motel.

Minutos depois, após presenciar tudo o que tinha acontecido, Clark, atormentado, se via sentado no canto do quarto; as mãos, com os punhos aparentemente quebrados, estavam fortemente amarradas sobre o meio das pernas e seus olhos arregalados estavam fitos para o que estava sobre o colchão; para o que tinha acontecido. Estava tão assombrado que não ouviu as batidas dos sapatos sobre o piso na parte onde ficava o banheiro.

Com as mãos molhadas, o homem saiu do banheiro e o ruído da sola dos sapatos sobre o piso se calaram quando ele pisou no carpete aveludado. Olhando de cima para o rosto de Clark, ele se aproximou e colocou as luvas depois de estralar os dedos premendo uma mão contra a outra, como um pugilista calmo e raivoso decidido a impiedosamente nocautear o adversário. Segundos depois a expressão pasma de Clark deu um sinal de vida; um esgar de dor formou-se em seu rosto quando o homem puxou seus cabelos para cima, numa força tão selvagem que facilmente colocou-o de pé próximo à parede. Numa ação bruta, o homem levantou as mão de Clark, que ficaram juntas e esticadas para cima, e num terceiro e conclusivo golpe, o homem dobrou os braços para atrás do corpo, até que as mãos de Clark tocassem as nádegas avermelhadas por ter ficado durante tanto tempo sentado no carpete. Houve apenas um rugido cheio de dor antes de Clark cair na inconsciência. Seus últimos sentimentos formam físicos, enquanto os ossos dos braços e da região da escápula se fraturavam sem nenhuma pancada.

Todos os relógios da cidade anunciaram meia-noite e todos os pressagiadores sentiram o sino da catedral soar mais lóbrego e sorumbático, como uma confirmação silenciosa do que antes era apenas um vaticínio que perturbava a todos. O mais horrendo crime

690 da cidade tinha acontecido. E foi pontualmente à meia-noite que a central de atendimento da polícia recebeu a chamada. Caindo de sono, a jovem atendente bocejou e pegou o auscultador.— Central de atendimento da polícia militar, boa noite.

595 —Quero anunciar um assassinato, no motel Brandy, na suíte número 13.

—Quem está falando?— indagou a atendente, certa de que se tratava de um trote pela brandeza da voz.

700 —O assassino!— a voz antes branda se concluiu acrimoniosa e a expressão abúlica da atendente desapareceu de seu rosto, que empalideceu-se ao ouvir o bater do telefone e um bipe invadir-lhe o ouvido. Aquilo não parecia, de forma alguma, ter sido uma brincadeira. Com um brado fino, ela chamou o diretor da central de atendimento, que, escorado na parede do outro lado da sala, tomava café enquanto espreitava as expressões amoladas de todos os atendentes com olhos mortíços em frente a tela dos computadores.

705 Naquele momento, ao lado de um telefone público à margem da rodovia próxima ao motel Brandy, um homem deu partida em um Vectra preto molhado pela neblina. Seu rosto estava traçado pelas marcas do alívio e da satisfação e seus olhos não estavam mais vermelhos e angustiados. Tirou a carteira de cigarros do bolso do casaco e jogou na margem da estrada; não precisava de mais nada que lhe servisse como calmante, não sentia mais angústia e compunção pelos antigos pecados, apenas serenidade, a mesma serenidade que sentira há muitos anos; o que ele não sentira novamente foi o tormento que deturbou parte de sua vida passada. Soube naquele momento que de nada adiantava fingir ser quem na verdade não era.

720 Duas horas depois, cinco viaturas policiais circundaram o motel e sem permissão arrombaram a porta de uma das melhores suítes. A plaqueta cúprica com o número 13 que havia pregada na porta caiu no chão borrifado de sangue. O policial que analisava o corpo de uma das vítimas tapava a boca com um tecido, sabendo que a outra vítima fora carregado às pressas para dentro de uma ambulância. Aquilo ali sim era o tipo de crime que exigia a experiência e a aptidão do detetive mais sangue-frio da cidade.

725 Na ambulância, Clark nem percebia o que estava acontecendo, apenas respirava e sentia o nauseante gosto de sangue na garganta.

730 Um gosto inconfundível. Deitado sobre a maca, seu nariz continuava a sangrar dolorosamente e sobre seu peito os braços cruzados estavam inchados e cheios de hematomas que assustavam toda a equipe do resgate pela crueldade do assassino. Em um dos braços, o úmero quebrado rasgou a pele, saltando uma lasca pontiaguda de osso para fora; olhando para baixo do pescoço, dava-se para julgar que todos os ossos na região da escápula até as últimas costelas estavam quebrados. Mas Clark estava tão narcotizado pelo que acontecera que nem mesmo dava importância à tamanha dor que seu corpo sofria. Talvez nem soubesse que estava dentro de uma ambulância que saía em uma velocidade assustadora rumo ao hospital mais próximo, numa distância de mais de 120 quilômetros do motel. Talvez acreditasse que o inferno veio até ele para cobrar-lhe uma dívida que tivesse deixado para trás, perdido no esquecimento do passado e que agora lhe vinha à mente. Teve a inconsciente impressão que acabara de pagar pelos pecados e que não saíra vivo da cobrança, e em uma rápida imagem espectral surgiu os lábios de seu velho pai lhe admoestando; *“Sabe, Clark? O confortismo é uma prisão, uma clausura aconchegante, ela nos vicia e nos impede de sermos sábios e conhecedores. Eu não irei estar sempre aqui para lhe defender de seus inimigos.”* Realmente, Ricardo Meisinger não estava mais ali.

750 A cortina preta e felpuda tapava a janela de vidro e impedia que entrasse o mínimo de claridade no quarto sombrio e dois ponteiros fosforescentes brilhavam sobre uma mesa obumbrada e indicavam duas horas e quatorze minutos da madrugada, o exato momento em que o celular do detetive Alberto Cooper vibrou sobre a cabeceira da cama. Sonolento, ele esticou o braço para apanhar o telefone.

755 —Alô.— ele ouviu uma voz perguntar seu nome e colocou-se sentado no colchão— Ele mesmo.

760 —Marcos Silva.

Alberto soprou ar pela boca e formou um semblante amolado.

—Sim, o que houve desta vez?

—Estou no Brandy, houve um assassinato.

765 —Que novidade.— disse Alberto, pressionando os dedos sobre os olhos— Mas..., continue.

—Querida que você visse o que aconteceu aqui antes que os peritos da polícia percam a paciência e entrem vasculhando tudo sem

o mínimo de cuidado. Está difícil mantê-los lá fora. E você sabe até onde eles iriam por uma análise que colocaria seus nomes em uma manchete.

770 —Sei, esses oportunistas desgraçados. E então, o que houve de tão interessante aí?

775 —Houve aquele tipo de crime que, enquanto deixa o mundo inteiro estupefato, faz um detetive como você se sentir ainda mais vivo.

Após puxar o cordão da pantalha e olhar a hora no despertador sobre a mesa, Alberto coçou os cabelos desarrumados.

780 —É, eu preciso mesmo me sentir vivo. Não deixe ninguém tocar no corpo, em uma hora e meia, no máximo, estarei aí.—concluiu, jogando o celular desligado sobre a mesa.

785 Ainda sonolento, Alberto passou as mãos sobre os cabelos emaranhados, desencrespando-os, e apanhou uma calça jeans amarrotada que estava sobre o carpete encoberto de cinzas e guimbas de cigarro. Vestiu sem muita pressa e pegou um revólver que havia sob o travesseiro e colocou-o na cintura, privando-se do coldre que teria que cruzar por sobre os ombros. Depois de sair do quarto e entrar na cozinha, ele apanhou um sobretudo cinza e bafioso que cobria o espaldar da única cadeira que havia ao lado da mesa e jogou-o sobre os ombros. Sobre o mantel conspurcado de café e encoberto de migalhas de pão, havia um exemplar velho e desencapado do livro *A ira dos Anjos* de *Sidney Sheldon*. Antes de sair do apartamento, da chafurda em que vivia, o detetive direcionou um olhar de desprezo para o livro, e por fim, pegou e jogou o exemplar antigo dentro de uma lixeira no canto da cozinha antes de sair rápido pela porta. Com pressa, ele desceu os quatro andares do prédio pela escada poeirenta que trescalava fezes de animais até o pequeno estacionamento onde havia apenas dois automóveis; um Corcel marrom e seu Opala 84 bordô. Entrou no carro e deu a partida. Não que fosse induzido pela pressa, mas andar em velocidade alta era uma das características do veterano detetive Alberto Cooper, que saiu cantando pneus após ver o portão enferrujado do estacionamento se abrir lentamente, seguido de um ruído agudo que solucionava qualquer problema dúbio de câries. O detetive rilhou os dentes ouvindo o ruído e pisou fundo no acelerador.

305 Às três 3:30 o Opala foi estacionado atrás de uma fileira de

310 viaturas policiais e algumas ambulâncias. Alberto desceu rápido, batendo forte a porta, e caminhou uns 200 metros até o portão aberto da garagem da suíte número 13. Passou pela fita de isolamento que circundava a pequena entrada sem dar importâncias aos policiais fardados que mantinham os olhos vigilantes na face das pessoas que cochichavam com os olhos curiosos para dentro da garagem; algumas das mulheres nem mesmo se importavam em estar seminuas ao lado de seus parceiros enquanto outras desfilavam de roupão de um lado para o outro. Entrando na garagem onde estava o carro de Clark, Alberto crispou o cenho ao perceber a escada toda respingada de sangue, e por um instante ele imaginou o que estava lhe esperando no quarto. Escorado no marco da porta, um policial jovem aguardava o detetive apressado, como se esperasse sôfrego o detetive mais experiente da cidade para ouvir seu parecer meticuloso ou para se livrar da premência dos que tentavam entrar na suíte.

320 —Nossa! Quanta rapidez.— disse o policial, com um sorriso desfaçado que logo foi cortado.

325 —Tudo pra você é como uma brincadeira, não é mesmo?!— retrucou o detetive.

—Nós não tocamos no corpo.— afirmou o policial, inteiramente desconcertado— Não imagina o quão difícil foi manter todos lá fora.

330 —Faça por merecer essa insígnia de capitão, Marcos.— argumentou o detetive.

335 Curioso, Alberto entrou no quarto sendo estudado pelos olhares analíticos de Marcos Silva e de um outro policial que se colocava em meio a porta. Antes curiosa, a expressão do detetive ficou atônita, apalermada, quando avistou sobre a cama um corpo totalmente destruído envolto de sangue coagulado e pelo vestido cortado ao meio, a única evidência de que aquele corpo era de uma mulher. Havia profundos cortes no rosto e nos lados da boca aberta, aumentando o tamanho do ricto; as marcas acima e abaixo dos lábios denunciavam claramente que fora amordaçada antes de ser assassinada para que não gritasse e que os cortes na boca foram feitos depois de ela morta. À primeira vista, o detetive julgou que o assassino removeu a fita adesiva da boca para algum propósito, e certamente depois de ela morta. As mãos amarradas juntas estavam presas a um dos balaústres da cabeceira metálica, da mesma forma que os pés estavam amarrados na traseira da cama— em um dos

340

345

pulsos, o relógio que Jasom deu de presente a Manuelle ainda reluzia em dourado, mesmo envolvido pela fita transparente. Era horrível ter de olhar para o abdômen estraçalhado, parecia ser apenas um vazio preenchido de sangue conglutinado onde fragmentos de vidro boiavam. Lembrava muito um ritual satânico. Mas o mais terrível e cortante era ter de olhar nos olhos dela. Estavam abertos e num brilhantismo vívido e sensibilizante, a prova clara e angustiante da tortura que sofrera.

—Meu... Deus!— rosnou o detetive, assombrado, esquivando os olhos fechados do corpo.

—Qualquer um ficaria surpreso.— sussurrou Marcos Silva ao policial que estava postado ao seu lado, ambos com gosto de vômito na boca.

Alberto pressionou os dedos sobre os olhos e por alguns minutos calou-se, totalmente surpreendido. Mas ele tinha que ser forte, seria ele quem teria que descobrir quem era o assassino, o monstro que fez aquilo. Pensando dessa forma ele abriu os olhos vermelhecidos.

—Quem é?— indagou o detetive, olhando inexpressivamente para Marcos Silva.

—Não sabemos. Você pediu para que não tocássemos no corpo.

—Ah, melhor assim. E..., ela estava sozinha?

Pelo amor de Deus, isso é um motel, pensou Marcos, mas não foi exatamente isso que ele disse ao detetive:— Há uma testemunha que foi levado ao hospital em estado vegetativo.

—Não tiro a razão dele.— o detetive afirmou olhando outra vez para o corpo.

Ele quase ficou sem ar e ameaçou em roer as unhas, mas estava diante de dois olhares que o analisavam escrupulosamente e não queria mostrar indício algum de fraqueza, afinal, ele era um detetive, o melhor e mais durão da cidade. Conteve a respiração e colocou as mãos no bolso do casaco. Em passos lentos ele circundou a cama, aproximando-se da cômoda dourada onde sobre ela havia uma bolsa próxima a um paletó. Tirou do bolso do sobretudo um par de luvas, vestiu-as e apanhou a bolsa. Abriu-a cuidadosamente e retirou dela uma carteira rosada. A respiração que estava presa na garganta do detetive foi expelida com força no instante em que a carteira rosada caiu aberta no chão, junto com o documento de identidade de

885 Manuelle Radmim Cavalhais, que submergiu numa poça de sangue atropurpúreo. A passos longos e desconcertados, o detetive correu para o banheiro. No quarto, os dois policiais ouviram o barulho do vômito cair no vaso sanitário e em seguida o ruído da descarga.

—Coisa boa não é, pode ter certeza.— deduziu Marcos Silva.
890 — Ele não tem nojo de sangue.

Minutos depois Alberto saiu do banheiro com o rosto e os cabelos molhados e se aproximou olhando fixamente nos olhos de Marcos, como se repreendesse algum pensamento.

—Com quem ela estava?— indagou o detetive, com um lenço tapando a boca.

—Quer vomitar de novo?

—Vamos! Me responda!

A ordem de Alberto foi ríspida e forçou o policial a responder no mesmo átimo:— Clark Meisinger.

—O quê!— outra vez o detetive esbugalhou os olhos.

Marcos formou uma expressão asseverativa e logo após olhou para o chão. Por um longo tempo houve um silêncio. Houve apenas o barulho do vento entrando pela janela quebrada e os passos lentos do detetive sobre alguns fragmentos de vidro. Quando ficou de frente ao corpo, ele parou e olhou para frente, deparando-se com seus olhos vidrados no espelho oblongo atrás da cabeceira. Notou no espelho oito marcas de dedos sujos de sangue, certamente feitas pelo assassino para mostrar que usava luvas e que seria tempo perdido procurar por suas digitais. Logo em seguida ele voltou os olhos para o policial que continuava próximo à porta.

—Pelo visto vai ser bem complicado encontrar o autor disso aqui.— disse ele— E..., tenho quase certeza que Clark também tem um pouco de culpa na morte dessa garota.

—Se isso aí é uma garota.— respondeu de forma inescrupulosa o policial Marcos Silva, olhando para o corpo.

Pela manhã, antes da aurora, antes mesmo do dilúculo por sobre as nuvens carregadas, Reginaldo já se via exausto, mancando uma das pernas pelas ruas escuras da cidade. Procurara tanto sua irmã pela noite que sua perna deficiente latejava de dor; doía de tal forma que nem mesmo tinha forças para ficar desesperado. Ou melhor, ele estava desesperado, mas apenas em pensamentos. De seu pouco dinheiro restavam-lhe apenas três reais em moedas que juntas

025 causavam um barulho irritante no bolso da calça enquanto
caminhava. Quando passou em frente um botequim velho e esburco
foi que ele sentiu que a garganta estava seca, tanto que talvez nem
conseguisse balbuciar palavra alguma. Precisava urgentemente de
algo para que lhe servisse como estimulante e precisava ler o jornal.
030 Entrou no bar e, limpando a testa porejada com a manga da camisa,
sentou-se em uma cadeira em frente ao balcão. Com a voz quase
inaudível, ele pediu uma taça de café para um velho de semblante
rebarbativo que o encarava escorado sobre o balcão. Cruzando um
olhar por sobre o balcão ele soube que não havia jornal algum, pois
era tão cedo que nem mesmo os jornais tinham sido entregues. A
035 imagem do café caindo de um bule antigo e amassado em uma xícara
foi lenta e esfumaçada. Reginaldo sentia-se tonto e tinha a impressão
de que a qualquer momento poderia desmaiar ou sofrer uma
convulsão; mas seus nervos estavam fracos demais para tremer e ele
era forte demais para se entregar. Além do mais, ele era comparável a
040 um guerreiro que estava arduamente sobrevivendo em um mundo
onde só os fortes sobrevivem. Olhou para sua imagem refletir
negramente no café dentro da xícara e notou em seu rosto as fortes
semelhanças com os traços de sua mãe. Respirou fundo, tinha que ter
força, era seu dever resistir até o final; ele tinha uma mãe dependente
045 que se tornaria ainda mais dependente e frágil se sua irmã estivesse
morta. Cerrou os pulsos sobre a mesa e apanhou a xícara. Enquanto o
limbo do caneco resvalava tremulamente sobre os lábios, uma notícia
começou a ser transmitida em uma TV velha junto à parede atrás do
balcão. Ele não teve coragem e força para olhar diretamente para as
050 imagens e abaixou a cabeça escutando o que foi o suficiente para lhe
deixar mentalmente apavorado:

*"Na madrugada desta noite, um brutal assassinato ocorreu no
Brandy, um distinto e discreto motel a 120 quilômetros da cidade.
Um crime bárbaro que chocou até mesmo os policiais que avistaram
055 o corpo de uma jovem que ficou totalmente destruído sobre a cama
de uma das suítes. A jovem Manuelle Radmim Cavalcas
acompanhava Clark Meisinger, um empresário reconhecido
nacionalmente por representar corporativamente a empresa
Meisinger Multimídia, uma das maiores do mundo na área da
060 informática. Segundo informações, Clark foi deslocado com urgência
para o Hospital Central em estado vegetativo. Disse, há poucos
minutos, o detetive que fora voluntariamente incumbido pelo*

065 *inquérito, Alberto Cooper, “seguido uma pista encontrada” no*
corpo da jovem, que o criminoso supostamente se trata de um
assassino de longa data e que hilariamente voltou a ativa esta noite.
Quanto a nós, resta apenas esperar que a cabal justiça seja feita a
essa jovem e a esse...”.

070 A voz metálica do repórter fez Reginaldo levantar lentamente a
cabeça, derrotado, e quando o velho colocou o bule de café sobre
uma pequena mesa ao canto, Reginaldo jogou algumas moedas sobre
o balcão e saiu do bar com lágrimas molhando o rosto esmaecido. A
única imagem que aflorou em sua mente fora a do rosto corrugado de
sua mãe. *Como ela suportaria isso?*

075 —Tem cada maluco nessa cidade.— rezingou o velho,
juntando as moedas e levando o caneco de café que acabara de servir
à boca.— A polícia *devia* prender esses drogados.

080 Aquela foi uma noite de dor, de desespero, de esperas
angustiantes, de tristezas e de brutalidade. Um pobre jovem procurou
desesperadamente sua irmã pelo submundo onde ela não estava. Um
artista idolatrado decepcionou seus fãs faltando a um show esperado
com instância por mais de sessenta mil pessoas— no quarto do hotel
as lágrimas molharam seu rosto enquanto as lembranças eram
085 sucessivamente exumadas. O fato de não poder intervir em nada fez
Jasom sentir-se inútil e um ódio contra si mesmo nasceu e
instantaneamente aumentou quando pela manhã ouviu a notícia da
morte de sua amada, sua egéria, o significado único de suas letras.
Perdido em tristeza, ele lembrou-se do dia em que Manuelle brincou
dizendo que seu nome um dia seria uma canção linda e talvez assim
090 todos soubessem quem ela foi. Mesmo que de forma burlesca,
referindo-se ao sonho de Jasom de um dia se tornar uma cantor de
sucesso, aquelas palavras agora pareciam sinceras, agora elas faziam
sentido. Naquele átimo, o ímpeto fez ele lançar seu próprio CD contra
a parede antes de cair encolhido pelo sofrimento sobre o carpete.
095 Quando a dor se amenizou, depois de horas, ele abriu uma pequena
valise que havia sobre uma mesa próximo à cama, tirando dela um
pequeno caderno e uma caneta.

000 —O *tempo* acabou, Manu.— disse ele, a voz flébil— Agora
será apenas lembranças.

Embaixo de um edredom sedeúdo e aconchegante, Edward se

005 via deitado ao lado de sua esposa, que dormente se igualava a um
anjo feminino de cabelos louros que se espalhavam sobre os ombros e
o rosto. Com os olhos semicerrados, ele olhava para ela e nem
imaginava que a chuva que começava a cair eram as lágrimas de
Deus subjogado pelos pecados dos homens. Seus olhos se abriram
completamente quando o rádio-relógio despertou às oito horas numa
010 radioemissora da FM. Jon Bon Jovi cantava a última estrofe de Bed
Of Roses quando o locutor imiscuiu-se noticiando os últimos
acontecimentos.

—Quantas barbáries será que aconteceram está noite?—
perguntou Edward ao perceber Cristiane oscitar e lentamente abrir os
olhos.

015 —Odeio ter de ouvir notícias cruéis todo o dia. Odeio este
mundo violento.— ela esfregava a palma das mãos sobre os olhos
fechados.

—Mas é bom ouvir esse tipo de notícia pela manhã. Nos traz
de volta para o mundo onde realmente vivemos.— disse ele, dando
atenção à notícia que estava sendo transmitida por um comentarista
020 que estava no local onde acontecera um dos assassinatos daquela
noite.

*"Há algumas horas eu falei com o detetive Alberto Cooper,
que foi um dos primeiros a avistar o corpo da vítima do assassinato
que ocorreu esta noite no motel Brandy. Disse ele que se tratava de
025 uma garota de programa de aproximadamente 20 anos que estava
acompanhando..."*

—Você não está num motel e eu não sou uma garota de
programa.— comentou Cristiane, com um sorriso indulgente— E se
fosse, certamente você *me* protegeria de qualquer pessoa.

030 Edward olhou de lado para ela e devolveu-lhe o sorriso com os
ouvidos ligados à notícia sendo transmitida. Logo de início ele
vinculou a notícia com o fato de que no dia anterior ele indicara o
motel Brandy a um funcionário da Meisinger.

*...há alguns minutos fiquei sabendo que uma das vítimas foi
035 deslocado ao Hospital Central da cidade. Mas lamentavelmente
Manuelle Radmim Cavallhais, como se chamava a garota de
programa, não teve a mesma sorte de seu companheiro, o
empresário Clark Meisinger. Direto da cena do crime, Jonas
Rurqueti.*

040 Ao ouvir o final da notícia, Edward mudou subitamente de

045 cor, ficando perplexo sobre a cama. Seus olhos enrubesciam-se à medida em que a respiração estava sendo obstruída na garganta, sufocando-o. Parecia uma estátua bem esculpida e decúbita sobre um estrado de agonia e dor. Foi como se algum assassino entrasse em seu quarto e o baleasse várias vezes no peito. Queria que tudo o que acabara de ouvir fosse um equívoco da audição, que não ouviu o nome de Manuelle, de sua filha abdicada, entre as vítimas da violência. Nem sentia as lágrimas molhando a face e os braços de Cristiane abraçando o corpo. Quando recuperou a audição e ouviu a última frase do locutor que afirmava que o ser-humano é o pior dos animais, o mais bestial e maligno, e que estamos vivendo em um mundo desditoso e perdido em desgraças absurdas e *intransigentes*, Edward sobressaltou-se, ficando sentado sobre a cama.

055 —Não! Não pode!— o brado roufenho foi como de quem tivesse despertado de um pesadelo.

060 Cristiane levantou-se junto e tentou abraçá-lo novamente, como se tentasse arrancar a dor súbita incrustada em seu marido. Mas num gesto inopinado, ele se livrou dos braços dela e saltou da cama, correndo para o banheiro. Segundos depois, quando escutou o fragor do espelho se quebrando e dos brados de desespero, Cristiane correu até o banheiro e encontrou-o encolhido no canto, próximo à banheira gelada. Vendo que sangrava as juntas dos dedos, ela caiu no chão e o abraçou. Dessa vez ele não tentou se livrar dos braços dela, talvez nem percebesse sua presença e nem sentisse a torrente de sangue escorrendo pelos dedos.

065 —Clark vai pagar por isso, amor.— sussurrou Cristiane, depois de um longo tempo.

O rosto dele imediatamente adquiriu cor e vivacidade e uma expressão confusa estampou-se ao ouvir aquelas palavras.

070 —Clark?— indagou ele, o rosto pálido, afastando-se do corpo de Cristiane.

—Você..., você não ouviu?

075 A notícia da morte de Manuelle foi tão intempestiva e obtundente que Edward que nem mesmo ouviu o nome de Clark em meio ao comentário, percebeu Cristiane. Ao olhar para a face enleada de seu marido, ela o abraçou, compreendendo seu desentendimento, sentindo a pele frígida dele se aquecer aos poucos e em sua face o ódio pouco a pouco adquirir uma forma calma e vingativa, sobrepujando aos poucos a moção.

080

085

090

095

100

105

110

115

Foi naquela mesma radioemissora que Bruna ouviu a notícia. Foi um choque, certamente, mas não houve outra reação além do choro de desilusão em frente o espelho do guarda-roupa, onde se comparou com um quadro de Picasso junto à parede do quarto, onde uma mulher se deparava com seu reflexo no espelho; seu lado sombrio e realístico no reflexo parece provar a ela que toda a sua vida está envolta de falsidade e solidão. Soube então onde seu marido tinha passado a noite. Seus lábios secos e rachados tremiam de raiva e de tristeza. Não havia compaixão, apenas o desamor intrínseco, que naquele momento, influenciado pelo acontecimento, se transformava em aversão. Nos cantos dos lábios, uma pequena marca de sorriso surgiu aos poucos. Por fim, ela limpou as lágrimas com a ponta dos dedos e sentou-se na cama, de frente para ao roupeiro onde sobre ele estavam as duas malas que usara para trazer as poucas roupas que tinha quando se casou com Clark; sorriu achando engraçado e irônico, pois seriam elas que iriam levar suas roupas para distante daquela casa, o lugar onde viveu os anos mais tristes e de sua vida.

Na tarde daquele dia ela saiu daquela casa sem despedir-se de seus empregados. Por um tempo, enquanto andava na direção da porta carregando apenas duas pequenas malas, ela parou ao intuir que o mordomo Rui a observava por trás da divisória. Mas ela, sabendo que era de uma personalidade facilmente persuadível, não podia virar-se para trás para encarar os olhos túrgidos do mordomo; respirou fundo e sem olhar para trás, literal e metaforicamente, saiu pelas portas da mansão. Atrás da divisória, Rui pensou em impedir, mas a lembrança do que ela tinha passado na mansão, de seu sofrimento, o dissuadiu, fazendo-o recuar os passos para trás da divisória. Não queria que o fim dela fosse igual ao fim de Tea. Num filosófico raciocínio ele exprimiu as palavras, vagamente relembando de sua cidade natal, de Bolonha dos anos 50— no subconsciente desejo de fugir da vida, muitos homens e mulheres dizem estar caminhando rumo ao progresso e futuro, fugindo de um presente impróspero. Quando a vida se torna ramerraneira, os homens pensam em mudar de vida; vou atrás dos meus sonhos, exclamam eles, sonhos que não são sonhos de grande importância, e sim, fugazes desejos que naquele momento se tornam sonhos com a leve influência da aziaga situação. Enfim, tudo é apenas um meio de fugir da vida quando os problemas e a tristeza os cercam.

120 Sem olhar para trás, para o passado que se afastava aos poucos, se perdendo dentro de uma mansão, Bruna recomeçou sua vida com um novo sorriso, um sorriso falso e malicioso. Nunca mais seria a mesma, nunca mais confiaria em ninguém ou amaria alguém; estava institucionalizada na falsidade e na malícia. Seria mais uma neófita relutante em um mundo em que discernia apenas a maldade e a perfídia, nada de amor e felicidade, pois o homem a quem amara fora o único responsável por sua tristeza e desilusão.

130 Aquela foi a pior noite da vida de Júlia, a mais longa e angustiante. Passou cada segundo dela sentada em sua velha cadeira de vime e fumara quase três maços de cigarros enquanto imaginara mil coisas que pudessem ter acontecido com Manuelle. Era pela manhã e lá estava ela, com os olhos aflitos em direção à estrada poeirenta. A fumaça densa e urticante do cigarro entrava nos olhos e ustulava-os, e mesmo assim ela não piscava com frequência. Depois
135 de horas de espera ela avistou alguém se aproximando ao longe; enquanto andava ele mancava uma das pernas. Inconfundivelmente era seu filho e ela sorriu, respirando alívio. Mas a cada passo de Reginaldo, a tristeza estampada em seu rosto ficava mais nítida e preocupante. Automaticamente, Júlia lembrou-se de Manuelle e suspirou. Reginaldo estava triste, mas estava bem. *E quanto à Manuelle?* Minutos depois, ao abrir a porta, as lágrimas escorrendo pelo rosto de Reginaldo taparam a respiração de Júlia. Não havia mais presságio algum, alguma coisa de ruim irrefutavelmente havia acontecido. Minutos depois era Reginaldo quem estava sentado na
145 cadeira de vime, ouvindo os gritos de Júlia se amenizando aos poucos pelo cansaço enquanto ele mantinha as mãos apoiando a testa. Sabia que nem a mais doce das palavras poderia atenuar a dor de sua mãe. Restava apenas esperar que o tempo se passasse rápido e que o desespero se transformasse simplesmente em tristeza. Restava
150 também esperar pelo mais importante e mais difícil de acontecer; uma explicação consentânea que justificasse a morte de Manuelle.

155 Depois da necropsia, que durou um dia inteiro, o IML liberou o corpo de Manuelle para o velório, depois de ficar horas em meio a outros corpos, que pertenceram a outras vidas e que ali estavam sendo olvidados, no frio, nas portinholas de metal... Foram retirados do corpo dela todos os órgãos, os cabelos e um pequeno fragmento de

160 metal oxidado encontrado em um corte superficial no rosto— esse foi entregue ao detetive Alberto Cooper junto com o vestido rasgado ao meio. Seus pertences, o relógio que ganhara de Jasom, o celular e a bolsa foram entregues à Júlia dias depois do enterro junto com um par de brincos de prata e um colar de pérolas negras e aljôfares rosados que Manuelle usava na noite em que fora assassinada.

165 Dentro de um armário pequeno, mas que ocupava um significativo espaço em seu pequeno quarto no apartamento, ficaram suas fotos, algumas ao lado de Jasom, suas roupas dispendiosas e suas jóias exuberantes. Bem ao fundo de uma das gavetas ficou a estrela que ganhara de seu pai; mesmo estando desbotada pelo tempo, ela continuava a reluzir MANUELLE em dourado. Dias depois
170 Kelica a encontrou e primeiramente não soube de sua história, de quem Manuelle teria ganhado e o que ela significava. Por fim, colocou-a em uma mala junto com as roupas que seriam entregues a sua mãe.

175 Manuelle, que para muitos foi uma prostituta soez, para alguns foi uma como uma estrela inatingível que inexplicavelmente infundia-lhes medo. Quem, afinal, foi ela?! Ela foi apenas Manuelle, o exemplo literário do mistério inerente que há em cada mulher, dos diferentes significados que elas representam para as pessoas, do amor que delas se origina e do ódio que elas produzem nas pessoas por
180 simplesmente serem incompreendidas. Quem foi ela além da inocência imponente mesmo estando no opróbrio? Além do fruto da ignorância de um pai altivo e jactancioso, do resultado da própria puerilidade, da beleza mais temível e perturbadora?...

185 Engraçado, as respostas são sempre póstumas, como a tristeza, a consideração, a notoriedade..., Enfim, tudo o que nos faz sentir humanos, às vezes culpados, e nos faz pensar; agora é tarde demais para arrependimentos.

190 O corpo de Manuelle foi velado na manhã de domingo em um salão antigo próximo à casa de Júlia, o mesmo salão chapiscado onde Manuelle conheceu Jasom cantando sobre um palco de madeira.

195 A notícia da morte daquela garota de programa foi tão emotivamente propagada pelos jornais e telejornais da cidade que centenas de pessoas compareceram ao velório, mas ninguém podia descartar a influência de seu envolvimento com um dos mais proeminentes empresários da cidade, questionavelmente filha de um

de seus sócios. A minudência das redes de comunicação foi explícita, incitando os ouvintes e leitores a questionar o caso. Perguntas tácitas surgiam a cada segundo, se propagando silenciosamente, e todos que ouviam a história automaticamente se transformava em mais um investigador ponderando todas as hipóteses. Mas isso não era apenas o resultado da mídia detalhada narrando o presente e o passado das vítimas do assassinato do motel Brandy, pois realmente era estranho o fato de uma garota de programa, filha de um dos sócios de uma empresa conhecida mundialmente, ser trucidada dentro de uma suíte de motel acompanhando o presidente de tal empresa. Parecia até uma execução. Cheirava a vingança. Em poucas horas os familiares de Manuelle e de Clark passaram a ser como personagens de uma história de mistério; Júlia, Reginaldo, Bruna, Edward, Cristiane, Jasom..., Com exceção de Jasom, todos finalmente se tornaram famosos.

Quem matou Manuelle? E por que?

Essa pergunta suscitou em muitos à lembrança da morte de Ricardo Meisinger, o pai de Clark Meisinger, que era filho de mãe suicida.

Na tarde do mesmo dia o corpo dentro do féretro comum mais fotografado da história desceu à sepultura, e como se Deus chorasse, a chuva molhava a terra vermelha que caía sobre a tampa do ataúde. As lágrimas de Júlia, que aos 62 anos sofria vendo sua filha ser enterrada, caíam em meio a chuva. Mesmo triste, seus lábios não deixavam de formar um sorriso incompreendido, pois imagens límpidas do rosto de Manuelle quando criança formavam um clipe nostálgico de sorrisos e deixavam-na mesmerizada olhando para o túmulo, tanto que nem mesmo ouvia os murmúrios de consolo de seu filho, que descansava consoladamente um dos braços sobre seus ombros. Numa de suas recordações, uma voz fina e suave de criança ecoou nos ouvidos:

—Mamãe?

Naquela tarde, há mais de 16 anos, Júlia olhou irritada para o lado, fitando os olhos azuis embelezando o rosto cândido de sua filha.

—*Que que foi, Manuelle?! O que você quer, menina chata?!*

Manuelle franziu a testa e deu-se para perceber que seus lábios tremeram numa ameaça de choro diante a voz exaltada de Júlia. Mas segundo depois, num dos primeiros indícios da personalidade inabalável e altiva que dominaria Manuelle, olhando para o rosto

severo de sua mãe, aquela criança tão singela esforçou-se e formou um sorriso enquanto pronunciava uma frase doce, que naquele momento para Júlia foi tão lancinante quanto um monte alfinetes perfurando-lhe remorsalmente o coração:

—Eu te amo, sabia, mamãe?

Novamente Júlia sorriu lembrando do abraço que dera em sua filha naquela tarde que ficara perdida no passado.

Naquele momento, no presente, estando naquele cemitério, Júlia também estava morta, retida às lembranças, tão absorta que sentiu na pele o calor de sua filha tentando envolver seu corpo com seus braços tão pequenos e imensamente afáveis. Absorvida, Júlia nem percebia que Edward, em sua frente, no lado oposto do túmulo, sofria da mesma forma, como da mesma forma não percebia Júlia em sua frente, Cristiane ao seu lado, e alguns fotógrafos que teimavam em continuar tirando fotografias de rostos dissimulados por óculos escuros.

Mas, como muitos esperavam, Jasom não estava ali, o cantor famoso, ex-namorado de Manuelle, não compareceu ao velório.

280 Cinco dias se passaram depois do enterro de Manuelle, e enquanto alguns sofriam pela perda, o detetive Alberto Cooper enlouquecia em pensamentos. Depois de recuperar-se do choque ao deparar-se com o corpo daquela jovem e logo após descobrir de quem ela era filha, ele examinou o corpo antes que a vagarosa equipe do IML chegasse para remover o corpo. Não encontrou nada além de sangue e de duas folhas de papel dobrada várias vezes, uma sobre a outra, certamente para que o escrito não se tornasse ilegível pelo sangue, e colocadas abaixo da língua. A segunda folha, protegida pela
285 primeira que servia de invólucro, não era nada além de um papel conspurcado de sangue até que ele desdobrasse cuidadosamente e avistasse nele o desenho bem feito de um símbolo que ele já conhecia; o mesmo símbolo que estava riscado no corpo de Ricardo Meisinger. Quando relembrou daquele desenho ensanguentado, o papel caiu no chão e uma sucessão amiudada de lembranças pespegaram sobre sua mente já embaralhada, quase prostrando-o sobre o chão lavado de sangue. O que restabeleceu sua consciência foram os repórteres que circundavam seu conhecido Opala 84 e os holofotes das câmeras que propalaram seu rosto pálido para os mais críticos canais de televisão. Naquele momento ele não fez ideia de como eles estavam ali, só depois de três dias foi que ficou sabendo que o próprio assassino ligara para alguns dos mais influentes repórteres noticiando o que havia acontecido com um dos maiores empresários do país. O que mais intrigou o detetive foi o fato doentio de o criminoso transmitir por telefone os gemidos de Manuelle, obstruídos pela fita adesiva colada na boca, que ficaram gravados em um gravador de voz portátil.

295 Nos cinco dias decorridos, o detetive procurou devassar tudo sobre o que acontecera no dia antecedente à noite em que aconteceu o crime e tudo o que encontrara estava deixando-o maluco. Até então não sabia sobre a relação entre Manuelle e Jasom Mirojinick. Ficou sabendo disso no domingo, depois de retornar do funeral de Manuelle e ligar a tevê em um canal de notícias urgentes. Já na primeira tentativa por telefone, Jasom aquiesceu ao pedido do detetive, e após
300 uma conversa lacônica em um hotel da cidade, Alberto ficou estupefato com tamanha premeditação e convicção do assassino, que tivera ligado para Jasom avisando-o sobre o que iria acontecer com

315 Manuelle e com o fato aflitivo de que Reginaldo também sabia sobre
o que poderia acontecer com sua irmã. Jasom comentou também
sobre a noite em que encontrou-a em um restaurante com um velho e
deixou claro sua ilação, segundos depois confirmada pelo detetive, de
320 que ela poderia ser uma garota de programa. Alberto procurou
também por Júlia e Edward, mas não fez muitas perguntas,
respeitando a tristeza deles pela morte de sua filha. A maioria das
perguntas quem respondia era Reginaldo por Júlia e Cristiane por
Edward. Mas ficar sabendo sobre a relação de indiferenças entre
325 Edward e Manuelle foi o bastante para classificar as intenções de
Manuelle e de Clark como vingativas, mas não tinha a certeza de que
eles conspiravam juntos para ridicularizarem Edward em frente todos
os conservadores acionistas da empresa. Enfim, as informações eram
muitas e coerentes, mas não havia prova alguma de quem poderia ter
330 cometido o crime. Alberto sabia que de alguma forma o assassino
tinha algum vínculo com o assassinato de Ricardo Meisinger e
aparentemente poderia ser o mesmo criminoso ou alguém tentando
imitá-lo. *Mas quem se as fotos do corpo de Ricardo nunca saíram
das mãos do IML? Se apenas ele, João Lopes, seu antigo
companheiro de investigação, e o aposentado chefe do
departamento, Michael Seltzer, tiveram acesso à essas fotografias?*

335 Depois de analisar várias vezes as fotos retiradas da cena do
crime, Alberto jogou-as sobre a mesa. Seu semblante descorado,
prova das noites em que ficara acordado, se apagava ainda mais pela
fumaça que subia de um caneco grande cheio de café. A náusea
matinal fazia ele engolir a saliva azeda para não cuspi-la sobre a
340 mesa. Premeu as pálpebras inchadas e olhou para a parede onde havia
um relógio digital. Repolteou-se sobre o respaldo da poltrona e
apertou forte os dedos sobre as têmporas. Eram pouco mais das nove
horas da manhã e ele tinha um dia todo pela frente. Quando pensou
seriamente em apoiar a testa na mesa para um rápido cochilo foi que
345 a porta se abriu.

—Bom dia.— cumprimentou um homem grisalho que surgiu
em meio à porta.

Alberto ergueu os olhos e vincou a testa, surpreso, e
lentamente um sorriso tomou forma em seus lábios ressequidos.

350 —João... Lopes.— disse, cruzando um olhar surpreso de cima
para baixo, observando desde as muletas que seu antigo parceiro
estava usando até os lábios tortuosos abaixo de um bigode preto e

mal feito, sinal claro de um derrame superado, e então fechou o sorriso, esforçando-se para não parecer surpreso— Você está tão diferente.

—Assim como você, meu amigo.

Alberto imaginou seu retrato grisalho, como de um velho cansado, e suspirou.— É. Faz..., realmente faz muito tempo.

O detetive conteve-se para não se levantar e dar um abraço em seu velho amigo. O tempo se passou e tudo estava diferente, tudo estava decaído. A atrofia chegara para todos nos dias em que todos necessitavam de forças, e a única coisa que o detetive Alberto Cooper não precisava era de algo, o mais insignificante que fosse, que pudesse corromper seu ego cansado. E então ele manteve sua postura sisuda de investigador inflexível e circunspecto e apurou-se sobre a poltrona.

—Sente-se.— disse ele, indicando a cadeira ao seu antigo amigo.

João Lopes já não era o mesmo de antes, de semblante rábido e de olhares pungentes escondidos por amplos óculos semi-escuros. Se tornara um velho calvo de óculos arredondados e se esforçava para manter um sorriso nos lábios retorcidos. Sua voz era abafada e um pouco rouca enquanto procurava cadenciar cada sílaba para não se atrapalhar na pronúncia, o que dava a ele um aspecto de velho bondoso e amigável.

—E então, diga-me, o que anda fazendo?— indagou Alberto, esquivando os olhos do rosto de João quando teve a impressão que esse imaginava seus pensamentos.

—Além da igreja? Aluguéis.— respondeu o outro, encostando habilmente as moletas na borda da mesa.

Tendo a impressão de que João não necessitava tanto das muletas, Cooper perguntou:— Aluguéis?

—Barcos. Veleiros.— explicou João— Mas isso não importa.

Alberto cruzou os braços em frente o peito, acima da barriga saliente adotada pela velhice, e estudou o rosto de João. Em seguida abaixou os olhos, fitando as fotografias sobre a mesa.

—É, eu já sei do que aconteceu. Foi exatamente isso que me trouxe até aqui.— disse João. Quando sentou-se, ele notou o olhar perguntativo de Alberto e continuou— Tenho a impressão de que está no fim e quero apenas estar por perto quando tudo terminar.

—Você fala com se isso tivesse alguma ligação com a morte de

Ricardo.

O comentário de Alberto foi perguntativo, percebeu João.

—E você acredita que não?!— acrescentou esse.

395 —Não, mas..., Sempre achei que fomos paranóicos em relação àquele inquerito.— explicou o detetive, tamborilando os dedos sobre um livro velho que estava sobre a mesa.

400 Alberto esperava de João algum argumento discrepante em relação ao seu comentário, mas o silêncio dele foi, de certa forma, aquiescente. O detetive, então, deu um tapa de leve sobre o livro e pegou a xícara de café para levar à boca. Por um tempo meditativo ele deslizou o limbo da xícara nos lábios, olhando abstraidamente para a mesa, e depois colocou-a vazia sobre a mesa. Só após deslizar a língua nos lábios foi que ele piscou rápido, voltando à realidade. 405 Afirmou o olhar nos olhos de João, muxoxeu e disse:

—Deixa isso pra lá. E então, o que soube sobre a morte dessa garota?

—O que todos sabem. E fiquei surpreso por ela estar com Clark sendo filha de quem é.

410 Houve uma pausa e uma troca inquisitiva de olhares.

—E então, o que tem sobre o crime?— indagou João.

—Com a exceção de um pedaço de ferro enferrujado?! Fotos, um pouco de fotos e mais um monte de fotos. Todas coloridas, é claro. Como os velhos tempos.

415 João Lopes soltou um riso rápido, entendendo a ironia, e logo perguntou, mostrando-se curioso e circunspecto.

—Como foi que aconteceu?

—Foi, como posso lhe dizer, brutal.

—Como o de Ricardo?

420 —Pior, bem mais violento.— afirmou o detetive, com seriedade— É espantoso como assassino estava tão calmo e frio enquanto cometia um crime tão bárbaro. Depois de trucidar a garota, ele teve a calma de andar até a garagem onde eu encontrei respingos de sangue no piso e no carro de Clark. Encontrei no chão da garagem uma garrafa de cerveja também manchada de sangue. 425

João Lopes descansou os braços cruzados sobre a mesa, aproximando seu rosto aos olhos de Alberto.

—Você pode recapitular como aconteceu, desde o começo?— pediu ele a Alberto.

430 Foi espantosa quão juvenilizante foi a lembrança dos tempos

em que ele relatava os crimes para João de acordo com sua opinião para com os fatos resultada pela pergunta sincera de João; isso fez Alberto sorrir incitado.

435 —Claro.— disse ele, inclinado-se para frente— Bom, acredito que foi dessa forma; o assassino, depois de pular o muro do motel, ou depois de usar alguma árvore para chegar próximo às suítes, isso no intento de sair da mira de uma possível câmara que registrasse o curto espaço entre o muro e as suítes, quebra o vidro da janela usando a arma e com a mesma ele obriga a garota a abrir a janela...

440 —Como julga isso?— interrompeu João— Como pode afirmar que foi ela que abriu a janela?

445 —Batom. Ela usava *um* batom forte. A perícia encontrou pequenos vestígios de plasma seminal na boca dela, prova de que estava praticando sexo oral em Clark quando foram surpreendidos. Batom no pênis, batom nas mãos e batom na tranqueta da janela. Eu mesmo encontrei pequenas marcas de batom na tranqueta. Ninguém me falou nada.

Alberto concluiu olhando firmemente nos olhos de João.

450 —Bem, o assassino entrou no quarto, ordenou que Clark amarrasse os punhos e a boca de Manuelle com uma fita adesiva,— enquanto explicava, Alberto mantinha um olhar distante, parecia que voltara ao local do crime, olhando para o corpo estracinhado sobre a cama— depois, os pés juntos foram amarrados na traseira da cama, no balaústre que circundava toda a cama redonda. Após isso, ele ordenou que Clark amarrasse seus próprios pés juntos e mandou se sentar no chão. Circundou a cama e depositou a arma sobre um abajur do lado oposto, onde Clark não pudesse pegá-la caso conseguisse se soltar da fita adesiva que ele envolveu os pulsos de Clark. Para que Clark não falasse ou gritasse, o bandido vedou também sua boca.

455 Disse um médico do resgate que o assassino apertou tão forte que ficou uma marca visível da fita acima e abaixo dos lábios de Clark e que se não fosse os cabelos haveriam marcas também na parte de trás da cabeça. Bem, depois de amordaçar Clark, ele o levantou e amarrou os pulsos...

460 —Me disseram que foi quebrado alguns dos ossos próximo o antebraço e os ombros.

465 —É. O assassino pediu que Clark levantasse os braços com os pulsos amarrados e em um só golpe ele dobrou-os para trás do corpo, deslocando parte dos ossos na região da escápula. O úmero, eu acho

470 que ele quebrou com um coice. No caso dos pulsos fraturados, eu acredito que ele os quebrou antes mesmo de estripar o corpo de Manuelle para deixá-lo enfraquecido.

—Esse é o seu ponto de vista?— disse João, como se duvidasse da opinião de Alberto.

475 —Sim. Se o criminoso tivesse brutalmente quebrado os punhos de Clark depois de dobrar os braços para trás do corpo, certamente os leves hematomas que aparecem nas pernas estariam nas costas de Clark, pois certamente o assassino golpeou tão forte as mãos de Clark que as partes que estivessem próximas às mãos também seriam feridas. E, no outro caso, há algumas marcas no braço dele que se parecem muito com o solado de algum calçado. Os médicos não afirmam isso verossimilmente, mas é minha experiência contra a deles.

485 Alberto fixou o olhar nos olhos de João, como se falasse; você está subestimando minha experiência e minha palavra? Por fim, João disfarçou sua dúvida com um olhar de espanto.

—Nossa! Que cara maluco.

490 —Sabe, João, não importo se é ou não um maluco, mas algo além disso me deixa aflito. Foi muito cruel, nem tanto com Clark quanto com a garota. Ele poderia certamente ter algum motivo pessoal para cometer o crime e tudo indica que era contra Clark.

—Mas por que então ele matou a garota? E tão cruelmente?

495 —Não sei. Talvez o plano dele fosse deixar Clark assim, inválido, queria mostrar um poder que ele nunca teria. Enfim, queria se mostrar superior a Clark, de uma forma ou de outra.

—Mas quanto à garota? É filha de Edward Radmim, e pode haver alguma ligação divergente a isso.— sugeriu João.

—Não apostaria nisso.

—Como não? Essa história é implexa demais para conjecturas.

500 —O assassino talvez nem soubesse de quem ela fosse filha, talvez isso não se passe de uma mera coincidência. E por que mataria ela por ser filha de quem era? Pelo que sei, Edward não tinha inimigos.

—Será mesmo?!

505 —Pode ser. E tem outra; já se completava alguns anos que Manuelle não mantinha contato com o pai. Morou com a mãe até os dezessete e depois saiu de casa. Acredita que nem mesmo sua mãe sabia onde ela estava morando?

510 Alberto estudou João inclinar-se sobre o respaldo da cadeira e resvalar a mão sobre o queixo.

—Você já deve estar ciente de que ela era uma garota de programa, não?— João assentiu e Alberto continuou.— Bom, levando isso em consideração, tudo indica que Clark poderia estar usando ela para humilhar Edward dentro da empresa, e ela possivelmente podeira estar fazendo o mesmo. Queria mostrar ao próprio pai que ele, um empresário brioso, tinha uma filha prostituta.

—Se ela conhecesse a personalidade arrogante dos ricos, talvez.— incluiu João, ainda cético.

520 Alberto muxoxeou meneando a cabeça e repoltreou-se na poltrona.

—Mas se ela andava com eles, João?! Como não poderia conhecer?!

525 João sabia que Alberto estava certo, de que ele nunca hesitava; estava apenas testando se a convicção policial que fez dele o mais confiável investigador da cidade permanecera incólume no decorrer dos anos. E ficou feliz em saber que seu amigo continuava sendo o mesmo de antes.

—É, nesse ponto de vista você tem razão.

530 Alberto sorriu e na meia hora seguinte narrou toda a conversa que tivera com Jasom e com os pais de Manuelle, e a cada minuto que se passava o semblante de João ficava mais atento e seus pensamentos menos embaraçados. Ouvia Alberto desvencilhar os fatos incontestáveis sobre o inquérito de suas conjeturas quase certas e na maior parte concordava em pensamentos com o detetive. Quando Alberto terminou relatando sobre o desaparecimento de Bruna e de sua relação insípida com Clark, confirmada pelo mordomo Rui em uma visita rápida na mansão, foi que João desvincou o semblante.

—É, todos os fatos têm concordância.— disse ele.

540 —Mas mesmo se pautarmos toda essa história nada pode nos levar ao assassino.— disse o detetive, comprimindo os lábios num gesto insatisfeito.

—Já tentou ver Clark, arrancar alguma coisa dele?

—Não. Olhei algumas fotos dele, dos ferimentos, e acredito que não valerá a pena.

545 —Talvez esteja perdendo tempo, sabia que o estado emocional de certas pessoas pode ser mais expressivo que muitas palavras?— inferiu João, induzido pela própria experiência.

550 Mesmo sendo um empirista discrepante em relação à psicologia observadora, Alberto pensava da mesma forma que seu antigo companheiro, e um caso como aquele realmente exigia um pouco mais de circunspeção. Então, ele pensou de forma coerente antes de perguntar:

—O que você pretende fazer hoje à tarde?

555 Os lábios tortuosos de João formaram um sorriso largo antes de responder:— Ir com você à clínica.

—Ei!— disse Alberto, lembrando de mais alguma coisa. O olhar sério dele tapou o sorriso de João— Antes quero que veja uma coisa.

560 O detetive abriu uma das gavetas da escrivaninha e segundos depois João Lopes viu um papel maculado de sangue aberto dentro de um saco plástico cair sobre a mesa, bem à frente de seus olhos que esbugalharam-se ao reconhecer o desenho.

—Por último; eu fui até o fórum e reabri o arquivo sobre o inquérito de Ricardo Meisinger.

565 Depois de um almoço rápido em uma lanchonete, Alberto e João se encaminharam à clínica psiquiátrica onde Clark estava internado. Após volver o carro em uma avenida e seguir por mais de setecentos metros entre uma rua flexuosa e marcada profundamente por canais de esgoto, Alberto estacionou seu Opala bordô em frente o portão de grade do hospital, ao lado de um largo canteiro de margaridas cercado de pedras pintadas de branco. Com um ruído metálico a porta se abriu e o detetive desceu apressado. Seu consueto sobretudo acinzentado aberto oscilava gentilmente pela brisa, dando à vista um Taurus 38 dentro de um coldre marrom que ficava preso à cintura, salientando a imagem de detetive inexorável e determinado. 570 Pela outra porta o velho João Lopes desceu mancando, visto que se privara das muletas que tanto o envergonhava, e em sua face um óculos escuro rejuvenescia-o, ocultando sua fisionomia deficiente; quem olhasse para seu rosto não julgaria suas deformações como estigmas de um derrame, e sim como cicatrizes de alguma briga impetuosa. 575 Subindo os três degraus, eles entraram pelo portão da clínica. Passaram direto por dois seguranças corpulentos postados um em cada lado do pequeno vestíbulo e se encaminharam a uma recepcionista que quase se escondia detrás de uma alta escrivaninha de ébano, dando à vista apenas parte dos cabelos tingidos de 580

vermelho.

—Pois não, em que posso ajudá-los?— perguntou ela, com forte sotaque italiano.

—Clark Meisinger, queremos vê-lo.

—Desculpe-me, senhores, mas só as pessoas autorizadas podem ver os pacientes.

A desatenção da moça que olhava esnobemente para a tela de um computador e digitava com habilidade em seus dedos longos um teclado foi irritante, e logo um distintivo entrou em frente ao monitor.

—Estou falando com você, moça.— instou Alberto, a voz ríspida.

Quando a recepcionista o fitou com os olhos verdes por cima dos óculos, Alberto teve a impressão de que ela o reconheceu de algum lugar ou de algum tópico de jornal, certamente.

—Tá..., tá tudo bem.— disse ela, temendo os olhos ameaçadores do detetive.— Hã. Quem mesmo o senhor gostaria de ver?

—Clark Meisinger.— respondeu ele.

A recepcionista abriu uma pasta preta sobre a escrivaninha e cruzou o dedo por uma lista de nomes até encontrar o nome procurado. Com um olhar esperto de cima da escrivaninha, Alberto percebeu que o nome Clark Meisinger estava fortemente grifado em preto em meio nomes de outros pacientes. Depois de encontrar o nome procurado na lista, a recepcionista fechou a pasta e voltou um sorriso que pedia desculpas ao detetive.

—Ao final do corredor.— disse ela, soslaçando para um corredor à sua direita— Deve haver alguém tratando dele que pode atendê-los.

Alberto agradeceu com um gesto de cabeça e logo após se afastou em direção ao corredor. Quando chegaram próximo à última das salas, um jovem sorridente abriu oportunamente a porta e veio de encontro até eles; primeiramente ele pareceu espantar-se ao encontrar duas expressões desconhecidas, mas logo formou um sorriso constrangido.

—Boa tarde, senhores, em que posso ajudá-los?

—Queremos ver Clark Meisinger.

O jovem analisou a postura austera dos dois à sua frente e sorriu, hesitante.

—Desculpe, senhores, mas é contra a ética hospitalar falar com

pacientes sem autorização do médico ou dos familiares.

Pela segunda vez, exuberando seu orgulho, Alberto sacou do distintivo e colocou-o em frente os olhos do jovem.

530 —E é contra minha própria ética profissional ser obstruído de executar meu trabalho, isso é terrivelmente implicante.

O jovem, de modos afeminados, esmaeceu em frente dois rostos antipáticos.— Suponho que seja parte de alguma investigação?

Alberto não respondeu, continuou mantendo o olhar firme no jovem.

535 —Tá bem, acho que abrir uma exceção não seria nenhum pecado, não é mesmo?!— disse ele, abrindo um sorriso sem jeito— Sigam-me. Só espero que ninguém descubra que os dois estiveram aqui e visitaram um paciente sem autorização.

540 Girando o corpo, o jovem retornou alguns metros e parou em frente a porta pela qual saíra.

—Esperem aqui que eu já volto.— disse ele, antes de abrir a porta e entrar na sala.

545 De onde os dois ficaram dava-se para observar através do vidro transluzente que completava todo o espaço acima da parede de compensado, que subia a pouco mais de um metro do chão, uma sala pequena onde havia, além de um arquivo metálico e um quadro mediano acima dele, uma mesa pequena e duas cadeiras; a típica sala impessoal própria para visitas. Atrás da mesa e ao lado do quadro havia uma segunda porta por onde o jovem entrou. Depois de alguns minutos de espera, eles observaram a porta se abrir e uma senhora obesa de semblante impolido surgir empurrando Clark em uma cadeira de rodas. Atrás dela o jovem reapareceu roendo delicadamente as unhas. Dava-se para observar nos dedos trêmulos e nos olhos úmidos seu nervosismo mesclado em uma profunda condolência.

555 Para quem conhecia e admirava Clark, o que se resumia em poucos, aquela visão era compassivamente horrível. Seu rosto estava cadavérico; parecia até mesmo que estava morto. Uma saliva branca e conglutinosa escorria formando bolhas nos cantos da boca e havia um curativo sobre o nariz e outro maior sobre a têmpora, mas este ainda era insuficiente para tapar o corte feito pelo cano da pistola na noite em que Manuelle fora assassinada. Ele não piscava e seus olhos paralisados estavam assustadoramente vermelhos e arregalados, como se estivesse preso em um pesadelo que o imobilizava.

560

565 Após afastar uma das cadeiras, a senhora acostou a cadeira de rodas a par da mesa. Quando por fim ela se direcionou até a porta, depois de limpar com um guardanapo a saliva que escorria dos lábios de Clark, os dois se prepararam para entrar.

—Um momento.— disse ela, assim que abriu a porta, evitando que eles entrassem apressados— Peço um pouco de cuidado, ele está muito doente, e...— ela olhou nos olhos dos dois, capturando cada fragmento, e concluiu com um olhar dissuasivo— Realmente, não acredito que irão conseguir alguma coisa dele.

575 Cooper ignorou aquele alvitre e entrou na sala. Inicialmente ele repugnou o cheiro urticante de naftalina e tentou ignorá-lo, o que era impossível, respirando o ar pela boca. Puxou a cadeira e sentou-se em frente os olhos ensimesmados de Clark, enquanto João se colocava firme atrás da cadeira, como um guarda-costas particular e impositivo. Sem olhar diretamente, Alberto percebeu que o enfermeiro premia os lábios; era perceptível que ele se controlava para não chorar de pena do miserável que estava sentado na cadeira de rodas à sua frente.

580 —Preciso de uma ajuda, por favor?— pediu Alberto, subindo os olhos para o jovem.

585 —Sim?

—Pode colocar os braços dele sobre a mesa?

O jovem abaixou os olhos para Clark, e ao voltar os olhos para o detetive, ele suspirou.— Tudo bem.

590 Assim que ele colocou as mãos de Clark sobre a mesa, os dois detetives avistaram os hematomas que preenchiam todo os dois braços. Atônito, João, mesmo tentando não deixar transparecer seu espanto, tirou os óculos escuros.

—Pode acreditar, estava bem pior.— disse a senhora, parada ao lado da mesa.

595 —Ele consegue mover as mãos?— indagou Alberto à senhora.

—Os dedos, mas sente dor quando faz isso. Tenta gritar mas não consegue. Talvez nem seja pela dor nas mãos que ele tenta gritar, talvez seja uma forma de se exprimir em palavras, e como não pode, movimentava levemente os dedos.

700 —E ele consegue pronunciar alguma palavra?

—Nada. O médico dele diz que a única atividade dele é a visão.

—Então ele reconhece as pessoas?

705 —Não sei, mas..., nós mostramos uma fotografia dele ao lado de sua mãe e de seu pai, quando ainda era pequeno, e uma lágrima caiu de seus olhos. Muito estranho.

A velha formou uma expressão pensativa.

710 Alberto mordeu o lábio inferior e fixou os olhos nos braços cheios de hematomas purulentos, sentindo nojo dos abscessos avermelhados que ameaçavam se abrir em eflorescências. Movendo a cabeça, ele colocou o rosto em frente aos olhos de Clark e eles se abriram um pouco mais, dando a Alberto a impressão de que fora reconhecido.

715 —Tem uma folha de papel.— pediu ele, sem desviar os olhos do rosto de Clark.

—Na gaveta de baixo.— disse o enfermeiro, indicando com um olhar o arquivo.

João rapidamente abriu a gaveta e pegou uma folha das muitas que haviam sobre uma pasta marrom e alcançou ao detetive.

720 —Pode erguer um pouco os braços dele, por favor?

Diante o olhar impositivo de Alberto, o jovem fez. Clark soltou um gemido e Alberto se apressou em colocar a folha abaixo das mãos.

725 —Aposto que ele tem algo que quer nos contar.— disse o detetive.

—Senhor, ele não consegue.— disse a velha, observando o detetive abrir com cuidado os dedos inchados de Clark e colocar entre eles uma caneta.

730 —Aposto uma com você que ele consegue.— revidou Alberto. Ele voltou o olhar para Clark e completou— Não é Clark?

Naquele átimo, três dedos inchados premeram a caneta e Alberto sorriu.

735 —Vamos, Clark, você consegue.— disse o detetive, como se estivesse estimulando-o.

Porém Clark não ouvia estímulo algum. O que via em sua frente era apenas uma imagem embaciada e incerta de um vulto mesclada em um panorama coloridamente atemorizante. Mas pouco a pouco alguns rabiscos espantosamente surgiam no papel, dando forma a um desenho que posteriormente deixaria Alberto espantado.

740 Mesmo gemendo de dor nos nervos e nos músculos intumescidos, Clark desenhava continuamente. O olhar alheado dele desprezava a folha que o detetive apoiava com a ponta dos dedos para

745 que não fosse amassada pelas mãos trêmulas e os riscos se tornassem
ainda mais ininteligíveis. Pouco a pouco o pavor se visibilizava
naqueles olhos alienados direcionados para a frente, distantes da atual
realidade.

750 *A subconsciência ou a semiconsciência é o estado
intermediário entre a consciência e a inconsciência. Muitas vezes
quem se encontra nesse estado consegue captar apenas pequenas
informações do que está se passando diante de seus olhos enquanto
seus pensamentos são divergidos à marcantes acontecimentos
passados.*

755 Clark estava semiconsciente e se encontrava no estado citado
acima. Não entrevia um rosto em sua frente, apenas sentia a presença
de alguém que poderia lhe ajudar enquanto um pesadelo vívido o
perturbava. Ele não estava naquela sala, nunca esteve, não via um
rosto, apenas a silhueta de alguém que em algum lugar, em outra
760 dimensão, talvez, queria ajudá-lo. Tinha apenas a concreta
consciência de que precisava de ajuda. Ainda estava preso na suíte
número 13 do motel Brandy e ouvia os gemidos de Manuelle sendo
torturada; via o sangue dela invadir o lençol. De alguma forma ele
sabia que não sairia vivo ou consciente daquele quarto, mas algo
765 latente lhe admoestava que ele tinha que aguentar olhando firme para
a mulher mais bela do mundo sendo estripada até a morte. Tinha que
dividir o sofrimento dela, era o mínimo que podia fazer para ajudá-la.
Mas era triste demais ouvir rugidos obstruídos dela, ver os lábios se
contraindo, tentando romper a fita adesiva que ele mesmo colara em
sua boca e marcando-a de batom. O mais triste era olhar em seus
770 olhos implorativos, tão azuis e lindos impetrando socorro enquanto
olhava implorativamente para o seu rosto. Mas nada impedia que as
mãos que apertavam o punhal subissem e descessem, rasgando
ferozmente o corpo de Manuelle em pontos não vitais, apenas para
causar sofrimento. Persuadido pelo propósito, Clark não esquivava o
775 olhar daquela mão monstruosa. Enxergava cada pêlo, cada poro,
capturava cada traço da tatuagem. Era lóbrego, mas ele tinha que
aguentar até o fim, dividir o sofrimento com a mulher mais bela que
já conhecera da única forma possível. Tinha plena certeza que se
fechasse os olhos, o sofrimento de Manuelle seria ainda maior. No
780 final do pesadelo, quando o atroz estuprou o corpo estraçalhado, toda
a visão colorida se apagou e a cabeça de Clark caiu para frente para

minutos de inconsciência.

785 O jovem enfermeiro, que chorava ouvindo os bramidos de Clark apertando a caneta sobre o papel, quase desmaiou quando Clark fechou os olhos por um instante e se acalmou. Os olhos rápidos, que se alteravam entre truculentos e compassivos enquanto seus dedos rabiscavam o papel, se aplacaram e voltaram-se mesmerizados para frente.

790 —Levante as mãos dele.— pediu o detetive.

Mais que depressa o jovem ergueu as mãos de Clark e Cooper apanhou a folha. Depois de identificar o desenho impressionantemente bem feito, considerando o estado vegetativo de quem o fez, ele voltou o olhar para o rosto de Clark, que com o indicador da mão direita tocou tremulamente sobre o punho da mão esquerda.

O gesto foi entendível.

—Está acabado.— disse Alberto, olhando pasmadamente para o jovem— Podem levá-lo.

800 Respirando alívio, o enfermeiro puxou a cadeira de rodas para trás, para segundos depois desaparecer dentro daquele quarto sombrio e indesejável da clínica.

Minutos depois estavam os dois dentro do carro ainda estacionado em frente ao hospital psiquiátrico.

805 —O que foi aquilo?— perguntou João.

—Vê o desenho.— Alberto alcançou o papel a João Lopes.— Ele tem uma tatuagem igual a esse desenho no pulso, tenho certeza disso.— asseverou o detetive, com o olhar abstraído para a rua ensolarada.

810 João observou sem muita atenção o desenho e deixou escapar um sorriso modesto.— E foi por isso que você ficou assim?

—Vê melhor o desenho.— pediu Alberto, e João fixou os olhos no papel— É o mesmo desenho que estava na barriga de Ricardo e o mesmo que estava no papel que foi colocado na boca de Manuelle. Aquela que lhe mostrei hoje de manhã.

815 O face de João empalideceu-se num estupor de ideias absurdas e análogas; ficou empedernido como uma estátua de mármore defeituosa, como se um monólito tivesse caído sobre sua cabeça e o deixasse paralisado. Mas no fundo ele sentia que tudo intempestivamente começava a fazer sentido.

—Foi esse cara quem matou Ricardo, o mesmo quem Clark contratou.— explicava Alberto, olhando para a expressão incrédula de João.— E sabe o que eu acho; acho que o assassino queria que descobrissemos que foi Clark quem o mandou matar Ricardo, mas não queria que nós o capturássemos. Por outro lado, se no caso fosse preso, o desenho seria como uma prova de que Clark fora o mandante na morte de Ricardo, e se não fosse, Clark seria culpado da mesma forma. Ou também poderia ser vingativo o assassinato de Manuelle; deixando Clark dessa forma ele sairia limpo da história sem privar Clark do sofrimento e da culpa que ele desejava assacar sobre ele.

—Sairia limpo ou saiu?— disse João, recuperando-se do choque.

Numa pausa, Cooper rumou lentamente os olhos para o rosto de João.— Mas a história não terminou.

Naquela tarde os dois discutiram os mais variados meios de chegarem até o assassino, e acabaram decidindo que no outro dia iriam atrás de todas as lojas de tatuagens mostrando o desenho e perguntando se alguém o conhecia; um recurso inábil e vexante para um detetive do porte de Alberto Cooper, mas era o único meio disponível. Junto ao desenho, eles apresentariam o retrato falado extraído anos atrás do depoimento de um garçom que trabalhava no Kep's Bar e que viu Ricardo sair do restaurante sendo seguido por um estranho, isso noites antes de encontrarem o cadáver estraçalhado de Ricardo Meisinger.

Na tarde do outro dia, quando finalmente chegaram ao fim da cidade, o que eles tinham? Um retrato falado, uma tatuagem, um desenho que ninguém conhecia rabiscado em um papel amarfanhado, e o cansaço, a consequência penosa de todo o esforço físico e mental. Colocar na mídia passou a ser a única alternativa, mas isso poderia comprometer a única prova incontestável. Se fizessem isso poderia haver uma grande possibilidade de o criminoso fugir da cidade ou irônica e hilariamente arrancar a própria pele. Seria tão burlesco quanto aviltante pensar na forma prática de sair notando o punho de todos os homens que encontrassem pelas ruas. E então, a única possibilidade era, com o mínimo de cautela, procurar pelos mais discretos tatuadores autônomos e arriscar tudo no eventual. O fato que *corroborava* a eventualidade e perturbava a mente do detetive Alberto, era que, se o assassino de Manuelle fosse o mesmo assassino

360 de Ricardo, então a tatuagem estava em seu pulso a mais de 20 anos, quando riscou o mesmo desenho na barriga de Ricardo. Dessa forma, o tatuador que fez a tatuagem teria que ser muito lembradiço para reconhecer o desenho duas décadas depois.

365 Foram dois dias perdidos procurando por tatuadores amadores e *hippies* que se perdiam pelas praças e calçadas da cidade. No fim, quando não havia mais lugar algum onde pudessem procurar, a impressão de que eles estavam sendo perseguidos ou investigados pelo assassino era desencorajadora.

370 Desanimado no fim do segundo dia de procura, Alberto parou em frente a vitrine de uma loja, onde atrás de alguns manequins um espelho refletiu seu corpo inteiro e sua postura denunciativa; qualquer pascácio o reconheceria como um detetive em meio uma investigação, percebeu ele, ironicamente sentindo-se espreitado pelo assassino de Manuelle, sem mencionar que seu nome e fotografia foram propagados pela maioria dos meios de comunicação e não seria espantoso se muitas pessoas o reconhecessem. *O que aconteceria se o assassino fosse um tatuador ou algum tatuador conhecesse o assassino e quisesse protegê-lo?*, ponderou o detetive, olhando perturbadamente ao redor e percebendo que ele passou a ser mais uma vítima das eventualidades impostas pelo mundo. Mas ele sabia que a própria eventualidade era a criadora dos paradoxos tão difíceis de entender e de aceitar, pois apenas o acaso poderia colocá-lo de frente com o assassino de Manuelle, o mesmo assassino de Ricardo.

385 Dezenove dias se passaram depois daquele 11 de setembro e nada tinha mudado. Seguiam-se as mesmas pobres perspectivas e a mídia fragmentada atrapalhando com críticas irônicas a mesma luta uniformemente asfixiante pela captura do criminoso. Tudo se confundia com uma conspiração invisível que abrangia Alberto sofismando-o a todo o momento a fazer a coisa errada. Mas o que poderia ser errado e o que seria o certo a fazer? O tempo em que ficava noites em claro, fumando carteiras de cigarros e bebendo litros de cachaça, tinha retornado de forma abrupta, e quando se deu por conta que estava ficando mentalmente conturbado; percebeu que olhava para todos os pulsos e para todos os rostos que entravam em sua frente. A lembrança dos tempos difíceis após a morte de Ricardo e das muitas vezes em que pensara em suicídio voltara a ser sua única companheira nas noites e nas manhãs em que acordava e se via

000 sozinho em seu apartamento mal-cheiroso. O único alicerce que o
mantinha firme era ter na personalidade tenaz o desejo pela justiça.
Duas semanas se passaram após reaparecimento de João, o que
005 deixou Alberto mais empolgado. Mas seu velho amigo passara a ter
uma vida muita demarcada nos alugueis de barcos, o que o obrigou a
voltar para sua vida, junto ao fato de que, com sua esposa, cuidava de
uma neta problemática de 14 anos que sofria de diabetes, filha da
mais jovem de suas duas filhas que fora assassinada pelo próprio
marido, isso há mais de seis anos.

—Tenho mesmo que ir, amigo, mas ficarei ligado nos jornais.
010 — disse João Lopes, após receber uma chamada urgente de sua
esposa dizendo que sua neta teria sido levada ao hospital por não ter
aplicado as doses exatas de insulina antes de ter consumido bebida
alcoólica com algumas amigas.

015 Dois dias tinham se passado após a partida de João e Alberto já
se encontrava perdido em uma daquelas bibocas de beira-estrada. O
derradeiro dia do mês de setembro teve um dia de Sol e estava tendo
uma noite de garoa enfeitada pela brisa que fazia ruídos assoviantes
nos fios de alta-tensão e nos galhos das árvores. Alquebrado sobre o
220 balcão do bar lotado de boêmios e prostitutas extremamente
vulgívas, Alberto esperava o barman trazer-lhe a dose de *Natu* que
pedira. Olhava alheadamente para uma pequena janela sendo
molhada pela chuva e notava os poucos relâmpagos, fortes e
clareadores, entrar através dela e iluminar as fileiras de litros de
bebida no alto de uma estante velha feita de madeira.

225 —Está aqui, senhor.— disse o barman, colocando o copo de
bebida sobre o balcão— Mais alguma coisa?

—Não.— respondeu Alberto— Espere!— disse outra vez,
antes que o barman se afastasse— Trás mais uma.— e concluiu
230 tragando em um só gole toda a dose de bebida.

Cooper era um dos detetives mais eficientes que existia e
contudo ter ajudado durante anos a justiça a capturar os mais atroz
e ardilosos criminosos, ele permanecera incólume e na ativa, e nem
mesmo por isso sentia medo de que viesse a se tornar vítima de
alguma vingança. Depois do inquérito frustrado sobre o tráfico de
035 bebidas de 1978 e do assassinato de Ricardo Meisinger, anos mais
tarde, ele solucionou vários casos que deturbava policias e detetives
pusilânimes e insipientes, o que fez ele recuperar sua reputação de

040 detetive competente. Mas a idoneidade era apenas um de seus apanágios e seu instinto vagaroso e prudente era sua melhor e mais furtiva arma. Tinha um olhar lento que, por isso, muitos conjecturavam ser um simplório, um pacóvio metido a detetive; mas esses se enganavam pela própria estultícia, pois Alberto era supremamente astuto e tinha uma percepção felina. Enquanto estava no bar, sem olhar diretamente, ele identificava quem entrava e quem saía pela porta, e ao mesmo tempo escutava as conversas dos bêbados *arrimados* desengonçadamente sobre o balcão.

045 —Sempre acreditei que se trabalhasse e tivesse vontade, mudaria de vida. Me enganei.— dizia um homem que estava ao lado do balcão, com o ombro colado ao ombro de Alberto. Estava tão ébrio que nem percebia a presença do detetive ao seu lado, ocupando o pouco espaço que sobrava entre o seu corpo e a parede.

050 —Mas você trabalhou numa empresa ótima, e o que fez?! Meu Deus, cara, você teve uma chance das melhores. Poderia se tornar alguém importante. Não entendo o motivo que o fez se afastar da Meisinger.— admoestou o outro, que, enquanto falava, esborrifava saliva sobre o balcão.

055 Sem olhar para o lado, Alberto ouvia a conversa esperando a próxima dose de *Nato*.

060 —Sabe como é?! Quando nascemos já nascemos com um ofício. Não adianta *querer* mudar o que somos e o que vamos nos tornar. O que é que tem que acontecer, vai acontecer. Nós já nascemos com um instinto inerente que estará ligado à nossa personalidade até o último dos nossos dias.

065 —Eu sou um boêmio.— falou um dos homens, num tom imperativo e orgulhoso— O que você é? Além de um outro boêmio, é claro.

Como se não gostasse do comentário, o homem que estava próximo a Alberto não respondeu, pegou o copo de bebida e bateu forte com o outro braço sobre o balcão de vidro.

070 —Mais uma!— pediu ele, antes de engolir a bebida.

075 Um garçom idoso se aproximou rápido com um litro e serviu-o de whisky. Alberto, que ficou ainda mais atento na conversa depois de ouvir o nome da empresa Meisinger, girou lentamente o olhar para a direita e observou o homem levar o copo de bebida à boca ensalivada. No mesmo átimo ele estremeceu-se ao perceber que no pulso havia uma tatuagem. Suspirou ao reconhecer o desenho e

080

tentou não se precipitar aguardando o jovem barman trazer sua dose de *Nato*. A acridez da bebida foi instigante e após recolocar o copo sobre o balcão, o detetive resvalou a mão sobre o bolso do sobretudo úmido, certificando-se de que estava com o distintivo, e então olhou para o homem. Ele não tinha outra saída. Estava próximo ao homem que tinha tatuado no pulso o desenho que durante anos surgiu em seus pesadelos. Não poderia perder a única chance que surgiu em anos de angústia. Poderia até estar equivocado, mas ele não tinha outra escolha.

085

—Somos todos vítimas de uma coisa chamada opção.— filosofou ele, num tom contraditório ao argumento do homem.— Somos nós os únicos responsáveis por nossos atos.

090

—O que você disse?— o homem girou o rosto crispado para o detetive.

Alberto respirou fundo e aprumou-se de frente para o homem, sacando rápido do distintivo e colocando-o em frente ao rosto dele. Sua outra mão apertava nervosamente o 38 dentro do coldre preso na cintura.

095

—Você está preso.— disse. No mesmo instante ele recuou alguns passos.— Levante as mãos *para cima* e se afaste lentamente do balcão.

000

Naquele átimo imprevisível, todos pararam de conversar, afastando-se devagar, alguns sem ao menos entender o que estava acontecendo e outros avezados com as frequentes brigas de bar e seus resultados trágicos.

005

Diante à arma, o homem se mostrou convincentemente perplexo, como se não entendesse o que estava acontecendo.— O quê?! Eu..., eu não entendo.

—Você está preso!— repetiu Cooper, a voz ainda mais acerba — Levante as mãos devagar e se afaste do balcão!

010

Desde o momento em que deu voz de prisão, a reação de Alberto denotava o medo de que tal homem estivesse armado e reagisse contra sua ordem, por isso agira de forma estouvada e um tanto incoerente, pedindo para que o homem se afastasse do balcão enquanto deveria ter pedido para que ele se voltasse de frente para o balcão com as mãos voltadas para trás para então prender as algemas em seus pulsos.

015

Diante à ordem do detetive, o homem hesitou e abaixou a cabeça, parecendo desanimado, e começou a sublevar calmamente os

020 braços numa emocionante cena de rendição. Mas como se sentisse a convicção do homem que em sua frente lhe direcionava um distintivo, ele novamente levantou a cabeça e olhou nos olhos do detetive, que pouco mais seguro, ameaçava apanhar as algemas que sempre trazia junto com seu 38. O detetive estava mais calmo e hesitante, pensou o homem, na certeza de que podia contornar a situação.

025 —Mas esta não é minha— numa ação intempestiva e ameaçadora, ele levou as mãos rapidamente à cintura— opção!— ao concluir com uma voz tão alta que ecoou nos cantos silenciosos do bar, ele sentiu, naquele mesmo instante, três balas de 38 entrar rasgando-lhe o peito, e por fim caiu de olhos abertos sobre o chão molhado, uma das mãos segurando algo preso à cintura.

030 Naquele instante um relâmpago emouquecedor ribombou nos céus da cidade e Alberto ficou perplexo, com a arma mirada na direção do corpo. Tudo em sua frente desaparecera, como sempre acontecia quando disparava contra alguém; um escotoma resplandecente envolveu-lhe subitamente os olhos e ele passou a enxergar apenas a arma empunhada e o corpo caído em sua frente. 035 Apesar da balbúrdia das prostitutas e da correria dos homens em direção à porta, Alberto ouviu apenas um silêncio assoviante, como ventos num deserto turvado pelas areias. Ficara apenas ele e o homem caído sobre o chão molhado.

040 Após respirar fundo, passo a passo ele se aproximou e ajoelhou-se ao lado do corpo. Olhando naqueles olhos abertos, ele guardou a arma, e sua audição voltou quando o homem respirou pela última vez, olhando em seus olhos. Alberto apanhou o pulso do homem e certificou o desenho. Inesperadamente um alívio invadiu-lhe o peito. Após colocar as luvas e retirar um revólver calibre 36 que estava preso na cintura do homem que ali estava caído, ele virou o corpo e retirou uma carteira de couro que estava no bolso da calça. 045 Dentro da carteira havia uma quantia aproximada de mil reais, alguns cartões de crédito e seus principais documentos de identidade. Os olhos do detetive esbugalharam-se num estupor quando fitou a identidade e tudo em sua volta novamente se emudeceu. Parecia que fora transportado imediatamente a um deserto, ao passado, quando leu pela segunda vez o nome e a assinatura de Cleison Boyle. 050

Cleison Boyle? O motorista que levou o carro de Murilo Cavalhais até a oficina do mecânico João Ribeiro? Um dos

055 envolvidos com o tráfico de bebidas de 1978? Não, não podia ser verdade. Mas era.

060 —Aqui está seu remédio.— disse Cristiane, entregando duas drágeas e um copo de água ao seu marido, que depois de um dia de angústia dentro da empresa, se encontrava inclinado inadequadamente sobre a poltrona— Como foi seu dia?

—Como todo o dia sempre é...

065 —Monótono.— completou Cristiane, que sempre insistia em fazer a mesma pergunta sabendo que ouviria sempre a mesma débil resposta.

070 Após a morte de Manuelle, Edward passara a depender de medicamentos fortíssimos e de uma terapia intensiva para manter-se calmo, pois tudo se tornara intempestivamente insignificante para ele, afinal, tinha sofrido uma perda irremediável e estava sofrendo as conseqüências, os subprodutos angustiantes da culpa. Em poucos dias ele tinha se tornado o *estereótipo* do homem triste, culto e solitário; com frequência ele se esquecia das coisas; pensava em abandonar a empresa; não correspondia os carinhos de sua esposa; planejava comprar um sítio afastado da cidade para futuramente escrever um livro... Sintomas de loucura e depressão.

075 Compreensiva, Cristiane sentou-se no sofá ao lado do marido, quando de repente ouviu a campainha tocar.

—Quem será a essa hora?— perguntou-se ela, levantando-se do sofá.

080 Ele não falou nada e ela encaminhou-se à porta olhando para o rosto inexpressivo de seu marido enquanto ele segurava distraidamente os medicamentos e o copo de água. Antes de abrir a porta, Cristiane teve a elegância de jogar uma pequena mecha de cabelos por sobre os seios inturgescidos pelo decote do vestido.

085 Dava-se para observar os bicos dos seios mirados para cima. Passou delicadamente a língua por sobre os lábios e abriu a porta.

090 —Senhora Radmim?— apresentou-se um jovem vistoso em meio o vão da porta, bem vestido de roupas formais que expeliam um perfume adocicado. Ele tinha a pele facial branca e lisa, mas Cristiane notou entre a abertura da camisa que ele tinha um corpo bronzeado e forte, bem do estilo praiano e modesto; havia até algumas efélides perdidas entre os poucos pêlos no peito. Ele também segurava alguns documentos, mas Cristiane não os notou.

—Sim?— ela controlava-se para não parecer indiscreta.

—Sou Eduardo Rabello, a serviço do detetive Alberto Cooper, e gostaria de falar com seu marido.

—De que se...

—Primeiramente com ele. São assuntos concernentes a ele.

—Tudo bem— aquiesceu Cristiane, polidamente, pois a educação era sua maior virtude— Vou chamá-lo.

Ela girou o corpo, olhando nos olhos azuis do jovem, e se afastou saracoteando ao máximo seus quadris arredondados. Porém, o jovem permaneceu sério, inabalável, respeitando sua profissão. Voltando à sala, ofegante, ela ignorou os medicamentos que estavam sobre a mesa de centro, ao lado de um monte de blísteres que se espalhavam por sobre uma revista.

—É pra você.— disse ela, com um olhar vago.— É um tal de Eduardo Rabello.

Edward piscou rápido e sorriu alto, fazendo desaparecer de forma demente seu semblante adínamo.

—Meu xará!— disse ele, com entusiasmo— Vou atendê-lo.— após levantar-se num salto, ele encaminhou-se à porta, a qual Cristiane deixara adrede aberta.

Com os dedos entre os dentes, Cristiane ficou escorada no braço do sofá, tentando permanecer ali e imóvel, mas por fim acabou seguindo seu marido, pois tinha que saber o que estava acontecendo, principalmente com ela.

—Sim, o que gostaria?— perguntou Edward, assim que chegou à porta.

—Sou Eduardo...

—Rabello.— completou o outro, entregando a mão para um aperto— Entre.

—Não, é rápido.— disse Eduardo, que, parado entre o vão da porta, observava o sorriso insinuante de Cristiane aparecer por cima dos ombros do marido. Tentou controlar o olhar, mas não conseguiu evitar de cobiçar os seios perfeitos dela; quase chegou a inclinar um pouco o pescoço para observá-los ainda mais intumescidos pela pressão dos braços cruzados, quase saltando para fora do decote.

—Tenho uma intimação ao senhor para um depoimento.— anunciou ele, controlando ao máximo o olhar e disfarçando os segundos de hesitação.— Não é nada judicial. O detetive que investiga a morte de Manuelle Cavalcanti gostaria de fazer algumas

perguntas.

35 Traços de indignação surgiram de imediato no rosto de Edward e ele lamentavelmente abaixou o olhar— o piso azulado e luzidio do corredor fez o lembrar-se do azul-cristalino dos olhos de Manuelle quando ela era ainda um bebê. Piscou rápido e voltou ao mundo em que estava vivendo, ao mundo ao qual sua filha não mais pertencia.

40 —E quando será?— perguntou, antes de sublevar a cabeça para um olhar triste.

—Depois de amanhã, dia 18. Agora preciso que assine este documento.— Eduardo entregou algumas folhas que estavam organizadas sobre um suporte de vidro e uma caneta.

145 —Assinatura?! Pra que se não é nada judicial?

—Desculpe, senhor, mas são ordens do detetive.

Enquanto o outro lia o documento, o olhar confuso de Eduardo solenemente se fixou ao olhar insinuante de Cristiane, como se tentasse resistir à beleza dela e à suas insinuações. Por alguns segundos ele se perguntou sobre o quê ela queria e o porquê estava 50 tão exposta. Ela não se parecia nada com uma bacante, uma esposa pérfida, e sua beleza era tão lídima e pura quanto inocente, qualquer um a reconheceria como a literal mulher séria. Mas naquele momento, mesmo sem conhecê-la, ele reconheceu que aquele sorriso vermelho não era nada mais que o antojo eufêmico para suas vontades. E ele ficou imaginado quais seriam suas vontades.

55 Os olhares dos dois se separaram apenas quando Edward levantou a cabeça.— Às nove?— indagou ele, entregando os papéis.

—Isso mesmo, às nove, senhor.

60 —Obrigado.— Edward concluiu formando um sorriso ingênuo, afinal, estava mesmo em uma situação de ingenuidade e desamparo.

Antes que ele fechasse a porta, Cristiane entremeou-se estouvadamente interrompendo-o:— Por precaução, não seria conveniente se nos deixasse algum telefone para contato?

65 O olhar dela era expressivo, e ao mesmo tempo, confuso, percebeu Eduardo.

Edward girou o rosto crispado para ela.— Telefone? Pra quê?

—No caso de algum esquecimento, Ed. Sabe que isso vem acontecendo com frequência com você.— ela formou um convincente olhar amoroso e apreensivo para o marido.

70 Edward, então, sorriu e olhou para o jovem sem perceber que até mesmo ele estava confuso.

—Tudo bem— Eduardo tirou a carteira do bolso para entregar um cartão de telefone— Está aqui o número da 13ª DP, onde o senhor terá de comparecer e onde fica o escritório do detetive Cooper.— ele soslaiou para Cristiane e incluiu, tirando a tampa da caneta— Em segundo caso, vou anotar o meu número no verso do cartão.

Segundos depois, Edward apanhou o cartão e observou-o por um instante. Agradeceu, sorriu e educadamente fechou a porta.

215 Faltavam apenas cinco minutos para as nove horas da manhã de segunda-feira. Atrás de sua antiga escrivania de carvalho, o detetive Alberto Cooper folheava alguns papéis ouvindo o suave bulício da chuva que batia de leve, quase *tacitífua*, na janela. Entre os papéis espalhados sobre a mesa, haviam fotos de cadáveres na cena do crime, de criminosos e de alguns suspeitos, fora uma pilha de retratos falado próxima ao telefone. Sentada ao lado de uma mesa aos
220 fundos da sala, uma jovem taquígrafa contratada pelo próprio detetive para redigir o interrogatório olhava abstraidamente para as teclas de uma máquina de escrever antiga; às vezes ela relanceava um olhar indolente para o detetive e suspirava com um olhar amolado, cheio de sono.

225 Poucos minutos depois, enquanto Aberto analisava uma das fotografias tamborilando os dedos sobre a mesa e a jovem tocava levemente as teclas com a ponta dos dedos, a porta se abriu junto com o ranger dos quícios.

230 —Detetive.— apresentou-se uma jovem morena, na faixa dos 18 anos, que surgira no vão da porta; sua respiração arquejante difundia a todos que era novata no emprego de secretária— O senhor Radmim acabou de chegar no escritório.

—Mande-o entrar.— ordenou o detetive, selecionando algumas das fotos para após jogá-las dentro de uma das gavetas.

235 Segundos depois, Edward abriu a porta e entrou. Estava com um olhar tenso e preocupado. Havia também uma tristeza estampada em seu rosto exsicado que Alberto tentou ignorar com imparcialidade.

240 —Sente-se, senhor Radmim.— sem olhar nos olhos do acionista da Meisinger, o detetive indigitou a poltrona à frente de sua mesa.

Edward se aproximou e sentou-se em frente ao rosto imperativo e mal-humorado do detetive.

—Sou o detetive Alberto Cooper.

—Já ouvi seu nome.

—Então sabe o porquê da intimação?

—Sobre a morte de minha...

—Não exatamente.

—Não?— Edward enfarruscou a testa. Estava certo de que fora

250 chamado para ouvir os pormenores torturantes sobre a morte de sua filha e responder à perguntas idiotas— Sobre o que é, então?

—Conheceu Cleison Boyle?— perguntou Cooper, analisando qual seria a reação de Edward ao ouvir aquele nome.

—Não. Não que me lembre.

255 —Olhei alguns registros desse sujeito e descobri que trabalhava na Meisinger.— prosseguiu o detetive, sem dar ouvidos aos ruídos das teclas da máquina de escrever sendo pressionadas habilmente pelos dedos da taquígrafa.

260 Edward ridiculizou o argumento de Alberto com um sorriso debochado.— Na Meisinger?! Há centenas de pessoas que trabalham na empresa, seria impossível relembrar de todos.

—Veja a foto!

O detetive deslizou uma fotografia 3x4 de Cleison Boyle para a frente da mesa e Edward aproximou o rosto para estudá-la.

265 —Sim, agora me lembro.— lembrar-se rapidamente das últimas conversas que tivera com o funcionário provocou uma preocupação instantânea em Edward, como se o homem que estava ali na foto fosse vítima de algum crime, e não o contrário— Ele trabalhava na área de carregamento.— o “trabalhava” saiu num tom visivelmente pessimista, percebeu Alberto, supondo o quanto estava confuso o homem que interrogava.

270 —Faz quanto tempo que ele não comparece na empresa?

—Não sei responder, não é meu trabalho verificar faltas de funcionários.

275 Diante uma resposta franca, taxativa, Alberto cruzou os braços em frente o peito e inclinou-se para trás da poltrona para após fixar seu infalível olhar expressivo nos olhos de Edward; ele sempre acreditara que a quietude sugestiva é sempre o melhor método para a organização e concatenação de pensamentos; funcionava até mesmo
280 para alguma afirmação tácita. Como o detetive presumia, o silêncio falou tudo e Edward acabou vincando a testa.— O que está insinuando, detetive?

—Que o último dia em que ele compareceu na empresa foi no dia 10 do mês passado, é isto que estou insinuando.

285 —Mas isso não significa nada, não é?

Aquela pergunta parecia ser mais uma imploração, uma súplica para que o detetive confessasse que toda aquela insinuação era apenas uma brincadeira de mal gosto. Mas Alberto não respondeu àquela

290 imploração, afinal, não tinha o que responder e nem o que explicar, pois nada o que falasse seria agradável; e o que ele fez foi apenas pressionar os dedos sobre as têmporas e suspirar.

—Ele... ele...— Edward tentou, mas por mais que se esforçasse, a pergunta nunca sairia pela boca trêmula e o detetive acabou ajudando:

295 —É. Isso mesmo. Ele é o assassino de sua filha.

Naquelas palavras, o olhar do acionista desceu para a mesa, fitando a fotografia de Cleison Boyle. Segundos depois, quando ouviu o pigarrear proposital do detetive, ele levantou os olhos e sorriu nervosamente.

300 —Não, não pode ser verdade. Ele era um homem tão bom.

O detetive não argumentou e cruzou os braços em frente o peito, sustentando o olhar assertivo. Edward, então, pressionou forte os dedos sobre os olhos, enrubescendo-os; em seguida resvalou a mão até o queixo, visivelmente confuso. Teve a impressão de que era apenas um cérebro tentando controlar um turbilhão de ideias desconexas e incongruentes, tentando esforçadamente pautar os acontecimentos dos últimos dias, os acontecimento que só então tinha percebido— a morte de sua filha em um quarto de motel ao lado do homem que mais o odiava; o presságio, quase um prenúncio implícito, provido da estranheza sentimental de um funcionário, o assassino de Manuelle, do olhar odiento dele para Clark; e por último, a afirmação de um detetive cenhoso de que o assassino seria um funcionário da Meisinger, um homem que ele conhecia e o julgava tão íntegro. Quando lembrou da última conversa com Claison, Edward piscou rápido e fitou nos olhos de Alberto.

310 —Como era mesmo o nome do motel?— perguntou ao detetive. Ele sabia qual era o nome do motel, o que ele não queria era ouvir o Brandy como resposta.

—O que disse?

320 —O motel onde aconteceu?

Alberto cruzou os braços e desfranziu a testa antes de responder.

—Brandy, por que a pergunta?

325 Edward mordeu os lábios e franziu o rosto, como se estivesse sentindo uma dor interna e quase insuportável, e o que era para ser um brado de desespero foi apenas um balbucio indolente:— Droga!

—Algo errado?— perguntou o detetive.

—Eu o disse o nome do motel. Eu o indiquei.

—Como?! Você indicou o nome do motel?!

330 Edward meneou lentamente a cabeça, como se finalmente lembrasse de alguma coisa ou compreendesse alguma coisa.

—Pode me contar melhor essa história?— pediu o detetive, arqueando-se sobre a mesa para apoiar os braços cruzados sobre ela e correu um olhar para a mesa ao lado. A jovem taquígrafa, que se
335 postava com um olhar perguntativo diante à máquina de escrever, premeu os dedos, estalando-os, quando o detetive pestanejou afirmativamente antes de voltar o olhar para o interrogado.

Não demorou muito para que Edward escolhesse por aonde começaria; nos minutos seguintes, enquanto relatava os
340 acontecimentos ao detetive, ele mesmo parecia se surpreender a cada minuto, como se para ele aquilo também fosse uma novidade. Uma lembrança suscitava outra. Quando Edward terminou afirmando que era um dos culpados na morte de Manuelle, Alberto levantou-se da poltrona e se aproximou de um arquivo onde sobre ele havia dois
345 canecos e uma térmica grande e borrifada de café.

—Sinceramente, não acredito que você tenha alguma culpa na morte de sua filha.— afirmou ele, servindo-se de uma xícara de café
— Cleison talvez nem tivesse conhecimento sobre sua ligação com Manuelle ou sobre sua relação com Clark. O fato de o senhor ter
350 indicado o motel pode ser no máximo um prenúncio do que iria acontecer, e olha que eu não sou nem um pouco supersticioso.

—Mas como não tenho culpa? Eu o indiquei o motel, claro que sem saber as intenções dele, mas fui eu quem...

—Cleison seguiu Clark e Manuelle desde que eles saíram da Meisinger. Não há indício algum de que você teve alguma ligação
355 com a morte dela. Inclusive, como poderia você saber para que motel Clark e Manuelle iriam depois que saírem da empresa? Nada do que você pensa, de sua possível culpa, tem coerência, senhor Edward.

—Minha filha estava na Meisinger?

360 Edward voltou-se para o detetive com um olhar espantado. Até o momento ele sabia apenas que Clark estava junto com Manuelle no motel, mas ainda não sabia que ela o acompanhara na Meisinger no dia em que fora assassinada.

—O senhor não a viu? Ela esteve a tarde toda na empresa.— percebendo os olhos surpresos de Edward, bem abertos, diminuir até ficarem confusos, Alberto voltou para sentar-se na poltrona—
365

Edward versus Clark, eu sei sobre essa história desde o seu começo. Até imagino o motivo de ele estar com sua filha dentro da empresa.

Edward piscou rápido, ignorando o comentário.— Como ele a conheceu?

—Bem, sua filha era uma prostituta, senhor Radmim, acredito que quanto a isso você já tenha conhecimento.

O “senhor Radmim” saiu como um eufemismo ludibriante para um insulto ainda mais agressivo contra o orgulho do acionista. Cooper nunca conseguira controlar a rude espontaneidade que era de sua natureza, e diante de tanta implacabilidade, Edward suspirou fundo e abaixou a cabeça, num tocante gesto aquiescente. Em seus olhos, percebeu Alberto, não havia vergonha em relação à sua filha, mas sim para com ele mesmo. Por fim, ele olhou nos olhos do detetive e tentou dissimular a vergonha que estava sentindo.

—E o bandido está sendo caçado?

—Morto, ele está morto.

Ao ouvir, Edward suspirou outra vez e quase levantou-se da cadeira. A vontade dele era de sair correndo daquela sala, onde em poucos minutos teve a retrospectiva dos dias mais tristes de sua vida chegando com mais surpresas. Sentiu-se como um homem se recuperando de um coma que o deixou inconsciente durante anos se deparando com um mundo totalmente novo e turbulento.

—Pelo visto, o senhor não anda lendo jornal, não é mesmo?

Edward abaixou a cabeça, olhando para seus dedos cruzados sobre o colo, as unhas roídas e a aliança de casamento. A lembrança de Cristiane foi como a água borrifada no rosto pela manhã, depois do despertar. *Por que Cristiane estava tão distante nos dias em que ele mais precisava dela?*, lembrou ele, *por que ela não comentou sobre a morte do assassino de Manuelle? Certamente ela sabia sobre o caso, mas por que não contou nada a ele? Queria ela privar ele de um pouco de contentamento? Não! Ela andava muito oculta nos últimos dias.* A primeira impressão era de que sua esposa não estava se importando com seu estado emocional. Num átimo ele imaginou seu aspecto adínamo deitado sobre o sofá, de seus medicamentos e até do sorriso de sua esposa para o entregador de correspondências.

É, um lapso significativo da vida de Edward tinha se passado por impercebido e agora tudo estava mudado.

—Bem, senhor Radmim.— prosseguiu o detetive, acordando Edward dos pensamentos— Era apenas isso que precisava saber da

sua parte. Só preciso que assine os papéis com seu testemunho. Ele será crucial no dia do julgamento.

Ao ouvir isso, a jovem taquígrafa retirou a folha da máquina de escrever.

110 O impacto das notícias, ironicamente propaladas por um detetive ao seu interrogado, deixou Edward tão abalado que ele nem mesmo questionou a que julgamento Alberto se referira, nem se perguntou a quem seria imputada a culpa dos crimes sendo que o assassino já estava morto.

115 Ao sair no corredor onde algumas pessoas aguardavam para prestar depoimento sentadas em bancos de madeira, algumas em outros casos e com outros detetives que trabalhavam no mesmo departamento, Edward, desanimado, nem percebeu o olhar assustado de Roberto Wurmam entre as pessoas e se direcionou à porta de saída. Quando Edward cruzou em frente seus olhos, Roberto cutucou o ombro magro de um senhor que estava sentado ao seu lado.

120 —É ele.— ciciou ao velho, que franziu a testa corrugada ao perceber Edward se afastando na direção da porta de saída.

125 Saindo na rua, Edward olhou para cima e fitou o céu de nuvens carregadas. Numa lembrança das mais involuntárias, uma frase dita num passado distante berrou em seus ouvidos, na tarde em que ele integrou alguns funcionários na empresa Meisinger: *Senhor, foi um prazer conhecê-lo. Que está empresa seja o céu que eu procuro.* Claison Boyle sorriu naquele dia olhando nos olhos de Edward Radmim enquanto imaginava e desejava um futuro auspicioso dentro daquela empresa.

135 Enquanto Edward descia vagarosamente os degraus da escada de acesso ao departamento de polícia, Cristiane sentia o calor de dois braços robustos envolvendo-lhe o corpo frágil e de um peito adusto pressionado contra seus seios. Já se completavam duas horas que eles dividiam aquele colchão de motel e há menos de dez minutos descansavam abraçados e transpirantes. Com um sorriso satisfeito, Cristiane fitava dois olhos verdes faiscantes e sentia-se novamente apaixonada. Enlevada, ela mal sentia o deslizar circulatório de dois dedos sobre seu braço. Estava imobilizada, tentando imaginar o quanto ele era meigo e afável; Eduardo Rabello era mais que um fetiche, uma fantasia sexual passageira. Era mais carinhoso do que se podia imaginar, prendado de uma delicadeza magnetizante que a

145 persuadira e a conquistara tão de repente, sem ao menos ter lhe dirigido uma única palavra. Não havia nenhuma analogia entre ele e Edward, que sempre mencionara o nome da empresa em que trabalhava nos momentos em que ela desejava ouvir apenas um “eu te amo, Cris, mais do que tudo nesse mundo”.

150 —Me diz uma coisa; como consegui roubar o número do telefone?— indagou Eduardo, sentindo-se um tanto desconcertado pelo olhar contemplativo de Cristiane fixo em seu rosto.

—Não roubei.— respondeu ela, depois de algum tempo.

—Não?

155 —Copiei o número.— uma expressão inquisitiva surgiu no rosto dele e ela explicou:— Ao passar de 20 anos de conúbio, de investigações, eu descobri onde ele costuma guardar suas anotações.

—É? E onde?

160 —Ele esconde muito bem em cima da geladeira.— disse ela, num tom ludibriante em relação ao atual intelecto de seu marido.

—Nossa! Que inteligência a sua. Estou aturdido.— brincou ele, envolvendo-a com os braços.

165 Ela sorriu para ele e o beijou próximo à orelha. Sentindo que ele estremeceu, ela lentamente deslizou a língua pelo pescoço e desceu resvalando-a *ondeamente* até o umbigo. Calado, ele seguia ela com um olhar semicerrado, e suspirou quando sentiu o membro ser brandamente afagado por duas mãos macias e experientes. Quando Cristiane dirigiu-lhe um sorriso lúbrico, ele fechou os olhos e logo após sentiu o pênis ser envolvido por dois lábios quentes. Em
170 menos de cinco minutos ela conseguiu fazer ele, novamente, explodir-se de prazer dentro de sua boca.

175 Alberto continuava sentado em sua poltrona, agora mais pensativo do que antes. Desde o início percebera indícios de culpa no semblante enlanguescido de Edward, e lembrar dos acontecimentos que mais lhe fustigaram durante 20 anos fez ele questionar-se sobre quem realmente era o culpado por tudo o que acontecera desde a morte de Ricardo Meisinger. Lembrou de Clark e da situação desditosa em que ele se encontrava e mesmo assim culpou-o por tudo. *Talvez Clark tivesse mais culpa nisso que o próprio Cleison Boyle*, pensou. Mas mesmo que ponderasse todas as inclusões do inquérito, o detetive não conseguia encontrar razão para um crime tão bárbaro, e parou de pensar nisso quando lembrou-se de que não há
180

485 explicação no mundo que justifique tamanha crueldade. Numa
recordação involuntária, ele lembrou-se do tráfico de bebidas de 1978
e olhou para seu mais fiel e sequaz companheiro— seu distintivo
sobre a escrivania refletia como há mais de 20 anos. Sentiu-se o
490 mais indigno e pusilânime dos detetives. Indiretamente, o mais
conivente e o mais culpado. Se não se deixasse levar pelo medo que
fez com que ele encobrisse as provas que serviriam para prender
muitos dos envolvidos no tráfico de bebidas de 1978, inclusive
Cleison Boyle, nenhum desses infortúnios teriam acontecido, até
mesmo Ricardo Meisinger possivelmente estivesse vivo.

495 Absorto pelos pensamentos, Alberto nem se dera por conta que
a porta tinha se abrido. Piscou os olhos quando ela se fechou com o
estrídulo agudo do trinco velho e enguiçado introduzindo-se
perfeitamente no encaixe enferrujado junto ao marco da porta. Ao
fixar os olhos, deparou-se com Roberto Wurmam sentando-se na
500 poltrona vazia. Ao lado dele, um senhor orgulhoso procurava com um
olhar diligente por outra cadeira.

—A recepcionista disse que podíamos entrar.— explicou
Roberto, quando os olhos do detetive encontraram os seus.

Alberto balançou a cabeça, confirmando, e fitou o velho acima
dos ombros de Roberto.

505 —Sim, mas apenas o intimado. Isso aqui não é um julgamento!

A voz de Alberto foi acintosamente ríspida e o velho, sem
mencionar palavras, se retirou da sala após um sorriso covarde,
forçando cuidadosamente a porta para fechá-la sem causar ruídos.

510 O detetive passou as mãos sobre os cabelos e levantou-se para
servir-se de mais café. O tempo em que ficara enclausurado no
escritório somado aos problemas concernentes ao inquérito foram
extremamente exaustivos, e ele andava precisando de fortes doses de
caféina para se manter em pé. Quando ficou em frente ao arquivo, ele
percebeu na respiração controlada que a angústia acovardava
515 Roberto.

—Café?— perguntou, virando-se para Roberto.

—Não, obrigado.

—Sabe? Tenho a impressão de que nos encontramos sempre
em ocasiões inoportunas.

520 —Infelizmente.

—Nossa! É tão ruim falar comigo?— disse o detetive, de um
jeito debochado.

—Não, os motivos são constrangedores.

525 Com o olhar aflito e preocupado, Roberto acompanhou o detetive, que voltou a mesa e sentou-se na poltrona.

—Sabe qual é o motivo da intimação?— depois de perguntar, o detetive levou a xícara à boca.

—Imagino.

530 —Quero informações sobre Clark.— disse o detetive, de imediato, colocando a xícara sobre a mesa depois de um gole de café. Roberto aquiesceu com um gesto precipitado de cabeça e Alberto completou, olhando naqueles olhos azuis que propalavam temor e ocultavam informações— Tudo, entende?

—Sem problema.

535 —Bom, vou direto ao assunto; como Clark conheceu Cleison Boyle?

—Quem?

—Veja a foto sobre a mesa?— Alberto indicou a fotografia com um gesto de cabeça.

540 Apoiando as mãos sobre mesa, Roberto soergueu-se da poltrona e analisou a fotografia.

—Não o conheço.— disse após um breve raciocínio, mas nessa brevidade o detetive sentiu que surgiu algo de afligente quase abscenso naqueles olhos furtivos; um abalo na mente de Roberto.

545 Tanto Alberto quanto sua taquígrafa sabiam que Roberto estava mentindo, e ela não digitou nada na máquina, certo de que Cooper logo o desmentiria.

550 —Há muitos artigos que incriminam a convivência.— disse o detetive— E para certos casos não há advogado no mundo que se prontifique a defender o acusado, ressaltando o fato de que os advogados do governo são uns covardes, só sabem ler as cláusulas e artigos que não adiantarão de nada perante um júri indignado. E quer cedo ou tarde a verdade virá à tona.— a voz de Alberto era, de forma ameaçadora e direta, insinuante, e Roberto estremeceu-se ao ouvi-las.
555 — Conhece ele, não é mesmo?— completou o detetive, num tom afirmativo, e a resposta de Roberto saiu junto com o ar soprado pela boca:

—Sim. Creio que sim.

560 Alberto fez uma pausa, não acreditava que Roberto iria confessar tão facilmente e o que mais o impressionou foi a facilidade de Roberto em reconhecer o homem da fotografia; se

proceder de forma asseverativa era apenas um padrão de comportamento usado por todos os detetives, e então prosseguiu, ocultando seu entusiasmo:

—Em que ocasião o conheceu?

—Não o conheci pessoalmente, apenas em fotografia.

—Mas de que jeito?

Roberto ponderou que para que o detetive compreendesse ele teria que relatar a história desde o início. Então, encheu o peito de ar e fitou o detetive.

—Bom, Clark pediu para que descobrisse tudo sobre o ...— ele afirmou o olhar na expressão do detetive antes de completar— você lembra sobre o tráfico de bebidas no fim dos anos 70?— Alberto assentiu.— Pois bem! Como todas as pessoas, ele sabia sobre a morte de um empresário chamado Murilo Cavalhais e de seu suposto envolvimento com o tráfico, sabia também que sua esposa, após sua morte, abriu uma boate. Ao ficar sabendo de seu envolvimento com Edward, Clark pediu para que eu descobrisse mais coisas sobre o tráfico de bebidas. Dava a impressão de que ele premeditava alguma coisa, mas eu não conseguia vincular os fatos com as possíveis ideias, com o que ele premeditava.

—Um momento!— pediu o detetive, soslaiano para a jovem, que se apressava em digitar as palavras à risca; seu medo era de perder alguma informação do depoimento de Roberto.

Assim que a jovem parou de digitar, Alberto pediu para que Roberto continuasse.

—Bem, no dia em que ele me pediu para fazer isso eu não questionei o porquê e então procurei saber tudo sobre o tráfico de bebidas; toda a verdade que circundava os rumores, as pessoas envolvidas, enfim, a história completa sobre o caso. De certa forma, eu me tornei um investigador no caso. Cheguei a ir até o porto onde desembarcavam as mercadorias provenientes da Europa, e com a ajuda de um senhor que morava próximo ao cais e que trabalhara antes da decadência, consegui alguns nomes...

Imaginando o rosto circuncisfláutico do velho com o qual ele também obtivera as informações no inquérito, isso há mais de vinte anos, o detetive interrompeu com outra pergunta:

—Entre eles o nome de Cleison Boyle?

—Isso mesmo.

—Você pagou pelas informações?— perguntou o detetive.

Roberto engoliu em seco antes de dirigir-lhe a resposta, pois sabia que em muitos casos o suborno ajuda a tornar um crime inafiançável, independente de culpa.

—Paguei.— respondeu.

—Por que Clark queria saber sobre a vida de Júlia?

—Eu não entendia Clark, os propósitos dele. Ele sempre fora um homem maquinante, o que o tornava incompreensivo. Brincava com o tempo premeditando coisas que colocaria em prática anos depois. Mas talvez já soubesse sobre todas as informações que eu detalhava a ele e quisesse apenas uma confirmação. Porém, apenas depois da morte de Ricardo foi que ele descobriu que Júlia, antes de ser esposa de Murilo, era...

—Prostituta.— completou Alberto, interrompendo-o.

—Isso. Sinceramente, eu fui o primeiro a saber e comentei isso com ele, e ele pareceu ficar entre entusiasmado e absorto, como se segurasse uma arma mirada contra a testa de alguém.

—Você imaginava que Clark pudesse ser o mandante da morte de Ricardo?

Roberto pensou antes de responder, procurando compreender aquela mudança de assunto.

—Suspeitava e me classificava um paranóico sempre que isso acontecia.

—Você não queria acreditar que seu amigo era um criminoso.

—Não entendo.

—Clark era um jovem rico, não tinha contato com *gangs* nem criminosos, então usou você pra conseguir um. Como ele conseguiria um assassino para seu pai? Procurando por um anúncio em algum jornal? Claro que não. Bem, então você, de forma indireta, indicou Cleison Boyle. Esse era o único propósito de Clark. O envolvimento de Edward com Júlia, como o fato de ela ter sido uma prostituta, sem julgar as intrigas ultrajantes entre os dois dentro da Meisinger, poderia ser apenas uma coincidência que serviu apenas para confundir sua cabeça enquanto Clark planejava ir atrás de Cleison para contratá-lo para assassinar Ricardo. Usando do dinheiro, não foi difícil convencer Cleison Boyle a fazer o serviço.

Roberto percebeu a expressão asseverativa do detetive e não falou mais nada, ficou oscilando entre a total perplexidade e a dúvida, mas seus olhos tensos anunciavam o que sentia e que seu semblante ocultava. O que ele sempre classificara como uma paranóia, Clark,

540 seu então melhor amigo, transformou em realidade. Instantaneamente um arrependimento impregnou-se em sua mente e refletiu-se nitidamente em seus olhos mortiços.

—Sei como se sente.— prosseguiu Alberto, percebendo a culpa patenteada nos olhos de Roberto— E sabe como pode reverter isso? Confessando seu envolvimento perante um juiz, pois só assim iremos julgar o único criminoso, ou ao menos o que está vivo.

545 —O quê?— Roberto pareceu sobressaltar-se pelas palavras do detetive— Cleison Boyle está morto?

—Você também não lê jornais?— Alberto fez uma pausa sugestiva e concluiu— Mas falta o veredicto de um.

550 Diante um dos poucos momentos de decisão em sua vida, Roberto premeu os lábios entre os dentes e balançou a cabeça.

—Tudo bem.— disse ele— Pode contar comigo.

555 —Eu já esperava que você concordasse.— disse o detetive, satisfeito— É apenas disso que eu preciso. Ah, só mais uma coisa; o assassino de Manuelle foi o mesmo homem que matou Ricardo. Aquele que você indicou a Clark. Seu melhor amigo.

560 Assim que Roberto saiu preocupado da sala, cheio de surpresa que logo se converteria em arrependimento, Alberto rapidamente apanhou o telefone.

565 Sentado em uma cadeira de repouso bem ao meio à varanda de uma casa construída sobre as falésias anfractuosas e íngremes, João Lopes, com um olhar distante, ignorava as ondas esbranquiçadas a sua frente e observava a imensidão do mar azulado sentindo a brisa soprar gentilmente em seu rosto tortuoso quando sua esposa, uma senhora obesa de olhos miúdos e rosto arredondado, se aproximou com um auscultador nas mãos.

—Telefone.— disse ela.

570 João piscou rápido, como se acordasse de um sonho, e perguntou com sua voz calma:

—Quem é?— ao ouvir a resposta de que era Alberto, um sorriso tomou forma em seus lábios e ele apanhou o telefone.— Sim?

—João, preciso de você aqui, poderia me ajudar?

575 Havia alguma expectativa nas palavras de Alberto.

—Quando?— perguntou, sem ao menos perquirir o motivo.

—O mais rápido possível.

580 Na solidão álgida e caliginosa do quarto, as imagens
continuavam a lhe torturar. Via-se preso na angústia e no sofrimento
e ainda sentia o sangue escorrendo pelo rosto e o ardor na têmpora
rasgada. Mas o mais angustiante era que aquela brutalidade se repetia
a todo o tempo em sua cabeça, como um filme de terror mnemônico
se repetindo incansavelmente; começava com a boca de Manuelle se
585 abrindo, deleitavelmente, e tudo se escurecia quando a cena do
estupro terminava. No entanto, nos poucos segundos de escuridão,
sua vaga consciência tinha a noção de que em poucos segundos todo
aquele pesadelo se reiniciaria e que a cada recomeço mais dor ele
sentiria nos braços, no peito e na cabeça, como se tudo que estivesse
590 vendo fosse real. Sabia também que a qualquer momento tudo
chegaria ao fim e todo o sofrimento e toda a compaixão se
tranquilizaria. Sabia que estava vivo e nunca almejava tanto alguma
coisa, nem mesmo o poder, quanto almejava a morte. Porém, ele já se
acostumara ao pesadelo, e mesmo vendo repetições da morte da
595 mulher mais perfeita que já conhecera, ele concomitantemente
relembra das cenas de sua vida. Não lembrava de como era seu
sorriso porque foram poucos os momentos de felicidade, e quando
fora feliz estava sozinho e não havia ninguém para tirar uma
fotografia ou gravar sua felicidade em vídeo. Descobriu-se o homem
700 mais solitário do mundo. Um gemido flébil cerrou o silêncio do
quarto quando ele lembrou de duas moedas jogadas ao ar caírem
lentamente em águas cristalinas. Viu ao fundo das águas o sorriso de
seu pai, que honrava tanto o sobrenome Meisinger. Mas logo o
sorriso de Ricardo se fechara e seus olhos se enchiam de lágrimas. O
705 vidro da janela do carro se confundia com as águas de Fontana de
Trevi, em Roma, e atrás dele, dois olhos rúbidos vendo seu único
filho indo para seu primeiro dia de aula. Em meio o silêncio do
quarto, Clark suspirou ao lembrar vagamente da universidade e de
seus sonhos, logo mais de sua única ambição, e por fim lembrou de
710 seu inimigo, do homem, de um amigo que sua arrogância e ambição o
convertera em inimigo. Tentou encontrar um sentido para todo o ódio
que sentira em sua vida, mas não conseguiu e soube então que não
vivera, nunca, pois não encontrou a resposta para o que mais lhe
tomou tempo e pelo qual matara e certamente iria morrer, matara
715 inclusive a beleza mais pura que encontrou em sua vida; a filha de
seu inimigo. Sim, ele conseguiu fazer vingança. Mas vingança em
razão de que se tudo não tinha sentido ou propósito? Nunca ninguém

720 tinha lhe feito mal algum, simplesmente se defendiam de seus
ataques. Lembrou de sua mãe segurando uma taça dourada e logo
após lembrou da imagem dela nua em sua frente, em frente às chamas
que se pareciam com um inferno imaginário e adurento; ali então ele
725 soube o porquê daquele sorriso insano que modificava a expressão de
Tea— mesmo sem ter absoluta certeza, Tea sabia que fora seu filho
querido o mandante na morte Ricardo, seu mentor, o único que
poderia ajudá-lo a lutar contra si mesmo, contra sua própria fraqueza
— a ambição atávica que só um Meisinger reconhecia em um outro
Meisinger. Lembrou-se dos lábios de seu pai lhe admoestando que o
730 *confortismo* é a jaula que impede as pessoas de serem sábias, a
comporta que impede elas de chegarem ao posto mais próximo à
sapiência, e que ele, seu pai amoroso, nem sempre estaria presente
para lhe proteger. Sem suscitação de outras lembranças, Clark
relembrou da promessa ameaçadora que o sicário que ele pagara para
matar seu pai lhe fez antes de sair do restaurante para a noite chuvosa
e então soube quem tinha feito aquilo com ele, quem tinha matado
735 Manuelle e o porquê.

*Não tenho hora ou data, por isso esteja à prontidão em
todo o momento. Não sou escravo da pressa, como você, é claro,
mas não se esqueça que cedo ou tarde irei procurá-lo para cobrar
essa dívida.*

740 Aquele homem que tivera visto duas ou três vezes na vida, a
cumprir de suas palavras, surgiu para cobrar sua dívida. A mulher
mais linda que ele conheceu e pela qual momentaneamente se
apaixonara foi o preço que ele pagou pela morte de seu pai. Por fim,
Clark não aguentou e tudo novamente se escureceu. Mas dessa vez,
745 para sempre.

No outro dia pela manhã, o automóvel de João Lopes foi
estacionado em frente a 13ª DP, onde há mais de vinte anos vinha
sendo o endereço de Alberto Cooper. Firmando os passos, ele subiu
750 os degraus e entrou no departamento. Cambaleante pelo pando
corredor de parquê, ele encaminhou-se até a última das portas onde se
escondia o melhor e mais rigoroso detetive da cidade. Ao entrar na
sala, ele logo avistou Alberto sentado numa pose inclinada e
orgulhosa sobre a poltrona. João teve a impressão que ele já o
755 aguardava, pois não viu o formar de seu sorriso. Alberto já sorria seu
contentamento.

—Qual é a novidade?— indagou João, aproximando-se da cadeira.

760 —A solução.— respondeu Alberto, observando João enfarruscar a expressão defeituosa.

—Solução?!

—Isso mesmo. Chamei-o para compartilhar este momento tão...— o detetive deu um tempo para pensar em alguma palavra que de certa forma exprimisse o que ele estava sentindo.

765 —Glorioso.— ajudou o outro.

—Exato. Glorioso.— Alberto observou João acomodar-se depauperadamente na poltrona, como estivesse se preparando para ouvir uma anedota cheia de bom humor e entusiasmo, e prosseguiu— Ninguém mais que você lembra que há mais de vinte anos prometi a mim mesmo que iria capturar os culpados na morte de Ricardo e hoje tenho o que precisava pra fazer isso.

770 —E as peças se encaixaram?— perguntou João.

—Perfeitamente.

—Mostre-me.

775 Alberto ajeitou a gola da jaqueta de couro preta e abriu a gaveta. Tirou do fundo dela uma pasta e abriu-a sobre a mesa. Retirou dela um monte de papéis e espalhou-os por sobre a escrivaninha. Em seguida, jogou a pasta num canto, próxima ao arquivo velho e enferrujado que há anos enfeitava aquela sala sustentando uma garrafa térmica de café. Um a um ele deslizou os papéis por sobre a mesa na direção dos olhos curiosos de João Lopes — a fotografia do corpo mutilado de Ricardo já esmaecida; as fotos do corpo de Cleison Boyle; os documentos antigos referente ao porto com as assinaturas comprobatórias de Cleison Boyle, Murilo Cavalhais, Carlos Newman, entre outros envolvidos no antigo tráfico de bebidas, alguns de influência notória; o papel encontrado abaixo da língua de Manuelle; e por último, a folha em que Clark riscou o desenho semelhante à tatuagem encontrada no pulso de Cleison Boyle. Entre esses papéis, considerados documentos pelo detetive pela importância de cada um, estava uma fotografia 3x4 de Cleison Boyle e o retrato falado retirado do depoimento com Guilbert Rizzoli, o antigo garçom do Kep's Bar— incontrastavelmente havia uma forte semelhança entre o retrato falado e a fotografia.

790 —E isso ai é suficiente?— indagou João Lopes, vendo Alberto repoltriar-se no espaldar da poltrona com a mão tapando o sorriso

795

curto e informativo.

—Unindo-se com as testemunhas.

—Testemunhas? Quais?

—Várias, entre tantas, a de Roberto Wurmam.

—Roberto Wurmam?— João pareceu não entender muito bem as palavras de Alberto.

—Sim. Ele aquiesceu em depor no dia do julgamento de Clark, que será instituído assim que ele convalescer, física e psicologicamente, que por sinal acredito que vai demorar um bom tempo. O que importa realmente é que eu já tenho tudo o que preciso para abrir um novo inquérito de acusação contra Clark na morte de Ricardo Meisinger.

Alberto percebeu João ficar ainda mais confuso. Seu velho amigo não era mais o detetive sagaz que procurava estar a par de todos os fatos, e sim um senhor fatigado e de raciocínio lento. Ainda assim, com todos os problemas patológicos que o debilitava, ele não deixara de ser o mesmo curioso de sempre; e ciente dos problemas e da curiosidade de João Lopes, Alberto sabia que teria que ser ainda mais minucioso, teria que explicar novamente toda a história.

—Se me permite, vou resumir.— disse o detetive, abarcando os papéis com os braços e resvalando-os por sobre a mesa— Como suspeitávamos, Clark realmente foi o mandante na morte de Ricardo, e, como suspeitávamos, quem o matou foi o mesmo assassino de Manuelle.

—O quê?— unindo-se a expressão defeituosa, a voz exaltada de João foi um tanto engraçada e Alberto prosseguiu:

—Roberto Wurmam conseguiu o nome de Cleison Boyle ao investigar o caso do tráfico de bebidas de 78 a pedido de Clark, e sabe o porquê? Clark queria encontrar algum criminoso para suborná-lo a matar seu pai; e ninguém melhor que alguém ligado a algum caso polêmico como Cleison. Roberto não foi nada além de um idiota usado por Clark quando esse precisava só de um nome e de uma história, por isso acredito que mesmo indiretamente Roberto também tem culpa na morte de Ricardo. Bem, com o nome em mãos, Clark, sendo esperto, facilmente descobriu onde Cleison morava e o que estava fazendo. O fato de Cleison estar trabalhando como servente de pedreiro e morando em uma kitchenette suja e pequena facilitou o suborno.

João sentiu a firmeza nas palavras e nos olhos de Alberto e

335 tentou agir naturalmente, dissimulado entender os fatos que no fundo ele não entendia.

—Como foi? Quais foram os planos, as táticas, de Cleison?

340 A mal formulada pergunta de João inclinou a narração de Alberto numa outra direção. Ele tinha em mente primeiramente narrar a vida de Cleison antes de pormenorizar a morte de Ricardo. *Mas que importância teria isso?*, se perguntou o detetive, estudando a débil expressão de João Lopes.

345 —Na minha opinião, Clark sabia que seu pai iria viajar e também sabia sobre o dia em que ele iria retornar, e contou tudo o que sabia a Cleison. Como Clark sabia dos costumes de seu pai, disse ao assassino onde Ricardo costumava tomar café e jantar quando estava fora de casa; o Kep's Bar. A localização da lanchonete entre a mansão dos Meisingers e a avenida sul da cidade, onde encontramos o corpo, torna isso ainda mais axiomático.— Alberto analisou o olhar inquisitivo de João e fundamentou sua ilação— O que me ajudou a tirar essa conclusão foi uma fotografia antiga que havia sobre a lareira na mansão dos Meisingers; nela, Clark, ainda pequeno, estava sentado ao lado de sua mãe em uma das típicas cadeiras do Kep's Bar. 355 Atrás de Tea, Ricardo estava sorrindo para o fotógrafo, certamente contratado pelo próprio restaurante. Sabendo disso, e mesmo incerto, o assassino esperou por Ricardo no Kep's Bar no dia indicado. Mas a contingência, a insegurança de Cleison se dissipou quando Ricardo entrou no restaurante. Aliás, tenho o testemunho assinado de um garçom que o viu entrar no restaurante, um senhor depressivo que trabalhara no Kep's Bar na época, quando tinha pouco mais de 20 anos e que teve de se esforçar um pouco para relembrar do dia em que ele serviu o presidente da Meisinger antes de ele sair do restaurante acompanhando um homem que ele nunca tivera visto. 360 Você também deve se lembrar dele, o nome dele era Guilbert Rizzoli e foi testemunha única no inquérito sobre a morte de Ricardo. Você acredita que ele teve que se esforçar para se lembrar de seu próprio depoimento, e só conseguiu recordar quando apresentei a ele seu próprio testemunho? Não imagino o porquê, mas o cara tá doidão. Costuma repetir palavras e frases, mas têm convicção. Não confirma o que não tem certeza.

370 João formou uma expressão espantada, mas não mencionou palavras.

—Bem, dando continuidade, eu acredito que depois de algum

375 tempo de espera, Cleison supostamente usou alguma arma escondida
dentro de uma blusa para obrigar Ricardo a sair do bar, e logo após o
obrigou a ir ao local onde ele fez seu serviço sujo; quanto a isso, ao
local onde ele assassinou Ricardo, nós nunca teremos a resposta. A
pequena marca arredondada nas costas de Ricardo que aparece nas
380 fotografias comprovam que Cleison não foi nada cuidadoso, mas foi
esperto o bastante ao forçar Ricardo a sair do restaurante sem que
ninguém percebesse que se tratava de um sequestro. Depois de matar
Ricardo, ele enrolou o corpo em uma lona preta e o jogou no parque
da 51. Os meses se passaram, Tea, a herdeira fideicomissária de
385 Ricardo, deixou que Clark tomasse parte das ações de Ricardo e tudo
foi olvidado. Por fim, Cleison mudou de vida e coincidentemente
começou a trabalhar na Meisinger.

—A maldade é um mal inato.— filosofou João, com
fragmentos de espanto nos olhos.

—Concordo, tentou mudar e teve uma recaída.— após uma
390 pausa e um olhar no semblante *questionativo* de João, Alberto
completou— Sabia que Cleison se tornou de neófito à pastor de uma
igreja, bem aqui perto?

João vidrou os olhos e resvalou a mão sobre o queixo. Após
um silêncio prolongado olhando no rosto de Alberto, ele perguntou:

395 —Mas..., mas como soube disso?

—Verifiquei no sistema e fui até o apartamento onde ele
morava e encontrei no lixo pedaços de alguma peça de gesso. Após
quase uma hora tentando remontá-lo, descobri que se tratava de um
crucifixo. Levando em consideração o fato de que Cleison se
000 convertera em uma igreja evangélica serve como prova de que sua
personalidade era instável e temerosa; forçava-se a seguir uma
doutrina na qual ele não acreditava apenas como proteção, prova de
sua suposta psicopatia. Junto com os pedaços do crucifixo, havia uma
plaqueta de latão como o nome de uma igreja católica e uma espécie
005 de opúsculo com o nome da igreja evangélica que ele participava. O
cara realmente não sabia por qual caminho estava seguindo.
Encontrei também uma agenda no meio do lençol em que constavam
alguns números de telefones, inclusive o número do celular que
pertencia a Manuelle, o número do celular do irmão dela e o de
10 Jasom.

—Espere, o que ele tinha a ver com Manuelle? Por que ele
tinha o número do telefone dela?

Alberto sorriu rápido do espanto de João Lopes.

—Escuta isso; um criminoso antigo se torna pastor de uma igreja perturbado pelo passado e pelo medo da reincidência; se apaixona por uma garota e tem medo de se aproximar dela; a cruz quebrada é sinal de que vivia perturbado por isso. Quando, dentro de uma empresa, vê ela nos braços do homem que mais faz sentir-se um criminoso, certamente pelo crime praticado no passado, ele finalmente enlouquece e momentaneamente volta a ser o mesmo homem que era antes de se converter. A recaída.— Alberto sorriu antes de continuar— Acredito que isso pode acontecer com pessoas fracas e coloquei minha opinião no processo. Nesse momento o promotor deve estar se divertindo um *bocado* com essa história.

—Você acredita mesmo que ele premeditou o crime no mesmo dia em que o fez?

Vendo que a incredulidade retorcia ainda mais o rosto de João, Alberto aquiesceu com a cabeça.

—Sabe, João? Cleison se achava o mais vulnerável dos homens, tinha medo de prejudicar alguém e vivia escondido em uma igreja buscando inconscientemente uma proteção divina. Seu passado explica seu medo de se aproximar das pessoas, principalmente de mulheres. A respeito de sua pergunta, com certeza ele premeditou o crime no mesmo dia em que o fez, ele dependia da eventualidade. Seu plano estaria fracassado se Clark levasse Manuelle a algum apartamento; sendo assim, como ele iria entrar no prédio sem ser identificado? Como saberia em que apartamento eles estavam? Como poderia ele saber para que motel Clark e Manuelle iriam? E como saberia que Manuelle estaria com Clark na empresa naquele dia? Cleison era um homem frio e calculista. Com muita facilidade ele bolava no mesmo instante seus planos.

—É. Nisso você tem razão. Mas espere! De que passado você está se referindo?

—Em sua ficha inclui que, antes do tráfico de bebidas, ele fora indiciado por assassinar uma ex-namorada que fora encontrada enforcada em seu próprio quarto. A depressão da moça e seu vício em cocaína serviu de álibi e nada foi comprovado, e tudo, como na maioria dos casos, foi esquecido.

Pasmado, João esforçou-se mentalmente para elaborar a próxima pergunta:— Mas isso poderá ser usado como prova?

—Mesmo considerando o fato de que ele não fora incriminado

055

como assassino dessa moça, as coincidências podem ser levadas em consideração. Os números na agenda, o crucifixo quebrado, as ligações para Jasom; unindo os fatos, tudo indica que, sem a menor sombra de dúvidas, foi ele quem matou Manuelle e quem também matou Ricardo. Sua tatuagem junto com a foto do corpo de Ricardo e o papel encontrado na boca de Manuelle corroboram ainda mais essa possibilidade. Isso sem mencionar as semelhanças entre o retrato falado feito através do depoimento de Guilbert e a foto 3x4 de Cleison Boyle. Qualquer um julgaria ser a mesma pessoa.

060

—E qual é seu ponto de vista em relação ao fato de o assassino deixar seu desenho em seus crimes?

A pergunta de João pareceu surpreender Alberto.

065

—No assassinato de Manuelle, ele queria ligar a morte dela com a de Ricardo, uma forma de deixar claro que Clark tinha envolvimento na morte do próprio pai e que se tratava do mesmo assassino. O que não consigo entender é o porquê do desenho na barriga de Ricardo, certamente ele não premeditara vinte anos atrás a morte de alguém, principalmente de uma garota de programa.

070

João percebeu a persuasão no rosto de Alberto e soltou o ar obstruído nos pulmões, e quando pensou em elaborar uma próxima pergunta, ouviu o ruído do trinco da porta e em seguida o estrídulo irritante dos quícios se dobrando. Como detestava ser importunado durante uma conversa, Alberto contraiu o rosto ao perceber a jovem secretária surgir no vão da porta; antes que ela abrisse a boca para qualquer palavra, ele perguntou com voz agressiva:

075

—O que foi?!

—Desculpe-me o incômodo, senhor, mas não pude deixar de...

080

—Termine.— retorquiu ele, ignorando a *negra* palidez no rosto da secretária.

—Acabei de ouvir as últimas notícias e....

A lapuzice do detetive deixava ela ainda mais vexada.

—Vamos, menina! Desembuche logo?

085

—Clark Meisinger está morto, senhor.

090

Em um determinado momento, na casa de Júlia, Reginaldo e sua mãe trocavam olhares tristes enquanto assistiam desenhos animados que não animavam seus ânimos. Com um olhar triste, Reginaldo fitou o celular que pertencia à sua irmã próximo ao televisor e levantou-se do sofá. Poucos minutos depois de ligar o

telefone, pela primeira vez após a morte de Manuelle, três mensagens cintilaram uma após a outra no visor riscado, cada uma anunciando que alguém tivera ligado para seu telefone; um dos números, indicado na segunda das mensagens, pertencia ao telefone de Jasom, e o outro, indicado na outra mensagem, era do telefone de Reginaldo. Porém, uma única mensagem deixou Reginaldo intrigado; na primeira das mensagens o número de um telefone fixo surgiu ameaçadoramente no visor. Curioso, ele apanhou seu telefone e discou os números. Mas, como sempre, ninguém atendeu a chamada sibilando no telefone público que havia ao lado dos altos muros da empresa Meisinger Multimídia.

Dois meses se passaram após a morte de Clark e já não haviam mais diatribes em relação a malsucedida cessação do inquerito e nada mais estava sendo promulgado na mídia e fora dela além dos comentários de que o melhor detetive da cidade iria abandonar sua profissão. A morte do presidente de uma das maiores empresas do país foi apenas uma notícia importuna que faziam telespectadores e ouvintes desligarem TV's e rádios quando ela era insistentemente propalada para aumentar a audiência. Nem ao menos fotografaram a sepultura de Clark e não houve ninguém a prestar-lhe homenagens no dia do funeral, onde deu-se para ouvir apenas o sufrágio teatral das carpideiras contratadas pelo serviço funerário junto ao ruído de seus guarda-chuvas sendo molhados pela garoa. Na Meisinger, surgiu um alívio tácito em todos, principalmente nos acionistas. A única exceção nesse caso era Edward Radmim, que não vibrou, como justificavelmente deveria fazer, com a morte do principal culpado pela morte de sua filha, pois sua própria vida já não fazia mais o mesmo sentido.

Após um dia inteiro cingido pelos questionamentos na empresa, Edward se via extremamente cansado, tanto que se deu ao trabalho de regular a poltrona para facilitar o descanso dos braços sobre o volante. Depois de esgueirar o carro na descida ao térreo do Edifício Mallon, ele estacionou-o de qualquer jeito entre duas colunas e subiu ao apartamento. Em seu rosto exsicado pelo frio e pelo sofrimento, o cansaço revigorava os traços da velhice. Resvalou a mão sobre o rosto e sentiu a pele áspera, talvez pela poluição, talvez pelo sofrimento, e viu na porta metálica e asseada do elevador se abrindo o reflexo do que sobrou de um homem obstinado e brioso;

030 cabelos grisalhos, quase brancos, olhos profundos e uma boca pálida
e ressequida; dava a impressão de que fora extirpado-lhe os lábios
onde não havia mais sangue, apenas fiapos de pele fina; tristemente,
seu aspecto era de um homem morto. Mas ele não se importava com
035 isso e nem ao menos se esforçava em molhar os lábios com a língua.
A passos vagarosos, ele se aproximou da porta do apartamento, abriu-
a e ouviu *The Winner Takes It All*, do ABBA, soando branda e
anunciando que Cristiane estava em casa, coisa que ultimamente não
andava fazendo; então, encaminhou-se ao banheiro. Depois de um
040 banho rápido exigido para coincidir com seu plano, ele caminhou até
a sala, cruzando pela cozinha escura. Estava tão exausto que ao
chegar à sala teve a coragem absurda de desligar o rádio que
reproduzia *Ana's Song*, do Silverchair. Virou-se para Cristiane, que
se encontrava deitada de pernas abertas sobre o sofá, e, parecendo
045 cansada, ela lançou-lhe um sorriso forçado. Pela postura incômoda,
Edward percebeu que ela estava um tanto dolorida e então soube que
passara o dia inteiro fora de casa. Puxou ar aos pulmões, como se
estivesse tomando coragem, e sentou-se no outro sofá.

—Como foi seu dia?— indagou ela, quebrando os poucos segundos de silêncio.

050 —Ótimo, como todo o último dia deve ser.

Cristiane vincou a testa, pigarreou disfarçadamente e ajeitou-se sobre o sofá.— Último dia?! Do que está falando?

—Digamos que abandonei a Meisinger.

055 Tautócrono ao sorriso apático e debilmente irônico dele, Cristiane soltou um sorriso cético e balançou a cabeça.

—Você só pode estar brincando.

Ele cerrou o sorriso, fitando a esposa.— Olha pra mim e vê se estou brincando.

060 Questionar mentalmente o motivo pela decisão precipitada de seu marido pareceu prolongar a troca de olhares, e perceber que não havia assomo algum de dúvida na expressão acusadora dele fez ela desabafar, quebrando o silêncio:

065 —Você não pode ter feito isso, não está em estado emocional adequado para tomar esse tipo de decisão, Ed, sabe disso. Pode se arrepender mais tarde.

—Não só estou preparado como já tomei minha decisão, Cris. Finalmente estou livre.

—Você... Essa empresa significa tudo pra você, Ed.

—Significava. Pretendo passar o resto de meus dias distante dela.

Edward sentiu-se triste ao perceber que Cristiane não deu a mínima importância ao triste pessimismo tão evidente em suas palavras.

—Não! Você só pode estar brincando!— ela levantou-se e cruzou os braços, meneando a cabeça incompreensiva— Isso é ridículo, é insensato. Vender as ações de uma das maiores em...

—Eu não vendi minhas ações, Cris.— interrompeu ele, como se estivesse explicando uma notícia que fora má interpretada— Eu passei as ações. Acredito, sem sombra de dúvidas, que Maurício será um perfeito acionista para a Meisinger.

—O quê? Você doou sua parte na empresa?!

—Isso mesmo. Passei minha vida toda sendo o exemplo do homem avaro e posso contar os poucos momentos em que realmente fui feliz. E tudo por uma reputação e um cargo em uma empresa. Abduquei muitas coisas que teria que abdicar se quisesse seguir como um empresário. Muitas coisas mesmo, Cris.

Edward pensou em enunciar o nome de sua filha, mas o nome dela saindo pela boca seria assaz doloroso, ainda mais em uma frase em que de forma alusiva ele admitiria sua culpa na morte dela.

—Não, você só pode estar ficando louco, isso é muita ignorância e estupidez de sua parte, Edward!

—Ignorante!— ele disse pausando as sílabas enquanto as palavras saíam suavemente pela boca— É exatamente isso que eu sou, Cris, um ignorante.

Cristiane olhou nos olhos do marido que se colocava em pé, sem compreender o que ele estava insinuando e o porquê ele olhava tão acusadoramente para o seu rosto.

—Você acredita tanto na minha ignorância que acreditou que eu não iria descobrir sobre o seu caso com o entregador de correspondências, não é mesmo, Cris?

Subitamente um silêncio afligente dominou a sala e Cristiane sentiu um vazio no estômago. Olhou para o marido e a triste visão das lágrimas escorrendo pela pele seca dele foi como uma fígada no coração. Não falou nada, ficou ali, perplexa, olhando transbordar a decepção em seu marido junto à amargura; e quando um composto de tristeza, vergonha, culpa e decepção apertou-lhe o peito, ela não aguentou a pressão e correu para a cozinha. Não podia negar o que

realmente tinha acontecido.

10 Edward limpou as lágrimas e caminhou até o quarto. Abaixo da
cama estava a mala com as roupas mal selecionadas e um álbum de
15 fotografias, alguns livros dentro de uma valise e uma singela
passagem de ônibus, pois ele abominava viagens de avião. Pretendia
passar meses em alguma pousada distante de todo mundo, o lugar
20 imaginário onde desde a adolescência planejava escrever um livro, e
agora que adquirira maturidade e experiência suficiente para fazê-lo,
ele não podia procrastinar; estava diante de uma oportunidade única,
pois agora sabia que a vida brincava de moldar não só a compleição e
o semblante das pessoas, como também a alma e a mente, alterando
25 em cada pessoa o modo de ver e de *levar* a vida. Ele usava de uma
filosofia vã como base para escrever— acreditava que a idiossincrasia
de cada pessoa era algo mutável e que alterava também a
personalidade de cada pessoa, o que faz do ser humano o mais falso e
dissimulado dos animais; em um certo dia um homem reage de uma
30 certa forma em relação a algum acontecimento; mas se esse mesmo
acontecimento sobreviesse em um outro dia qualquer, esse mesmo
homem, dependente de seu estado emocional, possivelmente poderia
reagir de uma forma totalmente diferente.

Decidido no seu propósito, ele apanhou a mala e encaminhou-
se para a cozinha. Com as mãos apostas sobre a pia e com a cabeça
35 abaixada na altura dos ombros, Cristiane chorava sentindo que tudo
acabara de perder o sentido, e de forma abrupta e talvez irreversível.
Tudo se transformara momentaneamente em tristeza e melancolia e
sentiu-se a mais ignóbil das mulheres quando não encontrou palavras
que pudessem explicar o que fez— traiu seu marido no momento em
40 que ele mais precisava de sua ajuda. Tentou controlar os soluços e
ouviu a voz suave de Edward chamando seu nome. Os olhos
vermelhos se direcionaram receosamente para a porta onde ele sorria
como na primeira vez em que ela o viu; com os cabelos caídos sobre
a testa, levemente balançados pela brisa que vinha do mar de Angra.
45 Era engraçado e perturbador, mas mesmo depois de tudo o que
aconteceu, de toda a perfídia, dava a impressão de que ele ainda a
consolava com um olhar doce; o sorriso caritativo em seu rosto era
excruciante e ela não entendia o porquê estava almejando tanto a
raiva dele. Naquele momento, de forma alguma ela retaliaria a
acrimônia de seu marido e como desejava seu ódio. Era coerente em
reconhecer que naquele momento ela era digna de aversão e repulsa.

Mas não. Ao contrário do que ela almejava, via-se apenas o sorriso triste nos lábios de seu marido.

150 —Escuta.— disse ele, a voz quase condolente, como se soubesse o que ela sentia pelo próprio erro e que de forma branda queria fustigá-la ainda mais— Não se preocupe comigo, eu te ligo quando tudo terminar bem.

155 Ela o viu dar as costas e sair, e quando ouviu o estrídulo do trinco da porta se fechar, o pranto alto quebrou o silêncio do apartamento. Nessa hora ela soube que amava Edward, que Carlos, seu antigo patrão, era apenas uma fantasia antiga, um orgulho quebrado. Soube que a felicidade ao lado do marido fora real, não teatral como ela planejava tristemente antes de se casar com ele, desejando esquecer Carlos, o homem que ela nunca amara. Sentiu
160 que vivera um real paradoxo quando lembrou de seu sofrimento nos dias em que Edward insinuava pedir o divórcio. *Por que ela sofrera tanto naqueles dias se o sentimento que fluía em seu coração não era amor?* Quando se fez essa pergunta, ela se considerou o mulher mais estúpida do mundo em não reconhecer os próprios sentimentos.
165 Horas depois, ao levantar do chão de ladrilho e ir até a sala, Cristiane encontrou sobre a mesa de centro cópias dos documentos da venda do apartamento e se preocupou ao saber que tinha pouco mais de dez dias para desocupá-lo. A preocupação em relação a isso foi atenuada ao encontrar fotos dela entrando em um motel envolta pelos braços de Eduardo Rabello, esse dirigindo um carro modesto. Aquelas fotos não pareciam ser uma ofensa, um antojo depreciativo, era mais como um pedido indireto para que ela o deixasse em paz porque ele tinha muito o que fazer e não queria ninguém para importuná-lo, como, por exemplo, uma esposa pérfida recusando-se a assinar os documentos
170 do divórcio. E então, assim que recebesse os papéis do divórcio, ela não se recusaria a assinar. Na dúvida se estava diante de um pedido pacífico ou de uma chantagem, Cristiane entrou no quarto e avistou sobre a cama a aliança de Edward dentro da mesma caixinha que ele abrira na noite chuvosa em que a pediu em casamento.
175

180 A fragosidade da ladeirosa estrada de cascalho tremelicava o carro e as mãos que apertavam o volante. Considerando a velocidade, dava a impressão de que ele inconscientemente fugia de alguma perseguição, de uma vida monótona que há pouco tempo se dera por
185 conta de que nunca fora feliz e que sempre vivera preocupado com os

190 problemas dos outros. Mas não era apenas impressão, a realidade era que Alberto Cooper conscientemente fugia de um passado insignificante e levava consigo apenas suas roupas velhas e deselegantes jogadas sobre o assento traseiro de seu velho Opala 84 e a culpa pela covardia que resultara apenas em tragédias; um sentimento esmorecedor que planejava expelir de sua consciência em frente as aplacadoras ondas do mar. Mas a casa de João Lopes ainda estava longe e através do pára-brisas empoeirado se avistava, bem abaixo da estrada, uma ponte de madeira sobre um rio largo e raso, de 195 águas tão límpidas que dava-se para observar as pedras escuras e escorregadias, além de refletir as cores verdes das altas montanhas à frente. Quando o carro passou por sobre a ponte, Alberto avistou o rio se distanciando entre dois montes rochosos e abruptamente desaparecendo abaixo dos galhos retorcidos das árvores arraigadas nos encostos nublados dos montes— seguindo paralelamente o 200 percurso do rio, uma brumosa estrada de terra desaparecia em meio as árvores. No rio, à frente de algumas pedras salientes, uma névoa quase invisível anunciava uma cachoeira. Aquela visão fabulosa foi o bastante para Alberto sentir uma subitânea pontada de desejo 205 mesclada no desgosto ao calcular sua idade e lembrar que nunca avistara uma cachoeira; apenas admirava as Cataratas do Iguazu em um quadro que por anos embelezou a parede insulsa de seu escritório. Freou bruscamente o Opala abaixo dos galhos de algumas árvores que ensombravam a margem da estrada e desceu em meio uma fina 210 poeira que subia do chão. Depois de tirar a blusa de lã e jogá-la sobre o capô, ele desceu até a margem do rio. Descalçou os pés dos sapatos velhos e das meias e arremangou a calça jeans até os joelhos. Quando entrou no rio e sentiu a água tépida nos pés, ele suspirou e uma marca soturna de sorriso surgiu-lhe no canto dos lábios. Enquanto andava 215 morosamente sobre as pedras geladas e escorregadiças, a visão do limite do rio se aproximava. Na lentidão dos passos, ele começou a relembrar dos velhos acampamentos na adolescência junto com amigos que ficaram perdidos em tempos felizes em sua cidade natal. Quando relembrou de um sorriso meigo e insinuante, clareado pelas 220 flamas de uma fogueira sobre um gramado mádido, as marcas do sorriso de Alberto desapareceram e a expressão se entristeceu. Luciana fora uma das poucas namoradas que tivera e a única pela qual se apaixonara e que abandonara para ir em busca das tão sonhadas insígnias de detetive em uma cidade grande e promissora.

225 Ele não se despediu de Luciana antes de ir embora, nem dos amigos e
sua mãe só soube quando ele já tinha guardado em uma mala velha
suas poucas roupas e alguns livros de suspense policial que muito o
induziram a tomar sua decisão. Desde então a altivez e a pertinácia
230 apenas cresceram em seu âmag, de tal forma que negou a si mesmo
as lágrimas que molharam seu rosto quando dentro do ônibus olhou
para trás e avistou a cidade pequena desaparecendo aos poucos de sua
visão.

235 Sentindo as águas ultrapassando suas pernas, ele procurou
alguma justificativa pela imprudência de abandonar tudo o que mais
gostava e a resposta foi desanimadora; um distintivo e a fama de
policial durão, igual a dos personagens que admirava nos livros que
lia e via nos filmes de gângsteres que assistira na companhia de
Luciana. Ficou ainda mais triste ao lembrar de que depois que fora
240 embora nunca mais conseguiu ler um livro do início ao fim e sentiu-
se um estulto ao lembrar que A Ira dos Anjos, de Sidney Sheldon,
ficou jogado dentro da lixeira no canto do apartamento, que ficou
com as janelas abertas para a praça central das cidade; pelas janelas
de madeira de seu quarto entrariam o som das novas músicas de
245 Jasom Mirojinick em seu show marcado para aquela noite que fora
tão entusiasmamente propalado pelas redes de comunicação.

Quando estava próximo à cachoeira, ele virou-se para trás e
avistou atrás de seu Opala empoeirado, já distante, uma casa grande e
abandonada construída sobre o cume plano de um outeiro
ensombrado pelos montes altos que o cercavam. Bem à frente da casa
250 havia um penedo pelo qual descambavam as águas do rio movendo
uma azenha de madeira corrompida pelos anos e encerrando uma
visão tão fabulosa que parecia ser artificial, como a mais perfeita das
pinturas paisagísticas de Deus. Puxou ar aos pulmões, sentindo o
cheiro virginal da natureza, e olhou para frente. Extasiado pela névoa
255 que subia da cascata e formava uma cortina transparente à sua frente,
ele firmou os pés sobre as pedras e se aproximou da cachoeira.
Cuidando para não escorregar os pés sobre as pedras escorregadias,
ele chegou mais perto do alto da queda e olhou para baixo, onde em
meio a névoa que subia, ele avistou algumas pedras enormes sendo
260 violentamente tapeadas pelas águas que caíam, e mais à frente, uma
lagoa de águas calmas e tão cristalinas que liberavam a visão
fascinante dos peixes em meio o pouco reflexo dos penhascos. As
águas do lago eram tão límpidas que dava-se para contemplar alguns

265 peixes que se escondiam abaixo dos plêustons que esverdeavam as
margens do lago. Quando o medo de que a absorção deixasse seu
corpo cair junto com as águas, ele levantou a cabeça. Olhou meio que
assustado para o lado, onde sobre uma laje de pedra surgiu a imagem
de duas amigas que fizeram parte de um passado distante e que
270 inquestionável e inexplicavelmente desapareceram de sua vida. Teve
a impressão de que elas sorriam para ele e que em seus sorrisos havia
um certo receio de que ele pulasse no abismo. Nos olhos de uma
delas a ingenuidade resplandecia, o que fez ele imediatamente
relembrar de Manuelle e, sucessivamente, da tristeza no rosto
275 encarquilhado de Júlia, sua mãe. Na sucessão das lembranças, ele
sentiu vergonha e arrependimento ao mesmo tempo; arrependimento
de abandonar um passado auspicioso, mesmo em uma cidade
pequena, e culpa pela covardia, pelo medo que resultou na morte de
duas ou mais pessoas. Se perguntou se Cleison Boyle cometera outros
crimes após o tráfico de bebidas e por quantas outras vidas ele
280 poderia ser o maior e talvez único culpado. Realmente, ele não quis
saber. Sentindo-se um fracassado, ele olhou para frente e avistou
algumas garças adejando entre as montanhas. Abriu os braços e sem
sentir que lágrimas caíam de seus olhos, ele deixou que o vento leve
empurrasse seu corpo para frente, que procumbiu entre as águas que
285 lavariam sua culpa.

No choque do corpo contra as pedras, ele sentiu uma dor forte
e rápida e tudo então se apagou. Segundos depois se avistava do alto
da cascata um pequeno ponto boiando sobre uma lagoa límpida, um
cadáver tão pequeno quanto os peixes que nadavam abaixo dele, na
290 água translúcida em que se espargia o sangue.

Em um outro lago distante, esse mais próximo da cidade, no
fundo das águas, onde às margens havia um gramado que dava a uma
estrada de terra que terminava em uma rodovia, estava os restos do
295 automóvel de Ricardo Meisinger, cada dia mais carcomido pelas
ferrugens. Abaixo de um dos assentos estava a resposta, a solução
para todos os problemas que durante anos fustigaram o detetive
Alberto Cooper. Se há mais de vinte anos fosse encontrado o carro,
encontraria-se também uma certa contento a primeira via dos
300 documentos de Cleison Boyle.

As pessoas se aglomeravam abaixo de marquises e alpendres,

sobre carrocerias de caminhonetes e também no parapeito de cada andar dos edifícios. Qualquer frincha, por menor que fosse, era acirradamente disputada. Havia pessoas até mesmo sobre as pérgulas do jardim central da praça, bem em frente o palco onde aconteceria o show mais esperado dos últimos meses; o show de retorno e também de lançamento do novo disco de Jasom Mirojinick. Após a morte de Manuelle e dos comentários sobre o envolvimento entre os dois, a fama de Jasom sobrepujou os padrões das revistas e dos jornais e o que havia de implícito nas letras das músicas e na melancolia visível no rosto do cantor se tornou cediço. Jasom passou a ser não mais apenas mais um cantor, se tornara uma lenda viva da música, e tão real que ninguém se espantaria se surgisse algum cineasta ambicioso querendo filmar a biografia do cantor mais aclamado do país. O mais espantoso era que Jasom estava gostando de tudo o que estava acontecendo, mesmo considerando a pressão emocional de tudo o que tinha acontecido. Passou a entender que depois de Manuelle a fama fora sua segunda amada, e tão sequaz que não mais recusaria qualquer show, por menos lucrativo que fosse e na mais pequena cidade em que se realizaria. Houve uma certa revista que após um show em uma cidade pequena epitetou-o como *o cantor altruísta*, e após ler a notícia, Jasom se perguntou sobre o que publicariam se ele se prontificasse para o show de comemoração aos 227 anos da cidade, *daquela* cidade.

E lá estava ele, em frente o espelho do camarim *desajeitando* seus cabelos e aplicando creme sobre a tez ainda umedecida pelo banho. Enrolado pela toalha, ele já ouvia o encômio de um público aficionado espremendo-se nos cantos da praça. Olhou para a parede de acrílico onde uma pêndula velha e dourada, pertencente ao baterista da banda, anunciava que faltavam poucos minutos para subir ao palco. Antes de vestir as roupas, uma calça jeans com furos nos joelhos e uma camiseta preta onde estava estampada uma fotografia de Stive Tyler berrando no microfone pressionado pelos dedos angulosos, ele tirou o encarte de um dos discos do Aerosmith e o abriu. Em meio as letras das músicas havia uma foto sua ao lado de Manuelle esmaecida pelo tempo. Forçando o olhar, ele fitou o sorriso brancamente ingênuo dela.

—Isso é pra você.— balbuciou ele, a voz impregnada de saudade— Tudo pra você.

Uma lágrima então escorreu pela face e molhou os lábios que

345 formavam um sorriso. Pouco depois, enquanto andava na direção de sua conhecida cadeira, bem à frente do palco azulado pelos refletores, Jasom lembrou do dia em que ele abriu o vetusto portão de madeira da casa de Manuelle; no vão da porta, ela o esperava com um sorriso curto; naquele dia, enquanto andava em sua direção, Jasom percebeu a admiração nos olhos de Manuelle e o amor que ela sentia por ele. A convicção de que ela sempre o amara entrava em conflito com o fato discordante de ela o ter abandonado. Quando, nas mais antigas 350 recordações, Jasom voltou ao cinema em que beijou Manuelle pela primeira vez, ele lembrou do sussurro no ouvido que ela acabou não entendendo muito bem e suspirou— *eu acho que vou amar você para sempre*, ciciou ele naquela tarde. Naquele instante, diante às milhares de pessoas, ele sentiu uma louca vontade de voltar à sala de cinema onde assistiram o primeiro filme juntos; mas aquele não era o momento propício e ele não tinha esse poder. Seus olhos se fecharam e seus lábios se abriram para a sua primeira música.

360 Poucos minutos atrás, abaixo da marquise de um edifício antigo, as pessoas se empurravam tentando esquivar-se das gotas de água que caíam de um ar-condicionado incorporado na parede do segundo andar do prédio. Mas inevitavelmente alguém sairia com a cabeça molhada.

365 —Droga! Às vezes não entendo as pessoas. Parecem animais! — praguejou uma prostituta de cabelos tingidos de vermelhos e que usava, além de um top diminuto que salientava os seios de silicone, uma minissaia preta que comprimia seu quadril.

370 —Não parecemos, somos animais.— argumentou uma outra, que vestia o mesmo tipo de roupa, apenas as cores eram invertidas, talvez para que a minissaia vermelha combinasse mais com a bota preta e luzidia.— Animais tão ignorantes que deixei de ganhar uma boa grana *pra tá* aqui, perdendo meu tempo para ver o show de alguém que nunca irei conhecer, que nem mesmo acho bonito.— concluiu ela, com o bom humor propalado num sorriso.

375 Ao ouvir, a outra mitigou a raiva de ser empurrada e de ser tocada por uma mão indiscreta por baixo da minissaia e acendeu um cigarro de canela. Deu uma tragada e estudou o rosto da outra, mas sua percepção fraca não percebeu que ocultado naquele rosto fortemente maquilhado e nos olhos azuis circundados pelo rímel, 380 havia, além da simples malícia adquirida pela arte de viver nas ruas e

na prostituição, uma maldade latente, algo de inexorável e impassível.

E a prostituta ingênua segurou o cigarro entre os lábios e entregou a mão.

—Cláudia.— disse ela, porém a outra simplesmente franziu a testa de forma inquisitiva.— Eu me chamo Cláudia.— explicou, com um meio sorriso— E você?

Antes de responder, a outra fitou os olhos de Cláudia, capturando cada fragmento de verdade e falsidade e finalmente sorriu.

—Bruna.— disse ela, discernindo a ingênua sinceridade em Cláudia— Bruna Lewis.

As mãos delas se separaram quando fogos de artifício explodiram numa perfeita engenhosidade de pirotecnia que deu início ao show. Enquanto a fumaça se dissipava nos ares, todos avistavam a imagem de Jasom aparecendo aos poucos atrás de sua tradicional cadeira.

Onze músicas depois, ele levantou-se da cadeira, fechou os olhos e abriu a boca na primeira estrofe de sua mais recente música, revigorada pelo som vibrante emitido pelos instrumentos de uma jovem banda de rock:

—*"Os olhos me fazem ver coisas que nem quero,*— iniciou ele, em tom de fala enquanto um melódico solo de guitarra repercutia junto com sua voz nos cantos da praça.

fazem meu coração sentir coisas que nem deveria sentir."

"O que está dizendo, filho? Olha para o horizonte e vê que mundo bonito."

"De que adianta ser bonito, pai, se tudo é falso?"

"Me dá sua mão, filho, não pula."

Enquanto o corpo caía do último andar, o pecado reincidia maculando as ruas de sangue e de beleza; a culpa da queda estava sendo perfurada pelos punhais da angústia num outro motel.

Enquanto o vento da queda deslizava as lágrimas para dentro do ouvido, o mesmo vento sacudia o barraco da aflição, esperando a noite e o vento terminar e sossegar o branco alambel.

A esperança, enfim, tinha terminado.

Um mundo de pecados moldam as pessoas e elas não querem mudar esse mundo.

Chego a acreditar que gostamos do sofrimento, mas será que

120 *aprendemos com ele?*

Vemos sangue e sofrimento todos os dias mesclado no despeito, e vemos o amor e o ódio lutando por um coração imbele.

É, estamos mesmo cegos, errados e imundos.

Se cantar me faz chorar, pra quê cantar?

125 *Cantar me faz sofrer, pra quê sofrer?*

No fim, as aves adejarão sobre um mar de pecados, mas não encontrarão pouso.

Quase tudo estará inundado e as poucas insulas estarão podres.

130 *Preservativos boiarão nas águas vermelhas, junto com drogas e armas molhadas de sangue.*

Os últimos homens não serão guerreiros e se confundirão com abutres, lutando por um pedaço de carne.

Se cantar me faz chorar, pra quê cantar?

135 *Cantar me faz sofrer, pra quê sofrer?*

Pela primeira vez, ao terminar uma música, Jasom não ouviu assovios e aplausos, apenas o silêncio que se prolongava numa multidão de olhos assombrados e incompreensivos. Não se ouvia nem ao menos o respirar e o telão reproduziu, numa inteligente chroma-key, uma foto do rosto de Manuelle aparecendo aos poucos atrás de Jasom enquanto uma fumaça densa se desvanecia nos ares. Pela primeira vez, todos viram a nostalgia refletir negra e verdadeiramente nos olhos de um cantor, e então, aos poucos as palmas se iniciaram para terminar minutos depois numa trovoada laudatória que se estendia pela praça da cidade, onde nos cantos o pecado se escondia.

145 *Naquela noite todos decifraram a tácita referência que havia na letra da música e souberam que o amor de Jasom era tão incomensurável que o fazia pensar em deixar de lado a própria vida.*

150

155

460

10 de setembro de 2005. Um ano após a morte de Manuelle.

465

470

475

480

Antes de caírem no chão, as folhas, sopradas pelos últimos ventos do inverno, ajejavam no ar, como se aproveitassem a liberdade concebida pelo vento. Elas não estavam realmente mortas; nada ali era mais lúgubre do que os túmulos muito próximos uns dos outros; cada um como um tablado de tristezas e de lembranças. Júlia entregou o guarda-chuva fechado a Reginaldo, e quando ajoelhou-se ao lado do túmulo, ouviu o barulho da chuva se aproximando sobre telhados de zinco e de lona dos barracos do denso bairro adjacente ao cemitério, um ruído elegíaco que imitava um choro cansado de quem não aguenta mais a tristeza. Se não fosse a música barulhenta que vinha de alguma casa próxima ao muro do cemitério, *àbsona* à hipocondria que Júlia e Reginaldo sentiam, seria o fundo musical perfeito para um filme de tristeza onde a nostalgia seria a atriz principal. Reginaldo abriu e o guarda-chuva grande ensombrou todo o túmulo de Manuelle, como se também quisesse proteger sua irmã da chuva forte que se aproximava no início da noite. O pai-nosso soluçado em frente a lápide e duas velas acesas embaixo de um galão inclinado, que foi encontrado entre os túmulos, foi o presente que Manuelle ganhou de sua mãe no dia de seu aniversário.

485

490

—Vamos, mãe, a chuva tá se alastrando.— reginaldo mordida os lábios e olhava para o lado, tentando manter as lágrimas fora de cena.

Júlia coseu o latão ao lado da lápide para que não caísse e levantou após persignar-se três vezes olhando para uma fotografia fosca de sua filha na chapa de concreto sobre seu túmulo. A estrela ao lado da data de nascimento fez ela lembrar-se do cândido sorriso de sua filha quando era apenas um bebê onde nos olhos ingênuos não daria-se para julgar seu destino, e a cruz ao lado da data, que anunciava a morte de sua filha, fez ela recordar-se das pétalas de rosa jogadas sobre o fêretro que descia sendo molhado pela chuva.

495

—Vamos.— disse ela, a voz flébil, abraçando seu filho.

Júlia saiu do cemitério na cristã certeza de que nunca veria sua filha novamente e Reginaldo na convicção de que o coração que batia em seu peito, pertencente a uma outra pessoa, esforçava-se em seus últimos batimentos.

Qual seria o fim de sua mãe, sua dependente? Quem cuidaria dela quando ele morresse?

Na sepultura, em frente a lápide manchada por musgos, ficou apenas a vela, que segundos depois foi apagada pela brisa.